

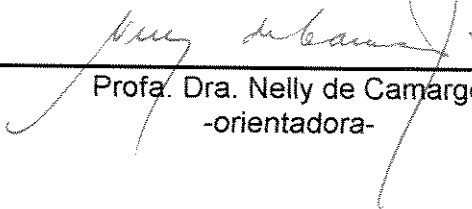
200206284

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Artes

Violência nos Telejornais: a Realidade Espetacularizada

Adriana Cardoso Nogueira

Este exemplar é a redação final da
dissertação defendida pela Sra. Adriana
Cardoso Nogueira e aprovada pela
Comissão Julgadora em 26/05/2000



Profa. Dra. Nelly de Camargo
-orientadora-

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Campinas, 2000

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Artes
Mestrado em Multimeios

Violência nos Telejornais: a Realidade Espetacularizada

Adriana Cardoso Nogueira

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Multimeios do Instituto de
Artes da UNICAMP como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre em
Multimeios sob a orientação da Profa. Dra.
Nelly de Camargo

Campinas, 2000

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	
I/UNICAMP	
N 689v	
V.	Ex
TOM. / BC	47491
PRON.	837102
C	D ☒
PREC.	R\$ 11,00
DATA	05-02-02
N.º CPD	

CM00163514-B

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

N689v

Nogueira, Adriana Cardoso

Violência nos telejornais : a realidade espetacularizada /
Adriana Cardoso Nogueira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2000.

Orientador : Nelly de Camargo.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Artes.

1. Telejornalismo. 2. Violência. 3. Televisão.
4. Sensacionalismo nos jornais. 5. Análise de conteúdo
(Comunicação). 6. Análise morfológica. I. Camargo,
Nelly de. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Artes. III. Título.

Ao meu PAI,

Custódio Nogueira

Seria preciso um poder etéreo de encantar as palavras... Não o possuo. Mesmo se eu insistisse em tentar, elas não teriam como ser materializadas. Mas não é necessário. Sabemos que as palavras encantadas vivem das formas mais incabíveis dentro de nós. E todas elas cabem na nossa imaterialidade... Sentimos... Este é o verdadeiro encanto. Em uma palavra, porque ela é encantada: VOCÊ.

Agradecimentos

À minha mãe, Ruth Cardoso Nogueira. Novamente as palavras... Duas delas iniciam estes agradecimentos: MINHA MÃE. Quantas palavras, dentro do processo criativo, do processo do sentir, do processo da vivência e da con-vivência eu já selecionei, entre tantas, desde os primeiros tempos nos quais as letras começaram a fazer algum sentido para mim? Lembra-se? Dos tantos dizeres elaborados especialmente para o Dia das Mães, Aniversários, para os Simples e Felizes Dias do Cotidiano? Para os dias que só tinham realmente significado porque, no cotidiano, você estava presente? OBRIGADA. OBRIGADA por continuar presente. Por dar sentido... Aos dias...

À Profa. Dra. Nelly de Camargo (IA - Unicamp), pelo encaminhamento a bom termo do relatório para o Exame Geral de Qualificação e pelo apoio durante este programa de pós-graduação.

Ao Prof. Dr. Antônio Fernando da Conceição Passos (IA- Unicamp) - que soube transmitir, em suas aulas, a paixão pelo audiovisual, área que acabei abraçando academicamente na UFSCar -, por acreditar no valor da pesquisa e orientar as etapas finais de sua conclusão.

À Profa. Dra. Elza Dias Pacheco (ECA-USP), pelas valiosas contribuições efetuadas durante o Exame de Qualificação, as quais propiciaram ainda maior estímulo para uma finalização mais criteriosa deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Antonio Carlos de Jesus (FCAA-Unesp) - que desde a época de graduação já me incentivava tanto a aperfeiçoar-me no campo profissional do jornalismo como a seguir os rumos da pós-graduação -, pela amizade e entusiasmo imprescindíveis e pelas importantes sugestões no momento certo, o momento da Qualificação.

Ao Prof. Dr. José Mário Ortiz Ramos (IFCH-Unicamp), pela gentileza em ter aceitado participar como suplente da Banca de Qualificação.

À Capes, pelo apoio financeiro durante os dois primeiros anos do Mestrado.

Aos funcionários do Instituto de Artes, em especial, Inês, Élcio, Paulo, Suzeleim (Departamento de Multimeios), Magali e Jayme (CPG), pela atenção, carinho e presteza nos atendimentos.

À Cidinha, Maria Inês, Solange, Vera e a todos os que não trabalham mais no IA ou na Unicamp, mas deixaram muito de si.

Aos docentes do Instituto de Artes, em especial, os do Departamento de Multimeios. Ao coordenador da CPG-Multimeios, Prof. Dr. Fernão Ramos e a todos os membros de seu Conselho.

Ao meu marido, Luís Antônio Martins - com o qual nosso caminhar pela pós-graduação foi enriquecido pelo carinho, atenção, dedicação, troca e compreensão -, pela convivência gratificante palpada no respeito, companheirismo e amor.

À minha irmã, Luciana Cardoso Nogueira, por todo o apoio - material e imaterial -, preocupação e amizade sincera.

Aos meus irmãos, Hamilton e Valéria. Aos meus sobrinhos, Rafael, Eduardo, João Paulo e Laura. À minha cunhada, Cristina, e ao meu cunhado, Juca. À minha sogra, Lurdes, ao meu sogro, Antônio, aos meus cunhados, Nalu e Fábio. Ao pequeno Murilo. Aos tios e primos.

A todos os que tiveram de partir.

À minha amiga de tantos anos - desde os sempre nostálgicos momentos compartilhados no Jardim da Infância -, Márcia Regina Giacóia. Obrigada! Seriam muitas as palavras, não pelo tempo...



À minha amiga de outros tantos anos - desde a época do “Jardim da Adolescência” -, Sandra de Souza Schiller, com a qual, entre as muitas outras importâncias, compartilhei a difícil preparação para enfrentar o Vestibular.



Ao meu amigo dos tempos universitários - desde a etapa do “Jardim da Graduação” -, Sérgio Pais de Oliveira. Juntos, mergulhamos na apaixonante área de jornalismo, enfrentamos desafios juntos... E continuamos...



Aos meus amigos de anos mais recentes - desde a fase do “Jardim dos Multimeios” -, Valéria Sperdutti Lima e Mauro Polacow Bisson.



Ao meu amigo, Roberto Roldan, que passou pelo “Jardim dos Multimeios” e foi parar nas “Praias de Santa Catarina”: na Ilha de Edição não tinha areia e nem mar, mas foi pensando em criação que foi possível sair da costa e navegar.



À minha amiga que há tantos anos não vejo, Miriam Cristina Becker: saudade.



Aos meus amigos “sumidos”, Nestor Filho, Yutaka Taniguchi, José Roberto Toledo, Antônio André Donato, José Pedro Filho, Márcia Valéria Biagio, Edirlei: apareçam! À Andréa Molfetta, Cláudia Pellegrino, Karina Neptune, Sílvio Bello Flora, Luíza Paraguai, Lígia, Fátima, Sandra, Aline, Nádia (do Sérgio)/Carol. Aos tantos outros...



Aos amigos, colegas, professores, alunos e funcionários
do Departamento de Artes da UFSCar.

*Às pessoas que encontrei nos “Jardins” e
plantaram rosas brancas, cuidaram delas,
colheram os buquês e enfeitaram os
caminhos, as passagens, as paragens.*

Resumo

O presente estudo procura demonstrar as estratégias de espetacularização das linguagens “documentais” veiculadas por telejornais nacionais dos canais de TV abertos, a saber: *Cidade Alerta* (Record) e *Aqui Agora* (SBT). Imagens da violência, enquanto fenômeno ambivalente, inerente à condição e ação humanas, dificilmente conseguem ser captadas no momento exato de seu acontecimento. Na busca de audiência, os estratagemas utilizados pelas redes de televisão são a mistura de temáticas concernentes à violência e ao seu contexto a outras ligadas a acidentes, ao sensacionalismo com e sem conteúdo violento, às que remetem a assistencialismo através de coberturas filantrópicas e de defesa dos direitos do cidadão. A estandarização dos formatos dos programas indica um tratamento superficial também padronizado das notícias, imprimindo, assim, a marca da banalização a um dos fenômenos mais instigantes da humanidade. Pelo menos é o que demonstram os resultados alcançados a partir da adequação, desenvolvimento e aplicação de metodologia para estudo de telejornalismo sensacionalista. Em linhas gerais, as análises morfológica e de conteúdo realizadas indicam que a espetacularização da “realidade” não pode ser enfocada de forma isolada, pois as estratégias utilizadas pelos meios de comunicação baseiam-se na fragilização das instâncias de percepção dos espectadores. Entre essas estratégias encontram-se as imagens da violência - quando existentes - e os discursos vazios. A baixa taxa de informação é característica destes - e de outros - telejornais.

Abstract

The present study tries to show the specular strategies from “documentary” languages broadcast by national TV news in the following open channels: *Cidade Alerta* (Record) and *Aqui Agora* (SBT). Violence images, while being an ambivalent phenomenon, inherent to the human condition and human action, hardly can be captured at the exact moment that is happening. In the search for more audience, the strategies used by the TV network are a mixture of themes regarding violence and its context and others connected to accidents, to sensationalism with and without violent content, to those that deliver assistance through philanthropic and the citizen right defense covering. The standard of program forms indicates a superficial treatment also standardized by the news, impressing, that way, the banal mark to one of the most instigating human phenomenon. At least that is what shows the results overtaken through adjustment, development and methodology application to the study of sensationalist journalism. In general, the morphologic and the content analysis realized indicated that “reality” speculation can not be focused in an isolated form, because the strategies used by the communication media are based on the fragility of the spectators instance perception. These strategies can be found in the violence images - when existing - and in the empty speeches. The low rate of information is a characteristic of these - and others - TV news.

Índice

VOLUME I

. Introdução	20
. Referencial Teórico	27
1. Sobre Definições de Violência	28
1.1. Diferenças Básicas entre Violência e Agressão	44
1.2. Violência como Ação ou Situação	51
1.3. Possíveis Modalidades	55
2. Violência na TV: o Estado da Arte	63
2.1. Violência na TV e Comportamento Agressivo	88
2.2. Efeito Catártico	95
2.3. Outras Pesquisas	98
3. TV: a Realidade Espetacularizada	105
3.1. A Dramatização dos Fatos	125
3.2. O Sensacionalismo e a Banalização	130
3.3. O Problema, Objeto da Pesquisa: o Espetáculo Telejornalístico	141

. Metodologia	150
4. Coleta e Análise do Material Amostral	175
4.1. Grade I de Codificação: a Estrutura dos Telejornais	176
4.2. Grade II de Codificação: o Elemento Humano	204
4.3. Grade III de Codificação: as Imagens	233
. Tratamento dos Dados	237
5. Análise Morfológica e Análise de Conteúdo	240
. Conclusão	327
. Bibliografia	342

VOLUME II

Anexos

I. Transcrição Integral do Aqui Agora/1º Dia	353
II. Transcrição Integral do Cidade Alerta/1º Dia	374
III. Roteiro do Vídeo que Integra a Pesquisa	455
IV. Global Media Monitoring Project	464

APÊNDICE

- Vídeo que Integra a Pesquisa	8min18s
--------------------------------	---------

Grades

A Estrutura dos Telejornais

Grade I de Codificação: Aqui Agora - 28/07	177
Grade I de Codificação: Aqui Agora - 29/07	181
Grade I de Codificação: Cidade Alerta - 28/07	185
Grade I de Codificação: Cidade Alerta - 29/07	194

O Elemento Humano

Grade II de Codificação: Aqui Agora - 28/07	205
Grade II de Codificação: Aqui Agora - 29/07	208
Grade II de Codificação: Cidade Alerta - 28/07	213
Grade II de Codificação: Cidade Alerta - 29/07	223

As Imagens

Grade III de Codificação: Aqui Agora - 28/07	234
Grade III de Codificação: Aqui Agora - 29/07	234
Grade III de Codificação: Cidade Alerta - 28/07	235/236
Grade III de Codificação: Cidade Alerta - 29/07	236

Gráficos

Audiência

I: Aqui Agora e Cidade Alerta - 28/07	243
---	-----

Blocos, Notícias e Intervalos

1, 2, 3, 1A, 2A, 3A: Aqui Agora e Cidade Alerta - 28 e 29/07	240
---	-----

Chamadas, Logotipos e Promoções

4, 5, 6, 4A, 5A, 6A: Aqui Agora e Cidade Alerta - 28 e 29/07	247
---	-----

Referência Geográfica

7, 8, 7A, 8A: Aqui Agora e Cidade Alerta - 28 e 29/07	257
--	-----

Caracterização Temática das Notícias

9, 10, 9A, 10A: Aqui Agora e Cidade Alerta - 28 e 29/07	260
--	-----

Distribuição dos Repórteres por Atuação

11, 11.1: Aqui Agora - 28/07	265
---------------------------------------	-----

11A, 11A.1: Aqui Agora - 29/07	266
---	-----

12, 12.1: Cidade Alerta - 28/07	271
--	-----

12A, 12A.1: Cidade Alerta - 29/07	272
--	-----

Entrevistados, Envolvidos e Envolvidos (N) - Quantificação

13, 13A:

Aqui Agora e Cidade Alerta - 28 e 29/07 281

Idade; Raça;

Vítimas, Acusados, Testemunhas e Suspeitos

14, 14A:

Aqui Agora - 28 e 29/07 - Entrevistados 285

15, 15A:

Cidade Alerta - 28 e 29/07 - Entrevistados 289

16, 17, 16A, 17A:

Aqui Agora e Cidade Alerta - 28 e 29/07 - Entrevistadas 294

18, 18A:

Aqui Agora - 28 e 29/07 - Envolvidos 300

19, 19A:

Cidade Alerta - 28 e 29/07 - Envolvidos 304

20, 21, 20A, 21A:

Aqui Agora e Cidade Alerta - 28 e 29/07 - Envolvidas 310

Tabelas

Ocupação

1, 1A:	
Aqui Agora - 28 e 29/07 - Entrevistados	286-287
2, 2A:	
Cidade Alerta - 28 e 29/07 - Entrevistados	290/292
3, 4, 4A:	
Aqui Agora e Cidade Alerta - 28 e 29/07 - Entrevistadas	295/297/299
5, 5A:	
Aqui Agora - 28 e 29/07 - Envolvidos	301/303
6, 6A:	
Cidade Alerta - 28 e 29/07 - Envolvidos	306/308
7, 8:	
Aqui Agora e Cidade Alerta - 28 e 29/07 - Envolvidas	312/313

Imagens

Apresentadores

1, 2:	
Ney Gonçalves Dias (SBT) e João Leite Neto (Record)	249

Logotipos

3, 4, 5:	
Aqui Agora, Cidade Alerta e Record	250/251

Animador / Promoções

6:	
"Feliz" (Cidade Alerta)	251

Acidentes I

7:	
Acidente mata 12 que estavam na Van - Cidade Alerta - 29/07	255

8:	
Imagens do trágico acidente no trânsito são usadas como fundo aos créditos - Cidade Alerta - 29/07	256

9:	
Créditos finais têm o dobro do tempo por causa das imagens dos 12 mortos - Cidade Alerta - 29/07	257

Violência sem Ameaça

10:	
Dono do carro furtado ao lado do veículo - Aqui Agora - 28/07	261

11:	
Preso homem acusado de furtar cargas - Cidade Alerta - 28/07	261

Informativa

12:

Telejornal usa quadro explicativo com propostas do
Governo para corporação policial - Aqui Agora - 29/07 262

Contexto de Violência

13:

Preso terá seu filho em breve em condições precárias -
Cidade Alerta - 28/07 263

Acidentes II

14:

Jovem ferido em acidente recebe pronto-atendimento -
Cidade Alerta - 28/07 264

Violência sem Referência I

15:

Em baile funk, menores são usados para
fazer "show" erótico - Cidade Alerta - 29/07 264

Repórter I

16:

Edie Polo: maior tempo de exposição nas duas edições -
Aqui Agora - 28/07 267

Educativa

17:

Conteúdo educativo procura prevenir sobre
perigo do cerol - Aqui Agora - 28/07 267

Repórter II

18:

Um bloco inteiro para Gil Gomes:
estilo inconfundível - Aqui Agora - 28/07 268

Violência sem Referência II

19:

Crianças desaparecidas em Rio Claro:
assunto para Gil Gomes - Aqui Agora - 28/07 268

Repórter III

20:

Silvana Silva foi a jornalista que teve a maior
participação em ambas as edições - Cidade Alerta - 28/07 273

Filantropia e Prestação de Serviços

21:

Menino pobre e deficiente: alvo de
campanha filantrópica - Cidade Alerta - 28/07 274

22:

Mesma estratégia é usada para crianças doentes
sem recursos financeiros - Cidade Alerta - 29/07 274

Violência com Ameaça I

23:

Violência familiar: maus-tratos contra o filho -
Cidade Alerta - 28/07 275

Repórter IV

24:

Russomano se aproveita da condição de deputado e
jornalista para continuar "defendendo os consumidores"
na TV: de olho em cargos políticos - Cidade Alerta - 29/07 277

Prestação de Serviços

25:

População aproveita penetração da TV para divulgar
campanha de procura a assassino - Cidade Alerta - 28/07 278

Outras

26:

Miséria brasileira: menino no meio de lixo -
Cidade Alerta - 29/07 279

Sensacionalismo

27:

Vários carneiros mortos: "Chupa-Cabras"
é o suspeito - Cidade Alerta - 28/07 280

28:

Imagem tirada do cinema: suposto "Chupa-Cabras"
seria extra-terrestre - Cidade Alerta - 28/07 280

Violência com Ameaça

29:

Policial fortemente armado em tiroteio -
Aqui Agora - 29/07 322

30:

Grevistas da PM: violência na corporação -
Aqui Agora - 29/07 322

31:

Policiais durante ação de prisão à
organização criminosa - Cidade Alerta - 29/07 323

32:

Armas apreendidas eram vendidas e usadas
em segurança ilegal - Cidade Alerta - 29/07 323

33:

Corpo de taxista logo após ser assassinado -
Aqui Agora - 28/07 324

34:

Homicídios contra comerciantes:
máfia chinesa? - Cidade Alerta - 28/07 324

35:	
Tráfico de drogas faz mais vítimas -	
Cidade Alerta - 28/07	325
36:	
Caixão com corpo de comerciante assassinado é	
carregado por moradores - Cidade Alerta - 28/07	325
37:	
Criança foi acorrentada porque, segundo a mãe,	
praticava pequenos furtos - Cidade Alerta - 28/07	326
38:	
Ao contrário do dia anterior, menino aparece	
com tarja eletrônica - Cidade Alerta - 29/07	326

Tragédia Brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade.

Conheceu Maria Elvira na Lapa - prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranhou logo um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bonsucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...

Por fim na rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Manuel Bandeira, 1933

Introdução



Provavelmente, se a violência não exercesse fascínio sobre as pessoas, os meios de comunicação já a teriam reinventado em múltiplas formas para que ela se tornasse um produto atraente ou teriam procurado outras das condições que são inerentes ao ser humano para que pudessem ser consumidas exaustivamente, satisfazendo um público aparentemente ansioso por conhecer a sua própria natureza. Mas, o fato é que a violência carrega em si o potencial de ser o foco das atenções. Personagem principal de narrativas ficcionais e documentais, ela contracenava com seus atores coadjuvantes, em permanente conflito, combate, imersos na parte sombria que os atormenta, individual ou socialmente.

Fenômeno complexo, instigante e ambíguo, a violência faz parte, enfim, das histórias humanas. Ela admite várias abordagens, perpassa um campo multiteórico, é passível de sofrer generalizações. Pela amplitude de seu alcance, torna-se fundamental buscar sua significação. Este é o ponto de partida do presente trabalho, que tem por objeto primeiro a violência mediatizada pela televisão.

Assim, a partir da restrição do emprego do termo violência, é possível adequá-lo aos objetivos gerais desta pesquisa: criar metodologias para o estudo de telejornalismo sensacionalista.

O percurso é longo e o desafio, tríplice. O referencial teórico que norteia o primeiro capítulo - "Sobre Definições de Violência" -, se não é capaz de esgotar o problema, ao menos procura dimensionar o fenômeno de acordo com a proposta ora apresentada. Para tanto, o caráter ambivalente da violência vem à tona como um dos pressupostos que a distancia de ser um objeto tátil, facilmente identificável, passível de sofrer um recorte universal. O contraponto entre violência e agressão torna-se pertinente na medida em que a gama de abordagens multiteóricas no âmbito da antropologia desfaz possíveis confusões conceituais em torno de fenômenos afins. Finalmente, o enfoque de atos e estados de violência reabre a discussão acerca da complexidade do objeto, cuja preocupação por parte de pesquisadores também pode ser verificada através da aplicação de terminologias

plurais que, por vezes, pululam nas páginas destinadas às suas modalidades mais recorrentes.

Vencido o primeiro desafio, mesmo que de forma modesta e adequada ao seu possível no âmbito concernente a este trabalho, o segundo envolve o percurso teórico acerca da mediatização da violência pelo veículo absoluto de imagens da atualidade: a televisão. Tal mediatização - que perpassa o conceito de espetáculo - é o fio condutor do referido arcabouço, que pode ser dividido em duas partes principais: a revisão de literatura sobre a violência na TV (Capítulo 2); e a espetacularização da realidade através deste veículo (Capítulo 3).

“Violência na TV: o Estado da Arte” visa traçar um panorama geral do desenvolvimento científico em torno dos resultados alcançados a partir de estudos dos efeitos de conteúdos considerados violentos em espectadores de TV. O volume de produção é imenso, principalmente nos Estados Unidos, onde há número expressivo de pesquisadores financiados por instituições de fomento científico. A maior parte das pesquisas focaliza as relações entre as experiências de recepção de conteúdos violentos e as manifestações de comportamentos agressivos. Mas, não são inexpressivos os resultados que demonstram haver uma correlação entre esses mesmos tipos de conteúdos com os efeitos catárticos, ou seja, aqueles que gerariam um certo modo de expressão dos sentimentos em seus receptores que, mais equilibrados, não apresentariam posteriormente atitudes revestidas de agressividade. Esses estudos demonstram ser contraditórios, porém, nem por esse motivo torna-se irrelevante percorrer seus embates, suas metodologias decorrentes, sua amplitude que denota a impossibilidade de haver um recorte universal e absoluto, mas, a qual indica a relevância que o assunto toma no meio acadêmico e científico.

Em “TV: a Realidade Espetacularizada”, percorre-se a dicotomia que cerca a designação do real, dicotomia esta em plena fase de desaparecimento, quando mediatizada pelos meios de comunicação em geral, em especial, pela televisão. A oposição entre realidade (informação) e imaginário (ficção) serve de parâmetro

para esclarecer os mecanismos e os pressupostos que regem estes elementos, entretanto, quando analisados à luz da mediatização eletrônica da atual fase da TV, observa-se que não há mais a possibilidade de discorrer sobre linguagens “documentais” sem recorrer às aspas. Assim, o Capítulo 3 serve de arcabouço-matriz para o enfoque adequado da importância que tomou o contraponto entre a verdade do enunciado e a verdade da enunciação, ou seja, entre a veiculação de fatos e a construção de fatos. A TV-espetáculo é, assim, delimitada, transformada em criadora de realidades através das ações de seus produtores, ávidos por manter uma audiência tão ampla quanto possível e no maior espaço de tempo, vendendo bens e serviços independentemente das complexas questões éticas, no mais das vezes, situadas à margem de qualquer relevância.

Para chegar ao problema, objeto da pesquisa - o espetáculo telejornalístico -, é necessário ainda realizar um percurso que prioriza o enfoque da dramatização dos fatos, do sensacionalismo e da banalização. Inúmeros são os conceitos que acompanham a tentativa de localizar as estratégias de espetacularização da realidade implementadas pela televisão. Os *faits divers*, que constituem uma maneira de contar um acontecimento, estão estritamente ligados ao sensacionalismo, bem como à tragédia que, por sua vez, se aproxima da violência, fenômeno que vem sendo estetizado - e banalizado - pela televisão.

Verifica-se que relacionar o fenômeno da espetacularização aos telejornais de cunho policial pode ser mais recorrente e imediato, mas, nem por isso, carrega em si algum grau de facilidade. Embora esses programas explorem demasiadamente a veiculação de assuntos situados no âmbito da violência, isso não significa que todo e qualquer formato com tal linha editorial possa receber a rotulação de sensacionalista. No caso deste trabalho, o fundamental não é recorrer às pressas a certas expressões que mais se adequem aos objetos de estudo, mas, sim, entender as circunstâncias em que o fenômeno da espetacularização da realidade ocorre, bem como investigar quais são os mecanismos que interagem no processo de

emissão de conteúdos violentos, sejam eles revestidos de tratamento sensacionalista ou não.

O contraponto entre linguagem sónica - aquela que prega o distanciamento entre sujeito e objeto, através de um filtro que minimiza o impacto de determinados conteúdos - e linguagem clichê - baseada na aproximação e na emoção, normalmente imbuída de exagero - merece atenção na medida em que dimensiona o problema da rotulação imediatista. Se parece ser usual a identificação de elementos sensacionalistas - desvelados pela linguagem clichê - em telejornais de caráter policial, o problema não pode ser reduzido tomando por base a simples substituição de um rótulo por outro: assim, não basta vasculhar uma infinidade de termos com o intuito de selecionar um que pareça conter o melhor potencial de explicar e qualificar de maneira mais pontual qualquer programa televisivo que não se pareça com o tipo de telejornalismo mencionado.

Torna-se fundamental, portanto, partir do pressuposto de que somente através de uma análise criteriosa de uma gama de elementos é possível - com alguma responsabilidade - identificar o que carrega a denotação de sensacionalismo. Para tanto, as delimitações no âmbito da significação implicam referência obrigatória. Neste trabalho, procura-se abordar as representações conceituais que incidem sobre o fenômeno da violência e da espetacularização da realidade, representações estas que acabam por demonstrar que as fronteiras que pareciam demarcar de certo modo determinadas questões terminológicas, na verdade, estão atenuadas, o que revela um dado caos teórico acerca de objetos tão amplos como os tratados nesta pesquisa. Aliás, trata-se de um indicativo absolutamente instigante o que acaba por situar o fenômeno da espetacularização como um fenômeno de natureza caótica.

Esse indicativo relevante, entre outros, só pode ser melhor desvelado a partir do enfrentamento do terceiro (e último?!) desafio, cujas etapas são concomitantes do ponto de vista de sua estruturação norteadora (objetivos gerais), que deve permitir inferências pertinentes em torno dos resultados

alcançados (objetivos específicos). Assim, essas metas se traduzem em adequação, desenvolvimento e aplicação de metodologia (Capítulo 4) para a realização de análises morfológica e de conteúdo de telejornalismo sensacionalista (Capítulo 5). Os dois programas tomados como exemplo para levar adiante este estudo são o *Aqui Agora* (SBT) e o *Cidade Alerta* (Record), ambos exibidos em nível nacional por emissoras comerciais abertas.

Enfim, em “Metodologia”, é possível depreender as dificuldades inerentes à sua elaboração. Não só por tratar de objetos amplos - a violência, a televisão, a espetacularização -, mas porque o instrumento (ou instrumentos) ora apresentado teve de ser lapidado partindo do conhecimento prévio de que não há ampla divulgação no meio científico de metodologias voltadas à pesquisa no campo do audiovisual. As técnicas de análise morfológica e de conteúdo ainda representam lacunas a ser preenchidas pela academia. Assim, ao invés de ficar à espera de que certos instrumentos pudessem estar disponibilizados, optou-se por implementar uma metodologia específica para os objetivos deste trabalho. O resultado são três grades de codificação, que tratam respectivamente da estrutura dos telejornais, do elemento humano e das imagens. Os instrumentos foram formulados de maneira a facilitar a sua aplicação, por isso, eles procuram ser didáticos, através de indicações de todos os passos que devem ser percorridos. Os registros efetuados são demonstrados com o intuito de favorecer melhor entendimento da metodologia, bem como de garantir maior confiabilidade aos resultados que dela derivaram.

Finalmente, em “Tratamento dos Dados: Análise Morfológica e Análise de Conteúdo”, procura-se cumprir os objetivos específicos da presente pesquisa. Os registros decorrentes da coleta e estudo de material audiovisual amostral, presentes nas grades de codificação, geraram um potencial significativo de análise, na qual se busca o levantamento de apontamentos e inferências, contudo, sem instituir uma separação rígida das instâncias a serem examinadas. Essa diluição na dicotomia investigativa anteriormente prevista justifica-se em razão de serem

pontuados com maior propriedade os estudos quantitativos e qualitativos, bem como a investigação morfológica e de conteúdo.

O esforço da interpretação, em estudos dessa natureza, tem por premissa a realização de um percurso que vai da objetividade à subjetividade. No rigor que prega a primeira vertente, encontram-se a quantificação e mensuração do maior número de dados encontrados - a partir da técnica empirista -, que foram reagrupados através de gráficos e tabelas, cujo potencial de análise dificilmente se esgota com uma leitura pontual, aquela que se aproxima da aparência. Já a subjetividade na interpretação está arraigada aos processos criativos, ao poder de associação que, embora sejam elementos inerentes à condição humana, nem sempre são passíveis de adequada intervenção.

As imagens que se distribuem ao longo das análises também carregam em si potencial de revelação, lembrando que estas são os elementos norteadores de veículos audiovisuais em geral, especialmente a televisão, meio dominante que praticamente não concorre com outros da mesma natureza. Mas, a palavra tem o seu lugar. E, assim, num balanço entre imagens da violência e discursos vazios, a problemática da espetacularização de linguagens “documentais” vai sendo delineada: o próprio fenômeno é uma forma de violência, aparentemente sutil. Se ultrapassado o campo da aparência, é possível que seja mantida viva a chama que incita a busca pelo escondido, habitante etéreo de qualquer mensagem.

Referencial Teórico



1. Sobre Definições de Violência



A violência é uma das mais relevantes questões submetidas ao espírito humano, à espera ainda de estudos mais profundos e conclusivos.
(Tarcísio M. Padilha)

Uma constante nas histórias humanas, a violência chega a exercer certo fascínio em função de seu caráter ambivalente¹. Defini-la? “É preciso estar pronto para admitir que não há discurso nem saber universal sobre a violência: cada sociedade está às voltas com a sua própria violência segundo seus próprios critérios e trata seus problemas com maior ou menor êxito.”²

Para Michel Maffesoli, é muito delicado pretender propor uma nova análise teórica sobre um objeto social de alguma importância como a violência: “Pode-se, no máximo, atualizar o que as diversas ciências do homem disseram e redisseram de várias maneiras.”³

Inventariar a questão da violência em suas múltiplas formas resulta em uma impossibilidade para um pesquisador isolado em um único estudo: o referido campo é complexo, o volume de produção, imenso, assim como o próprio tamanho do objeto. Trabalhar com *tudo* o que foi produzido sobre o assunto é inviável. Entretanto, buscar uma síntese das representações conceituais acerca da violência é uma tarefa necessária, embora a temática não se configure em eixo isolado na presente pesquisa.

Assim, deixando as pretensões de lado e considerando os limites concernentes à tarefa de pesquisadora, resta elencar as definições elaboradas pelas múltiplas disciplinas já estabelecidas, procurando relativizar conteúdos mais próximos selecionados para a condução deste trabalho.

Partindo do estudo da origem e formação das palavras de determinada língua, ou seja, da etimologia⁴, o termo vem do latim *violentia*, que significa

¹ A ambivalência em questão será tratada com mais propriedade neste mesmo capítulo a partir da página 39.

² MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo, Ática, 1989. Ele afirma, na página 12, que “Não é de se espantar se não podemos defini-la”.

³ MAFFESOLI, Michel. *Dinâmica da violência*. São Paulo, Editora Revista dos Tribunais. Edições Vértice, p. 13, 1987.

⁴ Michaud também recorreu a dicionários na língua francesa para buscar definições sobre violência:

violência, caráter bravio, força. *Violare* é um verbo cuja significação evoca violência, profanação, transgressão. Tais termos devem ser fundamentados em relação a *vis* - da mesma família de vontade, *voluntas* -, que quer dizer força, vigor, potência, violência, emprego de força física, mas também quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de uma coisa. “Mais profundamente, a palavra *vis* significa a força em ação, o recurso de um corpo para exercer sua força e, portanto, a potência, o valor, a força vital.”⁵

Outras definições sobre violência, que abordam conceitos a partir de sua natureza: “a) o fato de agir sobre alguém ou de fazê-lo agir contra a sua vontade empregando a força ou a intimidação; b) o ato através do qual se exerce a violência; c) uma disposição natural para a expressão brutal dos sentimentos; d) a força irresistível de uma coisa; e) o caráter brutal de uma ação.”⁶ Julgamentos de valor devem ser deixados de lado para que possa emergir a força não qualificada. “Tal força, virtude de uma coisa ou de um ser, é o que é, sem consideração de valor: ela se torna violência quando passa da medida ou perturba uma ordem.”⁷

A idéia de força é central, o que designa também comportamentos e ações físicas: “A violência é, antes de tudo, uma questão de agressão e maus-tratos. Portanto, ela deixa marcas, torna-se evidente.”⁸

A delimitação de violência varia em função de normas, o que explicita as tantas formas do fenômeno contrapondo-se à infinidade de regras estipuladas nas sociedades organizadas. Por isso, é fácil identificar a violência como dano físico. Já como violação de normas, quase qualquer coisa pode ser considerada uma violência: “Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou

um deles foi o *Roberts* (1964).

⁵ MICHAUD, 1989, op. cit., p. 8.

⁶ Idem, ibidem, p. 7. A abordagem da etimologia e dos termos concernentes à violência revela um aspecto primordial que é a idéia de uma força, de uma potência natural, cujo exercício contra alguma coisa ou alguém assume o caráter violento.

⁷ Idem, ibidem. Torna-se complicado analisar definições que se pretendem isentas de qualquer julgamento de valor. A própria consolidação de normas prevê a utilização de certos critérios.

⁸ Idem, ibidem, p. 8.

várias pessoas, em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas ou culturais.”⁹

O dicionário Aurélio¹⁰ aborda o conceito de violência como: “Qualidade de violento”; “ato violento”; “ato de violentar”; “constrangimento físico ou moral (jurídico)”; “uso da força”; “coação”. Michaud cita como violência o assassinato, a tortura, as agressões e vias de fato, as guerras, a opressão, a criminalidade, o terrorismo etc.¹¹ Maffesoli como carnificinas, massacres, genocídios, barulho e fúria, inseridos em uma herança comum a todo e qualquer conjunto civilizacional.¹² Propõe, inclusive, que o termo violência é uma maneira cômoda de reunir tudo o que se refere à luta, ao conflito, ao combate, ou seja, à parte sombria que sempre atormenta o corpo individual ou social.

Ato contrário à razão, à justiça, ato veemente, resultante do emprego da força para a solução de qualquer conflito humano, seja individual, seja coletivo, a violência está sempre presente, em suas mais variadas formas de manifestação.

A violência torna-se uma questão ainda mais complexa e abrangente quando considerada como inerente à condição humana.¹³ Vale sublinhar, no entanto, a importância da etologia ao estender seu campo ao comportamento humano, o que, certamente, contribuiu para um conhecimento mais sistematizado sobre as questões da violência, suscitando novas indagações: “O que é violência? É uma forma de agressão? É uma explosão de força? É algo natural?”¹⁴. “A violência se limita ao homem ou pervade todo o domínio da natureza?”¹⁵

⁹ MICHAUD, op. cit., p. 11.

¹⁰ Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/Folha de S. Paulo, 1988.

¹¹ MICHAUD, op. cit., p. 7.

¹² MAFFESOLI, op. cit., p. 13, 1987, em capítulo introdutório.

¹³ MORAIS, Regis de. *Violência e educação*. Campinas (SP), Papirus, p. 21, 1995. O autor cita, entre outros, Domenach como um pesquisador que compartilha da noção de que a violência é humana. Da mesma forma, Michaud e Maffesoli, autores já citados neste capítulo. Trata-se de uma das noções mais esclarecedoras em um primeiro contato com a temática.

¹⁴ KUPSTAS, Marcia (org.). “Por dentro do debate”. In *Violência em debate*, São Paulo, Moderna, p. 17, 1997.

¹⁵ PADILHA, Tarcisio M. *Filosofia, ideologia e realidade brasileira*. Rio de Janeiro, Companhia

Os estudos de K. Lorenz e de Eibl-Eibesfeldt¹⁶ sobre os comportamentos animais em seu meio ambiente natural estabelecem vários pontos que tratam da agressividade¹⁷. Os seres na natureza mineral, vegetal ou mesmo animal atuam obedecendo a determinadas leis. "O animal que devora o outro o faz por força de um imperativo que escapa à opção e assim sendo não se configura um ato de violência. É um ato natural."¹⁸ Por isso, os irracionais são considerados ferozes e não violentos.

Assim, a violência pode ser considerada algo natural quando é uma manifestação da natureza, como uma tempestade, uma inundação, um terremoto, um ciclone, uma erupção vulcânica, um furacão. Todas as hecatombes naturais poderiam ser incluídas na rubrica geral da violência, segundo Padilha.¹⁹ No mundo animal, as questões de disputa ou sobrevivência também são consideradas fenômenos naturais.

Ao analisar os usos do termo *violência*, percebe-se uma maneira indiscriminada em sua aplicação corrente, principalmente no que se refere aos fenômenos da natureza. É comum atribuir o caráter "violento" às manifestações naturais: as ondas do mar batem *violentamente* contra as pedras; a enchente do rio, ontem, foi mais *violenta* do que a do início do mês; meteorologistas consideram a tempestade da semana passada como a mais *violenta* dos últimos tempos etc.

Esses exemplos atestam a impropriedade de tais atribuições, em razão de as forças que atuam na natureza obedecerem a leis invariáveis. "Só dizemos que a

Editora Americana, p. 179, 1971. In Apêndice "A Violência".

¹⁶ LORENZ, K. *Das sogenannte Böse, zur Naturgeschichte der Aggression*. Borotha Schoeler, 1966. Tradução em francês: *L'agression, une histoire naturelle du mal*. Paris, Flammarion, 1969. EIBL-EIBERSFELDT, I. *Liebe und Hass*. Munique, Piper, 1972. Tradução francesa: *Guerre ou paix dans l'homme*. Paris, Stock, 1972. Apud MICHAUD, op. cit., 1989, p. 72. No sentido estrito, a etologia estuda os comportamentos animais em seu ambiente natural.

¹⁷ MICHAUD, op. cit., 1989, p. 74. A agressividade é própria do homem bem como dos outros animais. Analisando os pontos que tratam das manifestações agressivas, o autor discorda dos partidários da aprendizagem da agressão a partir do meio ambiente. O sub-item que se segue a este trata mais especificamente da agressão.

¹⁸ PADILHA, 1971, op. cit., p. 179.

¹⁹ Idem ibidem.

natureza é violenta de maneira imprópria, a partir da perspectiva humana, ou seja, dos danos que, eventualmente, podemos sofrer.”²⁰ Quando a natureza segue seu fluxo sem a intervenção do homem, o termo *violência* é utilizado apenas como força de expressão.²¹

Já a prática deliberada da violência é atributo dos seres humanos. No mais íntimo dos impulsos, está a violência como um constitutivo primordial.²² Maffesoli assinala que, num primeiro momento, a violência pode ser reconhecida como uma estrutura constante do fenômeno humano.²³ Padilha destaca que o conceito de violência ganha significado “somente à luz do humano”²⁴, pois implica intencionalidade²⁵. “Violência, traduz, portanto, um ato humano, o desdobramento de uma tomada de consciência seguida de um ato livre.”²⁶ É do ponto de vista antropológico que a violência é relacionada com os diversos aspectos da natureza humana.²⁷

Contemporânea de homens e mulheres, a violência, assim como quaisquer outros atos humanos, não é passível de estar revestida de neutralidade, pois toda ação resulta em conseqüências. O tema só pode ser aprofundado se estudado em conexão com os dados históricos-culturais que o explicam. Não é o objetivo primeiro deste trabalho. Mas há de se considerar que existe uma espécie de co-

²⁰ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. “Violência e cidadania”. In KUPSTAS, Marcia (org.). *Violência em debate*, op. cit. p. 25.

²¹ Idem, ibidem, p. 26.

²² Três importantes pensadores chamaram a atenção para o fato de a violência estar profundamente arraigada aos impulsos humanos: Nietzsche, Freud e Hobbes. Apud MORAIS, op. cit., p. 20. Hobbes é o único filósofo político em cuja obra a morte, na forma do medo à morte violenta, assume um papel crucial. Para ele, o decisivo nesta questão é a igualdade do medo, resultante da igual capacidade de todos para matar, que persuade os homens no estado de natureza a unirem-se em uma comunidade política. Apud ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, p. 51, 1994.

²³ MAFFESOLI, op. cit., p. 13.

²⁴ PADILHA, op. cit., p. 180.

²⁵ MORAIS, op. cit., p. 20.

²⁶ PADILHA, op. cit., p. 180.

²⁷ MICHAUD, op. cit., p. 70. As causas da violência também são analisadas à luz da sociologia, que toma por base dados históricos e culturais para enfocar com mais propriedade o fenômeno. Já as concepções filosóficas em torno da violência partem da natureza das coisas ou consideram a violência do ponto de vista da relação com outrem e da intersubjetividade.

responsabilidade na eclosão da violência, não sendo possível ignorar seus protagonistas.²⁸

Se os protagonistas nesse caso são os seres humanos, que se confrontam cotidianamente com esse *hiatus irrationalis*²⁹, seria incorrer em equívoco a formulação de uma assertiva na qual fossem descartados os critérios³⁰ e os pontos de vista na concepção e apreensão da violência. Comparar, por exemplo, a violência na sociedade brasileira à época de seu descobrimento, no século XVI, com a do iminente século XXI, ignorando as culturas que se foram incorporando ao País, os dados históricos, além das inúmeras normas estabelecidas - passíveis de mutação enquanto a civilização continuar a existir -, resultaria em um tipo de investigação no mínimo ingênua e de valor contestável.

Como co-responsáveis (as pessoas) nas manifestações de violência na sociedade, a questão de seu controle merece ser analisado. “Não sabemos nada de definitivo sobre as causas da violência e ao mesmo tempo tomamos medidas para controlá-la e conseguimos com relativo sucesso”.³¹ A violência, portanto, é percebida como um flagelo social. Para Maffesoli, a sociedade identifica-se como tal quando assume e controla a sua própria violência, buscando o equilíbrio.³²

A sociedade organiza-se de tal modo que tenta o tempo inteiro controlar situações das quais não conhece todos os fatores e utiliza meios que não conhece nem domina completamente.³³ A punição é um dos exemplos dessa necessidade de controle social da violência.

²⁸ PADILHA, op. cit., p. 172-3: “Quando se diz, por exemplo, que todos somos responsáveis pela violência, sem procurar definir os limites possíveis da responsabilidade proporcional, estamos concluindo que ninguém é efetivamente responsável, estamos todos absolvidos.”

²⁹ Termo utilizado por MAFFESOLI, op. cit., p. 13.

³⁰ “Há na apreensão da violência um componente subjetivo que depende dos critérios utilizados: critérios jurídicos, institucionais, valores do grupo ou do subgrupo e até mesmo disposições pessoais.” MICHAUD, op. cit., p. 14.

³¹ Idem ibidem, p. 62.

³² MAFFESOLI, op. cit. p. 123.

³³ MICHAUD, op. cit., p. 62.

Foucault, em seu clássico *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*³⁴, resgata historicamente algumas das atrocidades humanas cometidas em favor da punição. Ele inicia o livro contando a condenação de Damiens, a 2 de março de 1757, em Paris, França. A tortura³⁵, no seu significado de angústia, dor, sofrimento, suplício³⁶, tormento, era socialmente aceita na época por uma maioria, inclusive servindo como forma de espetáculo público. O homem, o réu, fora obrigado a exibir na carroça que o conduzia em frente à uma igreja, local do esquartejamento, punição última, a mesma faca com a qual cometeu o assassinato de seu próprio pai, forma simbólica de revelar sua culpa e reforçar o pedido verbal de perdão - obrigado pelas autoridades - diante dos espectadores. Os gritos estridentes acalmavam muitos dos que tinham necessidade de presenciar a justiça - tal como era vista na época - a ser feita pelos homens: Damiens teve os mamilos, braços, coxas e barrigas das pernas queimados em um ritual demasiadamente lento - estendido em consequência de inúmeras tentativas para levar a cabo a pena imputada contra ele, a qual deveria ser seguida à risca -, os nervos cortados e as juntas retalhadas, o corpo puxado e desmembrado por cavalos e, finalmente, consumido pelo fogo até resultar em cinzas.

No fim do século XVIII e começo do XIX, esse tipo de ritual descrito acima, chamado por Foucault de “melancólica festa de punição”³⁷, o poder do castigo, vai se extinguindo. O princípio da moderação das penas passa a ser articulado como um discurso do coração. “Que o castigo, se assim posso exprimir, fira mais a alma do que o corpo.”³⁸ Penetramos na época da “sobriedade punitiva”³⁹ que abrange o século XX: “A proporção entre a pena e a qualidade do delito é determinada pela

³⁴ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis (RJ), Vozes, 1987.

³⁵ Segundo o dicionário MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo, Melhoramento, 1998: tormento que se infligia a um acusado para conseguir dele certas respostas ou denúncias.

³⁶ Idem, ibidem: prece ou rogativa pública que se faziam antes da execução de um criminoso; severa punição corporal ordenada por sentença de justiça.

³⁷ FOUCAULT, op. cit., p. 14.

³⁸ A expressão é de MOGENSEN, N. W. *Aspects de la société augeronne aux XVII et XVIII siècles*, 1971. Tese datilografada, p. 326. Apud FOUCAULT, op. cit., p. 21.

³⁹ FOUCAULT, op. cit., p. 18-9.

influência que o pacto violado tem sobre a ordem social”.⁴⁰

É claro que a última citação deve ser analisada perante as regras estipuladas pelas sociedades num dado momento histórico. Se cada país, do ponto de vista jurídico, organiza leis que procuram “medir” a violação das normas para imputar determinada sentença àquele que a transgrediu, é nessa perspectiva que as diferenças históricas, culturais e sociais dilatam-se. O exemplo da pena de morte, aplicada em alguns países nos dias de hoje⁴¹, é adequado para analisar tal questão, pois é em tal pena, máxima, que se pode refletir mais atentamente sobre a problemática de que a violência gera violência. Aqui é fundamental ressaltar que os direitos humanos são a garantia mínima para viver: “Tudo que permite ao homem ser homem, não uma coisa ou um animal, ou seja, *direito à vida e à liberdade*.”⁴²

Se a vida das pessoas é retirada por obra de seus semelhantes para seguir um tipo de norma constante em leis elaboradas e aprovadas consensualmente pelos próprios seres humanos, as quais tolhem qualquer tipo de liberdade, é útil fazer algumas considerações acerca da seguinte afirmativa: “Na verdade, o mundo humano não se divide em violentos e não-violentos, mas sim divide-se entre homens que se realizam e se alegram morbidamente no violentar outros, e os que - tendo lucidez e vigilância sobre seus traços violentos - lutam todo o tempo para reduzir a violência ao seu mínimo possível na imperfeição do nosso mundo e da nossa condição.”⁴³

Morais, ao chamar a atenção para a questão da violência seccionando-a, como ele afirma, não em mundos diferentes, mas em atos humanos distintos,

⁴⁰ Idem, *ibidem*, p. 85.

⁴¹ Ressalte-se que, principalmente em países nos quais a pena de morte não é aplicada, como no Brasil, as discussões em torno do problema costumam ser polêmicas: por um lado, acredita-se que esta pena seria a única forma de diminuir significativamente a violência no País (mesmo que se considere a violência embutida nela); por outro, a questão acaba sendo incorporada a discursos políticos, os quais, ultimamente, têm se utilizado de números estatísticos sobre a violência como forma de propaganda a favor da pena de morte; finalmente, há muitas pessoas que se recusam a acreditar que esta pena possua algo de humanamente coerente, sendo totalmente contra aos discursos de sua utilidade para o bem-estar da sociedade.

⁴² ARANHA, op. cit., p. 24. Grifos servem para chamar a atenção para o problema, portanto, não são da pesquisadora ora citada.

⁴³ MORAIS, op. cit., p. 21.

aborda uma problemática passível de ser mal interpretada. Cabe frisar que o pesquisador, posteriormente, retoma sua argumentação enfocando o tema diante da educação, portanto, o objetivo aqui não é o de contestá-lo. Mas é válido ponderar se as pessoas que violentam outros realizam-se de fato e sentem uma alegria mórbida com seus atos e se aqueles que reconhecem a violência como condição humana conseguem abrir canais de ação para tentar - *incessantemente* - minimizar a violência no mundo. Nos dois casos, as generalizações são possíveis. No primeiro, a interpretação errônea pode ser aquela que fecha a questão em torno dos traços psicológicos dos homens violentos⁴⁴; no segundo, ela gira em torno do poder humano sobre o controle social da violência, dimensionado de tal maneira que indica, inclusive, uma relação temporal utópica que, por si só, atesta um mito: o do *super-homem*⁴⁵ pode ser ilustrativo, pois se trata de um herói sobre-humano. “Se examinarmos os ‘conteúdos’ ideológicos das histórias do Superman perceberemos que, de um lado, eles se sustentam e funcionam comunicativamente graças à estrutura da série narrativa; do outro, concorrem para definir a estrutura que os exprime, como uma estrutura circular, estática, veículo de uma mensagem pedagógica substancialmente imobilista”.⁴⁶

É à luz de um possível imobilismo social que a elaboração e efetiva aplicação dos critérios, normas e leis pelas autoridades⁴⁷ devem ser retomadas. Na medida em que as sociedades reconhecem-se como tal em função de um efetivo controle da violência - e a pena de morte seria um deles -, essa não seria uma forma de propaganda de que a execução das leis minimiza a problemática, isentando outros

⁴⁴ O médico italiano Cesare Lombroso (1835-1909) foi o primeiro a falar de hereditariedade do comportamento violento. Após analisar 4.222 crânios, ele definiu os traços dos violentos: inusitado tamanho das órbitas oculares, arcos superciliares proeminentes, orelhas em forma de asa, ossos pronunciados, mandíbulas grandes. Este é mais um exemplo de que, devido à complexidade do fenômeno da violência, por vezes, há tentativas de tentar fechar o campo. Hoje, a teoria de Lombroso é considerada caduca e até risível. Apud PRADO, Ricardo Chaves. “Tempo de violência”. In *Super Interessante*, Abril, 11 de novembro de 1996, p. 41.

⁴⁵ ECO, Humberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo, Perspectiva, p. 239-79, 1990.

⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 271.

⁴⁷ Para uma excelente análise da violência à luz do poder, dos fenômenos revolucionários e do totalitarismo, ver MAFFESOLI, Michel. *A violência totalitária: ensaios de antropologia política*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981. (249 pág.)

da co-responsabilidade na eclosão da violência? Não seria nessa perspectiva que as autoridades podem ser consideradas pela população como *supermen*? De qualquer forma, são elas, ao mesmo tempo, os espectadores e executores de hoje, os protagonistas da ritualização concernente aos julgados e condenados à morte. Diferentemente da tortura infligida a Damiens⁴⁸, no século XVIII, a praça pública foi substituída por salas fechadas, os gritos de dor ecoados pela lenta violação física, por um quase-silêncio resultante da evolução das técnicas próprias⁴⁹ de tal pena, que dá fim ao direito à vida⁵⁰.

Como foi demonstrado, a luta contra a violência quase sempre é uma forma de violência.⁵¹ Vale recorrer a um trecho do prefácio de Jean Paul-Sartre ao livro *Os donos da terra*, de Frantz Fanon⁵², no qual ele discorre sobre os direitos humanos e chama a atenção para o terceiro tempo da violência, o *efeito bumerangue*: “Ela (a violência) se volta contra nós, atinge-nos e, como das outras vezes, não compreendemos que é nossa.”⁵³

As sociedades, tudo indica, continuarão a ter de lidar com a violência, através de ações de controle mais ou menos humanizadoras, em graus variáveis de

⁴⁸ FOUCAULT, op. cit. A história completa que o autor conta sobre Damiens pode ser lida no Capítulo 1 - *O Corpo dos Condenados* -, p. 11-3.

⁴⁹ Tais técnicas acabaram sendo aprimoradas devido à sua recorrente aplicabilidade nos países que prevêem a pena de morte em suas legislações (em alguns Estados dos Estados Unidos e regiões da China, por exemplo). Injeções letais são usuais: a morte é rápida, mas, nem por isso, totalmente indolor. Sem mencionar, obviamente, a violência psicológica a que são submetidos os condenados à morte através destas técnicas, cada vez mais requintadas, cada vez mais inseridas na ótica da “sobriedade punitiva” (termo já citado, formulado por Foucault). Vale lembrar que a revolução da tecnologia, uma revolução na fabricação dos instrumentos - a violência sempre necessita de implementos -, foi especialmente notada na guerra.

⁵⁰ “O direito à morte, seja individualmente, seja coletivamente vivido, lembra que a destruição é um princípio insuperável da vida mundana”. MAFFESOLI, op. cit., p. 53.

⁵¹ Idem, ibidem, p. 8.

⁵² FANON, Frantz. *Os donos da terra*. São Paulo, Brasiliense. Também publicado com o título *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.

⁵³ O prefácio de Sartre ao livro de Fanon (p. 3-21) foi muito difundido na ocasião de sua publicação: *Les damnés de la terre*, Maspero éditeur S.A.R.L., 1961. Porém, certos estudiosos fizeram críticas quanto à constatação de que o único livro de Fanon tenha sido conhecido somente através do referido prefácio e do primeiro capítulo. Hannah Arendt, op. cit., ressalta que apenas o primeiro capítulo do livro, “Concerning Violence”, foi amplamente lido. Para ela, o próprio Fanon é muito mais duvidoso a respeito da violência do que seus admiradores. Em tradução inglesa, *The wretched of the earth*, Grove Press Edition, 1968. Em português, também é conhecido como “Desgraçados da terra”.

punição, vigilância e autoridade. Krishnamurti acredita que é de prioritária importância, em qualquer tempo, buscar um novo modo de vida, “não em forma de teoria, porém, na vida real de cada dia, uma maneira de viver sem conflito de qualquer espécie, em todos os níveis de nossa existência”⁵⁴. Refletindo acerca dessa proposta de busca incessante, é difícil não indagar por quais parâmetros o sentido de civilidade⁵⁵ vem sendo estruturado nas sociedades organizadas. Basta atentar para a forma como a violência é tratada, através de inúmeros métodos - como os sistemas penal e penitenciário, as concepções de criminalidade, punições, direito, justiça etc. -, que a própria compreensão do que seja civilizado se torne questionável. “Importa conhecê-la (a violência) para controlá-la, enquanto ainda há tempo; conhecê-la para que não reine soberana, ditadora e totalitária; para que não destrua o que ainda está em construção: uma sociedade mais humana, justa e democrática”.⁵⁶ Este é um desafio a ser considerado com seriedade.

O caráter ambivalente⁵⁷ da violência, embora já tenha sido focalizado, deve ser tratado com mais propriedade, pois é exatamente por consequência dele que se observa um sentimento de fascinação em torno de uma das questões mais instigantes da humanidade. Tal ambivalência fundamenta-se em uma vertente teórica que indica a violência como imbuída de uma premissa, a de natureza paradoxal. Vários autores⁵⁸ destacam a violência como potencializadora de dualidades. Algumas delas são a ordem e a desordem, a destruição e a construção.

Esse aspecto não escapou aos cientistas sociais e nem mesmo ao conhecido pensador hindu, Krishnamurti: “O próprio processo de controle gera a desordem; tal como o oposto - a falta de controle - gera também a desordem.”⁵⁹ Em oposição

⁵⁴ KRISHNAMURTI. *Violência*. Rio de Janeiro, Vozes, p. 92. 1970.

⁵⁵ Segundo o dicionário Aurélio, op. cit., civilidade refere-se ao conjunto de formalidades observadas entre si pelos cidadãos em sinal de respeito mútuo e consideração.

⁵⁶ PANDJIARJIAN, Valéria. “Sociedade, direito e Estado em tempos de violência”. In *Violência em debate*, op. cit., p. 116.

⁵⁷ A ambivalência é o caráter do que apresenta dois aspectos ou dois valores; estado de quem experimenta ao mesmo tempo, numa determinada situação, sentimentos opostos (psicologia). Dicionário Aurélio, op. cit.

⁵⁸ Maffesoli é um de seus principais expoentes.

⁵⁹ KRISHNAMURTI, op. cit., p. 91.

constante à paz, a quaisquer formas de organização social, a violência sugere uma ação de rompimento em relação a uma ordem estabelecida, mesmo que esta seja questionável em seus valores intrínsecos.

As concepções de caos, de radicalismo, de transgressão indicam uma distância em relação às normas e às regras que governam as situações ditas naturais, normais ou legais.⁶⁰ A violência e o caos absoluto giram em torno da noção da imprevisibilidade total. Arendt afirma que, ao nos aproximarmos do âmbito da violência, instantaneamente, deparamos com esse elemento perturbador, que introduz a surpresa, a instabilidade, a ausência da forma.⁶¹

Nesse campo que focaliza a desordem, a construção e a destruição são outro princípio que atesta o caráter ambivalente da violência.⁶² A psicanálise que relaciona determinados fenômenos com a mitologia grega tenta explicar esse conflito a partir de *Eros* - pulsão de vida, libido - e *Thanatos* - pulsão de morte.

De acordo com Freud⁶³, as pessoas estão em constante embate entre esses opostos. A morte tem como meta destruir o organismo. A energia libidinosa, como fonte biológica da motivação humana, desencadeia-se a fim de tornar inofensiva a pulsão destrutiva e o faz a partir de seu desvio para objetos do mundo exterior (pessoas, aspirações materiais, espirituais). Dessa forma, ela se desenvolve como pulsão destrutiva, pulsão de apoderar-se dos seres humanos e de coisas, desejo de

⁶⁰ MICHAUD, op. cit., p. 12.

⁶¹ ARENDT, op. cit., p. 12.

⁶² MAFFESOLI, op. cit., p. 41-2. Os fenômenos tratados são considerados ambivalentes porque são humanos. Essa qualidade é tanto mais acentuada quanto mais ela se fixa na instabilidade, na irrupção, na surpresa. Observe-se que o termo construção evoca criação. A definição formulada por OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis (RJ), Vozes, p. 9, 1987, sobre criação é pertinente: "Criar é basicamente formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo da atividade, trata-se desse 'novo', de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar". Assim como a violência, a criatividade é inerente à condição humana.

⁶³ Apud MARCONDES FILHO, Ciro. *O que todo cidadão precisa saber sobre violência das massas no Brasil*. São Paulo, Global, p. 75, 1986. Ver também a exposição sobre a teoria de Freud acerca das pulsões de vida e de morte em MEGARGEE, Edwin I. & HOKANSON, Jack E. *A dinâmica da agressão : análise de indivíduos, grupos e nações*. São Paulo, EPU, Editora da Universidade de São Paulo, p. 13-26, 1976.

poder.

Está, assim, instituído um tipo de dinâmica que sugere um movimento de fenômenos contraditórios, ambíguos, e que esclarece uma natureza peculiar ao homem na qual ele não é impelido apenas pela libido, mas por outro conjunto de impulsos denominados *instintos de morte*⁶⁴. Tal expressão, segundo Silva⁶⁵, é tradução errônea e comum da “pulsão de morte”: “A noção de que o homem traz consigo as sementes de sua destruição.”⁶⁶

Abordagens sobre o a ambivalência dos signos - em especial, o signo do Escorpião, com sua faculdade de destruição e de criação - também são úteis para indicar que a relação com a parte sombria (com a parte maldita), com o que é a destruição ou a morte, permite de fato qualificar a relação com a vida. “Mais precisamente, a aceitação da parte sombria - que se inscreve no plano da necessidade - conduz ao viver socialmente.”⁶⁷

Segundo Maffesoli⁶⁸, a violência “construtiva” não é um paradoxo; ela é a expressão da fundação social. A violência “destrutiva” é a manifestação da afirmação individual. Os psicanalistas sucessores de Freud destacaram que a essência da sociedade é a repressão do indivíduo e a essência do indivíduo é a repressão de si mesmo⁶⁹. Analisando a posição de Freud em *Mal-estar da civilização*, é possível reconhecer a tendência à destruição, à agressão, à crueldade,

⁶⁴ JONES, E. *The life and work of Sigmund Freud*. Vol. 2. “Years of Maturity”, 1901-1919. New York, Basic Books, 1955. Apud MEGARGEE & HOKANSON, op. cit., p. 13.

⁶⁵ SILVA, Magno Luiz Medeiros da. *Vidrados em violência: os processos de recepção de imagens violentas da televisão entre os adolescentes*. Tese de Doutorado. São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, p. 90, 1997.

⁶⁶ Idem, *Ibidem*, p. 14: Tal como ocorreu com muitas teorias de Freud, os supostos instintos de morte foram recebidos com certo ceticismo, tanto dentro quanto fora do movimento psicanalítico. Para uma análise de outros mitos, como o de Dionísios, ver MAFFESOLI, op. cit., p. 25, em que H. Jeanmaire demonstra precisamente o paralelo que pode ser estabelecido entre a exuberância das práticas orgiásticas do culto a Dionísios e o florescimento da civilização

⁶⁷ MAFFESOLI, op. cit., p. 28.

⁶⁸ Idem *ibidem*, p. 24.

⁶⁹ BROWN, M. O. *Eros et Thanatos*. Paris, Denöel, p. 15, 1972. Apud MAFFESOLI, op. cit., p. 34. Ver também a tradução em língua portuguesa: *Vida contra morte: o sentimento psicanalítico da História*. Petrópolis (RJ), Vozes, 1972.

como um dado fundamental da vida psíquica e, para nós, do dado social⁷⁰. “A psicologia profunda confunde-se aqui com a análise dos mitologistas: estamos na presença de um instinto eterno de destruição que é inútil querer negar ou eliminar, é melhor admiti-lo e ver como ele participa, de uma maneira conflituosa, paradoxal, da estruturação da civilização.”⁷¹

A violência, apreciada a partir desses parâmetros, não deixa, portanto, de representar um certo papel na vida em sociedade: “Todo o aspecto contraditório da violência - seu aspecto infernal, demoníaco, remete a uma simbiose de forças, de energias que criam ou renovam a estruturação social”⁷². O ponto central de *A dinâmica da violência* é justamente a tese de Maffesoli na qual a violência baseia nessa ambigüidade sua utilidade e sua destrutividade simultaneamente.

Essencialmente, o que possa pertencer mesmo que de forma aparente ao plano da destruição parece ter um potencial positivo e facilitador de renovação, atenuando a rigidez estruturada em torno da “estruturação social perfeitamente codificada e normalizada”: nasce o fenômeno da inversão⁷³. Daí vem o termo “desordem fecunda”⁷⁴, que estabelece uma dialética sutil entre o funcionamento e o disfuncionamento.⁷⁵

A busca de equilíbrio, nesse contexto ambíguo, parece ser o cerne para que seja efetivada uma negociação com os inúmeros aspectos da violência. As referências à violência criadora, à destruição construtiva⁷⁶ relativizam a

⁷⁰ FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. 24 vols. Rio de Janeiro, Imago, 1975. Apud MAFFESOLI, op. cit., p. 41.

⁷¹ MAFFESOLI, op. cit., p. 41.

⁷² Idem, ibidem, p. 25. Gurvitch não hesitava em reconhecer que a sociologia era uma perspectiva a partir da noção de descontinuidade, o que significa que o barulho, a fúria, a desordem têm uma função estrutural na sociedade e que devem ser estudados como tais. Apud MAFFESOLI, op. cit., p. 24.

⁷³ Idem, ibidem, p. 29.

⁷⁴ Idem, ibidem, p. 13.

⁷⁵ Idem, ibidem, p. 30. “A dissidência (violência) social (...) é a reveladora de uma desestruturação social relativamente manifesta, e que ela invoca uma nova construção”. Idem, ibidem, p. 21.

⁷⁶ Enquanto cristalização de uma experiência coletiva, a revolta (a rebelião, a ruptura) é o paradigma incontornável de um progresso coletivo. Encontramos aí essa missão de criação inerente à violência, analisada por Georges Sorel de uma maneira perspicaz. Apud MAFFESOLI, op. cit., p. 40. Para Sorel, a “defesa” da violência é a de uma paixão vivida coletivamente. Ele vê na violência a que

importância do tempo presente no enfrentamento dessa questão. Maffesoli acredita que a ambivalência da violência deve pertencer ao passado ou ao futuro e utiliza uma metáfora em sua assertiva: “A trama não pode ser continuamente estendida sob pena de destruir os fios que a constituem; o enfraquecimento (a adaptação) é o que propriamente permite sua manutenção.”⁷⁷

Para Maffesoli, é possível negociar com a violência através de um certo grau de socialização e de acordo, facilitado pela “ritualização da violência”. O sentido de ritualização aqui pode ser focalizado como aquele que auxilia a simbolização social. Sem pretender aprofundar este, que é um tema complexo e plural, pode-se ao menos tentar exemplificar, em linhas gerais, as formas de acordo (“negociação”) ou de ritualização: as regulamentações do uso de armas e dos meios de luta, a defesa dos direitos humanos, os rituais das competições esportivas, o estabelecimento de regras para garantir o término de guerras e conflitos, os regulamentos dos diversos jogos etc.⁷⁸

A busca de um equilíbrio pacífico é difícilimo. “Sob as ameaça do caos (entropia), podemos e devemos incessantemente aperfeiçoar maneiras de buscar a ordem e o equilíbrio (homeostase).”⁷⁹

*Fica evidente que a violência não pode-se reduzir à sua estrutura utilitária; existe nela alguma coisa de inaceitável que a faz rejeitar moralistas de todas as correntes, porque ela é incompreensível, excessiva, sem finalidade (ao menos na sua atualização)*⁸⁰.

reúne, a que destrói a atomização, a que forma a criação coletiva. Idem, ibidem. Maffesoli deixa claro que o destaque do papel criador da violência não é uma forma de fazer dela “uma apologia sem nuances” (p. 41). Ver o ponto de vista de Georges Sorel acerca do caráter criativo da violência em *Reflexões sobre a violência*. São Paulo, Martins Fontes, 1992. (382 pág.)

⁷⁷ MAFFESOLI, op. cit., p. 40.

⁷⁸ SILVA, op. cit., p. 101.

⁷⁹ MORAIS, op. cit., p. 23.

⁸⁰ MAFFESOLI, op. cit., p. 37. A atualização da violência é entendida aqui por seu aspecto renovador: “Sua estrutura acaba sempre por iniciar uma nova ordem (revolucionária), uma nova norma (artística, literária), em resumo, uma qualidade canônica apurada” - e sempre inquietante. Idem, ibidem.

1.1. Diferenças Básicas entre Violência e Agressão

Muitas das disciplinas que se estabeleceram continuam a sistematizar o conhecimento produzido acerca das questões da violência e agressão. A antropologia é a ciência que procura relacionar a violência com os diversos aspectos da natureza humana, procurando suas causas, a partir de múltiplos pontos de vista.⁸¹

Ressalte-se que os estudos antropológicos descartam os julgamentos de valor inerentes à problemática da violência, pois estes remetem a conotações sociológicas, ampliando ainda mais o tamanho do objeto. Assim, a antropologia prefere focalizar a agressividade, a agressão, a irritabilidade, a combatividade.

A agressividade é a noção mais freqüente nessas pesquisas e sugere uma predisposição para o ataque e o combate. Tal concepção pode designar qualquer tipo de comportamento excessivo e/ou nocivo. A combatividade, além de poder agregar ações exageradas e ao mesmo tempo perniciosas, prejudiciais, indica uma característica positiva, de função e de adaptação. Já a irritabilidade remete à idéia de reação do ser vivo a determinados estímulos.

De significação muito geral, cujas fronteiras entre as possíveis conotações positivas ou negativas aparecem tênues, o termo agressividade é mais facilmente identificável se aplicado no campo dos instintos, sejam eles construtivos (*Eros*) ou destrutivos (*Thanatos*), adaptativos ou desadaptativos.

Do latim *aggressionem*⁸², a agressão pode ser definida como ação ou efeito de agredir; incitamento, instigação, investida e, pela concepção sociológica, atitude ou ato dissociativo.

De maneira sintética - se assim possível -, a gama de abordagens multiteóricas no âmbito da antropologia pode ser assim descrita:

⁸¹ MICHAUD, op. cit., p. 70-85.

⁸² MICHAELIS, op. cit.

I) *Abordagem neurofisiológica*

As relações entre estresse⁸³ e agressividade são as bases dos estudos nessa vertente, que leva em consideração a reação dos organismos em dado ambiente aos estímulos que eles identificam como agressões. Nessa dinâmica, interagem os agentes estressantes, a reação geral do organismo atacado e a reação localizada.⁸⁴ Primeiramente, o organismo fica alerta; resiste numa segunda etapa; finalmente, a resistência se esgota. As indicações desses estudos são as seguintes: há uma agressividade correlativa das situações de estresse; é possível distinguir tipos de agressividade diferentes de acordo com os circuitos neurológicos; existem centros desencadeadores e inibidores da agressividade, sendo possível direcionar e controlar a agressão.⁸⁵

II) *Abordagem etológica*

O estudo da maneira de ser dos animais situa-se nessa área, a qual passou, posteriormente, a comparar os comportamentos desses com os dos seres humanos.⁸⁶ Quanto à agressividade animal, a etologia estabelece alguns pontos, a saber:

a) Não é identificável uma relação de confronto com caráter estritamente cruel em animais de espécies diferentes, pois estes procuram fugir ou defender-se dos predadores;

b) A agressão relaciona-se ao instinto, funciona de modo programado e automático, agindo como resposta a estímulos desencadeadores e facilitando comportamentos de agressão também determinados, através de sinais

⁸³ O estresse pode ser considerado como reação às tensões resultantes do meio. MICHAUD, op. cit., p. 71.

⁸⁴ As síndromes de adaptação dos organismos complexos que reagem ao estresse podem ser analisadas a partir dos estudos de SELYE, H. *Le stress de la vie*. Paris, Gallimard, 1962.

⁸⁵ Estudos realizados por Delgado (s/ref.). Apud MICHAUD, op. cit., p. 72.. Michaud acredita que as pesquisas na área estão avançadas e são eficientes, porém, aponta para o fato de elas isolarem algumas correlações, como as significações sociais e culturais, que provavelmente modificariam os dados fisiológicos.

⁸⁶ Segundo PARKE, Ross & SAWIN, Douglas B. *Agressão: causas e controles*. São Paulo, Brasiliense, p. 10, 1977, a etologia é o estudo comparativo das bases biológicas dos comportamentos humano e animal.

reconhecíveis (ameaça, quietude);

c) A agressão permite a divisão territorial dos indivíduos, intervém na seleção dos parceiros sexuais, permite o estabelecimento de hierarquias sociais que limitam a agressão as quais favorecem a transmissão das normas por aqueles que dominam;

d) Tem pouca capacidade de destruição, tanto em função das “armas naturais” dos animais como pelos dispositivos de ritualização, limitadores dos seus efeitos e facilitadores da sobrevivência;

e) Em condições artificiais ou nas quais há fracasso do instinto, comportamentos patológicos (neuroses, perversões, disposições assassinas) podem acontecer, em consequência do não funcionamento dos mecanismos de ritualização que impedem a ocorrência da agressividade natural.⁸⁷

III) Abordagem da antropologia pré-histórica

A evolução do Australopiteco, passando pelo *Homo habilis* e pelo *Homo erectus* até chegar ao *Homo sapiens* é analisada nessa perspectiva em torno da relação das aptidões com o crescente rompimento com a natureza animal. As avaliações em torno das pesquisas apontam que “os hominídeos adotaram muito cedo um comportamento de predação e ataque, ainda que sem violência ou crueldade excepcionais”⁸⁸, mostrando-se hábeis nas estratégias de caça, utilização de instrumentos - e decorrente desenvolvimento da inteligência -, situação esta que facilitou a cooperação entre os caçadores, já inseridos em sistemas de comunicação simbólica em um ambiente propício à transmissão de conhecimentos.

Daí se apreendeu que tais características são próprias do ser humano, pois se trata de uma agressão voltada à conquista, destruição e exploração. “Nesse sentido, há uma violência no próprio âmago da humanidade, que anima suas invenções,

⁸⁷ MICHAUD, op. cit., p. 74, não concorda com os partidários do aprendizado da agressão a partir do meio ambiente, como SCOTT, J. P. *Agression*. Chicago, The University of Chicago Press, 1958. Para ele, continua aberta a questão de saber se a agressividade é um instinto que eventualmente se desencadearia sem razão (LORENZ, op. cit.) ou um subinstinto a serviço de outros como a fome ou a sexualidade (TINBERGEN, N. *Social behavior in animals*. New York, Halsted Press, 1966).

⁸⁸ MICHAUD, op. cit., p. 75.

suas descobertas e sua produção de cultura.”⁸⁹

IV) Abordagem da psicologia

Alguns dos múltiplos tratamentos da violência e da agressividade são incorporados pela *psicologia geral*⁹⁰ - que realiza estudos experimentais das condutas agressivas objetivando identificar as causas, a partir de várias vertentes -, pela *psicologia clínica* - através da qual se pretende antecipar a caracterização das personalidades violentas ou agressivas, objetivando a aplicação de métodos de intervenção e prevenção e medição das ocorrências -, e pela *psicologia social*, que focaliza as relações de agressão com as interações sociais. Em resumo, serão elencados os indicadores que norteiam os três campos:

1º) As teorias mecanicistas do tipo behaviorista ou neobehaviorista consideram que a privação e as proibições em geral desencadeiam raiva. A hiperestimulação ou excitações muito fortes são fonte de irritabilidade e de agressividade.⁹¹ As observações etológicas e a psicologia da forma pontuam o desencadeamento do medo e da hostilidade a partir da ocorrência de movimentos bruscos e da utilização de instrumentos pontudos ou irregulares. “A aprendizagem e os condicionamentos da agressividade são particularmente resistentes e implicam a totalidade da personalidade.”⁹² Há um enfoque central que tem por princípio a aprendizagem da agressividade e violência a partir de modelos cuja carga emocional seja forte. Existiria, assim, uma conexão entre delinquência e uma vivência particular ou de vitimização ou de observação da vitimização.⁹³ A primeira

⁸⁹ MICHAUD, op. cit., p. 76.

⁹⁰ Idem, ibidem, p. 77-78. Para uma exposição detalhada e observações críticas, veja-se a excelente apresentação do tema por CANEGHEM, D. Van. *Agressivité et combativité humaines*. Paris, PUF, p. 57-73, 1978.

⁹¹ NEAL, E. O & MCDONALD, P. J. “Environmental psychology of aggression”. In GEEN, R. G. & O’NEAL, E. C. (ed.), *Perspectives on Agression*, New York, Academic Press, p. 169 et seqs, 1976. Apud MICHAUD, op. cit., p. 78.

⁹² MICHAUD, op. cit., p. 78. Ele pontua que, a partir dessas exposições, “tornam-se difíceis os descondicionamentos do modo imaginado por Skinner”. Idem, ibidem.

⁹³ “Os estudos de BANDURA, A. - *Agression, a social learning analysis*, Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice Hall, 1973, apud MICHAUD, op. cit., p. 78 - sublinham o importante impacto sobre as crianças dos modelos de comportamento agressivo difundidos pelos mídias, sobretudo sobre sujeitos frustrados. A agressão é facilitada pela imitação, pela desinibição dos instintos agressivos,

típica reação à frustração é a agressão.⁹⁴ Michaud assinala que esta corrente indica que quanto mais forte for a estimulação, maior será a intensidade da frustração e quanto mais a frustração afeta aspectos do comportamento, mais importante será a agressão.⁹⁵ “A agressão se volta diretamente contra a fonte da frustração; se por sua vez ela for inibida, produz agressões derivadas ou auto-agressão. A agressão é em suma uma catarse da frustração.”⁹⁶

2º) As abordagens clínicas levam em conta os fatores traumáticos na formação das personalidades agressivas, o papel das frustrações, a importância das separações e das crises familiares e a estruturação de uma personalidade paranóica, além de preocuparem-se com as pesquisas estatísticas por correlacionarem a auto-agressão suicida com a agressão voltada contra outros.⁹⁷ Outras pesquisas que exploram os dados estatísticos centram-se nas ligações entre agressividade, forma do rosto e constituição física, agressividade e anomalias psicológicas, agressividade e anomalias genéticas⁹⁸;

3º) A agressividade e a violência são estudadas no âmbito das situações e da interação, pois o ponto de partida é de que esses fenômenos incitam à luta agressores e vítimas inseridos em determinados jogos de “vitimização e agressão”, jogos estes condicionados e muitas vezes concentrados na natureza social desses eventos, o que relativiza a dimensão grupal e de autoridade. A experiência

pelo acionamento de ações agressivas já estruturadas no passado, ou ainda pelo aumento geral da excitação.” Michaud chama a atenção para o problema do que signifique imitação, “qual seria o seu motor e se ela afeta segmentos de condutas isoláveis ou então a totalidade da personalidade”. Idem, *ibidem*.

⁹⁴ DOLLARD J., DOOB, L. W., MILLER, N. E. et alii. *Frustration and aggression*, Yale, Yale University Press, 1937, reimpressão Yale paperbound, 1961. Apud MICHAUD, op. cit., p. 78.

⁹⁵ MICHAUD, op. cit., p. 79.

⁹⁶ Idem, *ibidem*.

⁹⁷ As pesquisas dos sociólogos sobre o suicídio - sendo DURKHEIM, E. *Le suicide*. Paris, Alcan, 1897, um dos maiores expoentes - sugerem conclusões semelhantes quanto à reversibilidade da agressividade que se volta ora contra o próprio indivíduo, ora contra outrem. Apud MICHAUD, op. cit., p. 80.

⁹⁸ MICHAUD, op. cit., p. 80, diz que tais pesquisas conseguem estabelecer, no máximo uma correlação entre anomalias e irritabilidade biológica, faltando, portanto, considerar a gama de fatores concernentes à personalidade.

proposta por Zimbardo⁹⁹ reuniu um grupo de pessoas que assumiram papéis de guardas e presos em uma suposta prisão. O primeiro grupo assumiu muito bem o seu papel diante das normas vigentes para a profissão de fato; o segundo acabou apresentando sintomas de depressão e masoquismo, revelando um sentimento de culpa decorrente da vivência da ambigüidade de sua condição participativa (consciência do tratamento recebido em situação experimental) e sentimentos adquiridos nessa experiência. “As estruturas da situação vitimizam as vítimas principalmente quando elas são inocentes e multiplicam a agressividade dos guardas.”¹⁰⁰

V) A abordagem psicanalítica

As contribuições nessa área apontam que a agressividade não se manifesta apenas na destruição, mas também nas condutas auto-agressivas, na ambivalência dos sentimentos - ódio e amor, desejo de morte das pessoas próximas etc. “Nesta perspectiva, pode-se admitir que há aspectos destrutivos das pulsões sexuais, por exemplo, nos seus avatares sádicos e masoquistas, enquanto a agressão e o ódio propriamente ditos procedem de um outro mecanismo pulsional ligado à autoconservação, isto é, a afirmação do indivíduo.”¹⁰¹

É possível argüir, após essas explanações, que a diversidade das abordagens antropológicas¹⁰² em torno da agressividade revela uma difícil demarcação de determinadas aproximações. Algumas delas são mais evidentes: estresse, frustrações, traumas, caráter instintivo. Resta tentar desvelar, finalmente, as diferenças básicas entre violência e agressão.

⁹⁹ Pesquisa realizada em 1972 e relatada por FROMM, E. *The anatomy of human destructiveness*. New York, Holt, Rinehart & Winston, 1973. Apud MICHAUD, op. cit., 80.

¹⁰⁰ Idem, ibidem.

¹⁰¹ MICHAUD, op. cit., p. 82. Enfocado no primeiro capítulo deste trabalho o sentido de criação e destruição, também a partir da análise mitológica, ou seja, de *Eros e Thanatos*. KLEIN, Melanie, psicanalista pós-freudiana, insiste na importância das pulsões de morte e destruição. Para uma excelente análise da temática, ver da mesma autora *Contributions to psychoanalysis*. Londres, Hogarth Press Ltd., 1947.

¹⁰² Não devem ser ignoradas as contribuições da história, sociologia e filosofia na abordagem da violência, entretanto, uma discussão mais aprofundada desses enfoques seria muito extensiva e se colocaria fora do âmbito deste trabalho.

De acordo com Pereira, a agressão é inata no ser vivo: “Existe na face da terra antes mesmo do aparecimento do homem no globo. (...) O que é exclusiva do ser humano, à vista de sua racionalidade, é a violência, não a agressão, que é própria, biologicamente, do ser vivente”.¹⁰³ Dessa forma, toda violência é agressão, mas nem toda agressão é violência. Ambas confundem-se facilmente porque - segundo Hacker - “a violência pretende ser a única forma eficaz de agressão”.¹⁰⁴ Entretanto, impõe-se uma diferenciação rigorosa entre as duas. De fato, todas as formas de agressão podem levar à violência. O que passa a ser violência é a forma manifesta, crua, desenfreada, calculada, consciente da agressão.¹⁰⁵

A violência não é idêntica à agressão. Na verdade, a violência “é a expressão manifesta, viva e, principalmente, física da agressão”, segundo a definição do professor Friedrich Hacker.¹⁰⁶ Niko Tinberg, considerado o pioneiro da etologia, apelida o homem de “assassino fora de si”.¹⁰⁷ Tal afirmação vai ao encontro de que faltam ao homem os instintos natos inibitivos que impedem os animais de matar os da sua espécie. “O ato agressivo é anterior ao homem, pois a fauna surgida na terra antes dele, para solucionar o problema da sobrevivência, empregava a força.”¹⁰⁸

Não há, portanto, como confundir agressão - impulso natural do homem como ser vivo - com violência - agressão calculada, programada, consciente, voluntariosa, objetivamente cruel, “viva” - como diz Hackel -, principalmente física, mas que pode ser também psíquica, moral, pela ação, pela palavra, pelo gesto, com todas as suas nuances.¹⁰⁹

¹⁰³ PEREIRA, José. *Violência: uma análise do “homo brutalis”*. São Paulo, Alfa-Ômega, p. 27, 1975.

¹⁰⁴ HACKER, Friedrich. *Agressividade: a violência do mundo moderno*. Portugal, Livraria Bertrand, Amadora, 1973. Apud PEREIRA, op. cit., p. 27.

¹⁰⁵ PEREIRA, op. cit., p. 27.

¹⁰⁶ HACKER, op. cit. Apud PEREIRA, op. cit., p. 27.

¹⁰⁷ Apud CARAM, Dalto. *Violência na sociedade contemporânea; pesquisas científicas, posições cristãs por uma visão integral*. Petrópolis (RJ), Vozes, p. 21, 1978. O holandês Niko Tinbergen e o austríaco Konrad Lorenz fundaram a etologia. Idem, ibidem, p. 17.

¹⁰⁸ PEREIRA, op. cit., p. 28.

¹⁰⁹ Idem, ibidem.

1.2. Violência como Ação ou Situação

A terminologia mais corrente para designar ações ou situações de violência é aquela que abrange *atos e estados* violentos. Vários autores¹¹⁰ deixam entrever certa distinção entre a violência como ato e estado sem, contudo, indicar mais pontual e claramente as demarcações entre tais características. A distinção entre violência como ato e como estado é fundamental, “mas não aprofunda o problema”¹¹¹.

Hacker e Wertham¹¹², estudando o problema da violência tanto coletivo como individual, procuram analisar a violência no campo da agressividade, buscando conexões entre as duas. A situação generalizada de violência na sociedade é clara para ambos. Mostram a violência dentro de seu contexto global, isto é, político, econômico, militar, social, cultural etc., sem deixarem de analisar também certas ações de violência. A conclusão dos casos de violência pesquisados por eles é a de que mesmo os atos de violência - crimes comuns e de guerra, perversidade sexual, delinquência etc. -, exceto os casos patológicos, são influenciados, direta ou indiretamente, pelo clima de violência que respira a humanidade.

O caráter complexo das situações de interação traz em si um potencial de diluição das responsabilidades na eclosão da violência na sociedade - podendo inclusive multiplicar seus participantes -, tendo em vista que esta congrega desde os cidadãos comuns até os aparelhos de Estado¹¹³: máquina judiciária - incluindo os sistemas penitenciário e penal -, instituições burocráticas e administrativas especializadas nos mais variados campos.

É válido ressaltar que os aparelhos de Estado podem ser divididos em dois

¹¹⁰ F. Wertham, F. Hacker, J. W. Lapierre, J. Girardi e F. Engels são bastante citados na literatura sobre o tema.

¹¹¹ GIRARD, J. *Amour chrétien et violence révolutionnaire*. Paris, éd. du Cerf, p. 30, 1970. Apud CARAM, op. cit., p. 91.

¹¹² Apud CARAM, op. cit., p. 91.

¹¹³ Ver ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Rio de Janeiro, Edições Graal, 1983.

âmbitos¹¹⁴:

- *Da repressão*: os aparelhos repressivos do Estado - exército, polícia, tribunais, prisões, administração - pertencem inteiramente ao domínio público e funcionam, predominantemente, através da violência e, secundariamente, através da ideologia;

- *Da Ideologia*: os aparelhos ideológicos do Estado - instituições distintas e especializadas na maior parte de domínio privado como escolas, igrejas, partidos - centram suas ações na transmissão (reprodução) de ideologias, em um primeiro momento e, posteriormente, na repressão.

Sinteticamente, a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência, tendo uma existência material. Daí a importância de enfocar que a tese de Althusser incide sobre a reprodução do que seja essencial da existência e natureza da superestrutura. Entende-se por superestrutura a instância jurídico-política (o Direito e o Estado) e ideológica (moral, jurídica, política, religiosa etc.). A infra-estrutura é uma unidade de forças produtivas e relações de produção, ou seja, a base econômica. A estrutura de toda sociedade foi assim concebida por Marx, determinando a presença desses níveis.¹¹⁵

Assim, os aparelhos ideológicos do Estado têm como fundamento assegurar a reprodução das relações de produção, a partir da superestrutura jurídico-política e ideológica, ou seja, pelo exercício do poder de Estado, constituído tanto pelos aparelhos repressivos como ideológicos. O Aparelho Repressivo do Estado (ARE) assegura pela repressão as condições políticas do exercício dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE). Aliás, são os AIE que garantem, em grande parte, a reprodução das relações de produção sob o escudo do ARE. É nos AIE que se desenvolve o papel da ideologia dominante, a da classe dominante que detém o poder do Estado. É por intermédio da ideologia dominante que a “harmonia” (por

¹¹⁴ Idem, ibidem, p. 25, 67-9, 73.

¹¹⁵ Althusser constrói seu conceito de teoria a partir das notas de Marx no *Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política*. Idem, ibidem, p. 22. Ver *Pour Marx e Lire le Capital*. Maspero, 1965.

vezes tensa) entre o ARE e os AIE é assegurada.¹¹⁶

Os jogos entre ARE e AIE tornam-se mais requintados a partir da ritualização da violência, que pressupõe sistemas simbólicos¹¹⁷ e materiais. As diversas modalidades de produção da violência levam em conta os instrumentos em causa. “Não é a mesma coisa matar com a própria mão, fuzilar e assinar uma ordem de bombardeio. Os progressos tecnológicos ser orientaram no sentido de uma violência produzida indiretamente por meios cada vez mais ‘limpos’.”¹¹⁸

Para Engels¹¹⁹, a violência não é um mero ato de vontade, pressupondo, pelo contrário, condições prévias bastante reais para o seu exercício, a saber: “instrumentos”. No âmbito das relações econômicas do regime capitalista, o produtor dos mais eficazes instrumentos de violência vence o produtor dos menos eficientes. E sabe-se que os mais perfeitos são as armas¹²⁰: “Daí temos de reconhecer, em resumo, que a vitória da violência se reduz à produção de armas e que esta, por sua vez, se reduz à produção em geral e, portanto, ao ‘poderio econômico’, à ‘situação econômica’, aos meios *materiais* colocados à disposição da vontade de violência.”¹²¹

Ele elabora uma importante distinção entre violência como ato e violência como estado, ao afirmar que o ato de escravizar um homem supõe necessariamente um estado de necessidade e de instrumentos, sem os quais a dominação torna-se impossível.

A dificuldade muitas vezes dos estudiosos em distinguir ações ou situações

¹¹⁶ ALTHUSSER, op. cit., p. 30.

¹¹⁷ A violência simbólica será tratada no próximo sub-item (1.3.) deste capítulo.

¹¹⁸ MICHAUD, op. cit., p. 11.

¹¹⁹ ENGELS, Friedrich. *Anti - Dühring*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, p. 145, 1976.

¹²⁰ Estima-se que circulem, na cidade de São Paulo, 1,1 milhão de armas. Estudo do criminologista David McDowall em três Estados dos EUA (Flórida, Mississipi e Oregon), que liberalizaram o porte de arma, mostrou que de 1987 a 1993, quando as armas em poder da população passaram de 17.000 para 141.000, as taxas de homicídio com armas de fogo cresceram 26% em média. *Super Interessante*, op. cit., p. 45. Dados apontam também que, no Brasil, o ano de 1999 fechou com 37 mil vítimas de homicídio, a maior parte dos crimes realizados com armas de fogo.

¹²¹ ENGELS, op. cit., p. 145.

de violência está centrada no fato de que diversos estados de violência supõem perspectivas de dominação que abrangem todos os aspectos da vida social e política e tornam-se, assim, cada vez menos passíveis de localização.

Dalto Caram, em *Violência na sociedade contemporânea*, destaca o pensamento de Lapierre, o qual diz haver atos de violência que se manifestam pelo tumulto e pela fúria. “Mas, também existem estados de violência que são sem explosões. Um grupo ou uma classe social pode oprimir, explorar um outro grupo, uma outra classe, sem barulho nem explosão, mas com uma grande eficácia, pois, apesar de tudo, a brutalidade é freqüentemente a violência dos fracos. A violência dos poderosos é calma, fria, segura de si; suas técnicas de opressão são discretas, refinadas e, finalmente, terrivelmente eficazes.”¹²²

A violência como ato pode caracterizar a violência direta e, por isso, pode ser identificada, determinada, reconhecida e julgada sem muita dificuldade, porém, a violência como estado caracteriza, sobretudo, a violência indireta. Por ser indireta, é algo que se pode sentir e perceber, mas não se pode determinar, identificar ou julgar especificamente devido à multiplicidade de seus fatores, complexidade e dilemas, o que levaria a uma quase impossibilidade de responsabilizar uma só pessoa ou causa como preponderante. Como ato, poderia ser definida como o emprego de meios de ação que atentasse contra a integridade física, psíquica e moral das pessoas. Como estado, é mais um clima pleno de incertezas, insegurança, terror etc.¹²³

Caram acredita que o estado ou situação de violência, por ser mais profundo e mais grave, seja mais preocupante do que o ato de violência, embora este chame mais a atenção do que aquele. “Se existe este estado de violência, e cremos que sim, este estado, que é chamado por muitos de ‘violência institucionalizada’ ou ‘violência instalada’, cria, como um estímulo à reação, aquilo que se convencionou chamar ‘contraviolência’.”¹²⁴

¹²² LAPIERRE, J. W. *La violence dans le conflits sociaux*, p. 133-4. Apud CARAM, op. cit., p. 92.

¹²³ CARAM, op. cit., p. 94.

¹²⁴ Idem, ibidem, p. 95. Tal modalidade de violência, a institucionalizada, será tratada a seguir.

1.3. Possíveis Modalidades

Da consulta realizada ao extenso material bibliográfico que trata da violência, uma preocupação pôde ser verificada: alguns pesquisadores procuram situar suas análises a partir de agrupamentos de formas, modalidades ou categorias, diante do espectro múltiplo e denso da problemática.

Tal estratégia metodológica vem contribuir com outras possíveis teorizações e desdobramentos decorrentes da elaboração de pesquisas nesse campo, potencializando assim um aprofundamento ou a indicação de novos enfoques. O objetivo aqui não é o de apontar incisivamente correlações entre teorias e modalidades de violência¹²⁵ porque essa tarefa - embora rica e promissora na abertura de novos caminhos - seria demasiadamente árdua e localizar-se-ia além do âmbito do presente trabalho.

Assim, uma modesta - mas, acredita-se, de alguma utilidade - contribuição gira em torno da descrição das modalidades encontradas e selecionadas. Os agrupamentos, então, serão destacados sinteticamente e enumerados como segue:

· Grupo I: pertence a uma das mais importantes e recentes teorizações acerca da violência. As categorias em questão foram elaboradas por Michel Maffesoli¹²⁶, cujo enfoque central baseia-se nos aspectos construtivos e destrutivos da violência no seio da sociedade, em suma, na sua dinâmica. São três as modalidades:

¹²⁵ As análises das modalidades precisariam estar centradas em todo um enfoque multiteórico. Tal proposta obrigaria vastíssimas conexões entre teorizações e categorias resultantes e incorreria na necessidade de desvelamentos das sistematizações dos saberes na área como forma de argüir sobre as decorrentes aplicabilidades. Ver tipologia da violência em CARAM, op. cit., p. 163-83.

¹²⁶ MAFFESOLI, 1981 e 1987, ops. cit. Os aspectos construtivos e destrutivos da violência foram tratados com maior propriedade no primeiro capítulo deste trabalho, a partir da pág. 39.

- *Violência Anômica*¹²⁷: explosões de revolta, de agressão, de destruição, de crueldade, de ilegalidade. O indivíduo manifesta sua resistência às atomizações¹²⁸ e às dominações, buscando um novo ordenamento social, entendida aqui como “violência fundadora”: as formas de destruição da violência anômica levam à construção de um novo dado, de um novo fato, de uma nova situação ou de um novo estado, revelando um potencial antecipador na consolidação de outras alternativas - da ordem ou desordem degenerada à garantia do desejo de que desponte uma ordem regenerada.
- *Violência Banal*¹²⁹: a categoria encontra-se no âmbito das resistências das camadas populares, das massas, as quais demonstram estar integradas à ordem social estabelecida. Mas, a interpretação dessas posições inscreve-se apenas no campo das aparências: na verdade, as massas ocultam uma oposição, uma resistência mais identificável. Tais características são respaldadas por determinadas ações no cotidiano: sarcasmos, piadas, ironias, risos, discussões menores, pichações, sonegações, boicotes... Trata-se de uma postura ao mesmo tempo de astúcia e de dissimulação tanto da passividade quanto da adaptabilidade, o que remete a um tipo de subversão perpretada de maneira indireta e velada, mas que também indica uma forma de sobrevivência.
- *Violência Totalitária*: formas de repressão, domínio, opressão, controle exercidas pelos poderes instituídos, ou seja, pelo Estado, pelos sistemas burocráticos, pelos órgãos públicos, enfim, pela tecnoestrutura social

¹²⁷ De acordo com os léxicos (MICHAELIS, 1998 e AURÉLIO, 1994, ops. cit.), anomia significa a ausência de lei ou regra, anarquia; estado da sociedade no qual os padrões normativos de conduta e crença têm enfraquecido ou desaparecido; condição semelhante em um indivíduo, comumente caracterizada por desorientação pessoal, ansiedade e isolamento social.

¹²⁸ Segundo o dicionário MICHAELIS, op. cit., atomizar é reduzir a átomos, destruir totalmente.

¹²⁹ Entende-se por banalidade o caráter frívolo, fútil, trivial, vulgar e corrente com que são “manipulados” determinados fenômenos, segundo o MICHAELIS, op. cit.. A influência dos meios de comunicação de massa - em especial, a televisão - na banalização da violência será focalizada no Capítulo 3.

contemporânea.¹³⁰ O controle social racionalizado busca a centralização principalmente através da burocracia e, mais recentemente, através da tecnoburocracia¹³¹. Os sistemas burocráticos agem domesticando os indivíduos - pelas estratégias permanentes de tarefas e obrigações catalogadas e classificadas segundo os ordenamentos militar, policial e fiscal - e apropriando-se de seu tempo “produtivo” de trabalho, de seu tempo “improdutivo” de lazer, de seus espaços “lucrativos” de consumo, de seus espaços “não lucrativos” de locomoção¹³², ou seja, das cadeias socioprodutivas. As áreas de atuação dos cidadãos passam a ser planificadas, controladas, rotuladas, classificadas e administradas nesse tipo de violência, cujo poder controlador torna-se “anônimo”¹³³. A *Violência Totalitária* também pode ser denominada *Violência Institucionalizada*, *Violência Instalada* ou *Violência dos Poderes Instituídos*.

- Grupo II: voltado ao campo dos atos e estados de violência¹³⁴, cujas terminologias, correntes na literatura, procuram dividir tais ocorrências em duas categorias, as quais representam diferentes matizes do fenômeno:
- *Violência Branca*: incorpora estados ou situações de violência, os quais remetem à sua sutileza, aos seus aspectos mais velados. Ela não “salta à vista”, passa despercebida como se apenas resultasse da ‘ordem natural das coisas’, não da ação humana intencional.”¹³⁵ Essa modalidade, de maneira geral, impede o acesso das pessoas a bens fundamentais, priva o cidadão de suas liberdades individuais, traduz uma situação em que os direitos

¹³⁰ MAFFESOLI, Michel. *A violência totalitária: ensaios de antropologia política*. Rio de Janeiro, Zahar, p. 191-246, 1981, op. cit. A exposição sobre os aparelhos de Estado - repressivos e ideológicos - no sub-item anterior dá um apanhado geral sobre esta modalidade de violência.

¹³¹ A tecnoburocracia utiliza os recursos técnicos, tecnológicos, científicos, administrativos e informatizados disponíveis na atualidade.

¹³² SILVA, op. cit., p. 103.

¹³³ Não é possível identificar claramente os agentes dessa hiperracionalização, essa identidade “invisível”.

¹³⁴ Assunto tratado no sub-capítulo anterior.

¹³⁵ ARANHA, op. cit. p. 28.

humanos são ignorados etc. Exemplos de *Violência Branca* são a “fome oculta”; desníveis acentuados entre ricos e pobres; desemprego em massa; abandono na infância, mendicância, altos índices de prostituição, inclusive de meninas, entre outros que delimitam o desrespeito à cidadania.¹³⁶

• *Violência Vermelha*: Bem mais identificável que a anterior, essa modalidade é assim chamada por caracterizar ações ou atos de violência “cruentos”, “sangüinolentos”.¹³⁷ Algumas das formas desse tipo de violência são os homicídios, estupros, latrocínios, linchamentos etc.¹³⁸ Muitas vezes a *Violência Vermelha* é decorrente da *Violência Branca*.

• Grupo III: focaliza as formas concretas da violência, a partir de romances hispano-americanos contemporâneos. Ariel Dorfman¹³⁹, centrando seus estudos em conteúdos presentes nas obras de autores como Jorge Luis Borges, Alejo Carpentier, Miguel Angel Asturias, Gabriel García Márquez, Juan Rulfo, José María Arguedas e Mario Vargas Llosa, entre outros, extraiu quatro modalidades, sintetizadas a seguir:

• *Violência Vertical e Social*: as personagens, ao perceberem que são vítimas da própria sociedade da qual fazem parte, rebelam-se contra os mecanismos que teriam gerado seus problemas, utilizando a violência como forma de liberação coletiva. Trata-se de uma dinâmica de destruir primeiro para construir depois: para haver paz, há de se fazer a guerra, à exploração direta

¹³⁶ A “fome oculta” é causada pela alimentação sem proteínas e vitaminas oferecida à maioria das crianças pobres do Brasil e do mundo, que prejudica seu desenvolvimento físico e intelectual, além de expô-las às doenças e até ao risco de morte precoce. Idem, ibidem.

¹³⁷ Idem, ibidem, p. 27.

¹³⁸ Para uma ótima análise das formas de violência, ver MARCONDES FILHO, Ciro. *O que todo cidadão precisa saber sobre violência das massas no Brasil*. São Paulo, Global, p. 39-61, 1986, op. cit. O pesquisador focaliza categorias de violência como o assassinato coletivo; a violência fascista; a neurose coletiva; o caso Joílson (sobre um procurador de Estado que assassinou brutalmente um menor em 1983); depredações, quebra-quebras, invasões; festas sádicas, cultos macabros; crueldade após a morte; os linchamentos.

¹³⁹ DORFMAN, Ariel. *Imaginacion y violencia en America*. Chile, Editorial Universitária, p. 17-37, 1970.

se responde com a violência direta. Essa modalidade é denominada “vertical” por caracterizar uma violência vinda “de baixo”, dos dominados, dos oprimidos e dirigida contra “os de cima”, os ocupantes dos poderes instituídos, os que dominam, os opressores. Essas explosões de revolta violenta são uma resposta à opressão vivenciada. A violência manifestada por personagens comuns - os verdadeiros heróis dos romances - seria uma forma de salvação - coletiva - que prevê a busca de um mundo melhor. Nessas narrativas, o protagonista e os outros “heróis” geralmente são assassinados. A *Violência Vertical e Social* também pode ser denominada *Violência Revolucionária*¹⁴⁰.

· *Violência Horizontal e Individual*: tal categoria não incide num claro sentido social e é caracterizada pela luta entre pessoas que ocupam um mesmo nível de desamparo e alienação. A agressividade das personagens é canalizada para outras pessoas, seja um membro da família, um amigo, qualquer uma que cruze seu caminho: todas elas são vistas como inimigas. Aparentemente revestidos de gratuidade e trivialidade, os atos que resultam em violência indicam um tipo de guerra civil imanada através do poder. A luta pela vida fica evidenciada: as personagens não aceitam estar fadadas a desaparecer e acabam matando-se, não reconhecendo leis morais. A premissa de que para viver torna-se necessário matar é vista com naturalidade, algo que faz parte do cotidiano e que sintetiza uma premonição da própria extinção.

¹⁴⁰ FANON, SARTRE (em seu prefácio ao livro de Fanon) e SOREL, ops. cit., são tidos como glorificadores da violência, fazendo dela apologia em nome da revolução, em nome da libertação dos oprimidos das forças de seus opressores. ARENDT, op. cit., p. 19, afirma que Sartre vai muito além em sua glorificação da violência - pois tem uma posição favorável ao fenômeno, já que o homem se recriaria através da violência - do que fizera Sorel, o qual lhe conferiram a reputação de fascista, não obstante a sua aprovação entusiástica por Lênin e pela Revolução Russa. Também afirma que Fanon não foi suficientemente compreendido em razão de seu livro ter sido conhecido apenas pelo prefácio de Sartre e pelo primeiro capítulo, como já foi mencionado neste trabalho. Arendt elabora uma reflexão teórica sobre a rebelião estudantil de 1968, sobre a guerra do Vietnã e sobre os confrontos raciais que eclodiram nos EUA. Assim, ela analisa o papel dos meios violentos de resistência à opressão - como a guerrilha -, particularmente nos processos de descolonização, criticando vigorosamente a apologia da violência.

· *Violência Inespacial e Interior*: a busca por um comportamento indiferente diante da vida é característica marcante desta categoria, que revela a determinação das personagens em refugiar-se em seu interior. Trata-se de um estado de consciência opressora, que pode desencadear um tipo de energia gasta na repressão da sexualidade e da liberdade, ocasionando um “sangramento interior” - o prazer na penitência acaba sendo desvelado, como um alijamento de toda ação mediante uma pretendida falta de compromisso. A violência acaba por irromper na vida dessas personagens - geralmente frustradas e com medo -, em consequência da impossibilidade de negá-la, mesmo que ela seja sutil.

· *Violência Narrativa*: não é exatamente um estado de violência concreta, mas, está profundamente ligada aos romances pesquisados por Dorfman. Segundo ele, os narradores vêm consolidando um ato catártico violento na literatura, a partir do momento em que respaldam um olhar americano sobre a “realidade”. Nesse contexto, encontram-se as inovações técnicas e as descobertas lingüísticas, que incidem em uma exacerbação das formas. Dorfman acredita que os escritores contemporâneos vêm destruindo os esquemas tradicionais do tempo, do espaço e da linguagem. Trata-se de uma violência contra as formas estabelecidas, tradicionais, pontuadas por uma violação das regras sociais-literárias.

· Grupo IV: as formas simbólicas da violência geralmente centram-se em sua ritualização. Pierre Bourdieu¹⁴¹ descreve por quais parâmetros essa modalidade pode inscrever-se:

· *Violência Simbólica*: em linhas gerais, essa categoria prevê formas de assegurar a dominação de uma classe sobre outra. Os sistemas simbólicos devem ser vistos como instrumentos estruturados e estruturantes de

¹⁴¹ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa, Portugal, Difel, p. 11-2; 14-5; 95; 211-50, 1989.

comunicação e de conhecimento. Assim, é possível que estes cumpram a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, facilitando a “domesticação dos dominados”¹⁴². O simbolismo aqui assume um caráter de uma luta que se estabelece de acordo com interesses das diferentes classes, seja para definir o mundo social de seu ponto de vista, seja por imposição das tomadas de posições ideológicas, as quais acabam por situarem-se no campo das reproduções transfiguradas das posições sociais. Isso significa que os dominantes fazem uso de estratégias a fim de reforçar dentro da classe e fora da classe a crença na legitimidade da dominação da classe. Bourdieu também trata da *Violência Iconoclasta*, *Violência Política* e *Violência Institucional*, todas elas inseridas no campo dos sistemas simbólicos da luta pelo poder¹⁴³.

Após o exposto, é necessário extrair algumas poucas observações, poucas em consequência do âmbito do presente trabalho. As várias modalidades de violência foram agrupadas de maneira que atendessem às questões terminológicas. Isso não significa o modulamento de diferenciações bem demarcadas entre as referidas categorias, nem tampouco que todos os autores citados formularam-nas sem a utilização de rico referencial teórico.

A violência, inerente à condição humana, é contemporânea dos homens, portanto, os estudos na área remontam os tempos remotos, primitivos. Se analisadas do ponto de vista da organização social, as modalidades caracterizadas anteriormente poderiam ser agrupadas - genericamente com o mesmo sentido - da seguinte forma:

¹⁴² Expressão de Weber. Apud BOURDIEU, op. cit., p. 11.

¹⁴³ Idem, ibidem, p. 15; 48; 95; 199.

Violência nos Telejornais: a Realidade Espetacularizada

- Grupo A: *Violência Anômica, Violência Revolucionária, Violência Vertical e Social*
- Grupo B: *Violência Banal, Violência Inespacial e Interior*
- Grupo C: *Violência Totalitária, Violência Institucionalizada, Violência Instalada, Violência dos Poderes Instituídos, Violência Simbólica*
- Grupo D: *Violência Horizontal e Individual*
- Grupo E: *Violência Narrativa*
- Grupo F: *Violência Branca, Violência como Estado, Violência como Situação*
- Grupo G: *Violência Vermelha, Violência como Ato, Violência como Ação*

Observe-se que os dois últimos grupos podem ser aplicados nas demais modalidades de violência, entretanto, há de se considerar alguns fatores para as conseqüentes atribuições.

Por exemplo, No grupo A, pode-se atribuir a existência da *Violência Vermelha*. A *Violência Branca* parece estar mais presente no grupo B, embora a *Vermelha* possa eclodir em decorrência da primeira, principalmente se o caráter de opressão ou de dissimulação dos indivíduos acaba por atingir eles próprios ou ainda outros, gradativamente na forma de pequenos atos até os grandes atos de violência.

No grupo C, também a *Violência Branca* está mais em evidência, entretanto, não se pode ignorar a possibilidade de que a *Violência Vermelha* seja manifestada, ainda mais se determinada pelos aparelhos de Estado ou, em contrapartida, pelos cidadãos rebelados contra o Estado: nesse caso, o Grupo A seria manifestado.

Pode-se observar mais claramente a *Violência Vermelha* no Grupo D, mesmo que esta seja conseqüência de estados de violência.

Finalmente, a *Violência Narrativa* - incorporada ao Grupo E - não poderia ser enquadrada nos demais grupos que delineiam categorias de violência, em razão de ela situar-se além do âmbito das violências mais concretas.

2. Violência na TV: o Estado da Arte



Desde os primórdios do cinema, determinados conteúdos de filmes já estimulavam debates sobre a sua possível influência negativa no público. As primeiras campanhas de imprensa contra os “Nickels Odeons”¹ datam de 1909 (Estados Unidos) e de 1912 (França). O primeiro processo é instruído: “Contra o cinema, escola do vício e do crime; pelo cinema, escola de educação moralizadora e vulgarizadora.”²

Se o cinema primitivo já despertava indignação e protestos em relação ao conteúdo dos filmes exibidos, não seria de estranhar que este tipo de preocupação também passasse a ser canalizado para a programação televisiva, principalmente depois que o veículo consolidou-se como uma indústria para as grandes massas. No Brasil, isso ocorre a partir dos anos 60. Especialmente no final daquela década e no início da próxima (anos 70), começaram a emergir os questionamentos acerca do poder da TV e de seus efeitos sociais. “Constituem-se, particularmente, em nosso país, as teorias críticas em relação à televisão, que falam da ‘massificação da sociedade’, do controle da opinião pública, da industrialização das culturas populares, que, por influência da televisão, vão se tornando cada vez mais padronizadas, uníssonas.”³

Da mesma forma como no cinema da década de 10, o problema dos efeitos da comunicação de massas deixava um grupo de pessoas inquietas perante o desenvolvimento dos *mass media* e das suas presumíveis conseqüências. Isso significa que não foram os sociólogos ou outros especialistas que levantaram o problema, embora eles tenham se esforçado para fornecer elementos de resposta devido, principalmente, à ação social.⁴

¹ Os “Nickels Odeons” eram salas de projeção, construídas aos milhares após a Primeira Guerra Mundial com poucos recursos financeiros, com o objetivo de popularizar o cinema. (*Curso de cinema*, p. 7-1, s/d, s/ref.).

² POULAIN, E., Paris, 1916. Apud GLUKSMANN, A. “Efeitos das cenas de violência no cinema e na televisão”. In MOLES, Abraham A. et alii. *Linguagem da cultura de massas: televisão e canção*. Petrópolis (RJ), Vozes, p. 21, 1973.

³ MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão*. São Paulo, Scipione, p. 29, 1994.

⁴ BURGELIN, Olivier. *A comunicação social*. São Paulo, Martins Fontes, p. 185, 1970.

O período de 1900 a 1940 foi rotulado como a “era dos efeitos diretos”, em que se pensava que os meios tinham um impacto direto e indiferenciado em toda a audiência. A literatura na área sugere que o modelo dos “efeitos diretos” deriva da teoria da aprendizagem e dos modelos de estímulo-resposta da psicologia behaviorista. Entretanto, este não é o caso das pesquisas sobre crianças e os meios de comunicação.⁵

Os estudos do Payne Fund datados de 1933 representam uma visão detalhada dos efeitos dos filmes nas audiências. Eles dão conta de diversos tópicos como modelos imitativos, conhecimento sobre culturas estrangeiras, atitudes violentas e comportamento delinqüente. Estes estudos - 12 volumes de pesquisa conduzida pelos mais proeminentes psicólogos, sociólogos e educadores - chamaram significativamente a atenção, gerando revisão acadêmica e comentário crítico e transformando-se na base de recomendações das ações governamentais norte-americanas que resultaram no 1972 *Surgeon General's Committee on Television and Violence*.⁶

A maior conclusão a que chegaram os pesquisadores foi a de que o mesmo filme afetaria de maneira diferente crianças, dependendo da idade de cada uma, do sexo, das predisposições, percepções, meio social, experiências passadas e influências familiares. Deste modo, o relatório do Payne Fund - a despeito de ser pouco citado - foi similar à maioria dos resumos correntes de pesquisa sobre crianças e televisão. Um exemplo é a pesquisa realizada por Blumer⁷, intitulada “Movies, delinquency and crime”, cuja conclusão a respeito da influência de filmes em comportamentos criminosos denota que esta pode ser diametricamente oposta, dependendo da diversidade dos temas apresentados e do meio social, atitudes e interesses do observador.

⁵ WARTELLA, Ellen & REEVES, Byron. “Historical trends in research on children and the media: 1900-1960”. In *Journal of Communication*, Spring, vol. 35, n. 2, p. 120, 1985.

⁶ Idem, ibidem, p. 120-1.

⁷ BLUMER, H. & HAUSER, P. M. *Movies, delinquency and crime*. New York, Macmillan, 1933. Apud WARTELLA & REEVES, op. cit., p. 121.

Conclusões de outros pesquisadores também envolvem as diferenças afetivas e psicológicas. Dysinger e Ruckmick⁸ focalizaram as reações emocionais e Holoday e Stoddard⁹, as variáveis cognitivas. Tais pesquisas sugerem que os efeitos são mesmo condicionais. Baseando-se na medida fisiológica, os primeiros pesquisadores concluíram que as crianças apresentam ampla variação quanto ao estímulo emocional, principalmente dependendo da idade em que se encontram, o que relacionaria o tipo de comportamento expresso ao do entendimento e envolvimento com as informações presentes nos filmes. Os outros ateram-se à retenção da informação sobre conteúdos específicos e chegaram à conclusão de que determinadas ações foram melhor lembradas quando eram sobre esportes e crimes, quando continham componente emocional e quando ocorriam em ambientes familiares tais como a casa ou a escola.¹⁰

De forma geral, os psicólogos e educadores que contribuíram com o relatório do Payne Fund focalizaram suas pesquisas na aprendizagem, nas atitudes sociais, nas emoções, nos modelos e no desenvolvimento moral. Em contrapartida, os processos mentais foram estudados por Munsterberg¹¹ já na década de 10. Ele foi um dos primeiros psicólogos laboratoriais, discípulo de Wilhelm Wundt, reconhecido como o pai da psicologia experimental. A atenção mental, a memória, a imaginação e as emoções foram os elementos mais explorados em seu livro, publicado em 1916. Assim, o estudo das orientações cognitivas não se constituía em novidade para o vasto material do Payne Fund.

Cinema à parte, foi Eisenberg¹² quem conduziu o primeiro maior estudo dos efeitos do rádio no público infantil, cuja amostra da audiência somou 3.000

⁸ DYSINGER, W. S & RUCKMICK, C. A. *The emotional responses of children to the motion picture situation*. New York, Macmillan, 1933. Apud WARTELLA & REEVES, op. cit. p. 121.

⁹ HOLADAY, P. W. & STODDARD, G. D. *Getting ideas from the movies*. New York, Macmillan, 1933. Apud WARTELLA & REEVES, op. cit. p. 121.

¹⁰ WARTELLA & REEVES, op. cit., p. 121.

¹¹ MUNSTERBERG, Hugo. *The photoplay*. New York, Appleman, 1916. Apud WARTELLA & REEVES, op. cit., 122.

¹² EISENBERG, A. L. *Children and radio programs*. New York, Columbia University Press, 1936. Apud WARTELLA & REEVES, op. cit., 122.

crianças nova-iorquinas e seus pais. Examinando a frequência com que as crianças ouviam rádio e suas preferências por programas, o pesquisador foi taxativo quanto ao impacto do rádio na aprendizagem factual de crianças sobre o mundo, atitudes, imitação de comportamento e linguagem veiculados, bem como interesse em adquirir os produtos anunciados.

Embora os pesquisadores percebessem que os efeitos dos meios poderiam ser poderosos, eles também reconheceram que outros fatores, tais como o nível de desenvolvimento e a classe social da criança, modificariam o impacto causado pelos meios de comunicação. Portanto, é difícil encontrar evidência que reforce o conceito de “hypodermic needle”¹³ (“modelo do observador hipodérmico”) através dos estudos dos efeitos que focalizam as crianças e os *media* até o final dos anos 30. A referida década foi uma das mais ricas para a pesquisa nessa área, desenvolvida principalmente nos Estados Unidos.

De contribuição inquestionável foram os resultados alcançados pelos estudiosos do Payne Fund, principalmente porque estes revelaram as contradições presentes na teoria dos “efeitos diretos”. Assim, o período que compreende os anos 40 aos 60 propiciou o desenvolvimento conceitual do modelo dos “efeitos indiretos”. Em 1941, Herzog¹⁴ realizou pesquisa a respeito dos hábitos das crianças de ouvir rádio, cujos resultados apontaram para uma relevância nas diferentes idades do universo amostral no que tange às preferências por determinados programas, bem como à aprendizagem direta da informação recebida e dos padrões de conduta veiculados.

Na década de 40, estudiosos examinaram uma extensa classificação de efeitos do rádio, tais como a influência do drama na produção de reações

¹³ Tal termo foi cunhado pelo cientista político Harold Laswell durante sua análise das técnicas de propaganda da Primeira Guerra Mundial, cujo significado é aquele que denota que as mensagens têm um impacto direto e indiferenciado nos indivíduos. Daí o período de 1900-1940 ter sido tachado de a “era dos efeitos diretos”, a despeito dos estudos que acabaram por substituir esta vertente justamente pela vertente que remete à oposição conceitual da primeira.

¹⁴ HERZOG, H. *Children and their leisure time listening to the radio*. New York, Radio Council on childrens's programs, 1941. Apud WARTELLA & REEVES, op. cit., 122.

emocionais diferentes nas crianças¹⁵, diferenças psicológicas em suas habilidades na distinção entre realidade e fantasia¹⁶ e a influência do meio no desempenho escolar¹⁷.

Os poucos estudos sobre crianças e os meios de comunicação relatados pelo "Columbia Bureau of Applied Social Research" não utilizam um modelo de "efeitos indiretos" na análise do impacto dos *media* na infância. Pesquisas elaboradas por Meine e Wolf e Fisk são notáveis porque incluem explicações psicológicas dos efeitos dos meios e porque não incluem o modelo dos "efeitos indiretos", mais identificados com a escola de Columbia do que efeitos diferenciados baseados nas idéias sociológicas sobre liderança de opinião ou múltiplos níveis na disseminação da informação.¹⁸

Meine¹⁹ encontrou uma relação direta entre o consumo de revistas e notícias veiculadas pelo rádio por crianças e seu conhecimento dos assuntos correntes, mesmo depois de serem divididas por idade, sexo e inteligência. Do mesmo modo, Wolf e Fisk²⁰ conduziram um estudo extensivo sobre crianças e os quadrinhos os quais previram muitos dos conceitos que seriam discutidos como novas idéias, mais tarde, na pesquisa sobre televisão. Crianças foram conduzidas a passar por três estágios qualitativos diferentes de sofisticação em suas habilidades para ler e entender os quadrinhos. As experiências, mediadas pelas mães, foram defendidas por quase todas, todavia, poucas delas realmente proibiram seus filhos de ler os quadrinhos.

¹⁵ DEBOER, J. J. "Determination of children's interests in radio drama". *Journal of Applied Psychology* 21, p. 456-63, 1937. Idem. "Radio and children's emotions". *School and Society* 50, p. 290-5, 1939. Apud WARTELLA & REEVES, op. cit., 123.

¹⁶ JERSILD, A. T. *Child psychology*. New York, Prentice-Hall, 1940. Apud WARTELLA & REEVES, op. cit., 123.

¹⁷ HERZOG, op. cit. Apud WARTELLA & REEVES, op. cit., 123.

¹⁸ WARTELLA & REEVES, op. cit., 123.

¹⁹ MEINE, F. J. "Radio and the press among young people". In LAZARSELD, P. & STANTON, F. (eds.). *Radio research*. New York, Duell, Sloan and Pearce, 1941. Apud WARTELLA & REEVES, op. cit., 123.

²⁰ WOLF, K. M. & FISK, M. "The children talk about comics". In LAZARSELD, P. & STANTON, F. (eds.). *Communications research 1948-1949*. New York, Harper, 1949. Apud WARTELLA & REEVES, op. cit., 123.

Na década de 50, os usos e as preferências por determinados programas de televisão predominaram na literatura sobre o tema. Nesse período, pesquisadores como Rowland declaram que o modelo dos “efeitos indiretos” tornou-se preponderante - mesmo havendo noções desarticuladas sobre esses efeitos -, bem como os primeiros estudos da influência da televisão em crianças foram sendo conduzidos.²¹

Uma das contribuições essenciais da sociologia dos meios de comunicação de massa em torno da problemática dos efeitos pode ser assim resumida:²²

1) A comunicação de massas não é normalmente uma condição necessária e suficiente de efeitos sobre a audiência. Ela se exerce no âmbito de um conjunto de influências e de fatores mediatos ou por seu intermédio (Klapper);

2) “Estes fatores mediatos são de tal natureza que, em geral, tornam a comunicação de massas num dos agentes, mas não na causa única de um processo de reforçamento das condições existentes” (Klapper);

3) A investigação está mais apta a interrogar-se com êxito sobre aquilo que a audiência faz da comunicação de massas do que sobre aquilo que a comunicação de massas faz da audiência (Katz, Schramm).

A análise destes três aspectos indica uma tendência a rejeitar a problemática dos efeitos diretos. No primeiro caso, não há uma causa isolável. No segundo, não há um efeito marcado. No último, a investigação profunda é aquela que implica a relação da noção de função, ou seja, de procura.²³

A passividade, a evasão²⁴ e a violência constituem três dos chamados efeitos da comunicação de massas. “A violência é o mais interessante e o mais estudado

²¹ ROWLAND, W. *Politics of TV violence*. Beverly Hills, Cal.:Sage, 1982. Apud WARTELLA & REEVES, op. cit., 123.

²² KLAPPER, J. T. *The effects of mass communication*. Glencoe, 1960. KATZ, E. & LAZARSFELD, P. F. *Personal influence*. Glencoe, 1955. SCHRAMM, Wilbur. *Mass communications*. Urbana, 2. ed., 1960. Idem. *The process and effects of mass communication*. Urbana, 1954. Apud BURGELIN, op. cit., p. 187.

²³ BURGELIN, op. cit., p. 187.

²⁴ A evasão e a passividade serão tratadas com mais propriedade no sub-item 2.3. deste capítulo.

dos efeitos alegados.”²⁴ Esse tipo de pesquisa começou a ser desenvolvido em larga escala principalmente a partir dos anos 60, quando a televisão atingiu o *status* de indústria, atingindo as massas. As investigações sobre os possíveis efeitos gerados por outros meios de comunicação, como o cinema e o rádio, exerceram influência sobre as pesquisas na área de violência na TV.

Uma das justificativas para que os efeitos da violência sejam amplamente estudados encontra respaldo na relevância que os pesquisadores dão à quantidade de cenas desta natureza presentes nos meios de comunicação de massa. Os dados mais antigos datam de 1935²⁵: em 115 filmes policiais, eram cometidos 406 crimes e 45 desses filmes colocavam em cena um assassinato. Em 1951²⁶, Mirams quantificou 659 crimes ou atos de violência relativamente a 100 longas metragens, ou seja, uma média de 6,6 por filme.

Já na televisão dos Estados Unidos do final da década de 60 um ato de violência ou uma ameaça violenta era transmitida de dez em dez minutos em média. Ao estudar as médias metragens realizadas especialmente para a televisão, Head encontrou 3,7 atos “de agressão ou transgressão moral” por emissão; detectou um maior número deles nos filmes destinados às crianças (7,6) do que nos filmes policiais (5,1). Himmelweit, na mesma ocasião, observou que 20% dos programas difundidos nas horas em que as crianças mais assistiam à televisão eram dedicados à violência e à agressão.²⁷

No início dos anos 90, o adolescente americano médio assistia a 28 horas de televisão por semana, cerca de seis vezes mais tempo que o gasto com os deveres de casa. Na época em que as crianças estão na 6ª série, já testemunharam 8.000 assassinatos e 100.000 outros atos de violência televisiva.²⁸ Uma outra pesquisa

²⁴ Idem, *ibidem*.

²⁵ DALES, E., 1935. Apud GLUCKSMANN, op. cit. Apud BURGELIN, op. cit., p. 204.

²⁶ GLUCKSMANN, op. cit. Apud BURGELIN, op. cit., p. 204.

²⁷ Idem, *ibidem*, p. 204-5.

²⁸ HEALY, J. *Endangered minds: Why our children don't think*. New York, Simon & Shuster, 1990. Apud STRAUS, Martha B. *Violência na vida dos adolescentes*. São Paulo, Círculo do Livro/Editora Best Seller, p. 293, 1994. A estatística ora mencionada não inclui o tempo que os adolescentes passam vendo vídeos violentos ou jogando *games* violentos.

feita nos Estados Unidos mostrou que um telespectador médio, ao atingir 18 anos, terá assistido a 3.200 homicídios e 250.000 atos de violência na televisão.²⁹

Um espectador brasileiro que fique na frente da televisão pelo menos duas horas por dia também contemplará doses maciças de violência, considerando uma pesquisa realizada em 1990 durante uma semana em quatro redes nacionais - Globo, Bandeirantes, Manchete e SBT. Os resultados demonstram que a veiculação de violência é uma das principais receitas para conquistar a audiência. Os números são alarmantes: 1.940 tiros; 886 explosões; 651 brigas; 233 trombadas de carro; 56 facadas; 23 cenas de tortura.³⁰

No Brasil, uma criança de cinco anos que fique na frente do aparelho duas horas por dia, ao fim de um ano terá sido exposta a mais de 12.600 estampidos de tiros. "Até atingir a maioridade, essa criança teria tomado contato com (...) mais de 163.000 tiros."³¹

Segundo Straus³², a pesquisa sobre os efeitos de testemunhar violência na televisão é bastante coerente, embora o grau desses efeitos pareça variar. A revisão de literatura acerca da influência da TV sobre o comportamento violento indica que as pesquisas são contraditórias. Algumas procuram demonstrar que a televisão não é nociva. Outras, exatamente o contrário. Mas, um estudo realizado por Huesmann durante 22 anos chama a atenção: durante os dois anos de vigência da pesquisa, crianças de 9 e 10 anos - divididas em quatro grupos - foram expostas a doses diferentes de violência televisada e chegaram a ver cerca de 8.000 assassinatos. O grupo mais exposto apresentou, na idade adulta, 150% mais

²⁹ VEJA. *Sexo, socos e babás*. São Paulo, Abril, n. 26, 4 de julho, p. 56, 1990.

³⁰ Idem, *ibidem*, p. 51. Para obter uma espécie de "raio X" da programação da TV brasileira, a revista solicitou à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) a quantificação de cenas de nudez, erotismo e violência ao longo de uma semana nos quatro maiores canais comerciais da época. A contagem foi feita de 28 de maio a 3 de junho de 1990 por alunos do curso de Rádio e TV da referida Universidade das oito da manhã até ao início dos filmes que encerram a programação das quatro emissoras, incluindo os noticiários, anúncios e chamadas de programação. Por estarem fora do âmbito deste trabalho, os números concernentes à veiculação de sexo e erotismo não serão mencionados.

³¹ Idem, *ibidem*, p. 53.

³² STRAUS, op. cit., p. 293.

ocorrências policiais do que o menos exposto.³³ A pesquisa chama a atenção não somente pelos resultados obtidos, mas, principalmente pelo fato de a própria condução de estudos dessa natureza parecer implicar danos de alguma ordem no universo amostral, submetido - em nome da ciência (?) - a uma avalanche de cenas violentas ainda na infância.

Contradições à parte, é senso comum que as redes de televisão de todo o mundo veiculam conteúdos ligados à violência, principalmente quando existem imagens capazes de atrair ainda mais a atenção dos espectadores. Mas os números da violência mediatizada pela televisão como os divulgados pela revista "Veja" em 1990 parecem surpreender até mesmo os proprietários de emissoras e os profissionais da área. "Jamais imaginei que a televisão brasileira estivesse apresentando tal quantidade de cenas chocantes"³⁴, afirmou Silvio Santos, dono do SBT, ao tomar contato com a pesquisa. Vale ressaltar que o proprietário da segunda maior emissora do País foi um dos grandes responsáveis em colocar no ar o telejornal "Aqui Agora", um dos objetos desta pesquisa, selecionado justamente por ser exemplar no que tange à espetacularização da realidade e pela veiculação de conteúdos violentos.

Bruna Lombardi, apresentadora da rede Bandeirantes na ocasião da pesquisa divulgada pela "Veja", disse o seguinte: "A TV provoca uma banalização do terror até o ponto de anular as reações e os sentimentos das pessoas com relação à violência."³⁵ Embora a afirmação não seja respaldada por pesquisas científicas, seus conteúdos, em certa medida, encontram eco nos resultados de dois estudos: um deles, extenso, realizado em 1972 para o governo americano - mencionado no início deste capítulo - e outro, elaborado dez anos depois, patrocinado pelo Instituto de Saúde Mental dos Estados Unidos. As conclusões de ambos são semelhantes: o telespectador habitual de violência tende a encarar a brutalidade

³³ Roswell Huesmann é antropólogo da Universidade de Illinois, Estados Unidos. Apud PRADO, Ricardo Chaves. "Tempo de violência". In *Super Interessante*, Abril, n. 11, p. 44, novembro de 1996.

³⁴ VEJA, op. cit. p. 51.

³⁵ Idem, ibidem, p. 53.

com menos traumas e, ele próprio, a ser mais violento.³⁶

“A televisão é um espelho do mundo lá fora, refletindo uma realidade muito violenta”³⁷, afirmou Marília Gabriela, também apresentadora na época (1990) da TV Bandeirantes. Ela relatou que seu filho mais velho já fora assaltado cinco vezes, uma delas em um parque de diversões. E indagou: “Será mentira ou exagero o que passa na TV?”³⁸

Tal pergunta também reflete uma tendência de opinião de que a televisão tem impacto e influência sobre a sociedade, fazendo parte dela, expressando de alguma maneira o modo de ser dessa sociedade. Da mesma forma como as pesquisas a respeito da influência da televisão sobre o comportamento violento são contraditórias, esse tipo de opinião resvala no mesmo sentido. Assim, os resultados de estudos nesse campo acabam por registrar tendências no público, e não relações diretas de causa e efeito.

“Embora a idéia de que a violência é nefasta esteja provavelmente mais espalhada do que a idéia contrária - pelo menos entre as pessoas que expressaram publicamente a sua opinião -, ela está longe de ter sempre a mesma significação entre aqueles que a exprimem.”³⁹

Uma classificação sumária⁴⁰ de opiniões a respeito da violência presente nos meios de comunicação de massa pode ser assim elencada:

1ª) A tomada de posição que liga a violência ao incitamento é a mais tradicional e a mais freqüentemente expressa. Assistir à representação de comportamentos violentos levaria o espectador a reproduzi-los na vida real. Assim, esta vertente relaciona o desenvolvimento da delinquência, principalmente juvenil, aos meios de comunicação, os quais são tachados como “escolas do crime”.

³⁶ Idem, ibidem.

³⁷ Idem, ibidem, p. 52.

³⁸ Idem, ibidem.

³⁹ BURGELIN, op. cit., p. 206.

⁴⁰ Idem, ibidem, p. 206-8.

2ª) Pondera-se que há um efeito de acumulação, independentemente dos efeitos específicos imediatos de determinados espetáculos. As cenas de violência são vistas como nefastas, principalmente nos Estados Unidos e na França. Pelo menos duas são as interpretações possíveis a respeito desta opinião: a de que a acumulação reforça o incitamento, ou seja, o espectador, após exposto à violência mediatizada, começaria gradualmente a agir tal qual as cenas a que assistiu e a de que o espectador passaria a encarar a violência como algo banal, positivo e saudável.

3ª) Os defensores da tese de que os efeitos das cenas de violência podem ser catastróficos levam em consideração os aspectos psicológicos ou morais dos indivíduos. Os que apresentam condutas desequilibradas estariam mais predispostos à influência dos meios de comunicação, bem como as crianças, menos preparadas do que os adultos.

4ª) Para muitos dos que acreditam que a violência é nociva, independe situá-la quanto aos seus possíveis efeitos sociais, mas, torna-se relevante considerar seu potencial traumático, especialmente em crianças mais novas. As imagens veiculadas pelos meios de comunicação, particularmente, são temidas por poderem causar perturbações psíquicas. Esta talvez seja a tese mais universalmente admitida.

5ª) Para outros, não desfavoráveis à violência mediatizada, o problema dos efeitos das cenas dessa natureza não deveria sequer ser posto: "O espetáculo é uma coisa, a vida é outra e qualquer homem, qualquer criança, depois de ultrapassados os primeiros anos, faz perfeitamente a distinção entre os dois domínios, tanto em pensamento quanto em atos."⁴¹ Os adeptos desta vertente consideram as exceções, entretanto, são contrários a responsabilizar os meios de comunicação por essas mesmas exceções.

6ª) Finalmente, as cenas de violência podem ter efeitos benéficos, segundo diversos autores. Os espectadores, principalmente as crianças, libertar-se-iam de sua agressividade ao investi-la em um objeto, no caso, nos conteúdos e imagens

⁴¹ Idem, ibidem, p. 208.

violentos mediatizados. Trata-se aqui, da teoria formulada por Aristóteles sobre a catarse⁴².

A cada meio de comunicação que foi sendo introduzido nas sociedades, os debates decorrentes deles foram alimentados por pesquisas sobre os inúmeros efeitos, como é possível observar nas seis tendências de opinião citadas anteriormente. Estudos sobre a violência mediatizada que tiveram início nos anos 20 vêm sendo intensificados durante as últimas décadas e aplicados, principalmente, ao cinema e à televisão. Durante os últimos 17 anos, o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação propiciou outras pesquisas, relacionadas ao vídeo, aos jogos eletrônicos e à Internet. Para Feilitzen⁴³, a quantidade de violência presente nos meios de comunicação tem aumentado, considerando a existência de outros *media*. A partir desta ótica, ela valoriza a possibilidade de haver efeitos cumulativos, mas aponta especialmente a importância da competição entre os meios e sua globalização e privatização.

“O fato é que os Estados Unidos distribuem a maior parte da violência nos meios de comunicação do mundo.”⁴⁴ De acordo com uma análise de conteúdo de 1993, os programas americanos veiculados na televisão alemã continham quatro vezes mais violência do que os programas do país de origem.⁴⁵

Na Alemanha, pesquisadores preocupam-se mais com a violência branca, indireta, muitas vezes sutil. “As considerações sobre a violência na televisão não deveriam se limitar à violência física, uma vez que o cinismo e a violência socialmente estruturada também são traumáticos.”⁴⁶ De acordo com Schorb,

⁴² A catarse será tratada com mais especificidade no sub-item 2.2.

⁴³ FEILITZEN, Cecilia von. “Introduction; Children and violence on the screen”. In CARLSSON, Ulla & FEILITZEN, Cecilia von (ed.). In *Children and media violence*. Sweden, Nordicom, The UNESCO International Clearinghouse on Children and Violence on the Screen, Göteborg University, p. 45, 1998. A pesquisadora é coordenadora científica do Clearinghouse.

⁴⁴ Idem, *ibidem*.

⁴⁵ GROEBEL, Jo & GLEICH, Uli. *Gewaltprofil des deutschen Fernsehprogramms: Eine Analyse des Angebots privater und öffentlich-rechtlicher Sender*. Schriftenreihe Medienforschung der Landesanstalt für Rundfunk Nordrhein-Westfalen, 6. Opladen, Leske+Budrich, 1993. Apud FEILITZEN, op. cit., p. 45.

⁴⁶ SCHORB, B. et. alii. *Gewalt im Fernsehen-Gewalt des Fernsehens? (Violência na televisão-violência da televisão?)* Sindelfingen, Expert Verlag, 1984. Apud TERRERO, José Martínez de Toda

Schneider-Grube e Teunert, devem ser considerados a condição e o contexto social onde vivem os entrevistados, já que estes elementos podem exercer maior influência nos espectadores do que qualquer ato especialmente violento ao qual possam ser expostos. Também avaliam que é necessário reduzir o nível de violência na sociedade, caso contrário, a violência nos meios de comunicação não poderá ser resolvida com alguma eficiência.⁴⁷

Outras tendências da pesquisa alemã na área procuram determinar os tipos e os níveis de ansiedade das crianças após assistirem a filmes de terror na televisão ou no vídeo.⁴⁸ Considerar o contexto liberal da família e da sociedade torna-se relevante em estudo dos efeitos da violência na TV sobre as crianças⁴⁹, assim como identificar as fantasias de agressão apresentadas por aquelas com dificuldades de aprendizagem.⁵⁰ A relação entre o terrorismo e os meios de comunicação de massa também incorporam estudos nesse campo.⁵¹

Cenas de violência originárias dos Estados Unidos também estão muito presentes nas programações televisivas da Suécia, o que reforça os resultados demonstrados na análise de conteúdo realizada na TV da Alemanha. Pesquisa nesse sentido foi feita em 1996, a partir de coleta e análise de toda a programação

y. "A violência nos meios de comunicação". In *Comunicação & Educação*. São Paulo, Moderna, USP, n. 8, p. 45, janeiro/abril, 1997. Artigo originalmente publicado em BERNATZKI, William E (ed.). *Communication Research Trends* (Tendências da Pesquisa em Comunicação). Estados Unidos, Centro para o Estudo da Comunicação e Cultura da Universidade de St. Louis, n. 4, v. 13, 1993.

⁴⁷ Idem, ibidem.

⁴⁸ BEDDIG, Hermann. "Folgen der Angst: Zur Wirkungen von Gewaltdarstellungen in den medien". ("Consequências do medo: resultados da demonstração da violência na mídia"). In *Medien Praktisch*, p. 55-8, n. 4, 1985. Apud TERRERO, op. cit., p. 45. Os resultados da pesquisa foram baseados em desenhos feitos pelas crianças após terem assistido aos conteúdos mencionados.

⁴⁹ KRAUS, Jobst. "Gewalt in den medien: Gefahr für Kinder oder harmlose Zerstreuung?" ("Violência nos meios de comunicação: perigo para as crianças ou distração inofensiva?"). In *Medien Praktisch*, n. 4, 1986. Apud TERRERO, op. cit., p. 45.

⁵⁰ SCHULTZ, Werner. "Gewaltphantasien ernst nehmen: ein videoprojekt in der Sonderschule". ("Levar a sério fantasias de violência: um projeto de vídeo para escolas especiais") In *Medien Praktisch*, n. 4, 1986. Apud TERRERO, op. cit., p. 45. Neste estudo, foi solicitado para que as crianças criassem seus próprios vídeos.

⁵¹ WOERDEMANN, F. "Mobilität, technik und kommunikation als strukturelemente des terrorismus". ("Mobilidade, técnica e comunicação como elementos estruturais do terrorismo") In *Extremismus im Demokratischen Rechtsstaat*. Bonn, Bundeszentrale für Politische Bildung (Departamento de Formação Política), 1978. Apud TERRERO, op. cit., p. 45.

apresentada por seis canais, exceto os telejornais: 62% das seqüências puramente violentas vieram dos EUA.⁵²

Feilitzen⁵³ chama a atenção para o fato de que essa “onipresença” norte-americana nos *media* de tantas partes do mundo não é válida somente para os programas televisivos e produções finalizadas em vídeo ou película e posteriormente distribuídas aos quatro cantos, mas, também, atinge os quadrinhos, os jogos eletrônicos (*videogames*), entre outros.

Muitos países estão preocupados com essa concentração de poder em torno dos programas e filmes importados, pois essa política comercial, rentável para a indústria do entretenimento, não leva em conta as variações culturais dos países envolvidos, resultando em uma padronização na exibição de determinados formatos audiovisuais, culminando, de certa forma, na “morte” de culturas regionais e nacionais, ou seja, no etnocídio simbólico.

Há, por vezes, tentativas de contrabalançar a emissão de produtos estrangeiros com produções próprias, entretanto, nem sempre esse tipo de empreendimento consegue subsistir em determinados países. Por exemplo, o Japão e a Índia exportam muitos programas televisivos e filmes para outros países asiáticos; a Austrália, vários programas também para a Ásia e países que falam o idioma inglês; o Brasil, para a América Latina etc.⁵⁴ Dessa forma, existem tentativas, infelizmente distantes da coletividade em seu sentido mais estrito, de alterar as legislações vigentes que regulamentam o funcionamento da indústria televisiva, a fim de procurar garantir uma menor invasão dos chamados “enlatados”, ainda mais quando estes veiculam um fenômeno tão importante como a violência, vista de maneiras muito distintas de acordo com os dados históricos e culturais das nações.

⁵² CRONSTRÖM, Johan & HÖIJER, Birgitta. *40 timmar vald i veckran - en studie av vald i sex svenska TV-kanaler* (40 hours of violence per week - a study of violence on six Swedish TV channels). Kulturdepartementet, Valdsskildringsradet, n. 14. Apud FEILITZEN, op. cit., p. 45

⁵³ FEILITZEN, op. cit., p. 46.

⁵⁴ Idem, *ibidem*.

Nos países do Leste Europeu, após a queda do Muro de Berlim, em 1989, a população passou a estar mais exposta a programas televisivos e filmes com conteúdos considerados violentos e pornográficos produzidos por nações fronteiriças. Essa situação acabou por gerar, na década de 90, um tipo de legislação mais protecionista na maioria dos países dessa região, principalmente no que tange à exibição de violência nos meios audiovisuais.

Um estudo realizado na Tchecoslováquia, em 1980, pela Organização Internacional dos Jornalistas, partiu da suposição de que há efeitos prejudiciais da exposição prolongada à violência na televisão. Neste país, na ocasião ainda comunista, foram examinadas crianças que assistiam à violência em demasia: houve indicações de que elas imitam os comportamentos violentos representados; que manifestam estresse e são incapazes de controlar suas emoções; na tentativa de resolução de seus problemas, tendem a recorrer à violência; aceitam melhor os aspectos da violência padrões em sua sociedade; estão mais sujeitas a sentimentos de medo e horror, podendo tornar-se insensíveis à violência observada por elas. Os indicativos a respeito do público que tem preferência por uma programação violenta demonstram que essa população, inicialmente, já é mais agressiva ou desfavorecida socialmente; sem orientação dos pais, esse tipo de espectador aceita a violência com mais facilidade; é mais sujeito a cometer um ato agressivo o universo que se sente mais zangado, frustrado ou instável enquanto assiste a cenas violentas na TV; há uma relação entre ações violentas exibidas com a facilidade de imitação.⁵⁵

Embora tenham sido esparsas as pesquisas na Noruega e na Dinamarca - mas considerando que estas cresceram no último período -, o mesmo não se verifica em relação à Finlândia e à Suécia. É importante ressaltar que a violência na televisão aumentou entre 1984 e 1987 e, desse modo, continua até hoje (1993), não apenas na ficção mas também no espaço dedicado aos “fatos reais”, como cenas cotidianas

⁵⁵ ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE JORNALISTAS. *Children and the mass media. (Crianças e a mídia)*. Praga, IOJ, 1980. Apud TERRERO, op. cit., p. 45-6.

da guerra da Bósnia, guerra e fome em vários países da África, conflitos étnicos na antiga União Soviética etc.⁵⁶ “Pesquisadores da Europa Ocidental têm se concentrado, sobretudo, na relação entre atos terroristas e a maneira como são apresentados pela mídia.”⁵⁷

Crianças expostas à grande quantidade de violência na televisão da Finlândia mostram-se, a longo prazo, cada vez mais agressivas, embora haja um diferencial no quesito sexual: nos meninos, foi relevante o grau de identificação com as personagens para justificar os comportamentos agressivos posteriores, mas, nas meninas, esse tipo de efeito não encontrou respaldo. A conclusão a que chegou este estudo foi a de que assistir a cenas de violência aumenta a agressão. Como em outras vertentes, foi possível detectar um indicativo de que a escolha de programas mais violentos é feita por crianças agressivas.⁵⁸ Outros apontamentos resvalam na avaliação de que a agressividade não está ligada ao nível sócio-econômico, assim como o aumento da violência na programação pouco tem a ver com a agressividade do espectador.

Por não terem prestado atenção devida ao contexto social, Feilitzen⁵⁹ criticou Viemero e Bjorkqvist⁶⁰, que concluiu em sua pesquisa que a ansiedade sobre a violência geralmente não está presente em um indivíduo no momento em que ele age de maneira agressiva.

Os “indicadores culturais”, amplamente difundidos no final dos anos 70 por George Gerbner tanto na pesquisa holandesa quanto na sueca foram mencionados

⁵⁶ TERRERO, op. cit., p. 44.

⁵⁷ Idem, ibidem.

⁵⁸ VIEMERO, Vappu. *Relationships between filmed aggression and violence. (Relação entre a agressão filmada e a violência.)* Turku (Finlândia), Abo Akademi, 1986. Finlândia, Tese de Doutorado, Universidade Sueca. Apud TERRERO, op. cit., p. 46.

⁵⁹ FEILITZEN, Cecilia von. “Book review of the dissertations by Bjorkqvist and Viemero”. (“Revisão da literatura das dissertações de Bjorkqvist e Viemero”) In *Nordicon - Review of Nordic Mass Communication Research*, n. 1, p. 27-39, 1987. Apud TERRERO, op. cit., p. 46.

⁶⁰ BJORKQVIST, Kaj. *Violent filmes, anxiety and aggression: experimental studies of the effect of violent films on the level of anxiety and aggressiveness in children. (Filmes violentos, ansiedade e agressão: estudos experimentais do efeito de filmes violentos no nível de ansiedade e agressividade da criança)* Turku (Finlândia), Abo Akademi, 1985. Finlândia, Tese de Doutorado, Universidade Sueca. Apud TERRERO, op. cit., p. 46.

por Gunter⁶¹. Os resultados do estudo longitudinal de Hedinsson⁶² junto a mil jovens na mesma época até o começo dos anos 80 mostraram que, quanto mais envolvidas com a TV, mais exagerada era a percepção das crianças dos índices de criminalidade na sociedade. "Aqueles que assistiam mais à TV estavam à frente das outras em um índice de retribuição, destinado a refletir até que ponto um indivíduo deseja que os malfeitores sejam punidos."⁶³ O julgamento e a interpretação da violência no vídeo e na TV também foram objetos de pesquisa elaborada no mesmo período em uma classe de estudantes da Suécia.⁶⁴

Durante um período de três anos, outro estudo feito no mesmo país em 1987 tratou dos gêneros e da violência na TV. Através de métodos qualitativos, foram investigados os motivos que levam as pessoas a assistir à violência na televisão e no vídeo. Os resultados acabaram por ligar o consumo dos meios de comunicação de massa com as atitudes e valores dos espectadores.⁶⁵ Em um projeto de pesquisa internacional de seis nações que estuda o relacionamento entre o comportamento social de crianças e um número de variáveis ligadas ao seu *back-ground*, encontram-se as pesquisas de Lagerpetz e Viemero da Finlândia.⁶⁶

Já na Espanha, pesquisadores enfatizam a responsabilidade moral, política e profissional dos *media* em situações de emergência e dão grande relevância ao papel dos serviços de informação. O seqüestro de Aldo Moro, na Itália, em 1978,

⁶¹ GUNTER, Barrie. *Television and the fear of crime. (A televisão e o medo do crime)* London, IBA e John Libbey, 1987. Apud TERRERO, op. cit., p. 46.

⁶² HEDINSSON, E. *TV, family and society: the social origins and effects of adolescents TV use. (TV, família e sociedade: as origens sociais e os efeitos do uso da TV pelos adolescentes)* Stockholm (Alemanha), Almqvist e Wiksell International, 1981. Ver também HEDINSSON, E. & WINDAHL, S. "Cultivation analysis: a Swedish illustration". ("Análise da cultura: uma ilustração sueca") In *Cultural indicators: an international symposium (Indicadores culturais: um simpósio internacional)*. MELISCHEK, G. & ROSENGREN, K. E. & STAPPERS, J (eds.). Viena (Áustria), Austrian Academy of Sciences (Academia Austríaca de Ciências), 1984. Apud TERRERO, op. cit., p. 46.

⁶³ TERRERO, op. cit., p. 46.

⁶⁴ Esta pesquisa foi conduzida por Ulle Holmberg. GUNTER, op. cit. Apud TERRERO, op. cit., p. 47.

⁶⁵ Estudo realizado por Jan Erik Norlund. Apud TERRERO, op. cit., p. 47.

⁶⁶ LAGERSPETZ, K. & VIEMERO, V. "An international investigation of televised violence and aggression in children". ("Uma investigação internacional da violência e agressão na televisão e seus efeitos sobre a criança") In *Nordicon - Review of Nordic Mass Communication Research*, n. 2, 1982.

foi objeto de estudo do comportamento e do papel dos meios de comunicação, assim com os incidentes políticos na Espanha em fevereiro de 1981.⁶⁷ O terrorismo e a mídia, a partir de uma perspectiva semiótica⁶⁸, e o terrorismo e a lei de imprensa também são focos de estudos realizados nesse país⁶⁹.

Assim, o terrorismo é o ponto de interesse das pesquisas realizadas na Itália. O seqüestro de Aldo Moro recebeu tratamento sociológico e dramático por Wagner-Pacifi⁷⁰. Dois volumes abordaram o terrorismo e a televisão⁷¹. Os efeitos dos estereótipos nos *media* foram discutidos por Tomorra⁷². A máfia foi o problema específico de Iozzia e Priulla⁷³. A revisão de um período de 30 anos da pesquisa dos meios de comunicação na Itália também mereceu atenção. O principal resultado é o que considera a influência da cultura católica nos objetivos sociais e educacionais dos meios de comunicação de massa.⁷⁴

Gerbner teve muita influência na Europa, particularmente com relação à discussão da violência. Um livro seu, publicado em 1987⁷⁵, em Paris, teve grande significância para as pesquisas na área. Mas, estudiosos franceses, já em 1983, afirmavam: “A influência da mídia não é pequena no colapso da comunicação entre

⁶⁷ MORCELLINI, Mario & AVALLONE, Franco. “The mass media in an emergency situation”. (“Os meios de comunicação de massa em situações de emergência”) In *Analisi*, n. 4, p. 15-44, 1981. Apud TERRERO, op. cit., p. 47.

⁶⁸ Tema da tese de Doutorado de Miguel Rodrigo, defendida em 1987 na Universidade de Barcelona. Apud TERRERO, op. cit., p. 47.

⁶⁹ Também em 1987, estudo feito na Universidade de Navarra, Pamplona. Apud TERRERO, op. cit., p. 47.

⁷⁰ WAGNER-PACIFICI, Robin. *Terrorism as social drama: the Moro morality play. (Terrorismo e drama social: a história da moralidade do caso Moro)* Chicago, University of Chicago Press, 1987. Apud TERRERO, op. cit., p. 51.

⁷¹ MORCELLINI, Mario, ELLIOT, Phillip, MURDOCK, Graham, RATH, Klaus, SCHLESINGER, Philip. *Terrorismo e TV* (2 vols.) - v. 1 por Morcellino; v. 2 por Elliot, Murdock, Rath e Schlesinger. Roma, RAI, 1982. Apud TERRERO, op. cit., p. 51.

⁷² TOMORRA, Amato Lamberti. *Analisi stereotipi*. Roma, RAI, 1985. Apud TERRERO, op. cit., p. 51.

⁷³ IOZZIA, Giovanni & PRIULLA, Graziella. *Dal silenzio al rumore*. Roma, RAI, 1985. Apud TERRERO, op. cit., p. 51.

⁷⁴ MANCINI, Paola. “Between normative research theory of forms and content: Italian studies on mass communication”. (“Entre a pesquisa normativa e a teoria de formas e conteúdos: estudos italianos dos meios de comunicação de massa”) In *European Journal of Communication*. Londres, SAGE, v. 1, p. 97-115, 1986. Apud TERRERO, op. cit., p. 51.

⁷⁵ GERBNER, George. *Violence and terror in the mass media. (Violência e terros nos meios de comunicação de massa)* Paris, Unesco, 1987. Apud TERRERO, op. cit., p. 48.

os indivíduos e na perda das diretivas éticas. Uma ideologia de segurança é estimulada pela mídia em sua constante promoção de uma noção de insegurança. Métodos de auto-defesa são sugeridos e legitimados, promovendo uma espiral de violência na sociedade.”⁷⁶ Em outro estudo, pontua-se que a televisão, para os adolescentes, é acima de tudo, uma maneira fácil de escapar das responsabilidades sociais.⁷⁷ A noção de catarse é encontrada em pesquisa mais antiga, na qual há a indicação de que a TV neutralizaria as tendências violentas.⁷⁸

A preocupação acerca da quantidade e o tipo de violência na televisão culminou num extenso estudo realizado no Reino Unido, Grã-Bretanha. Um levantamento, feito junto a 3.000 membros do “Painel da Opinião da TV” pelo setor de pesquisas da “Independent Broadcasting Authority” revelou algumas conclusões importantes, elencadas como segue⁷⁹:

- Poucos consideram uma ameaça os seriados comuns que mostram crimes, a despeito de a grande maioria ter afirmado que existe excesso de violência na televisão e que esta poderia prejudicar as crianças;

- O problema teria solução se os pais controlassem o que a criança assiste, mesmo considerando que isso geralmente não acontece;

- As crianças teriam uma visão mais positiva da vida caso os seriados com crimes fossem eliminados;

- Mais de 50% dos membros acreditam que há uma correlação entre a violência na televisão e os comportamentos imitativos levados adiante pelas crianças. Também afirmam que a violência as assusta, tornando-as insensíveis à

⁷⁶ ACKERMANN, Werner; DULONG, Renaud; JEU, Henri-Pierre. *Ly. Imaginaires de l'insecurité*. (Ly. Os imaginários da insegurança) Paris, Librairie des Meridiens, 1983. Apud TERRERO, op. cit., p. 48.

⁷⁷ BOILLI-DARTEVELLE, Roselyne. *La generation éclatée-Loisirs et communication des adolescents*. (A geração explosiva - lazer e comunicação dos adolescentes) Bruxelas, Éditions Univesité de Bruxelles, 1984. Apud TERRERO, op. cit., p. 48.

⁷⁸ JEUDY, Henri-Pierre. *La peur et les media: essai sur la virulence*. (O medo e a mídia: ensaio sobre a virulência) Paris, Presses Universitaires de France, 1979. Apud TERRERO, op. cit., p. 48.

⁷⁹ GUNTER, Barrie & WOBER, Mallory. “Television viewing and public trust”. (“A audiência na televisão e a confiança do público”) In *British Journal of Social Psychology*, v. 22, p. 174-6, 1983. GUNTER, Barrie. *TV and the fear of crime*. (A TV e o medo do crime) Londres, John Libbey, 1987. Apud TERRERO, op. cit., p. 48-9. O “Painel de Opinião da TV” é um grupo de avaliação contínua mantido pela ITA e pela BBC.

violência em geral;

- O controle sobre o material violento é defendido pela maioria, embora haja uma resistência à exclusão total da programação dessa natureza para adultos. Importante lembrar que sexo e palavrões já são controlados nas TVs da Grã-Bretanha;

- Alguns membros assumiram uma tomada de posição que incide sobre uma tendência maior à violência após assistirem a programas violentos. Esse universo, quando projetado na amostra da população total do Reino Unido, representa dois milhões de pessoas;

- Uma importante e última revelação é aquela que evidencia uma tendência de as pessoas que assistem a mais violência expressarem mais medo de crimes na vida real.

Em outro estudo, os resultados demonstram uma valorização maior da perturbação das crianças expostas a materiais audiovisuais do que aos impressos. Assim, as histórias em quadrinhos seriam menos prejudiciais do que os filmes de crime, especialmente quando o exercício da violência é feito pelos defensores da lei ou praticado contra as mulheres.⁸⁰ A tendência que se verificou é que as pessoas de personalidade mais agressiva descrevem como brandas as mesmas cenas de violência que as outras pessoas, menos agressivas, descrevem como excessivas. Crianças ficam mais perturbadas com armas de fogo e socos; cenas de luta; ferimentos resultantes de ações violentas; sofrimento ou morte; violência em cenários realistas e modernos; cenas noturnas de violência; violência no interior de edifícios, mais do que na rua.⁸¹

Em uma investigação iniciada em 1983 - integrante de um inquérito parlamentar - foram observados seis mil crianças inglesas e do País de Gales, seus pais e professores. Constatou-se que uma grande parte assistia a vídeos de violência

⁸⁰ GUNTER, Barrie. *Dimensions of television violence*. (Dimensões da violência na televisão) Aldershot, Gower, 1985. Apud TERRERO, op. cit., p. 49.

⁸¹ TERRERO, op. cit., p. 49.

e medo. “Os pais tinham alguma influência sobre o que seus filhos assistiam, mas muitas vezes as fitas eram assistidas na casa de amigos, por isso o controle ficava diluído.”⁸²

Na Holanda, um estudo realizado em 1986⁸³ teve como objetivo determinar se a violência na televisão assusta as crianças e instiga ou reforça a agressão, bem como se elas consideram o fenômeno normal, imitam os gestos violentos representados e como isso afeta sua noção do mundo. Apesar de as crianças - de 9 a 12 anos - escolherem programas infantis, foi notada uma mudança gradual de preferência para programas de adultos.

Os resultados apontam para uma tendência de que a idade não aumentava a atitude crítica e moral da criança com relação à TV, ou seja, as crianças mais velhas continuavam a se identificar com as personagens violentas, assim como as crianças menores. Na medida em que a criança cresce, ela demonstra preferir programas agressivos, mesmo considerando que desenhos animados e alguns outros programas para adultos seriam tachados como violentos por este universo mas não pelas crianças em questão. Um dado curioso é o de que as crianças enxergam a violência quando esta é física. “(...) Elas ainda devem aprender a identificar a violência como violência, e também a ter uma atitude mais crítica em relação à televisão, de maneira que parem de desculpar, automaticamente, qualquer ato executado pelos mocinhos.”⁸⁴

No período mencionado, até o início dos anos 90, a televisão holandesa transmitiu menos violência do que a americana. A Inglaterra e a Alemanha apresentaram mais filmes com crime do que os Estados Unidos.⁸⁵

⁸² BARLOW, Geoffrey & HILL, Alison (eds.). *Video violence and children*. (A violência no vídeo e a criança) Londres, Hodder e Stoughton, 1985. Apud TERRERO, op. cit., p. 49.

⁸³ VAN DER VOORT, Tom H. A. *Television violence: a child's eye-view*. (A violência na televisão: o ponto de vista da criança) Amsterdam (Holanda), Elsevier, 1986. Apud TERRERO, op. cit., p. 50.

⁸⁴ Idem, ibidem.

⁸⁵ TERRERO, op. cit., p. 51.

São poucos os estudos feitos na América Latina que se basearam em levantamentos empíricos quantitativos. Em contrapartida, alguns utilizaram métodos antropológicos e análises de conteúdo. Os resultados “levam a crer que a exposição excessiva da criança a uma programação contendo violência reforça sua agressividade, fazendo que resolva seus problemas de maneira não-pacífica.”⁸⁶

Pesquisas sobre violência na televisão realizadas no Japão também podem ser analisadas como sendo de menor volume se considerados os estudos realizados nos Estados Unidos e na Europa. Mas, há de ser balizada a importância que este país deu ao assunto, mesmo antes de a televisão ser introduzida em 1953. Os japoneses, por vezes, são rotulados - não totalmente sem razão - como os profissionais da área tecnológica, em consequência de situarem-se em muitos momentos além do desenvolvimento alcançado nesse campo por outros países. Assim, embora conhecidos como grandes técnicos, não é possível descartar a existência de uma preocupação humanista dessa população em relação aos possíveis efeitos dos meios de comunicação na sociedade, ainda mais reforçada com o surgimento da televisão. O foco das atenções que teve maior prioridade foi o dos efeitos negativos da violência na TV em crianças. Os estudos realizados nos Estados Unidos influenciaram o modo de os pesquisadores japoneses conduzirem suas investigações. Dessa forma, assim como nos EUA, os resultados sobre os efeitos da violência mediatizada pela televisão também são contraditórios, todavia, sendo a maioria deles a que relaciona a exposição a conteúdos violentos com comportamentos agressivos.⁸⁷

De grande tradição são os estudos elaborados por pesquisadores australianos e originários da Nova Zelândia, que procuram identificar as respostas das crianças e dos adolescentes aos conteúdos televisados, incluindo os comportamentos agressivos decorrentes da exposição à violência representada. As

⁸⁶ AGUIRRE, Jesús Maria. “A violência na televisão e sua influência sobre a criança - uma perspectiva venezuelana”. In *Comunicação & Educação*, op. cit., p. 53.

⁸⁷ KODAIRA, Sachiko Imaizumi. “A review of research on media violence in Japan”. In CARLSSON, Ulla & FEILITZEN, Cecilia von (eds.), op. cit., p. 82.

legislações também configuram-se em preocupação dos estudiosos da indústria da TV desses países, particularmente as políticas de comunicação que resultariam em medidas de minimização da exibição de conteúdos violentos.⁸⁸

No âmbito fundamentalmente da educação, mas apenas recentemente, concentram-se as investigações levadas adiante em Israel a respeito da tomada de posição contrária à violência na televisão. Pesquisadores visualizam o veículo com potencial de alto poder de penetração nas residências dos espectadores, mas não consideram apenas os canais abertos. São promissoras as pesquisas que levam em conta os canais fechados, por assinatura, principalmente com a rápida expansão verificada a partir do início dos anos 90. Nesse período, 60% das residências israelenses já utilizavam o serviço dos canais a cabo. A despeito das pesquisas na área de violência na TV elaboradas por outros países, Israel ficou à margem desse tipo de empreitada. Assim, no passado, o assunto não tinha relevância nesta nação. Apenas em 1986, há registro do primeiro estudo que tinha como meta identificar os diferentes efeitos da violência televisada em crianças israelenses.⁸⁹

Como já foi explanado, os Estados Unidos demonstram ser o país que mais produz pesquisas a respeito dos efeitos das cenas de violência na TV sobre os espectadores, inclusive, influenciando as investigações conduzidas em outras nações, muitas delas também representando grandes receptáculos dos conteúdos dessa natureza de origem norte-americana.

Durante mais de 40 anos, pelo menos cerca de 3.500 estudos sobre os efeitos da violência televisada foram conduzidos. As revisões de literatura foram extensivas durante toda a década de 90. Um relatório de 1991 dos "Centros para Controle de Distúrbios" declarou a violência na televisão como um risco para a saúde pública. Pesquisa sobre a violência no estilo de vida americano, elaborada em

⁸⁸ DURKIN, Kevin & LOW, Jason. "Children, media and aggression; current research in Australia and New Zealand". In CARLSSON, Ulla & FEILITZEN, Cecilia von (eds.), op. cit., p. 107-9.

⁸⁹ BACHRACH, R. S. "The differential effect of observation of violence on kibbutz and city children in Israel". In HUESMANN, L. R. & ERON, L. D. (eds.). *Television and the aggressive child: A Cross-national comparison*. Hillsdale, NJ, Lawrence Erlbaum Associates, p. 201-38, 1986. Apud CARLSSON, Ulla & FEILITZEN, Cecilia von (eds.), op. cit. In LEMISH, Dafna. "Fighting against television violence"; an israeli case study, p. 126.

1993 pelo “National Academy of Science”, pontuou que os meios de comunicação contribuem social e psicologicamente para as manifestações do comportamento violento. A “American Psychological Association”, em estudo realizado em 1992, chegou às mesmas conclusões. Essas três revisões reforçam a conclusão de que os *mass media* contribuem para atitudes e comportamentos agressivos, bem como levam a efeitos de dessensibilização e de medo.⁹⁰

Nenhum estudo declara que assistir à violência nos *media* é o único ou mais importante elemento para a influência nos comportamentos violentos. Além disso, não é todo e qualquer ato de violência nos meios que desperta interesse no público e nem todo adulto ou criança é afetado diretamente.⁹¹ Gerbner afirma que é importante notar que pessoas têm preferido assistir a programas de TV sem violência.⁹² Todavia, há clara evidência de que a exposição à violência nos meios contribui de maneira significativa para a violência do mundo real.⁹³

A revisão de literatura feita até o momento sustenta as ponderações de Burgelin, quando ele elencou as seis tendências de opinião sobre a violência na TV: “Embora a idéia de que a violência é nefasta esteja provavelmente mais espalhada do que a idéia contrária (...), ela está longe de ter sempre a mesma significação entre aqueles que a exprimem.”⁹⁴

É válido pontuar que a revisão apresentada, embora de certo modo extensa, deixou pesquisas de destaque à margem. Pretende-se, então, preencher minimamente essa lacuna. Assim, serão concentrados - a seguir - os efeitos da exposição à violência televisada no comportamento agressivo, o elemento catártico e outros estudos, principalmente os dos telejornais, estes representando menor número se comparados com as investigações no âmbito da violência nas ficções.

⁹⁰ WARTELLA, Ellen, OLIVAREZ, Adriana & JENNINGS, Nancy. “Children and television violence in the United States”. In CARLSSON, Ulla & FEILITZEN, Cecilia von (eds.), op. cit., p. 57-8.

⁹¹ Idem, ibidem.

⁹² GERBNER, op. cit. Apud FEILITZEN, op. cit. In CARLSSON, Ulla & FEILITZEN, Cecilia von (eds.), op. cit., p. 46.

⁹³ WARTELLA, Ellen, et alii., op. cit., p. 58.

⁹⁴ BURGELIN, op. cit., p. 206.

2.1. Violência na TV e Comportamento Agressivo

“Os efeitos da violência televisiva sobre os espectadores têm sido mais extensivamente estudados do que qualquer outro aspecto da televisão. As evidências acumuladas de uma ampla variedade de fontes indicam que a violência televisiva pode gerar comportamento agressivo.”⁹⁵ Essa tendência de pesquisa, principalmente nos Estados Unidos, pode ser justificada pela constatação de que são recorrentes cenas violentas na televisão desse país, bem como crimes violentos nessa sociedade. “Ninguém pode negar a extensão da violência nas telas da televisão em praticamente todas as partes do mundo. As estimativas indicam que o crime é 22 vezes mais freqüente na televisão do que na vida real.”⁹⁶

Os efeitos negativos de programas violentos sobre o comportamento, em especial, das crianças, são alvo de muitas pesquisas principalmente depois que na década de 60, nos EUA, “(...) uma comissão presidencial concluiu que a violência na TV torna as crianças mais agressivas e, em geral, tem um efeito negativo. Essa noção refere-se ao fato de que as crianças aprendem e imitam o que as outras pessoas, incluindo as que elas vêem na televisão, fazem.”⁹⁷

Assim, as pesquisas que visavam o estabelecimento de relação causal entre a violência exibida pelos meios de comunicação e comportamento agressivo priorizaram, inicialmente, estudos laboratoriais com crianças. De uma forma geral, é possível afirmar que existe um consenso entre os pesquisadores desta abordagem - psicologia social - de que a exposição a conteúdos violentos influencia e facilita a demonstração de comportamento agressivo.

⁹⁵ LIEBERT, R. M. & SPRAFKIN, J. *The early window: effects of television on children and youth*. New York, Pergamon, 3 ed., 1988. Apud NEWCOMBE, Nora. *Desenvolvimento infantil: abordagem de Mussen*. Porto Alegre (RS), Artes Médicas Sul, p. 391, 1999.

⁹⁶ AGUIRRE, op. cit., p. 53.

⁹⁷ FREEDMAN, Jonathan L., CARLSMITH, J. Merrill, SEARS, David O. *Psicologia social*. São Paulo, Cultrix, p. 136, 1970.

O pesquisador Albert Bandura⁹⁸ (Universidade de Stanford) pode ser destacado como um dos principais defensores da influência de programas com conteúdos violentos no comportamento agressivo. Em um dos seus experimentos típicos, crianças expostas a um modelo agressivo (um adulto atacava um boneco “João Bobo”) eram comparadas com crianças expostas a um modelo não agressivo (um adulto “brincava” ou utilizava outros brinquedos de maneira convencional, sem agressão).

Após essa exposição, as crianças dos dois grupos passavam por uma situação frustrante: brinquedos considerados atrativos para os dois grupos eram exibidos (a criança podia pegá-los) e, em seguida, estes eram retirados do local experimental. Posteriormente, os dois grupos eram levados para uma sala que continha um boneco do tipo “João Bobo”, bem como outros vários brinquedos (idênticos aos utilizados pelo adulto do modelo não agressivo, considerados não tão atraentes quanto aqueles que haviam sido retirados).

As crianças que assistiram ao modelo agressivo imitaram - com detalhes - o comportamento agressivo exibido pelo adulto. Continuando com esse tipo de experimento, Bandura constatou que as crianças deixavam de simplesmente imitar a agressão e “enriqueciam” o seu comportamento agressivo com novas estratégias: mais força ou novas formas de manifestar esse comportamento.

Um questionamento pertinente a esse tipo de experimento é saber se o comportamento de bater em um boneco (contexto não social) pode ser transferido para um contexto interpessoal (bater em alguém).

A partir dessa questão, os pesquisadores Walters e Brown⁹⁹ desenvolveram um experimento para verificar essa hipótese. Foram escolhidos quatro grupos de meninos com idade de 7 anos. O primeiro grupo recebia reforço contínuo (ganhava bolas de gude); o segundo recebeu reforço intermitente; o terceiro brincava com o

⁹⁸ Apud FREEDMAN, op. cit., p. 120-1. O experimento mencionado foi realizado por Bandura em 1961.

⁹⁹ WALTERS & BROWN, 1963. Apud PARKE, Ross & SAWIN, Douglas B. *Agressão: causas e controles*. São Paulo, Brasiliense, p. 23, 1977.

boneco sem receber nenhuma recompensa; e, finalmente, o quarto grupo (controle) não entrava em contato com o boneco. Os dois primeiros grupos recebiam recompensa para bater em um boneco do tipo “João Bobo”. Posteriormente, as crianças eram levadas para uma situação de jogo que envolvia conflito (disputa física). O grupo que recebeu reforço intermitente exibiu um número maior de comportamentos agressivos, se comparado com os outros três grupos.¹⁰⁰

A influência ou efeito de assistir a imagens violentas na televisão ou cinema foi o tema de uma pesquisa desenvolvida por Liebert e Baron.¹⁰¹ Nesse experimento, foi exibido o filme “Os Intocáveis” a 50 crianças de 6 anos de idade. O grupo de controle assistiu a um outro filme excitante, porém, não violento. Segundo os estudiosos, as crianças que assistiram ao filme violento mostraram-se mais dispostas a machucar uma outra criança do que as crianças que assistiram ao outro filme em uma situação experimental que envolvia conflito físico (disputa).

Uma outra experiência, realizada por Walters & Llewellyn-thomas¹⁰² com as mesmas características do experimento anterior, só que com adolescentes e adultos (os sujeitos assistiram a uma cena de luta com facas no filme “Rebel without a Cause”) culminou nos seguintes resultados: os indivíduos que assistiram ao filme exibiram comportamento agressivo (dar choque em outro sujeito), numa proporção muito maior do que os que não tinham assistido ao filme.

Um grupo de pesquisadores desenvolveu uma pesquisa similar só que em cinco países ao mesmo tempo: Polônia, Israel, Austrália, Finlândia e Estados Unidos. O comportamento agressivo das crianças na escola e a quantidade de violência televisiva a que elas assistiam foram medidos (através de uma tabela desenvolvida pelos pesquisadores) em três ocasiões diferentes com um intervalo de dois anos

¹⁰⁰ No reforçamento contínuo, o sujeito recebe a recompensa toda vez que exhibe o comportamento estipulado pelo pesquisador ou controlador. O reforço intermitente ou parcial pode ser caracterizado pela ausência de controle por parte do sujeito no momento em que irá receber o reforço, visto que, algumas respostas são reforçadas e outras não.

¹⁰¹ LIEBERT & BARON, 1972. Apud PARKE & SAWIN, op. cit., p. 20.

¹⁰² WALTERS & LLEWELLYN-THOMAS, 1963. Apud PARKE & SAWIN, op. cit., p. 20.

entre cada coleta. Não foram descobertas diferenças significativas entre as crianças (independente do país). Em geral, constatou-se que as crianças que olhavam muita violência na televisão tornavam-se mais agressivas no decorrer do tempo. Outro aspecto significativo foi a constatação que as crianças que eram mais agressivas assistiam cada vez mais a programas que exibiam violência, o que pode ser considerado como o indicativo de um círculo vicioso.¹⁰³

Para verificar se um filme de ficção ou um documentário influenciaria o comportamento violento de crianças, Feshback¹⁰⁴ expôs sujeitos de 10 a 12 anos a um filme que mostrava uma luta (briga) em um campus universitário. Alguns grupos receberam a informação de que se tratava de um filme para o cinema (ficção) e o restante foi avisado que o material era um “jornal cinematográfico de uma luta real”. Os resultados foram considerados surpreendentes: apenas os sujeitos que receberam a notificação de que assistiam a um filme “documental” demonstraram aumento da agressão interpessoal em uma situação de jogo que envolvia conflito.

Pesquisa semelhante foi realizada por Berkowitz e Alioto¹⁰⁵ - só que com adultos -, cujos resultados também foram similares às conclusões do trabalho desenvolvido por Feshback. Baseados nos resultados desses dois experimentos, Parke e Sawin afirmam: “Um dos modos mais persuasivos pelo qual os comportamentos agressivos são adquiridos, mantidos e modificados é a exposição a modelos de vida real, de filmes e da televisão.”¹⁰⁶

Avaliando os resultados de inúmeras pesquisas que buscavam relacionar modelos agressivos e imitação de comportamentos, os mesmos autores destacam que algumas características podem facilitar a manifestação da imitação de

¹⁰³ HUESMANN & ERON, 1986 Apud NEWCOMBE, op. cit., p. 391.

¹⁰⁴ FESHBACK, 1972. Apud PARKE & SAWIN, op. cit., p. 20-1.

¹⁰⁵ BERKOWITZ & ALIOTO, 1973. Apud PARKE & SAWIN, op. cit., p. 21. Após assistirem ao filme os sujeitos participavam de uma situação experimental na qual eles poderiam dar “choques” em outra pessoa caso não concordassem com sua resposta. O grupo que assistiu ao filme violento utilizou este recurso mais vezes que os sujeitos que assistiram ao filme não violento.

¹⁰⁶ PARKE & SAWIN, op. cit., p. 19.

comportamentos assistidos: os sujeitos do sexo masculino demonstram mais facilidade para imitar agressões físicas e as mulheres, agressões verbais; o modelo (da agressão) do sexo masculino implica um número maior de imitações. A idade do sujeito que assiste ao modelo também é um fator relevante: nos adultos, a imitação é mais persistente e nas crianças ela se manifesta mais rapidamente, porém, extingue-se com facilidade.¹⁰⁷

Os pesquisadores citados, apesar de concordarem com os resultados dos experimentos que relacionam modelos violentos e imitação, assinalam que uma das críticas mais convincentes e pertinentes às conclusões obtidas está relacionada “ao alto grau de similaridade entre a situação de observação original e a montagem subsequente na qual o comportamento de agressão imitativa é avaliada”.¹⁰⁸ Outro questionamento, levantado por esses estudiosos, refere-se à falta de consequência (punição) da demonstração da agressão (nessa situação) para o sujeito que exhibe tal comportamento.

Como resposta a esta crítica, diversas pesquisas foram realizadas para verificar o papel da punição na manifestação da imitação de comportamento agressivo. Segundo Bandura¹⁰⁹, em uma situação natural (não experimental), um ato ou comportamento agressivo sempre terá uma consequência. Dessa forma, as consequências de atos agressivos determinam a imitação ou não desse comportamento. Baseados na premissa anterior, Parke e Sawin afirmam: “A visão de um adulto que aprova atividades agressivas aumenta a probabilidade de a criança imitar o agente agressivo.”¹¹⁰

Assim, as conclusões de diversas pesquisas realizadas por Bandura levam a uma séria implicação: “Demonstrar que o agressor será punido irá inibir e diminuir a chance de a criança manifestar os comportamentos do modelo.”¹¹¹ Portanto, não

¹⁰⁷ Idem, *ibidem*.

¹⁰⁸ Idem, *ibidem*, p. 21.

¹⁰⁹ BANDURA, 1965. Apud PARKE & SAWIN, *op. cit.*, p. 22.

¹¹⁰ PARKE & SAWIN, *op. cit.*, p. 22.

¹¹¹ Idem, *ibidem*, p. 23.

resta dúvida para muitos dos pesquisadores mencionados nessa linha experimental que os estudos laboratoriais - apesar das críticas - comprovam que “crianças expostas a exibições agressivas irão subsequenteiramente comportar-se mais agressivamente”.¹²⁴

Uma pesquisa não laboratorial sobre esse tema foi desenvolvida por Leon Eron, nos Estados Unidos¹²⁵. Esse estudo foi desenvolvido a partir de entrevistas com pais de 500 crianças em Nova York. A entrevista buscava levantar os tipos de programas de televisão assistidos por meninos e meninas com idades entre 9 e 10 anos e relacioná-los com comportamento agressivo (exibido principalmente na escola). Os pais tinham de informar os três programas prediletos de seus filhos e por quanto tempo eles assistiam a esses programas. O pesquisador desenvolveu um “escore de violência” que visava representar o grau de agressão anti-social exibido por esses programas que as crianças elegeram como favoritos.

Para avaliar a criança como violenta ou não, o pesquisador utilizou um teste sociométrico no qual os colegas de classe elegiam quem exibia determinados comportamentos escolhidos como agressivos. Entre as principais conclusões, o autor afirma existir uma correlação significativa entre meninos agressivos e os programas escolhidos como favoritos por essa população (os programas “prediletos” selecionados por esses sujeitos foram avaliados como violentos segundo o “escore de violência” desenvolvido por esse pesquisador).

Essa pesquisa foi realizada novamente (replicada) por Lefkevitz e outros estudiosos¹²⁶ dez anos depois com a mesma população (os sujeitos tinham entre 19 e 20 anos). Os resultados apontam que os indivíduos que foram avaliados como agressivos (naquela época) continuavam a assistir programas violentos e a ser qualificados como agressivos por seus colegas de faculdade ou trabalho.

A maioria das pesquisas identifica uma correlação entre assistir programas violentos na televisão ou no cinema e exibição de comportamentos agressivos.

¹²⁴ Idem, *ibidem*.

¹²⁵ ERON, Leon, 1963. Apud PARKE & SAWIN, *op. cit.*, p. 23.

¹²⁶ LEFKEVITZ et. alii, 1972. Apud PARKE & SAWIN, *op. cit.*, p. 24.

Contudo, é relevante considerar que “os efeitos instigadores da violência na televisão não são encontrados em todas as crianças, nem em todos os contextos observados”.¹²⁷

Os resultados das pesquisas assinaladas podem ser resumidas da seguinte forma: o sujeito exposto constantemente a filmes e programas violentos fica insensível à violência, passando a achá-la natural; demonstra uma tendência para imitar o modelo da agressão (principalmente se for um modelo significativo para o sujeito); aprende uma forma (agressiva) de responder às frustrações cotidianas e entende que essas respostas são aceitas por todos pois considera que o mundo é agressivo e violento.

“Embora muitas pessoas possam não ser inspiradas a atos de violência física pela televisão, suas atitudes e reações às ações violentas de outras pessoas podem ser influenciadas. As pessoas que assistem à muita violência na televisão tendem mais a aprovar comportamentos agressivos. Sua sensibilidade também diminui - elas apresentam uma tendência menor de reagir à violência real com horror ou de fazer esforços para ajudar uma vítima.”¹²⁸

As conclusões dessas pesquisas não podem ser consideradas definitivas. Como afirma Rodrigues: “(...) carecemos ainda de resultados definitivos sobre o efeito verdadeiro dos filmes, programas e livros que contêm cenas de violência, no que concerne ao comportamento posterior dos que se expõem a tais estímulos.”¹²⁹

¹²⁷ PARKE & SAWIN, op. cit., p. 24.

¹²⁸ LIEBERT & SPRAFKIN, 1988. Apud NEWCOMBE, op. cit., p. 391-2.

¹²⁹ RODRIGUES, Aroldo. *Psicologia social*. Rio de Janeiro, Vozes, p. 384, 1973.

2.2. Efeito Catártico

Os teóricos e pesquisadores que defendem essa abordagem acreditam que assistir a programas violentos teria um efeito positivo. Tal efeito estaria relacionado ao fato de que a exposição a esses tipos de conteúdos permite que os indivíduos expressem indiretamente seus sentimentos agressivos. Para os partidários dessa concepção, as crianças e adolescentes (e os adultos também) convivem com várias fontes de informação (jornal, rádio, televisão) que afirmam e mostram o quanto a sociedade é violenta e, portanto, a violência no cinema ou na televisão não chama a atenção pois faz parte do cotidiano. Estes programas "(...) podem ter efeitos catárticos, isto é, podem facilitar substitutivamente a expressão de sentimentos agressivos, evitando que as pessoas se comportem agressivamente no mundo real."¹³⁰

A catarse, segundo Freedman, pode ser caracterizada pela agressão socialmente aceita (por exemplo, a prática de determinados esportes); pela agressão indireta (assistir à violência nos meios de comunicação); ou pela sublimação da agressão, direcionando-a para um comportamento construtivo (como martelar fortemente um prego). Estes comportamentos diminuem os sentimentos de cólera e como consequência reduzem a possibilidade de agressão.¹³¹

De acordo com Groos¹³², o jogo desempenha o papel de equilibrador das tensões sexuais, criminosas, maléficas para a sociedade, através da sua condição de atenuador, compensador das tensões que são prejudiciais a terceiros. Esta posição também é defendida por Bruhns¹³³, que vê no jogo um potencial de descarga da

¹³⁰ RODRIGUES, op. cit., p. 383.

¹³¹ FREEDMAN, et alii., op. cit., p. 136.

¹³² GROOS, Carlo, 1941. Apud REDONTAR, J.J. Moebus. *Risco e Aventura no Jogo*. São Paulo, Edusp, p. 199, 1996.

¹³³ BRUHNS, 1996. Apud REDONTAR, op. cit., p. 206.

energia excedente, dos instintos, bem como uma forma socialmente aceita de libertação de conflitos.

O autor do conceito de catarse foi Aristóteles, em seu estudo sobre os efeitos e as finalidades da tragédia grega (as emoções que o público experimentava ao assistir uma peça de teatro). Segundo o referido filósofo, o público, ao se identificar com as personagens da peça, experimentaria sentimentos (medo, alegria) e teria uma possibilidade menor de expressar essa sensação no futuro.

O conceito de catarse proposto por Freud¹³⁴ enfatizava a expressão do sentimento. “A sua idéia básica foi que a expressão de um determinado impulso reduz a sua energia. Se uma pessoa for sexualmente estimulada, a expressão desse sentimento no comportamento reduz o impulso sexual; se estiver irada, atuar agressivamente torna a ira menor.”¹³⁵ O conceito freudiano de catarse implica a redução de energia através da expressão de sentimentos. Esta expressão pode ser direta, deslocada ou indireta. “A principal implicação da noção de catarse é que a expressão de impulsos agressivos tende a reduzir a agressão subsequente.”¹³⁶

O pesquisador Konrad Lorenz, na década de 60, também defendia essa idéia, baseada em suas conclusões a respeito do grande número de problemas (doenças) sociais. “O homem civilizado atual sofre de descarga insuficiente de um impulso agressivo.”¹³⁷

Quando a pessoa sente-se agressiva e não pode atacar a causa desse sentimento, poderá direcionar sua agressividade para algo socialmente aceito (jogo, trabalho etc.). Também poderá utilizar da agressão indireta ou da sublimação o que, conseqüentemente, reduzirá os sentimentos de cólera e, portanto, reduzirá a agressão subsequente. Isso tem o nome de catarse.

¹³⁴ Apud PARKER & SAWIN, op. cit., p. 31. O processo de catarse proposto por Freud tem por base um “modelo impulsional hidráulico de agressão, que afirma que os ímpetus agressivos se desenvolvem num organismo e que, a menos que o reservatório de energias agressivas seja ‘drenado’, ocorrerá uma violenta explosão”. Idem, ibidem.

¹³⁵ FREEDMAN et alii, p. 131.

¹³⁶ Idem, ibidem.

¹³⁷ LORENZ, Konrad, 1966. Apud PARKE & SAWIN, op. cit., p. 31.

Segundo Freud, McDougall, Lorenz e outros¹³⁸, os homens possuem um impulso inato ou instintivo para a luta. Tal como sentem fome, sede ou são sexualmente estimulados, também sentem uma necessidade de agressão. “Embora não se conheçam mecanismos fisiológicos relacionados com os sentimentos agressivos, como se conhecem para os outros impulsos, a agressão é considerada um impulso básico em todos os homens.”¹³⁹

Freedman, ao tentar justificar ou validar a catarse, afirma o seguinte: “Quando um indivíduo está furioso, a expressão da sua agressividade reduz-lhe a cólera e torna menos provável que ele se comporte agressivamente logo depois.”¹⁴⁰

Os pesquisadores Parke e Sawin afirmam que, apesar da popularidade dessa vertente explicativa da agressão, as pesquisas não são conclusivas nem volumosas para justificar esse posicionamento.¹⁴¹ Entre os exemplos de experimentos que buscam comprovar o mito da catarse, são destacados na literatura Mallick e McCandless¹⁴² (1966) e Berkowitz e Lepage¹⁴³ (1967). Segundo os autores, é pouco provável que a descarga de energia tenha realmente uma função de reduzir a agressividade. O modo mais eficaz para diminuir a exibição de comportamentos agressivos seria a previsão de conseqüências negativas para tal comportamento.

A noção de catarse ainda não está suficientemente definida para ser aplicada a consumidores dos meios de comunicação de massa. “A idéia geral é de que, enquanto a maioria das crianças expostas à violência da televisão aumenta seus sentimentos, atitudes e/ou condutas agressivas, uma minoria descarrega suas tensões desta forma.”¹⁴⁴

¹³⁸ Apud FREEDMAN et alii, op. cit. p.111. Como foi mencionado no primeiro capítulo, Freud defendeu a existência de apenas dois impulsos básicos no homem - a *libido* (Eros), que é a energia sexual e construtiva, e *Thanatos*, a energia agressiva e destrutiva.

¹³⁹ FREEDMAN et alii, op. cit. p.111.

¹⁴⁰ Idem, ibidem, p. 135.

¹⁴¹ PARKE & SAWIN, op. cit., p. 31.

¹⁴² Apud PARKE & SAWIN, op. cit., p. 31.

¹⁴³ Idem, ibidem.

¹⁴⁴ AGUIRRE, op. cit., p. 56.

2.3. Outras Pesquisas

Os meios de comunicação, em especial a televisão, também são alvos de inúmeras pesquisas que procuram determinar outras influências além das manifestações de comportamento agressivo.

Em um primeiro momento, podem ser destacados os estudos que procuram relacionar o tempo que o sujeito passa assistindo à TV e questões como qualidade de suas interações sociais, desenvolvimento cognitivo, habilidades acadêmicas etc.

Alguns teóricos da psicologia do desenvolvimento assinalam o importante papel socializador que a televisão desempenha. Segundo essa vertente, a televisão pode ser considerada como a primeira janela para o mundo externo e traz informações, entretenimento e valores morais, sociais, diferentes dos adotados pela família.

Foram muito reveladores os resultados das pesquisas que buscavam determinar o perfil de quem assiste mais à televisão. Em geral, uma criança nos Estados Unidos passa uma média de duas a três horas por dia assistindo à TV, embora haja diferenças muito grandes entre este universo: de zero até 76 horas por semana. Vêm mais TV crianças de nível sócio-econômico baixo. As negras apresentam maior exposição ao aparelho do que as brancas.¹⁴⁵ “Quando as crianças norte-americanas estiverem com 18 anos de idade, terão passado mais tempo assistindo à televisão do que em qualquer outra atividade, exceto dormir.”¹⁴⁶

A televisão, ainda segundo teóricos e pesquisadores da psicologia do desenvolvimento, afeta de forma significativa o pensamento, a atividade social e outros aspectos da vida.¹⁴⁷ Eles acreditam que a TV “substitui a interação familiar,

¹⁴⁵ HUSTON, WRIGHT, RICE, KERKMAN & ST. PETERS, 1990. Apud NEWCOMBE, op. cit., p. 385.

¹⁴⁶ HUSTON et alii, 1990. Apud BEE, Helen. *A criança em desenvolvimento*, Porto Alegre (RS), Artes Médicas, p. 409, 1996.

¹⁴⁷ Por exemplo, VALKENBURG & VAN DER VOORT, 1994; WINN, 1987. In NEWCOMBE, op. cit., p. 387.

a brincadeira e outras atividades; ela tem efeitos negativos sobre a saúde e a forma física e sobre o aproveitamento escolar; ela induz enfoques passivos à aprendizagem, reduzindo a criatividade e a imaginação”.¹⁴⁸

O hábito de assistir à TV está diretamente relacionado com a diminuição de participação em atividades esportivas (existe uma correlação positiva entre assistir TV e obesidade) e também verifica-se uma correlação entre assistir TV (mais de 20 horas por semana) e um desempenho acadêmico ruim.

Uma pesquisa realizada em uma cidade (canadense) que não recebia sinais de TV constatou que o desempenho das crianças pequenas em leitura era melhor do que o esperado para a faixa etária em questão. Dois anos após a cidade receber o sinal de TV, o desempenho das crianças caiu para o nível normal.

A forma como as crianças “entendem” a televisão também impulsionou a realização de outras pesquisas. De um modo geral, é possível afirmar que a criança não é uma receptora passiva dos estímulos televisivos.¹⁴⁹ “Desde uma idade muito tenra, as crianças fazem opções sobre o que, quando e com quanta atenção elas querem olhar. Sua atenção é atraída por produções vívidas e rápidas que contêm muitos jogos audiovisuais e efeitos especiais, mas tais características de produção por si só não são suficientes para manter o interesse das crianças.”¹⁵⁰

Apesar de a criança não ser considerada uma receptora passiva, a partir do ponto de vista mencionado, pode-se afirmar que aquelas com menos de sete anos apresentam dificuldades para entender os programas de TV por três motivos: 1) têm dificuldade de discriminar o conteúdo central; 2) não conseguem integrar os elementos da história (começo, meio e fim); 3) não realizam conclusões sobre o

¹⁴⁸ Idem, *ibidem*.

¹⁴⁹ Segundo POTTS, HUSTON, & WRIGHT, 1986, das características dos programas televisivos que atraem a atenção das crianças (com menos de sete anos), alguns elementos podem ser destacados: humor (risadas); movimento dos personagens; efeitos sonoros (sons diferentes); vozes de mulheres e crianças e animação. Violência e agressividade não atraem a atenção das crianças. Apud NEWCOMBE, op. cit., p. 390.

¹⁵⁰ HUSTON & WRIGHT, 1983. Apud NEWCOMBE, op. cit., p. 389-90.

porquê de determinadas manifestações de sentimentos.¹⁵¹

Algumas pesquisas afirmam que a televisão pode servir como modelo para o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais: altruísmo, simpatia, cooperação, compreensão e disposição para ajudar os outros. Segundo Newcombe, esse tipo de interação aparece com frequência na televisão e pode servir como um modelo para a criança desenvolver esses tipos de habilidades.¹⁵² Para Hearold, “os retratos pró-sociais têm um efeito maior sobre o comportamento do que os retratos anti-sociais”.¹⁵³

Estudo de Rice e colaboradores demonstrou que crianças espectadoras de programas desenvolvidos especificamente para pré-escolares (por exemplo, “Vila Sésamo” que, inclusive, foi exibido no Brasil durante muitos anos) desenvolvem um vocabulário maior do que aquelas que não os assistem ou o fazem com menos frequência.¹⁵⁴ É importante verificar, entretanto, que outros estudos apontam que os desenhos animados constituem a categoria mais violenta. “Até pouco tempo atrás, os desenhos norte-americanos dominavam o mercado latino-americano e estima-se que 98% contêm violência, assim como 100% dos desenhos ingleses avaliados na mesma época.”¹⁵⁵ Os desenhos japoneses apenas mais recentemente chegaram à América Latina, sendo rapidamente caracterizados como ainda mais violentos do que os produzidos nos EUA ou Inglaterra.¹⁵⁶

Em relação à forma como as crianças assistem à TV, ficou constatado, em um primeiro momento, que as crianças prestam mais atenção a programas destinados para adultos do que a programas infantis. Os hábitos das crianças quando assistem à TV também são influenciados pela presença ou não de um adulto. As crianças

¹⁵¹ NEWCOMBE, op. cit., p. 390.

¹⁵² Idem, ibidem, p. 392.

¹⁵³ HEAROLD, 1986. Apud NEWCOMBE, op. cit., p. 392.

¹⁵⁴ RICE et alii, 1990. Apud BEE, op. cit., p. 410-11.

¹⁵⁵ GUREVITCH, M. “The structure and content of television broadcasting in four countries”. (“A estrutura e o conteúdo dos programas de televisão em quatro países”) In COMSTOCK, G. A. & RUBINSTEIN, E. A (eds.). *Television and social behavior. (Televisão e comportamento social)* Washington, Government Printing Office, v. I - Conteúdo e Controle da Mídia, p. 374-85, 1972. Apud AGUIRRE, op. cit., p. 54.

¹⁵⁶ AGUIRRE, op. cit., p. 54.

prestam mais atenção à televisão quando estão juntas com os pais do que quando estão com seus pares.¹⁵⁷

A maioria das pesquisas constatou que os pais não fazem restrição quanto ao conteúdo do programa que a criança está assistindo e também não utilizam desse momento para interações significativas com os filhos. Comportamentos e valores morais são transmitidos sem o questionamento ou mesmo o posicionamento dos pais diante desses fatos. Essa ocasião não é utilizada para reflexões sobre valores, atitudes ou expectativas dos pais em relação aos filhos.¹⁵⁸

A violência - descrita segundo a Unesco¹⁵⁹ como o recurso a formas de ação que ferem a integridade física, psicológica ou moral de outra pessoa - pode ser apresentada de várias formas, como nos filmes, programas de rádio, jogo ou música e nos noticiários.¹⁶⁰

As ficções na TV são mais amplamente estudadas porque, antes de qualquer coisa, ela é uma forma de entretenimento. Também as pesquisas sobre violência estão centradas nas crianças, porque há indícios de que elas parecem constituir “o público mais impressionável e facilmente afetado pelos programas com cenas de violência”.¹⁶¹ Mas, não devem ser esquecidas as indicações de que as crianças prestam mais atenção a programas de adultos, sejam eles ficcionais ou de natureza

¹⁵⁷ NEWCOMBE, op. cit., p. 392.

¹⁵⁸ Idem, ibidem, p. 391. A pesquisadora também afirma que “as crianças aprendem com a televisão estereótipos sociais de mulheres, homens, minorias, pessoas idosas e muitos outros grupos, inclusive estereótipos das próprias crianças”. Idem, ibidem.

¹⁵⁹ UNESCO. “Les moyens d’information dans un monde de violence”. (“Os meios de comunicação em um mundo de violência”) In *Etudes et Documents d’Information*. Paris, Unesco, n. 63, 1971. Apud AGUIRRE, op. cit., p. 53.

¹⁶⁰ Ver MENANDRO, Paulo R. M. & GUEIROS, Gabriela de A. “Observação da violência: um estudo com locadores de vídeos”. In SOUZA, D. G. de; BORI, C. M.; MATOS, M. A.; ZANNON, C. M. L. C.; OLIVEIRA, L. M. de; RUBIANO, M. R. B.; ROZENSTRATEN, R. J. A. *Resumos de comunicações científicas da XXIII Reunião Anual de Psicologia. Sociedade Brasileira de Psicologia*, p. 408, 1993. (sobre filmes) DEE, Juliet L. “Media accountability for real-life violence: a case of negligence or free speech?” *Journal of Communication*, Spring, p. 106-38, 1986. (sobre rádio, jogo e música) AGEE, Warren K., AULT, Phillip H., EMERY, Edwin. *Introduction to mass communications*. New York, Harper e Row Publishers Inc., p. 139-52, 1979. (sobre os noticiários) Apud SILVA, Sérgio P. da. *Efeitos do sensacionalismo nos meios de comunicação de massa sobre o stress e o coping*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1996.

¹⁶¹ TERRERO, op. cit., p. 52.

documental, como já foi ressaltado. Assim, torna-se importante avaliar quais são as tendências dos estudos voltados à violência nos telejornais.

Na Grã-Bretanha, em 1987, houve uma concentração de pesquisas sobre a apresentação e a percepção do conflito social nas notícias da TV.¹⁶² Um projeto de dois anos sobre crime, lei e justiça foi feito a partir da análise de reportagens que tratavam desses conteúdos.¹⁶³

Na Holanda, estudo verificou que jovens a partir de 12 anos são capazes de distinguir a fantasia da realidade, assim como os adultos. “As crianças são mais afetadas por programas considerados subjetivamente violentos ou que são mais realistas, do que pelos outros em que o índice de violência é maior e representam, claramente, fantasias.”¹⁶⁴ Observe-se que, nesse país, “as pessoas dependem muito pouco das notícias apresentadas pela TV, uma vez que é muito grande o número de jornais locais e regionais e que as leis holandesas exigem que a programação seja bastante variada”.¹⁶⁵

A experiência do universo infantil com a violência que aparece de maneira inesperada nos telejornais foi objeto de outro levantamento holandês, que levou em conta os relatos dos pais sobre a proibição do contato de seus filhos menores com outros programas violentos.¹⁶⁶

Uma importante pesquisa realizada na Inglaterra e publicada em 1996 concluiu que a criança assusta-se muito mais com os telejornais e documentários do que com gêneros de ficção. “As crianças mostram estar mais aptas a lidar com os gêneros ficcionais, em razão de saberem que a cena veiculada é de mentira, por mais assustadora que ela possa ser.”¹⁶⁷

¹⁶² BLUMLER, Jay, EWEBANK, Allison, GUREVITCH, Michael são pesquisadores da Leeds University. Os estudos conduzidos por eles ainda não foram publicados. Apud TERRERO, op. cit., p. 49.

¹⁶³ SCHLESINGER, Philip é pesquisador da “Thames Polytechnic” de Londres e atualmente trabalha na Universidade de Stirling. Apud TERRERO, op. cit., p. 50.

¹⁶⁴ TERRERO, op. cit., p. 50.

¹⁶⁵ Idem, ibidem, p. 51.

¹⁶⁶ SCHMID, Alex P & GRAAF, Janny de. *Violence as communication: insurgent terrorism and the Western news media*. (Violência como comunicação: terrorismo insurgente e a Western news media) Londres/Beverly Hills/New Delhi, Sage, 1982. Apud TERRERO, op. cit., p. 50.

¹⁶⁷ BUCHINGHAM, David. *Imagens emocionantes; compreendendo as reações emocionais das*

Indagadas sobre o que era “perturbador” na TV, o que sentiam e como lidavam com as cenas (violentas) mostradas, a maioria das 72 crianças entrevistadas respondeu “medo”, “tristeza”, “revolta”, “ódio” e “preocupação”. Foram identificadas algumas estratégias utilizadas pelas crianças na tentativa de se protegerem das cenas exibidas, consideradas chocantes: sair da sala; tapar os olhos; prestar atenção a detalhes técnicos dos programas e aos efeitos especiais.

As crianças também apresentaram maior dificuldade de manter um distanciamento das cenas violentas ou de sofrimento veiculadas em programas jornalísticos por se basearem em fatos reais. “As respostas emocionais das crianças são inseparáveis do desenvolvimento da TV como um meio - seu entendimento de como e por que um programa é feito, e das formas convencionais por intermédio das quais eles tendem a representar o mundo.”¹⁶⁸

Os telespectadores - com idades de 6 a 7, 9 a 10, 12 a 13 e 15 a 16 - foram entrevistados durante o ano letivo de 1993 a 1994. Foi selecionado o mesmo número de meninos e meninas entre diferentes grupos sociais do país, tanto em termos de renda familiar como de origem étnica. As escolas facilitaram a condução da pesquisa. Pais e filhos - 20 - também foram entrevistados sobre os hábitos televisivos da família e sobre o controle exercido pelos pais. As entrevistas foram submetidas a uma análise qualitativa com o auxílio de um programa de computador.

O pesquisador defende que os programas jornalísticos deveriam ser mais didáticos, a fim de oferecer mais subsídios para que os públicos infantil e adulto compreendam e aprendam a lidar com os acontecimentos. Mas, é contra a censura: “É importante que as crianças tenham contato com o que está acontecendo no mundo. A melhor saída não é a censura, mas uma explicação mais elaborada.”¹⁶⁹

crianças à televisão. Londres, Manchester, 1996. Apud FOLHA DE S. PAULO. *Violência dos telejornais assusta mais*. São Paulo, “TV Folha”, 11 de fevereiro de 1996.

¹⁶⁸ Idem, *ibidem*.

¹⁶⁹ Idem, *ibidem*.

Finalmente, Buckingham acredita que é inadequado argumentar que, embora as crianças imitem o que vêem na televisão, isso as estimularia a ter comportamento mais anti-social ou violento.¹⁷⁰

Barton e Gregg, Crigler, Davie e Lee, Eide, Graber, Hirschman, Hobbs, Philips e Hensley, Quarfoth representam alguns dos outros estudiosos que também focalizam a exibição de violência nos telejornais e os possíveis efeitos da exposição a esses conteúdos tanto em crianças quanto em adultos.¹⁷¹

¹⁷⁰ Idem, *ibidem*.

¹⁷¹ BARTON, Richard & GREGG, Richard. "Middle East conflict as a TV news scenario: a formal analysis". In *Journal of Communication*, v. 32, n. 2, Spring, 1982. CRIGLER, Ann. "Interpreting visual versus audio messages in television news". In *Journal of Communication*, v. 44, n. 4, Autumn, 1994. DAVIE, William & LEE, Jung Sook. "Sex, violence and consonance/diferentiation: an analysis of local TV news values". In *Journalism-and- Mass-Communication-Quarterly*, v. 72, n. 1, p. 128-38, Spring, 1995. EIDE, M. *News interest: news journalism between text and context*. Universitetsforlaget, Scandinavian University Press, 1992. GRABER, Doris A. "Is crime news coverage excessive?" In *Journal of Communication*, v. 45, n.1, Winter, 1995. HIRSCHMAN, Elizabeth C. "Social and cognitive influences on information exposure: a path analysis". In *Journal of Communication*, v. 31, n. 1, Winter, 1981. HOBBS, Renée et alii. "How first-time viewers comprehend editing conventions". In *Journal of Communication*, v. 38, n. 4, Autumn, 1988. PHILIPS, David P. & HENSLEY, John E. "When violence is rewarded or punished: the impact of mass media stories on homicide". In *Journal of Communication*, v. 34, n. 3, Summer, 1984. QUARFOTH, Joanne M. "Children's understanding of the nature of television characteres". In *Journal of Communication*, v. 29, n. 3, Summer, 1979.

3. TV: a Realidade Espetacularizada



Quando se indaga a respeito das diferenças entre ficção e realidade, geralmente, a resposta imediata é aquela que implica a oposição desses elementos. Em seu sentido mais vulgar, realidade seria aquilo que não é ficção e vice-versa. “As informações remetem para um universo ‘real’, para o mundo tal como ele é; as ficções remetem para um mundo ‘imaginário’, que não existe fora da própria ficção.”¹

Eco² também chama a atenção para uma “dicotomia fundamental” acerca da designação do real. Os programas de televisão - à luz dessa dicotomia - dividem-se em duas grandes categorias, delineadas não só pela academia mas, inclusive, pela opinião pública: programas de informação e programas de fantasia e de ficção. De acordo com Eco, a primeira categoria prevê a veiculação de enunciados acerca de eventos que se verificam independentemente da televisão. A segunda compreende os espetáculos: dramas, comédias, óperas líricas, filmes, filmes para TV.

Os significados desses elementos antagônicos, segundo o Michaelis³, podem ser assim resumidos em dois grupos: I) *Realidade* 1. Qualidade do que é real. 2. Existência real. 3. O que existe realmente. Antônimo: ficção, fantasia. *Real* 1. Que existe; que tem existência no mundo dos sentidos; que não é imaginário, verdadeiro; ontológico. 2. Que diz respeito às coisas. II) *Ficção* 1. Ato ou efeito de fingir. 2. Simulação. 3. Arte de imaginar. 4. Coisas imaginárias. *Obra ou literatura de ficção*: aquela cujo enredo é criado pela imaginação do autor. *Fantasia* 1. Faculdade criadora pela qual o homem inventa ou evoca imagens. 2. Obra de imaginação; 3. Idéia, devaneio. *Imaginário* 1. Que só existe na imaginação. 2. Que não é real. 3. Ilusório. 4. Fictício, fantástico.

¹ BURGELIN, Olivier. *A comunicação social*. Portugal, Lisboa, Edições 70, p. 87, 1970. O autor chama a atenção para o sentido vulgar com que se considera a oposição da informação e da cultura de massas, ou seja, na oposição entre real e imaginário.

² ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, p. 183-4, 1984. Mais adiante, será oportuno discorrer sobre a tese defendida por este crítico italiano a respeito da abolição dessa divisão na televisão.

³ MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo, Melhoramentos, 1998.

Marcondes Filho discorre sobre as três fases da televisão no Brasil⁴, importantes para a compreensão desses elementos antagônicos mediatizados por este veículo que se impôs, de fato, após a Segunda Guerra Mundial.

Antes, porém, de abordar as fases da TV, é válido pontuar que a invenção da televisão não foi um acontecimento isolado ou uma série única de acontecimentos⁵. Resultado de um longo processo de pesquisas e descobertas, de novas experiências, a televisão “é derivada de um conjunto de invenções e desenvolvimentos da eletricidade, fotografia, cinematografia e radiofonia”⁶. No período de 1880 a 1890, já se pensava a TV como objetivo tecnológico específico: a tele-visão, a visão à distância de imagens em movimento. É em um romance de ficção científica - quem diria - que a televisão aparece pela primeira vez - em 1883 - como um maquinismo para a visão à distância chamado ‘telefonecôscpio’. Em menos de um ano, a ficção passou a se tornar mais real com o disco de Nipkow, um aparelho de escandimento das imagens que funcionava de forma mista: mecânica e elétrica. Este aparelho domina a indústria televisiva até 1933, data de nascimento da televisão totalmente eletrônica⁷.

Desde os primeiros anos da década de 20 até o aparecimento dos primeiros modelos de televisão pública e privada dos anos 30, o veículo desenvolveu-se como empresa autônoma. Em 1936, apenas a Grã-Bretanha possuía serviço regular de televisão. Dez anos mais tarde, França, Estados Unidos e União Soviética passam a contar com a regularidade nas transmissões televisivas. Na metade da década de

⁴ MARCONDES FILHO, Ciro. *Sociedade tecnológica*. São Paulo, Scipione, p. 66-7, 1994. Nesta publicação, o autor apresenta três fases da TV. Mas, em outro livro do mesmo ano - *Televisão* -, Marcondes Filho destaca duas fases: a primeira - que tem dois momentos - e a segunda propriamente dita.

⁵ GIOVANNINI, Giovanni. *Evolução na comunicação: do sílex ao silício*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, p. 249, 1987.

⁶ WILLIAMS, Raymond. *Televisione - Tecnologia e forma culturale*. Bari, p.17-50, 1981. Apud GIOVANNINI, Giovanni, op. cit., p. 249.

⁷ CIPRIANI, Ivano. *La televisione*. Roma, p. 10-1, 1980. Apud GIOVANNINI, Giovanni, op. cit., p. 251. O referido romance - *Século Vinte* - foi escrito por Albert Robida. O nome do aparelho - Nipkow - deriva de seu inventor, um russo que emigrou para a Alemanha. Outras invenções, paralelas ao do Nipkow ou posteriores foram decisivas para o desenvolvimento da TV eletrônica: células fotoelétricas de Elster e Geitel (1890), tubo de raios catódicos de Braun (1897), receptor a raios catódicos de Tosing (1907), projeto de telecâmara eletrônica de Campbell Swinton (1911).

80, quase todas as nações do mundo podiam assistir à TV.⁸ E no ano 2000, o acesso ao serviço não é o que se discute prioritariamente: as novas tecnologias de comunicação têm sido o ponto de pauta da atualidade e a TV eletrônica deverá passar em breve para TV digital.

O surgimento da televisão no Brasil data de 1950, fase marcada por um intenso experimentalismo: os profissionais que vieram do rádio, do cinema, do teatro e do jornalismo trabalhavam em estúdios improvisados. As atividades eram desenvolvidas de maneira precária e provisória decorrentes das tentativas de preencher o espaço de programação ainda carente de uma linguagem própria. Sem experiência e familiaridade com a tecnologia, os profissionais procuravam apenas ampliar o raio de ação da TV: produzir imagens, posteriormente mandadas para o ar e captadas por alguns aparelhos da região. Nessa época, era a TV Tupi, canal 4, que detinha uma primazia da pequena audiência de televisão no País.⁹

“Era uma vez a Paleotelevisão, feita em Roma ou Milão, para todos os espectadores. Falava das inaugurações dos ministros e cuidava para que o público aprendesse apenas coisas inocentes, mesmo à custa de contar mentiras. (...) Da Paleotevê, poderia fazer-se um pequeno dicionário com os nomes dos protagonistas e com o título das transmissões.”¹⁰ A Paleotelevisão de que fala Eco é aquela que compreende a primeira fase, ou seja, na qual o veículo se limitava a ser apenas um reproduzidor daquilo que havia em outros meios de comunicação: peças de teatro, filmes, noticiários. “A televisão então era então apenas uma espécie de ‘televisionador’ dessas experiências; era como se fosse instalada uma câmara num palco ou numa emissora de rádio, em que o locutor falava as notícias, ou acoplada a um projetor de filme.”¹¹

A segunda fase corresponde à década de 60, quando surgem outras emissoras: TV Record, canal 7, e TV Excelsior, canal 9 são exemplos de televisões

⁸ GIOVANNINI, Giovanni, op. cit., p. 254.

⁹ MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão*. São Paulo, Scipione, p. 27, 1994.

¹⁰ ECO, Umberto, op. cit. p. 182.

¹¹ MARCONDES FILHO, Ciro. *Sociedade tecnológica*, op. cit., p. 66.

instaladas em São Paulo. Trata-se do início de competição entre as emissoras, pautada pela ampliação do espaço televisivo e por grandes investimentos de capital: a liderança da Tupi é abalada. Em um período de fabricação de aparelhos em larga escala, a TV no Brasil sai da fase do estranhamento para começar a consolidar-se como um meio de comunicação para as grandes massas: é o momento no qual “vai-se tornando uma necessidade social geral da população”¹². A TV Globo entra nesse cenário como um importante sistema empresarial, assumindo a liderança absoluta da audiência: sofisticada a produção e a distribuição, amplia os meios de reprodução de seus sinais por todo o País, introduz princípios de rentabilidade e eficiência.¹³

A televisão, portanto, amadurece como sistema industrial complexo. Objeto obrigatório nas residências, conquista o público dos outros meios de comunicação: produz *shows* de auditório, programas humorísticos longos, programas de prêmios e de calouros e inicia também a transmissão de seriados de origem norte-americana.¹⁴ “A segunda fase da televisão é o momento em que ela já não é mais reprodutora de outros meios, mas passa a produzir a sua própria linguagem. (...) Produz sua própria encenação dentro da linguagem da tevê, marcada por um tipo de ritmo, corte, montagem apropriados ao sistema televisivo.”¹⁵

Após ser reprodutora de outros meios de comunicação, suplantando esta fase modesta até consolidar-se como indústria rentável e com linguagem própria, novos sistemas eletrônicos são introduzidos, permitindo a multiplicidade de emissores, a pluralidade de mensagens, o desenvolvimento de uma variedade de formatos. A ameaça do monopólio vai sendo fragilizada. Se antes a TV era considerada “uma

¹² MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão*, op. cit., p. 29.

¹³ Idem, *ibidem*.

¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 27.

¹⁵ MARCONDES FILHO, Ciro. *Sociedade tecnológica*, op. cit., p. 66. Um exemplo de linguagem própria da TV é a maneira como o veículo transmite um filme: ele passa por um processo de fragmentação consonante à necessidade de inserções publicitárias, ou seja, sua história não segue começo, meio e fim ininterruptos. A indústria do filme para a televisão surge então para atender à esta demanda, sendo a fragmentação sua metodologia dominante.

janela aberta para o mundo”¹⁶, “transparente”¹⁷, no final dos anos 80, no Brasil, a terceira fase é marcada pelo título que abre um ensaio de Umberto Eco: “Tevê: a transparência perdida”¹⁸.

Ao invés de desenvolver de imediato a referida idéia que remete à uma noção de opacidade, é importante destacar, antes, um outro título de um outro ensaio, desta vez, de um estudioso americano, Percy Tannenbaum: “Se uma árvore cai numa floresta e não é projetada na tv será que a árvore caiu realmente?”. Ele declarou posteriormente que seu ensaio poderia ser intitulado de uma maneira diversa: “Se uma árvore cai na tv, quer dizer que ela *realmente* caiu”.¹⁹ Marcondes Filho segue a mesma linha de raciocínio de Tannenbaum: “O que garante que as coisas de fato existem é o fato de serem veiculadas pelos meios de comunicação”²⁰.

A segmentação da televisão em fases torna-se mais clara, pois é a partir da análise da sua forma de funcionamento que as mudanças ficam perceptíveis. A mais radical reside, sem dúvida alguma, na última fase: é nela que a simulação do mundo é instaurada. A realidade televisiva passa a ser “um universo hiper-real muito além do verdadeiro e do falso”²¹. A televisão é a ratificação de si mesma, a garantia da realidade, da única realidade que ela acaba por admitir: a realidade televisiva.²²

Tal conceito pode ser melhor compreendido a partir da análise de outro, formulado por Eco: o de Neotelevisão, o inverso da Paleotelevisão. Ela é resultado da multiplicação dos canais, do desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação, da fragmentação, da dispersão. Seu princípio norteador é aquele que se verifica através do distanciamento do mundo exterior. O importante é falar de si mesma e estabelecer contato com o público, procurando entretê-lo,

¹⁶ MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão*, op. cit., p. 32.

¹⁷ Idem, *ibidem*.

¹⁸ ECO, Umberto, op. cit., p. 182.

¹⁹ GIOVANNINI, Giovanni, op. cit., p. 270.

²⁰ MARCONDES FILHO, Ciro. *Sociedade tecnológica*, op. cit., p. 64.

²¹ BAUDRILLARD, Jean. *La società dei consumi*. Bolonha, p. 176-9, 1976. In GIOVANNINI, Giovanni, op. cit., p. 271.

²² GIOVANNINI, Giovanni, op. cit., p. 271.

independentemente do que esteja sendo transmitido. É a TV-narciso²³ para Marcondes Filho.

Assim, a transparência não é mais a personagem principal. Ela envelheceu, perdeu público que, munido do controle remoto, começou a decidir quando deixá-la. A opacidade, apelidada também de simulação, sua maior concorrente, começou a atrair espectadores: assim, os canais estabeleceram uma acirrada disputa. Transmitir o mundo? Não, fabricar mundos parece dar melhores resultados, maior audiência. “A Neotelevisão existe. É verdadeira porque é certamente uma invenção televisiva.”²⁴

Entra em crise, portanto, a “dicotomia fundamental” acerca da designação do real na televisão. O primeiro a defender a tese de que não há mais a tradicional divisão entre programas de informação e programas de fantasia e de ficção foi Umberto Eco. Para ele, a fronteira entre esses elementos foi ficando cada vez mais tênue, não sendo mais possível segmentar ficção e não-ficção.

De forma geral, a primeira dessas duas grandes categorias está relacionada a eventos, sejam políticos, do cotidiano, esportivos ou culturais. Os espectadores esperam que os programas de informação digam a verdade, segundo critérios de relevância e de proporção, separando informação de comentário. “Diremos que o senso comum reconhece um enunciado como verdadeiro quando, à luz de outros métodos de controle ou de enunciados provindos de fontes alternativas confiáveis, verifica-se que ele corresponde a um acontecimento efetivo.”²⁵

O universo dos espetáculos corresponde à segunda categoria, a da ficção. “O espectador exerce conscientemente a chamada suspensão da incredulidade, e aceita ‘de brincadeira’ tomar como verdadeiro e válido aquilo que todos sabem não passar de uma construção fantástica.”²⁶

²³ MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão*, op. cit., p. 39. A *tevê-narciso* é aquela que “olha para si mesma, que fala de si mesma, que apresenta a si mesma como sendo o mundo”.

²⁴ ECO, Umberto, op. cit., p. 183.

²⁵ Idem, *ibidem*.

²⁶ Idem, *ibidem*.

De acordo com Eco, a neutralização da referida dicotomia remonta os primórdios da televisão, através de um fenômeno que poderia ser constatado em ambas as categorias de programas: a oposição entre “quem fala olhando para a câmara e quem fala sem olhar para a câmara”²⁷. Trata-se de duas maneiras de se fazer televisão, da “dualidade entre dois planos de apresentação televisiva”²⁸, em que novamente a oposição favorece o esclarecimento.

No primeiro caso, há a representação de si próprio enquanto que, no segundo, a representação de um outro. Eco considera essa oposição grosseira pelo fato de poder haver soluções de direção acerca desses dois tipos de olhar. Mas valida essa mesma oposição a partir deste ponto de vista: “Os que não olham para a telecâmara estão fazendo algo que se considera (ou se finge considerar) que aconteceria mesmo que a televisão não existisse, enquanto, no caso contrário, quem olha para a telecâmara estaria sublinhando o fato de que a tevê existe e que seu discurso ‘acontece’ justamente porque a televisão existe.”²⁹

Os apresentadores, sejam de telejornais sejam de programas de variedades, os repórteres, os entrevistados, os humoristas que recitam um monólogo têm - salvo exceções - o seu olhar direcionado para as câmeras; os atores que interpretam personagens fictícias não, a menos que isso esteja previsto no roteiro ou sejam dirigidos para tal: isso é válido para ambos os casos. “Nesse sentido, protagonistas reais de um acontecimento real filmado pelas câmaras não olham para elas uma vez que o fato acontece por conta própria; não olham para as telecâmaras os participantes de um debate porque a tevê os ‘representa’ como engajados numa discussão que poderia acontecer em outro lugar; e finalmente não olha para a câmara o ator, porque quer justamente criar uma ilusão de realidade, como se aquilo que faz fizesse parte da vida real extratelevisiva (ou extrateatral ou extrafílmica).”³⁰

²⁷ ECO, Umberto, op. cit., p. 186.

²⁸ MARCONDES FILHO, Ciro. Televisão, op. cit., p. 39.

²⁹ Idem, ibidem.

³⁰ ECO, Umberto, op. cit., p. 187.

Assim, esta importante fase da televisão - por enquanto a terceira -, a mais contemporânea, incita a investigação. Qualquer discussão hoje acerca das estratégias de espetacularização deste veículo de transmissão de imagens absoluto em toda a cultura deve, necessariamente, passar pelo âmbito da neotevê, pela atenuação das fronteiras entre realidade-informação e ficção-imaginário. A produção de imaginários vem ligada a um elemento denominado auto-referência ou auto-celebração. Deixando de intermediar, distanciando-se do que seja um meio de comunicação, a televisão se vende como espetáculo, como fábrica de sonhos. "A auto-referencialidade significa que a televisão agora transmite a si mesma, transmite seus estúdios, seus operadores de imagem, deixa que o telespectador veja que aquilo é um estúdio, um cenário, um conjunto de técnicos que estão lá para produzir mundos."³¹ Assim, esvai-se o componente básico da primeira fase da TV: a verdade.

Assistimos, então, ao fenômeno da inversão da dimensão do real. Qualquer que seja o conteúdo a ser transmitido, ele será legitimado pela televisão. "A relação de verdade factual sobre a qual repousava a dicotomia entre programas de informação e programas de ficção entra em crise e tende cada vez mais a envolver a televisão em seu conjunto, transformando-a de um *veículo de fatos* (considerado neutro) em um *aparato para a produção de fatos*, de espelho de realidade em produtor de realidade."³²

Isso significa que não existem mais simples acontecimentos: aqueles que ocorrerem sem a captação de imagens e sons pelas câmeras de televisão e outros aparatos técnicos estão fadados (salvo raras exceções) a não ser considerados reais - transformam-se em "não acontecimentos" - e muito menos farão parte da história. "Os outros, os que passam através das lentes da telecâmera, os *media events*, enfim constituem o verdadeiro alimento da realidade e da história, e a ratificação televisiva faz com que casos isolados, na prática, transformem-se nos

³¹ MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão*, op. cit., p. 34.

³² ECO, Umberto, op. cit. p. 192.

'acontecimentos'."³³ Segundo Marcondes Filho, a única prova de algo ter acontecido é o fato de ser veiculado pelas televisões, rádios, jornais etc. O público não tem mais acesso às informações através de trocas pessoais: as coisas só são conhecidas através dos meios de comunicação. Se não for veiculado, o acontecimento não chega ao público.³⁴

Se há um senso comum que norteia as diferenças entre ficção e realidade, através da clássica oposição entre esses elementos, após as considerações efetuadas até aqui, é necessário elaborar uma pergunta: Determinado programa diz a verdade ou encena uma ficção? Para responder a esta indagação, é preciso refletir acerca dos posicionamentos da televisão diante dos acontecimentos: Ela se coloca a serviço da realidade? A realidade está a serviço da televisão? Ou ela cria realidades? Seria possível estender essas reflexões aos outros meios de comunicação, entretanto, a TV é o instrumento principal do arquivamento dos acontecimentos, de classificação da história, juntamente com os demais meios de registro audiovisual. Trata-se da transformação profunda da realidade em "telerrealidade"³⁵

O primeiro posicionamento do veículo, considerado por Giovannini como um elemento lógico-temporal situado no mais baixo nível, é aquele em que a televisão está a serviço da realidade. Ele utiliza como exemplo o encontro "premeditado" de líderes de duas nações anteriormente em luta entre si: Sadat (de Israel) e Begin (do Egito). Eles haviam se encontrado antes nos Estados Unidos e foram entrevistados juntos por Walter Cronkite do telejornal da CBS. O repórter perguntou a ambos se, quando e onde estavam dispostos a encontrar-se oficialmente. O encontro foi marcado na televisão. Assim, em Jerusalém, em 1978, os refletores das telecâmeras posicionados na porta do avião egípcio que aterrisara no aeroporto israelense deram a Begin e Sadat "a impressão - sincera - de estarem

³³ GIOVANNINI, Giovanni, op. cit., p. 271. Os *media events* são acontecimentos produzidos especialmente para a TV ou adquirem significação especial em função de transmissão televisiva.

³⁴ MARCONDES FILHO, Ciro. *Sociedade tecnológica*, op. cit., p. 64.

³⁵ GIOVANNINI, Giovanni, op. cit., p. 272.

se exibindo sobre o palco do mundo inteiro e, portanto, não apenas a favor de seus países, mas em nome e por conta de um grupo muito mais amplo, como se praticamente o mundo inteiro tivesse se transformado, de repente, no seu interlocutor.”³⁶ Ficou, portanto, a sensação de que o acontecimento estava sendo encenado para a televisão.

Outro exemplo, agora a respeito dos casos em que a realidade está a serviço da televisão - o segundo nível -, é o casamento do príncipe Charles da Inglaterra com Lady Diana, em 1981. De acordo com a revista *Time*³⁷, a *mise-en-scene* preparada para a televisão contou com 750 milhas de cabos e centenas de câmeras de vídeo, 21 delas posicionadas na catedral de Saint Paul. As imagens foram transmitidas por três satélites para telecomunicações - desde que o sol surgiu sobre o Palácio de Buckingham - para quase 800 milhões de telespectadores em 61 países, acompanhadas de comentários em 34 línguas. Esse exemplo de *media event* foi preparado nos mínimos detalhes, através de informações fornecidas às emissoras de televisão por uma equipe de *copy-writers* e de orientações protocolares: foram evitadas as cores branca, negra e púrpura para os vestidos, nos quais deveriam predominar os tons pastéis; a cauda do vestido de Lady Di foi confeccionada de modo que as câmeras pudessem mostrá-la do alto. “Querendo ou não querendo, Charles e Diana casaram-se para produzir um espetáculo televisivo.”³⁸

O terceiro nível - o mais preocupante - é aquele em que a televisão toma para si o poder de criar acontecimentos, construir realidades. Essa função faz com que este veículo distancie-se demasiadamente de outros meios de comunicação que o precederam, embora o processo de criação de realidades por parte dos meios

³⁶ KATZ, Eihu, conversa com Carlo Sartori, Los Angeles, setembro de 1982. Apud GIOVANNINI, Giovanni, op. cit., p. 272.

³⁷ CASTRO, Janice de. “The vows heard round the world”. In *Time*, 10 de agosto de 1981. Apud GIOVANNINI, Giovanni, op. cit., p. 273.

³⁸ ECO, Umberto. “In nome del video vi dichiaro marito e moglie”. In *L'Espresso*, 9 de agosto de 1981. Apud GIOVANNINI, Giovanni, op. cit., p. 273. Eco observa que, evidentemente, ambos se casaram para dar um herdeiro ao trono, mas, ressalta que os fins só poderiam ser alcançados se as núpcias se transformassem num bom espetáculo televisivo.

tenha começado antes mesmo do surgimento da televisão. Daniel Boorstin focaliza os “pseudo-acontecimentos” como uma categoria essencial desse fenômeno em formação.³⁹ Trata-se de acontecimentos que não ocorrem espontaneamente: eles são provocados, têm por objetivo ser reproduzidos pelos meios de comunicação de massa, mostram uma relação com a realidade no mínimo ambígua, pretendem colocar-se como “profecias que se auto-realizam”.⁴⁰

Para Boorstin, os “pseudo-acontecimentos” apresentam uma tendência de ocultar os eventos espontâneos: “São mais ‘dramáticos’, mais fáceis de difundir de maneira vívida e espetacular; podem ser repetidos à vontade; custam dinheiro (e por isso exigem interesses diversos); são mais compreensíveis e mais tranquilizadores, mais ‘socializáveis’, mais adequados para se tornarem objeto de conversas (onde constituem testes interpessoais para se constatar até que ponto alguém está ‘informado’); enfim, geram outros ‘pseudo-acontecimentos’ numa progressão geométrica.”⁴¹

Dominando a realidade, a televisão passa a fabricar eventos em laboratório, por isso, ela leva ao público uma enorme gama de “pseudo-acontecimentos”. Uma ficção exemplar que se mistura com a realidade é o filme norte-americano “Mera Coincidência” de Barry Levinson, produzido em 1997.

A narrativa focaliza, em princípio, um escândalo com conotações sexuais envolvendo o presidente dos Estados Unidos e uma “escoteira” menor de idade. Esse evento torna-se preocupante, pois ocorre justamente em um período que antecede as eleições presidenciais, nas quais o principal envolvido, a pessoa pública do presidente, pretende se reeleger. A fim de desviar a atenção dos eleitores em potencial e temendo que o seu opositor ganhe votos fazendo uso desse escândalo, a

³⁹ BOORSTIN, Daniel J. *The image - A Guide to Pseudo-Events in America*. Nova York, 1961. Apud GIOVANNINI, Giovanni, op. cit., p. 274.

⁴⁰ GIOVANNINI, Giovanni, op. cit., p. 274. Essas profecias auto-realizáveis podem ser caracterizadas como a organização de um prêmio, a celebração do aniversário de uma instituição ou uma entrevista qualquer. Idem, ibidem.

⁴¹ Idem, ibidem.

cúpula presidencial decide engajar-se em uma campanha, cuja principal vertente é a simulação de uma realidade: uma guerra em um país longínquo.

Para que o espetáculo televisivo pudesse ser elaborado com sucesso, fazendo com que o referido escândalo transformasse-se em apenas um detalhe, localizado no fundo de um baú sem memória nacional, uma equipe de produtores audiovisuais é contratada para forjar toda a encenação. A Albânia foi escolhida como locação imaginária, a “guerra” foi produzida em estúdio e contou com uma parafernália técnico-digital de dar inveja a qualquer produtor de cinema e TV brasileiro. Atores encenavam, passo a passo, as mazelas humanas que fizeram história em guerras reais. A diferença: bastava apertar algum dos botões das ilhas de edição decorrentes das novas tecnologias de comunicação para que um saco de batatas fritas (provavelmente da “Elma Chips”) transformasse-se em um lindo gatinho carregado por uma jovem civil, em pânico, correndo das bombas aterrorizantes.

Evidentemente, no filme, todas as emissoras de televisão veicularam os momentos desta guerra fictícia como um evento real. Apenas os principais envolvidos tinham em mente a ficção como instrumento de manipulação da opinião pública a seu favor. A esta altura, ninguém mais se lembrava do escândalo sexual, este sim, um fato, assumido pelo próprio presidente. Os Estados Unidos intervieram na “guerra”, através da “decisão” de seu presidente, que contava em sua campanha eleitoral televisiva com uma propaganda até certo ponto cômica pela simplicidade de sua produção - técnica e linguagem ficavam em planos secundários. O importante era a mensagem: “Não troque de cavalo no meio da correnteza”.

O conflito no filme “Mera Coincidência” é elaborado a partir da avaliação dos resultados de toda essa simulação: o presidente tornou-se novamente “um candidato do povo” e nenhum evento significativo ameaçava a realidade construída. Assim, da mesma forma que a mensagem eleitoral do presidente pregava a manutenção dos elementos que se apresentam eficazes em meio às turbulências, os envolvidos na grande farsa resolvem criar um herói: “Old Shoe”,

um soldado que, após a guerra, havia ficado na Albânia, “esquecido”, “abandonado”. Quase como uma paródia com o filme que veio posteriormente - “O Resgate do Soldado Ryan” de Steven Spielberg -, o espetáculo deveria estar centrado no resgate de “Old Shoe”. Não demorou muito para que os telespectadores estivessem envolvidos no binômio emissão-recepção de alta participação: houve uma comoção nacional a ponto de as pessoas jogarem seus sapatos velhos nas árvores tal qual a equipe de simulação havia feito às escondidas, à noite, sem que ninguém testemunhasse a ação.

É nesse momento de simulacro que o FBI intervém, ameaçando ruir toda a campanha fictícia. A corporação descobre que “Old Shoe” não passa de um presidiário com problemas mentais. Mas, como na realidade, é feito um “acordo” - ou uma troca de favores - entre as partes. O vencedor das eleições está, então, praticamente garantido, mesmo que à custa de homicídios. “Old Shoe” é assassinado, assim como o produtor, peça central de toda essa espetacularização. Interpretado por Dustin Hoffman, o sucesso é tamanho que ele passa a não discernir mais a realidade da ficção. Ele gostaria de ser premiado pelo seu feito, que o mundo todo soubesse que tudo o que foi transmitido foi obra de sua criatividade e profissionalismo. Vem, então, a ordem do principal articulador de toda a trama feita para o cinema: Robert de Niro dá a orientação aos personagens tão antigos da história - os “capangas” - para que a arma de fogo seja novamente utilizada. Bum!

Os créditos finais estão passando na grande tela do cinema ou na pequena da TV, possível somente pela invenção do vídeo-cassete. O filme chega ao fim, mas não o desenvolvimento deste capítulo. Afinal, será que “Mera Coincidência” é uma mera coincidência? Retomando o que diz Boorstin a respeito dos “pseudo-acontecimentos”, é importante ressaltar que a teia da espetacularização da realidade se estende a partir do momento que eles geram outros numa progressão geométrica.

Como no filme, que serviu de exemplo para desenvolver o terceiro nível lógico-temporal acerca da criação de acontecimentos pela televisão, o cenário político é muito rico para que as estratégias de espetacularização da realidade sofram intenso empreendimento pelo veículo de imagens dominante na atualidade. Giovannini destaca como “pseudo-acontecimentos” os programas de perguntas e respostas, os festivais e os diversos concursos e enfatiza que do programa “Os Grandes Debates” na TV entre Kennedy e Nixon, em 1960, derivaram dezenas de outros encontros político-televisivos.⁴² “Também o foram milhares de entrevistas, declarações, polêmicas, nas quais a televisão, talvez fingindo um espelho, uma ‘companheira’ da realidade, era, ao contrário, a sua criadora exclusiva ou poderosíssima modificadora.”⁴³

Os exemplos nessa linha no âmbito nacional são muitos e, provavelmente, parte deles mexa com os aparelhos ideológicos institucionais vigentes de tal forma que a “lei do silêncio” passe a ser adotada. No Brasil, não foram e não são poucos os casos que envolvem a espetacularização da realidade no campo da política, mediatizada no mais das vezes pela própria televisão, o “gigante tímido”, nas palavras de McLuhan. “A TV não funciona como pano de fundo. Ela envolve. É preciso estar *com* ela.”⁴⁴

O âmbito que compete a este trabalho não é aquele que esmiuça os exemplos nacionais de espetacularização da realidade. Os telejornais, objetos deste trabalho, já conferem o caráter metodológico que prioriza as análises morfológica e de conteúdo que visam o estudo das estratégias de interferência nas linguagens ditas documentais. Mas, antes de passar para outras reflexões ainda pertinentes, é necessário desenvolver o conceito do que seja um “político de plástico”, a fim de

⁴² GIOVANNINI, Giovanni, op. cit., p. 274-5. O autor chama a atenção para o fato de este programa de debates ser estruturado seguindo uma fórmula usada nos programas de perguntas e respostas, tão usual nas televisões de todo o mundo.

⁴³ Idem, ibidem, p. 275.

⁴⁴ MACLUHAN, Herbert Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 1964.

que a mera coincidência concernente ao filme “Mera Coincidência” possa sair do campo da ficção para entrar para o campo da realidade.

Ampliando o conceito de político para “homem de plástico”, tal qualificação denota que se trata de um indivíduo que “se dobra facilmente às imposições da comunicação, dos gostos medidos por pesquisas eleitorais, que a cada novo período eleitoral assume uma nova faceta. Em suma, o político atual, este homem que é mera máscara ou fantasia, que vive aparecendo e se retirando do público para representar papéis, é o que corporifica nossa verdadeira insignificância.”⁴⁵

A visão de mundo antropocêntrica - no século XIX - era aquela que pregava que o governante sozinho era de fato capaz de se legitimar pelo voto universal de uma população: carregava em si o signo de ser o “realizador” de grandes trabalhos políticos e grandes conquistas sociais. Embora tal visão era nada mais do que uma ilusão, “sobrevivia a idéia de que as pessoas individualmente detinham esse poder de organizar massas, empreender campanhas militares, ampliar territórios e, através disso, exercer domínio sobre o planeta”.⁴⁶ Vale lembrar, também, que na sociedade teocêntrica, Deus é quem legitimava o político: o monarca só poderia subir ao trono se tivesse aprovação do papa, a autoridade religiosa máxima.⁴⁷

Atualmente, diz-se que o político fraco tornou-se dominante. Marcondes Filho diz que essa diferenciação é equivocada, “na medida em que o político forte da era antropocêntrica era uma ficção, uma construção, uma idéia que se espalhava pela sociedade”. Também esclarece que “os políticos hoje não são mais frágeis ou mais impotentes do que eram no passado. Eles são exatamente o que são, sem nenhum tipo de engrandecimento artificial”.⁴⁸

Por isso, o filme “Mera Coincidência” é exemplar para balizar como a televisão pode ser, ela mesma, a realidade. Antes de uma eleição, ela é acionada como de forma mágica, como se fosse a única capaz de mobilizar uma nação. Não é

⁴⁵ MARCONDES FILHO, Ciro. *Sociedade Tecnológica*, op. cit., p. 83.

⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 81.

⁴⁷ Idem, *ibidem*, p. 80.

⁴⁸ Idem, *ibidem*, p. 82.

à toa que se verificam as viradas surpreendentes dos candidatos em disputa, considerados sem a mínima chance. Dependendo de como os atores sociais, agentes políticos, partidos, artistas envolvidos estimulam, provocam, incitam o aparecimento de um grande movimento, este passará a agir de forma mais ou menos autônoma e incontrolável: “É como uma fera que, uma vez provocada, não se sabe ao certo o que pode ocasionar.”⁴⁹ Resta saber se os resultados das campanhas serão benignos ou malignos para as sociedades. O fenômeno é irracional, ilógico. Seus efeitos com alto grau de casualidade são difíceis de medir. “É o território onde o acidente faz a regra.”⁵⁰

O que importa aqui é desenvolver o conceito de “plasticidade” - e a vivência dela - com que os seres humanos têm deparado. Obviamente, não são só os políticos que se curvam às imposições dos meios de comunicação. Trata-se, na verdade, de uma “teia de plástico”, na qual há inúmeros agentes envolvidos. Veículo legitimador, a televisão convida atores e “atores” para participar das grandes encenações. Há uma gama de máscaras disponíveis, para todos os gostos, para todas as situações: de dramas a comédias. Por um lado, é impossível não considerar os próprios profissionais desse sistema plastificado. O que dizer dos jornalistas? Marcondes Filho dá a dica: “As concessões que jornalistas precisam fazer aos interesses da empresa não comportam julgamentos globais. Concessões pequenas são suportáveis ou até mesmo inevitáveis para se continuar no trabalho ou para se obter, com o tempo, uma posição mais segura. Concessões grandes ou continuadas são inaceitáveis e aí trai-se o caráter corrupto do jornalista.”⁵¹

As questões éticas acerca da “plasticidade” são muito complexas. Falar de ética, na verdade, requer uma seriedade que não se encontra na construção do conhecimento na base da “orelha”. Porém, há no mínimo inferências pertinentes decorrentes das atividades empíricas sobre a televisão. Quando um apresentador de telejornal, por exemplo, veste a máscara da indignação acerca de determinado

⁴⁹ MARCONDES FILHO, Ciro. *Sociedade tecnológica*, op. cit., p. 85.

⁵⁰ Idem, *ibidem*, p. 86.

⁵¹ MARCONDES FILHO, Ciro. *Cenários do novo mundo*. São Paulo, Edições NTC, p. 104, 1998.

assunto, mesclando informação e comentário nem sempre facilmente identificáveis, ele pode estar absolutamente curvado às regras impostas pela linha editorial do programa. Mesmo não concordando com o “jogo”, se ele pretende manter o vínculo empregatício que o liga à emissora, fará certamente concessões. Resta saber qual é a dimensão dessas concessões, o que se esconde por trás da fantasia.

Da mesma forma, atualmente não causa espanto o fato de repórteres apresentarem um tipo de postura profissional em uma emissora e parecerem outros profissionais quando mudam de empresa. Cada uma delas têm um grande estoque de máscaras, em vários tamanhos, cores, texturas, materiais, formatos, as quais parecem adequar-se perfeitamente aos funcionários, sejam eles novos integrantes da equipe ou mesmo antigos. As emissoras mostram-se precavidas quanto à manutenção desse estoque, rico em variedade e quantidade, pois, na busca de audiência, pode ser imprescindível mudar a linha editorial, contratar outros profissionais, trocar enfim de máscara. Esse raciocínio pode ser aplicado aos editores, aos chefes de reportagem, aos diretores, aos profissionais da ficção e da não-ficção, às pessoas, sejam artistas, políticos, intelectuais, atores e “atores” sociais, que “vendem” mais porque têm grande exposição na televisão etc. Retomando o início da citação⁵² - aqui mutilada quanto à palavra “jornalistas” - de Marcondes Filho, “as concessões que (...) precisam fazer aos interesses da empresa não comportam julgamentos globais”. Em suma, nem todos são de plástico. Trata-se de uma outra questão: a do relativismo de todos os conceitos e noções.

Essa é uma das características mais marcantes da nossa época, que abrange questões éticas, estéticas, culturais, políticas. “Não há mais qualquer noção de ‘bem’ ou ‘mal’, de ‘certo’ ou ‘errado’, de ‘belo’ ou ‘feio’ que seja aceita sem contestações por uma parcela significativa de uma nação ou de uma sociedade. O ‘tudo é relativo’ de Albert Einstein transformou-se na síntese, no emblema mais característico de nossos dias.”⁵³

⁵² Idem, ibidem, página anterior, penúltimo parágrafo.

⁵³ ARBEX, José & TOGNOLI, Cláudio Júlio. *Mundo pós-moderno*. São Paulo, Scipione, p. 6, 1996.

No momento em que certezas são enunciadas, elas são questionadas: o próprio sentido de se adotar ou defender qualquer sistema de valores é colocado em questão. Há uma ilusão “onipotente” e “infantil” de que o homem finalmente dominou a natureza. Parece não haver mais mistério. “É como se nada mais restasse fora do alcance dos laboratórios, das estatísticas, dos cálculos. Já nos acostumamos a acreditar que a ciência pode tudo.” O resultado? Um desencanto dos seres humanos na sua relação com a natureza, com o mundo. O clichê, o jargão emocional, a recorrência às atitudes estereotipadas para expressar idéias e sentimentos invadiram todos os setores da vida, da cultura, dos relacionamentos afetivos. Tudo parece ser “muito ligeiro, frágil, provisório e precário”.⁵⁴

O relativismo com que as pessoas deparam a cada dia em torno de inúmeras questões, inclusive cotidianas, é reforçada pela televisão. Em geral, os espetadores assistem-na sem parar para refletir se o programa diz a verdade ou encena uma ficção. Se uma guerra semelhante ao do filme “Mera Coincidência” fosse parar na tela da TV no horário nobre do telejornal de maior audiência do País, a audiência provavelmente acreditaria que o mundo - e aquela realidade - está sendo trazido para dentro das residências. Dificilmente os espectadores questionariam que alguém determina o posicionamento das câmeras, o que deve ser captado, as mensagens a serem transmitidas, quais serão os entrevistados. “Já nem nos damos ao trabalho de parar para refletir sobre as causas e conseqüências da guerra, sobre a história dos povos envolvidos, sobre as questões de natureza moral, geopolítica ou ambiental envolvidas no conflito. Em geral, ficamos satisfeitos com aquilo que a televisão transmite e com os comentários de ‘especialistas’, que acabamos esquecendo tão logo outro assunto nos chame mais a atenção.”⁵⁵

A TV-narciso de que fala Marcondes Filho também favorece a proliferação de indivíduos-narcisos. “O mundo do narciso é o mundo do espelho, da imagem plana e superficial. A profundidade dos sentimentos, o compromisso moral com certas

⁵⁴ Idem, *ibidem*, p. 6-8.

⁵⁵ Idem, *ibidem*, p. 11.

idéias, a reflexão e o pensamento a respeito das coisas tornam-se incômodos, quase uma anomalia indesejável. O que importa é o jogo das imagens. (...) Queremos eternizar a nossa imagem e viver num mundo infantil de onipotência, sem limitações e, de preferência, sem angústias.”⁵⁶

O desalento e a falta de perspectiva incitam a tendência de mergulhar no mundo individual da fantasia, das imagens narcísicas, da relação solitária com a televisão, com os *video games*.⁵⁷ E se a “plasticidade” em potencial das pessoas pode ser um conceito que vem ligado ao do relativismo-síntese dos nossos dias, a opacidade também pode ser considerada como a candidata que derrotou sua adversária, a transparência (da televisão - e dos indivíduos), da mesma forma como a realidade deu lugar ao simulacro. A TV bem sabe disso. Não é por falta de indícios que ela se impôs como espetáculo.

⁵⁶ Idem, *ibidem*, p. 15.

⁵⁷ Idem, *ibidem*, p. 18.

3.1. A Dramatização dos Fatos

A realidade não mais ordenada mas estatisticamente causal, não mais hierarquizada segundo linhas de importância, mas fragmentada em mosaicos, é derivada de um pequeno número de fatos novos que, posteriormente manejados em “laboratório”, vão ser despejados nas telas para que sejam televisionados pelos espectadores. “Ganhei de presente um aparelho de televisão, brinco com os botões para assistir poucos segundos de filme, trechos de notícias, publicidade. Certas frases do diálogo de um faroeste de classe B correspondem, palavra por palavra, a certos versos de Tennyson que estou lendo. John Wayne, a cavalo, parece um personagem de um antigo sonho que tive. A televisão é o vetor do caso que rege as linhas de comunicação às quais estamos ligados.”⁵⁸ Assim resume William Burroughs a transformação por que passa os seres humanos no campo da cultura de massas.

Na fragilizada dicotomia entre ficção e realidade, o bom senso e a atenção crítica encontram-se vulneráveis diante do espetáculo televisivo, consumido de maneira fragmentada por uma audiência no mais das vezes dispersa, que vem deixando de contrapor reflexivamente a “*verdade do enunciado*, isto é, a aderência entre o enunciado e o fato e a *verdade da enunciação*, que diz respeito à cota de realidade daquilo que aconteceu no vídeo (e não daquilo que foi dito através do vídeo).”⁵⁹ Como na miscelânea de programas assistidos por Burroughs, o problema perpassa tanto as transmissões de informação quanto as de ficção.

“Quando leio na coluna dos *faits divers*⁶⁰ ‘ele puxou do revólver e disparou três vezes’ sei que isso se passou realmente, salvo se houve um erro ou uma

⁵⁸ BURROUGHS, William. Entrevista com Raphael Sorin. In *La Stampa*, 1º de dezembro de 1981. Apud GIOVANNINI, Giovanni, op. cit., p. 276.

⁵⁹ ECO, Umberto, op. cit., p. 188.

⁶⁰ Os *fait divers* são notícias de caráter predominantemente emocional. Expressão de origem francesa, não tem tradução satisfatória para o português. “Uma informação total, ou mais imanente; ela contém em si todo o seu saber; não é preciso conhecer nada no mundo para consumir um *fait divers*; ele não remete formalmente a nada além dele próprio; evidentemente seu

deturpação da verdade, que eu poderia ter assistido à cena ou participado nela. Quando leio a mesma frase num romance, sei que nem o homem, nem o revólver, nem as balas existiram, que tudo isso se passa num 'outro mundo', precisamente no mundo da ficção.”⁶¹ Burgelin afirma que a oposição do real e do imaginário refere-se às relações da mensagem com o mundo, à realidade para a qual ela remete. Entretanto, tal simplificação já não pode mais ser considerada no âmbito deste trabalho. Assim, o próprio teórico chama a atenção para um elemento comum, presente em todos os tipos de leitura, em todos os tipos de participação.

Tal elemento distancia-se da relação da mensagem com o mundo real porque existe uma capacidade imaginária exercida em todos os tipos de participação. “Se leio uma história verdadeira, tenho de imaginar para compreender, e o mesmo acontece quando leio as aventuras do cavaleiro, do dragão e da princesa. Há, portanto, no leitor e no espectador uma dimensão do imaginário que não abrange este imaginário que podemos opor ao real ao nível da mensagem.”⁶² Trata-se de um aspecto essencial acerca da fragilizada dicotomia. Se é indispensável “partir” com um texto, um espetáculo, um filme e até um trecho de música, o que dizer sobre a televisão que, na ótica de McLuhan, não funciona como mero pano de fundo, pois ela envolve, sendo preciso, então, estar “com” ela.

Se a capacidade imaginária pode ser considerada inerente aos seres humanos, as audiências das emissoras de TV estão diante de programas em que a informação e ficção se trançam de modo indissolúvel, o que reforça - ou problematiza - ainda mais esse potencial humano. Mesmo que os espectadores tenham condições de elaborar a distinção acerca de notícias “verdadeiras” e invenções fictícias, a possível diferenciação se enfraquece em função da força das estratégias utilizadas para sustentar a autenticidade do ato de enunciação. Difícil

conteúdo não é estranho ao mundo; desastres, assassinatos, raptos, agressões, acidentes, roubos, esquisitices, tudo isso remete ao homem, à sua história, à sua alienação, a seus fantasmas, a seus sonhos, a seus medos.” BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo, Perspectiva, Fundo de Cultura, p. 58, 1970. Esse conceito de *fait divers* foi formulado por Barthes em 1962. A noção de *fait divers* será melhor elaborada no próximo sub-item.

⁶¹ BURGELIN, Olivier, op. cit., p. 87.

⁶² Idem, ibidem.

escapar da complexa estratégia de ficções que se põe a serviço de um efeito de verdade.⁶³

A dramatização dos fatos está profundamente arraigada ao conceito de espetacularização da realidade. Os eventos, captados pelas câmeras de TV, tornaram-se encenação. Há dois aspectos fundamentais acerca desse fenômeno:

1) O fato de se saber que o acontecimento será filmado influi sobre sua preparação.⁶⁴ O exemplo do casamento real entre o príncipe Charles e Lady Diana é uma característica de um *media event*. Os velórios de personalidades sob a ação das câmeras também são preparados, de modo que principalmente a família, o caixão e outras personalidades que aparecerão em progressão geométrica fiquem posicionados nos melhores ângulos, embora não se trate de uma ficção elaborada por Nelson Rodrigues. A morte, obviamente, não foi premeditada pelo aparato técnico-televisivo, mas, sim, combinou-se a cobertura do ritual arraigado à nossa cultura juntamente com seus principais envolvidos, as pessoas próximas que, provavelmente, já contavam com a presença das câmeras. As festas que têm a cobertura de Amaury Júnior em seu programa "Flash" da Bandeirantes certamente influem nos cuidados para que todos os detalhes importantes não escapem à ação dos cinegrafistas;

2) A presença das "telecâmeras" influencia o curso do evento.⁶⁵ Quantos integrantes de movimentos populares, como as passeatas, começaram a se manifestar bravamente erguendo os braços, cantando os refrões combinados, exibindo suas faixas com as mensagens selecionadas sem que ninguém importante presenciasse a ação - principalmente os profissionais dos meios de comunicação -, quando o silêncio e a paralisia instalaram-se logo em seguida, justamente no momento em que as câmeras chegaram? Bastou um milésimo de segundo para que todas as formas de manifestação popular criassem vida novamente. Nos casos mais

⁶³ ECO, Umberto, op. cit., p. 191.

⁶⁴ Idem, ibidem, p. 195.

⁶⁵ Idem, ibidem, p. 196.

extremos, é recorrente que um grupo de pessoas com o propósito de se reunir em protesto esteja desorganizado, disperso, até o momento em que surgem as câmeras de televisão. O que elas captam, enfim, é a “representação” de um movimento. E o que dizer dos transeuntes em meio a algum tumulto sendo gravado nas ruas de qualquer cidade acenarem - encenarem - para a câmera de TV, com um largo sorriso nos lábios?

No primeiro caso, os exemplos dados têm menor chance de sofrer modificações radicais, pois estes são intencionais. O ritual do casamento real, assim como um jogo de futebol, é menos passível de ser alterado em seu curso pela presença das câmeras do que um velório e uma festa, nos quais há maior grau de imprevisibilidade. Essas duas situações acabam situando-se em um nível intermediário entre o primeiro e o segundo casos.

No último grupo, está embutida a noção de não-intencionalidade (pelo menos em nível do inconsciente), de instinto, entretanto, os acontecimentos podem ser modificados radicalmente. As pessoas acabam relacionando-se com a TV em duas frentes: como fornecedores de matéria-prima ficcional, imaginária e como telespectadores. “A televisão não só tira a naturalidade de uma situação, mas também suprime a própria situação: ela insere personagens reais num mundo de faz-de-conta que é vendido como fato jornalístico transmitido por ela.”⁶⁶

E para não ser deixado de lado o exemplo do político de plástico - dando uma coletiva às emissoras -, sua relação com a TV seria estabelecida da seguinte forma: “Ao colocar-se diante das câmeras e a partir do momento em que estas são acionadas, sofre uma total transfiguração. Sua expressão, seu visual, seu humor mudam radicalmente de aparência, de caráter, de forma. Da mesma forma, as emissoras de televisão instalam sistemas de luz, enquadramentos, posições de objetos, etc., construindo também uma cena como se fosse de estúdio, tornando

⁶⁶ MARCONDES FILHO, Ciro. *Sociedade tecnológica*, op. cit., p. 68.

tudo aquilo, que na verdade é uma entrevista sobre um fato real, um objeto da ficção.”⁶⁷

Se a dimensão do real, a sua encenação são elementos fundamentais do cenário da espetacularização, não é menos o elemento lúdico que se liga com os complexos e estratégicos instrumentos da dramatização da sociedade. A cultura de massas apresenta-nos a vida social como um jogo. “Talvez toda a participação imaginária comporte uma parte de jogo, na medida em que implica pelo menos um esboço de um *transfert* de identidade (o *transfert* de identidade é um jogo por excelência, consistindo a resistência a vencer na coincidência da dualidade - eu sou simultaneamente eu e outra pessoa).”⁶⁸

A cultura de massas transforma em objetos de contemplação, em espetáculos, toda espécie de realidades: vida privada, política, *faits divers*. O elemento espetacular está, portanto, igualmente próximo do elemento lúdico. Aquilo que não se presta à espetacularização será eliminado do domínio da grande informação.⁶⁹ “Aquilo que vemos transforma-se sempre numa espécie de jogo, concebido para o nosso prazer, mesmo quando se trata de uma ‘tragédia’ terrível como a do assassinio do presidente Kennedy.”⁷⁰

⁶⁷ Idem, ibidem.

⁶⁸ BURGELIN, Olivier, op. cit., p. 94.

⁶⁹ Idem, ibidem.

⁷⁰ Idem, ibidem.

3.2. O Sensacionalismo e a Banalização

A televisão brasileira da atualidade, mais do que em qualquer outra fase da história, tem veiculado uma ampla e variada gama de eventos ligados às manifestações da violência e acidentes - principalmente as ocorrências no trânsito - que se tornou recorrente rotular programas que transmitem conteúdos dessa natureza como sendo sensacionalistas.

Mas, será que essa qualificação pode mesmo ser estendida de maneira indiscriminada? Ou simplesmente os espectadores começam a relacionar os acontecimentos transmitidos ao aumento real dos chamados *fait divers* e a identificar o elemento trágico inerente a esse tipo de eventos como um elemento sensacionalista? Mas, afinal, o que é sensacionalismo?

De acordo com um dicionário de comunicação: 1. Estilo jornalístico, caracterizado por intencional exagero da importância de um acontecimento, na divulgação e exploração de uma *matéria*, de modo a emocionar ou escandalizar o público. Esse exagero pode estar expresso no tema (no conteúdo), na forma do texto, e na apresentação visual (*diagramação*) da *notícia*. O apelo ao sensacionalista pode conter objetivos políticos (mobilizar a *opinião pública* para determinar atitudes ou pontos de vista) ou comerciais (aumentar a *tiragem* do jornal). A rigor, todo processo de comunicação contém elementos de sensacionalismo, na medida em que mobiliza sensações físicas (sensoriais) e psíquicas, principalmente na primeira etapa do processo, isto é, no esforço para obter atenção, aceitação e resposta a uma *mensagem*. Por esse raciocínio, podemos considerar que em toda a imprensa se recorre ao sensacionalismo.⁷¹

É possível identificar, a partir da definição acima, termos⁷² concernentes ao universo da imprensa escrita. Isso se deve ao fato de a rotulação de

⁷¹ RABAÇA, Carlos Alberto & BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. São Paulo, Ática, 1998.

⁷² Todos os termos que se referem mais estritamente à imprensa estão em itálico.

sensacionalismo surgir com a “imprensa amarela”, no fim do século XIX, nos Estados Unidos. Esse fato está estritamente ligado à competição entre dois jornais da época: “New York World” e “Morning Journal”. Com a finalidade de atrair um número maior de leitores novaiorquinos, as bases do jornalismo moderno foram lançadas: manchetes garrafais, artigos sensacionalistas, seções esportivas, numerosas ilustrações etc. No suplemento dominical do “World”, os desenhos de Outcault (*Yellow Kid*) foram impressos em cor amarela, confirmando a tentativa de atrair a atenção do público.⁷³ Daí a expressão “imprensa amarela”, cunhada por Ervin Wardman do jornal *Press*.⁷⁴

Levado às últimas conseqüências, o sensacionalismo penetrou em outros inúmeros órgãos de imprensa, que passaram a apelar para “o escândalo, a intriga política, o achaque, a chantagem etc”⁷⁵. O *Dicionário de comunicação* também define sensacionalismo como: 2. Qualquer manifestação literária, artística etc. que explore sensações fortes, escândalos ou temas chocantes, para atrair a atenção do público.⁷⁶ Alguns autores distinguem, no sensacionalismo, duas categorias: o positivo e o negativo. Sensacionalismo positivo é o que focaliza de uma forma sensacional (grande alarde, *manchetes* garrafais e um certo exagero no tratamento jornalístico) notícias de real importância para a evolução da humanidade. O sensacionalismo negativo, por outro lado, contém apelos a emoções destrutivas, geralmente de cunho sado-masoquista.⁷⁷

⁷³ RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo, op. cit. Por isso, os primórdios das histórias em quadrinhos estão vinculados às origens do jornalismo sensacionalista.

⁷⁴ SOBRINHO, Danilo Angrimani. “Espreme que Sai Sangue”; *Imprensa sensacionalista - uma colaboração para o estudo do jornalismo, tendo como objeto de pesquisa o jornal “Notícias Populares”* (Tese de Doutorado). São Paulo, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, p. 34, 1993.

⁷⁵ RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo, op. cit. No Brasil, o termo correspondente à imprensa amarela (*yellow press*) é *imprensa marrom*. De acordo com Alberto Dines, o então chefe de reportagem do “Diário da Noite”, Francisco Calazans Fernandes, sugeriu uma cor mais forte - marrom - para designar “imprensa amarela”.

⁷⁶ Idem, Ibidem.

⁷⁷ Idem, Ibidem.

Embora o veículo dominante de imagens absoluto na contemporaneidade seja a televisão - e aí o sensacionalismo encontra um meio fértil para se proliferar, principalmente quando ela transmite uma combinação entre imagens e sons que amplie o interesse do público por eventos dessa natureza -, também pode haver sensacionalismo nos jornais impressos e revistas, entre outras publicações - como foi demonstrado - e na imprensa radiofônica, sem mencionar os conteúdos que têm recheado determinados *sites* da rede mundial de computadores, a internet.

O elemento fundamental que vem arraigado ao sensacionalismo dos meios de comunicação é a competição, a necessidade de atrair um número cada vez maior de leitores, ouvintes, espectadores (além de internautas procurando chamar a atenção de outros internautas). Neste final de século, o que se verifica é uma fragilização de monopólios anteriormente consolidados: a oferta de produtos no mercado editorial, a pluralidade de emissoras de rádio, a diversidade de canais televisivos - principalmente os comerciais e os da TV por assinatura via cabo -, todos os meios de comunicação, de uma forma ou de outra, procuram ou manter-se no “pódio” - como é o caso da Rede Globo - ou ganhar a disputa em alguns horários, principalmente os veículos audiovisuais. Uma das maneiras para atingir esses fins pode ser a implementação de uma linha editorial sensacionalista. “Não é bem a perversidade dos produtores que mantém no ar o sexo e a violência e fora do ar as questões sérias. É o desejo dos executivos da televisão de manter uma audiência tão ampla quanto possível e no maior espaço de tempo possível, com o objetivo de vender bens e serviços. A mesma persistência, com mais sutileza, tem caracterizado a manipulação emocional nos comerciais da televisão.”⁷⁸

Também se verifica, no tocante à aplicação do termo sensacionalista a determinados produtos dos meios de comunicação, uma postura de condenação. “Não importa qual seja o contexto, sempre que se quer acusar um veículo de comunicação, ou um jornalista, usa-se de forma abrangente - e nem sempre exata -

⁷⁸ FERREIRA, Argemiro. “Violência na TV: EUA, 1993”. In *Mídia e Violência Urbana*. Rio de Janeiro, Faperj, p. 31, 1994.

a adjetivação 'sensacionalista'.”⁷⁹ Em suma, (...) “sempre que o leitor discorda de alguma coisa utiliza o termo sensacionalista para reforçar sua crítica.”⁸⁰

Tal maneira indiscriminada de fazer uso do termo “sensacionalismo” demonstra que o leigo critica aleatória e inadequadamente qualquer produto que remeta ao universo dos *faits divers*, ainda mais quando é possível identificar o elemento trágico em determinados eventos, denunciados por estratégias narrativas.

A tragédia já foi relacionada à arte. Aristóteles focaliza a tragédia na ação e não nos homens. “Na tragédia, não agem as personagens para imitar caracteres, mas assumem caracteres para efetuar certas ações; por isso as ações e o mito constituem a finalidade da tragédia, e a finalidade é tudo o que mais importa.”⁸¹ De intenção estética e catártica, a tragédia para Aristóteles é “imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com várias espécies de ornamentos, (...) suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções”.⁸²

Distanciando-se da arte em sua significação, a tragédia passou a configurar-se como destino: “O que temos de sentir como trágico deve significar a queda de um mundo ilusório de segurança e felicidade para o abismo da desgraça ineludível.”⁸³

De origem grega, o termo tragédia (Traguikós) tem o significado original de “terrível, estarrecedor”.⁸⁴ Mas, desde o período clássico, a caracterização da tragédia sofreu inúmeras mudanças. “A tragédia é experimentada como tal, agora

⁷⁹ SOBRINHO, Danilo Angrimani, op. cit., p. 11.

⁸⁰ Idem, ibidem, p. 411.

⁸¹ ARISTÓTELES. Poética. In Victor Civita (ed). *Os pensadores: Aristóteles*. São Paulo, Abril Cultural, p. 448, 1973. São seis os elementos da tragédia aristotélica: mito (composição dos atos); caráter (qualidade que atribuímos às personagens); elocução (enunciado dos pensamentos por palavras); pensamento (tudo quanto digam as personagens); espetáculo (elemento qualitativo mais emocionante e menos artístico ou poético); melopéia (imitação musical e ornamental da linguagem).

⁸² Idem, ibidem, p. 447.

⁸³ LESKY, Albin. *A tragédia grega*. São Paulo, Perspectiva, p. 26, 1990.

⁸⁴ Idem, ibidem, p. 27.

na medida em que nos afeta, nos interessa e comove. Ela deve apresentar alguma relação com o nosso próprio mundo. Essa identificação já era característica da representação clássica, mas a mudança no caráter dos personagens aproximou-os da estatura dos mortais, apesar de continuar a tragédia indicando sempre algo que ultrapassa os limites do normal.”⁸⁵

O envolvimento do objeto com o sujeito é característica da tragédia, assim como prega a linguagem sensacionalista, que tem por base a aproximação e a emoção. E é a partir da linguagem que se pode balizar o que é sensacionalismo e o que não é. A linguagem sónica situa-se na última qualificação, pois prevê um distanciamento entre sujeito e objeto.

“(Ela) estabelece um filtro para as emoções fortes, pasteurizando as informações de forma que o público seja colocado ao abrigo do impacto do real. A miséria, a dor, a tragédia, a morte, são filtradas pela edição, de maneira a serem consumidas ‘digestivamente’ pelo público.”⁸⁶

Já a linguagem clichê é coloquial, exagerada, pode recorrer a gírias e palavrões, seu tom é espalhafatoso, escandaloso, até agressivo, tem como premissa a aproximação entre sujeito e objeto. “O veículo sensacionalista produz notícias falsas, que remontam à crônica ficcional, (...) busca tornar sensacional um fato nem sempre sensacional. (...) Um veículo só é sensacionalista, quando estão presentes uma diversidade de elementos que possam caracterizá-lo como tal.”⁸⁷

Se o público necessita recorrer à crítica condenatória como elo de participação com o “mundo” visto através dos meios de comunicação, cujos elementos aglutinam-se na denominação “sensacionalista”, isso pode significar tanto que há identificação do caráter trágico de certos eventos veiculados como uma avaliação subjetiva de que há relação entre os conteúdos divulgados e um

⁸⁵ SILVA, Sérgio P. da. *Efeitos do sensacionalismo nos meios de comunicação de massa sobre o stress e o coping* (Dissertação de Mestrado). São Paulo, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1996.

⁸⁶ SOBRINHO, Danilo Angrimani, op. cit. p. 411. O autor recorre a Lorenzer, Prokop e Marcondes Filho para discorrer sobre linguagem sónica e linguagem clichê.

⁸⁷ Idem, ibidem, p. 412.

aumento real de acontecimentos revestidos de tragédia. Programas que difundem em demasia violência e acidentes normalmente são tachados de sensacionalistas, em uma análise imediatista. Daí ser fundamental uma avaliação criteriosa centrada em uma gama de elementos, inclusive nem sempre tão fáceis de serem situados devido à sua complexidade inerente.

Quanto à uma possível análise subjetiva do público leigo de conteúdos veiculados pelos meios de comunicação a partir da qual depreende-se uma progressão real da criminalidade, por exemplo, tal relação nem sempre encontra algum grau de veracidade. Michaud afirma que “essa progressão da violência criminal não foi provada e o que se assiste é, em vez, uma pacificação progressiva da sociedade; admitindo-se ou não, os costumes se civilizaram”.⁸⁸ Ele aponta que, ao contrário das sociedades do passado, as nossas estão habituadas a uma segurança cada vez maior. “Sobre o pano de fundo de uma segurança crescente - e invasora -, os comportamentos criminosos são percebidos com uma ansiedade desproporcional em relação ao seu volume real.”⁸⁹

O âmbito deste trabalho não permite uma disposição de informações quantitativas acerca das ocorrências ligadas à violência e acidentes, entretanto, pelo menos no caso do Brasil, é possível avaliar que as questões de segurança estão mal resolvidas, bem como as de direito, justiça e cidadania. Há uma tendência de as pessoas enclausurarem-se - procurando proteger-se da violência urbana - em suas casas, principalmente nas grandes cidades, sem mencionar os acontecimentos alarmantes que denunciam uma má conservação de estradas, falta de duplicação em muitas vias principais, além de motoristas infratores que passam longe da vista das corporações policiais e continuam provocando acidentes no trânsito em larga escala, muitos resultando em vítimas fatais ou condenadas à uma situação de dependência devido às conseqüências do evento em que se envolveram.

⁸⁸ MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo, Ática, p. 33, 1989.

⁸⁹ Idem, *ibidem*.

Os meios de comunicação considerados sensacionalistas são colocados à margem por distanciarem-se de outros, ditos “sérios”. Entretanto, a primeira definição acerca de sensacionalismo indica que toda imprensa recorre a ele, assim como todo processo de comunicação. Trata-se da tentativa de obter atenção, aceitação e resposta a uma mensagem. Esta é a primeira etapa do processo. Seria possível depreender que, se um meio faz uso apenas deste nível, a linguagem sónica é o seu pressuposto. Mas, quando o processo se estende, institui-se a linguagem clichê, uma estratégia nem um pouco neutra, pois objetiva que o público se envolva emocionalmente com os conteúdos veiculados. Daí o caráter trágico ser bastante explorado, o que liga sensacionalismo aos *faits divers*, o que remete sensacionalismo à crônica ficcional, desviando o público de sua realidade imediata.

Embora os *faits divers* já tenham sido mencionados neste capítulo, mal-entendidos acerca de sua significação são recorrentes. O primeiro deles liga a definição do termo a acontecimentos, algo inaceitável. O *fait divers* é “um relato, uma maneira de contar um acontecimento. (...) É um gênero literário. Obedece, evidentemente, à particularidade de se basear em informações reais: mas nem por isso se confunde com os fatos fornecidos por essas informações”.⁹⁰

De acordo com o *Grand Dictionnaire* de Pierre Larousse do século XIX (mais precisamente de 1872), sob a rubrica de *faits divers*, os jornais reúnem com arte e publicam regularmente as notícias de toda espécie que correm pelo mundo, a maior parte das quais estão relacionadas com a violência (em que incluem catástrofes e os acidentes), com o mistério, com o fantástico ou com a monstruosidade: “pequenos escândalos, acidentes de automóvel, crimes horríveis, suicídios de amor, pedreiros que caíram de um quinto andar, roubos à mão armada, pragas de gafanhotos ou de sapos, naufrágios, incêndios, inundações, aventuras ridículas, raptos misteriosos, execuções, casos de hidrofobia, de antropofagia, de sonambulismo e de letargia. Os salvamentos são um dos pratos fortes e os fenômenos da natureza maravilham, como é o caso dos vitelos com duas

⁹⁰ BURGELIN, Olivier, op. cit., p. 123.

cabeças, sapos com quatro mil anos, gêmeos pegados pela pele da barriga, crianças com três olhos, anões extraordinários...”⁹¹

O gênero literário do *fait divers* nasce, portanto, com a imprensa escrita, mas há alguns antecedentes ao seu surgimento, denunciados por trovadores em suas canções populares, cujos conteúdos excitavam a imaginação: “assassínios horríveis, façanhas de saltadores notórios, como o famoso Mandrin, bruxarias, etc.”⁹²

Assim, a definição errônea de *faits divers* distancia-se de “acontecimentos” para se instituir como fórmula, estratégia explorada, se antes pela imprensa escrita, agora por outros meios de comunicação. Tal qual ocorre quanto à rotulação de sensacionalismo como atitude condenatória, assim também o *fait divers* sempre foi alvo de censura. Por ser um gênero muito popular, as críticas geralmente focalizavam seu caráter vulgar, comercial, menos digno. “Neste último século diversos escritores reagiram contra esta censura e proclamaram o seu interesse ou a sua adesão ao *fait divers*. No entanto, deparamos aqui com a ambiguidade já observada: aquilo que mais interessou os escritores, desde Stendhal a Proust ou desde Dostoiewski a Jouhandeau, no *fait divers* não foi uma forma de literatura popular, mas o interesse humano dos casos relatados.”⁹³

Os interesses humanos, desde o período que compreende pelo menos o fim do século XIX ao iminente século XXI, certamente, foram se modificando. Se os meios de comunicação ainda continuam veiculando conteúdos que mexem com o imaginário popular - o universo do fantástico e do mistério ainda despertam interesse, mesmo que em menor intensidade -, tal proporção aumenta se forem focalizados os temas concernentes à ocorrência de violência e acidentes. “A maior parte daqueles que se interessaram pelo *fait divers* seleccionaram, na realidade, os

⁹¹ Idem, ibidem, p. 124.

⁹² Idem, ibidem, p. 123.

⁹³ Idem, ibidem, p. 124.

tópicos que se referem a tudo aquilo a que se convencionou chamar 'drama' ou 'tragédia'.”⁹⁴

Por isso, as narrativas se alimentam dos *fait divers*, sejam elas ficcionais ou “documentais”: o diferencial em relação a outros tipos de narrativas, que “filtram” os elementos trágicos e dramáticos, apresentando-os de forma mais “digerível” e menos espalhafatosa e emocional, é que elas ingressam no terreno do sensacionalismo: “O *fait divers* seria, tal como a tragédia, profundamente catártico: proporciona diariamente o alívio de certas tensões, a satisfação de certos instintos inconscientes.”⁹⁵

É importante ressaltar que estes supostos alívios, identificáveis na teoria catártica do *fait divers*, têm relação com uma certa constância. Os meios de comunicação que elegem uma trama o fazem porque verificam nela um potencial para conquistar o público, acreditam que o assunto venha a ter repercussão. Assim, ela se pode se estender por alguns ou vários dias. Daí o *fait divers* estar centrado no relato, na maneira de se contar determinados acontecimentos ou “não acontecimentos”.

Já para Roland Barthes, um *fait divers* é, em primeiro lugar, uma estrutura fechada. Burgelin procura focalizar a análise estrutural de Barthes, distante das tradicionais mencionadas aqui pelo fato de não haver valorização nem de conteúdo nem de forma, mas de causalidade e de coincidência: “Enquanto as outras informações remetem para um relato complexo de que elas constituem um simples fragmento, o *fait divers* é uma informação que se basta a si própria. Literalmente, a comparação que se impõe não é já com o romance ou a tragédia, mas com o conto ou com a novela. Salvo raras exceções, o *fait divers* não precisa de introdução, não espera uma seqüência. Nele diz-se tudo o que deve ser dito.”⁹⁶ Barthes acredita que a arte do *fait divers* consiste na desilusão de uma certa

⁹⁴ Idem, ibidem, p. 125.

⁹⁵ Idem, ibidem.

⁹⁶ Idem, ibidem, p. 126.

expectativa, substituindo a causa banal por uma causa paradoxal e reforçando a sua relação de coincidência.

“O *fait divers* é, a respeito de acontecimentos muitas vezes fúteis, mas por vezes dramáticos, um convite frequentemente desenvolvido, por vezes patético, para consumir na banalidade quotidiana aquilo que de mais fundamental e ‘sério’ existe na cultura de massas como, de resto, em qualquer cultura: o momento em que é posto, nos seus termos últimos, o problema do sentido.”⁹⁷

Se os *fait divers* despertam interesse, é possível que isso se deva ao seu potencial inerente de revelar melhor certas características da natureza humana do que a banalidade cotidiana. De acordo com o Michaelis⁹⁸, banalização é o ato ou efeito de banalizar, que é tornar banal, ou seja, vulgar, trivial, comum, fútil, frívolo. Mas, como, então, pode algo fútil despertar interesse? Ou como algo anteriormente novo pode transformar-se em corriqueiro?

Os acontecimentos são tanto mais informativos quanto menos previsíveis e portanto mais inesperados. O fato de um cão morder uma pessoa não constitui uma informação ou tem, pelo menos, um valor informativo muito menor do que se, nessa mesma situação, os protagonistas tivessem seus papéis invertidos. “O soldado que mata o general no momento em que passa revista às tropas em parada constitui um acontecimento informativo, em virtude do seu aspecto inesperado. A catástrofe natural é notícia pelo facto de ocorrer sem aviso prévio.”⁹⁹

O que se depreende da alta exposição de *fait divers* na televisão é que seus produtores e executivos, na competição pela audiência, acreditam que seus enredos contenham elementos atrativos. A banalização de determinados eventos começa a ocorrer devido à sua baixa taxa de informação. Os acidentes no trânsito passaram a preencher a tela da TV brasileira, a linha editorial de certos programas valorizam

⁹⁷ Idem, ibidem, p. 128. Aqui, não será desenvolvido o problema de “sentido” que cerca o *fait divers*. Em linhas gerais, trata-se de dois tipos de “participação imaginária”: a identificação e a projeção. Tais elementos foram articulados por Edgar Morin.

⁹⁸ MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa, op. cit.

⁹⁹ RODRIGUES, Adriano Duarte. *Comunicação e cultura; a experiência cultural na era da informação*. Lisboa, Editorial Presença, p. 20, 1993.

em demasia a violência. Os fatos dessa natureza podem garantir bons pontos no Ibope, entretanto, o interesse dos espectadores, que justificaria a seleção por esses assuntos, deve durar enquanto dura a transmissão dos sinais eletrônicos. A exceção recai para os protagonistas. Se estes forem conhecidos por grande parcela da população e estiverem envolvidos em uma situação trágica ou dramática, os capítulos da história receberão tratamento especial, o espetáculo será veiculado em doses homeopáticas, até ser possível trocar este por outro evento, a comoção nacional por outra, regional ou internacional e, em último caso, individual.

E, assim, a dinâmica televisiva está instituída: o meio provoca uma “desrealização” do mundo, à medida que seu próprio funcionamento se baseia na produção do fascínio, que produz o efeito de uma fascinação perpétua. (...) A mídia ‘alucina o real’, no sentido que a distinção entre imagem e realidade tende a desaparecer. (...) Esse *voyerismo* coletivo faz com que a própria violência se torne uma espécie de espetáculo contínuo, espetáculo ininterrupto.”¹⁰⁰

Um dos fenômenos mais instigantes da humanidade, a violência, chega, enfim, neste final de século, a ser banalizada pelos meios de comunicação em geral e, mais especificamente, pela televisão, gigantesca, absoluta, real, quase onipresente. O círculo vicioso está consolidado, as fronteiras tornaram-se tênues: ...o real se funde no imaginário; a transparência, na opacidade; a plasticidade, no incorformismo; o olhar, no não olhar; a coincidência, na não causalidade; a representação, na não representação; a relatividade, no absolutismo; o bem, no mal; o certo, no errado; o bonito, no feio; a paleotelevisão, na neotevê ou tevê-narciso; o sensacionalismo e o *fait divers*, na “seriedade”; a imprensa marrom, amarela, na “branca”; a condenação, na aceitação; a linguagem sígnica, na linguagem clichê; a alta taxa de informação, na baixa...

¹⁰⁰ JEUDY, Henri Pierri. “Pesquisador dos Processos Mediáticos”. In *Seminário: mídia e violência urbana*. Rio de Janeiro, Faperj, p. 67, 1994.

3.3. O Problema, Objeto da Pesquisa: o Espetáculo Telejornalístico

Quando Guilherme Jorge de Rezende defendeu sua dissertação de Mestrado, em 1985, intitulada “O Tele-Espetáculo da Notícia” (análise morfológica e de conteúdo de uma semana - 7 a 13 de janeiro de 1982 - do “Jornal Nacional”, da Rede Globo de Televisão)¹⁰¹, certamente, ele já visualizava o potencial de contribuição que seu trabalho traria aos estudos nesse âmbito, tão mais precários na ocasião. Isso porque parecia haver uma identificação mais imediata do espetáculo televisivo com os programas de ficção, do sensacionalismo com os produtos que levam tal rotulação, palpada na proliferação dos *fait divers*.

Na época, com uma audiência bem maior do que a apresentada hoje, o “Jornal Nacional” ainda colhia os frutos de um formato consagrado, ensinado, inclusive, nas faculdades de comunicação do País. Não é muito diferente hoje, entretanto, a proposta de uma análise do telejornalismo como espetáculo, 14 anos atrás, deve ter mexido com as bases acadêmicas brasileiras. Se o tema não era novo, novo foi o desafio a ser enfrentado no terreno dos monopólios de comunicação, cuja maior representante era a Rede Globo e o império de Roberto Marinho, ainda em uma posição privilegiada na área da TV, ameaçada porém, na atualidade, pelo novo cenário no qual vêm sendo estabelecidas as novas tecnologias de comunicação, a pulverização de públicos, a competição desenfreada pelas audiências, a proliferação de canais.

Maury Green, em 1973, já chamava a atenção para o fato de o espetáculo parecer constituir-se na forma comum às emissões de ficção e realidade nas TVs comerciais. Ele enfatizava que os programas telejornalísticos deveriam ser mesmo espetáculos, inclusive no que se refere ao estilo de apresentação das informações:

¹⁰¹ Dissertação de Mestrado. São Paulo, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1985.

“Deve ser uma calculada fusão de notícias e personalidades, apresentadas de forma tal que atraia a atenção e o interesse da audiência.”¹⁰²

A abolição da dicotomia entre ficção e realidade na televisão já foi bastante explorada neste capítulo, a partir da tese formulada primeiramente por Umberto Eco. Uma tese ainda mais audaciosa, nas palavras de seu próprio articulador, Marcondes Filho, é a que a TV ainda mantém uma certa dicotomia entre o mundo ficcional e o mundo real, só que não da forma como estamos acostumados a imaginar, mas uma dicotomia de outra natureza. “Eu diria que onde víamos o ficcional, lá está na verdade o real e onde imaginávamos que estivesse o real, é lá que está hoje o ficcional. (...) Em primeiro lugar, a tese é a de que a telenovela é o mundo real e o noticiário da televisão (os telejornais, as reportagens, os documentários), esse sim, é um mundo ficcional.”¹⁰³

O discurso da televisão é entrecortado e é isso que o difere, basicamente, do discurso do cinema, que é contínuo. A linguagem televisiva é polimórfica: “Em uma hora de programação temos diversos tipos de linguagem, como por exemplo telenovelas, filmes, noticiários, publicidade etc. O cinema, pelo contrário, é monomórfico: um filme mantém um mesmo tipo de linguagem durante toda a projeção de cerca de duas horas, com o estilo do diretor e a história do autor.”¹⁰⁴

A narrativa clássica esteve - e continua a estar - muito presente no cinema. Contar uma história através de um início, um meio e um fim - característica deste tipo de narrativa - só vem perdendo lugar, no cinema da atualidade, para determinados filmes que começaram a se aproximar da linguagem televisiva, como é o caso de “Pulp Fiction”, dirigido por Quentin Tarantino, uma produção de 1994, ou no caso em que as novas tecnologias de comunicação são exploradas pelo seu aspecto híbrido, permitindo a existência de “janelas” que contam uma história (ou outro momento da história) dentro do tempo impressivo da tela: um exemplo é o

¹⁰² GREEN, Maury. *Periodismo en TV*. Buenos Aires, Troquel, p. 67, 1973. Apud REZENDE, op. cit., p. 35.

¹⁰³ MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão*, op. cit., p. 39.

¹⁰⁴ COMPARATO, Doc. *Da criação ao roteiro*. Rio de Janeiro, Rocco, p. 53-4., 1995.

filme inglês “O Livro de Cabeceira” de Peter Greenaway (1996). Sem mencionar formato semelhante, desenvolvido a partir de experimentações videográficas. *Parabolic People*, série televisual de Sandra Kogut, uma produção de 1991, é um excelente exemplo do rompimento do relato clássico. “Recursos de edição e processamento digital permitem jogar para dentro do quadro do vídeo uma quantidade quase infinita de imagens (mais exatamente, fragmentos de imagens), fazê-las combinarem-se em arranjos inesperados, para, logo em seguida, repensar e questionar esses arranjos, redefinindo-os em novas combinações.”¹⁰⁵ Todo este universo, na verdade, dá indicações de um certo estatuto em potencial do audiovisual contemporâneo.

Assim, a telenovela, bem mais antiga do que os exemplos citados, também firma seu rompimento com a narrativa clássica, distanciando-se léguas da narrativa literária. Trata-se da fragmentação dentro da fragmentação, própria de um veículo como a televisão. Ela quebra a função simbólica do relato, não se desenvolve a partir do trinômio começo-meio-fim. A sinopse da telenovela funciona como uma diretriz geral, prevê muitos desdobramentos, mas não todos. Assim, sua estrutura é semi-aberta, tem por pressuposto uma certa imprevisibilidade. “(...) Ela é pura imediatividade, não tem nada a ver com o relato clássico, porque é uma narrativa que se produz a cada dia, segue colada ao cotidiano e à vida das pessoas, sendo uma espécie de ‘segunda vida’, vida adicional que as pessoas têm e na qual, de alguma maneira, também interagem as reclamações de telespectadores, os movimentos que saem às ruas contra a pornografia na televisão ou a corrupção de certos personagens.”¹⁰⁶

A “TV-realidade”, então, através da telenovela, faz com que haja um envolvimento emocional dos espectadores além dos limiares anteriormente conhecidos. As pessoas acabam se portando como se a “vida” mediatizada pela tela eletrônica pertencesse a elas mesmas. “Para a mudança de uma telenovela, as

¹⁰⁵ MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. Campinas (SP), Papirus, p. 238, 1997.

¹⁰⁶ MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão*, op. cit., p. 43.

peessoas adquirem uma força de organização, uma capacidade de mobilização, um interesse de intervenção de fazer inveja a qualquer partido ou organização política. Essa é a vida delas, é a realidade das pessoas.”¹⁰⁷

Assim, a realidade televisiva observada por Marcondes Filho a qual é filtrada pelo gênero consolidado no País, que é a telenovela, fundamenta-se a partir da cotidianidade, da emoção, da imediatividade, da familiaridade, do esgotamento total do relato. “A telenovela faz parte, domina, preenche o cotidiano das pessoas, e, na maioria dos casos, de forma mais rica, densa e emocionante do que a própria vida.”¹⁰⁸ Trata-se de um universo conhecido, de grande aceitação pelo público, da circularidade dos mesmos modelos e dos mesmos padrões, enfim, de um terreno seguro, onde não há incômodo, onde não se deseja ter os fantasmas adormecidos despertados. De olhos vidrados, os espectadores das telenovelas ficam, portanto, à espera de outras cópias, de outras duplicatas, mesmo que revestidas de novas roupagens. Adaptam-se perfeitamente a este modelo único. A necessidade da não reflexão se impõe, mas, a memória do telespectador é acionada: fazer com que ele reviva emoções torna-se o ingrediente máximo explorado com sucesso pelos canais televisivos através desse gênero.

Por outro lado, a presença da ficção nas linguagens ditas “documentais” mereceu atenção especial neste capítulo. Aqui, interessa ressaltar que a tese de Marcondes Filho a esse respeito procura não só abordar a atenuação das fronteiras entre ficção e realidade na TV, como o fez seu principal articulador, Umberto Eco, mas propô-la em outros parâmetros: se a realidade está nas telenovelas, por sua vez, a ficção está arraigada aos telejornais. “Aceita a premissa inicial de que o jornalismo é basicamente ficcional, é-se levado a ir mais adiante nesse mesmo raciocínio, considerando que o bom jornalismo é obrigatoriamente uma boa obra de ficção.”¹⁰⁹

¹⁰⁷ Idem, *ibidem*.

¹⁰⁸ Idem, *ibidem*, p. 45.

¹⁰⁹ Idem, *ibidem*, p. 62.

A espetacularização da realidade, presente então nos telejornais, tem relação com as mudanças tecnológicas na televisão, mas, principalmente, com a competição pela audiência. Os relatos acerca dos acontecimentos foram sendo incorporados à TV através de um maior impacto, de uma ampliação de efeitos visuais e sonoros. O objetivo: fascinar o público. “Em suma, todo o sistema jornalístico é abalado com o desenvolvimento da televisão e das novas tecnologias de comunicação e tenta adaptar-se aos novos tempos. Na frente de todos, o telejornal vai abrindo espaços dentro de um novo horizonte informativo, em que a informação pura e simples já não é tão importante mas é a encenação da informação que toma o lugar principal.”¹¹⁰

Um exemplo de uma “Viagem na irrealidade cotidiana” - título que leva um livro de Umberto Eco, já citado neste capítulo - é o tratamento dado pela televisão mundial à Guerra do Golfo, em janeiro de 1991. Este talvez seja o mais contundente, o mais comentado pelos críticos do jornalismo. “Para muitos autores, esse foi o episódio mais marcante da virada que deu o jornalismo de alguns anos para cá, no sentido de tornar-se uma instituição para a produção do real, já que o real propriamente dito, em sua forma bruta, praticamente não existe mais.”¹¹¹

O que caracteriza este exemplo é que o jornalismo de guerra, desde o final dos anos 60, foi se distanciando cada vez mais do jornalismo clássico, aquele que tinha como premissa ser livre: não havia interferência do governo na produção de notícias e os correspondentes não sofriam quaisquer tipos de retaliações. No caso da Guerra do Golfo, a outrora liberdade deu lugar à “prisão”, à um tipo de ação vinda das camadas altas - poderosos organismos militares e políticos -, que comandavam a linha editorial a ser seguida: elas diziam o que podia ou não ser gravado pelas câmeras, indicavam quais pessoas poderiam ser entrevistadas e aquelas que não poderiam falar olhando para as câmeras, qual dos lados deveria ser ouvido etc. As atrocidades, os crimes hediondos, a barbárie decorrentes da

¹¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 49-50.

¹¹¹ MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão*, op. cit., p. 52.

guerra deveriam ser “filtrados”. Assim, toda a imprensa se calava, como marionete, revestida de plástico, curvada às imposições de uma dinâmica autoritária. Controladora, tal dinâmica passou a ter diretrizes no sentido de se realizar uma triagem dos jornalistas que “teriam direito” de fazer a cobertura de guerra. Os escolhidos tinham de ter um certo tipo de “passaporte”: aquele no qual constava, ao invés do RG e caracterização da formação profissional no campo do jornalismo, a rubrica “advogados da causa”. Não deve ser à toa que dizem que o Direito é subjetivo... Trata-se de uma “mera coincidência” a atividade de jornalista ser trocada pela de relações públicas ou de publicidade governamental.

O sistema de controle, vigia e acompanhamento torna-se com o tempo mais requintado: os “advogados da causa” passam a trabalhar juntos, na cobertura feita na forma de *pool*¹¹²: o acesso direto às fontes torna-se impossível, já que as mesmas informações são usufruídas por todos. A individualidade se esvai: os profissionais não têm nome ou rosto, impossibilitando os “furos” nas reportagens. O resultado: a opinião pública pouco sabe de fato como as coisas aconteceram, dos efeitos e impactos sociais provocados, das violências e atrocidades. A guerra torna-se entretenimento, atrai as massas através de sua versão depurada, maquiada, mediatizada pela televisão. “A ‘Tempestade no Deserto’ vista pela tevê é fictícia como uma novela, emocionante como um sorteio do Silvio Santos, com o mesmo suspense de uma *performance* de Ayrton Senna. A tevê transmite o real, o que entra no aparelho receptor é o irreal.”¹¹³

Ainda no campo do jornalismo, não se pode esquecer do elemento fundamental que o nutre, que é a entrevista. No campo da comunicação coletiva, ela se distingue em dois grupos, em uma classificação sintética: entrevistas cujo objetivo é espetacularizar o ser humano; e entrevistas que esboçam a intenção de compreendê-lo.¹¹⁴

¹¹² Associação entre várias redes, estações e empresas jornalísticas para atuarem em conjunto. MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão*, op. cit., p. 53.

¹¹³ Esta análise é do jornalista brasileiro Inácio Araújo. Apud MARCONDES FILHO, Ciro, op. cit., p. 53-4.

¹¹⁴ MEDINA, Cremilda Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo, Ática, p. 14, 1986.

Edgar Morin classifica quatro tipos de entrevista: a *entrevista-rito*; a *entrevista anedótica*; a *entrevista-diálogo*; e as *neoconfissões*¹¹⁵. As duas últimas, mais raras, estão situadas no âmbito da tentativa de compreensão do ser humano. As duas primeiras, inversamente, aproximam-se da espetacularização, cujas diretrizes básicas voltam-se mais para o desenvolvimento deste trabalho.

A *entrevista-rito* é aquela que está centrada na obtenção de uma palavra: não importa o que seja dito, as palavras servem como pano de fundo, elas são rituais, completam a cerimônia. As falas dos jogadores - vencedores ou ganhadores - no final do jogo, um ator de cinema premiado com um troféu nas mãos são exemplos deste tipo de entrevista.

Já a *entrevista anedótica* volta-se às conversações frívolas, ineptas, complacentes. Situa-se no nível dos mexericos, das fofocas, dos projetos descompromissados.

Além destes tipos de entrevista, há outros quatro, considerados sub-gêneros da espetacularização:

1) *Perfil do pitoresco*: o perfil humano é transformado em caricatura a partir da fofoca, do grotesco, dos traços sensacionalistas, do picante;

2) *Perfil do inusitado*: procura-se caracterizar o entrevistado como excêntrico, exótico, extraíndo dele - mesmo que à força - relatos que reforcem tal intenção;

3) *Perfil da condenação*: recorrente no campo policial do jornalismo, pauta-se ideologicamente pelo maniqueísmo e julgamento pré-concebido; reduz o entrevistado a bandido ou mocinho;

4) *Perfil da ironia "intelectualizada"*: aproxima-se do tratamento anterior por contestar de maneira irônica alguma personalidade, condenando-a e mudando sua posição anteriormente consolidada, através da seleção de frases, das

¹¹⁵ MORIN, Edgar. "A entrevista nas Ciências Sociais, na rádio e na televisão". In MOLES, Abraham A. et alii. *Linguagem da cultura de massa*. Petrópolis, Vozes, 1973. Nos subgêneros da compreensão - aprofundamento, situam-se a *entrevista conceitual*, a *entrevista/enquete*, a *entrevista investigativa*, a *confrontação-polemização* e o *perfil humanizado*.

contradições ocasionais - isoladas do contexto -, da adjetivação atribuída pelo entrevistador ao entrevistado.

Os grupos acima delineiam algumas das possibilidades de determinados tipos de entrevista que se situam no campo da superficialidade, força motriz dos programas telejornalísticos “ficcionalis” - na ótica de Marcondes Filho - que, como na estrutura das telenovelas, não buscam levantar questões que incitem a reflexão. São as entrevistas-espetáculo que recheiam os telejornais da atualidade, a partir da linguagem clichê, da atribuição de estereótipos, da moldagem dos conteúdos à uma linha editorial próxima ao sensacionalismo. Evidentemente, nem todos os telejornais fazem uso tão indiscriminado destes tipos de entrevista, entretanto, a crônica ficcional se impôs aos formatos veiculados, as possibilidades humanas transformaram-se em caricatura, o clima de relativismo pelo qual passa as sociedades atuais, carentes de perspectiva e de amparo, torna-se preponderante para que o modelo espetacular prolifere na gama de canais televisivos. Alguns posicionam-se de forma mais sutil, tentam vender a imagem de seriedade, sustentam o discurso de que a TV (ainda) é uma janela aberta para o mundo. Não mencionam o mundo fechado, criado, plastificado que preenche o quadro televisivo.

É mais recorrente e imediato relacionar o fenômeno da espetacularização aos telejornais de cunho policial. Por isso, a contribuição dada por Guilherme de Rezende, mencionada na abertura deste sub-capítulo, não pode ser ignorada. No entanto, como fora abordado, somente a partir de uma análise criteriosa de uma gama de elementos é possível revelar como se estruturam as estratégias de espetacularização das linguagens “documentais” propagadas pelos meios de comunicação, mesmo que, em princípio, haja uma tendência preponderante do público leigo de tachar como sensacionalistas quaisquer programas que divulguem em demasia eventos relacionados principalmente à violência e acidentes. Isso significa que, assim como este tipo de qualificação generalizada é perpetrada por

grande número de espectadores, a mesma suposição foi o ponto de partida para este estudo.

Se o problema se focaliza no espetáculo telejornalístico, impôs-se uma necessidade de elaborar uma pesquisa na qual traçou-se qual deveria ser o ponto de chegada: a realização de análises morfológica e de conteúdo, cujo longo caminho já se descortinara desde o princípio já que, para tanto, a estruturação e conseqüente aplicação de uma metodologia significaria o único instrumento capaz de garantir algum grau de confiabilidade aos resultados alcançados, os quais teriam como premissa permitir uma leitura mais sistematizada e adequada dos objetos de estudo: os telejornais *Aqui Agora* (SBT) e *Cidade Alerta* (Record).

Assim, após de ter sido suplantado o desafio tríplice de lapidar o referencial teórico acerca da violência, compilar as contribuições de pesquisas científicas voltadas ao estudo deste fenômeno veiculado na televisão e enfocar o âmbito da espetacularização da realidade, o esboço preliminar passou a ter diretrizes mínimas para chegar, finalmente, a um certo estágio metodológico. É disto que o próximo capítulo tratará.

Mas, antes de esta pesquisa ser aberta na página seguinte, é necessário reafirmar que a espetacularização da realidade da qual trata este trabalho é aquela que focaliza a estetização da violência pela televisão. “Será que as massas de receptores cansaram-se dos filmes de violência signica, isto é, da violência esvaziada de choque e envolvimento? Será que se tornou necessária, agora, a violência dos corpos mutilados e ainda quentes para sensibilizar uma platéia já totalmente indiferente à destruição humana?”¹¹⁶

¹¹⁶ MARCONDES FILHO, Ciro. *Cenários do novo mundo*, op. cit., p. 31.

Metodologia



Técnicas de pesquisa morfológica e de conteúdo foram desenvolvidas, no Brasil, em estudos de jornalismo comparado principalmente nas décadas de 60 e 70, porém, não foram aplicadas amplamente no campo do jornalismo audiovisual. Os inúmeros trabalhos realizados no período abrangeram diversas tendências, focalizando a televisão brasileira quanto aos seus efeitos sociais, seu funcionamento como processo empresarial, sua atuação como meio capitalista. Outra linha explorada tratou da análise de programas específicos.¹ Embora tais pesquisas tenham servido de impulso a outros estudos, fornecendo subsídios para a área de ciências humanas, em geral, e de comunicação, mais especificamente, a distância entre a consolidação de metodologias científicas e decorrentes aplicabilidades permanece no âmbito da televisão e, conseqüentemente, do telejornalismo.

A dificuldade em encontrar publicações sobre técnicas de observação e de registro de material audiovisual indica as lacunas que se vêm ampliando no campo da pesquisa em comunicação, em seus mais diferentes meios ou enfoques. Outros fatores contribuem para a fragilização dos saberes na área: publicações que tratam de vários aspectos da televisão geralmente divulgam os resultados obtidos, deixando, na maioria das vezes, de focalizar como as respectivas metodologias foram estruturadas, sem contar que o número de pesquisadores no campo restrito do telejornalismo é reduzido. Portanto, se há obstáculos em acessar metodologias que atendam às diversas finalidades do audiovisual, o desafio em adequar e aplicar técnicas de pesquisa voltadas às análises de programas de TV e especialmente de telejornais - em particular os que enfatizam a espetacularização da notícia com conteúdo violento - não deve ser considerado intransponível. Reflexões nesse sentido levam à constatação de que os registros empíricos devem fornecer um embasamento mais consistente, possibilitando a elaboração de análises menos

¹ MORAN, José Manuel. "A pesquisa sobre televisão". In MELLO, José Marques de (org.). *Pesquisa em comunicação no Brasil*. São Paulo, Cortez/Intercom. Brasília (DF), CNPq, p. 34-41, 1983.

subjetivas. Isso só é executável a partir da criação/adequação de uma metodologia voltada aos objetos de estudo.

Em 1995, o *Mediawatch* - centro de estudos em veículos de massa do Canadá - realizou pesquisa sobre a forma como a mulher vinha sendo mostrada em telejornais de várias partes do mundo, estendendo seu campo de ação ao Brasil.² Os trabalhos desenvolvidos serviram como uma espécie de piloto para a criação de uma metodologia que atendesse aos objetivos desta pesquisa.

Embora a delimitação dos objetos da pesquisa ainda estivesse sob o efeito da observação e da reflexão (imprescindíveis para uma escolha adequada), iniciaram-se os trabalhos voltados para a criação de um certo tipo de tabela (grades de codificação) e de um guia com códigos que atendessem à realização de análises de conteúdo e morfológica. Pilotos foram realizados, sendo priorizados produtos audiovisuais com conteúdos sensacionalistas e/ou violentos.

Para chegar à definição dos objetos da pesquisa - telejornais *Aqui Agora* e *Cidade Alerta* -, foi necessário centrar a atenção nos programas jornalísticos exibidos nas emissoras de televisão comerciais brasileiras.³ Quais telejornais vinham explorando demasiadamente o caráter espetaculoso dos acontecimentos? Em quais formatos? Como a violência vinha sendo mostrada?

² O centro canadense solicitou a realização deste trabalho - *The Global Media Monitoring Project* - à profa Dra. Nelly de Camargo (Instituto de Artes - Unicamp), que passou todo o material à esta pós-graduanda por se tratar de excelente oportunidade de entrar em contato com metodologias de pesquisa voltadas ao audiovisual, um dos objetivos gerais desta dissertação. Parte da metodologia, elaborada por *Erin Research Inc.*, estava voltada a uma grade de codificação seguida de um guia de monitoramento para a realização das tarefas. Trinta e uma categorias foram estipuladas: do horário de início do programa até a anotação se algum entrevistado durante a reportagem teria sido elogiado (apenas o item relativo à idade foi utilizado na íntegra para o desenvolvimento dos guias de códigos para a metodologia tratada aqui). Decidiu-se pela gravação e registro empírico de todos os telejornais da Rede Globo; dois telejornais regionais da Bandeirantes, duas edições da TV Cultura. Os resultados da pesquisa (referentes a um dia de codificação) realizada no Brasil foram divulgados na Conferência Internacional dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), realizada no mesmo ano em Pequim, na China. A metodologia foi publicada após ter sido feita a tabulação de todos os dados referentes à televisão, rádio, jornais e revistas e conseqüente análise do material referente a 51 países. Ver, no volume II, Anexos, *MEDIAWATCH*. "Global Media Monitoring Project; women's participation in the news". Toronto, Ontario, Canada, National Watch on Images of Women in the Media (MediaWatch) Inc., 1995.

³ A pesquisa realizada para o *Mediawatch* também foi proveitosa no sentido de ter proporcionado experiência diferenciada na realização de análises mais criteriosas de conteúdos do jornalismo audiovisual em âmbito nacional.

O *Aqui Agora*, que estreou no SBT em 1990, contribuiu para uma mudança na forma de se fazer telejornal. Movimentos de câmera, acompanhando os repórteres que testemunhavam o acontecimento no local e até colocavam sua vida em risco (incluindo a dos cinegrafistas), os *fait-divers* bem explorados nas imagens captadas e nos conteúdos textuais, a respiração ofegante de policiais perseguindo criminosos, todo um clima voltado para a denúncia “ao vivo” (quando possível). Na ocasião, até a Rede Globo tentou entrar nesse clima, temendo a concorrência: mas, os repórteres da emissora pareciam estar bastante deslocados na tentativa de imprimir conflito onde, às vezes, nem havia. Atualmente, os telejornais da Globo podem até ter recebido novas camadas de “maquiagem”, mas a tentativa de imitar o *Aqui Agora* - pelo menos em relação aos movimentos bruscos de câmera e repórteres afoitos - foi deixada de lado.

O *Cidade Alerta* anteriormente apresentado por Ney Gonçalves Dias não foge ao formato do primeiro *Aqui Agora*, que voltou a ser apresentado em 28 de julho de 1997 com tempo mais reduzido.

Além destes, outros programas que exploram a veiculação de imagens e conteúdos sensacionalistas e/ou violentos vinham sendo apresentados: na própria Record, “Ratinho Livre” (atualmente, “Programa do Ratinho”, no SBT) - que fazia parte da programação da CNT/Gazeta -; e na Manchete, “Na Rota do Crime”; “Câmera Manchete”; “24 Horas”. Isso sem contar o “Fantástico”; o “Globo Repórter” etc.

Observando que se tem transformado em um fenômeno das massas e da busca de audiência, o *fait-divers* eletrônico parece constituir-se em uma tendência da programação das emissoras de TV do País.

O papel do apresentador - no caso de Ney Gonçalves Dias ele conseguiu que o *Cidade Alerta* atingisse a marca dos 11 pontos em audiência - também se destaca nessa guerra por números. No período em que estava sendo acertada a contratação de Boris Casoy (SBT) para comandar o “Jornal da Record”, o mesmo vinha acontecendo com Ney Gonçalves Dias (que trocava a Record pelo SBT). O

que Dias não contava era que Hermano Henning - ele assumira o posto anteriormente ocupado por Casoy - se transformasse em uma possibilidade dentro da emissora. Conseguindo manter os pontos de audiência conquistados por Casoy, o telejornal de Henning passaria a ter mais investimento do que o de Ney Gonçalves Dias (este fez estas afirmações em entrevista concedida no programa "Jô Soares 11 e Meia" 17 dias antes de assumir o telejornal do SBT).

A constatação da veiculação crescente de telejornais com formatos parecidos arrematou a escolha de ambos os programas. Valorizou-se, também, o aspecto competitivo: enquanto o *Cidade Alerta* era apresentado das 17h30min às 19h, o *Aqui Agora* passaria a ser veiculado das 18h às 18h30min (horários aproximados de início e término). Mesmo formato com mesmo apresentador só que em emissora concorrente também foi levado em consideração (Dias no comando do *Aqui Agora*). Conteúdos violentos e/ou sensacionalistas propagando-se na apresentação de notícias e trabalhos recentes que apontam crianças chocando-se mais com a violência mostrada em telejornais do que em programas de ficção foram fundamentais para a delimitação dos objetos da pesquisa, incluindo a inadequação do horário em que são veiculadas cenas de violência: ambos os telejornais começam a ser exibidos no final da tarde.

Decidiu-se pela gravação de cinco edições de ambos os programas, a contar da "reestréia" do *Aqui Agora*. No período de 28 de julho a 1º de agosto de 1997, foram realizadas duas gravações dos programas (para garantir a condução dos trabalhos, no caso de uma falhar).

Devido às dificuldades enfrentadas para estruturar e adequar a referida metodologia para as análises - que não é voltada a fragmentos, mas à totalidade dos programas -, à complexidade da tabulação dos dados e à duração dos dois telejornais (em apenas um dia, eles somam 2h16min21s), decidiu-se focalizar a pesquisa em duas edições.⁴ Some-se a essa decisão o fato de o estudo prever

⁴ Amostras de uma semana, procedimento usado em outras pesquisas sobre televisão, eram consideradas satisfatórias para a realização de análises morfológica e de conteúdo, mas normalmente elas priorizavam estudos em um único programa ou com duração de cerca de 30

também a decupagem das fitas de vídeo com a finalidade específica de atender a todas as etapas estipuladas, incluindo-se aí o delicado e amplo processo de codificação, que requer atenção triplicada e envolvimento significativo com o material amostral.

A fim de que a metodologia de pesquisa pudesse ser melhor concebida para o desenvolvimento de análises voltadas aos formatos e aos conteúdos, foram elaboradas transcrições integrais⁵ das primeiras edições de ambos os telejornais - incluindo-se nelas repetições e/ou erros na construção de frases e vícios de linguagem de apresentadores, repórteres e entrevistados - que serviram como parâmetro para sua adequação.

São três fases, embutidas nas *Grades de Codificação*, as quais serão descritas, em um primeiro momento, de forma geral e, em um segundo, de forma específica, incluindo todos os passos necessários para a sua realização. A aplicação da metodologia pode ser verificada no item 4. *Coleta e Análise do Material Amostral*, neste mesmo capítulo. Nele, são apresentados todos os registros efetuados, o que implica melhor entendimento da referida metodologia, favorecendo inclusive sua averiguação ou réplica, o que dá maior confiabilidade aos resultados alcançados.

minutos ou fazendo uso de fragmentos. Procedimentos que relatam o período de seis ou sete dias (considere-se que, ao domingos, telejornais normalmente não são exibidos) podem ser melhor analisados a partir de pesquisas divulgadas no Cadernos Proal por Heriberto J. Muraro (referência completa consta na bibliografia, op. cit.).

⁵ Verificar Volume II - Anexos, para tomar contato com as transcrições.

A Estrutura dos Telejornais

A primeira grade de codificação (*Grade I*) leva em conta o agrupamento de informações que contemplam a identificação dos blocos; notícias; repórteres; intervalos; referência geográfica (também regionalizada); temáticas (com especificação para Violência); além dos logotipos, chamadas e promoções. Através dessas grades, é possível realizar a quantificação de todos os tópicos e mensurar aqueles pertinentes quanto à sua duração.

O Elemento Humano

A segunda grade de codificação (*Grade II*) trata de pessoas. Pensou-se que, se a pesquisa enfoca a temática da violência, juntamente com os elementos que delineiam a espetacularização da notícia, seria prioritário tentar destacar a forma de tratamento dado a todas as pessoas que apareceram durante a reportagem (entrevistadas e/ou envolvidas diretamente com o assunto - estas últimas são apenas citadas nas matérias). Além de proporcionar a identificação das pessoas e das notícias que elas fizeram parte, as *Grades II de Codificação* permitem a quantificação de entrevistados e/ou envolvidos; a categorização quanto ao sexo, idade, raça, ocupação; a caracterização quanto a vítimas, acusados, testemunhas, suspeitos e elogiados (e suas respectivas palavras-chave); e a ligação delas quanto ao parentesco.

As Imagens

A terceira grade de codificação (*Grade III*) propõe a localização específica de matérias enquadradas como pertencentes à categoria de Violência com Ameaça. Trata-se de uma etapa decorrente das últimas duas, a qual inclui a mensuração do tempo de duração destas notícias e a indicação de ocorrência de exibição de imagens relacionadas ao assunto de origem.

Grade I de Codificação

1. BLOCOS; LOGOTIPOS; CHAMADAS;
NOTÍCIAS; REPÓRTERES; PROMOÇÕES; INTERVALOS

Todas as informações que são observadas: do início dos blocos até notícias, de notícias até as próximas, de intervalos até blocos posteriores e assim por diante.

BLOCOS: Na primeira linha da grade, deve ser transcrito o Bloco referente a cada conjunto de elementos que serão codificados. [Exemplo: BLOCO 1 - é quando se inicia o telejornal, desde o surgimento do logotipo de abertura]. Isso deve ser feito, seqüencialmente até esgotarem-se os elementos aqui descritos.

LOGOTIPOS: Os de ABERTURA, aqueles veiculados NO ESTÚDIO e quaisquer outros.

CHAMADAS: Destaque-se que, para facilitar a tabulação dos dados, foram incorporadas à denominação chamadas todas as vezes que os apresentadores aparecem, conduzindo o programa tanto nos momentos em que anunciam as manchetes, as reportagens que serão tratadas na seqüência como quando tecem quaisquer tipos de comentários. Isso se deveu pelo fato de os telejornais não apresentarem um formato rígido em relação a esses elementos.

NOTÍCIAS: O Número da Matéria, em ordem cronológica de acordo com o Bloco a qual está relacionada [Exemplo:1)], seguido dos Caracteres que a descrevem e que são mostrados na tela da TV [Exemplo: 1) Sem-teto acusa seguranças por morte de Taxista].

REPÓRTERES: Em seguida, deve ser escrito entre-parênteses o nome do Repórter que fez a matéria [Exemplo: (Edie Polo)]. Se o Repórter não tiver seu nome identificado, anote O entre parênteses: (O). Mas, se mesmo não identificado durante a matéria, for possível saber quem é o Repórter, escreva.

PROMOÇÕES: registradas apenas para o *Cidade Alerta*, que divulgou os chamados “Disque 0900”.

INTERVALOS: Cada espaço destinado à publicidade deve ser anotado depois que o Bloco todo foi codificado. Escreva Intervalo pulando uma linha após todas as informações acima terem sido registradas.

2. COUNTER DE INÍCIO

Deve ser anotado o COUNTER DE INÍCIO (CI) referente a cada Bloco, Notícia e Intervalo (incluindo também todas as informações observadas: Logotipos, Chamadas etc.)

O Counter é a contagem - mensuração - de tempo (horas, minutos e segundos) mostrada no visor do vídeo-cassete. O aparelho utilizado para a decupagem dos dois telejornais prevê a identificação desta duração. Não é possível realizar esta tarefa se o vídeo-cassete apresentar o chamado “conta-giro”, que exhibe números não relacionados à duração exata do material a ser codificado. Os 1/30 de segundos - “frames” - não são possíveis de registrar. Por isso, há um “desvio” (de segundos) correspondente a cada amostra selecionada, mas que não chega a interferir nos resultados. Trata-se de uma variação temporal que incorre em uma inexatidão reduzidíssima, considerando o tempo total dos telejornais (observe-se que tal denominação não se refere a Desvio Padrão).

Para obter o máximo de eficácia na contagem do tempo, deve-se encontrar o início do telejornal na fita gravada e zerar o “counter”. A partir deste procedimento, todos os números que aparecerem no visor devem ser transcritos para as grades de codificação, tomando o cuidado de encontrar os pontos de início mais precisos possíveis.

3. COUNTER DE TÉRMINO

Deve ser anotado o COUNTER DE TÉRMINO (CT) referente a cada Bloco, Chamada, Notícia, Intervalo e demais informações observadas). Os procedimentos são os mesmos usados para o Counter de Início, destacando-se a atenção voltada aos pontos de término.

4. DURAÇÃO

A DURAÇÃO é mensurada em horas, minutos e/ou segundos e refere-se a cada Bloco, Notícia e Intervalo (e demais informações). Para chegar aos resultados, deve ser feita a seguinte operação: $CT - CI = \text{Duração}$. Exemplo: $0:11:55 - 0:00:00 = 11'55''$ (11min55s). Outro exemplo: $1:26:10 - 1:22:45 = 3'25''$ (3min25s)

5. REFERÊNCIA GEOGRÁFICA

A coluna de REFERÊNCIA GEOGRÁFICA caracteriza a localização do fato relatado na notícia, ou seja, onde ele aconteceu. Devem ser anotados os seguintes códigos:

0 - Sem referência

1 - Cidade da matriz da emissora: São Paulo (SP)

2 - Grande São Paulo

3 - Cidade do Interior do Estado de São Paulo

- 4 - Capital de outros Estados
- 5 - Interior de outros Estados
- 6 - Outros países

Obs.: Se a matéria estiver relacionada com a cidade da matriz da emissora (*Aqui Agora* e *Cidade Alerta* têm sua sede em São Paulo-SP), deve ser escrita na sequência a localização, utilizando os códigos abaixo:

- A - Zona Leste
- B - Zona Oeste
- C - Zona Norte
- D - Zona Sul
- E - Região Central

Exemplo: 1/A, o fato relatado na notícia aconteceu em São Paulo, na Zona Leste.

6. TEMÁTICA

A TEMÁTICA procura destacar as mensagens embutidas nas reportagens, a partir de conteúdos informativos/narrativos. Para isso, deve ser considerado o seu contexto e o máximo de elementos - objetivos e subjetivos -, presentes, incluindo o enfoque de como cada matéria foi conduzida. Devem ser anotados os seguintes códigos:

- 1 - Temas ligados a modalidades de violência específica. Exemplo: assassinato, estupro, roubo etc.
- 2 - Temas ligados a um contexto de violência. Exemplo: matéria que relata a dificuldade de as presas amamentarem seus filhos nas cadeias (presídios devem ser considerados instituições ligadas a um contexto de violência,

no caso de, na matéria, não serem abordadas quaisquer modalidades de violência específica. Se em um presídio estiver acontecendo uma rebelião, esta estaria enquadrada no código 1). Contextos de violência também podem ser assuntos ligados à Segurança Pública e à Justiça, dependendo da forma de condução da matéria

- 3 - Temas ligados a acidente (de trabalho, de trânsito, doméstico, explosão, incêndio etc.)
- 4 - Temas relacionados a desastre natural (todos os fenômenos provocados pela natureza - enchente, desmoronamento causado pelas chuvas, por exemplo)
- 5 - Temas sensacionalistas que não incluam conteúdo violento. Exemplo: “Chupa-Cabras” e outros difundidos no imaginário popular
- 6 - Temas que relatem ações filantrópicas
- 7 - Temas que se refiram à defesa do consumidor
- 8 - Temas que procurem destacar a possível prestação de serviços como uma das funções dos programas (neste caso, a referida categorização também deve ser considerada quando os telejornais procuram difundir - mesmo que velada e/ou sutilmente - um determinado tipo de “propaganda” da emissora)
- 9 - Temas que pretendam informar o telespectador sobre novos programas, prêmios recebidos, profissionais contratados etc. (também é uma forma de propaganda, mas distinta da anterior)
- 10 - Temas educativos (que procurem levar informações desta natureza ao telespectador)

11 - Temas informativos (apenas quando a matéria tenta esclarecer assunto já inserido em outra temática). Exemplo: Em duas reportagens sobre “Chupa-Cabras” (sensacionalismo), houve a tentativa de levar ao telespectador informações de pesquisadores.

12 - Outros

Obs.: Se a matéria abordar tanto uma quanto outra temática, isso deve ser anotado. Exemplo: 7/8 (Celso Russomano fez uma matéria ligada à defesa do consumidor e o tratamento dado à notícia foi o destaque para o *Cidade Alerta* na prestação de serviços)

Caso a temática de determinada reportagem esteja enquadrada no tópico 1 (Violência Específica), deverá ser realizada uma codificação mais precisa:

A - Com ameaça (utilização de algum tipo de instrumento para a ação ou apenas intimidação através desses instrumentos - arma de fogo, arma branca, como utensílios cortantes etc. ou intimidação que possa vir a causar dano físico, material e/ou ou moral mesmo que não sejam utilizados instrumentos dependendo do contexto

B - Sem ameaça (vítima de furto, por exemplo, que nem sequer estava presente quando seu carro fora levado)

C - Sem referência (apenas se a matéria não tiver sido devidamente apurada, dando margem a dúvidas de como ocorrerá a ação relativa à violência específica ou caso não haja realmente a informação).

Obs.: Temática 1/B revela que a reportagem abordou um furto, por exemplo, em que a Vítima não sofreu qualquer ameaça. No caso de a Temática ficar enquadrada no código 1/A, um exemplo seria uma Vítima de estupro que foi

ameaçada com um instrumento cortante (como um pedaço de vidro quebrado posicionado perto de seu pescoço).

7. PALAVRAS-CHAVE

No item PALAVRAS-CHAVE deve ser anotada de uma a três que classifiquem a Notícia em relação à Temática. Exemplo: Se a temática estiver enquadrada no código 1/A, a palavra-chave de caracterização da notícia poderia ser homicídio. Se o código for 2, poderia ser direitos humanos. Se for 3/10, um exemplo seria acidente/prevenção. Esta é uma estratégia para localizar com maior facilidade as mensagens concernentes às reportagens, favorecendo uma codificação mais criteriosa, imprescindível para as análises morfológica e de conteúdo.

OBSERVAÇÕES

Os procedimentos que compreendem as Sete Colunas repetem-se até chegar ao FINAL DO TELEJORNAL, que deve ser anotado com a devida transcrição do Counter de Término.

INÍCIO; TÉRMINO; DURAÇÃO; SOMA DOS BLOCOS E DOS INTERVALOS; “DESVIO”

Essas informações constam na primeira página de cada dia de ambos os programas analisados. Ao finalizar a codificação de um dia específico do programa, devem ser registrados seu INÍCIO e seu TÉRMINO (em horas minutos e/ou segundos) e sua DURAÇÃO. Os exemplos abaixo referem-se ao *Aqui Agora* do dia 28/07:

INÍCIO:	17h58min
TÉRMINO:	18h27min58s
DURAÇÃO:	29min58s

Violência nos Telejornais: a Realidade Espetacularizada

As informações acima são relativas ao horário em que o telejornal iniciou e terminou no dia em que foi gravado em fita de vídeo.

A Duração em horas, minutos e/ou segundos de todos os Blocos e dos Intervalos relativos a cada dia do programa deve ser somada.

SOMA DOS BLOCOS
E DOS INTERVALOS:

29min54s

Para registrar o resultado do *DESVIO*, deve ser feita a seguinte operação:
Duração (do telejornal) - Soma dos Blocos e dos Intervalos (tempo mensurado a partir do counter do vídeo).

DESVIO:

$$\begin{array}{r} 29\text{min}58\text{s} \\ - 29\text{min}54\text{s} \\ \hline 4\text{s} \end{array}$$

O resultado de 4s equivale a um determinado número de ocorrências dos 1/30 de segundos - "frames" - que não puderam ser mensurados na decupagem realizada em vídeo-cassete.

Uma equação abstrata pode ser utilizada para o cálculo do DESVIO: *Número de eventos - 1 = x segundos* (que compreendem os 1/30 de segundos que não puderam ser contados).

Tomando o exemplo acima, a Soma dos Blocos e dos Intervalos equivale a 5 eventos (3 blocos e 2 intervalos). Portanto, $5-1=4$ segundos que não puderam ser precisados ("Desvio"). Tal equação pôde ser formulada a partir das experiências das contagens de tempo previstas na pesquisa. O cálculo foi testado em todos os tópicos que tiveram sua duração mensurada a partir do counter do vídeo-cassete. Portanto, não há coincidência no "Desvio" também de 4 segundos equivalente ao telejornal *Cidade Alerta*: o número de eventos foi o mesmo registrado no *Aqui Agora* em relação à Soma dos Blocos e dos Intervalos (3 blocos e 2 intervalos).

Grade II de Codificação

1. PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA E ENVOLVIDAS
DIRETAMENTE COM O ASSUNTO

Na primeira linha da grade, devem ser anotados: Número do Bloco e Número da Notícia que faz parte do bloco. Exemplo: BLOCO 1/MATÉRIA 1 (que posiciona a primeira matéria em relação ao primeiro bloco e é a seguinte reportagem do dia 28/07, no caso do *Aqui Agora*: Sem-teto acusa seguranças por morte de Taxista). Todas essas anotações devem ser respaldadas pela *Grade I de Codificação*.

Na sequência, devem ser anotados todos os Entrevistados de cada matéria e os Envolvidos diretamente com o assunto. Os Envolvidos são todas as pessoas que são citadas nos telejornais pelos apresentadores e pelos repórteres. A posição deles em relação à reportagem deve ser classificada com números ordinais e sua caracterização entre-parênteses. Exemplo: 1ª (Envolvido) - que poderia ser, por exemplo, a vítima de um homicídio - e, na sequência, se for o caso, 1ª (Entrevistado). Se uma pessoa for entrevistada mais de uma vez, anote a posição dela em relação à reportagem, mas repita seu primeiro posicionamento na matéria. Exemplo: 5ª/1ª (Entrevistado) significa que a primeira pessoa entrevistada voltou a ser indagada pelo repórter na quinta posição da matéria. Esta última recomendação foi considerada pertinente em função de favorecer uma atenção mais centrada nas pessoas e nos conteúdos das notícias, diminuindo a possibilidade de erro na codificação.

Quando houver referência a apenas um Envolvido, o singular prevalece. Se o número de Envolvidos for mencionado, isso deve ser registrado: 3ª (Envolvidos/4) descreve que quatro homens podem ser suspeitos (de ter cometido uma chacina, por exemplo).

Porém, se for elaborada menção a mais de um Envolvido pertencente a um grupo assim categorizado - indicando pessoas pertencentes a uma mesma condição, mas sem respectiva quantificação, considere o plural. Exemplo: 3ª (Envolvidos) - refere-se que na 3ª posição da reportagem, mais de uma pessoa foi associada ao assunto (mas não fora feita denominação quantitativa). Poderiam ser homens suspeitos de facilitar a fuga de presos. Observe-se que esta categoria passará a ser tratada como Envolvidos (N) no *Capítulo 5. Tratamento dos Dados: Análise Morfológica e de Conteúdo* a fim de diminuir uma possível confusão entre Envolvido (1 pessoa); Envolvidos/4 (4 pessoas); e Envolvidos (indicação grupal).

2. SEXO

Na coluna SEXO, escreva os seguintes códigos, tanto para Entrevistados como para Envolvidos:

0 - Sem referência

1 - Masculino

2 - Feminino

Obs.: Anote 0 somente se por algum motivo não for possível identificar o sexo das pessoas associadas aos assuntos. Isso pode ocorrer devido à maneira de as imagens serem (ou não) exibidas, assim como pelo tratamento dado às matérias (conteúdos narrativos de apresentadores e repórteres). Entrevistados geralmente são passíveis de identificação, a menos que ocorram casos em que há utilização de efeitos para alteração da voz e não for nem mostrado o entrevistado (uso de voz em “off”) nem mencionado seu sexo.

3. IDADE

No item IDADE, anote:

0 - Sem referência

1 - Criança

2 - 12-17 anos

3 - 18-24

4 - 25-34

5 - 35-49

6 - 50-64

7 - 65 anos ou mais

8 - Jovem (registre este item apenas se houver este tipo de qualificação)

9 - Maior de idade

10 - Velho (a)

11 - Menor de Idade - os itens 9, 10 e 11 sofrem a mesma indicação que o 8

Se a pessoa estiver morta, codifique sua idade quanto ela faleceu. Escreva 0 somente se não for possível identificar a idade dos entrevistados e/ou envolvidos a partir das imagens e/ou se não houver informações.

4. RAÇA

Quanto à RAÇA (observe-se que, nesse caso, a codificação deve ser respaldada pelo registro visual, portanto, cor da pele e características referentes a possíveis etnias devem ser registradas):

0 - Sem referência

1- Branca

2 - Fruto de miscigenação (Exemplo: indivíduo com características visuais próximas ao cruzamento de branco com negro: Mulato)

- 3 - Negra
- 4 - Oriental
- 5 - Aborígene
- 6 - Outras

5. OCUPAÇÃO

No tópico OCUPAÇÃO, codifique de preferência uma, a que melhor se encaixa nos entrevistados e/ou envolvidos. Somente se for importante para as análises, por algum motivo, é possível a indicação de mais de uma profissão.

- 0 - Sem referência
 - 1 - Policial (militar ou civil)
 - 2 - Delegado
 - 3 - Advogado (que não exerça a função de delegado)
 - 4 - Juiz
 - 5 - Pessoa ligada à Justiça
 - 6 - Ligada à Segurança Pública
- (os tópicos 5 e 6 devem ser registrados somente se não puderem ser enquadrados nos quatro itens anteriores)
- 7 - Segurança particular (incluindo guarda noturno, vigia etc.)
 - 8 - Pessoa envolvida com Organizações não Governamentais (ONGs) de Direitos Humanos
 - 9 - Pessoa ligada a outras ONGs
 - 10 - Que exerça alguma função em entidades filantrópicas
 - 11 - Ligada a alguma entidade religiosa
 - 12 - Profissional que trabalha com direitos do consumidor (funcionário do Procon, Idec, Tribunal de Pequenas Causas)
 - 13 - Dona de casa
 - 14 - Aposentado, pensionista

- 15 - Desempregado (que não esteja fazendo “bicos”)
- 16 - Estudante
- 17 - Funcionário público com nível superior (professor de Universidade Estadual)
- 18 - Funcionário público sem nível superior (escriturário da prefeitura)
- 19 - Profissional com nível superior (jornalista, psicólogo, professor, engenheiro etc.)
- 20 - Prestador de serviço (taxista, encanador, chaveiro, jardineiro, pedreiro, faxineira etc. - são pessoas que prestam serviço sem vínculo empregatício com quem contrata o serviço)
- 21 - Trabalhador serviçal (empregada doméstica, jardineiro contratado para trabalhar regularmente em uma residência - atividades que se refiram a algum tipo de vínculo empregatício)
- 22 - Funcionário de escritório, empresa (escriturário, contador)
- 23 - Pessoa que se enquadra na economia informal (camelô etc.)
- 24 - Quem realiza trabalhos temporários (“bicos”)
- 25 - Comerciante
- 26 - Comerciante
- 27 - Industrial
- 28 - Industriário
- 29 - Político (presidente da República, senador, deputado, prefeito, vereador)
- 30 - Pessoa ligada ao Governo (ministro, secretário etc.)
- 31 - Fazendeiro
- 32 - Trabalhador rural
- 33 - Profissional que ocupe cargos superiores dentro de uma empresa: executivo, gerente, diretor
- 34 - Atleta
- 35 - Artista (ator e diretor de cinema e televisão, cantor, escritor)

36 - Não trabalha (que não se enquadra como desempregado - por exemplo, criança)

37 - Não trabalha porque está preso

38 - Não trabalha porque é indigente

39 - Sem-terra (não anote trabalhador rural)

40 - Sem-teto (não anote indigente)

(Os itens 39 e 40 só valem para caracterização específica, principalmente a que se refere a movimentos populares)

41 - Outros

Obs.: Os tópicos 36 a 41, embora não se refiram a ocupações, devem ser anotados a fim de facilitar a tabulação dos dados.

6. VÍTIMA?

No tópico VÍTIMA?, os códigos que se seguem devem ser registrados levando em consideração como os entrevistados e os envolvidos foram abordados na cobertura das reportagens. Devem ser incluídos todos os tipos de vítimas - de homicídio, estupro, maus-tratos, seqüestro, roubo, de acidente etc.

0 - Não

1 - Vítima que se enquadra em alguma modalidade de violência (assalto, tiro, facada, briga corporal etc. - todas as modalidades que estejam incorporadas à intencionalidade)

2 - Vítima de um acidente (de trabalho, de trânsito, doméstico, explosão, incêndio)

3 - Vítima de um desastre natural (todos os fenômenos provocados pela natureza - enchente, desmoronamento causado pelas chuvas, por exemplo)

4 - Outra vítima

7. ACUSADO? TESTEMUNHA? SUSPEITO?

Esta coluna objetiva caracterizar os envolvidos e/ou entrevistados a partir dos relatos (inclua todos os tipos - criminais, morais, comportamentais etc.) que os enquadrariam dessa forma. Se apresentadores e repórteres fizerem alguma referência concernente a uma das qualificações acima, anote os seguintes códigos:

0 - Não

1 - Acusado

2 - Testemunha

3 - Suspeito

No caso de testemunhas, mesmo se durante a reportagem não ficar claro que serão convocadas ou convidadas para integrar o processo em questão, elas devem ser consideradas dessa forma se houver algum relato que especifique tal condição.

8. PALAVRAS-CHAVE

O objetivo deste tópico é identificar o tipo de qualificação, se for possível - através de Palavras-Chave - e está relacionado tanto para Vítima quanto para Acusado e Suspeito. Quando for possível, anote o instrumento que causou a morte ou ferimento na Vítima e/ou utilizado pelo Acusado ou Suspeito. Exemplos (respectivamente em relação à Vítima e ao Acusado): assassinado/arma de fogo; assassino/faca etc. (não há necessidade de ser o mesmo termo usado pelo apresentador ou repórter; anote o mais próximo, inclusive utilizando palavras inseridas nos caracteres da notícia). Da mesma forma como na *Grade I de Codificação*, o registro das palavras-chaves serve para facilitar a identificação dos conteúdos apresentados, favorecendo a tabulação dos dados e as análises.

9. ELOGIADO

Inclua elogio de qualquer tipo, independentemente de ele poder ter ou não justificativa.

0 - Não

1 - Sim

10. PALAVRAS-CHAVE

Escreva de uma a três que identifiquem o tipo de elogio, desde que esteja embutida uma valorização positiva sobre os entrevistados e envolvidos. Exemplo: trabalhador, chefe de família etc. Dê preferência aos mesmos termos usados pelo apresentador e/ou repórter, se possível, ou então anote os mais próximos.

11. PARENTESCO

Quanto ao PARENTESCO, indique os códigos descritos abaixo (exceto 0 por se tratar da negação de tal relação) somente se os entrevistados forem parentes de Vítimas, Acusados, Testemunhas ou Suspeitos (que também podem ter sido entrevistados ou não). Em seguida, anote a posição dessa relação de parentesco em números ordinais. Exemplo: 1/1ª - significa que o entrevistado é pai da primeira pessoa em questão.

0 - Não

1 - Pai/Mãe

2 - Irmão/Irmã

3 - Filho/Filha

4 - Avô/Avó

5 - Neto/Neta

6 - Tio/Tia

7 - Sobrinho/Sobrinha

8 - Primo/Prima

9 - Outros

Obs: Evite apenas redundância, no caso de as informações interligarem-se.

Por exemplo:

1ª (Entrevistado): Vítima

2ª (Entrevistado): Acusado, pai da Vítima

3ª (Entrevistada): Suspeita, mãe da Vítima

Apenas nas segundas e terceiras posições deve ser indicada a relação.

Grade III de Codificação

De posse da *Grade I de Codificação*, localize as matérias categorizadas como Violência com Ameaça (código 1/A referente à temática).

Anote os Blocos a que as Notícias pertencem e os respectivos dias.

Na seqüência, escreva os títulos das reportagens tais quais foram registrados na *Grade I*.

Indique nesta primeira coluna a duração da matéria (em minutos e segundos).

Relacione estas matérias com a indicação de Vítimas, Acusados, Testemunhas e Suspeitos na *Grade II de Codificação* (esta tarefa tem a finalidade de identificar, o mais rapidamente possível, a potencialidade que essas matérias apresentaram de ter exibido imagens relacionadas à Violência com Ameaça).

Localize nas fitas de vídeo as reportagens indicadas (respaldando-se pelos indicadores - *counteres*). Reveja todos esses assuntos e faça a seguinte codificação:

0 - Não há imagens específicas

1 - Há imagens relacionadas à Violência com Ameaça

2 - As imagens estão associadas apenas a um Contexto de Violência

Na terceira coluna, descreva sinteticamente qual é o exemplo escolhido para esta temática e indique qual é a *Imagem* que vai ser mostrada e em que página está situada no trabalho.

OBS.: Optou-se por transcodificar estas imagens⁶ selecionadas da televisão para este estudo porque considerou-se que apenas sua descrição não seria suficientemente reveladora das estratégias utilizadas pelos telejornais em questão.

⁶ Note-se que também foi feita opção por mostrar outras imagens, exemplos de elementos relevantes que foram tratados nas análises morfológica e de conteúdo. Ver Listas de *Imagens*, após o Índice.

4. Coleta e Análise do Material Amostral



4.1. Grade I de Codificação: a Estrutura dos Telejornais



GRADE I DE CODIFICAÇÃO

INÍCIO:..... 17H58MIN
 TÉRMINO:..... 18H27MIN58S
 DURAÇÃO:..... 29MIN58S
 SOMA DOS BLOCOS
 E DOS INTERVALOS 29MIN54S
 DESVIO:..... 4S

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
*BLOCO 1	0:00:00	0:12:01	12'01"			
LOGOTIPO DE ABERTURA	0:00:00	0:00:03	03"			
LOGOTIPO NO ESTÚDIO	0:00:04	0:00:05	01"			
CHAMADA	0:00:06	0:01:30	1'24"			
1) Sem-teto acusa seguranças por morte de Taxista (Edi Polo)	0:01:31	0:04:07	2'36"	1/C	1/A	HOMICÍDIO/ COM AMEAÇA
LOGOTIPO NO ESTÚDIO	0:04:08	0:04:10	02"			
CHAMADA	0:04:11	0:05:12	1'01"			
2) Carro sem combustível deixa ladrão a pé (O)	0:05:13	0:07:56	2'43"	1	1/B	ROUBO/ SEM AMEAÇA
LOGOTIPO	0:07:57	0:07:58	01"			
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
CHAMADA	0:07:59	0:08:15	16"			
3) Denúncia anônima põe dono de desmanche na cadeia (Roberto Bulhões)	0:08:16	0:11:47	3'31"	1/A	1/B	DESMANCHE/ SEM AMEAÇA
LOGOTIPO	0:11:48	0:11:49	01"			
CHAMADA	0:11:50	0:11:56	06"			
LOGOTIPO NO ESTÚDIO	0:11:57	0:12:01	04"			
INTERVALO	0:12:02	0:14:03	2'01"			
*BLOCO 2	0:14:04	0:20:01	5'57"			
CHAMADA	0:14:04	0:14:32	28"			
1) Sumiço de crianças assusta cidade do interior de São Paulo (Gil Gomes)	0:14:33	0:19:15	4'42"	3	1/C	DESAPARECIMEN- TO/CRIANÇAS/S.R.
LOGOTIPO	0:19:16	0:19:17	01"			
CHAMADA	0:19:18	0:19:55	37"			
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
LOGOTIPO NO ESTÚDIO	0:19:56	0:20:01	05''			
INTERVALO	0:20:02	0:22:02	02'			
*BLOCO 3	0:22:03	0:29:58	7'55''			
LOGOTIPO NO ESTÚDIO JUNTAMENTE COM A CHAMADA	0:22:03	0:22:34	31''			
1)Flagrante na Dutra: dois ladrões presos (0)	0:22:35	0:24:31	1'56''	1	1/A	ROUBO/FLAGRAN TE/COM AMEAÇA
LOGOTIPO	0:24:32	0:24:34	02''			
CHAMADA	0:24:35	0:25:45	1'10''			
2) Linha com cerol faz vítimas em São Paulo (Edi Polo)	0:25:46	0:28:40	2'54''	1/A	3/10	ACIDENTE/ PREVENÇÃO
LOGOTIPO	0:28:41	0:28:42	01''			
ESTÚDIO	0:28:43	0:29:22	39''			
LOGOTIPO NO ESTÚDIO	0:29:23	0:29:25	02''			
CRÉDITOS	0:29:26	0:29:42	16''			
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

[illegible]

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

INÍCIO:..... 18H
 TÉRMINO:..... 18H29MIN59S
 DURAÇÃO: 29MIN59S
 SOMA DOS BLOCOS
 E DOS INTERVALOS 29MIN55S
 DESVIO:..... 4S

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
*BLOCO 1	0:00:00	0:12:03	12'03"			
LOGOTIPO DE ABERTURA	0:00:00	0:00:02	02"			
LOGOTIPO NO ESTÚDIO	0:00:03	0:00:05	02"			
CHAMADA	0:00:06	0:01:45	1'39"			
1) Artista plástica encontrada morta e queimada no Morumbi (Edi Polo)	0:01:46	0:03:42	1'56"	1/D	1/A	LATROCÍNIO
LOGOTIPO NO ESTÚDIO	0:03:43	0:03:46	03"			
CHAMADA	0:03:47	0:04:46	59"			
2) Tiroteio entre policiais em Fortaleza (O) - narração off Ney	0:04:47	0:05:32	45"	4	1/A	PASSEATA / FERIDOS / COM AMEAÇA
LOGOTIPO	0:05:33	0:05:34	01"			
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
CHAMADA	0:05:35	0:06:14	39"			
3) Governo estuda lei que mexe com todas as polícias (0) - narração off de Ney Gonçalves Dias	0:06:15	0:07:48	1'33"	2; 0; 4	1/A; 2/11	VIOLÊNCIA / MORTOS / CONTEXTO / LEIS/ INFORMATIVO
LOGOTIPO	0:07:49	0:07:50	01"			
CHAMADA	0:07:51	0:08:31	40"			
4) Desarmamento: menos violência em São Paulo (Luiz Ceará)	0:08:32	0:11:34	3'02"	1	2/11	CONTEXTO/ INFORMATIVO
LOGOTIPO	0:11:35	0:11:36	01"			
CHAMADA	0:11:37	0:11:56	19"			
IMAGEM DO APRESENTADOR NO ESTÚDIO	0:11:57	0:12:03	06"			
INTERVALO	0:12:04	0:14:04	2'			
*BLOCO 2	0:14:05	0:20:01	5'56"			
CHAMADA COM LOGOTIPO NO ESTÚDIO	0:14:05	0:14:40	35"			
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
1) Caso de amor tem fim trágico em Itapecerica da Serra (Gil Gomes)	0:14:41	0:19:00	4'19"	3	1/A	1 HOMICÍDIO/ 2 FERIDOS
LOGOTIPO	0:19:01	0:19:02	01"			
CHAMADA	0:19:03	0:19:59	56"			
LOGOTIPO NO ESTÚDIO COM APRESENTADOR	0:20:00	0:20:04	04"			
INTERVALO	0:20:05	0:22:39	2'34"			
* BLOCO 3	0:22:40	0:29:59	7'19"			
CHAMADA COM LOGOTIPO DE CURTA DURAÇÃO NO ESTÚDIO	0:22:40	0:23:38	58"			
1) Protesto de motoristas inferniza o trânsito (Edi Polo)	0:23:39	0:27:29	3'50"	1/D	12/ 11	PROTESTO/ INFORMATIVO
LOGOTIPO	0:27:30	0:27:31	01"			
CHAMADA	0:27:32	0:28:17	45"			
2) AQUI AGORA VIVO (Luiz Ceará)	0:28:18	0:29:13	55"	1/B	8/11	"SUPER-HELICÓPTERO DO SBT" - AÉREA
CHAMADA	0:29:14	0:29:35	21"			
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
LOGOTIPO NO ESTÚDIO COM OS CRÉDITOS	0:29:36	0:29:53	17"			
LOGOTIPO NO ESTÚDIO	0:29:54	0:29:59	05"			
FINAL DO TELEJORNAL		0:29:59				
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

INÍCIO: 17H28MIN38S
 TÉRMINO: 19H15MIN01S
 DURAÇÃO: 01H46MIN23S
 SOMA DOS BLOCOS
 E DOS INTERVALOS: 01H46MIN19S
 DESVIO: 4S

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
*BLOCO 1	0:00:00	1:11:21	1H11'21"			
LOGOTIPO DE ABERTURA E OFERECIMENTO (LUIGI BERTOLI)	0:00:00	0:00:09	09"			
LOGOTIPO DE ABERTURA	0:00:10	0:00:20	10"			
LOCUTOR EM OFF (17:28:57)	0:00:21	0:00:30	09"			
CHAMADA	0:00:31	0:01:39	1'08"			
1) Gravidez, sonho e pesadelo para as presas de São Paulo(Silvana Silva)	0:01:40	0:07:07	5'27"	1	2	DIREITOS HUMANOS
LOGOTIPO	0:07:08	0:07:09	01"			
CHAMADA	0:07:10	0:07:48	38"			
2) Garoto de cinco anos precisa de ajuda para andar (Silvana Silva)	0:07:49	0:11:25	3'36"	1	6/8	SOLIDARIEDADE/ CAMPANHA
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
LOGOTIPO	0:11:26	0:11:27	01''			
CHAMADA	0:11:28	0:11:59	31''			
PROMOÇÃO	0:12:00	0:13:04	01'04''			
CHAMADA	0:13:05	0:13:28	23''			
3) ABC distribui roupas e alimentos no centro de São Paulo (Célia Bravin)	0:13:29	0:15:54	02'25''	1/E	6/8	SOLIDARIEDADE/ CAMPANHA
LOGOTIPO	0:15:55	0:15:56	01''			
CHAMADA	0:15:57	0:16:04	07''			
PROMOÇÃO	0:16:05	0:16:43	38''			
CHAMADA	0:16:44	0:17:28	44''			
4) Insaciável chupa-cabras ataca em Betim, Minas Gerais (Gabriele Spetiale)	0:17:29	0:20:18	2'49''	5	5	CHUPA-CABRAS
LOGOTIPO	0:20:19	0:20:20	01''			
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
CHAMADA	0:20:21	0:20:51	30''			
5) Preso o Chupa-Cabras no interior de São Paulo (Luís Estolino)	0:20:52	0:23:44	02'52''	3	5/11	CHUPA-CABRAS/ PESQUISADORES
LOGOTIPO	0:23:45	0:23:46	01''			
CHAMADA	0:23:47	0:24:22	35''			
6) Chupa-Cabras: um mistério sem solução (N)	0:24:23	0:30:44	6'21''	3/5; 1/D; 2	5/11	CHUPA-CABRAS/ PESQUISADORES
LOGOTIPO	0:30:45	0:30:46	01''			
CHAMADA	0:30:47	0:31:02	15''			
7) Resgate dramático: 5 pessoas ficam nas ferragens (Silvana Silva)	0:31:03	0:36:00	04'57''	2	3	ACIDENTE/ COLISÃO/CARRO
LOGOTIPO	0:36:01	0:36:02	01''			
CHAMADA	0:36:03	0:36:19	16''			
PROMOÇÃO	0:36:20	0:36:46	26''			
CHAMADA	0:36:47	0:37:00	13''			
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
8) Quadrilha roda feio no assalto a casa de shows em SP (Roberto Souza)	0:37:01	0:41:44	04'43"	1	1/A	ROUBO/ QUADRILHA/ARMAS
LOGOTIPO	0:41:45	0:41:46	01"			
CHAMADA	0:41:47	0:42:05	18"			
PROMOÇÃO	0:42:06	0:42:46	40"			
CHAMADA	0:42:47	0:43:05	18"			
9) Duplo homicídio e invasão na delegacia de Francisco Morato (Pio Redondo)	0:43:06	0:47:30	04'24"	2	1/A	HOMICÍDIO/ ARMAS DE FOGO
					1/A	TENTATIVA/ RESGATE/ARMAS
LOGOTIPO	0:47:31	0:47:32	01"			
CHAMADA	0:47:33	0:47:49	16"			
10) Tiroteio e morte por uma dose de conhaque em São Paulo (Patrícia Pielini)	0:47:50	0:49:27	01'37"	2	1/A	TIROTEIO/MORTE FERIDOS
LOGOTIPO	0:49:28	0:49:29	01"			
CHAMADA (FALHA TÉCNICA)	0:49:30	0:50:34	01'04"			
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
PROMOÇÃO	0:50:35	0:51:11	36''			
CHAMADA	0:51:12	0:51:36	24''			
11) Eurico Miranda é assaltado e perde parte da renda do Maraca (Cláudio Carneiro)	0:51:37	0:54:12	2'35''	4	1/A	ASSALTO/ARMA DE FOGO
LOGOTIPO	0:54:13	0:54:14	01''			
CHAMADA	0:54:15	0:54:42	27''			
12) Cápsula de cocaína rompe no estômago de sul africano (Pio Redondo)	0:54:43	0:58:57	04'14''	2	2/3	TRÁFICO/DROGAS/ MORTE/ACIDENTE
LOGOTIPO	0:58:58	0:58:59	01''			
CHAMADA	0:59:00	0:59:22	22''			
13) Fogo, destruição e agonia na fave- la da Grande São Paulo (Célia Bravin)	0:59:23	1:03:32	04'09''	2	3	FOGO/BARRACOS/ SEM FERIDOS
LOGOTIPO	1:03:33	1:03:34	01''			
CHAMADA	1:03:35	1:03:54	19''			
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
PROMOÇÃO	1:03:55	1:04:28	33"			
CHAMADA	1:04:29	1:04:51	22"			
14)Máfia pode ser responsável pela morte de comerciante chinês (Silvana Silva)	1:04:52	1:07:46	02'54"	1	1/A	HOMICÍDIO/ TENTATIVA/ARMA
LOGOTIPO	1:07:47	1:07:48	01"			
CHAMADA	1:07:49	1:08:11	22"			
15) Onda de assassinatos provoca protestos em Cajazeira (Gil Santos)	1:08:12	1:11:05	2'53"	4	1/A; 2	HOMICÍDIOS/ PROTESTOS
LOGOTIPO	1:11:06	1:11:07	01"			
CHAMADA	1:11:08	1:11:18	10"			
LOGOTIPO	1:11:19	1:11:21	02"			
INTERVALO	1:11:22	1:12:35	01'13"			
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
*BLOCO 2	1:12:36	1:26:14	13'38"			
LOGOTIPO	1:12:36	1:12:39	03"			
CHAMADA	1:12:40	1:12:52	12"			
1) PM perde o controle e mata rapaz que o chamou pelo apelido (José Donizete)	1:12:53	1:14:51	01'58"	2	1/A	HOMICÍDIO
LOGOTIPO	1:14:52	1:14:53	01"			
CHAMADA	1:14:54	1:15:29	35"			
2) Preso o ladrão de cargas mais pro- curado do país (Silvana Silva)	1:15:30	1:17:50	02'20"	3	1/B	ROUBO
LOGOTIPO	1:17:51	1:17:52	01"			
CHAMADA	1:17:53	1:18:13	20"			
PROMOÇÃO	1:18:14	1:19:11	57"			
CHAMADA	1:19:12	1:19:39	27"			
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
3) Final feliz para proprietária da banca de jornais (Celso Russomano)	1:19:40	1:22:10	2'30"	1	7/8	DEFESA/CONSUMIDOR/PRESTAÇÃO/SERVIÇOS
LOGOTIPO	1:22:11	1:22:12	01"			
CHAMADA	1:22:13	1:22:31	18"			
4) Menino é executado a golpes de enxada por causa da pipa (José Donizete)	1:22:32	1:25:57	3'25"	2	1/A	HOMICÍDIO/ENXADA
LOGOTIPO	1:25:58	1:25:59	01"			
CHAMADA	1:26:00	1:26:11	11"			
LOGOTIPO	1:26:12	1:26:14	02"			
INTERVALO	1:26:15	1:27:51	01'36"			
*BLOCO 3	1:27:52	1:46:23	18'31"			
LOGOTIPO	1:27:52	1:27:55	03"			
CHAMADA	1:27:56	1:28:06	10"			
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
1) Disputa por um ponto de drogas termina com três mortos (Simone Mítale)	1:28:07	1:30:22	02'15"	1/B	1/A	HOMICÍDIO/ ARMAS DE FOGO
LOGOTIPO	1:30:23	1:30:24	01"			
CHAMADA	1:30:25	1:30:38	13"			
PROMOÇÃO	1:30:39	1:31:15	36"			
CHAMADA	1:31:16	1:31:26	10"			
2)Fusca bate feio e dá trabalho para o RESGATE (Roberto Souza)	1:31:27	1:34:47	03'20"	2	3	ACIDENTE/ COLISÃO/CARROS
LOGOTIPO	1:34:48	1:34:49	01"			
CHAMADA	1:34:50	1:35:05	15"			
PROMOÇÃO	1:35:06	1:35:45	39"			
CHAMADA(FALHA TÉCNICA)	1:35:46	1:36:10	24"			
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
3) Mãe manda acorrentar menor que praticava pequenos furtos (Ulisses Rocha)	1:36:11	1:43:49	07'38"	1/D	1/A	MAUS-TRATOS
LOGOTIPO	1:43:50	1:43:51	01"			
ESTÚDIO	1:43:52	1:45:50	01'58"			
CRÉDITOS	1:45:51	1:46:06	15"			
LOGOTIPO DE FINALIZAÇÃO DA EMISSORA	1:46:07	1:46:12	05"			
LOGOTIPO DE FINALIZAÇÃO DO TELEJORNAL	1:46:13	1:46:17	04"			
OFERECIMENTO	1:46:18	1:46:23	05"			
FINAL DO TELEJORNAL		1:46:23				
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

INÍCIO: 17H28MIN37S
 TÉRMINO: 19H14MIN21S
 DURAÇÃO: 01H45MIN44S
 SOMA DOS BLOCOS
 E DOS INTERVALOS: 01H45MIN36S
 DESVIO: 8S

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
*BLOCO 1	0:00:00	0:09:39	9'39"			
LOGOTIPO DE ABERTURA E OFERECIMENTO (LUIGI BERTOLI)	0:00:00	0:00:09	09"			
LOGOTIPO DE ABERTURA	0:00:10	0:00:20	10"			
APRESENTADOR NO ESTÚDIO E LOCUTOR EM OFF (17:28:57)	0:00:21	0:00:28	07"			
CHAMADA	0:00:29	0:01:12	43"			
1) Mãe manda acorrentar o próprio filho para impedir furtos (Ulisses Rocha)	0:01:13	0:05:20	4'07"	1/D	1/A	MAUS-TRATOS
LOGOTIPO	0:05:21	0:05:22	01"			
CHAMADA	0:05:23	0:06:43	1'20"			
2) Emergência: acidente entre fusca e parati deixa dois feridos (Roberto Souza)	0:06:44	0:08:21	1'37"	2	3	ACIDENTE/ COLISÃO
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
LOGOTIPO	0:08:22	0:08:23	01''			
CHAMADA	0:08:24	0:09:09	45''			
PROMOÇÃO	0:09:10	0:09:39	29''			
INTERVALO	0:09:40	0:12:37	2'57''			
* BLOCO 2	0:12:38	0:22:24	09'46''			
LOGOTIPO	0:12:38	0:12:41	03''			
CHAMADA	0:12:42	0:13:06	24''			
1) Fogo, destruição e agonia numa favela da Grande São Paulo (Célia Bravin)	0:13:07	0:16:10	03'03''	2	3	FOGO/BARRACOS SEM FERIDOS
LOGOTIPO	0:16:11	0:16:12	01''			
CHAMADA	0:16:13	0:16:58	45''			
2) RESGATE passa a madrugada tentando salvar 5 pessoas (Silvana Silva)	0:16:59	0:19:36	2'37''	2	3	ACIDENTE/ COLISÃO
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
LOGOTIPO	0:19:37	0:19:38	01''			
CHAMADA	0:19:39	0:20:04	25''			
PROMOÇÃO	0:20:05	0:20:56	51''			
CHAMADA PARA PROPAGANDA (MERCHANDISING FEITO PELO APRESENTADOR)	0:20:57	0:21:23	26''			
MERCHANDISING	0:21:24	0:22:24	1'			
INTERVALO (TERMINA COM LOGOTIPO DA RECORD)	0:22:25	0:24:46	2'21''			
* BLOCO 3	0:24:47	1:12:07	47'20''			
LOGOTIPO	0:24:47	0:24:50	03''			
CHAMADA	0:24:51	0:25:15	24''			
1) Casal comprou cozinha planejada e não recebeu (Celso Russomano)	0:25:16	0:30:03	4'47''	1	7/8	DIREITOS DO CONSUMIDOR
LOGOTIPO	0:30:04	0:30:05	01''			
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
CHAMADA	0:30:06	0:30:29	23''			
2) Mataram e queimaram artista plástica de 73 anos (Roberto Souza)	0:30:30	0:33:23	2'53''	1/D	1/A	LATROCÍNIO
LOGOTIPO	0:33:24	0:33:25	01''			
CHAMADA	0:33:26	0:33:43	17''			
3) Músico é assassinado, durante assalto, em SP (Simone Mitole)	0:33:44	0:38:08	4'24''	1/A; 3	1/A	HOMICÍDIO
LOGOTIPO	0:38:09	0:38:10	01''			
CHAMADA	0:38:11	0:38:16	05''			
PROMOÇÃO	0:38:17	0:39:02	45''			
CHAMADA	0:39:03	0:39:26	23''			
4) Presos cavam túnel de 25 metros e ninguém viu nada (Josiel Menezes)	0:39:27	0:42:13	02'46''	5	2	FUGA DE PRESOS
LOGOTIPO	0:42:14	0:42:15	01''			
CHAMADA (DE CARÁTER URGENTE)	0:42:16	0:42:26	10''			
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
5) Fogo na Zona Norte de SP dá muito trabalho aos bombeiros (Cristiane Beller)	0:42:27	0:46:15	3'48"	1/C	3	INCÊNDIO
LOGOTIPO	0:46:16	0:46:17	01"			
CHAMADA	0:46:18	0:46:23	05"			
PROMOÇÃO	0:46:24	0:47:23	59"			
CHAMADA (DE CARÁTER URGENTE)	0:47:24	0:47:34	10"			
6) Caminhão pega fogo e bombeiros evitam explosão (Cristiane Beller)	0:47:35	0:50:55	3'20"	1/C	3	EXPLOÇÃO EVITADA
LOGOTIPO	0:50:56	0:50:57	01"			
CHAMADA	0:50:58	0:51:13	15"			
7) Baile funk: exploração de menores e apologia a maconha (Fernando César)	0:51:14	0:54:00	2'46"	4	1/C	VIOLÊNCIA CONTRA MENORES
LOGOTIPO	0:54:01	0:54:02	01"			
CHAMADA	0:54:03	0:54:21	18"			
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
8) Garotos com problemas de saúde não perdem as esperanças (Simone Nítole)	0:54:22	0:58:58	04'36"	1/A	6/8	FILANTROPIA/ SERVIÇOS
LOGOTIPO	0:58:59	0:59:00	01"			
CHAMADA	0:59:01	0:59:15	14"			
PROMOÇÃO	0:59:16	0:59:50	34"			
CHAMADA	0:59:51	1:00:10	19"			
9) Acidente com moto deixa 2 garotas gravemente feridas (Ulisses Rocha)	1:00:11	1:04:22	04'11"	0	3	ACIDENTE/ COLISÃO
LOGOTIPO	1:04:23	1:04:24	01"			
CHAMADA	1:04:25	1:04:43	18"			
10) Motoristas de ônibus param a Zona Sul de São Paulo (Silvana Silva)	1:04:44	1:07:50	3'06"	1/D	12/ 11	MOVIMENTO DE CLASSE
LOGOTIPO	1:07:51	1:07:52	01"			
CHAMADA	1:07:53	1:08:26	33"			
11) Famílias trabalham e moram no lixão de Sabará (Tom Paixão)	1:08:27	1:11:51	3'24"	5	12	MISÉRIA
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
LOGOTIPO	1:11:52	1:11:53	01''			
CHAMADA (EMISSORAS AFILIADAS)	1:11:54	1:12:03	09''			
LOGOTIPO	1:12:04	1:12:07	03''			
INTERVALO	1:12:08	1:14:18	2'10''			
* BLOCO 4	1:14:19	1:25:49	11'30''			
LOGOTIPO	1:14:19	1:14:23	04''			
PROMOÇÃO	1:14:24	1:15:16	52''			
CHAMADA	1:15:17	1:15:40	23''			
1) Mãos Brancas vende segurança e armas em SP (Pio Redondo)	1:15:41	1:22:43	7'02''	1	2/ 1/A	CONTEXTO/ CONTROLE
LOGOTIPO	1:22:44	1:22:45	01''			
CHAMADA	1:22:46	1:23:19	33''			
2) Bolivianos trabalham como escravos, em São Paulo (Roberto Souza)	1:23:20	1:24:52	1'32''	1	2	DIREITOS HUMANOS
1	2	3	4	5	6	7

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
LOGOTIPO	1:24:53	1:24:54	01''			
CHAMADA (FALHA TÉCNICA)	1:24:55	1:25:06	11''			
3) Bombeiros lutam para salvar homem das ferragens (Silvana Silva)	1:25:07	1:25:24	17''	1/B	3	FALHA TÉCNICA MATÉRIA REPETE
LOGOTIPO	1:25:25	1:25:26	01''			
PROMOÇÃO	1:25:27	1:25:49	22''			
INTERVALO	1:25:50	1:28:08	2'18''			
* BLOCO 5	1:28:09	1:45:44	17'35''			
LOGOTIPO	1:28:09	1:28:12	03''			
CHAMADA	1:28:13	1:28:31	18''			
PROMOÇÃO	1:28:32	1:29:01	29''			
CHAMADA	1:29:02	1:29:10	08''			
1	2	3	4	5	6	7

"CIDADE ALERTA" - 29/07 - TERÇA

GRADE I DE CODIFICAÇÃO

BLOCOS/NOTÍCIAS REPÓRTERES/INTERVALOS 1	COUNTER DE INÍCIO 2	COUNTER DE TÉRMINO 3	DURAÇÃO 4	REF. GEOGR. 5	TEMÁ- TICA 6	PALAVRAS- CHAVE 7
1) 12 mortos na perua lotada que bateu no ônibus (Cláudio Carneiro)	1:29:11	1:34:51	5'40"	4	3	ACIDENTE/ COLISÃO/MORTOS
LOGOTIPO	1:34:52	1:34:53	01"			
CHAMADA	1:34:54	1:35:03	09"			
PROMOÇÃO	1:35:04	1:35:42	38"			
CHAMADA	1:35:43	1:35:54	11"			
2) Bombeiros lutam para salvar homem das ferragens (Silvana Silva)	1:35:55	1:42:21	6'26"	1/B	3	ACIDENTE/ FERIDO
LOGOTIPO	1:42:22	1:42:23	01"			
CHAMADA (COM SORTEIO E ENCERRAMENTO)	1:42:24	1:44:59	2'35"			
CRÉDITOS	1:45:00	1:45:34	34"			
LOGOTIPO DE FINALIZAÇÃO DO TELEJORNAL	1:45:35	1:45:39	04"			
OFERECIMENTO	1:45:40	1:45:44	04"			
1	2	3	4	5	6	7

4.2. Grade II de Codificação: o Elemento Humano



UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO 1	SEXO 2	IDADE 3	RACIA 4	OCCUPAÇÃO 5	VITÍMA? 6	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO? 7	PALAVRAS- CHAVE 8	ELO- GI- A- DO? 9	PALAVRAS- CHAVE 10	P- A- R- E- N- T- E- S- C- O 11
*BLOCO 1/MATÉRIA 1										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	6	1	20	1	0	ASSASSINADO/ ARMA DE FOGO	1	TRABALHADOR/ CHEFE/FAMÍLIA	0
2ª POS. (ENVOLVIDOS/2)	1	0	0	7	0	3	HOMICÍDIO/ ARMA DE FOGO	0		0
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	1	1	0	0		0		0
3ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	38	0	2	TESTEMUNHAS	0		0
2ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	2	38	0	2	TESTEMUNHAS	0		0
3ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	2	0	0		0		0
*BLOCO 1/MATÉRIA 2										
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	1	1	0	0		0		0
2ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	2	0	0	0		0		0
3ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	0	1	0	ROUBO/CARRO/ SEM AMEAÇA	0		0
4ª POS. (ENTREVISTADO)	1	2	2	0	0	1	DELITO/FLAGRANTE/ SEM AMEAÇA	0		0
5ª POS./1ª										
6ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	0	0	2	TESTEMUNHA	1	TRABALHADOR	0
7ª POS./3ª										
8ª POS./1ª										
*BLOCO 1/MATÉRIA 3										
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	41	0	1	DONO/DESMANCHE /SEM AMEAÇA	0		0
2ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	1	0	0		0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO	SEXO	IDADE	RACIA	OCCUPAÇÃO	VÍTIMA?	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- HA? SUS- PEI- TO?	PALAVRAS- CHAVE	E L O G I A D O?	PALAVRAS- CHAVE	P A R E N T E S C O
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
*BLOCO 2/MATÉRIA 1										
1ª POS. (ENVOLVIDA)	2	1	1	36	1	0	CRIANÇA/ DESAPARECIDA/SR	0		
1ª POS. (ENTREVISTADA)	2	5	1	0	0	0		0		1/ 1ª
2ª POS (ENTREVISTADO)	1	5	1	0	0	0		0		1/ 1ª
2ª POS. (ENVOLVIDO)	1	1	1	36	1	0	CRIANÇA/ DESAPARECIDA/SR	0		
3ª POS. (ENTREVISTADA)	2	4	1	0	0	0				1/ 2ª
3ª POS. (ENVOLVIDA)	2	1	2	36	1	0	CRIANÇA/ DESAPARECIDA/SR	0		
4ª POS. (ENVOLVIDO)	1	1	1	36	1	0	CRIANÇA/ DESAPARECIDA/SR	0		
4ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	2	0	0		0		0
5ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	0	0	3	DELITOS/ TARADOS/SR	0		0
*BLOCO 3/MATÉRIA 1										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	2	0	0	0	1	LADRÃO/COM AMEAÇA	0		0
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	2	18	0	2	TESTEMUNHA	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDO)	1	9	0	0	0	1	BANDIDO/COM AMEAÇA	0		0
3ª POS. (ENVOLVIDA)	2	8	0	0	1	0	FERIDA/ARMA DE FOGO	0		0
2ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	2	0	1	0	ROUBO/AMEAÇA/ REVÓLVER	0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO	S E X O	I D A D E	R A Ç A	O C U P A Ç ÃO	V Í T I M A?	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO?	PALAVRAS- CHAVE	E L O G I A D O?	PALAVRAS- CHAVE	P A R E N T E S C O
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
*BLOCO 1/MATÉRIA 1										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	0	0	0	0	0	2	VIZINHOS/ TESTEMUNHAS	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	0	0	1	0	0	BOMBEIROS/	0		0
3ª POS. (ENVOLVIDA)	2	7	1	35	1	0	ASSASSINADA/ QUEIMADA	0		0
4ª POS. (ENVOLVIDO)	1	0	0	20	0	3	LATROCÍNIO SUSPEITO	0		0
5ª POS. (ENTREVISTADA)	2	5	1	0	0	0		0		3/ 3ª
6ª POS. (ENVOLVIDOS/2)	1	0	1	0	0	0		0		3/ 3ª
7ª/5ª (ENTREVISTADA)										
8ª/4ª										
9ª/5ª										
*BLOCO 1/MATÉRIA 2										
1ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	0	0	1	0	0	GREVISTAS	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	0	0	1	0	0	PMS/BLOQUEIO MANIFESTANTES	0		0
3ª POS. (ENVOLVIDOS/6)	1	0	0	1	1	0	TIROTEIRO/ FERIDOS	0		0
*BLOCO 1/MATÉRIA 3										
1ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	1	0	1	PROMOÇÃO DA VIOLÊNCIA	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDOS/3)	0	0	0	40	1	0	INVASORES ASSASSINADOS	0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO	S E X O	I D A D E	R A Ç A	O C U P A Ç ÃO	V I T I M A?	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO? 7	PALAVRAS- CHAVE	E L O G I A D O?	PALAVRAS- CHAVE	P A R E N T E S C O
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
3ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	1	4	0	MÁQUINA ESTATAL/SALÁRIOS	0		0
4ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	6			CORPORAÇÃO EXÉRCITO	0		0
5ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	29	0	0	GOVERNANTES	0		0
6ª POS. (ENVOLVIDO)	1	6	1	29	0	0	PRESIDENTE DA REPÚBLICA	0		0
7ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	0	4	0	CIDADÃO/ VIOLÊNCIA	0		0
8ª POS. (ENVOLVIDOS)/3ª										
9ª POS. (ENVOLVIDOS)/7ª										
*BLOCO 1/MATÉRIA 4										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	6	1	29	0	0	PRESIDENTE DA REPÚBLICA	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	6/ 29	0	0	POLÍTICOS/ SEGURANÇA PÚBL.	1	PREOCUPADOS COM O ASSUNTO	0
3ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	1	0	0		1	PREVENÇÃO/PMS ESTÃO NAS RUAS	0
4ª POS. (ENTREVISTADO)	1	6	1	6/ 30	0	0	PRES. DO TRIBUNAL/ CRIMINAL	0		0
5ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	1	0	0		1	PREOC. GRANDE DA POLÍCIA	0
6ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	1	1	0	0		0		0
7ª (ENTREVISTADO)	1	6	2	41	1	0	MOTORISTA DE ÔNIBUS	0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO 1	SEXO 2	IDADE 3	RACIA 4	Ocupação 5	VITIMA? 6	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO? 7	PALAVRAS- CHAVE 8	E L O G I A D O? 9	PALAVRAS- CHAVE 10	P A R E N T E S C O 11
*BLOCO 2/MATÉRIA 1										
1ª POS. (ENVOLVIDA)	2	4	1	0	1	2	FERIDA COM ESTILETE	1	MOÇA BONITA	0
2ª POS. (ENVOLVIDOS/4)	0	0	0	36	0	0		0		3/ 1ª
3ª POS. (ENVOLVIDO)	1	4	3	0	0	1	HOMICÍDIO E OU- TRAS TENTATIVAS	0		9/ 1ª
4ª POS. / 1ª								1	TENTOU SUPERAR TRAUMAS	
5ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	0	0	0		1	SOLIDARIEDADE DA FAMÍLIA	9/ 1ª
6ª POS. / 1ª					1		MAUS-TRATOS/ CIÚME	0		0
7ª POS. / 3ª						1	PREMEDITAÇÃO / ARMA E ESTILETE			
8ª POS. / 1ª										
9ª POS. / 3ª										
10ª POS. (ENVOLVIDA)	2	4	1	0	1	0	HOMICÍDIO	0		2/ 1ª
11ª POS. / 3ª										
12ª POS. / 1ª										
13ª POS. (ENVOLVIDO)	1	0	0	0	1	2	4 GOLPES DE ESTILETE	0		2/ 1ª
14ª POS. / 1ª										0
15ª POS. (ENVOLVIDA)	0	1	0	36	0	0		0		3/ 1ª
16ª POS. / 1ª					1		1º GOLPE DE ESTILETE			
17ª POS. / 1ª										
18ª POS. / 15ª										
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO 1	S E X O 2	I D A D E 3	R A C A 4	O C U P A Ç Ã O 5	V Í T I M A? 6	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO? 7	PALAVRAS- CHAVE 8	E L O G I A D O? 9	PALAVRAS- CHAVE 10	P A R E N T E S C O 11
19ª POS. / 13ª					1		TENTAVA REAGIR			
20ª POS. / 1ª					1		GOLPE DE ESTILETE			
21ª POS. / 3ª						1	1 HOMICÍDIO E OUTRAS TENTATIVAS			
22ª POS. / 1ª					1		PERSEGUIÇÃO			
23ª POS. / 3ª						1	TENTATIVA DE FUGA			
24ª POS. / 10ª					1		MORREU COM GOLPE DE ESTILETE	1	MOÇA BONITA	
25ª POS. / 3ª						1	FUGA / PULOU O MURO			
26ª POS. (ENVOLVIDA)	2	2	2	36	1	0	TENTATIVA DE HOMICÍDIO	0		0
27ª POS. (ENTREVISTADA)	2	5	1	0	0	0		0		0
28ª POS. / 3ª						1	MACHISTA/ "QUERIA MATAR A MULHER"			
*BLOCO 3/MATÉRIA 1										
1ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	0	4	0	VÍTIMAS/TRÂNSITO CONGEST./ PROTESTO	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDO)	1	0	0	22	0	0	CINEGRAFISTA DE MOTO	1	AÇÃO DE DRIBLAR O TRÂNSITO	0
3ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	0	4	0	VÍTIMAS/TRÂNSITO CONGEST./PROTESTO	0		0
4ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	0	4	0	VÍTIMAS/TRÂNSITO CONGEST./PROTESTO	0		0
5ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	0	0	22	0	1	PROTESTO DE FUNC. DE EMP. DE ÔNIBUS	0	"ATRAPALHAM TRÁFEGO"	0
6ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	41	4	0	SINDICAL. TEME DESEMPREGO	0		0
7ª POS. (ENVOLVIDO)	0	0	0	5	0	0	TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO	0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO 1	SEXO 2	IDADE 3	RACIA 4	OCCUPAÇÃO 5	VÍTIMA? 6	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO? 7	PALAVRAS- CHAVE 8	ELO- GI- A- DO? 9	PALAVRAS- CHAVE 10	P- A- R- E- N- T- E- S- C- O 11
8ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	22	4	0	MOTORISTA CONTRA O PROTESTO	0		0
9ª POS. (ENTREVISTADA)	2	5	2	0	4	0	VÍTIMA/TRÂNSITO CONGEST./PROTESTO	0		0
10ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	22	0	1	MOVIMENTO GREVISTA	0		0
11ª POS. / 9ª										
12ª POS. (ENTREVISTADA)	2	5	1	0	4	0	VÍTIMA/TRÂNSITO CONGEST./PROTESTO	0		0
13ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	8	0	0	4	1	VÍTIMAS/TRÂNSITO CONGEST./PROTESTO	0	INVASÃO DE ÔNIBUS	0
14ª POS. / 5ª										
*BLOCO 3/MATÉRIA 2										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	5	1	41	0	0	PILOTO DE HELICÓPTERO	0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO 1	SEXO 2	IDADE 3	RACIA 4	Ocupação 5	VÍTIMA? 6	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO? 7	PALAVRAS- CHAVE 8	ELOGIADO? 9	PALAVRAS- CHAVE 10	PARENTESCO 11
*BLOCO 1/MATÉRIA 1										
1ª POS. (ENTREVISTADA)	2	3	1	0	0	0		0		0
2ª POS. (ENTREVISTADA)	2	4	2	37	4	0	SISTEMA CARCERÁRIO	0		0
3ª POS. (ENTREVISTADA)	2	4	2	37	4	0	SISTEMA CARCERÁRIO	0		0
4ª POS. (ENTREVISTADA)	2	4	2	37	4	0	SISTEMA CARCERÁRIO	0		0
5ª POS. (ENTREVISTADA)/3ª										
6ª POS. (ENTREVISTADO)	1	6	1	2	0	0		0		0
*BLOCO 1/MATÉRIA 2										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	1	1	36	4	0	SISTEMA DE SAÚDE	0		
1ª POS. (ENTREVISTADA)	2	4	1	0	4	0	SISTEMA DE SAÚDE	0		1/1ª
								0		
*BLOCO 1/MATÉRIA 3										
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	3	2	0	4	0	MISÉRIA	0		0
2ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	0	4	0	MISÉRIA	0		0
3ª POS. (ENTREVISTADA)	2	4	3	10	0	0		0		0
4ª POS. (ENTREVISTADA)	2	6	1	10	0	0		0		0
5ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	2	0	4	0	MISÉRIA	0		0
1ª POS. (ENVOLVIDA)	2	2	2	0	1	0	TENTATIVA/ABUSO/ SEXUAL/PAULADA	0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO	S E X O	I D A D E	R A C A	O C U P A C Ã O	V Í T I M A?	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO? 7	PALAVRAS- CHAVE	E L O G I A D O?	PALAVRAS- CHAVE	P A R E N T E S C O
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
6ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	11	0	0		0		0
*BLOCO 1/MATÉRIA 4										
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	2	21	0	0		0		0
2ª POS. (ENTREVISTADO)	1	3	1	0	0	0		0		0
3ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	0	0	0		0		0
*BLOCO 1/MATÉRIA 5										
*BLOCO 1/MATÉRIA 6										
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	2	2	0	0	0		0		0
2ª POS. (ENTREVISTADA)	2	4	1	0	0	0		0		0
3ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	0	0	0		0		0
4ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	0	0	0		0		0
5ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	0	0	0		0		0
6ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	0	0	0		0		0
7ª POS. (ENTREVISTADO)	1	0	1	0	0	0		0		0
8ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	32	0	0		0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO 1	SEXO 2	IDADE 3	RACA 4	Ocupação 5	VÍTIMA? 6	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO? 7	PALAVRAS- CHAVE 8	ELO- GI- ADO? 9	PALAVRAS- CHAVE 10	P- A- R- E- N- T- E- S- C- O 11
9ª (ENTREVISTADO)/7ª										
10ª POS. (ENTREVISTADO)	1	6	1	31	0	0		0		0
11ª POS. (ENTREVISTADO)	1	6	1	31	0	0		0		0
12ª POS. (ENTREVISTADO)	1	6	1	17	0	0		0		0
13ª POS. (ENTREVISTADO)	1	6	2	0	0	0		0		0
14ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	0	0	0		0		0
*BLOCO 1/MATÉRIA 7										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	3	1	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ FERIDO	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDA)	2	2	1	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ FERIDA	0		0
3ª POS. (ENVOLVIDA)	2	2	1	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ FERIDA	0		0
4ª POS. (ENVOLVIDO)	1	0	1	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ FERIDO	0		0
5ª POS. (ENVOLVIDO)	1	0	0	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ FERIDO	0		0
6ª POS. (ENVOLVIDO)	1	0	0	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ FERIDO	0		0
*BLOCO 1/MATÉRIA 8										
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	1	1	0	0		0		0
2ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	1	1	0	0		0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO 1	SEXO 2	IDADE 3	RACA 4	Ocupação 5	VÍTIMA? 6	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO? 7	PALAVRAS- CHAVE 8	ELO- GI- A- DO? 9	PALAVRAS- CHAVE 10	P- A- R- E- N- T- E- S- C- O 11
1ª POS. (ENVOLVIDOS/2)	0	0	0	0	1	0	REFÊNS	0		0
3ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	1	0	1	0	TENTATIVA/ASSALTO AMEAÇA/ARMA	0		0
4ª POS. (ENTREVISTADO)/2ª										
5ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	41	0	0		0		0
6ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	41	0	0		0		0
7ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	41	0	0		0		0
8ª POS. (ENTREVISTADO)/6ª										
9ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	1	0	0		0		0
2ª POS. (ENVOLVIDOS/7)/4 PRE- SOS/1 FERIDO/3 PROCURADOS	1	0	0	0	1/ 1	1	TENTATIVA/ASSALTO/ ARMA DE FOGO	0		0
10ª POS. (ENTREVISTADA)	2	4	1	2	0	0		0		0
*BLOCO 1/MATÉRIA 9										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	4	0	7	0	1	HOMICÍDIO	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDO)	1	1	2	36	1	0	ASSASSINADO	0		0
3ª POS. (ENVOLVIDA)	2	3	2	0	1	0	ASSASSINADA	0		0
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	0	0	2	TESTEMUNHA	0		0
2ª POS. (ENTREVISTADA)	2	3	1	0	0	2	TESTEMUNHA	0		0
4ª POS. (ENVOLVIDOS/6) - HÁ ESPECIFICAÇÃO PARA 2	1	0	0	0	0	1	LADRÕES/TENTATIVA/ RESGATE	0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO	SEXO	IDADE	RACA	O C U P A Ç ÃO	V Í T I M A?	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- HA? SUS- PEI- TO?	PALAVRAS- CHAVE	E L O G I A D O?	PALAVRAS- CHAVE	P A R E N T E S C O
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
5ª POS. (ENVOLVIDO)	1	0	0	18	1	2	RENDIDO/DOMINA- DO/METRALHADORA	0		0
6ª POS. (ENVOLVIDO)	1	0	0	2	1	2	AMEAÇADO/METRA- LHADORA/AMEAÇOU/ METRALHADORA	0		0
3ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	2	0	0				
7ª POS. (ENVOLVIDOS)/1ª OU 2ª POS. (ENTREVISTADOS)	0	0	0	0	1	0	FERIMENTO À BALA/ LADRÕES	0		0
8ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	0	0	1	0	2	TROCARAM TIROS/ LADRÕES/MATARAM	0		0
9ª POS. (ENVOLVIDO)/4ª	1	4	0	0	1	0/1?	LADRÃO/MORTO/ PELOS PMS	0		0
10ª POS. (ENVOLVIDO)/4ª	1	0	0	0	1	0/1?	PROCURADO/ HOMICÍDIO LADRÃO/MORTO/ PELOS PMS	0		0
*BLOCO 1/MATÉRIA 10										
1ª POS. (ENVOLVIDOS/7)	0	0	0	0	1	2	FERIDOS/TIROTEIO	0		0
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	2	0	0	2	TESTEMUNHA	0		0
2ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	2	0	0		0		0
2ª POS. (ENVOLVIDO)/1ª	0	0	0	0	1	0	ATINGIDA/TIROTEIO/ MORTA	0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO 1	SEXO 2	IDADE 3	RACIA 4	OCCUPAÇÃO 5	VÍTIMA? 6	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO? 7	PALAVRAS- CHAVE 8	ELO- GI- ADO? 9	PALAVRAS- CHAVE 10	PAREN- TESCO 11
*BLOCO 1/MATÉRIA 11										
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	6	1	33	1	0	ASSALTADO/AMEAÇA- DO/VÁRIAS ARMAS	0		0
1ª POS. (ENVOLVIDOS/4)	1	0	0	0	0	1	ASSALTANTES/ VESTI- DOS DE POLICIAIS	0		0
*BLOCO 1/MATÉRIA 12										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	4	3	0	2	0/1?	MORTO/OVERDOSE/T RAFICANTE	0		0
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	1	0	0		0		0
*BLOCO 1/MATÉRIA 13										
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	0	0	1	0	0		0		0
2ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	1	0	0		0		
3ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	0	2	0	PERDA MATERIAL/ BARRACO/FOGO	0		0
4ª POS. (ENTREVISTADA)	2	5	1	0	2	0	PERDA MATERIAL/ BARRACO/FOGO	0		0
5ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	0	2	0	PERDA MATERIAL/ BARRACO/FOGO	0		0
6ª POS. (ENTREVISTADA)/4ª								0		
7ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	4	1	0	0		0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO 1	SEXO 2	IDADE 3	RACIA 4	Ocupação 5	VITIMA? 6	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO? 7	PALAVRAS- CHAVE 8	ELO- GI- A- DO? 9	PALAVRAS- CHAVE 10	P- A- R- E- N- T- E- S- C- O 11
*BLOCO 1/MATÉRIA 14										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	5	4	25	1	1	FERIDO/TENTATIVA/ HOMICÍDIO/ POSSÍVEL/ CONTRABANDISTA	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDOS/4)	1	0	4	0	0	1	TENTATIVA/ HOMICÍDIO/MÁFIA	0		0
*BLOCO 1/MATÉRIA 15										
1ª (ENVOLVIDO)	1	0	0	25	1	0	ASSASSINADO	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDOS/2)	1	0	0	25	1	0	ASSASSINADOS	0		0
1ª POS. (ENTREVISTADA)	2	5	1	0	0	0		0		0
3ª POS. (ENVOLVIDO)	1	2	0	0	1	0	ASSASSINADO	0		0
2ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	25	0	0		0		0
4ª POS. (ENVOLVIDO)	1	4	0	28	1	0	DESAPARECIDO	0		0
5ª POS. (ENVOLVIDO)	1	3	2	0	1	0	DESAPARECIDO/ FERIDO À BALA	0		0
6ª POS. (ENVOLVIDOS/4)	1	0	0	0	0	1	DERAM UM TIRO NA 5ª (ENVOLVIDO)	0		0
3ª POS. (ENTREVISTADA)	2	5	2	0	1	2	AMEAÇADA/ARMA/ TESTEMUNHA	0		1/5ª
4ª POS. (ENTREVISTADO)	1	6	1	2	0	0		0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO 1	SEXO 2	IDADE 3	RACIA 4	Ocupação 5	VÍTIMA? 6	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO? 7	PALAVRAS- CHAVE 8	E L O G I A D O? 9	PALAVRAS- CHAVE 10	P A R E N T E S C O 11
*BLOCO 2/MATÉRIA 1										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	3	2	16	1	0	ASSASSINADO	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDO)	1	0	0	1	0	1	HOMICÍDIO	0		0
1ª POS. (ENTREVISTADA)	2	6	1	0	0	0				1/1ª
2ª POS. (ENTREVISTADA)	2	3	1	0	0	0				0
3ª POS. (ENTREVISTADA)1ª										
*BLOCO 2/MATÉRIA 2										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	6	1	0	0	1	LADRÃO/CARGAS/ PRESO	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDO)	1	0	0	41	0	1	DONO/DEPÓSITO/ CLANDESTINO/PRESO	0		0
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	1	0	0		0		0
*BLOCO 2/MATÉRIA 3										
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	6	1	25	0	1	LESAR/ CONSUMIDORA	0		0
2ª POS. (ENTREVISTADA)	2	6	1	25	4	0	LESÃO/DIREITO/ CONSUMIDOR	0		0
3ª POS. (ENTREVISTADO)1ª										
4ª POS. (ENTREVISTADA)/2ª										
5ª POS./1ª										
6ª/2ª										
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO 1	SEXO 2	IDADE 3	RACIA 4	Ocupação 5	VÍTIMA? 6	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO? 7	PALAVRAS- CHAVE 8	ELO- GI- A- DO? 9	PALAVRAS- CHAVE 10	P- A- R- E- N- T- E- S- C- O 11
7ª/1ª										
8ª/2ª										
9ª/1ª										
*BLOCO 2/MATÉRIA 4										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	2	2	0	1	0	ASSASSINADO	0		
2ª POS. (ENVOLVIDO)	1	6	1	0	0	1	HOMICÍDIO	0		
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	0	0	0		0		1/1ª
2ª POS. (ENTREVISTADA)	2	5	1	0	0	0		0		1/1ª
3ª POS. (ENVOLVIDAS/3)	2	0	0	0	0	2	TESTEMUNHAS	0		0
*BLOCO 3/MATÉRIA 1										
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	1	1	0	0		0		0
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	0	0	25	1	0	ASSASSINADO	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDO)	1	3	2	20	1	0	ASSASSINADO	0		
3ª POS. (ENVOLVIDA)	2	8	2	0	1	0	ASSASSINADA	0		0
2ª POS. (ENTREVISTADA)	2	5	2	0	0	0		0		1/2ª
3ª POS. (ENTREVISTADO)/1ª										
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO 1	SEXO 2	IDADE 3	RACA 4	OCCUPAÇÃO 5	VÍTIMA? 6	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO? 7	PALAVRAS- CHAVE 8	ELO- GI- A- DO? 9	PALAVRAS- CHAVE 10	P- A- R- E- N- T- E- S- C- O 11
*BLOCO 3/MATÉRIA 2										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	4	2	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ FERIDO	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDO)	1	3	2	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ FERIDO	0		0
*BLOCO 3/MATÉRIA 3										
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	1	0	0		0		0
2ª POS. (ENTREVISTADO)	1	1	2	36	1	0	MAUS-TRATOS/ ACORRENTADO	0		
3ª POS. (ENTREVISTADA)	2	5	2	0	0	1	MANDAR ACORRENTAR 2ª POS.	0		1/2ª
4ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	0	0	1	ACORRENTAR/ 2ª POS.	0		9
5ª POS. (ENTREVISTADO)/2ª										
6ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	2	0	0		0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO 1	SEXO 2	IDADE 3	RACIA 4	Ocupação 5	VÍTIMA? 6	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO? 7	PALAVRAS- CHAVE 8	E L O G I A D O? 9	PALAVRAS- CHAVE 10	P A R E N T E S C O 11
*BLOCO 1/MATÉRIA 1										
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	1	0	0		0		0
2ª POS. (ENTREVISTADO)	1	1	2	36	1	0	MAUS-TRATOS / ACORRENTADO	0		0
3ª POS. (ENTREVISTADA)	2	5	2	0	0	1	MANDOU ACORRENTAR 2ª POS.	0		1/2ª
4ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	0	0	1	ACORRENTOU 2ª POS.	0		9/2ª
5ª POS. (ENTREVISTADA)	1	5	1	2	0	0		0		0
*BLOCO 1/MATÉRIA 2										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	4	2	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ FERIDO	0		
2ª POS. (ENVOLVIDO)	1	3	2	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ FERIDO	0		
3ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	0	0	1	0	0	BOMBEIROS	1	UMA DAS MAIS PERFEITAS CORP.	0
								0		
*BLOCO 2/MATÉRIA 1										
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	0	0	1	0	0	NÃO APARECE VOZ "OFF"	0		0
2ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	1	0	0	A	0		0
3ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	0	2	0	PERDA MATERIAL/ BARRACO/FOGO	0		0
4ª POS. (ENTREVISTADA)	2	5	1	0	2	0	PERDA MATERIAL/ BARRACO/FOGO	0		0
5ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	4	1	0	0		0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO	SEXO	IDADE	RACA	OCCUPAÇÃO	VÍTIMA?	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO?	PALAVRAS- CHAVE	ELO- GI- ADO?	PALAVRAS- CHAVE	P- A- R- E- N- T- E- S- C- O
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
*BLOCO 2/MATÉRIA 2										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	3	1	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ FERIDO	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDA)	2	2	1	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ FERIDA	0		0
3ª POS. (ENVOLVIDA)	2	2	1	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ FERIDA	0		0
4ª POS. (ENVOLVIDO)	1	0	1	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ FERIDO	0		0
5ª POS. (ENVOLVIDO)	1	0	0	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ FERIDO	0		0
*BLOCO 3/MATÉRIA 1										
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	2	0	4	0	DIREITOS DO CONSUMIDOR	0		0
2ª POS. (ENTREVISTADA)	2	5	2	26	0	0	ATENDENTE DE LOJA	0		0
3ª POS. (ENTREVISTADA)	2	4	1	0	4	0	DIREITOS DO CONSUMIDOR	0		9/1ª
4ª POS. / 1ª										
5ª POS. / 3ª										
6ª POS. / 1ª										
7ª POS. (ENTREVISTADA)	2	5	2	26	0	1	NÃO ENTREGAR MÓVEIS	0		0
8ª POS. (ENVOLVIDO)	1	0	0	25	0	1	NÃO ENTREGAR MÓVEIS	0		0
9ª POS. / 3ª										
10ª POS. / 7ª										
11ª POS. / 1ª										
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO	S E X O	I D A D E	R A Ç A	O C U P A Ç ÃO	V Í T I M A?	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- HA? SUS- PEI- TO?	PALAVRAS- CHAVE	E L O G I A D O?	PALAVRAS- CHAVE	P A R E N T E S C O
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
12ª POS. / 7ª										
*BLOCO 3/MATÉRIA 2										
1ª POS. (ENVOLVIDA)	2	7	1	35	1	0	ASSASSINADA/ QUEIMADA	0		0
2ª POS. (ENTREVISTADO)	1	3	2	21	0	2	TESTEMUNHA/VIU FUMAÇA NA CASA	0		0
3ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	0	0	1	0	0	BOMBEIROS	0		0
4ª POS. (ENVOLVIDO)	1	0	0	20	0	3	LATROCÍNIO/ SUSPEITO	0		0
*BLOCO 3/MATÉRIA 3										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	3	2	35	1	0	ASSASSINADO	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDA)	2	4	1	0	1	2	RENDIDA PELOS ASSALTANTES	0	TESTEMUNHA	0
3ª POS. A (ENVOLVIDOS/4)	1	0	0	0	0	1	PARTICIPANTES NO LATROCÍNIO	0		0
3ª POS. B (ENVOLVIDOS/2)	1	0	0	0	0	1	RENDER CASAL/ ARMA DE FOGO	0		0
3ª POS. C (ENVOLVIDOS/1)	1	2	0	0	0	1	ASSASSINAR COM TIRO A 1ª POS.	0		0
4ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	1	0	0	0	0		0		0
5ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	2	35	0	0		0		0
6ª POS. (ENTREVISTADO)	1	3	3	35	0	0		0		0
7ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	2	35	0	0		0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO	SEXO	IDADE	RACIA	Ocupação	VÍTIMA?	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO? 7	PALAVRAS- CHAVE	ELO- GI- A- DO?	PALAVRAS- CHAVE	PARE- NTE- S- CO
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
8ª POS. / 3ª POS. C	0	0	0	0	0	1	PRESO NA FEBEM/ TRÁFICO/DROGAS	0	LATROCÍNIO	0
9ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	0	0	1	0	0		0		0
*BLOCO 3/MATÉRIA 4										
1ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	0	0	1	4	2	TENTATIVA DE FUGA DE PRESOS	0	CORPORAÇÃO/ TESTEMUNHA	0
2ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	0	0	6	4	2	IDEM ANTERIOR	0	TESTEMUNHA/ LIGADO À SSP	0
3ª POS. (ENVOLVIDO)	1	5	1	1	0	0		0		0
4ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	0	0	37	0	1	TENTAR FUGIR	0		0
5ª POS./3ª (ENTREVISTADO)										
6ª POS. (ENVOLVIDOS/4)	1	0	0	37	0	1	RECAPTURADOS	0		0
*BLOCO 3/MATÉRIA 5										
1ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	0	0	1	0	0	BOMBEIROS	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	0	0	2	CHAMARAM OS BOMBEIROS	0	TESTEMUNHAS	0
3ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	1	0	0		0		0
4ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	1	1	0	0		0		0
5ª POS. / 3ª										
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO	SEXO	IDADE	RACA	Ocupação	VITIMA?	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- HA? SUS- PEI- TO?	PALAVRAS- CHAVE	ELOGIADO?	PALAVRAS- CHAVE	PARENTESCO
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
*BLOCO 3/MATÉRIA 6										
1ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	0	0	1	0	0	BOMBEIROS	0		0
2ª POS. (ENTREVISTADA)	2	0	0	0	0	2	CHAMOU BOMBEIROS	0	TESTEMUNHA/ "OFF"	0
3ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	1	1	0	0	BOMBEIRO	0		0
*BLOCO 3/MATÉRIA 7										
1ª POS. (ENVOLVIDOS)	2	2	0	0	4	0	EXPLORAÇÃO SEXUAL/MENORES	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	8	0	0	0	1	ABUSO SEXUAL	0		0
3ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	8	0	0	0	3	APOLOGIA À MACONHA	0	FUNKEIROS	0
4ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	0	0	1	0	0		0		0
5ª POS. (ENVOLVIDO)	1	6	0	41	0	1	EXPLORAÇÃO /APO- LOGIA ÀS DROGAS	0	EMPRESÁRIO	0
6ª POS. (ENTREVISTADA)	2	0	0	20	0	0	"OFF"	0		0
*BLOCO 3/MATÉRIA 8										
1ª POS. (ENTREVISTADO)	1	1	2	36	4	0	DOENÇAS/ POBREZA	1	ALEGRE/ CONTENTE	0
2ª POS. (ENTREVISTADO)	1	1	2	36	4	0	DOENÇAS/ POBREZA	1	ALEGRE/ CONTENTE	2/1ª
3ª POS. (ENTREVISTADA)	2	4	2	13	4	0	MÃE PEDE AJUDA A FILHOS DEFICIENTES	0	PEDE 3 MÁQUINAS P/TRABALHAR	1/ 1ª E 2ª
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO 1	SEXO 2	IDADE 3	RACA 4	Ocupação 5	VÍTIMA? 6	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO? 7	PALAVRAS- CHAVE 8	E L O G I A D O? 9	PALAVRAS- CHAVE 10	P A R E N T E S C O 11
*BLOCO 3/MATÉRIA 9										
1ª POS. (ENVOLVIDA)	2	3	1	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ MOTO/FERIDA	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDA)	2	2	2	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ MOTO/FERIDA	0		0
3ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	1	0	0	CORPORAÇÃO/ BOMBEIROS	1	URGÊNCIA/ RAPIDEZ	0
4ª POS. / 1ª							SENDO SOCORRIDA			
5ª POS. / 2ª										
6ª POS. / 3ª							UNIDADE DE SALVAMENTO			
7ª POS. / 3ª								1	CUIDADOS NA OPERAÇÃO	
8ª POS. (ENVOLVIDO)	1	0	0	41	0	2	CINEGRAFISTA AMADOR	1	"MOSTRANDO AS IMAGENS"	0
9ª POSIÇÃO (ENVOLVIDOS)	0	0	0	1	0	0	CORPORAÇÃO/ BOMBEIROS	1	MOBILIZAÇÃO DO C. B.	0
10ª POS. / 1ª					2		VÁRIAS FRATURAS PELO CORPO			
11ª POS. / 2ª					2		VÁRIAS FRATURAS PELO CORPO			
*BLOCO 3/MATÉRIA 10										
1ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	22	0	0	MOTORISTAS E COBRADORES	0	MANIFESTAÇÃO	0
2ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	0	4	0	DIFICULDADES DA POPULAÇÃO	0	LOCOMOÇÃO	0
3ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	23	0	0		0		0
4ª POS. (ENVOLVIDO)	0	0	0	15	4	0		0		0
5ª POS. (ENTREVISTADA)	2	5	2	0	4	0	TRANSTORNOS NO TRÂNSITO	0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO	S E X O	I D A D E	R A C A	O C U P A C Ã O	V Í T I M A?	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO?	PALAVRAS- CHAVE	E L O G I A D O?	PALAVRAS- CHAVE	P A R E N T E S C O
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
6ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	2	0	4	0	TRANSTORNOS NO TRÂNSITO	0		0
7ª POS. (ENTREVISTADA)	2	4	2	0	4	0	TRANSTORNOS NO TRÂNSITO	0		0
8ª POS. (ENTREVISTADA)	2	5	1	0	4	0	TRANSTORNOS NO TRÂNSITO	0		0
9ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	0	4	0	TRANSTORNOS NO TRÂNSITO	0		0
*BLOCO 3/MATÉRIA 11										
1ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	0	0	0	4 FAMÍLIAS NO LIXÃO/SUSTENTO	0		0
2ª POS. (ENTREVISTADO)	1	3	1	23	4	0	SUBEMPREGO	0		0
3ª POS. (ENTREVISTADO)	1	7	1	23	4	0	SUBEMPREGO	0		0
4ª POS. (ENVOLVIDO)	1	0	0	41	0	0	CINEGRAFISTA	1	IMAGENS CAPTADAS	0
5ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	1	23	4	0	SUBEMPREGO	0		0
6ª POS. (ENTREVISTADO)	1	1	2	23	4	0	SUBEMPREGO	0		0
*BLOCO 4/MATÉRIA 1										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	1	1	36	1	0	VÍTIMA DE TIRO/ FICOU CEGO	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	41	0	0	GRUPO PÁRA-MILITAR	0		0
3ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	0	0	7	1	0	DOMINADOS POR ASSALTANTES	0		0
4ª POS. (ENVOLVIDOS/2)	1	3	2	0	0	1	ASSALTAR BANCO	0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO	SEXO	IDADE	RACA	O C U P A Ç ÃO	V Í T I M A?	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO?	PALAVRAS- CHAVE	E L O G I A D O?	PALAVRAS- CHAVE	P A R E N T E S C O
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
5ª POS. / 2ª (1)	0	0	0	41	0	1	TIROTEIRO CONTRA QUADRILHA	0	ORGANIZAÇÃO	0
6ª POS. (ENVOLVIDA)	2	3	1	0	1	0	REFÉM	0		1/1ª
7ª POS. / 1ª					1	0	REFÉM ALVEJADO COM TIRO			
8ª POS. (ENTREVISTADO)	1	6	1	0	0	0		0		0
9ª POS. / 2ª						1	FERIR 2 ASSALTANTES		COM TIRO	
10ª POS. (ENVOLVIDOS/2)	0	0	0	0	1	0	BALEADOS PELA ORGANIZAÇÃO	0		0
11ª POS. / 4ª										
12ª POS. (ENVOLVIDO)	1	0	0	0	0	1	VENDER ARMAS	0	PERTENCENTE À ORGANIZAÇÃO	0
13ª POS. (ENTREVISTADO)/ 4ª							"OFF"			
14ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	2	0	0		0		0
15ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	1	0	0	0		0		0
16ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	1	0	0	0		0		0
17ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	26	0	0		0		0
18ª POS. (ENTREVISTADA)	2	7	1	0	0	0		0		9/ 12ª
* BLOCO 4/MATÉRIA 2										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	4	1	37	0	1	EXPLORAÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDA)	2	4	1	37	0	1	EXPLORAÇÃO DE TRABALHO ESCRAVO	0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO 1	SEXO 2	IDADE 3	RACIA 4	OCCUPAÇÃO 5	VÍTIMA? 6	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO? 7	PALAVRAS- CHAVE 8	ELO- GI- A- DO? 9	PALAVRAS- CHAVE 10	PAREN- TES- CO 11
3ª POS. (ENVOLVIDOS/23)	0	0	0	0	4	0	TRABALHO ESCRAVO	0		0
4ª POS. (ENTREVISTADO)	1	6	1	0	0	2	DENÚNCIA	0		0
5ª POS. (ENTREVISTADO)	1	4	1	0	0	0		0		0
6ª POS. (ENVOLVIDOS)	0	0	0	0	4	0	BOLIVIANOS DEPORTADOS	0		0
7ª POS. (ENVOLVIDO)	1	5	1	0	1	0	INVASÃO DOMICILAR PELA POLÍCIA	0	TERIAM LEVADO PERTENCES	0
*BLOCO 4/MATÉRIA 3										
1ª POS. (ENVOLVIDO)	1	8	0	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ POSTE/FERIDO	0		0
2ª POS. (ENVOLVIDO)	1	8	1	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ POSTE/FERIDO	0		0
3ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	0	0	1	0	0	BOMBEIROS	1	CUIDADOS COM O ATENDI/O	0
*BLOCO 5/MATÉRIA 1										
1ª POS. (ENVOLVIDOS/12)	0	0	0	0	2	0	MORTOS EM ACIDENTE	0	COLISÃO ENTRE VAN E ÔNIBUS	0
2ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	0	0	1	0	0		0		0
3ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	0	0	6	0	0		0		0
4ª POS. (ENTREVISTADO)	1	5	1	22	2	0	ACIDENTE/NÃO FOI FERIDO	0		0
5ª POS. / 1ª (1)	1	0	0	0	2	0	VELADO NA CAPELA	0		0
6ª POS. / 1ª (1)	1	2	0	23	2	0	VELADO NA CAPELA	0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

GRADE II DE CODIFICAÇÃO

PESSOAS ENTREVISTADAS EM CADA NOTÍCIA OU ENVOLVIDAS DIRETAMENTE COM O ASSUNTO 1	SEXO 2	IDADE 3	RACA 4	Ocupação 5	VITIMA? 6	ACU- SA- DO? TES- TE- MUN- NHA? SUS- PEI- TO? 7	PALAVRAS- CHAVE 8	E L O G I A D O? 9	PALAVRAS- CHAVE 10	P A R E N T E S C O 11
7ª POS. / 1ª (1)	2	0	0	0	2	0	VELADA NA CAPELA	0		0
8ª POS. / 1ª (1)	1	0	0	0	2	0	VELADO NA CAPELA	0		0
9ª POS. / 1ª (1)	1	3	0	22	2	0	VELADO NA CAPELA	0		0
*BLOCO 5/MATÉRIA 2										
1ª POS. (ENVOLVIDOS/3)	1	0	0	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ POSTE/FERIDO	0		0
2ª POS. /1ª (1)	1	4	2	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ POSTE/FERIDO	0		0
3ª POS. (ENVOLVIDOS)	1	0	0	1	0	0		0		0
4ª POS. /1ª (1)	1	4	1	0	2	0	COLISÃO/CARRO/ POSTE/FERIDO	0		0
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

4.3. Grade III de Codificação: as Imagens



GRADE III DE CODIFICAÇÃO

MODALIDADE DE VIOLÊNCIA COM AMEAÇA (1/A) 1	IMAGENS ESPECÍFICAS RELACIONADAS? 2	DESCRIÇÃO DAS IMAGENS 3
*BLOCO 1 (28/07)		
1) Sem-teto acusa seguranças por morte de taxista 2min36s	1	CORPO DE TAXISTA ASSASSINADO COBERTO COM JORNAL, NO CHÃO, AO LADO DE SEU CARRO (Imagem 33; p. 324)
* BLOCO 3 (28/07)		
1) Flagrante na Dutra: dois ladrões presos 1min56s	2	DOIS HOMENS SENDO PRESOS
* BLOCO 1 (29/07)		
1) Artista plástica encontrada morta e queimada 1min56s	0	
* BLOCO 1 (29/07)		
2) Tiroteio entre policiais em Fortaleza 45s	1	TIROTEIO ENTRE POLICIAIS - (Imagem 29; p. 322)
* BLOCO 1 (29/07)		
3) Governo estuda lei que mexe com todas as polícias 1min33s	1	POLICIAIS SE CONFRONTANDO - (Imagem 30; p. 322)
* BLOCO 2 (29/07)		
1) Caso de amor tem fim trágico em Itapeverica da Serra 4min19s	0	
1	2	3

"AQUI AGORA" - 28/07 - SEGUNDA
29/07 - TERÇA

GRADE III DE CODIFICAÇÃO

MODALIDADE DE VIOLÊNCIA COM AMEAÇA (1/A) 1	IMAGENS ESPECÍFICAS RELACIONADAS? 2	DESCRIÇÃO DAS IMAGENS 3
* BLOCO 1 (28/07)		
8) Quadrilha roda feio no assalto a casa de shows em SP 4min43s	0	
* BLOCO 1 (28/07)		
9) Duplo homicídio e invasão na delegacia de Francisco Morato 4min24s	0	
* BLOCO 1 (28/07)		
10) Tiroteio e morte por uma dose de conhaque em São Paulo 1min37s	0	
* BLOCO 1 (28/07)		
11) Eurico Miranda é assaltado e perde parte da renda do Maraca 2min35s	0	
* BLOCO 1 (28/07)		
14) Máfia pode ser responsá- vel pela morte de comerciante chinês 2min54s	1	2 CORPOS ESTENDIDOS NO CHÃO/OS ROSTOS ESTÃO COBERTOS - (Imagem 34; p. 324)
* BLOCO 1 (28/07)		
15) Onda de assassinatos provoca protestos em Cajazeira 2min53s	1	CAIXÃO COM CORPO DE COMERCIANTE ASSASSINADO É CARREGADO POR MORADORES - (Imagem 36; p. 325)
* BLOCO 2 (28/07)		
1) PM perde o controle e mata rapaz que o chamou pelo apelido 1min58s	0	
1	2	3

GRADE III DE CODIFICAÇÃO

MODALIDADE DE VIOLÊNCIA COM AMEAÇA (1/A) 1	IMAGENS ESPECÍFICAS RELACIONADAS? 2	DESCRIÇÃO DAS IMAGENS 3
* BLOCO 2 (28/07)		
4) Menino é executado a golpes de enxada por causa da pipa 3min25s	0	
* BLOCO 3 (28/07)		
1) Disputa por ponto de drogas termina com três mortos 2min15s	1	CORPOS ESTENDIDOS NO CHÃO - (Imagem 35; p. 325)
* BLOCO 3 (28/07)		
3) Mãe manda acorrentar menor que praticava pequenos furtos 7min38s	1	MENINO ACORRENTADO - (Imagem 37; p. 326)
* BLOCO 1 (29/07)		
1) Mãe manda acorrentar o próprio filho para impedir furtos 4min07s	1	MENINO ACORRENTADO - MATÉRIA DO DIA ANTERIOR - (Imagem 38; p. 326)
* BLOCO 3 (29/07)		
2) Mataram e queimaram artista plástica de 73 anos 2min53s	0	
* BLOCO 3 (29/07)		
3) Músico é assassinado, durante assalto, em SP 4min24s	0	
* BLOCO 4 (29/07)		
1) Mãos Brancas vende segurança e armas em SP 7min02s	2/1	DOIS HOMENS SENDO PRESOS; TIRO DISPARADO CONTRA POLICIAIS; ARMAS APREENDIDAS (Imagens 31 e 32; p. 323)
1	2	3

"CIDADE ALERTA" - 28/07 - SEGUNDA
29/07 - TERÇA

Tratamento dos Dados



Tendo em vista o objetivo geral do presente trabalho - elaboração de metodologias adequadas para o estudo de telejornalismo sensacionalista -, a decorrente aplicação dos métodos descritos detalhadamente no Capítulo 4 gerou um material com potencial de análise significativo¹, o qual será objeto de apontamentos e inferências a partir do reagrupamento dos dados nele contidos, desembocando, assim, na análise morfológica e análise de conteúdo propriamente ditas, um dos objetivos específicos desta pesquisa, na qual está embutido enfoque voltado para a *Violência*.

A opção pela não separação rígida das instâncias de análise deveu-se, em um primeiro momento, à reflexão do que seja um estudo propriamente quantitativo e qualitativo. De acordo com Bardin, a abordagem quantitativa “funda-se na *freqüência* de aparição de certos elementos da mensagem. A abordagem não quantitativa recorre a indicadores não freqüenciais susceptíveis de permitir inferências, por exemplo, a *presença* (ou a *ausência*) pode constituir um índice tanto (ou mais) frutífero que a *freqüência* de aparição.”²

Importante destacar, entretanto, que a análise qualitativa não rejeita toda e qualquer forma de quantificação. Somente os índices é que são retidos de maneira não freqüencial, podendo o analista recorrer a testes quantitativos: por exemplo, a aparição de índices similares em discursos semelhantes.³

As definições acima levam à uma outra reflexão, voltada ao delineamento do que seja uma análise morfológica e uma análise de conteúdo. No primeiro caso, a identificação é mais imediata: morfologia é o tratado das formas e das figuras, cuja origem, desenvolvimento, transformação e leis investiga, segundo o método comparativo⁴, em suma, é o estudo das formas. Já a análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a conteúdos

¹ Os dados obtidos estão apresentados nas *Grades de Codificação I, II e III* que integram o Capítulo 4, juntamente com a proposta metodológica para registro dos resultados.

² BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70, p. 114, 1977.

³ Idem, Ibidem, p. 115.

⁴ MICHAELIS, 1998 (Dicionário).

extremamente diversificados. “O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas - desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos - é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência.”⁵

Enfim, atendo-se às definições sobre essas análises, faz-se necessário pontuar que levar adiante a separação das instâncias em morfológica e conteudística incorreria na indicação de que uma verificação metodológica sobre as formas (estrutura) poderia estar voltada somente à quantificação e descrição de dados, valorizando sua frequência, deixando, assim, seus aspectos qualitativos à margem.

Poder-se-ia afirmar, então, que o pesquisador deve buscar realizar uma análise de conteúdo inclusive nos agrupamentos morfológicos se assim os dados permitirem. O poder associativo incita a possibilidade de dar forma a algo novo, um dos princípios da criatividade humana. Os índices por vezes podem estar inerentes às evidências, entretanto, para desvelá-los, é necessário tentar ultrapassar as aparências mais pontuais e as frequências mais mensuráveis. Tudo o que se afirmou até aqui tem relação direta somente com possibilidades. A interpretação é inseparável do humano, por isso, nem sempre é viável uma criteriosa imersão pelos caminhos da análise. Daí a necessidade de ter o maior número de dados agrupados, a fim de que objetividade e subjetividade potencial estejam pelo menos à disposição.

No caso das análises presentes neste capítulo, pretendeu-se seguir o que Bardin frisa no prefácio de seu livro: “(...) o esforço de interpretação oscila entre os dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade”. A análise de conteúdo “(...) absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem.”⁶

⁵ BARDIN, op. cit., p. 9.

⁶ Idem, Ibidem.

Quantificação

Gráfico 1 - 28/07

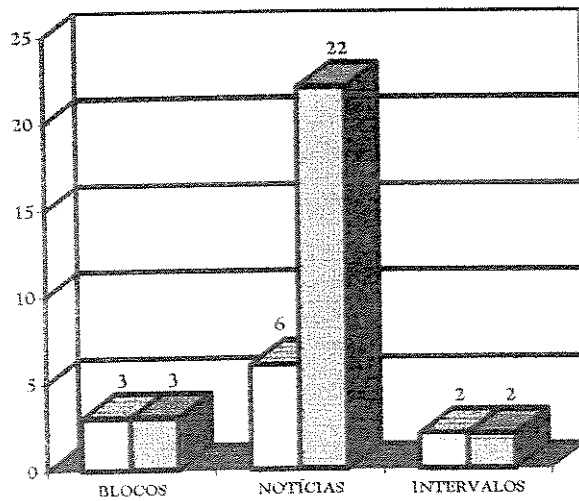
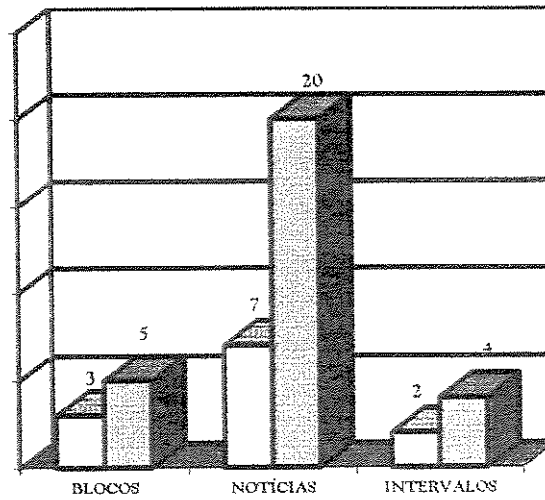


Gráfico 1A - 29/07



Duração em Horas, Minutos e Segundos

Gráfico 2 - 28/07

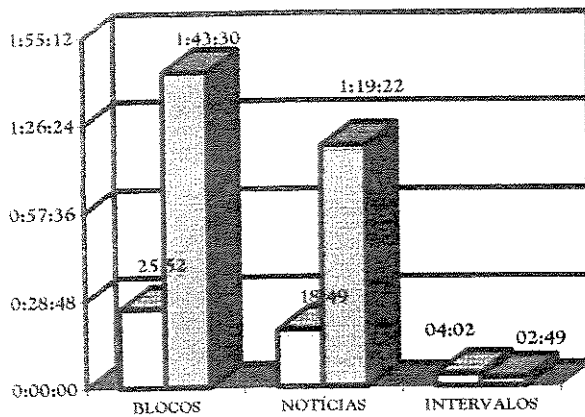
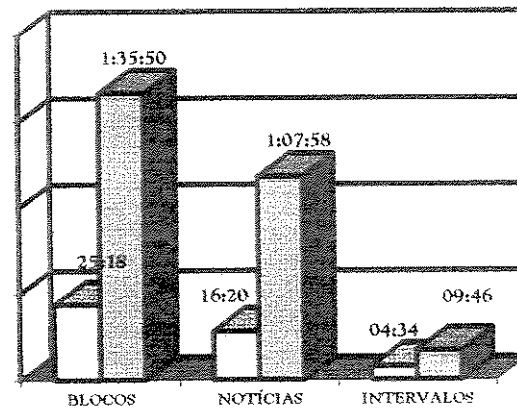


Gráfico 2A - 29/07



Média de Duração em Minutos e Segundos

Gráfico 3 - 28/07

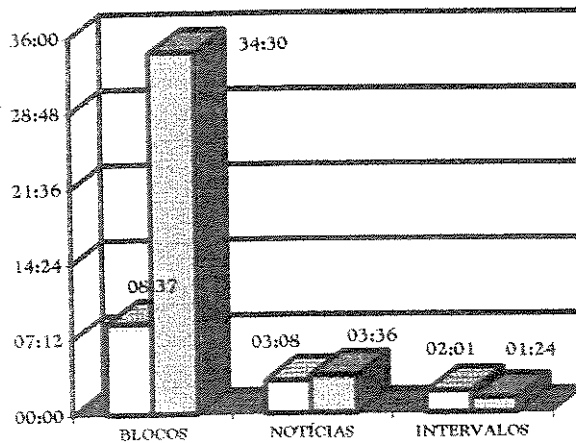
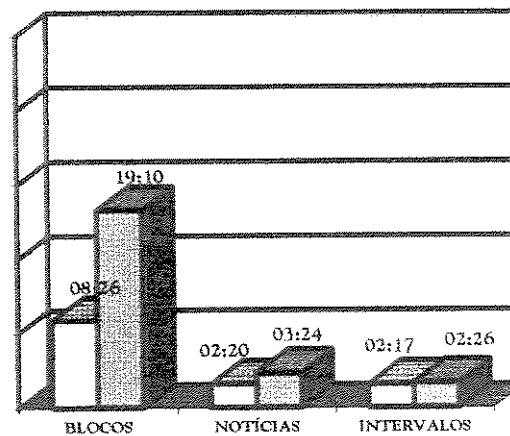


Gráfico 3A - 29/07



■ AQUI AGORA ■ CIDADE ALERTA

5. Análise Morfológica e Análise de Conteúdo



Blocos, Notícias e Intervalos

(Gráficos 1, 2, 3; 1A, 2A, 3A)

Os indicadores comparativos mais relevantes, em uma primeira análise, referem-se ao tempo de duração total dos telejornais estudados e dos intervalos exibidos, assim como à quantificação desses intervalos. Em uma segunda análise, a quantificação relativa aos blocos e notícias e respectiva medição de duração vêm reforçar as observações decorrentes dos dados obtidos a partir da descrição e verificação dos primeiros indicadores.

O *Aqui Agora*, com 29min58s (1º dia) e 29min59s (2º dia), segue a tendência de outros telejornais produzidos por redes de televisão comerciais brasileiras principalmente quanto à sua duração. Distribui seus *spots* publicitários num total de 4min02s (1º dia) e 4min34s (2º dia) com uma média de duração de 2min01s (1º dia) e 2min17s (2º dia), ou seja, 2 intervalos veiculados em ambas as edições de cerca de meia hora.

Já o *Cidade Alerta* desvia-se completamente da referida tendência: 1h46min23s (1º dia) é o tempo de duração do programa, apenas 39s a mais em relação ao 2º dia (1h45min44s). Tal observação denota que este telejornal é demasiadamente longo para os padrões atuais de TV do País, ainda mais se for considerado o número de intervalos exibidos: no 1º dia, o *Cidade Alerta* interrompeu o programa somente 2 vezes, num total de 2min49s, o que resulta em uma média de 1min24s de tempo destinado a cada *break* para publicidade. A edição referente ao 2º dia indica uma peculiar diferenciação em relação às inserções de comerciais do dia anterior: foram 4 interrupções, totalizando 9min46s, uma média de 2min26s para cada intervalo.

O *Aqui Agora* demonstra seguir uma padronização - embora não tão rígida - quanto ao número de blocos e notícias, bem como respectivas duração e média de duração desses elementos. Em ambas as edições, foi mantido o número de 3 blocos, estruturados em 25min52s, uma média de 8min37s para cada bloco (1º dia), 34s

a mais em relação ao 2º dia (25min18s), que teve uma média de 8min26s para cada um dos blocos (apenas 11s de diferença comparando a edição anterior). As 6 notícias da primeira edição totalizaram 18min49s, uma média de 3min08s. Na segunda edição, apenas uma notícia a mais foi veiculada (7), consumindo 16min20s do tempo total do telejornal, uma média de 2min20s para cada matéria.

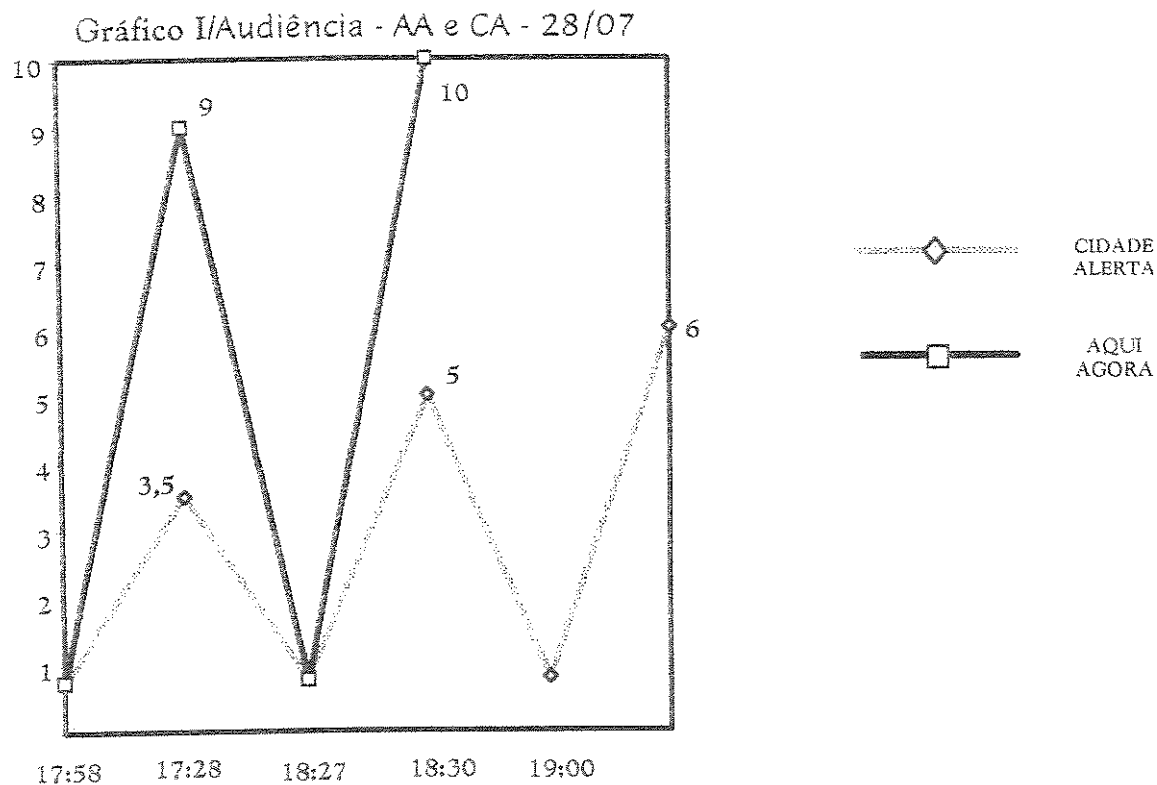
As diferenças são significativas para o *Cidade Alerta*. Dois blocos a mais foram inseridos na segunda edição (5), totalizando 1h35min50s, uma média de 19min10s para cada bloco. A primeira edição chama a atenção pelo fato de apenas 3 blocos terem sido estruturados em 1h43min30s, uma média de 34min30s para cada bloco, cerca de 4min a mais que a duração total do *Aqui Agora*. Ressalte-se também que o *Cidade Alerta* veiculou 22 notícias no 1º dia, apenas duas a mais que o dia posterior (20). Entretanto, esta diferença resultou em 11min24s a menos do tempo destinado às matérias referentes ao 2º dia - 1h07min58s - se comparada ao 1º dia - 1h19min22s -, mas não alterou de forma significativa a média de duração das notícias: respectivamente, 3min24s e 3min36s.

A partir dos indicadores assinalados acima, é possível elaborar algumas inferências:

- Em dados brutos (Gráfico 1), a primeira edição dos dois telejornais diferiu somente em relação ao número de notícias: 6 matérias foram veiculadas pelo *Aqui Agora*, enquanto o *Cidade Alerta* divulgou 22. Isso se deve, claramente, ao tempo de duração dos telejornais: uma diferença de 1h16min25s.

- Tomando por base o Gráfico 1, em ambos os programas, observou-se o mesmo número de blocos (3), assim como de intervalos (2). Exatamente esta é a diferença significativa, pois remete a associações entre o dia de reestrela do *Aqui Agora*, em 28/07/97, com Ney Gonçalves Dias, o qual apresentava anteriormente o *Cidade Alerta* na Record até mudar de emissora - o SBT - e a importância dada pela Record ao telejornal concorrente, principalmente no primeiro dia de

competição direta pela audiência.⁷ Tal observação salienta-se ainda mais se considerada a avaliação de Gonçalves Dias 17 dias antes de assumir a apresentação do *Aqui Agora*: "Sou o único que pego um programa com dois pontos de audiência e entrego com 11"⁸, em uma clara alusão ao *Cidade Alerta* e ao seu próprio desempenho como apresentador. Além destes indicativos, a disputa pela audiência evidencia-se nos números divulgados pelo Ibope⁹:



⁷ É importante destacar que o único concorrente direto do *Cidade Alerta* é o *Aqui Agora*, pois, além de o formato de ambos apresentar semelhanças muito evidentes, o noticiário do SBT é apresentado meia hora após o início do telejornal da Record que, por sua vez, continua no ar 45 minutos após o término do outro (números aproximados referentes às primeiras edições), o que demonstra uma clara disputa pela audiência nessa faixa de horário. Assinale-se que Ney Gonçalves Dias pareceu realmente ter levado para o SBT parte da audiência conquistada no *Cidade Alerta*, dado que aponta para uma preocupação da Record, centrada tanto no apresentador da emissora concorrente como na estratégia de manter seu público sintonizado no mesmo canal, a partir do investimento em blocos de grande duração, com mínima inserção de intervalos comerciais: isso evitaria que os espectadores tornassem-se "zapeadores" (munidos do controle remoto), ou seja, que mudassem de canal no momento das interrupções para divulgação publicitária e acabassem sendo conquistados pelo *Aqui Agora*.

⁸ Entrevista concedida ao suplemento "TV Folha" da *Folha de S. Paulo*, em 13 de julho de 1997.

⁹ Números extraídos do caderno "Cotidiano" da *Folha de S. Paulo*, em matéria assinada por Mariana Scalzo.

- Cada ponto do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope, cuja matriz fica na Capital de São Paulo) equivale a 80.000 espectadores na Grande São Paulo. Os números constantes no Gráfico I (página anterior, canto inferior esquerdo) contêm determinado potencial de análise voltado às oscilações da audiência em 28/07, 1º dia de coleta do material amostral. É possível verificar que o *Aqui Agora* manteve uma certa regularidade nos índices de audiência: o telejornal iniciou às 17h58min com 9 pontos (720.000 espectadores na Grande São Paulo¹⁰), terminando o programa, às 18h27min, com uma audiência de 800.000 pessoas (10 pontos). O *Cidade Alerta* apresentou índices mais baixos: às 17h28min, começo do telejornal, tinha 3,5 pontos de acordo com o Ibope, o que corresponde a 280.000 espectadores. Às 18h30min, subiu para 5 pontos (400.000 pessoas sintonizadas no canal), justamente no momento em que o *Aqui Agora* chegava ao seu término (apenas 3min antes), o que leva a crer que uma possível parcela de audiência do *Aqui Agora* passou a assistir ao telejornal da emissora concorrente. Aos 15min antes de terminar o *Cidade Alerta* (19h), o Ibope mediu 6 pontos (480.000 espectadores).

- Se Dias conseguiu arrematar 11 pontos de audiência para o *Cidade Alerta* antes de sua saída da emissora, o dia de reestréia do *Aqui Agora* no SBT demonstra que ele só precisava de mais um ponto (Gráfico I, página anterior) para cumprir sua “promessa”, considerando, entretanto, que este índice teria de ser mantido até o momento em que o telejornal fora substituído pelo programa *Fantasia*¹¹, em novembro de 1997.

- Quanto ao *Cidade Alerta*, considerando as avaliações até o momento, trata-se de um noticiário de longa duração, duração esta não observada em outros

¹⁰ Todos os índices mencionados referem-se apenas à audiência da população da Grande São Paulo. A partir da referida equivalência - quantos pontos correspondem ao número de telespectadores -, o Ibope faz sua projeção para medir a audiência em nível nacional.

¹¹ O programa *Fantasia* vinha arrematando cada vez mais pontos de audiência. Era exibido entre o *Programa Livre*, apresentado por Serginho Groissman, e o *Aqui Agora*. Voltado aos “disques 0900” e à entrega de prêmios em dinheiro e carros, o programa, apresentado só por mulheres e contando com a participação das mais jovens, estendeu-se por mais meia hora, atingindo exatamente a faixa de horário de exibição do *Aqui Agora*, principal motivo que o tirou do ar.

formatos para o mesmo gênero. A principal questão é como o programa consegue sobreviver, já que destina um espaço mínimo aos intervalos comerciais. Destaque-se que, na primeira edição, o *Cidade Alerta* divulgou 1min13s a menos de *spots* publicitários em relação ao *Aqui Agora*. O principal patrocinador do programa é a empresa de confecções “Luigi Bertoli”, dado o fato de esta ter seu oferecimento destacado no início e no final do telejornal. Todavia, apenas uma marca não conseguiria canalizar o montante necessário ao financiamento da produção de qualquer programa televisivo, ainda mais um programa de quase duas horas de duração, bem como seria difícil a emissora contar com dinheiro em caixa - uma parcela de lucro do total do investimento realizado pela empresa através de publicidade. Entretanto, há de se considerar que o telejornal deve obter lucros a partir de outras estratégias: a divulgação do “0900”¹² seria uma das mais importantes. Apenas para ilustrar, o “Jornal Nacional”, considerado modelo de programa telejornalístico na concepção comercial dos canais de televisão, prioriza uma duração regular de 1min para os intervalos, com exceção do primeiro *break*, que soma 30s. Assim, é possível observar que este modelo enraizado pela Globo não vem sendo seguido pelos telejornais analisados.

- Em relação à uniformidade dos dois telejornais, o *Aqui Agora* é o que mais manteve, nas duas edições estudadas, determinado padrão em sua forma de apresentação, assim como no tempo destinado aos três elementos presentes no noticiário: blocos, notícias e intervalos. O *Cidade Alerta* apresentou oscilações significativas em relação a esses mesmos elementos, principalmente se comparados o 1º e o 2º dias analisados.

- A média de duração das notícias em ambos os telejornais é praticamente a mesma, girando em torno de 3min, com exceção para o 2º dia do *Aqui Agora*, que destinou 2min20s para cada notícia apresentada. Porém, é necessário destacar que algumas matérias ocuparam um tempo bastante superior ao da média, enquanto

¹² A próxima análise, na página 247, tratará do grande investimento em promoções, inseridas durante o *Cidade Alerta*, como as referentes ao “0900”, as quais demonstram ser uma estratégia bastante rentável, direta e indiretamente.

outras duraram segundos. No *Aqui Agora*, a maior matéria ocupou 4min42s (1º dia) e a menor, 45s (2º dia). Já o *Cidade Alerta* destinou 7min38s (1º dia) a uma das 22 notícias apresentadas, mas, no 2º dia, houve uma matéria com 1min32s (o menor tempo registrado, comparando as duas edições). Esses números indicam que os formatos desses programas não estão palpados na busca de agilidade na apresentação das notícias, denotando que o ritmo apresentado não prioriza o que, na Rede Globo, seria sua principal premissa para o telejornalismo: o máximo de notícias no menor tempo possível.¹³

¹³ O diretor de jornalismo da Rede Globo, Armando Nogueira, definia quando ocupava este cargo que a referida premissa era considerada a ideal para o “Jornal Nacional”. Esta informação foi extraída da dissertação de Mestrado de REZENDE, Guilherme Jorge de. *O tele-espetáculo da notícia; análise morfológica e de conteúdo de uma semana (7 a 13 de janeiro de 1982) do “JN” da Rede Globo de Televisão*. São Paulo, ECA-USP, p. 120, 1985. (Orientador: José Marques de Melo). Nela, também há um dado importante: cada notícia dispôs de uma média de 1min05s de duração - mesmo havendo oscilações quanto ao tempo ocupado por cada uma delas -, o que revela que a agilidade na divulgação das notícias já era seguida desde os anos 80.

Quantificação

Gráfico 4 - 28/07

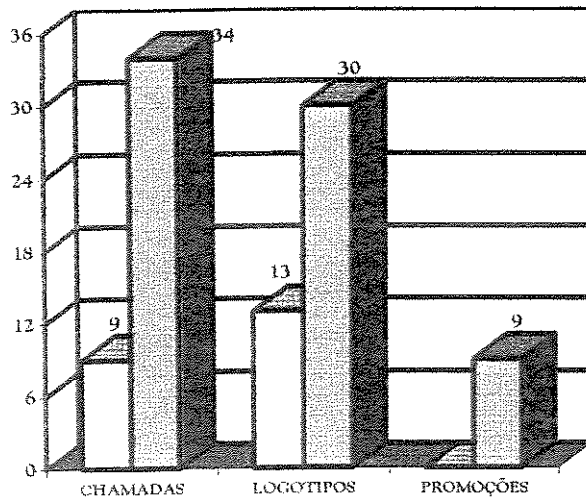
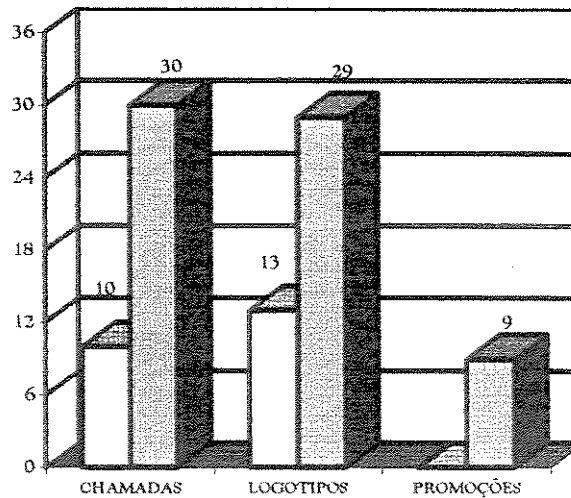


Gráfico 4A - 29/07



Duração em Minutos e Segundos

Gráfico 5 - 28/07

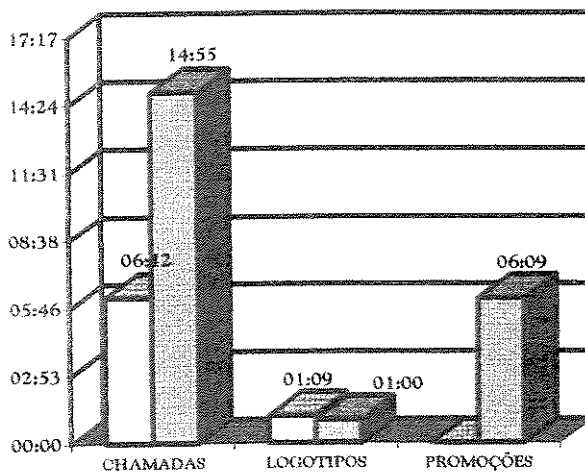
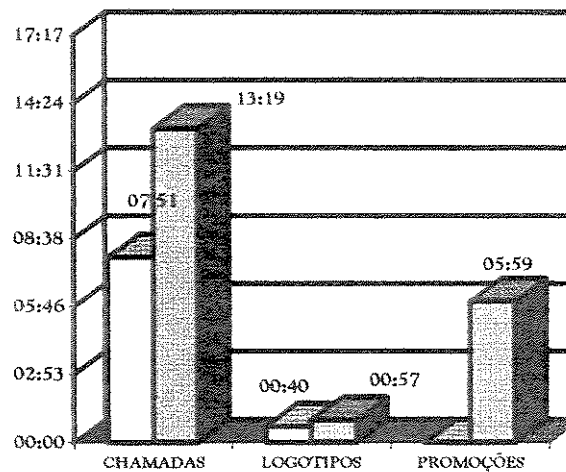


Gráfico 5A - 29/07



Média de Duração em Minutos e Segundos

Gráfico 6 - 28/07

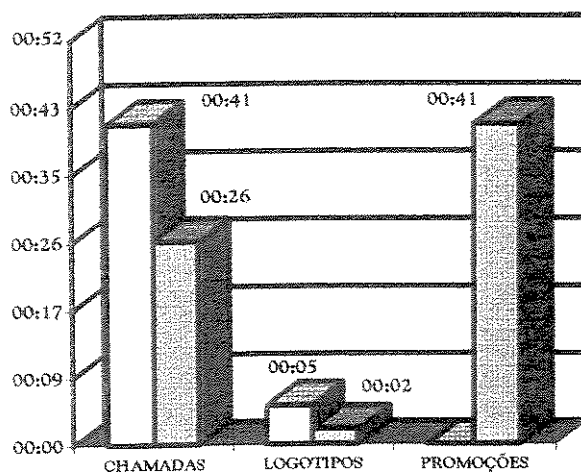
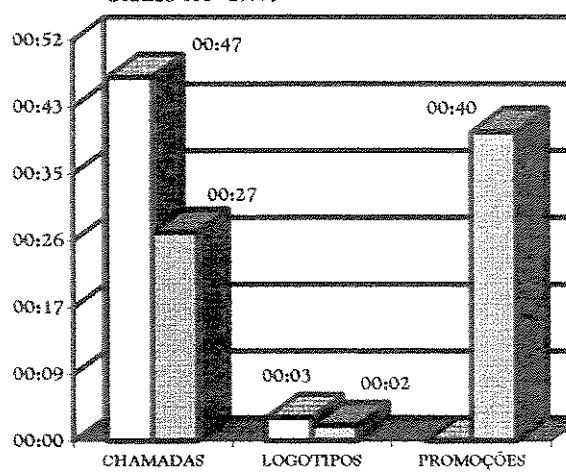


Gráfico 6A - 29/07



■ AQUI AGORA ■ CIDADE ALERTA

Chamadas, Logotipos e Promoções

(Gráficos 4, 5, 6, 4A, 5A, 6A)

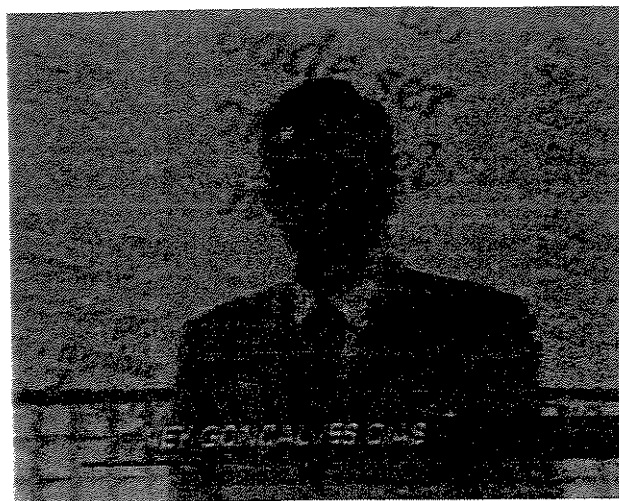
O material amostral apresenta uma certa regularidade nos dois dias pesquisados e em ambos os telejornais, pelo menos quanto aos elementos categorizados como chamadas, logotipos e promoções.

Assinale-se que, a fim de facilitar a tabulação dos dados, foram consideradas chamadas¹⁴ todas as vezes em que os apresentadores apareceram, ora anunciando as notícias ou promoções que seriam tratadas na seqüência ou durante o programa, ora elaborando comentários sobre os assuntos. Essa opção deveu-se ao fato de o *Aqui Agora* e o *Cidade Alerta* possuírem uma forma similar na apresentação dos telejornais: não há uma rígida fronteira entre manchetes, chamadas e comentários.

As manchetes podem ser entendidas como os principais assuntos que serão tratados; as chamadas, as introduções às notícias que virão na seqüência, as quais geralmente têm um caráter de despertar o interesse dos espectadores a partir de informações enxutas; os comentários, informações esclarecedoras ou críticas ou ainda interpretação face a conteúdos já transmitidos. Considere-se, também, que seccionar chamada propriamente dita de comentário não seria uma medida prática para a condução da pesquisa, pois, além de os apresentadores em questão (Imagens 1 e 2, página seguinte, alto) utilizarem esses elementos de maneira não previsível, mensurar a duração dessas categorias separadamente dificultaria um tanto o trabalho.

¹⁴ Leia mais na página... sobre a metodologia utilizada para realizar a análise e mensuração das chamadas.

Imagem 1 - AA/2º Dia



Ney Gonçalves Dias, no SBT:
buscando a audiência
conquistada no Cidade Alerta

Imagem 2 - CA/2º Dia

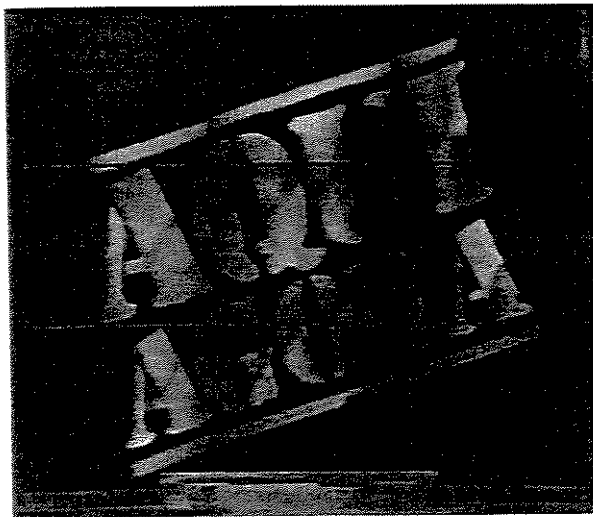


João Leite Neto: à procura
de um estilo próprio na
Record

Os dados coletados podem ser descritos desta forma:

O *Aqui Agora* veiculou, no 1º dia, 9 chamadas, ocupando 6min12s (o equivalente a uma média de 41s) do noticiário. No 2º dia, apenas uma chamada a mais foi incorporada ao telejornal (10), sendo destinados 7min51s para este elemento narrativo, resultando em uma média 47s.

Imagem 3 - AA/1º Dia



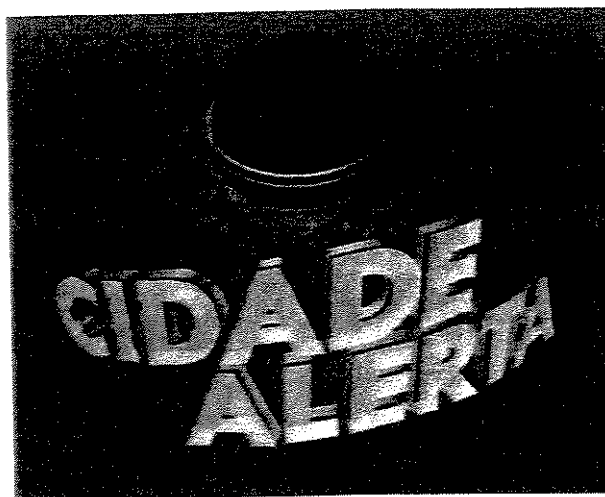
Logotipo do Aqui Agora no estúdio: o telão funciona como “janela” para os fatos

As duas edições mostraram 13 vezes o logotipo do telejornal (Imagem 3, acima), apresentando, neste caso, pequena diferença quanto à duração e média de duração. No 1º dia, 1min09s foi gasto com os logotipos da emissora, uma média de 05s para cada inserção, enquanto que, no 2º dia, 40s destinaram-se à veiculação deste elemento, uma média de 03s. Não houve a divulgação de quaisquer promoções durante o telejornal de acordo com as amostras. Os créditos finais ocuparam, respectivamente à ordem dos dias analisados, 16s e 17s.

No *Cidade Alerta*, foi bastante padronizada a forma de apresentação desses três elementos, em ambas as edições: 34 chamadas ocuparam 14min55s, uma média de 26s observada no 1º dia; na edição subsequente, 30 chamadas foram divulgadas em 13min19s, uma média de 27s, ou seja, nenhuma diferença significativa.

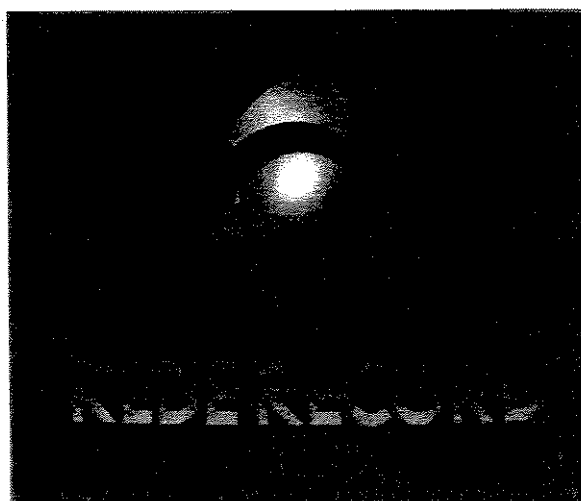
O mesmo se verifica quanto aos logotipos: 30 em 1min (1º dia), uma média de 02s; no 2º dia, 29 em 57s, uma média também de 02s.

Imagem 4 - CA/1º Dia



Logotipo do Cidade Alerta
apareceu 30 vezes nesta
edição

Imagem 5 - CA/1º Dia



Logotipo da Record vem
associado com o do telejornal
principalmente antes da abertura
e na finalização

As promoções tiveram destaque: 9 em 6min09s, uma média de 41s na 1ª amostra; na edição seguinte, a regularidade se manteve através do mesmo número de inserções (9), que ocuparam 5min59s, uma média de 40s.

Imagem 6 - CA/1º Dia



Feliz, uma espécie de “animador”
das promoções voltadas ao “0900”
na ocasião em que eram muito ex-
ploradas pelo Cidade Alerta

Como foi mencionado na análise anterior, um telejornal longo como este utilizava pouco a inserção de *spots* publicitários durante os intervalos, fugindo totalmente do modelo comercial difundido pelo “Jornal Nacional”, na Rede Globo. Em contrapartida, o abuso das promoções parecia ser a estratégia encontrada para obter a renda necessária tanto para manutenção do programa - lucro direto - quanto para os chamados lucros indiretos: a possibilidade de uma promoção atrair um telespectador é grande, podendo aumentar a audiência, o que favoreceria o interesse de empresas em investir no telejornal, dinâmica que certamente ocasionaria o encarecimento do espaço destinado aos comerciais: um típico círculo vicioso do sistema capitalista profundamente arraigado às redes de televisão comerciais brasileiras e que objetiva, fundamentalmente, o lucro.

O “Disque 0900”, uma espécie de sorteio eletrônico, funcionava da seguinte forma: eram registrados no computador da emissora os números dos telefones dos telespectadores que participaram da promoção em um determinado dia (a promoção era feita diariamente); cada ligação custava R\$ 3,00, sendo cobrada através de débito na conta telefônica; no final do telejornal, o computador era programado para fazer o sorteio e, finalmente, o apresentador anunciava o número do telefone do ganhador, premiado com um bem material geralmente de valor elevado (como um carro 0 Km).¹⁵

Um exemplo da rentabilidade e da aceitação de boa parte da população a esse tipo de promoção pode ser encontrado a partir dos resultados¹⁶ da edição do dia 16/10/97 do *Cidade Alerta*:

- Houve 236.210 registros de números telefônicos pertencentes aos telespectadores que ligaram para o “0900”;

¹⁵ Juntamente com o anúncio verbal pelo apresentador do número do telefone do ganhador, eram divulgadas as seguintes informações através de caracteres visuais, como neste exemplo: “Dados do ganhador. Data: 28/07/97. Cidade: Curitiba. Estado: PR. Resposta: Mãe. 0041 **** 3982”. Em seguida, o apresentador afirmava que as pessoas podiam ligar logo após o sorteio. Isso significa que, mesmo fora do horário de exibição do telejornal, os espectadores mais usuais poderiam participar da promoção, o que evidencia a importância dada pelo *Cidade Alerta* aos “0900”: lucro fácil.

¹⁶ AMARAL, Luís Henrique. *Folha de S. Paulo*, in “Brasil”, 18/10/97.

Violência nos Telejornais: a Realidade Espetacularizada

- O total arrecadado, considerando o custo de cada ligação em R\$ 3,00, somou R\$ 708.630,00;
- O gasto com o prêmio sorteado foi de R\$ 19.111,00;
- A Record faturou R\$ 249.714, 22;
- A empresa responsável pelo sorteio, a ABBA Telecomunicações, ficou com R\$ 105.144, 69;
- Apresentadores ficaram com R\$ 26.000,00;
- A “Sociedade Pestalozzi” recebeu R\$ 12.908, 52 (as entidades assistenciais recebem apenas 1,8% do total arrecadado para a realização do sorteio).

Para se ter uma idéia de como este tipo de promoção costumava ser veiculada durante o programa, tomem-se como exemplo as duas edições que integram esta pesquisa.

No início do telejornal, ela não foi exposta de forma direta. Primeiramente, após o que se denominam “chamadas”¹⁷ neste trabalho, o apresentador anunciou algumas das matérias principais que foram tratadas no programa. Na seqüência, entrou a primeira reportagem, que incluiu os seguintes caracteres, exibidos várias vezes com as imagens da referida notícia ao fundo: “Quem deve ficar com a guarda das crianças quando um casal se separa? Pai: 0900 112611; Mãe: 0900 112612; Ligue agora e concorra a dois Fiat Palio 0 km.” A única diferença em relação à 2ª edição é que os caracteres da promoção foram ampliados com a seguinte inserção inicial: “Você pode ganhar dois Fiat Palio nesta noite.”

Importante destacar que o preço da ligação não era incluído juntamente com os caracteres mencionados. Sua indicação somente ficava evidenciada quando “Feliz” assumia a divulgação do sorteio. Dessa forma, as explicações mais detalhadas sobre a promoção eram dadas através desses outros caracteres: “Custo

¹⁷ Observe-se que não foram quantificadas e nem mensuradas em minutos e segundos as vezes em que o apresentador também anunciava a promoção, pois isso dificultaria ainda mais a tabulação dos dados. Também não foram especificadas as vezes em que os caracteres “corridos” apareceram. Note-se, entretanto, que essas ocorrências foram bastante recorrentes em ambas as edições

da ligação: R\$ 3,00. 0900 11 2611 - Pai. 0900 112612 - Mãe. Cert. Aut. MJ 02/295/97.”

Esse tipo de “negócio” rentável para as emissoras de TV comerciais acabou tornando-se um “escândalo” no País. Embora com a autorização do Ministério da Justiça para sua veiculação, inclusive demonstrada através dos últimos caracteres acima (as abreviaturas significam “Certificado Autorizado pelo Ministério da Justiça”), representantes do Ministério Público encontraram dispositivos nas leis que regulamentam o funcionamento do sistema televisivo no País e impetraram inúmeras ações processuais contra as redes que faziam uso deste tipo de promoção. Esse assunto foi amplamente divulgado nos jornais impressos de grande penetração nacional como “Folha de S. Paulo” e “O Estado de S. Paulo”.

O lucro advindo com esses sorteios foi explorado o máximo possível, mas, aquele demonstrado no exemplo da edição do dia 17/10/97 (página anterior) teve curta duração: meses depois, a exploração dos “Disques 0900” foi finalmente proibida de fato, em um raro cumprimento dos códigos audiovisuais do País.

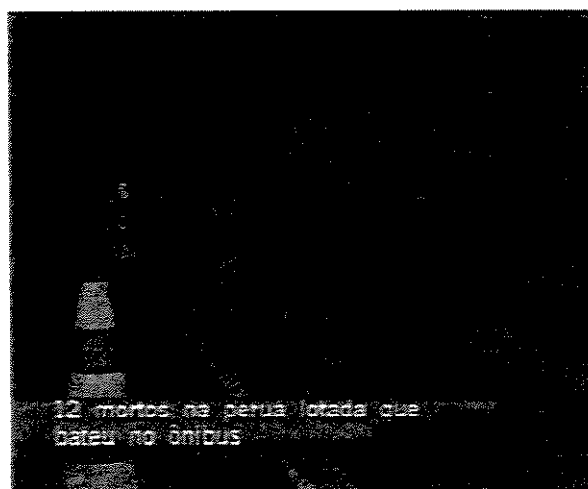
Esse período de grande rentabilidade para as emissoras comerciais do Brasil também foi aproveitado pelo SBT: isso pode explicar o porquê de um telejornal como o *Aqui Agora*, que vinha arrematando um bom índice de audiência para o horário (em torno de 10 pontos), ter saído do ar em novembro de 1997. Essa faixa de horário foi preenchida pelo programa “Fantasia”¹⁸, ampliado em sua duração e cujo formato respaldava-se também pelos “Disques 0900”.

Outra análise importante recai para os créditos finais, que diferiram em quase o dobro do tempo de duração: 15s no 1º dia e 34s no 2º. Essa diferença pode ser justificada em consequência de a penúltima reportagem do *Cidade Alerta* na 2ª edição ter tratado de um trágico acidente no trânsito do Rio de Janeiro.

¹⁸ Esse programa era apresentado dessa maneira: os espectadores dispostos a participar do “Fantasia” eram “obrigados”, de certa forma, a permanecer sintonizados no canal no horário de sua exibição, pois, se sorteados - através do número de seus telefones registrados no computador da emissora -, seriam convidados a fazer parte dos jogos propostos, assim como de brincadeiras - como “Batalha Naval”, “Jogo da Velha”, “Cartas”, “Jogos de Memória” -, todos palpados em perguntas e respostas pré-estabelecidas dadas ao vivo sempre por meio do telefone, o que resultaria ou não na premiação.

As imagens divulgadas durante os 5min40s foram, além de os veículos envolvidos na colisão, principalmente das vítimas - todas fatais -, as quais haviam sido retiradas da perua que se chocou contra um ônibus, posicionadas no chão com seus corpos profundamente alterados (Imagem 7, abaixo).

Imagem 7 - CA/2º Dia



Acidente mata 12 que
estavam na Van

Os fragmentos apresentados na próxima página são registros das imagens que ficaram ao fundo enquanto os créditos finais, mais lentamente, percorriam a tela da TV: uma clara estratégia de explorar ao máximo imagens que chocam: no ar, a fragilidade humana do horário nobre das “7”:

Imagem 8 - CA/2º Dia



Imagens do trágico acidente no trânsito são usadas como fundo aos créditos

Imagem 9 - CA/2º Dia



Créditos finais têm o dobro do tempo por causa das imagens dos 12 mortos

Esse claro indício de espetacularização pode ser melhor dimensionado se for considerada a forma como estas e outras imagens foram exibidas pelo *Cidade Alerta*. Como as promoções voltadas ao "O900" constituíram-se no pilar da programação - mesmo que de modo sutil e indireto -, o caráter de banalização dos acontecimentos - independentemente da temática a que podem pertencer - é evidenciado pela já mencionada maneira de tratar as notícias. Esses apontamentos podem ser melhor esclarecidos tomando por exemplo o mesmo conjunto de imagens (7, 8 e 9) concernentes ao acidente em questão. Basta imaginar-se como espectador de um telejornal como este, recebendo poucas informações relevantes sobre os fatos - investigados fragilmente pela equipe de jornalistas e palpados na ótica do improvisado -, mas, convidado a assistir a uma avalanche de imagens chocantes unidas a comentários superficiais elaborados por apresentadores¹⁹ e repórteres. Some-se a isso a possibilidade de você, logo após (ou durante) ter "sabido" que a violência deve ser mesmo inerente à condição humana e que qualquer um pode ser vítima de um acidente no trânsito, ser o ganhador de um carro 0 km. O convite está feito: a vida é como ela é?

¹⁹ Os discursos dos apresentadores serão comentados com mais propriedade no final deste capítulo.

Referência Geográfica/Percentual - AQUI AGORA - AA

Gráfico 7 - AA - 28/07

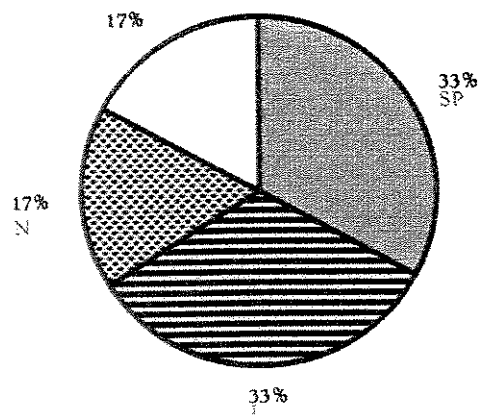
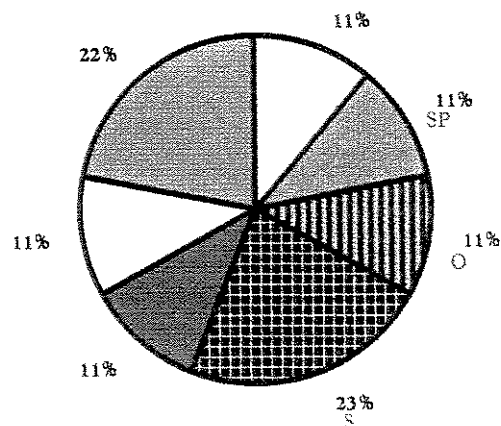


Gráfico 7A - AA - 29/07



Referência Geográfica/Percentual - CIDADE ALERTA - CA

Gráfico 8 - CA - 28/07

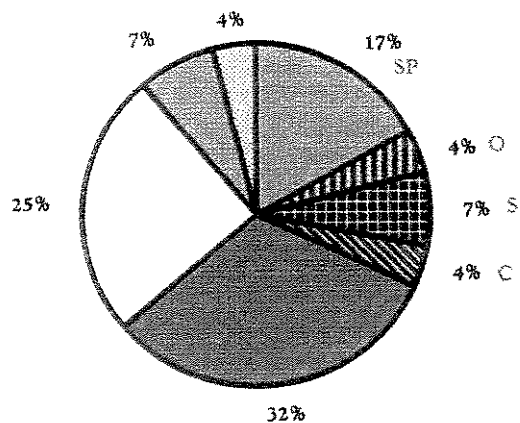
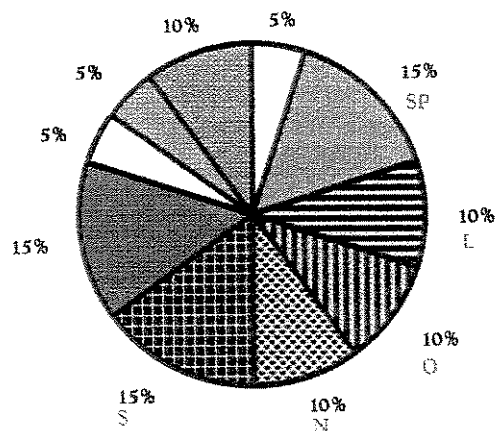


Gráfico 8A - CA - 29/07



- | | |
|--------------|------------------------|
| ■ SÃO PAULO | ■ S/REFER. |
| ■ ZONA LESTE | ■ GRANDE SP |
| ■ ZONA OESTE | ■ INTERIOR SP |
| ■ ZONA NORTE | ■ CAPITAL/OUTROS EST. |
| ■ ZONA SUL | ■ INTERIOR/OUTROS EST. |
| ■ CENTRO | |

Referência Geográfica

(Gráficos 7, 8, 7A, 8A)

As reportagens do *Aqui Agora* localizaram-se quase que totalmente na cidade de São Paulo: das 6 matérias exibidas na reestréia, 5 (83%) tiveram cobertura na Capital do Estado e somente 1 (17%) ocorreu no Interior de SP. A Zona Leste foi a região que mais ocupou o noticiário da 1ª edição, apenas igualando-se à referência genérica da cidade de São Paulo: 33% (2 matérias). Somente 1 notícia na Zona Norte (17%).

No 2º dia, com exceção de 1 reportagem enquadrada na região genérica de São Paulo (11%) e outra, no Interior de SP (11%), todas as outras localidades focalizadas pelo *Aqui Agora* foram diferentes das da edição anterior. A Zona Oeste apareceu pela primeira vez através de 1 matéria (11%), assim como a região Sul, que teve 2 reportagens apresentadas (23%). Desta vez, cidades localizadas em capitais de outros Estados destacaram-se com 2 notícias (22%), como Fortaleza, capital do Ceará. Das 7 matérias veiculadas pelo *Aqui Agora*, apenas 1 aconteceu na Grande São Paulo e 1 não teve qualquer referência: (11%).

A 1ª edição do *Cidade Alerta* deu destaque à Grande São Paulo, cobrindo 9 vezes esta localidade (32%). Depois, foi a vez do Interior, com 7 reportagens apresentadas (25%). A referência à São Paulo, mas sem indicação regional específica, foi alvo de 5 notícias (17%). Igualaram-se em percentual de cobertura a Zona Sul e uma cidade de outra capital brasileira, as quais foram focalizadas 2 vezes (7%). Da mesma forma aconteceu com três regiões: Centro, Oeste e Interior de outros Estados (1 notícia: 4%).

O *Cidade Alerta*, no 2º dia, distribuiu um pouco mais a cobertura das localidades em relação à edição de 28/07, acrescentando 2 regiões distintas ao total de 10: Leste e Norte (2 reportagens, que indicam 10%). Uma matéria sem qualquer referência também entrou no noticiário (5%). As regiões cobertas no dia anterior tiveram os seguintes percentuais, acentuando ora pequenas diferenças ora

maiores: São Paulo, Grande São Paulo e Sul (15%, 3 matérias); Oeste e Interior de Outros Estados (10%, 2 matérias); Interior de SP e Capital de Outros Estados (5%, 1 matéria). Destaque-se que o telejornal veiculou 22 notícias na 1ª edição e 20 na 2ª edição.

Caracterização Temática das Notícias/Percentual - AQUI AGORA- AA

Gráfico 9 - AA - 28/07

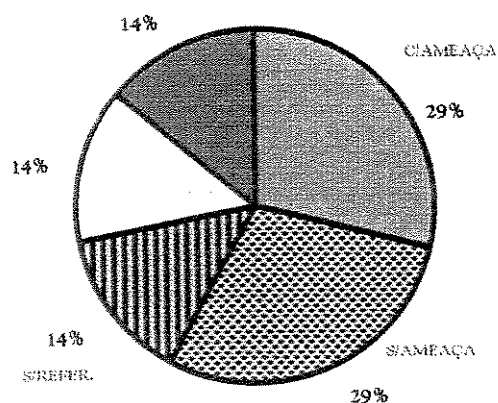
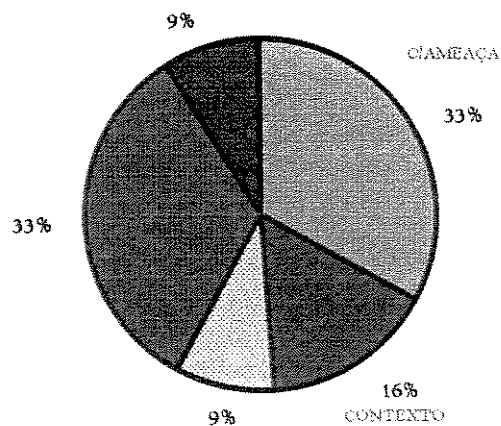


Gráfico 9A - AA - 29/07



Caracterização Temática das Notícias/Percentual - CIDADE ALERTA - CA

Gráfico 10 - CA - 28/07

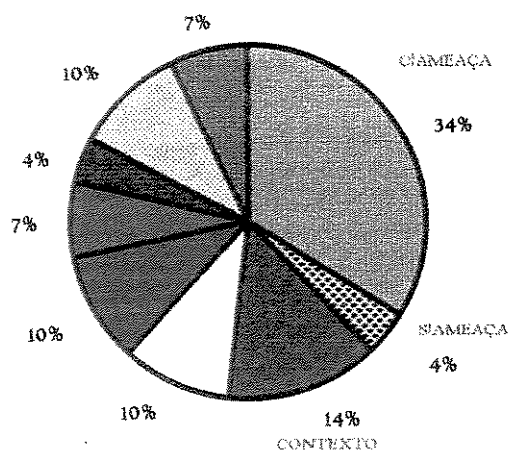
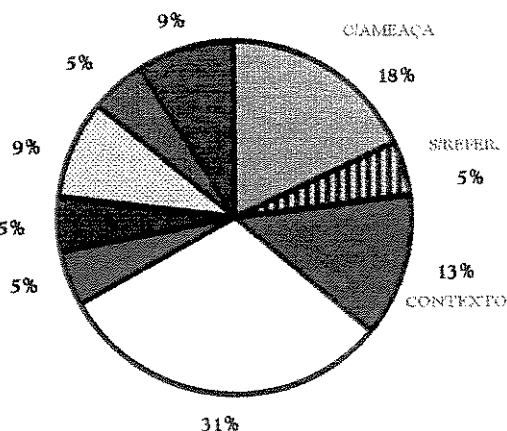


Gráfico 10A - CA - 29/07



- | | |
|------------------------|---------------|
| ■ VIOLÊNCIA COM AMEAÇA | ■ FILANTROPIA |
| ▨ VIOLÊNCIA SEM AMEAÇA | ■ CONSUMIDOR |
| ▤ VIOLÊNCIA S/REFER. | ▤ SERVIÇOS |
| ■ CONTEXTO | ■ EDUCATIVA |
| ▤ ACIDENTE | ■ INFORMATIVA |
| ■ SENSACIONALISTA | ■ OUTRAS |

Caracterização Temática das Notícias

(Gráficos 9, 10, 9A, 10A)

Violência foi o assunto mais explorado pelo *Aqui Agora* em sua reestréia: 72%, o equivalente a 5 notícias. Deste percentual, 29% indicam Violência com Ameaça; 29%, sem Ameaça (2) - as Imagens 10 e 11 são exemplos desta temática: a 11 refere-se ao *Cidade Alerta*); e 14% (1), Violência sem Referência. Os 28% restantes foram resultado de 1 matéria relativa à Acidente e 1 que apresentou conteúdo Educativo: ambas com 14%.

Imagem 10 - AA/1º Dia



Dono do carro furtado ao
lado do veículo

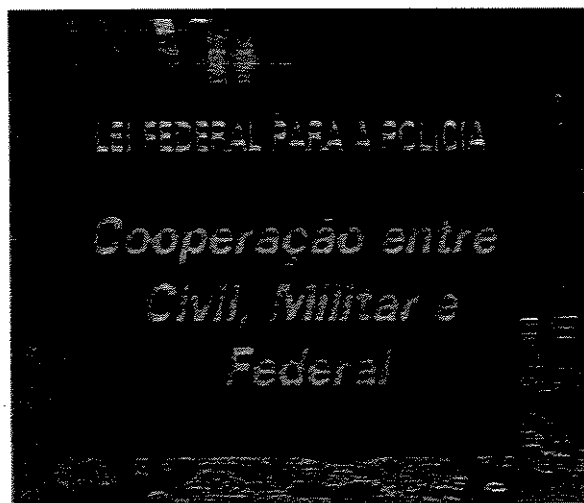
Imagem 11 - CA/1º Dia



Preso homem acusado
de furtar cargas

Na edição subsequente, a Violência também continuou tendo destaque: 4 reportagens cujo teor foi de Violência com Ameaça (33%). Contexto de Violência ocupou 16% das 7 notícias veiculadas, o que indica 2 matérias nesse grupo. Relevante a quantidade de reportagens com conteúdo Informativo (Imagem 12, página seguinte, alto) mas, vale frisar que essa situação só se deu em função de as 4 notícias (33%) incorporarem outras temáticas devido ao tratamento efetuado pelo telejornal. Nenhuma delas apareceu com a referida categorização de maneira isolada.

Imagem 12 - AA/2º Dia



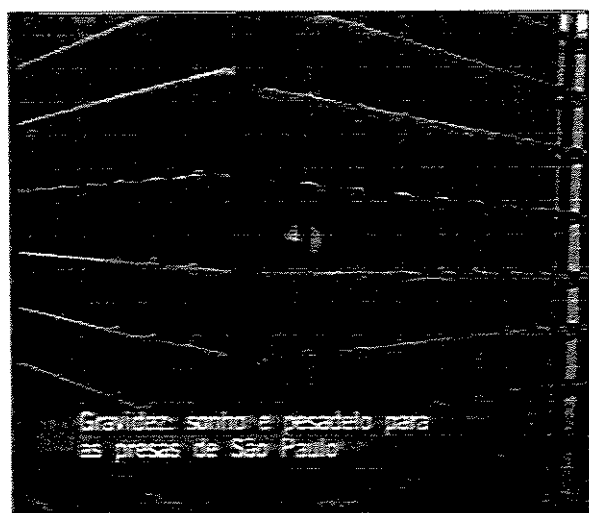
Telejornal usa quadro explicativo
com propostas do Governo
para corporação policial

Assim também foi observado para as únicas notícias (9%) referentes às modalidades Outras e Serviços. No primeiro caso, há um protesto de motoristas que justifica as informações divulgadas pelo *Aqui Agora* sobre o trânsito na Zona Sul de São Paulo. No segundo, o telejornal objetiva trabalhar a auto-imagem através dos investimentos do SBT, mas não quer ser direto, por isso, o repórter tem dificuldade em justificar sua presença no “super-helicóptero”, já que não há informações significativas da cidade.

Violência com Ameaça foi o conteúdo mais veiculado na 1ª edição do *Cidade Alerta*: das 22 notícias apresentadas, 10 (34%) referiram-se a esta categoria. A segunda temática com maior destaque são relativas às reportagens em que o Contexto de Violência (Imagem 13, a seguir, alto) foi abordado: 4, o equivalente a 14%. Acidentes, temas tratados de forma Sensacionalista e Serviços ocuparam 30% do noticiário, com 3 matérias para cada grupo (10%). Assuntos revestidos de caráter Filantrópico e Educativo receberam 7% de atenção (2 notícias). Apenas 1 (4%) reportagem ligada aos direitos do Consumidor teve tratamento do jornalista

e deputado Celso Russomano. Mesmo percentual (4%) foi verificado em relação à 1 outra matéria, cuja temática enquadrou-se como Violência sem Ameaça.

Imagem 13 - CA/1º Dia



Presa terá seu filho em breve
em condições precárias

Na 2ª edição do *Cidade Alerta*, foi a vez de os Acidentes ocuparem a maior parte do telejornal destinado às notícias: das 20 reportagens mostradas, 7 (31%) explorou esse tipo de conteúdo. Destaque-se que o programa veiculou acontecimentos gerados no trânsito das cidades brasileiras: imagens de veículos que se colidiram, vítimas presas às ferragens e os atendimentos prestados aos feridos por pessoas ligadas à corporação da Polícia Militar - como os bombeiros (Imagem 14, referente à edição anterior, página seguinte) -, assim como o registro de vítimas fatais, rechearam o noticiário. Em lugar de destaque também encontram-se as matérias (4) de Violência com Ameaça (18%), ficando na segunda posição. Como no dia anterior, reportagens que tiveram indicação conteudística de Contexto de Violência ficaram com quase o mesmo percentual (13%, 3 matérias) - apenas um de diferença, equivalendo a 1 notícia a menos. A quarta posição é dividida por 2 categorias: Serviços e Outras (9% cada), em um total de 4 matérias. Violência sem Referência (Imagem 15, a seguir, alto), Informativa, Defesa do

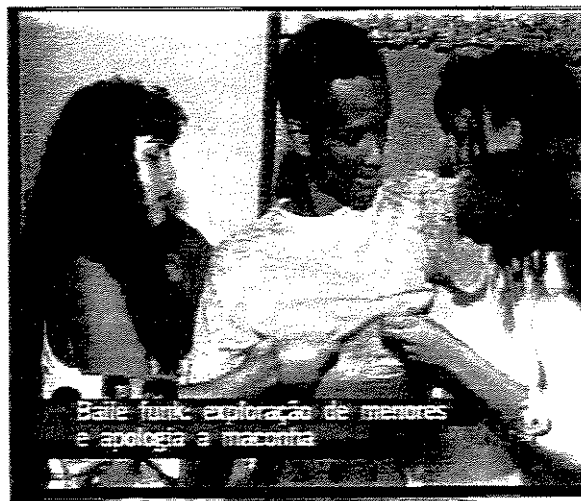
Consumidor e Filantropia foram modalidades que obtiveram o mesmo percentual, o menor verificado nesta edição: 5%, 1 notícia para cada grupo.

Imagem 14 - CA/1º Dia



Jovem ferido em acidente
recebe pronto atendimento

Imagem 15 - CA/2º Dia



Em baile funk, menores são
usados para fazer “show” erótico

Distribuição dos Repórteres por Atuação - AQUI AGORA - AA

Gráfico 11/Tempo Total de Exposição - AA - 28/07

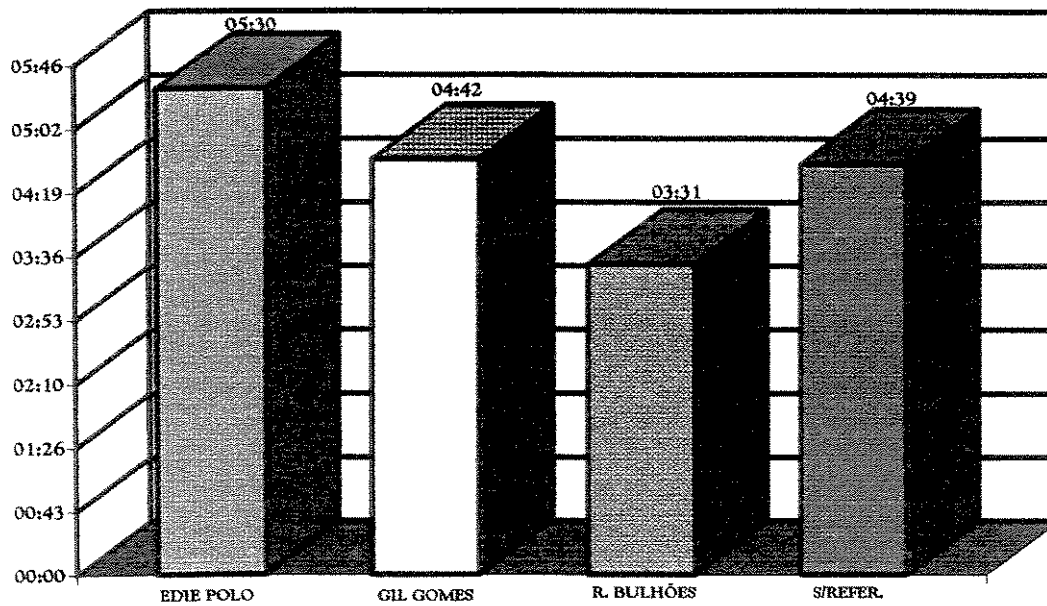
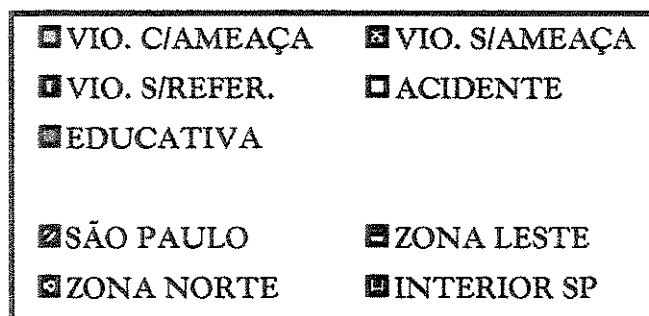
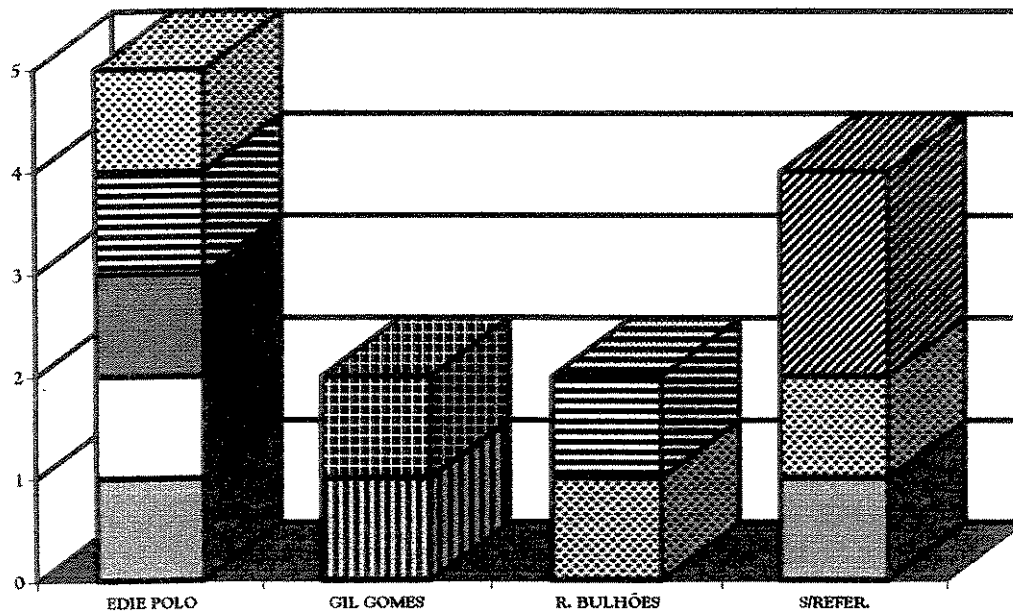


Gráfico 11.1/Temáticas e Referência Geográfica - AA - 28/07



Distribuição dos Repórteres por Atuação - AQUI AGORA - AA

Gráfico 11A/Tempo Total de Exposição - AA - 29/07

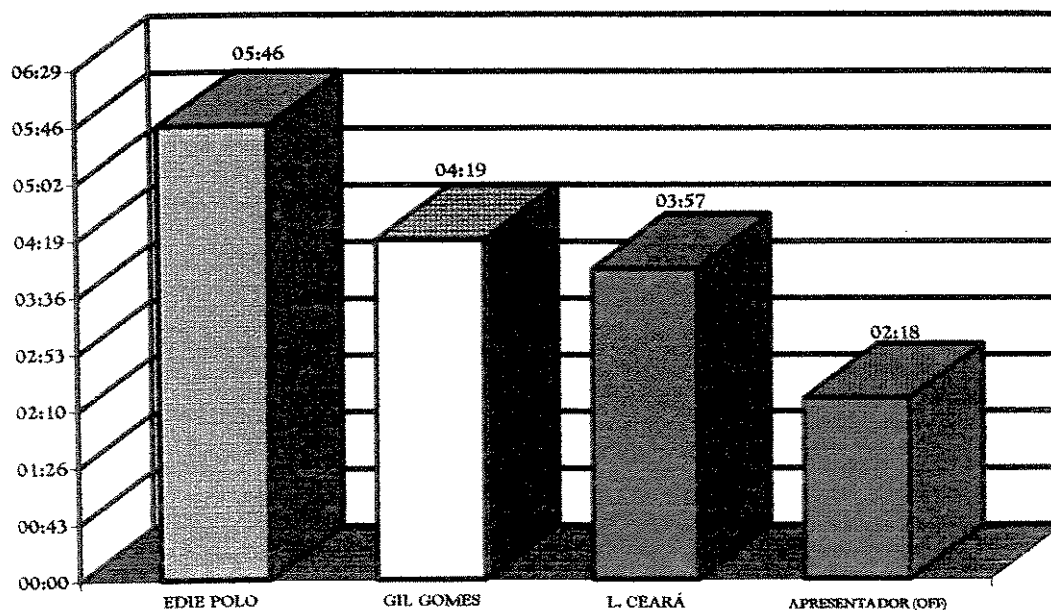
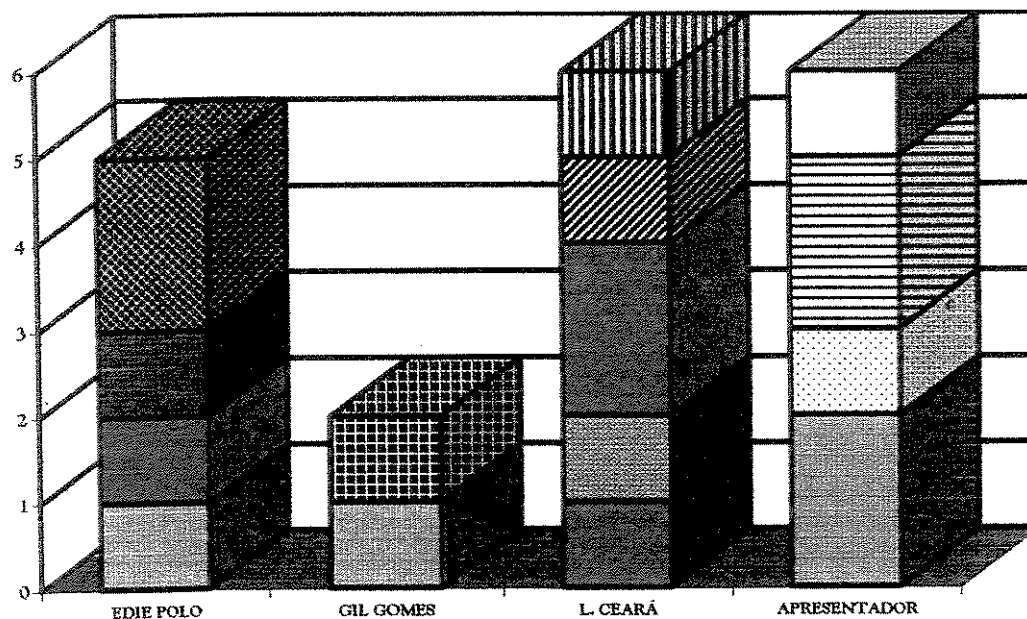


Gráfico 11A.1/Temáticas e Referência Geográfica - AA - 29/07



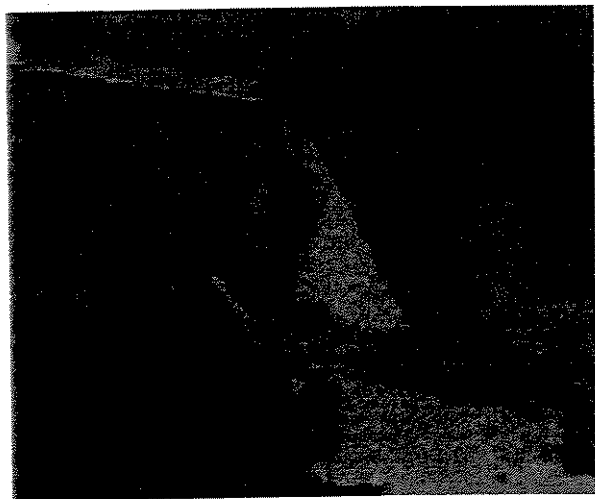
■ VIO. C/AMEAÇA	■ CONTEXTO
■ SERVIÇOS	■ INFORMATIVA
■ OUTRAS	
■ SÃO PAULO	■ ZONA OESTE
■ ZONA SUL	■ GRANDE SP
■ INTERIOR SP	■ CAPITAL/OUT. EST.
■ S/REFER.	

Distribuição dos Repórteres por Atuação – Aqui Agora

(Gráficos 11, 11.1, 11A, 11A.1)

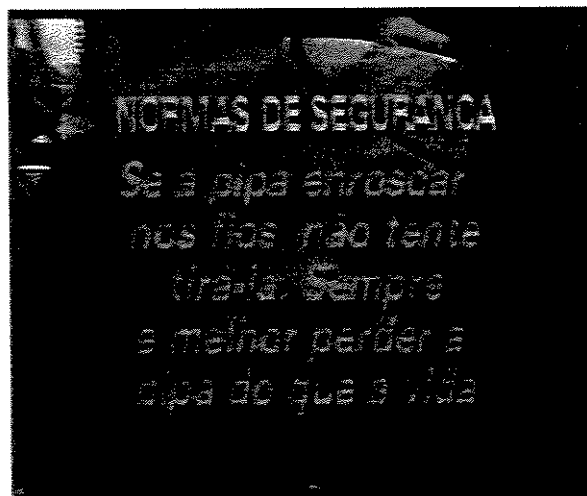
O repórter que mais se destacou na reestréia do *Aqui Agora* foi Edie Polo (Imagem 16, abaixo), pois ocupou 5min30s das 6 notícias apresentadas, cobrindo 2 reportagens (30% do total de 18min49s destinados à cobertura jornalística) - 1 contendo referencial de Violência com Ameaça (Zona Norte) e 1 com temática dupla, denominada como Acidente e Educativa (Zona Leste). O acidente em questão não foi como comumente apareceu nos telejornais, relativo ao trânsito nacional: neste caso, tratou-se de vítimas do cerol - tanto feridas como fatais -, o que propiciou tratamento educacional voltado à prevenção (Imagem 17, ao lado do repórter).

Imagem 16 - AA/1º Dia



Edie Polo: maior tempo de exposição nas duas edições

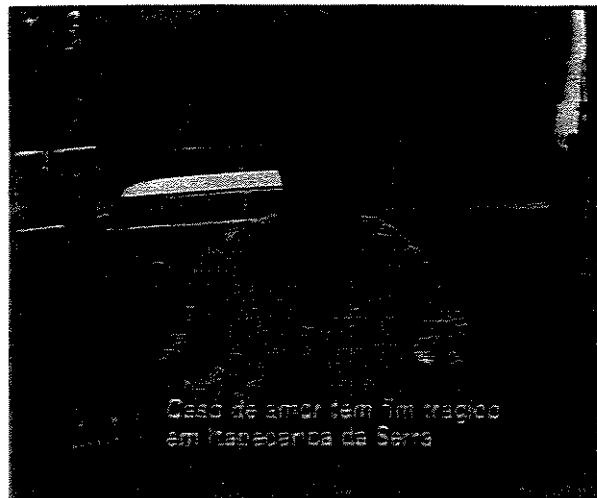
Imagem 17 - AA/1º Dia



Conteúdo educativo procura prevenir sobre perigo do cerol

Praticamente o mesmo tempo de exposição de Edie Polo foi verificado na 2ª edição, apenas 16s a mais em relação ao noticiário do dia anterior: o repórter ficou no ar 5min46s, o equivalente a 36%, percentual relativo às 2 matérias que aconteceram na Zona Sul de São Paulo. Uma delas referiu-se à Violência com Ameaça, enquanto a outra incorporou duas temáticas: Informativa e Outras.

Imagem 18 - AA/1º Dia



Um bloco inteiro para Gil
Gomes: estilo inconfundível

Imagem 19 - AA/1º Dia



Crianças desaparecidas em Rio
Claro: assunto para Gil Gomes

Gil Gomes (Imagem 18, acima) vem em segundo lugar em ambas as edições analisadas (26%), tendo por característica principal a cobertura de reportagens ligadas à Violência (Imagem 19, ao lado do repórter), cuja temática sempre foi o mote de sua atuação profissional desde a época em que, nos meios radiofônicos, começou a formar seu estilo próprio na maneira de transmitir as narrativas com tom folhetinesco e voz empastada²⁰. Na televisão, o mesmo estilo foi importado das rádios, acrescentando-se, porém, as gesticulações, a fim de dar maior “dramaticidade” aos fatos relatados. Observou-se uma padronização quanto à sua aparição no telejornal: os blocos centrais, inteiros, foram ocupados somente por este jornalista policial, tomando 4min42s do 1º dia e 4min19s do 2º, tempos destinados ao tratamento de 1 só notícia, os maiores registrados nas edições. Cada matéria apresentada por ele, respectivamente à ordem da análise, enquadrou-se na categoria de Violência sem Referência e na modalidade de Violência com Ameaça, ambas realizadas em cidades do Interior de SP (Rio Claro e Itapetecica da Serra).

²⁰ No vídeo produzido para esta pesquisa, ele aparece, nos primeiros 7 minutos da fita.

Os repórteres Roberto Bulhões e Luís Ceará foram os únicos que ficaram próximos à média de duração das notícias veiculadas pelo *Aqui Agora* na edição da reestréia, respectivamente 3min31 (1º Dia) e 3min57s (2º Dia)²¹. Bulhões ficou responsável por apenas 1 matéria, categorizada como Violência sem Ameaça, ocorrida na Zona Leste de São Paulo (19% do noticiário). Ceará realizou 2 reportagens na edição subsequente (24% de exposição), enquadradas em mais de uma temática: a modalidade Informativa fez parte de ambas as matérias, tanto para a concernente ao Contexto de Violência (São Paulo) como para Serviços (Zona Oeste).

Já o apresentador Ney Gonçalves Dias ocupou 2min18s²² (14%), tempo também próximo à média de duração das notícias verificadas na 2ª edição. Aqui ele foi integrado ao tratamento dos dados a fim de ter a tabulação facilitada, embora não se encaixe na categorização referente à atuação dos repórteres. Sua narração em *off* percorreu um conjunto de 2 reportagens em série e subseqüentes, voltadas às corporações policiais brasileiras, cujos conteúdos remeteram à modalidade de Violência com Ameaça. A primeira matéria referiu-se somente à uma localidade (Capital de Outros Estados). A segunda cobriu as localidades da Grande São Paulo, uma cidade na qual não houve referência direta (indicativo de “Sem Referência”), além de uma Capital de Outro Estado, também presente na notícia anterior.

Na reestréia do *Aqui Agora*, no dia 28/07, observou-se a inserção de matérias realizadas por repórteres da emissora, os quais parecem não ter sido solicitados para trabalhar de forma direta para o telejornal. Isso se verifica a partir das 2 notícias (totalizando 4min39s, 25%) sem quaisquer indicações dos nomes dos jornalistas: apenas as vozes em *off* puderam ser ouvidas, o que parece denotar um certo imprevisto²³ na preparação da edição que relançaria o telejornal, em

²¹ A referida média de duração das reportagens é de 3min08s. Observe-se Gráfico 3, p. 240).

²² A média de duração das notícias no dia 29/07 girou em torno de 2min20s (Gráfico 3A, p. 240).

²³ Além da aparente pré-produção precária, a falta de importância das reportagens para a opinião pública é notória: uma delas gastou 2min43s para ter relatada uma ação de furto de um carro que resultara em fracasso porque o veículo estava sem combustível, ocasionando sua recuperação

formato mais enxuto.²⁴ Os assuntos mostrados por repórteres sem identificação estiveram voltados à categoria de Violência com Ameaça e Violência sem Ameaça - todos ocorridos em São Paulo -, cada qual referente a 1 reportagem.

imediata pelo proprietário (Veja Imagem 10, p. 261) Até se trata de uma matéria "curiosa", embora contenha a importante temática da violência, entretanto, o tratamento dado foi de muita atenção devido ao longo tempo de cobertura.

²⁴ A primeira versão do telejornal - que foi ao ar em 1990 - apresentava uma duração de mais de uma hora.

Distribuição dos Repórteres por Atuação - CIDADE ALERTA - CA

Gráfico 12/Tempo Total de Exposição - CA - 28/07

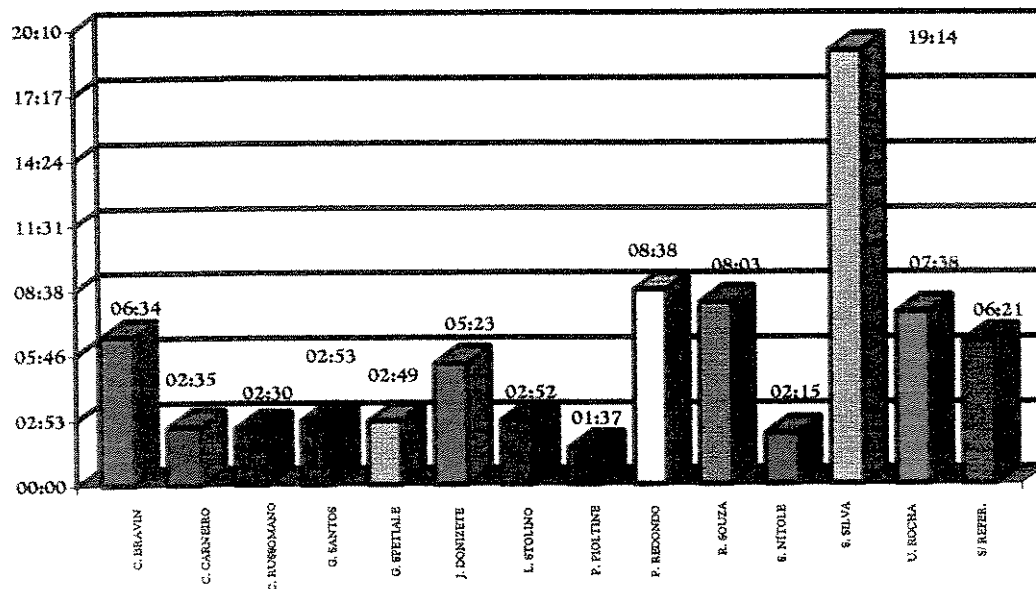
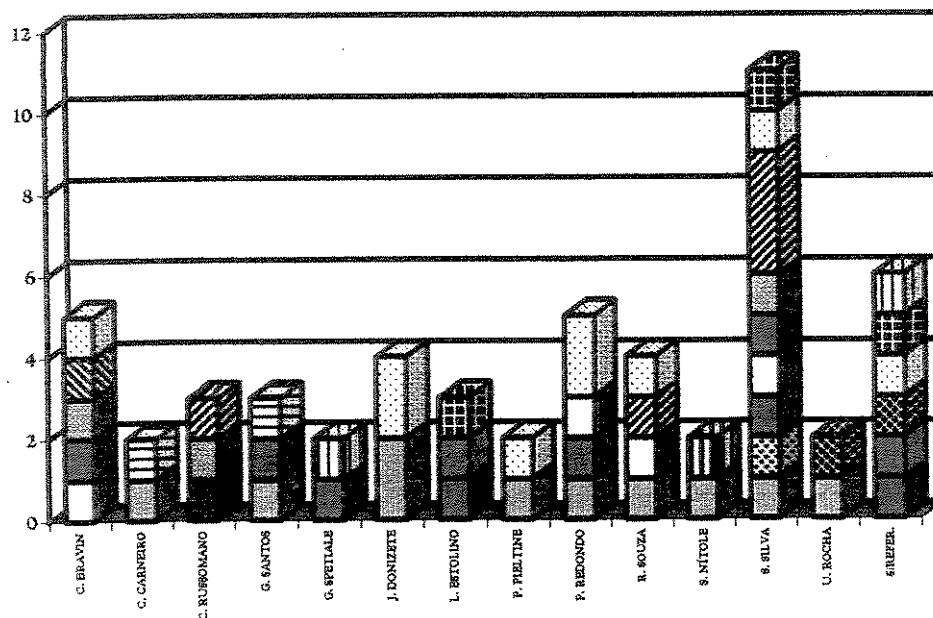


Gráfico 12.1/Temáticas e Referência Geográfica - CA - 28/07



VIO. C/AMEAÇA	VIO. S/AMEAÇA
CONTEXTO	ACIDENTE
SENSACIONALISTA	FILANTROPIA
CONSUMIDOR	SERVIÇOS
INFORMATIVA	
SÃO PAULO	ZONA OESTE
ZONA SUL	CENTRO
GRANDE SP	INTERIOR SP
CAPITAL/OUT. EST.	INTERIOR/OUT. EST.

Violência nos Telejornais: a Realidade Espetacularizada

Distribuição dos Repórteres por Atuação - CIDADE ALERTA - CA

Gráfico 12A/Tempo Total de Exposição - CA - 29/07

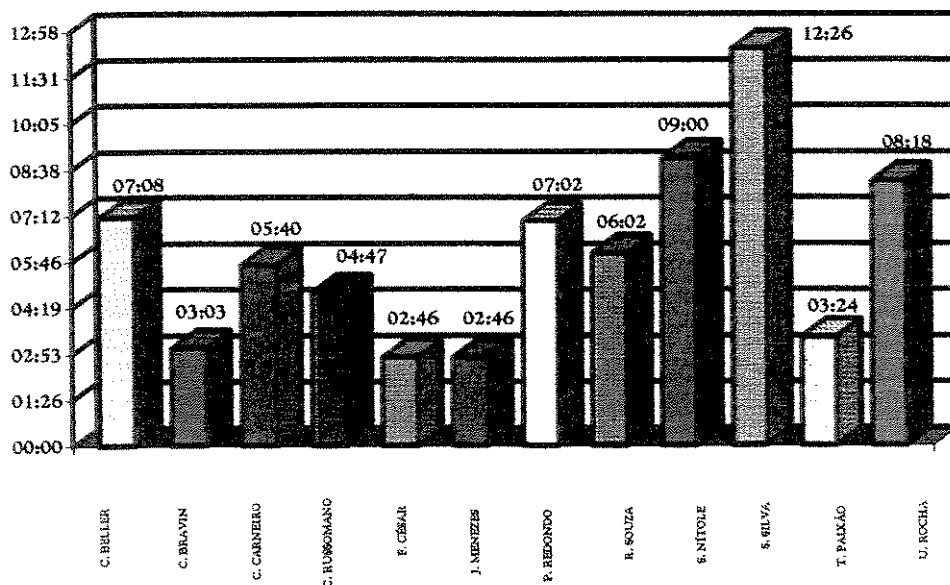
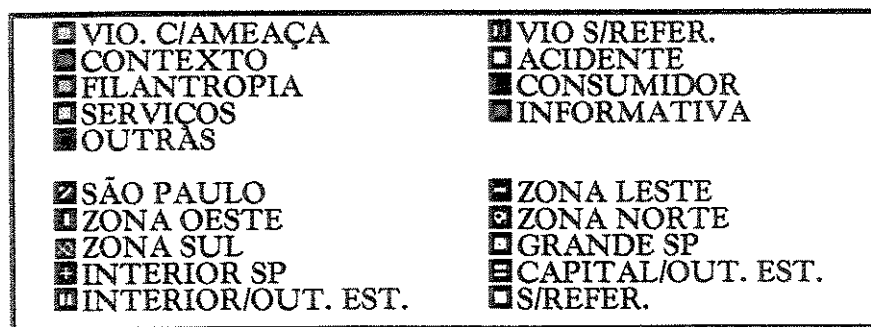
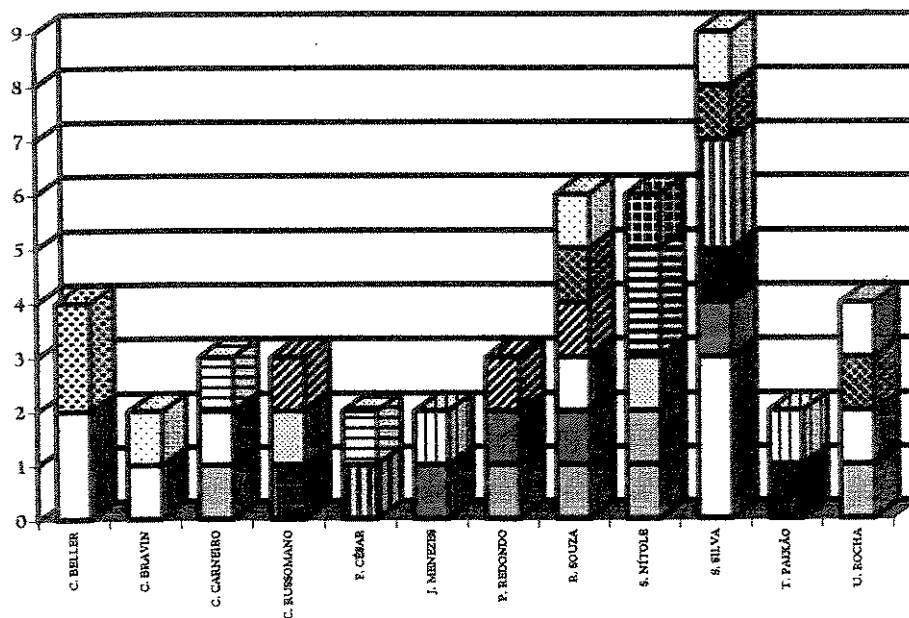


Gráfico 12A.1/Temáticas e Referência Geográfica - CA - 29/07

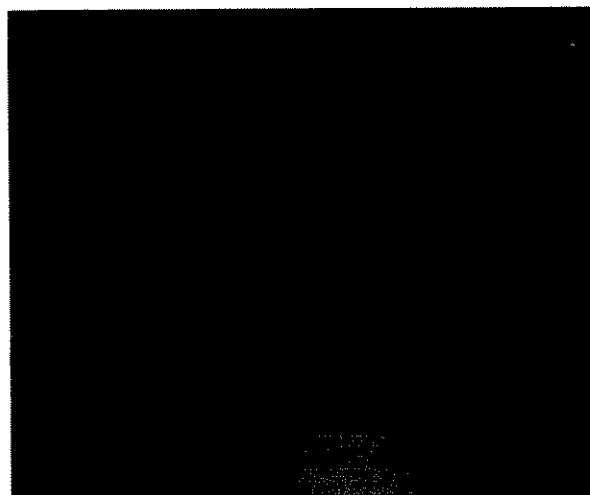


Distribuição dos Repórteres por Atuação – Cidade Alerta

(Gráficos 12, 12.1, 12A, 12A.1)

A repórter que teve uma atuação bastante significativa na cobertura das reportagens em ambas as edições do *Cidade Alerta* foi Silvana Silva (Imagem 20, abaixo), ocupando 19min14s (1º dia) e 12min26s (2º dia) do tempo total destinado às notícias, o equivalente a 24% e 17% respectivamente.

Imagem 20 - CA/1º Dia



Silvana Silva foi a jornalista que
teve a maior participação em
ambas as edições

No dia 28/07, ela apresentou 5 matérias, apenas 1 com temática dupla: a de um garoto deficiente o qual foi indicado como necessitando de ajuda, o que enquadrou o assunto como filantrópico e voltado à prestação de serviços (Imagem 21, página seguinte, alto), pois o *Cidade Alerta* procurou destacar um número de telefone pertencente a uma senhora em uma espécie de “campanha de fraternidade”: trata-se de uma das estratégias usadas pelo telejornal para reforçar ainda mais seu objetivo de ser conhecido como um programa que “faz” em nome de seu público, um típico discurso assistencialista (Imagem 22, na sequência).

Imagem 21 - CA/1º Dia



Menino pobre e deficiente: alvo de campanha filantrópica

Imagem 22 - CA/2º Dia



Mesma estratégia é usada para crianças doentes sem recursos financeiros

As outras notícias (4) com a presença da repórter podem ser distribuídas quanto às suas temáticas da seguinte maneira: Violência com Ameaça; Violência sem Ameaça; Contexto de Violência; e Acidente.

Quanto à caracterização geográfica, houve 3 indicações para São Paulo, 1 para a Grande São Paulo e 1 para o Interior de São Paulo.

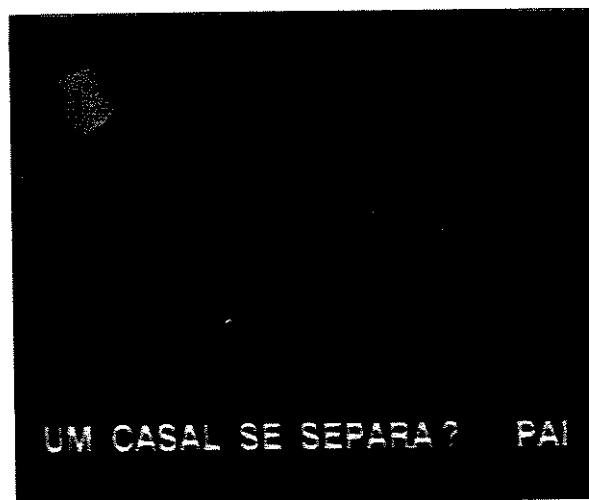
Na edição posterior, Silvana Silva cobriu duas matérias a menos - em relação à 1ª amostra -, o que corresponde a 3 reportagens, cujos assuntos referiram-se a 2 Acidentes (um na Grande São Paulo e outro na Zona Oeste) e 1, às temáticas Informativa e Outras (Zona Sul). Observe-se, porém, que houve uma falha técnica durante a chamada de João Leite Neto, gerando a exibição de 17s da notícia que acabou sendo mostrada por inteiro no final do programa: "Bombeiros lutam para salvar homem das ferragens", cuja repórter era Silvana Silva. Essa medida de tempo foi integrada à tabulação dos dados e a temática e referência geográfica correspondentes a esta matéria estão explicitadas apenas no Gráfico 12A. Aqui, elas foram descartadas.

Importante também destacar que 14 repórteres atuaram no *Cidade Alerta* no dia 28/07 e 12, no dia seguinte. A fim de facilitar a descrição e identificação dos

resultados obtidos, a análise será realizada a partir de seqüências individuais ou agrupamentos de repórteres de acordo com participações similares ou não nas duas edições.

Ulisses Rocha esteve integrado à cobertura de apenas 1 matéria na 1ª edição, entretanto, ela durou 7min38s (10%), cuja temática - Violência com Ameaça - abordou os maus-tratos de uma mulher contra seu filho, uma criança moradora na Zona Sul de São Paulo (Imagem 23, abaixo). Na amostra posterior, o repórter apareceu na primeira reportagem do telejornal, a mesma citada anteriormente, só que mais enxuta (com menos 3min07s) e com as legendas minimamente alteradas. A outra notícia foi de Acidente, não tendo sido localizada a região de ocorrência. Essas duas últimas reportagens feitas por Rocha somaram 8min18s (11%).

Imagem 23 - CA/1º Dia



Violência familiar:
maus-tratos contra o filho

Pio Redondo teve praticamente o mesmo percentual de participação do repórter anterior: 11% (1ª edição) e 10% (2ª edição). Estes índices referem-se, respectivamente, a 2 matérias - 1 de Violência com Ameaça e 1 enquadrada como

Contexto de Violência e Acidente, ambas na Grande São Paulo - e 1 de Violência com Ameaça e Contexto de Violência, ocorrida em Paulo. Ele cobriu, portanto, 8min38s no 1º dia e 7min02s no 2º dia.

Similar às atuações dos jornalistas acima foi a de Roberto Souza, pelo menos na 1ª edição do *Cidade Alerta*: ele fez 2 matérias, cuja duração foi de 8min03s, o equivalente a 10%. As temáticas incluídas nas matérias foram Violência com Ameaça e Acidente, cujos acontecimentos se deram em São Paulo e Grande São Paulo. Menor foi sua presença no dia seguinte: 3 reportagens, totalizando 6min02s (8%), distribuídos pelos assuntos categorizados como Violência com Ameaça, Contexto de Violência e Acidente (Grande São Paulo, Zona Sul e São Paulo).

Simone Nítole cobriu 1 única reportagem no 1º dia do telejornal, o equivalente a 3%, mas sua participação foi bastante significativa no 2º, pois ocupou 12% do noticiário. No primeiro caso, um fato envolvendo conteúdos de Violência com Ameaça teve duração de 2min15s (Zona Oeste). Na 2ª edição, ela apresentou 2 matérias, um total de 9min: 1 foi de Violência com Ameaça (Zona Leste e Interior de São Paulo) e a outra incluiu Filantropia e Serviços (Zona Leste).

Célia Bravin mostrou 2 matérias, 1 sobre Filantropia e Serviços e 1 sobre Acidente (Centro e Grande São Paulo), num total de 6min34s (8%) Esses foram os resultados de sua atuação na 1ª edição, mais significativa do que na 2ª: apenas 1 reportagem de 3min03s sobre um Acidente (4%) ocorrido na Grande São Paulo.

Percentuais muito próximos, só que trocados em relação às duas edições cobertas por Célia Bravin, recebeu Cláudio Carneiro: 3% no 1º dia, 1 reportagem de 2min35s sobre Violência com Ameaça ocorrida no Rio de Janeiro e 8% no 2º, 1 matéria de 5min40s sobre um Acidente também no Rio de Janeiro.

Celso Russomano é o único repórter especializado em Defesa do Consumidor ligada à Prestação de Serviços²⁵ : somente ele é responsável por assuntos dessa

²⁵ A televisão como serviço, no Brasil, foi amplamente explorada na ocasião do primeiro formato do *Aqui Agora*, principalmente através do repórter Celso Russomano, que se especializou nos

natureza, como demonstram as duas edições: no dia 28, sua participação equivaleu a 3% do noticiário com a cobertura de 1 matéria de 2min30s em São Paulo; no dia seguinte, a reportagem teve duração de quase o dobro do tempo mencionado anteriormente - 4min47s -, correspondendo a 7%.

Imagem 24 - CA/2º Dia



Russomano se aproveita da condição de deputado e jornalista para continuar “defendendo os consumidores” na TV: de olho em cargos políticos

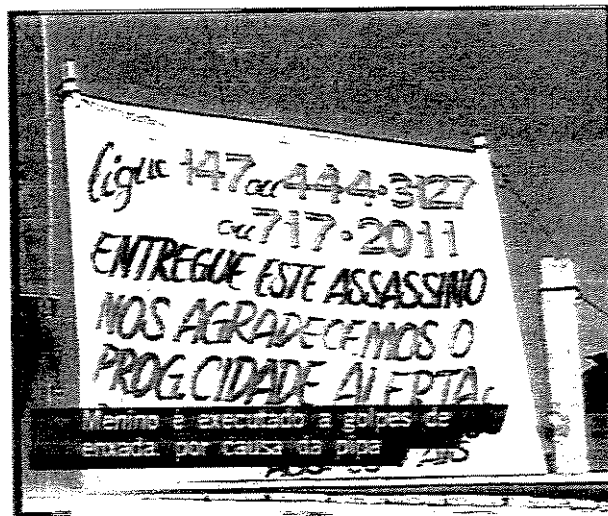
Importante destacar que os repórteres indicados até o momento estiveram presentes nas duas edições do *Cidade Alerta*. Os jornalistas a seguir ou apareceram somente no 1º dia ou somente no 2º.

direitos do consumidor. As reportagens eram conduzidas da seguinte forma: o consumidor insatisfeito denunciava a empresa que lhe vendeu algum produto em frente as câmeras e o repórter (que passou a ser chamado de “justiceiro”), em nome do programa, tentava resolver o problema. Na maioria das vezes, a questão era resolvida com sucesso, em parte, talvez, pela intimidação que a TV causa e pela sua penetração na casa das pessoas. Nenhum proprietário de empresa gostaria de ver seu nome e/ou sua imagem divulgados e ligados negativamente a determinadas ocorrências. Tais conteúdos conseguiram conquistar o público e não foram poucas as vezes que as pessoas que se sentiam lesadas em relação aos direitos dessa natureza, ao encontrar dificuldades em resolver seus problemas em uma loja, por exemplo, “ameaçavam” os gerentes dizendo que iam chamar o *Aqui Agora*. Russomano acabou se estabelecendo como um profissional especializado na televisão, ficando muito conhecido devido a sua alta exposição, o que acabou lhe rendendo a conquista dos votos dos eleitores - a maioria, provavelmente, seus espectadores - para ocupar a cadeira de deputado federal, cujo exercício, atualmente, equivale ao do segundo mandato.

No caso de Cristiane Beller, a repórter cobriu 2 reportagens na 2ª edição, correspondendo a 7min08s (10%), ambas com a mesma temática e caracterização geográfica: Acidente e Zona Norte.

José Donizete ocupou 7% do noticiário no dia 28/07, apresentando 2 matérias referentes à Violência com Ameaça (Imagem 25, abaixo) na Grande São Paulo e utilizando 5min23s no total.

Imagem 25 - CA/1º Dia



População aproveita penetração da TV para divulgar campanha de procura a assassino

Tom Paixão, na 2ª edição, estava no Interior de Minas Gerais quando utilizou 3min24s (5%) para abordar um assunto sobre miséria, cuja temática foi enquadrada como Outras (Imagem 26, página seguinte, alto).

Imagem 26 - CA/2º Dia



Miséria brasileira: menino
no meio de lixo

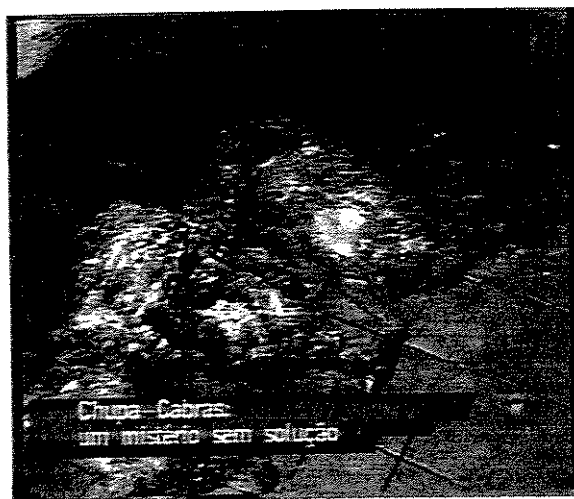
Os grupos a seguir tiveram 4% de participação no noticiário do *Cidade Alerta*. Na 1ª edição, Gil Santos, em Salvador (BA), cobriu uma matéria de 2min53s sobre Violência com Ameaça e Contexto de Violência; Luís Estolino ficou com uma reportagem realizada no Interior de São Paulo, enquadrada como Sensacionalista e Informativa, que durou 2min52s. Na 2ª edição, Fernando César apresentou um assunto, no Rio de Janeiro, que tocava no tema de Violência sem Referência; Josiel Menezes tratou de uma matéria que incluía Contexto de Violência, no Interior de Outro Estado. Ambos atuaram durante 2min46s.

Gabriele Spetiale, na 1ª edição, fez 1 matéria considerada Sensacionalista (Imagem 27, próxima página) com 2min49s (3%), em Betim (MG); Patrícia Pioltini (2%) foi a repórter que menos participou das duas edições do *Cidade Alerta*: 1min37s destinado ao tema Violência com Ameaça, na Grande São Paulo, apresentado no dia 28/07.

De alguma relevância é este último resultado, extraído da amostra da 1ª edição: 8% dos repórteres que apresentaram 1 matéria com 6min21s de duração ou não tiveram seus nomes mencionados, não sendo possível sua identificação, ou nem chegaram a ter sua imagem exibida (ocorrência de uso de narração em "off").

A reportagem em questão foi intitulada como “Chupa-Cabras: um mistério sem solução” (Imagem 28, a seguir), o que a enquadrava como Sensacionalista e Informativa²⁶. As regiões correspondentes a este assunto mostrado de forma seriada foram as seguintes: Zona Sul de São Paulo, Grande São Paulo, Interior de São Paulo e Interior de Outros Estados.

Imagem 27 - CA/1º Dia



Vários carneiros mortos:
“Chupa-Cabras” é o suspeito

Imagem 28 - CA/1º Dia

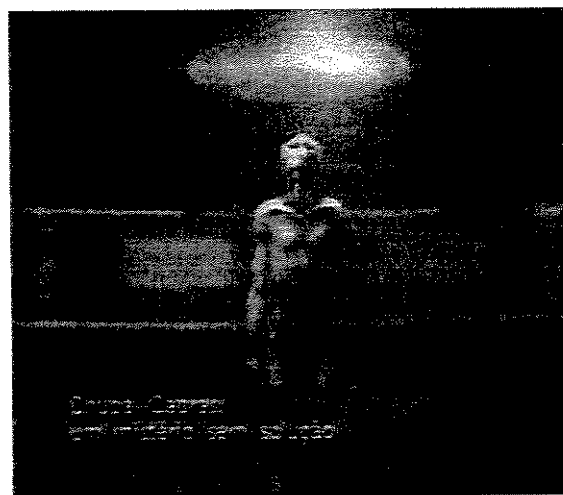


Imagem tirada do cinema:
suposto “Chupa-Cabras”
seria extra-terrestre

²⁶ A categorização de Informativa junto a uma matéria dessa natureza - qualificada como Sensacionalista a partir da metodologia - deveu-se ao fato de pesquisadores darem seus esclarecimentos sobre um animal chamado furão, o qual o telejornal vinha dando destaque e fazendo alusão de que ele poderia ser o “Chupa-Cabras”. Ressalte-se que esta denominação caiu no imaginário popular não só nacionalmente: no México, por exemplo, o “Chupa-Cabras” também foi difundido de forma mítica. Isso se deve pelo fato de animais, principalmente carneiros, serem encontrados mortos, apresentando pequenos furos na região do pescoço e ausência de sangue nas veias. A dificuldade, por vezes, de precisar as causas dessas ocorrências, acabou estimulando o surgimento deste mito popular, palpado no “mistério”. Esse assunto foi explorado no *Cidade Alerta* em três reportagens, uma delas em série (cobertura de várias regiões, enfoque de conteúdos diversificados e atuação de mais de um repórter).

Quantificação

Gráfico 13 - AA e CA - 28/07

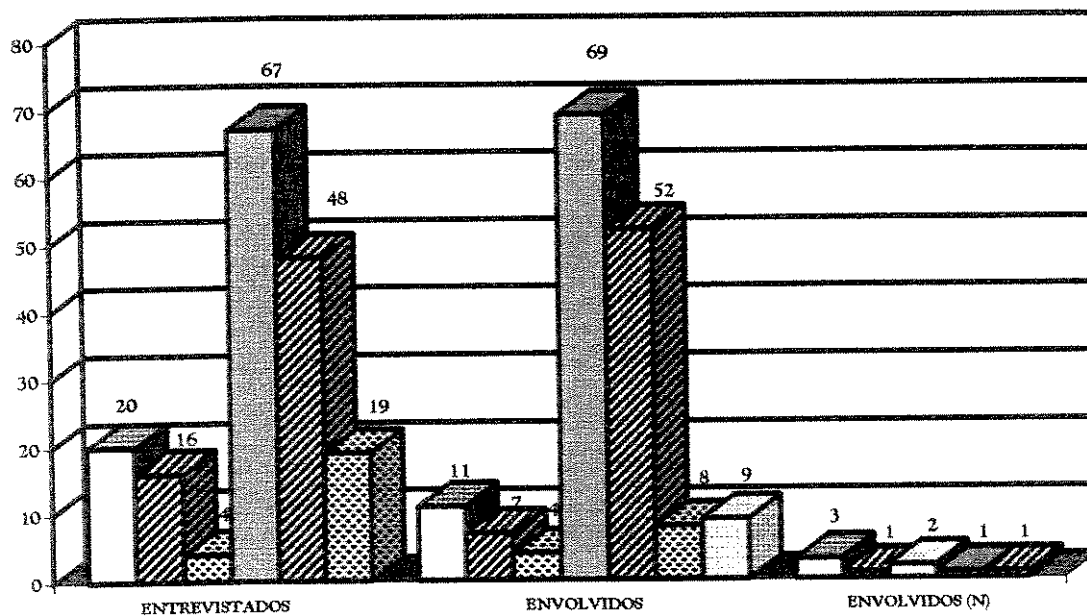
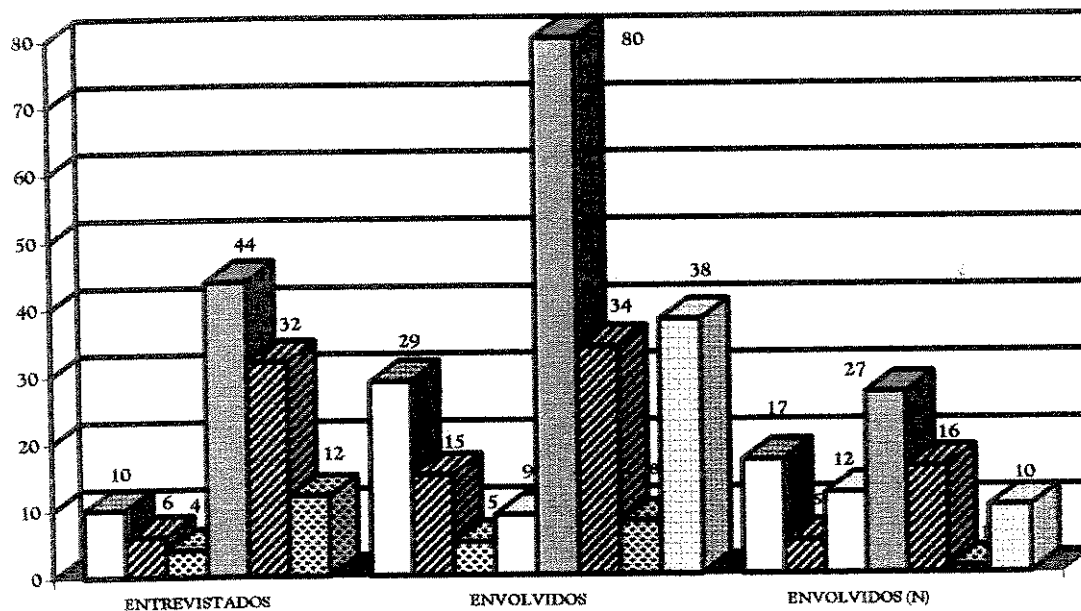


Gráfico 13A - AA e CA - 29/07



■ AQUI AGORA
 ▨ HOMENS
 ▩ MULHERES
 ▨ S/REFER.

■ CIDADE ALERTA
 ▨ HOMENS
 ▩ MULHERES
 ▨ S/REFER.

Entrevistados, Envolvidos, Envolvidos (N) - Homens, Mulheres, S/R
Quantificação - Aqui Agora e Cidade Alerta

(Gráficos 13, 13A)

Entrevistados

Na 1ª edição do *Aqui Agora*, foram entrevistadas 20 pessoas, sendo 16 homens (80%) e apenas 4 mulheres (20%). Esses números foram bem maiores para o *Cidade Alerta*, fato que se deve à longa duração do telejornal: do total de 67 entrevistados, 48 (71%) eram do sexo masculino e 19 (29%), do sexo feminino. No dia seguinte, houve significativa diferença para ambos os telejornais - o primeiro entrevistou 10 pessoas e o segundo, 44: respectivamente 6 homens (60%) e 4 mulheres (40%) e 32 homens(73%) e 12 mulheres (27%).

Envolvidos

A análise do envolvidos nas reportagens aponta para uma irregularidade quantitativa na comparação de ambas as edições do *Aqui Agora*: 11 pessoas foram citadas na reestréia, das quais 7 homens (64%) e 4 mulheres (36%), percentuais discrepantes em relação ao 2º dia, que se referiu a 15 (52%) pessoas do sexo masculino, 5 (17%) do sexo feminino e 9 (31%) sem qualquer referência de sexo do total de 29. Verifica-se que quase o dobro de homens estiveram envolvidos de alguma forma nas notícias do 2º dia, quase o mesmo número de mulheres foram citadas e a distinção significativa recai para o fato de 9 pessoas receberem referência genérica quanto ao sexo.

Dos 69 envolvidos na 1ª edição do *Cidade Alerta*, 52 homens (79%), 8 mulheres (10%) e 9 sem referência (11%) tiveram alguma relação com os assuntos mostrados. No dia subsequente, foram 80 envolvidos no total, sendo 34 homens (42%), 8 mulheres (10%) e 38 (48%) sem referência de sexo. É possível observar

que, assim como o *Aqui Agora* no 2º dia, o concorrente inseriu nas matérias número significativo de pessoas sem indicativo de gênero sexual - 29 a mais se comparado o dia 28. As mulheres mantiveram a mesma regularidade nas indicações feitas por repórteres e apresentador em ambas as edições e 18 homens a menos apresentaram algum envolvimento com os assuntos na última amostra analisada.

Envolvidos Sem Referência (S/R)²⁷

Os envolvidos que não tiveram menção sobre seu gênero sexual, os ditos *Sem Referência* (S/R), indicados quantitativamente na análise anterior, distribuíram-se da seguinte maneira quanto às especificações de Ocupação; Vítimas; Acusados; Testemunhas e Suspeitos (Idades e Raças não foram indicadas), nas duas edições do *Aqui Agora* e *Cidade Alerta*:

- O telejornal do SBT fez as seguintes indicações para os 9 envolvidos sem referência de sexo na 2ª edição: 4 deles não trabalhavam (crianças), 3 foram considerados sem-teto (vítimas de violência), 1 era juiz (também acusado) e 1, ligado à Justiça.

- O *Cidade Alerta* considerou vítimas de violência os 9 envolvidos S/R no dia 28/07, sendo 7 delas enquadradas também como testemunhas.

- Na 2ª amostra do telejornal da Record, 38 envolvidos S/R foram citados nas reportagens: 23 pertenciam à categoria Outra Vítima; 12 foram vítimas de acidente; houve 2 vítimas de violência; 1 não foi vítima nem de violência, acidente ou desastre natural, considerado, portanto, um outro tipo de vítima e apontado como desempregado.

²⁷ A opção em apresentar os dados codificados referentes aos envolvidos sem referência de sexo, neste momento da análise, deve-se à menor relevância dos resultados obtidos nos dois telejornais estudados para as categorias previstas na metodologia.

Envolvidos (N)

Os envolvidos (n) são aquelas pessoas que foram citadas nos telejornais - com ou sem referência de gênero sexual -, mas não receberam indicação quantitativa. É uma forma de tratamento bastante genérica, mas que foi considerada na metodologia a fim de que todos os envolvidos pudessem ser analisados. Ou seja, envolvidos (n) podem ser os “assassinos”, “ladrões”, “vítimas”, “testemunhas”, “homens”, mulheres”, “crianças” etc. É uma ordem de grandeza grupal sem a possibilidade de quantificação: se foram tabulados 2 envolvidos (n) em um dos telejornais estudados, isso significa que há dois grupos de pessoas (sempre com mais de uma) com algum tipo de qualificação.

No caso do *Aqui Agora* e do *Cidade Alerta* na 1ª edição, os resultados obtidos foram os seguintes, respectivamente: 3 grupos de envolvidos (n), sendo 1 do sexo masculino (33%) e 2 (67%) sem referência de sexo (AA); 1 grupo (100%) do sexo masculino (CA).

Já no 2º dia, as diferenças são um tanto significativas: o *Aqui Agora* citou um total de 17 grupos de envolvidos (n), dos quais 5 com homens (30%) e 12 sem referência de gênero sexual (70%); o *Cidade Alerta* referiu-se a 27 grupos de envolvidos (n), sendo 16 deles enquadrados como do sexo masculino (60%), 1 do sexo feminino (3%) e 10 sem referência de sexo (37%).

Entrevistados/Quantificação - AQUI AGORA - AA

Gráfico 14 - AA - 28/07

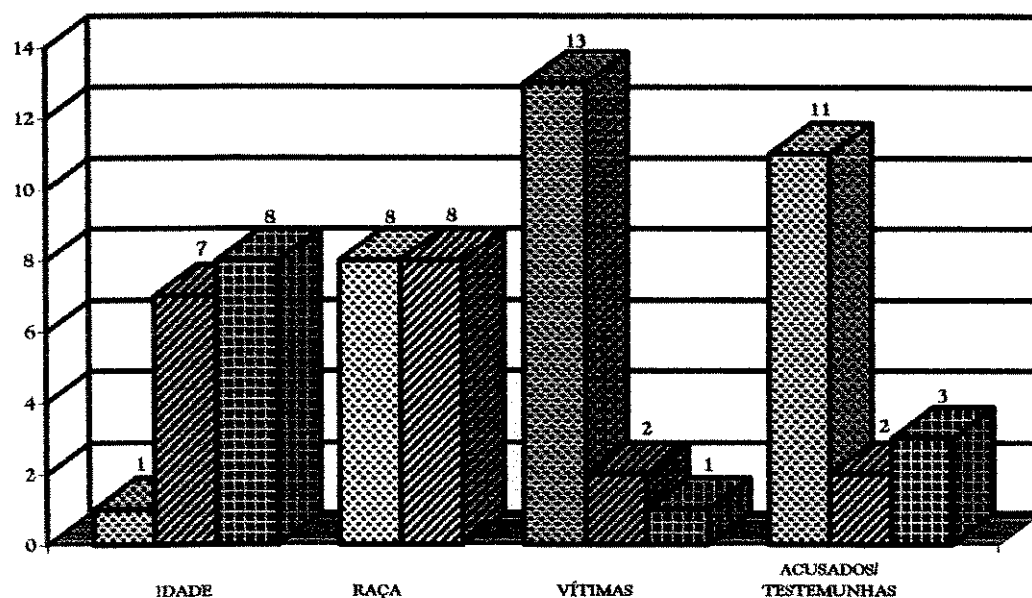
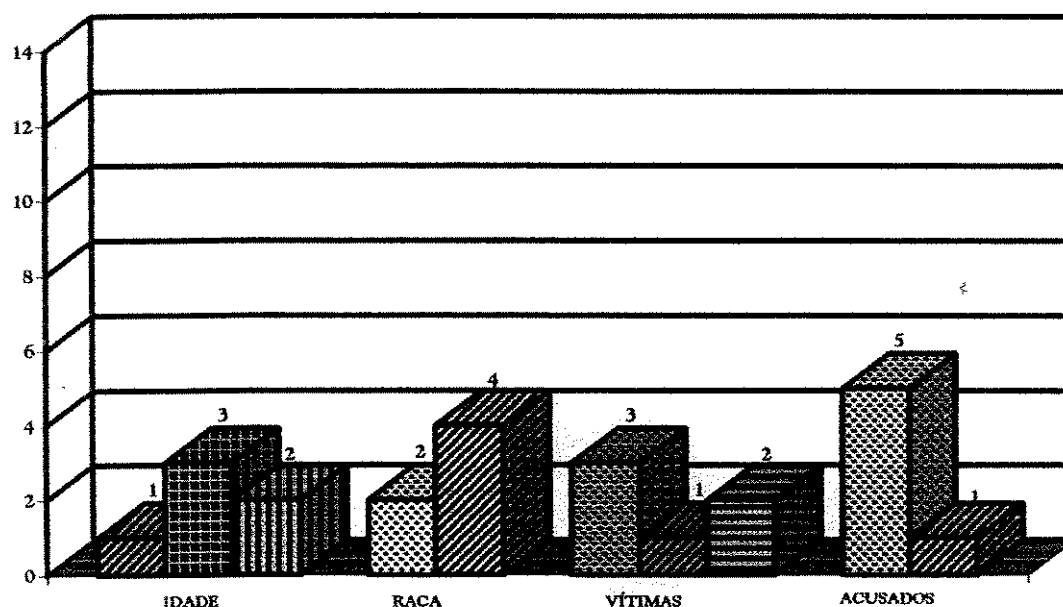


Gráfico 14A - AA - 29/07



12-17 ANOS

35-49 ANOS

BRANCA

NÃO

ACIDENTE

NÃO

TESTEMUNHAS

25-34 ANOS

50-64 ANOS

MISCIGENADA

VIOLÊNCIA

OUTRA VÍTIMA

ACUSADOS

*Entrevistados - Quantificação / Idade; Raça; Ocupação;
Vítimas; Acusados; Testemunhas; Suspeitos - Aqui Agora*

(Gráficos 14, 14A)

1ª Edição

Dos 16 entrevistados do sexo masculino no *Aqui Agora* da 1ª edição, apenas 1 tinha idade entre 12-17 anos (6%), 7 entre 25-34 anos (44%) e 8 entre 35-49 anos (50%).

Metade era branca e a outra metade foi enquadrada na raça miscigenada.

Essas pessoas exerciam, na época da coleta do material amostral, as seguintes ocupações:

Tabela 1		AA/1º Dia - Ocupação	
<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>	<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>
Sem Referência	07	Func. Públ. s.n.s.	01
Policial	03	Indigente	01
Delegado	02	Outras	01
Ligado à Justiça	01		

Os números relevantes são aqueles que determinam que 44% dos entrevistados não se encaixaram em nenhuma referência ocupacional dado o tratamento do *Aqui Agora* às matérias, 19% eram policiais, 13%, delegados e dos 24% (4) restantes, um estava ligado à Justiça, outro ao funcionalismo público (sem nível superior - s.n.s), houve um indigente e um qualificado como exercendo outras funções (6% cada) que não as 40 descritas na metodologia. A indicação de indigente serviu para facilitar a tabulação dos dados quanto às possíveis inferências, dependendo dos resultados.

As vítimas de algum tipo de violência foram 2 (12%) e as de acidente 1, o equivalente a 6%.

Somente 2 dos entrevistados foram considerados acusados (12%) - do ponto de vista do telejornal - de ter praticado qualquer dano a outro, seja infringindo as leis, a ética, os princípios intrínsecos a alguém, determinados padrões e valores considerados corretos para a sociedade e aceitos por ela. Três homens (19%) foram citados como testemunhas de qualquer ato humano descrito nas reportagens.

Ressalte-se que 82% (13 entrevistados) não foram apontados como vítimas e 69% (11) não foram nem acusados e nem qualificados como testemunhas ou suspeitos.

2ª Edição

Como o número de homens entrevistados na edição posterior foi bem menor - uma diferença de 10 pessoas a menos -, a análise comparativa se dá de forma mais irregular: 1 entrevistado tinha idade entre 25-34 anos (17%), 3 entre 35-49 anos (50%) e 2 entre 50-64 anos (33%).

Foram mais miscigenados - 4 (67%) - do que brancos - 2 (33%).

A tabela abaixo (1A) demonstra que 33% dos 6 entrevistados encaixar-se-iam em outras ocupações, mesmo percentual para funcionários que trabalham em empresas ou escritórios, como contadores, escrivães etc. Os 34% restantes dividiram-se entre um entrevistado ligado à Segurança Pública e um policial, o equivalente a 17% cada.

Tabela 1A		AA/1º Dia - Ocupação	
<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>	<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>
Funcionário de Empresa	02	Ligado à Segurança Pública	01
Outras	02	Policial	01

Violência nos Telejornais: a Realidade Espetacularizada

Apenas 1 entrevistado sofreu alguma violência (17%) e 2 foram enquadrados como outro tipo de vítimas (33%), ou seja, que não de violência, acidente ou desastre natural.

Somente 1 (17%) foi acusado durante a exibição da notícia.

Os números revelam que metade (3) dos homens entrevistados na última edição analisada não foi vitimada por ação de outrem e 83% (5) não sofreram quaisquer tipos de acusação (5).

Entrevistados/Quantificação - CIDADE ALERTA - CA

Gráfico 15 - CA - 28/07

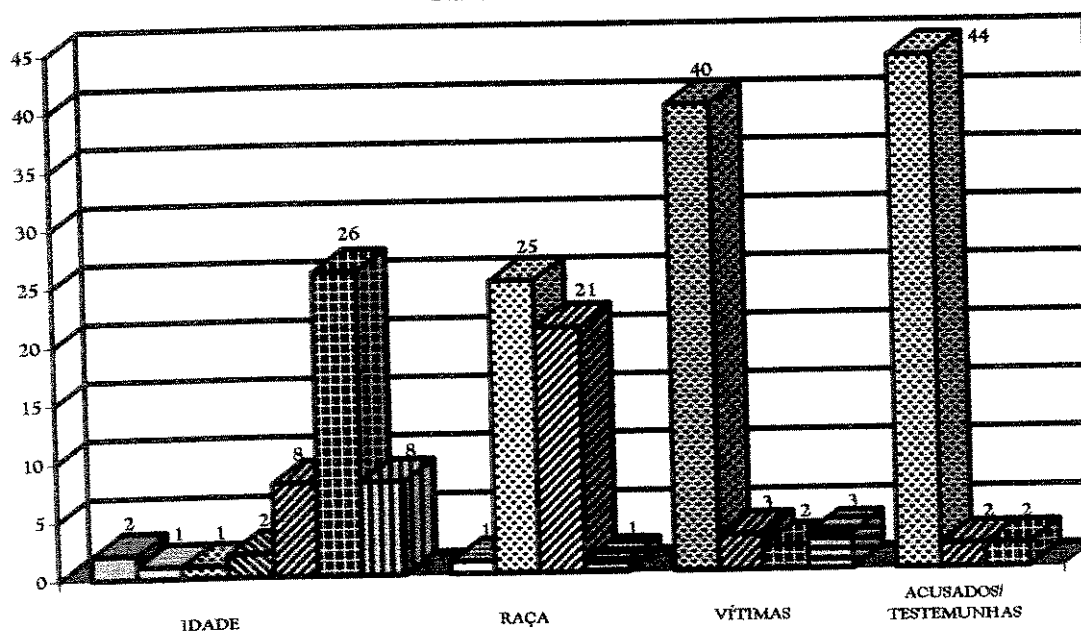
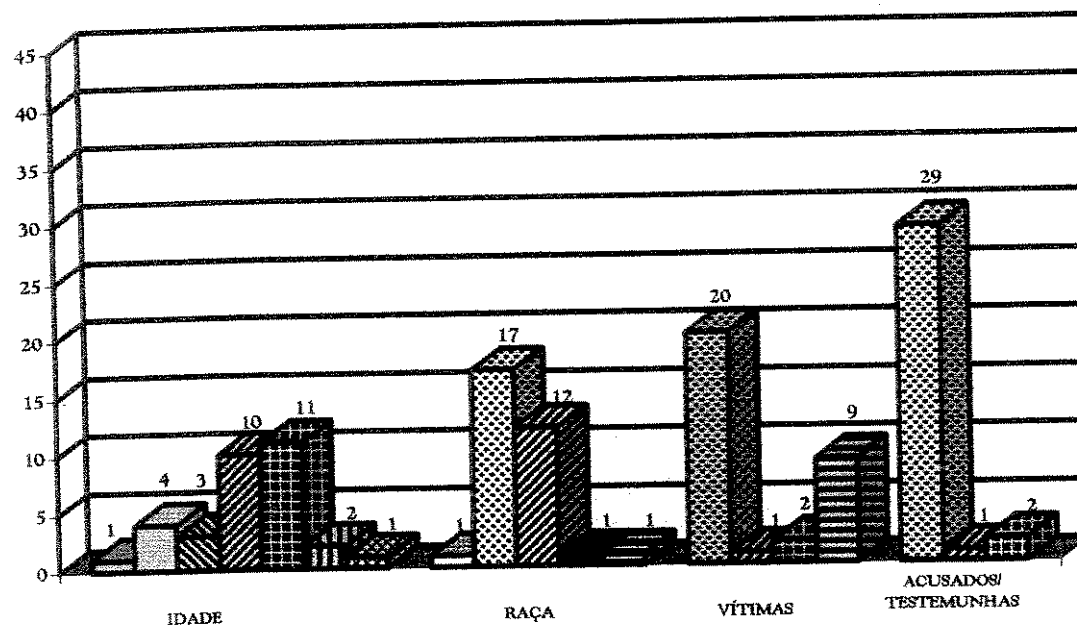


Gráfico 15A - CA - 29/07



☒ S/REFERÊNCIA	☒ CRIANÇA	☒ 12-17 ANOS
☒ 18-24 ANOS	☒ 25-34 ANOS	☒ 35-49 ANOS
☒ 50-64 ANOS	☒ 65 OU MAIS	
☒ S/REFER. NEGRA	☒ BRANCA	☒ MISCIGENADA
☒ NÃO	☒ ORIENTAL	
☒ OUTRA VÍTIMA	☒ VIOLÊNCIA	☒ ACIDENTE
☒ NÃO	☒ ACUSADOS	☒ TESTEMUNHAS

*Entrevistados - Quantificação / Idade; Raça; Ocupação;
Vítimas; Acusados; Testemunhas; Suspeitos - Cidade Alerta*

(Gráficos 15, 15A)

1ª Edição

Dos 48 entrevistados do sexo masculino no *Cidade Alerta* do dia 28/07, mais da metade (54% - 26 pessoas) tinham idade entre 35-49 anos. A segunda posição foi ocupada por 16 homens, 8 deles apresentando idades entre 25-34 anos e os outros 8, 50-64 anos (17%). Dois deles, o equivalente a 4%, estavam com idades variando entre 18-24 anos. O mesmo percentual foi verificado em relação aos entrevistados que não tiveram menção de idade: 2 (4%). Os 4% restantes referem-se a uma criança (2%) e a um adolescente (2%) com idade entre 12-17 anos.

A maioria era branca (25 pessoas, 52%). Pessoas qualificadas como miscigenadas equivaleram a 44% (21 entrevistados). Os 4% que sobraram foram resultado de um entrevistado sem referência de raça (2%) e um oriental (2%).

Na ocasião da coleta do material amostral, essas pessoas atuavam profissionalmente da seguinte forma:

Tabela 2

CA/1º Dia - Ocupação

<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>	<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>
Sem Referência	21	Func. Públ. s.n.s.	01
Policial	10	Serviçal	01
Delegado	06	Trabalhador Rural	01
Comerciante	02	Cargos Superiores	01
Fazendeiro	02	Não Trabalha (Criança)	01
Ligado à Entidade Religiosa	01	Outras	01

A partir da tabela da página anterior, é possível verificar que é mais recorrente a um telejornal longo como o *Cidade Alerta* deixar de referir-se à ocupação de seus entrevistados. Isso se observa através do índice de 44% - o maior - de homens que deram seus depoimentos ou esclarecimentos aos repórteres, mas que não tiveram suas ocupações registradas aos telespectadores, seja na forma de créditos inseridos nas imagens, seja na menção feita pelos profissionais da emissora. Como a maior parte das reportagens tratou de assuntos ligados à violência na amostra concernente ao 1º dia, a presença dos policiais (21%) no noticiário foi relevante, assim como a dos delegados (13%). Há uma queda significativa dos percentuais referentes aos dois entrevistados ligados ao comércio e aos dois proprietários de fazendas, cada qual com 4% de participação no telejornal. As ocupações mais diversificadas somaram 12%, cada uma delas correspondendo a um entrevistado (ver Tabela 2, p. 290).

As vítimas de algum tipo de violência e aquelas que foram lesadas de uma forma ou de outra - nem pela violência, nem por acidente e desastre natural - somam 12%, o equivalente a 3 entrevistados para cada modalidade (6%). Foram entrevistados 2 homens (4%) que sofreram algum acidente retratado nas matérias. Importante destacar que os percentuais apresentam-se bastante baixos em consequência de 84% (40 entrevistados) não terem sido enquadrados como vítimas.

Da ótica do *Cidade Alerta*, visto o tratamento dado às notícias, somente 2 dos entrevistados foram considerados acusados (4%), mesmo percentual indicado para as outras duas testemunhas. Destaque-se que a maioria dos entrevistados na 1ª edição, ou seja, 92% (44 pessoas) não foi nem acusada e nem recebeu qualificação como suspeitos.

2ª Edição

O número de homens entrevistados na edição posterior também foi bem menor (assim como a 2ª edição do *Aqui Agora*) -, se comparada ao 1º dia -, o equivalente a uma diferença de 16 pessoas a menos. Desses 32 entrevistados, 11 tinham entre 35-49 anos (35%) e 10, entre 25-34 (32%). Apenas 4 crianças (12%) deram algum depoimento aos repórteres. Os jovens entre 18-24 anos ficaram com 9%: 3 entrevistados. Apenas 2 homens aparentando ter de 50-64 anos (6%) concederam entrevista ao *Cidade Alerta*. Não houve referência de idade para 1 entrevistado e somente 1 homem com 65 anos ou mais foi entrevistado, cada grupo obtendo o menor índice de exposição: 3%.

Os brancos continuaram em maior número: 17 entrevistados, correspondendo a 53%. Os miscigenados foram 12 (38%). Apenas 1 não teve referência de raça. Também houve só 1 negro e 1 oriental (todos indicando 3%).

As referências às profissões dos entrevistados apresentaram os seguintes resultados, em números absolutos (na página seguinte, veja os percentuais correspondentes):

Tabela 2A		CA/2º Dia - Ocupação	
<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>	<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>
Sem Referência	10	Delegado	02
Policial	07	Serviçal	01
Economia Informal	04	Funcionário de Empresa	01
Artista	03	Comerciário	01
Não Trabalha (Criança)	03		

Como na edição anterior, foi revelado como maior percentual aquele em que não houve referência para a ocupação dos entrevistados: 32%. Também similar ao 1º dia a sequência do primeiro grupo com mesma profissão, levando em consideração o número de policiais entrevistados (22%). A diferença para a terceira posição é que, ao invés de mais delegados terem dado suas informações aos repórteres (6%) como ocorreu no dia 28, foi a vez de um número maior de pessoas enquadradas na economia informal serem entrevistadas (13%). Os delegados nesta amostra ficaram em 5º lugar, precedidos apenas do percentual relativo a 9% para cada uma das duas profissões. As seguintes posições subseqüentes receberam o percentual de apenas 3%. Destaque-se que a denominação de criança integrada às ocupações foi uma forma de deixar mais viável a transposição dos dados.

Das vítimas do sexo masculino que foram entrevistadas, 9 não sofreram danos ocasionados por atos violentos, bem como não estiveram envolvidas em acidentes ou desastres naturais. Essas outras vítimas, às quais não se atribuiu uma dessas denominações, somaram 28%. Dois homens (6%) que se envolveram em acidentes concederam entrevista e apenas 1 vítima de violência deu o seu depoimento na 2ª edição (3%). Mais da metade dos entrevistados (63%), no entanto, não foram considerados vítimas: 20 homens.

Quase todos os entrevistados do *Cidade Alerta* não receberam tratamento jornalístico como acusados ou testemunhas (29, o equivalente a 91%). Dois dos 32 entrevistados foram mencionados como testemunhas (6%) e somente 1 como acusado (3%).

Entrevistadas/Quantificação - AQUI AGORA - AA

Gráfico 16 - AA - 28/07

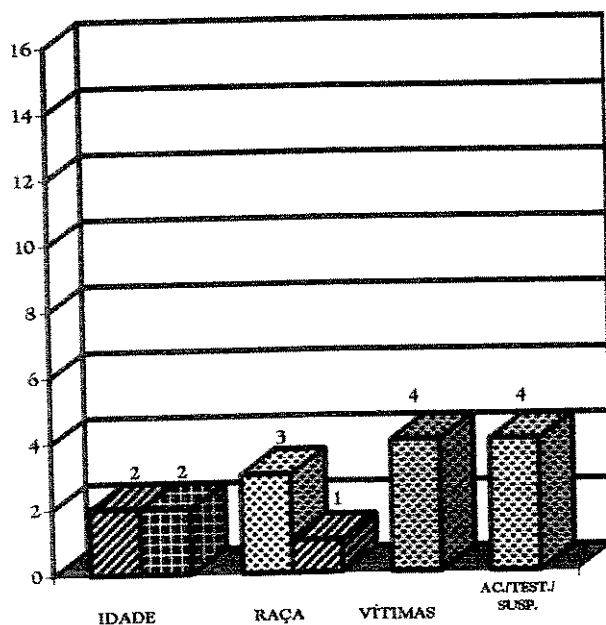
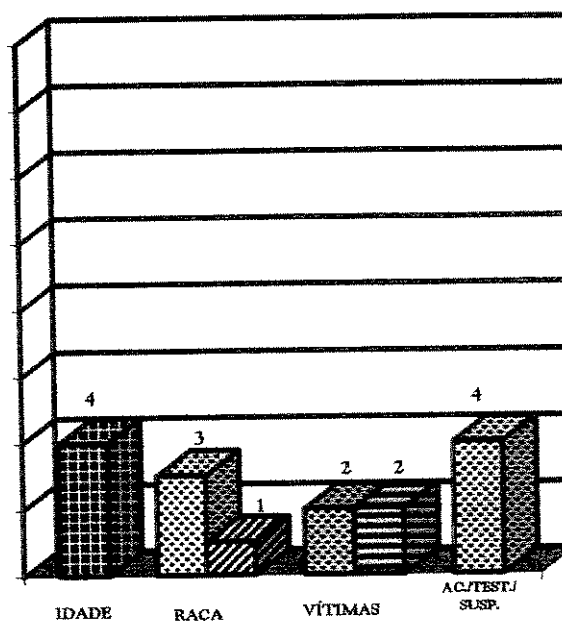


Gráfico 16A - AA - 29/07



Entrevistadas/Quantificação - CIDADE ALERTA - CA

Gráfico 17 - CA - 28/07

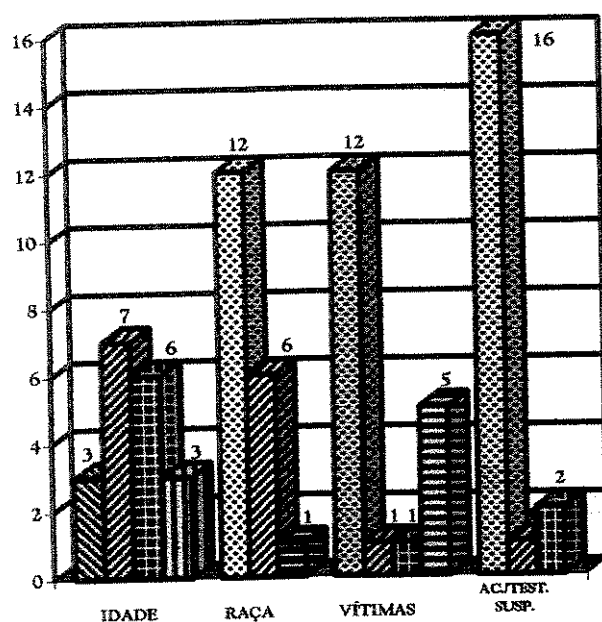
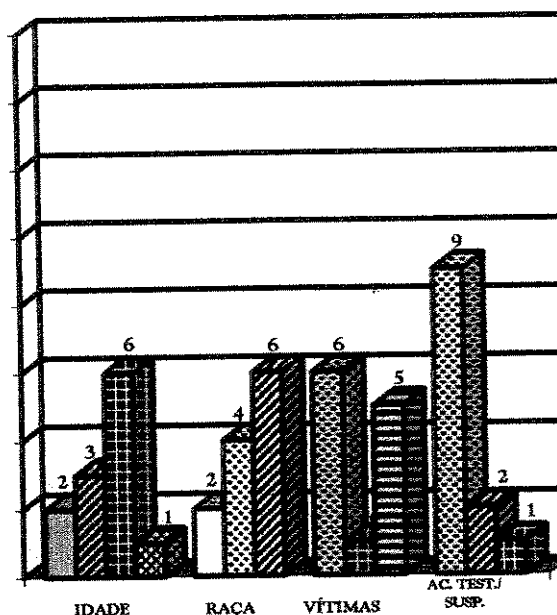


Gráfico 17A - CA - 29/07



■ S/REFER.	■ 18-24 ANOS
■ 25-34 ANOS	■ 35-49 ANOS
■ 50-64 ANOS	■ 65 OU MAIS
■ S/REFER.	■ BRANCA
■ MISCIGENADA	■ ORIENTAL
■ NÃO ACIDENTE	■ VIOLÊNCIA
■ NÃO TESTEMUNHAS	■ OUTRA VÍTIMA
	■ ACUSADAS

Entrevistadas - Quantificação / Idade; Raça; Ocupação; Vítimas; Acusadas; Testemunhas; Suspeitas - Aqui Agora e Cidade Alerta

(Gráficos 16, 17, 16A, 17A)

Aqui Agora

Do total de pessoas do sexo feminino no *Aqui Agora* da 1ª edição (4), 2 tinham idade entre 25-34 anos (50%) e as outras 2, entre 35-49 anos (50%).

Três delas eram brancas (75%), enquanto 1 enquadrou-se como miscigenada (25%).

Nenhuma vítima foi entrevistada, tampouco aquelas que poderiam ser denominadas como acusadas, testemunhas ou suspeitas.

Na edição posterior, observa-se o mesmo número de mulheres que concederam entrevista aos repórteres da emissora: apenas 4, todas apresentando idade entre 35-49 anos (100%).

Idênticos foram os resultados decorrentes de indicação racial, comparando a 1ª edição: as brancas somaram 75% (3) e as miscigenadas, 25% (1).

Metade (50%) foi enquadrada como outra vítima (2), ou seja, não integrou as categorias relativas à violência, acidente ou desastre natural. A outra metade não foi considerada vítima.

Nenhuma indicação dessas entrevistadas quanto às denominações de acusadas, testemunhas ou suspeitas na amostra do 2º dia.

As ocupações exercidas pelas 8 entrevistadas nas duas edições foram designadas dessa maneira:

Tabela 3		AA/1º e 2º Dias - Ocupação	
<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>	<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>
Sem Referência	07	Comerciante	01

Os números apresentados não são relevantes para outras inferências, principalmente se for considerado que foram poucas as mulheres entrevistadas nas duas amostras analisadas, além de a não atribuição de suas profissões somar 175%: 100% na 2ª edição e 75% na 1ª. Os 25% restantes referem-se a 1 entrevistada no dia 28/07, cuja ocupação foi indicada: comerciante.

Cidade Alerta

As 19 mulheres entrevistadas pelo *Cidade Alerta* na 1ª edição distribuíram-se do seguinte modo quanto à idade: 37% (7) - o maior percentual - estavam com idades entre 25-34 anos; 31% (6), entre 35-49 anos; 16% (3), entre 18-24 anos; 16% (3), entre 50-64 anos.

As brancas foram a maioria, o correspondente a 63% (12 mulheres). As miscigenadas somaram 31% (6) e apenas 1 oriental foi entrevistada nesse dia (6%).

A maior parte dessas mulheres (12) não se posicionou nas entrevistas como vítimas (63%). As que sofreram algum dano que não de violência, acidente ou desastre natural, ou seja, denominadas como outras vítimas, foi atribuído o percentual de 25% (5). Os 12% restantes dividiram-se entre 1 entrevistada (6%) considerada vítima de violência e 1, vítima de acidente (6%).

Quase todas as entrevistadas (16) não foram qualificadas como acusadas, testemunhas ou suspeitas (84%). Duas delas deram seus depoimentos aos repórteres por terem sido testemunhas (10%) de algum fato e apenas 1 (6%) foi entrevistada como sendo acusada - dada a forma de tratamento da notícia - de ter cometido dano a outrem.

As atribuições relativas às profissões dessas mulheres podem ser analisadas a partir da tabela situada a seguir:

Tabela 4

CA/1º Dia - Ocupação

<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>	<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>
Sem Referência	12	Delegada	01
Não Trabalha (Presa)	03	Comerciante	01
Ligada à Entidade Filantrópica	02		

No caso das entrevistadas que não tiveram suas profissões mencionadas na edição de 28/07 do *Cidade Alerta*, mantém-se o mesmo tipo de inferência para as outras tabelas de ocupações: verifica-se a recorrência de a maior parte das profissões não sofrer quaisquer especificações, aqui, o equivalente a 63%.

Uma análise mais criteriosa recai para a 2ª posição, que corresponde a 16%. Tal percentual refere-se a uma reportagem sobre direitos humanos. As três presas entrevistadas ou estavam grávidas ou já cuidavam de seus filhos na prisão. O tratamento dado à matéria - cuja modalidade enquadrrou-se em contexto de violência - enfocou principalmente as condições precárias dos sistemas penitenciários do Brasil, ressaltando que, no caso de presas mães ou grávidas, a situação ainda é mais agravante. Observe-se que a denominação de presas integrada à metodologia para análise sobre ocupações foi realizada com o intuito de facilitar a tabulação dos dados.

O segundo lugar (11%) designa duas mulheres que concederam entrevista na cobertura jornalística referente à uma campanha de solidariedade realizada na região central de São Paulo por uma entidade filantrópica: a Associação Beneficente Cristã (ABC). Roupas e alimentos foram distribuídos às pessoas carentes da cidade, porém, a matéria não se enquadrrou somente como um tema resultante de ações filantrópicas. Somou-se a esta categorização a prestação de serviços, já que se salientou - mesmo que sutilmente²⁸ - a ligação entre a referida

²⁸ A sutileza mencionada se deve ao fato de apresentadores e repórteres não terem declarado diretamente as ligações entre as entidades e a emissora. Entretanto, um cartaz afixado em meio ao local onde a campanha estava sendo realizada destacava a Igreja Universal do Reino de Deus, cujo proprietário é Edir Macedo, mesmo dono da Record. Trata-se de mensagem subliminar.

entidade e a emissora analisada: ABC está associada à Igreja Universal do Reino de Deus que, por sua vez, tem ligação estreita com a Record, rede televisão que exibe o *Cidade Alerta*.

Os 10% restantes dividiram-se entre 1 delegada e 1 comerciante, cada qual com 5%.

Na 2ª edição do *Cidade Alerta*, as 12 entrevistadas situaram-se - quanto às suas idades - do seguinte modo: 6 delas tinham idades entre 35-49 anos (50%); 3, entre 25-34 anos (25%); 2 não estiveram localizadas em nenhum dos grupos por impossibilidade de identificação (17%); 1 apresentou ter 65 anos ou mais (8%).

Desta vez, as miscigenadas²⁹ ocuparam o maior espaço das entrevistas dadas por mulheres, o equivalente a 50% (6). As brancas corresponderam a 33% (4). Não houve referência quanto à raça para 2 das entrevistadas (17%).

Metade (50%) dessas mulheres (6) não foi considerada vítima quando deram seus depoimentos ou esclarecimentos aos repórteres. Percentual próximo, no entanto, estabeleceu-se para as 5 entrevistadas enquadradas como outras vítimas (42%). Uma envolvida em acidente equivaleu a 8% do material amostral da edição do dia 29/07 para entrevistadas do sexo feminino.

A maioria das mulheres (9) não foi considerada nem acusada, nem testemunha ou suspeita (75%) pelos conteúdos analisados a partir das entrevistas. Apenas 2, o equivalente a 17%, receberam tratamento como acusadas e 1 foi qualificada como testemunha (8%).

As atribuições das profissões exercidas pelas 12 entrevistadas na 2ª edição do *Cidade Alerta* seguem uma tendência já citada como recorrente: a maior parte não é mencionada, dificultando uma análise mais apropriada. Neste caso, o percentual relativo a este tipo de falta de menção ocupacional foi estabelecido em 67% (Tabela 4A, página subsequente), o equivalente a 8 entrevistadas.

²⁹ É a primeira vez que a designação para raças correspondentes a resultados de miscigenação aparece em maior percentual nos dados analisados.

Tabela 4A

CA/2º Dia - Ocupação

<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>	<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>
Sem Referência	08	Prestadora de Serviço	01
Comerciária	02	Dona de Casa	01

As outras posições, ocupadas pelas 4 mulheres quantificadas na tabela acima, descrevem-se assim, respectivamente: 17% ; 8% ; 8%. Esses dados - somados aos da edição anterior - apenas reforçam a superficialidade com que o *Cidade Alerta* trata suas entrevistadas, tornando reveladora que não há intenção de procurar seguir uma premissa básica do jornalismo a qual está embutida na Teoria da Informação³⁰ : um máximo de *informação* no menor tempo possível. Importante retomar as médias de duração das notícias deste telejornal em ambas as edições: respectivamente, 3min36s e 3min24s. Esses tempos assinalam que não é por consequência deles que a ausência de informações importantes é verificada no *Cidade Alerta*. Em suma: as notícias exibidas não apresentam investigação criteriosa, pesquisa, relevância na seleção das informações. O mais importante é “estar no ar”.

³⁰ Ver referência no rodapé da página

Envolvidos/Quantificação - AQUI AGORA - AA

Gráfico 18 - AA - 28/07

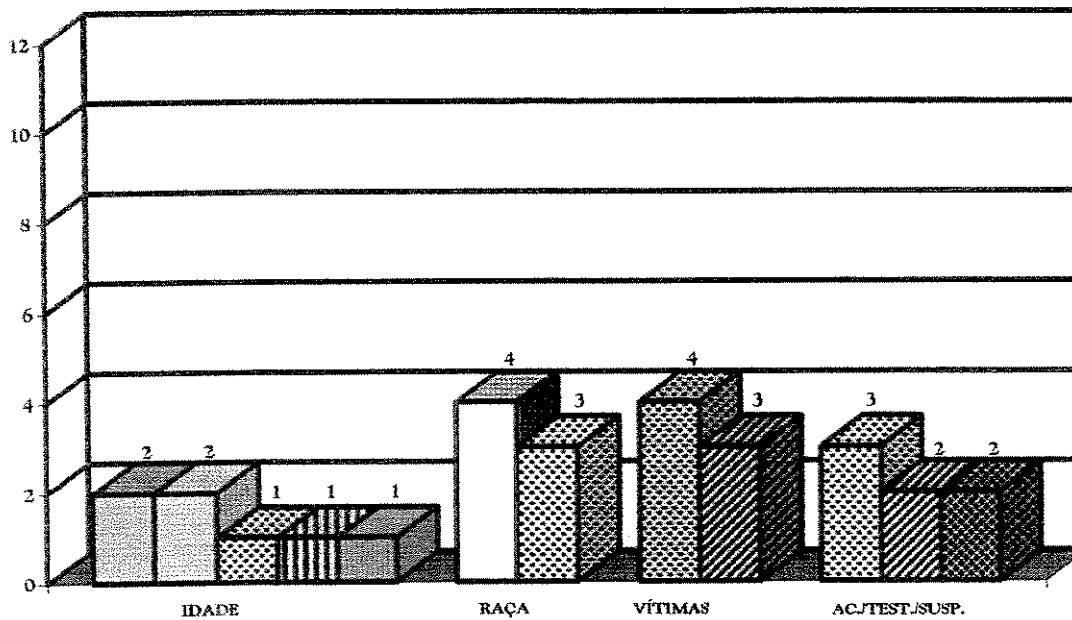
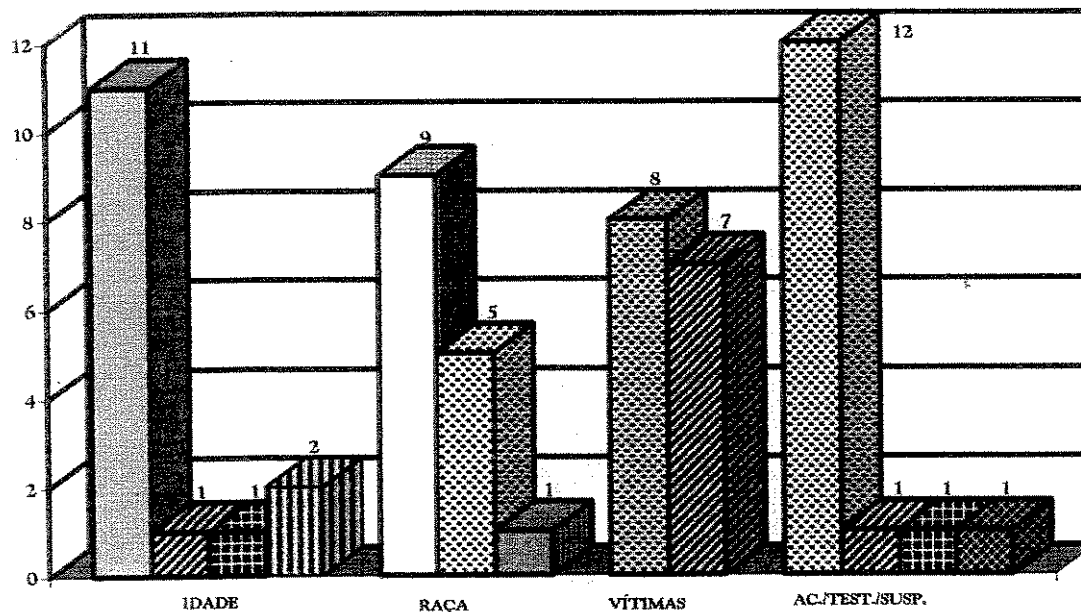


Gráfico 18A - AA - 29/07



■ S/REFER.	■ CRIANÇA
▨ 12-17 ANOS	▨ 25-34 ANOS
▨ 35-49 ANOS	▨ 50-64 ANOS
▨ MAIOR DE IDADE	
■ S/REFER.	▨ BRANCA
▨ NEGRA	
▨ NÃO	▨ VIOLÊNCIA
▨ NÃO	▨ ACUSADOS
▨ TESTEMUNHAS	▨ SUSPEITOS

*Envolvidos - Quantificação / Idade; Raça; Ocupação;
Vítimas; Acusados; Testemunhas; Suspeitos - Aqui Agora*

(Gráficos 18, 18A)

1ª Edição

Do total de pessoas do sexo masculino envolvidas de alguma forma nas reportagens efetuadas pelo *Aqui Agora* em sua reestréia (7), 2 não tiveram menção para idade (29%); 2 eram crianças (29%); os 42% restantes situaram-se nos grupos de idades relativas às categorizações de 12-17 anos; 50-64 anos; maior de idade, cada um com 14%, o equivalente a 1 envolvido por grupo. Ressalte-se que a denominação para maior de idade refere-se a uma associação entre as imagens dos homens que podem ter sido exibidas durante as matérias com seus respectivos conteúdos ou somente pelo teor das informações. Em ambos os casos, pontua-se que tanto apresentador como repórteres não fizeram indicação direta das idades para esse grupo.

Não foi atribuído à mais da metade (58%) indicativo para raça (4 envolvidos). O único percentual designativo para esta categoria ficou com os brancos, correspondendo a 42% (3 homens).

De acordo com a Tabela 5 (abaixo), as ocupações sem referência destinaram-se a 28% dos homens. Mesmo percentual foi compartilhado pelos seguranças particulares que estiveram envolvidos nas notícias e pelas crianças. Um prestador de serviço teve atribuição de 16%.

Tabela 5		AA/1º Dia - Ocupação	
<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>	<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>
Sem Referência	02	Não Trabalha (Criança)	02
Segurança Particular	02	Prestador de Serviço	01

Os mesmos percentuais para raça foram observados na quantificação de vítimas: 58% não teriam sofrido quaisquer danos (4) e 42% foram alvo de algum tipo de violência (3).

Quanto aos acusados, testemunhas e suspeitos, 42% não se enquadraram nesta categorização (3 envolvidos), enquanto que os 58% restantes tiveram a seguinte qualificação na referida edição: 29% acusados (2 homens) e 29% suspeitos.

2ª Edição

Na edição posterior, observa-se praticamente o dobro de envolvidos, em comparação com o dia de reestréia: 15. O *Aqui Agora* não deu tratamento às matérias de modo a indicar as idades dos homens que estiveram ligados de alguma maneira aos assuntos veiculados, o equivalente a 73% deles (11 pessoas). Apenas 2 situaram-se no grupo de idade variando entre 50-64 anos (13%), 1, na faixa dos 25-34 anos (7%), mesmo percentual para 35-49 anos.

A maioria (60%) não teve indicativo para raça (9 envolvidos). Este grupo foi seguido da raça branca (33%) - correspondente a 5 homens - e negra (7%), com apenas 1 menção.

Esta foi uma edição diferenciada (Tabela 5A, página posterior) em relação às denominações para ocupações: o maior índice ficou com os policiais (40%), seguido dos grupos sem referência (26%), políticos (13%) e 7% para as três categorias profissionais exercidas por apenas 1 dos envolvidos em cada uma. É a primeira vez neste telejornal que, quando não há indicativo específico para ocupação (modalidade dita sem referência na metodologia), uma determinada profissão ocupa a 1ª posição. Assinale-se, também que, neste caso, os policiais é que foram os mais citados nas reportagens, fato que pode ser atribuído à 2ª reportagem do Bloco 1, na qual foi abordado um tiroteiro entre esses trabalhadores em Fortaleza.

Tabela 5 A

AA/2º Dia - Ocupação

<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>	<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>
Policial	06	Prestador de Serviço	01
Sem Referência	04	Funcionário de Empresa	01
Político	02	Outras	01

As únicas vítimas (7) desta amostra sofreram algum tipo de violência (47%), ficando, portanto, 53% para as que não sofreram danos, sejam físicos, éticos, materiais etc. (8).

A maior parte (79%) não foi acusada e nem avaliada como testemunha ou suspeita. Os 12 envolvidos não sofreram quaisquer das qualificações deste grupo. Houve somente 1 acusado, 1 testemunha e 1 suspeito, correspondendo a 7% do total de 21%.

Violência nos Telejornais: a Realidade Espetacularizada

Envolvidos/Quantificação - CIDADE ALERTA - CA

Gráfico 19 - CA - 28/07

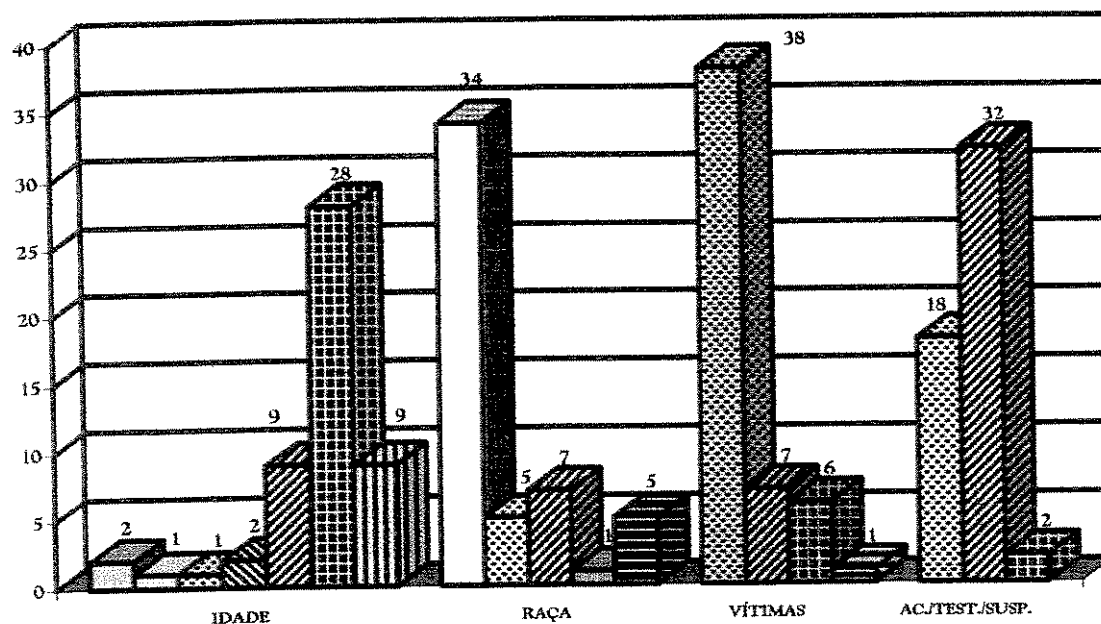
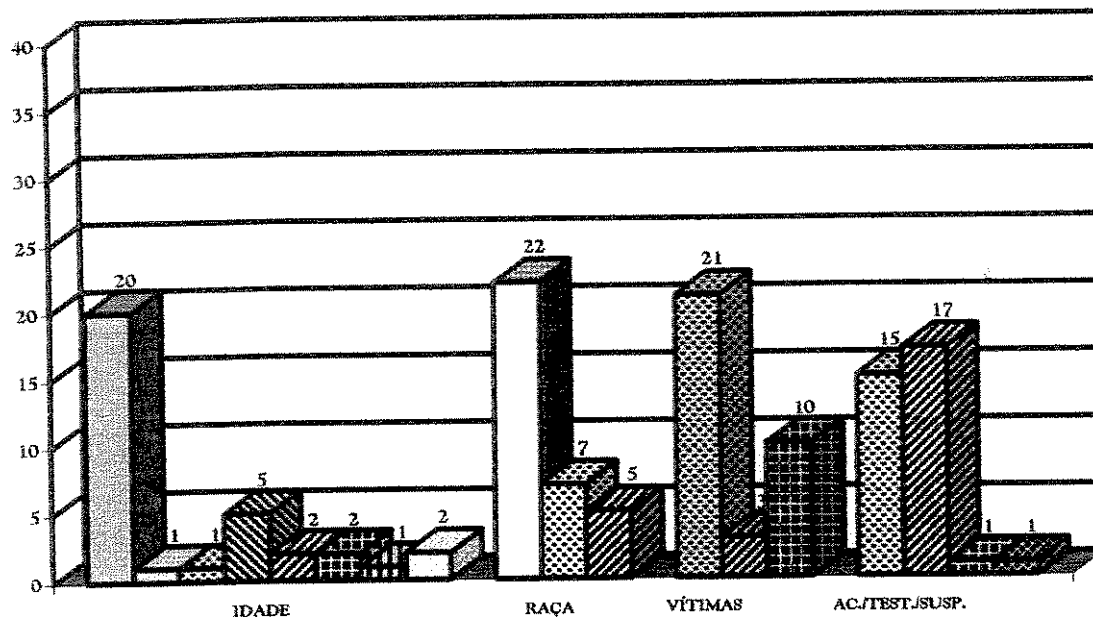


Gráfico 19A - CA - 29/07



□ S/REFERÊNCIA	□ CRIANÇA	◻ 12-17 ANOS
▨ 18-24 ANOS	▨ 25-34 ANOS	▨ 35-49 ANOS
▩ 50-64 ANOS	□ JÓVEM	
□ S/REFER. NEGRA	◻ BRANCA	◻ MISCIGENADA
	◻ ORIENTAL	
◻ NÃO VÍTIMA	▨ VIOLÊNCIA	◻ ACIDENTE
◻ OUTRA VÍTIMA		
◻ NÃO SUSPEITOS	▨ ACUSADOS	◻ TESTEMUNHAS
◻ SUSPEITOS		

*Envolvidos - Quantificação / Idade; Raça; Ocupação;
Vítimas; Acusados; Testemunhas; Suspeitos - Cidade Alerta*

(Gráficos 19, 19A)

1ª Edição

Um número significativo de homens - 52 - teve alguma participação nas matérias abordadas no *Cidade Alerta* no dia 28/07, sendo citados ou pelo apresentador ou pelos repórteres. Suas idades foram codificadas como segue: 28 situaram-se na faixa entre 35-49 anos (54%); 9, entre 25-34 anos, mesmo número também para os que estavam no grupo de 50-64 anos (ambos com percentuais de 17%); 2, entre 18-24 anos (4%); percentual idêntico para os outros 2 que o telejornal não fez qualquer menção específica. Os grupos de idades que menos estiveram associados às matérias foram os 2% de crianças e os 2% de adolescentes entre 12-17 anos, com apenas 1 representatividade cada.

A maior parte dos tipos raciais que situariam os envolvidos nas reportagens nesta qualificação não foi mencionada, o equivalente a 65% (34 dos homens). Os miscigenados foram 7 (13%), seguidos por 5 brancos (10%), mesmo índice que acompanha os orientais (10%). Somente 1 homem foi citado como sendo negro (2%).

Mais uma vez, da mesma forma que os entrevistados do sexo masculino nas duas edições analisadas, a maioria dos envolvidos nas notícias não teve suas profissões mencionadas pela equipe do *Cidade Alerta*, o correspondente a 71%, como indicados na Tabela 6 (início da próxima página). A posição seguinte foi ocupada pelos comerciantes (7%). O percentual de 8% foi dividido entre os policiais e as crianças (4% cada). Uma única representatividade foi atribuída às outras 7 ocupações constantes na Tabela 6, o equivalente a 2% .

Tabela 6

CA/1º Dia - Ocupação

<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>	<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>
Sem Referência	37	Estudante	01
Comerciante	04	Func. Públ. c.n.s.	01
Policial	02	Prestador de Serviço	01
Não Trabalha (Criança)	02	Industriário	01
Delegado	01	Outras	01
Segurança Particular	01		

As vítimas somaram 14 pessoas do sexo masculino (27%), divididas entre as categorias de violência (13%, 7 envolvidos); de acidente (12%, 6 homens); e a relativa ao grupo destinado aos outros tipos de vítima (2%, 1 referência). Entretanto, a maior parte dos envolvidos (38) não se enquadraram como vítimas (73%).

Nesta edição, foi a vez de os acusados terem maior representatividade: 32 envolvidos nos assuntos abordados (61%) foram qualificados dessa forma. Não foram considerados acusados, testemunhas ou suspeitos 35% dos homens associados às reportagens (18 pessoas). Apenas 2 receberam menção de suspeitos (4%).

2ª Edição

Bem menor do que o dia anterior foi a representatividade dos envolvidos nas matérias do *Cidade Alerta*, ainda que significativa: 34 homens foram citados. As atribuições para as idades apresentam menor potencial de análise, já que 58% das pessoas do sexo masculino que estiveram ligadas aos assuntos mostrados no telejornal situaram-se no grupo denominado como sem referência (20). De qualquer forma, os jovens ocuparam algum destaque: 5 localizaram-se no grupo

etário de 18-24 anos (15%) e 2, na qualificação “jovens” (6%). É válido explicar que a inserção desta última modalidade deveu-se à forma como a metodologia foi elaborada, considerando que foi possível ter este dado registrado a partir da associação entre imagens exibidas dos envolvidos e respectivos conteúdos ou apenas das informações passadas, ainda que sem indicação específica para idade. Os 7 outros homens que foram identificados quanto às suas idades (21%) podem ser assim distribuídos: 2 pertencentes à faixa que varia de 25-34 anos (15%); 2 situaram-se tendo entre 35-49 anos (mesmo percentual do grupo anterior); única representatividade para criança; adolescente entre 12-17 anos; e para 50-64 anos, todos com 3% cada.

Como na 1ª amostra, a tipologia para raça referente aos envolvidos costuma não ser identificável para a maior parte dos casos. Tendo em vista esta análise, os resultados podem ser apontados assim: 22 (64%) sem qualquer indicativo; 7 brancos (21%); 5 miscigenados (15%).

Também não há significância de profundidade analítica para as ocupações, já que a maior parte (62%) enquadra-se na tendência do *Cidade Alerta* em não referir-se a este tipo de grupo, exceto quanto aos presos associados às reportagens, o equivalente a 14%. Esta incidência de presos, embora não em número elevado, deve-se à 4ª matéria do Bloco 3, na qual 4 dos presos que fugiram de uma instituição penitenciária foram recapturados. O outro integrou a 2ª notícia do Bloco 4: o homem - um boliviano - que fora preso estava sendo acusado de exploração de trabalho escravo de seus conterrâneos, no caso, de bolivianos clandestinos no País, os quais trabalhavam para comer. Outras profissões que não as estipuladas pela metodologia somaram 9%. Aquelas que tiveram isolada representatividade dos envolvidos, houve atribuição de 3% cada. Os dados podem ser melhor visualizados na Tabela 6A, demonstrada a seguir:

Tabela 6A

CA/2º Dia - Ocupação

<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>	<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>
Sem Referência	21	Prestador de Serviço	01
Não Trabalha (preso)	05	Comerciante	01
Outras	03	Artista	01
Policial	01	Não Trabalha (Criança)	01

Quanto às vítimas, não foram considerados assim pelo *Cidade Alerta* 62% dos envolvidos nos assuntos tratados (21 homens). Como a referida edição apresentou 31% de reportagens sobre acidentes, 29% das pessoas do sexo masculino que se envolveram neles - o equivalente a 10 - foram retratados pelo telejornal. Os homens que sofreram algum tipo de violência (3) tiveram o menor percentual para esta categorização: 9%. Considere-se que este último resultado deve ser dimensionado a partir de uma análise voltada à forma de tratamento do *Cidade Alerta* às notícias, já que a temática de Violência com Ameaça significou 18% da edição; Violência sem Referência, 5%; e Contexto de Violência, 13%. Isso demonstra que outras possíveis vítimas de violência não devem ter sido consideradas de maneira adequada quanto à sua representatividade nos acontecimentos em que estiveram associadas. Note-se que foi observado que a investigação e pesquisa jornalística neste programa são bastante precárias, considerando o tempo - geralmente longo para o gênero - das matérias e a baixa taxa de informação.

Levando em conta os percentuais retomados anteriormente sobre as temáticas ligadas à violência, isso pode explicar o porquê de 50% dos envolvidos (17 homens) terem sido acusados nas matérias divulgadas na edição do dia 29/07, o maior referencial para este grupo de análise. Mas, tal inferência pode estar equivocada, já que os acusados talvez nem sempre tenham cometido atos violentos contra outras pessoas: as acusações são de todos os tipos - criminais, morais, comportamentais etc. Todavia, há de se considerar que em se tratando de um

telejornalismo que se encaixa no gênero policial, a primeira possibilidade parece ser a mais adequada, mesmo focalizando que estes envolvidos possam ter sido acusados de provocar acidentes no trânsito (como já foi mencionado, 31% das matérias trataram de acidentes, principalmente os envolvendo veículos automotores). A segunda posição para esta modalidade apresenta 44% de homens (15) não citados como acusados, testemunhas ou suspeitos. Em último lugar ficaram os 3% de envolvidos considerados testemunhas e os 3% referentes aos suspeitos, cujos percentuais correspondem a uma única representatividade para os grupos assim denominados.

Envolvidas/Quantificação - AQUI AGORA - AA

Gráfico 20 - AA - 28/07

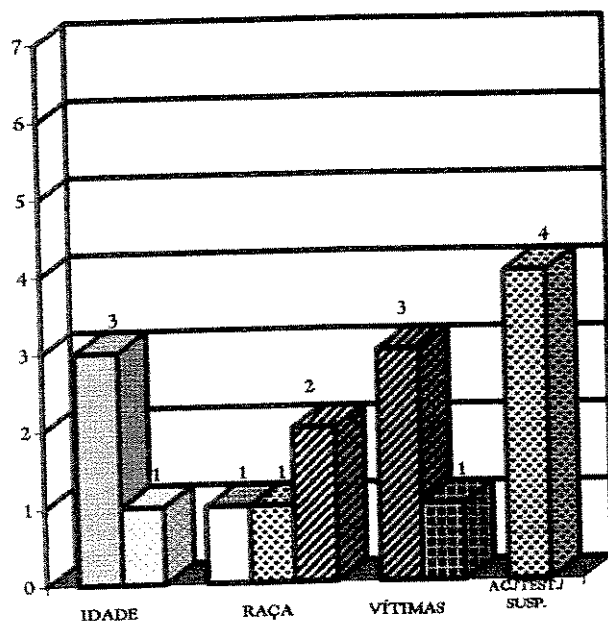
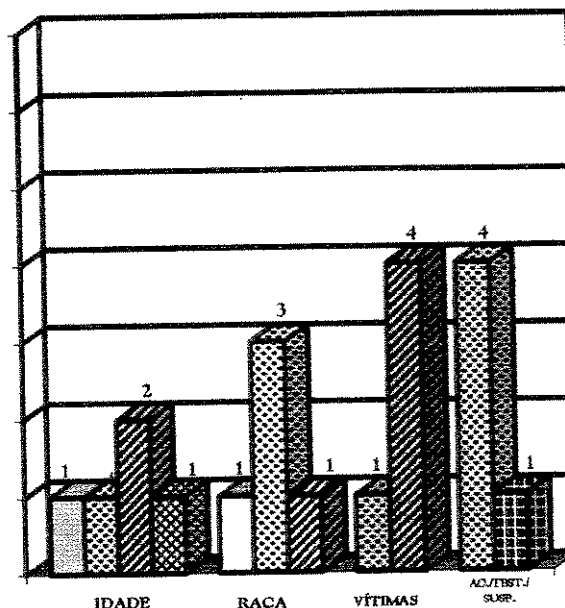


Gráfico 20A - AA - 29/07



Envolvidas/Quantificação - CIDADE ALERTA - CA

Gráfico 21 - CA - 28/07

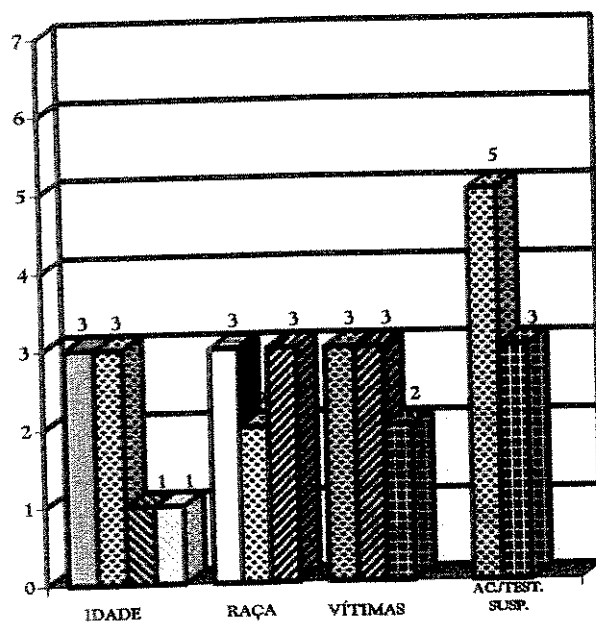
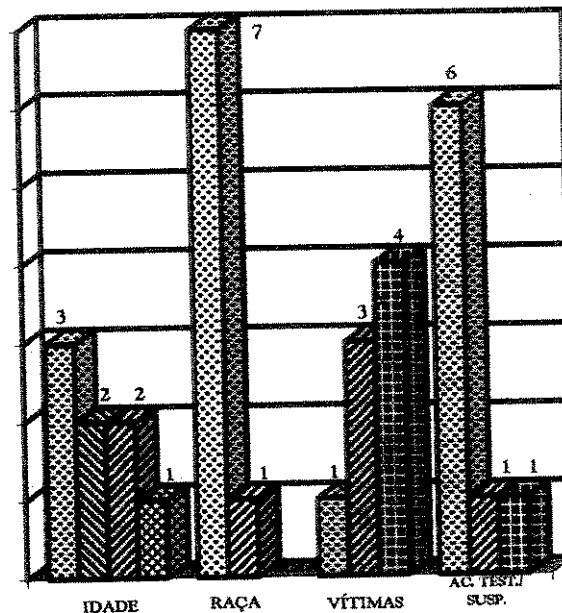


Gráfico 21A - CA - 29/07



☒ S/REFERÊNCIA	☒ CRIANÇA
☒ 12-17 ANOS	☒ 18-24 ANOS
☒ 25-34 ANOS	☒ 65 OU MAIS
☒ JOVEM	
☒ S/REFER.	☒ BRANCA
☒ MISCIGENADA	☒ VIOLÊNCIA
☒ NÃO ACIDENTE	☒ ACUSADAS
☒ NÃO TESTEMUNHAS	

*Envolvidas - Quantificação / Idade; Raça; Ocupação;
Vítimas; Acusadas; Testemunhas; Suspeitas - Aqui Agora e Cidade Alerta*

(Gráficos 20, 21, 20A, 21A)

Aqui Agora

O número referente às envolvidas na 1ª edição do *Aqui Agora* não foi significativo: apenas 4 pessoas do sexo feminino integraram este grupo de categorização, sendo 3 crianças (75%) e 1 jovem (25%).

Metade (2) enquadrou-se como miscigenada (50%). Houve 1 branca e 1 não teve referência racial (25% para cada um desses grupos).

Dessas envolvidas, 3 foram consideradas vítimas de violência (75%) e 1, de acidente (25%).

Nenhuma foi mencionada como acusada, testemunha ou suspeita (100%).

Na edição do dia 29/07, os números apresentaram-se próximos aos da amostra da reestréida do *Aqui Agora*: 5 mulheres estiveram associadas às reportagens.

Suas idades foram mais diversificadas em relação à 1ª edição: 2 foram apontadas como tendo entre 25-34 anos (40%); houve 1 criança, 1 adolescente entre 12-17 anos, 1 com 65 anos ou mais (todos estes grupos com 20% cada).

As brancas (3) foram em maior número, correspondendo a 60%. Uma das envolvidas não teve referência para raça, enquanto a outra foi identificada como miscigenada (20% para cada uma dessas qualificações).

A maioria (4) foi abordada como sendo vítima de violência (80%). Apenas 1 não se encaixou nesta denominação (20%).

Somente 1 representatividade foi incorporada ao grupo de testemunhas (20%). As outras 4 envolvidas não tiveram menção quanto à possibilidade de serem acusadas, testemunhas ou suspeitas (80%).

Em razão de as pessoas do sexo feminino ditas envolvidas nos assuntos do *Aqui Agora* serem em pequeno número em ambas as edições - um total de 9 mulheres -, as ocupações acabaram não tendo uma atribuição que fosse reveladora em uma possível análise. Mesmo assim, os resultados serão transpostos em uma única tabela, a Tabela 7, discriminada a seguir, a fim de que fiquem registrados os dados da pesquisa:

Tabela 7		AA/1º e 2º Dias - Ocupação	
<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>	<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>
Não Trabalha (Criança)	05	Artista	01
Sem Referência	03		

Observa-se que a primeira posição soma 115%: 75% no 1º dia e 40% no 2º. O segundo lugar totaliza 65%: 25% na 1ª edição e 40% na 2ª. A artista evidenciada na tabela acima equivale a 20%, verificados na 2ª amostra.

Cidade Alerta

Uma diferença de 11 mulheres a menos pode ser verificada nesta 1ª edição do *Cidade Alerta* se comparada a amostra relativa às entrevistadas no mesmo dia: as envolvidas, objeto desta análise, indicam que 8 pessoas do sexo feminino foram citadas como tendo estabelecido algum tipo de relação com os assuntos tratados.

Não houve referência para idade em 37% dos casos, o que equivale a 3 mulheres. Mesmo percentual (37%) situou as adolescentes com idades entre 12-17 anos (3). Observa-se que as envolvidas em faixa etária mais jovem ocupou as duas últimas posições restantes: 13% tinham entre 18-24 anos e os outros 13% enquadraram-se na categorização “jovem” com 1 indicativo cada.

Sobre as raças os resultados obtidos foram os seguintes: 37% das envolvidas foram consideradas miscigenadas, mesmo percentual compartilhado por aquelas

em que não foi feita qualquer referência (37%), o correspondente a 6 mulheres no total. As brancas ficaram na última posição com 26% (2 envolvidas).

Houve relatos para 37% das envolvidas (3) quanto à indicação de terem sido vítimas de violência. As vítimas de acidente foram 2, o equivalente a 26%. Não foram consideradas vítimas 3 mulheres (37%).

A maioria (63%) não foi mencionada como acusada, testemunha ou suspeita (5 casos). Testemunhas foram somente 3 (37%).

Destaque-se que não houve referência para ocupação.

A edição subsequente manteve o mesmo número - 8 - de mulheres citadas como envolvidas nas reportagens de alguma forma, comparando a amostra anterior. As idades delas variaram de 12-17 anos para o primeiro grupo (37%). As envolvidas entre 18-24 anos e 25-34 (4 no total) apareceram em segundo lugar, o correspondente a 25% para cada posição. Uma dessas mulheres (13%) tinha 65 anos ou mais.

A grande maioria (7) dessas pessoas do sexo feminino era branca (87%). Apenas 1 foi enquadrada como miscigenada (13%).

As 8 mulheres que estiveram associadas às matérias veiculadas por este telejornal tiveram suas ocupações registradas como segue:

Tabela 8		CA/2º Dia - Ocupação	
<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>	<i>Profissões</i>	<i>Nº</i>
Sem Referência	06	Não Trabalha (Presa)	01
Artista	01		

Devido aos 76% de envolvidas situadas na primeira posição, vale apenas mencionar que as outras duas indicações estão estabelecidas em 12% cada.

Considerando que a 2ª edição do *Cidade Alerta* apontou 31% de temas ligados a acidentes, 50% das envolvidas (4) localizaram-se nesta modalidade de análise. Mencionou-se que 3 mulheres teriam sofrido algum tipo de violência (37%). Somente 1 não se enquadrava em nenhum grupo (13%).

Houve apenas 1 acusada e 1 testemunha (13% cada). As 6 restantes não se situaram como acusadas, testemunhas ou suspeitas (74%).

*Envolvidos (N) - Quantificação / Idade; Raça; Ocupação;
Vítimas; Acusados; Testemunhas; Suspeitos - Aqui Agora e Cidade Alerta*

Sexo Masculino

Os envolvidos (n) foram incluídos na metodologia com o intuito de verificar como os telejornais tratam os grupos mais genéricos de pessoas associadas às matérias. Como já se explanou, esses envolvidos - discriminados nos Gráficos 13 e 13A - não podem ser quantificados de maneira individual. Assim, todas as vezes em que a descrição dos dados apontar para determinado número, é importante pensar não em quantificação particularizada, mas, em indicação grupal para cada categoria proposta.

Na análise da 1ª edição referente ao *Aqui Agora*, houve 3 grupos de envolvidos (n), sendo apenas 1 do sexo masculino (33%). Como não houve menção para idade e raça, bem como para as modalidades vítimas e acusados na amostra de reestréia do *Aqui Agora*, apenas foi possível identificar a “ocupação” deste grupo de homens: indigentes. Já no *Cidade Alerta*, a falta de indicativos também está presente, sendo possível somente localizar este único grupo (100%) como sendo formado por policiais, os quais não foram vítimas, mas, testemunhas de algum acontecimento relatado.

As edições posteriores de ambos os telejornais remetem a números um pouco mais significativos: o *Aqui Agora* fez referência a 5 grupos do sexo masculino e o *Cidade Alerta*, a 16. Tais grupos foram enquadrados, respectivamente, como sendo:

- 1 jovem e 4 sem referência para idade; 5 sem referência para raça; 3 eram policiais, 1, formado por funcionários de empresa e a ocupação do outro não foi indicada; 4 não foram vítimas e 1 enquadrou-se como outra vítima; 2 foram acusados e 3 não (AA);

- 14 sem ter as idades especificadas, 1 era criança, o outro, jovem; não foi feita menção para raça em todos os casos; 9 eram policiais, 2, ligados à segurança pública, 1 foi qualificado como segurança particular, outro não trabalha porque está preso e 3 não tiveram referência profissional; 1 grupo foi considerado vítima de violência, 2 enquadraram-se como outras vítimas e 13 não sofreram quaisquer tipos de danos; 2 foram acusados, houve 2 testemunhas e 12 não foram indicados como acusados, testemunhas ou suspeitos (CA).

Sem Referência de Sexo

Não houve ocorrência de envolvidos (n) sem referência de sexo na edição do dia 28/07 do *Cidade Alerta*. O *Aqui Agora* mencionou 2 grupos na 1ª edição (67%), mas não os situou em relação à idade e nem à raça; 1 era indigente e outro não teve atribuição de ocupação; não houve vítimas; 1 foi mencionado como integrando testemunhas e outro, suspeitos.

A 2ª edição de ambos os telejornais divulgou maior número de envolvidos (n) que não foram identificados quanto ao sexo: 12 no *Aqui Agora* e 10 no *Cidade Alerta*. Os resultados mais específicos são os seguintes:

- Não teve indicativos para idade e raça no telejornal do SBT na referida amostra, mas, soube-se que se tratavam de 3 grupos de policiais, 1, de pessoas ligadas à segurança pública e 8 sem referência ocupacional; enquadrados como outras vítimas foram 5 e 7 não apareceram como vítimas; registrou-se 1 grupo de acusados, mas, 11 não foram qualificados como acusados, testemunhas ou suspeitos.

- O noticiário da Record não mencionou em 9 dos grupos a idade de seus envolvidos (n), mas, indicou a existência de jovens em 1 dos casos; não foram citadas as raças dos grupos assim como em 5 dos indicativos para ocupação; 2 eram incorporados por policiais, 1, formado por funcionários de empresa, 1 estava

integrado à economia informal e 1 grupo situou-se na denominação para outras profissões; houve menção para 1 grupo de suspeitos e 1 de testemunhas e 8 não foram considerados acusados, testemunhas ou suspeitos.

Sexo Feminino

Apenas 1 (3%) grupo de envolvidos (n), pelo qual não é possível quantificar o número de pessoas que dele fazem parte, foi mencionado pelo *Cidade Alerta* na 2ª edição como sendo do sexo feminino. Tratou-se de adolescentes (entre 12-17 anos), consideradas vítimas de exploração sexual, cuja temática está enquadrada em Violência sem Referência por não terem sido discriminados, na reportagem, os meios pelos quais tal exploração ocorria. A este grupo não foi atribuída menção sobre raça e ocupação, assim como essas envolvidas não foram consideradas nem acusadas, nem testemunhas ou suspeitas.

Imagens da Violência, Discursos Vazios

Os resultados³¹ alcançados na pesquisa a respeito da veiculação de imagens da violência nos telejornais *Aqui Agora* e *Cidade Alerta* confirmam uma suposição anterior e desembocam na seguinte avaliação: a narrativa ainda é o instrumento mais eficaz para tratar assuntos dessa natureza, pois imagens - documentais - violentas dificilmente conseguem ser captadas no instante exato de sua ocorrência. Retome-se aqui uma definição de violência a fim de favorecer melhor entendimento para o desenvolvimento deste tópico: "Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indiretamente, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a várias pessoas, em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas ou culturais".³²

Tal definição contém um amplo espectro para análise, contudo, é o ponto de partida para a compreensão de quais resultados serão abordados neste momento. A metodologia de pesquisa previu a codificação dos dados referentes às temáticas de Violência com Ameaça, Violência sem Ameaça, Violência sem Referência e Contexto de Violência. Eles já foram explorados no decorrer das análises, dando uma noção geral de como os telejornais trataram estas (e outras temáticas). Tomando por base a conceituação acima, todo este conjunto de categorias de violência estaria incluído nela - exceto a que se refere a Contexto, dependendo do caso -, pois remete a ações humanas que causam danos às pessoas.

Particularizando esta problemática que indica que a violência enquadra-se como um objeto de amplitude inquestionável, não serão focalizadas aqui as violências sem ameaça, sem referência e voltadas a um tal contexto. Isso se justifica

³¹ Tais dados codificados estão registrados na *Grade III*, Capítulo 4.

³² MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo, Ática, 1989. No Capítulo 1, a conceituação de Violência foi abordada de forma ampla, entretanto, foram selecionados conteúdos que relativizassem definições mais voltadas ao âmbito deste trabalho.

através de uma consideração a respeito da própria definição de violência. A análise do fenômeno induz à percepção de que há determinadas ações - sempre humanas - inerentes à violência. Seriam elas a intencionalidade, a premeditação, a intimidação. Assim, os conteúdos que interessam ao desenvolvimento das análises a seguir são aqueles que concernem à Violência com Ameaça, por serem profundamente arraigadas a esta modalidade as ações discriminadas anteriormente.

Para este tipo de estudo, a metodologia foi adequada de maneira a favorecer o registro dos dados referentes às notícias que foram codificadas com a indicação desta categoria. Foram incluídas todas as reportagens passíveis de ter esta atribuição, a partir de uma análise que decorreu de metodologias anteriores (*Grades I e II de Codificação*) e que tomou por base o conjunto de elementos ligados aos acontecimentos, fossem eles apresentados com ou sem imagens de violência. Posteriormente, foi realizada uma indicação se a notícia possuía ou não imagens específicas relacionadas ao assunto abordado. Finalmente, mediu-se o tempo de duração dessas notícias³³. Os resultados são os seguintes, avaliando as duas edições conjuntamente:

- De um total de 13 notícias (35min09s) veiculadas pelo *Aqui Agora*, 6 estiveram relacionadas à Violência com Ameaça (13min05s). Em apenas 3 delas foram registradas Imagens da Violência (4min54s).

- Somando as 42 reportagens exibidas pelo *Cidade Alerta* (2h27min20s), 14 matérias incluíram-se na temática de Violência com Ameaça (52min42s), sendo apenas em 6 a existência de Imagens Violentas (26min49s).

³³ Não foi mensurado o tempo que as imagens relacionadas à violência foram exibidas durante as matérias nas edições dos telejornais. As experimentações com essa finalidade demonstraram que a conclusão dessa tarefa seria um tanto exaustiva, requerendo um esforço que despenderia muito tempo. Foi considerada, também, a amplitude da metodologia, a dificuldade no registro e tabulação dos dados e amplo potencial de análise que estaria embutido nos resultados obtidos. Percebeu-se que, para esse fim, seria necessária uma prévia edição (em Ilha) do material: isso facilitaria a mensuração dos fragmentos de interesse.

Os dados confirmam: a narrativa oral é mesmo a principal forma de estes dois telejornais manterem a sua linha editorial, que prioriza a apresentação de conteúdos violentos. Talvez isto explique a razão de o *Aqui Agora* e o *Cidade Alerta* entrevistarem muitas pessoas. Elas acabam sendo, senão as principais, relevantes fontes de informação (também transformadas em “imagens”) para contar como determinados assuntos aconteceram, principalmente na ausência de imagens específicas dos fatos relatados.

Paternostro diz que quando o telespectador liga a televisão para assistir ao telejornal ele quer saber as notícias, “tomar conhecimento dos fatos através da imagem de tais fatos.”³⁴ Pela própria natureza de um veículo - audiovisual - como a televisão, é realmente sem finalidade elaborar produtos que não contenham imagens. “Não se faz TV sem imagem, mas a *palavra* tem o seu lugar.”³⁵ E é justamente neste ponto que o problema se amplia.

Antes de abordar a questão, torna-se necessário mencionar a referência de Clóvis Rossi, na introdução de seu livro “Vale a pena ser jornalista?”, a uma outra publicação sua, na qual iniciava assim: “Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos, leitores, telespectadores e ouvintes.”³⁶

O próprio autor ressalta, a respeito dessa definição, que não é importante propriamente retificá-la, mas, enriquecê-la, completá-la. A realização dessa tarefa, porém, acaba por ser um tanto decepcionante nos dias atuais. A prática do jornalismo profissional tem se distanciado demais da poética forma como Rossi pontuou esta profissão. No caso dos telejornais - dos meios audiovisuais de forma geral -, a imagem, obviamente, sempre foi muito valorizada, em função de ser um de seus principais elementos com potencial lógico, narrativo, dramático e

³⁴ PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV*, manual de telejornalismo. São Paulo, Brasiliense, p. 49, 1987.

³⁵ Idem, Ibidem

³⁶ ROSSI, Clóvis. *Vale a pena ser jornalista?* São Paulo, Moderna, p. 5, 1986. Ele citou seu outro livro, *O que é jornalismo*, São Paulo, Brasiliense, 1980.

documental (pelo menos, de registro, embora questionável em seu grau de veracidade, de imparcialidade).

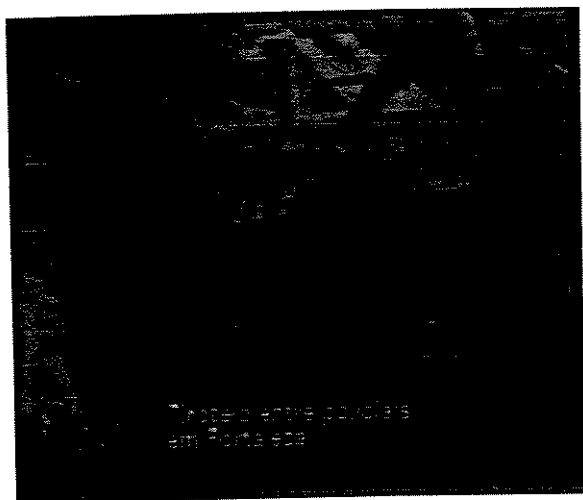
A imagem é inerente à condição técnica e comunicativa dos meios audiovisuais. O problema é quando a *concepção do todo* fica à margem. Se a atenção voltar-se só para um ou outro elemento dos meios, como a imagem, o caráter orgânico da produção audiovisual se desvanece: o risco de incorrer na falta de *informação significativa* é imenso. De modo geral, os meios (os profissionais) parecem ter se comportado a partir dos “improvisos” decorrentes de falta de pesquisa, investigação, critério, discernimento, ética, consideração pelos receptores e pela qualidade da programação. Devido ao caráter da televisão, a fragmentação se impõe, modelando várias instâncias de percepção no espectador: este seria um dos princípios da espetacularização da realidade, instrumento eficaz na conquista de audiência que, por sua vez, é “convidada” a fragilizar seu entendimento e sentimento sobre os fatos, já que estes, “teatralizados”, acabam sendo mostrados de maneira banalizada. Retome-se aqui o exemplo das imagens de acidentes e de violência veiculadas no *Cidade Alerta* que, na verdade, funcionavam como pretexto para a divulgação das promoções (“Disque 0900”) - e não o contrário. Mas não é só através de imagens que a espetacularização se dá. Os discursos têm um papel fundamental para o estabelecimento - premeditado - da espetacularização, certamente uma forma de violência, aparentemente sutil, mas que tem se tornado inseparável desses meios e cujas consequências são difíceis de medir.

No caso do *Aqui Agora* e do *Cidade Alerta*, não se pode afirmar que estes programas não se preocupem com as imagens³⁷, mas, o peso que a palavra tem dado a essa conquista de “mentes e corações” é significativo. Na sequência, um

³⁷ Isso quer dizer que qualquer meio audiovisual, obviamente, considera a imagem como um de seus principais elementos e precisa dela para justificar a existência do veículo, portanto, a preocupação citada acima em relação aos telejornais estudados não está contextualizada a partir de uma análise de concepção, produção, critério e qualidade técnica.

breve balanço entre *Imagens da Violência e Discursos Vazios*³⁸ (os quais dizem por si mesmos, não requerendo novas análises, a não ser na conclusão do trabalho).

Imagem 29 - AA/2º Dia

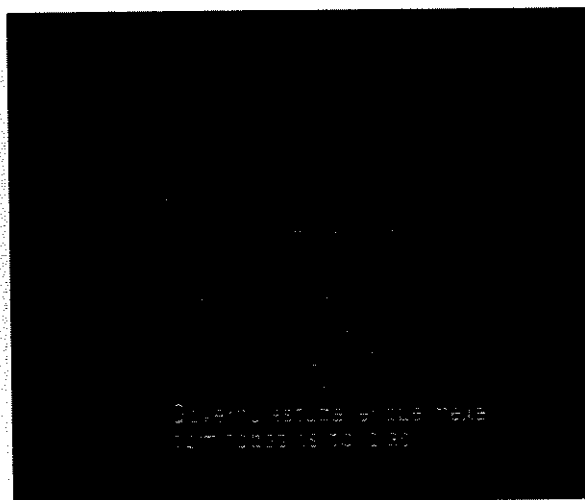


Policial fortemente armado em tiroteio

“A situação pegou fogo na minha querida Fortaleza.”

“Fortaleza foi transformada num palco de guerra.”

Imagem 30 - AA/2º Dia



Grevistas da PM:
violência na corporação

³⁸ Neste tópico, estão evidenciados fragmentos das imagens que foram codificadas como sendo de Violência com Ameaça: um exemplo para cada notícia. Os comentários aqui explicitados relacionam-se às imagens selecionadas, mas, é válido verificar que a espetacularização não pode ser considerada como uma estratégia cujo efeito ou conteúdo somente estaria arraigado ao assunto de origem. Tomando o caráter orgânico das produções audiovisuais, vale citar a premissa contida na teoria da Gestalt: “O todo é maior do que a soma das partes”. Assim, ver o Apêndice (vídeo), que tem potencial para melhor demonstrar o fenômeno da espetacularização.

Imagem 31 - CA/2º Dia

“Essa é uma matéria muito especial, você deve prestar atenção.”

“Quando os policiais chegaram no esconderijo, de madrugada, foram recebidos à bala.”



Policiais durante ação de prisão à organização criminosa

Imagem 32-CA/2ºDia



“Vender segurança, vender armas, armas de grosso calibre.”

“A existência de um grupo paramilitar chamado: Mãos brancas.”

Armas apreendidas eram vendidas e usadas em segurança ilegal

Imagem 33 - AA/1º Dia



Corpo de taxista logo após ser assassinado

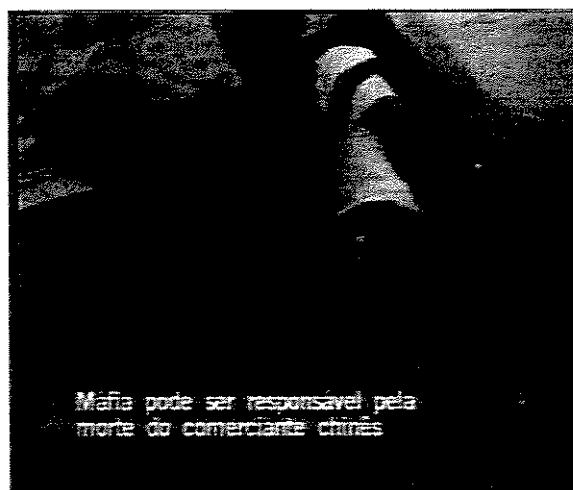
“Segunda-feira quente em São Paulo e segunda-feira quente em todo o Brasil.”

“Mais um homicídio na cidade de São Paulo.”

Imagem 34 - CA/1º Dia

“Lamentavelmente, a chamada máfia chinesa é uma realidade no Brasil.”

“O motivo desse crime é um mistério.”

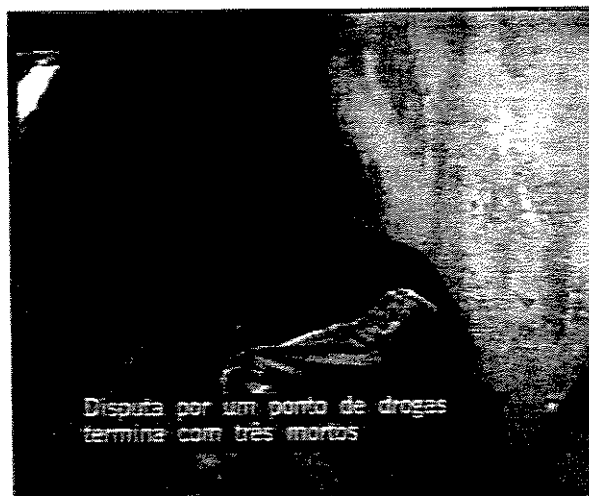


Homicídios contra comerciantes: máfia chinesa?

Imagem 35 - CA /1º Dia

“Todo mundo comentava que ele era um menino bom.”

“Acabou morrendo de uma forma tão violenta assim, né?”



Tráfico de drogas faz mais vítimas

Imagem 36 - CA/1º Dia

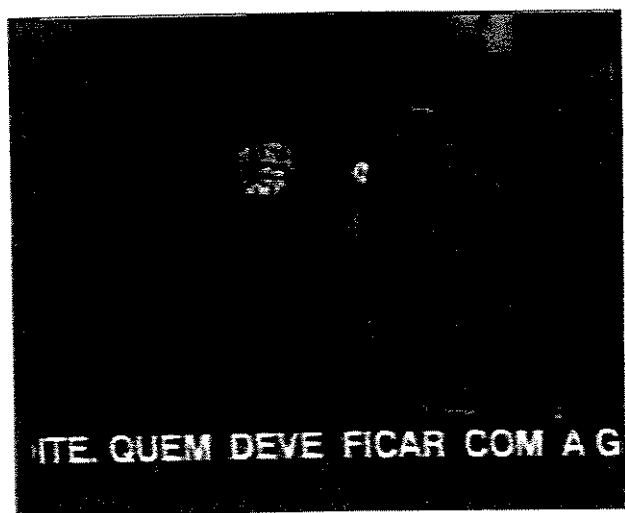


Caixão com corpo de comerciante assassinado é carregado por moradores

“A violência já chegou no Nordeste. Três pessoas são assassinadas em menos de uma semana, lá.”

“Revoltados com a onda de violência, os moradores fecharam o comércio e o trânsito em protesto, pedindo justiça.”

Imagem 37 - CA/1º Dia

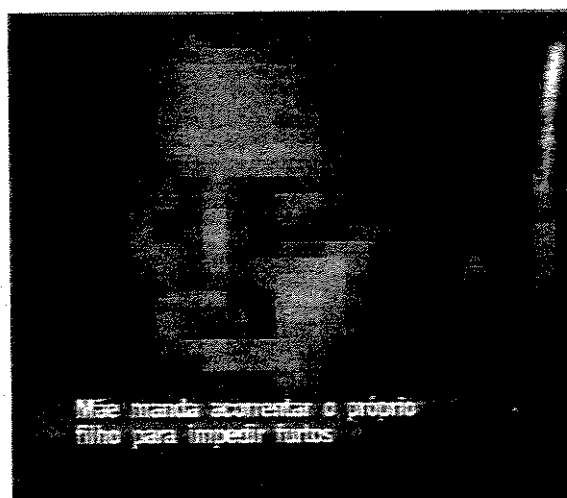
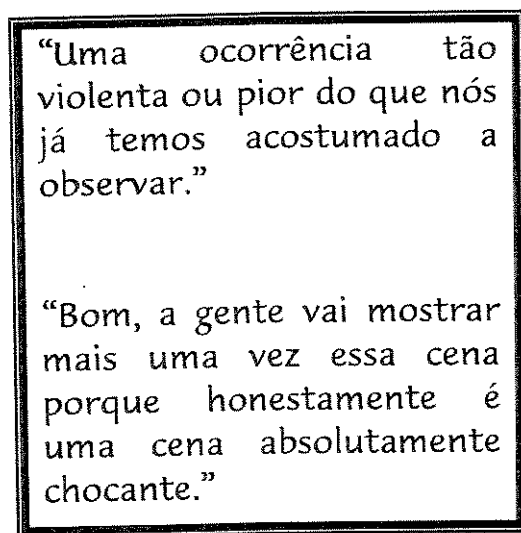


Criança foi acorrentada porque,
segundo a mãe, praticava pequenos
furtos

“Algo absolutamente
violento e de uma
barbaridade a toda prova.”

“Olha, aqui está, meu Deus
do céu, isso é uma cena
impressionante.”

Imagem 38 - CA/2º Dia



Ao contrário do dia anterior,
menino aparece com tarja
eletrônica

Conclusão



A adequação e aplicação de metodologia para estudo de telejornalismo sensacionalista foram decorrentes de toda a forma estrutural com que esta dissertação foi organizada. Desafio tríplice, por serem incorporados à pesquisa objetos tão amplos como a violência, a televisão, a espetacularização. Maior ainda é o espectro quando a pesquisa desemboca na realização de análises morfológica e de conteúdo, tendo como exemplos dois telejornais de âmbito nacional.

O que se evidencia é que esses objetos são relevantes e carecem de estudos conclusivos. A começar pela violência, a abordagem efetuada neste trabalho demonstra que se trata de uma questão complexa e que qualquer pretensão de se propor uma nova análise teórica sobre o problema esvai-se ao primeiro contato mais aprofundado com o tema.

Entretanto, percebe-se que o ponto de partida para enfrentar a problemática é justamente focalizar a atenção no campo multiteórico no qual se encontra a violência. Apreende-se que a violência é inerente à condição humana e que ela é passível de ser entendida de maneira errônea, principalmente quando comparada à agressão. Que as manifestações de violência têm suas peculiaridades de acordo com a maneira como as sociedades estão organizadas, por isso, qualquer análise deve considerar os dados históricos e culturais. Que a luta contra a violência quase sempre é uma forma de violência e que o processo de controle gera a desordem, assim como a falta de controle, o que atesta, assim, o caráter ambivalente do fenômeno. Também deve ser levado em conta que há violências mais passíveis de ser identificadas e outras não.

Focalizando esses indicadores, em linhas gerais, é possível extrair uma definição operacional que, embora não aprofunde o problema, pelo menos revela como a metodologia proposta para esta pesquisa foi conduzida: a violência é própria dos seres humanos e está arraigada a ações de intencionalidade, premeditação e intimidação.

Da mesma forma como pontuou-se que o campo da violência necessita de estudos mais conclusivos estão as investigações voltadas à violência na televisão. Preocupação permanente de pesquisadores, a maior parte dos estudos realizados associa a violência na TV aos aspectos do comportamento humano agressivo. Os efeitos catárticos também têm merecido certa atenção, mas ainda não há estudos suficientes. A própria noção de catarse parece não estar definida a contento no meio científico. Assim, os indicadores nem sempre conseguem delimitar a problemática da influência da TV com alguma coesão. Os estudos laboratoriais são muito recorrentes e há de se considerar que ambientes de controle podem induzir a resultados também amplamente controlados, podendo fragilizar os dados encontrados, ainda mais se o ponto de partida para a realização dessas pesquisas estiver incorporado da premissa de que os receptores sejam, geralmente, passivos. Também causa estranhamento o fato de inúmeros experimentos serem levados adiante mesmo que haja indícios de que crianças submetidas à exposição prolongada e demasiada a cenas de violência demonstrem certos tipos de comportamento agressivo quando adultas.

De grande volume é a produção de pesquisas sobre violência na televisão, mas não no Brasil. O País ainda não elaborou suficientemente experiências científicas nessa área e, embora estudos no campo da recepção audiovisual tenham se constituído em uma importante linha de pesquisa em comunicação - a partir das contribuições latino-americanas e brasileiras que objetivam a construção de uma Teoria da Recepção -, eles ainda são poucos. Deve ser pontuado, porém que, embora em pequeno número, essas pesquisas empíricas têm sido consideradas influentes. Entre elas, encontram-se a leitura crítica dos meios de comunicação, as culturas nacionais, recepção de telenovela, lazer e cotidianidade, usos populares dos meios. Os resultados alcançados têm um caráter de originalidade: a construção teórica decorrente aponta para um distanciamento das anteriormente consolidadas teorias de passividade e de manipulação dos receptores pelos meios de comunicação.

A contribuição talvez mais fundamental desses trabalhos é a de que eles demonstram esforços para retomar a unidade do objeto da comunicação. Ressalte-se que a análise de seus componentes há muito tem sido enfocada como reducionista. É válido lembrar o clássico "Paradigma de Laswell", elaborado pelo cientista político Harold Laswell em 1948. Ele propôs um modelo para orientar o exame científico dos variados aspectos da comunicação de massa, implicando modalidades específicas de análise do processo comunicacional para cada elemento. Este modelo pode ser representado, em linhas gerais, dessa forma: QUEM (análise de controle) disse com que *intenções* O QUÊ (análise de conteúdo) em que CANAL (análise dos meios) a QUEM em que *condições* (análise da audiência) com que EFEITOS (análise do efeito - ligada a *quem*). O estudo de cada uma dessas questões teve uma produção imensa a partir dos anos 50, entretanto, atualmente essa tendência tem sido considerada uma das características mais negativas da pesquisa em comunicação.

Daí se apreende que o objetivo de não incorrer no parcelamento gerado pelas pesquisas voltadas a um ou mais elementos do processo comunicacional toca em uma complexa problemática, quando se avalia que metodologias científicas para análise de conteúdo do audiovisual também não têm sido amplamente elaboradas e divulgadas no meio acadêmico. Assim, considera-se que o desenvolvimento de uma metodologia para análise morfológica e de conteúdo, em sua modesta contribuição, constitui avanço no estudo da comunicação no Brasil em campos ainda tão carentes de pesquisas, como o do telejornalismo e da violência na televisão.

Acredita-se que tal proposta possa favorecer a retomada da unidade do objeto da comunicação principalmente se for seguida outra tendência da pesquisa na área no Brasil e no mundo: a interdisciplinaridade. Avanços significativos, porém, devem ser alcançados com o agrupamento de maior número de pesquisadores em torno dos vários elementos do processo comunicacional. Depreende-se que, para um pesquisador isolado, enfrentar um campo multitéorico no âmbito da comunicação é tarefa difícil e se, em contrapartida, há um potencial

de contribuição, por outro, todo um trabalho pode se esvaziar se não existir um processo continuado de avaliação e reavaliação dos indicadores mais relevantes. Isso significa que os estudos de recepção, os quais têm demonstrado priorizar vários enfoques da comunicação, devem considerar metodologias voltadas aos conteúdos e aos formatos de produtos audiovisuais e seus resultados. O binômio produtor-espectador revela que se for dada atenção apenas à recepção, as próprias metodologias para esse fim podem estar comprometidas se antes não forem conhecidos com maior profundidade os conteúdos dos meios.

No caso da metodologia proposta para esta pesquisa, é possível verificar que ela foi elaborada de forma abrangente em consequência de pretender carregar em si potencial para confirmar ou não algumas suposições levantadas a respeito das estratégias de como os telejornais tomados como exemplo exploram conteúdos violentos. Tal abrangência - que perpassa a realização de análises morfológica e de conteúdo - se deve ao fato de, logo de princípio, ter sido possível observar que uma das estratégias mais marcantes desses programas é a maneira ambivalente de apresentar as notícias. Essa ambivalência está centrada no caráter de espetacularização de conteúdos e este não ocorre de forma isolada. Por isso, pensou-se que seriam alcançados resultados mais fragilizados se a metodologia estivesse estruturada com enfoque prioritário para a temática da violência.

As constatações extraídas da pesquisa, embora não sendo surpreendentes por vezes, de um modo geral, evidenciam que as linguagens ditas “documentais” sofrem inúmeras mutilações se for tomado por base o seu sentido originário: elas deveriam valorizar a alta taxa de informação, a imparcialidade, a investigação, critérios e discernimentos palpados na ética. Obviamente a pesquisa demonstrou que tais premissas não são seguidas pelos telejornais estudados, já que estes buscam audiência justamente através de instrumentos de espetacularização da “realidade”. A natureza comercial de programas veiculados em redes pertencentes a este sistema estimula esse tipo de fenômeno, cada vez mais freqüente nos canais televisivos do País. Como já afirmava Roberto Mulyaert, que ocupou o cargo de

diretor-presidente da TV Cultura (televisão estatal educativa), “Quem busca audiência não persegue qualidade”.

A escolha do *Aqui Agora* e *Cidade Alerta* como exemplos de telejornais sensacionalistas foi plenamente justificável. Neles, está embutido formato estandardizado, cujas principais características são reveladas pelo tratamento dado às notícias com ou sem conteúdos violentos.

É necessário explicitar melhor o que se entende por instrumentos de espetacularização. Eles se salientaram para cada telejornal analisado de uma forma diferenciada, contudo, mantendo uma mesma linha editorial, distinta somente no que concerne à duração dos programas e à incorporação de outras temáticas.

Em resumo, isso significa que o *Cidade Alerta* teve mais condições de explorar outros assuntos que não somente o da violência - como acidentes de trânsito, sensacionalismo com e sem conteúdo violento, assistencialismo através de coberturas filantrópicas e de defesa dos direitos do cidadão, principalmente do consumidor -, e abusar das promoções voltadas ao “Disque 0900” - que constituíram a base de sustentação financeira do programa na época de sua coleta amostral. Note-se que acontecimentos ligados à violência e acidentes foram os que tiveram maior divulgação.

Já o *Aqui Agora*, em seu formato mais reduzido, teve poucas chances de ampliar as temáticas de suas notícias como seu concorrente, o *Cidade Alerta*, por isso, a violência teve maior destaque em suas duas edições.

Comparando ambos os programas, há um diferencial importante em relação ao apelo emocional. Enquanto o apresentador João Leite Neto tinha por característica uma abordagem menos emotiva em relação aos assuntos mostrados - até por questões de características pessoais -, Ney Gonçalves Dias tentava incorporar um estilo bem mais personalizado, aparentemente muito envolvido com os conteúdos das notícias, tentando passar sua indignação diante dos fatos. Em contrapartida, essa situação se inverte se forem tomados os repórteres como exemplo: para reforçar a análise, posicionavam-se de maneira menos emocional os

jornalistas do *Aqui Agora* e muito mais “envolvida” na cobertura das reportagens a equipe do *Cidade Alerta*.

Os discursos vazios, entretanto, são comuns aos dois telejornais. Seus formatos deixam claro que não há uma preocupação na devida apuração das notícias. Por isso, a baixa taxa de informação evidencia-se, ainda mais se for considerado o tempo destinado à cobertura jornalística dos assuntos, uma média de três minutos, o triplo de tempo destinado ao tratamento dado pelo “Jornal Nacional”, por exemplo. Isso não significa que o exemplo dado seja o equivalente de um modelo ideal de cobertura jornalística. Este e outros telejornais têm demonstrado uma tendência à exploração dos *faits divers* e, a cada dia que passa, assuntos de interesse da opinião pública acabam sendo menos divulgados ou tratados de forma superficial.

Aliás, a superficialidade tem ficado cada vez mais próxima das coberturas de programas informativos. Retome-se a avaliação do então diretor de jornalismo da Rede Globo, Armando Nogueira, quando este afirmava que o ideal para o “Jornal Nacional” era o máximo de notícias no menor tempo possível. Este tipo de objetivo continua a fazer parte do padrão desta emissora, que busca a agilidade na cobertura jornalística. Mas há de se considerar que seguir esta premissa nem sempre representa a busca do máximo de informações no menor tempo possível como prega a Teoria da Informação proposta por Claude Shannon e Warren Weaver, em 1947, embora esta seja mais voltada à eficiência do processo comunicacional do que à sua qualidade.

Neste trabalho, as análises morfológica e de conteúdo indicam que os telejornais estudados distanciam-se completamente dessa estratégia: não há agilidade nas notícias apresentadas e o pior é que a taxa de informação é reduzidíssima. Daí a grande exploração do caráter ambivalente na apresentação dos assuntos - ou seja, da espetacularização -, cujas conseqüências são difíceis de medir em relação ao comportamento do espectador, já que este pode ter suas instâncias de percepção fragilizadas, considerando que seja um receptor assíduo de

conteúdos dessa natureza. Isso pode ser explicado a partir da definição do que seja banalização: que tem por caráter a frivolidade, a futilidade, a trivialidade, a vulgaridade e a constância com que determinados fenômenos são manipulados. O conceito de manipulação ora utilizado está presente nos conteúdos dos dois telejornais analisados devido ao tratamento dado às matérias.

Como exemplo de tais estratégias, o *Cidade Alerta*, ao difundir os caracteres referentes aos sorteios do “Disque 0900”, bem como a presença do “animador” dessas promoções, a qualquer momento da apresentação das notícias, independentemente de seu conteúdo, representa o caráter ambivalente da espetacularização. Imagens da violência e de acidentes podem ter sido exibidas, mas isso não impede que o “animador” surja na sequência sorridente e “Feliz” por chamar a atenção para as possibilidades de os espectadores serem os sorteados da noite, ganhando carros Zero quilômetro. Somem-se a esses aspectos o tom emocional de repórteres e os textos decorados pelo apresentador com teor de narrativa folhetinesca, recheados de comentários baseados em impressões pessoais, o que remete aos discursos vazios aqui mencionados.

Quanto ao *Aqui Agora*, os instrumentos de espetacularização adequam-se ao seu tempo de duração. Por isso, o telejornal respalda sua forma de apresentar os assuntos basicamente no tom emocional do apresentador e nas temáticas veiculadas, sendo a mais importante a da violência. Ressalte-se que o papel do apresentador, neste caso, é fundamental para justificar como este programa está vinculado ao espetáculo. É exacerbada a maneira como o apresentador comenta os acontecimentos veiculados, também incorporados de impressões individuais: ele se porta como alguém que canalizaria as indignações dos espectadores diante de fatos principalmente violentos, entretanto, as instâncias de percepção dos receptores podem ser influenciadas pela exagerada dramatização, ocasionando uma possível dispersão em relação aos conteúdos anteriormente mostrados, com conseqüente atenuação e diluição da impressão (ou entendimento) inicial que se teve dos assuntos. Tal dinâmica funcionaria desse modo: o espectador encontra alguém que

se “responsabiliza” pelas indignações humanas, desliga a televisão ou muda de canal e talvez se porte como uma pessoa além dos dilemas da humanidade, não percebendo que pode ser co-responsável pela eclosão da violência no mundo a partir de sua postura passiva e descompromissada.

Somente a título de ilustração, os “Disques 0900” não eram divulgados pelo *Aqui Agora*, no entanto, o telejornal saiu do ar para dar espaço a um maior tempo de exposição do programa “Fantasia”, totalmente voltado a esse tipo de lucro fácil. Isso reforça o quanto o aspecto financeiro pesa nas opções realizadas pelas emissoras comerciais em questão.

Um outro elemento relevante na forma de tratamento das notícias em ambos os telejornais nos dias pesquisados refere-se ao destaque dado às corporações policiais (Polícia Militar, Polícia Civil e Corpo de Bombeiros) do País. Enquanto o *Cidade Alerta* valorizou o trabalho desenvolvido por essas corporações, enfatizando inclusive sua eficiência e importância social, o *Aqui Agora* destacou essas mesmas instituições de um outro ponto de vista: estas estiveram associadas a conflitos que acabaram por desembocar em ações violentas por parte de seus integrantes.

O tratamento muitas vezes longo dado às matérias principalmente no *Cidade Alerta* deve-se à cobertura das atividades realizadas por bombeiros no atendimento às vítimas de acidentes no trânsito. Inclusive o apresentador João Leite Neto chegou a mencionar que tal corporação seria considerada “uma das mais perfeitas do Brasil”. Destaque-se, contudo, que o *Aqui Agora* também fez uso das imagens ligadas às atividades cotidianas das polícias nacionais: o problema é que não se justificou a presença dessas reportagens no telejornal, já que a falta de informação imperou de tal modo que não se sabia o porquê de serem veiculados tais assuntos. A contradição inerente a esta conduta da emissora é que, novamente, as instâncias de percepção dos espectadores podem ser “manipuladas”, já que o telejornal ora valoriza as corporações enquanto prestadoras de serviço essencial à segurança da população ora demonstra os conflitos concernentes ao

funcionamento dessas instituições creditadas como sendo de controle da violência. Se houvesse uma investigação ao menos criteriosa, a alta taxa de informação poderia ser garantida, se ligada à tentativa de imparcialidade e ética na cobertura das notícias, impedindo assim a sua banalização ou dispersão informativa.

Outro ponto que chama a atenção a partir da análise dos resultados da pesquisa é que, se a violência depende de instrumentos para sua execução, fica claro que eles foram amplamente explorados pelos programas. Não foram poucas as vezes em que armas foram mostradas, pertencentes ou a corporações policiais - integradas aos Aparelhos Repressores de Estado (ARE), cujos mecanismos de ação são de aparente controle da violência - ou pelos incluídos como acusados e suspeitos de cometerem atos violentos. Por isso, as imagens da violência captadas foram, na maioria, de armas de fogo - revólveres, metralhadoras, fuzis - e de vítimas justamente desses instrumentos manipulados por seres humanos: corpos fuzilados, embora não tão recorrentes, estiveram incorporados às imagens consideradas violentas.

Chama a atenção que o único instrumento exibido com potencial para o favorecimento de ações violentas que não esteve enquadrado nas modalidades acima foram correntes utilizadas para imobilizar uma criança. O *Cidade Alerta* explorou de forma demasiada o fato de uma mãe ter mandado acorrentar o próprio filho para impedir que ele cometesse pequenos furtos, utilizando o maior tempo destinado às notícias a este assunto. O problema do tratamento dado se amplia ao ser considerado o fato de que o menino em questão - a vítima - foi mostrado sem a tarja eletrônica prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente. Crianças não podem ter sua imagem divulgada na televisão quando estão envolvidas em conflitos de qualquer ordem. No dia seguinte, a mesma matéria, mais enxuta, foi divulgada, apresentando duas diferenças marcantes: a primeira é que no rosto do menino foi utilizada finalmente a tarja eletrônica, aparentemente fazendo com que o telejornal passasse a informação de que estava cumprindo as normas previstas neste estatuto; a segunda refere-se ao tratamento de ineditismo

dado à matéria - um evidente jogo forçado para denotar que o programa prioriza a exibição de assuntos os mais recentes possíveis.

O único acontecimento divulgado em ambos os telejornais no mesmo dia foi a morte violenta de uma artista plástica de 73 anos de idade. Ela fora queimada viva e teve seus pertences roubados na casa em que vivia sozinha. Obviamente, um ato tão premeditado assim concernente à eclosão da violência não poderia ser captado pelas câmeras de televisão. Assim, a narrativa foi a solução encontrada para destacar um fato trágico pertencente às mazelas humanas, contribuindo para a manutenção de uma audiência que, aparentemente, se satisfaz assistindo a esse tipo de “realidade” existente não só no Brasil como no mundo. O *Aqui Agora* destinou 1min56s para abordar esse assunto, “carente” de imagens. O *Cidade Alerta*, 2min53s, em uma cobertura penosa de informações. Mais uma vez, a relação de que um assunto tenha potencial de ser melhor apurado a partir de seu tempo de duração não corresponde à forma como as matérias são exibidas, pelo menos nos telejornais estudados.

Vale destacar que, como existe uma dificuldade inerente à captação de imagens violentas no momento exato de seu acontecimento, o *Cidade Alerta* e o *Aqui Agora* acabam fazendo uso de imagens registradas por cinegrafistas amadores. No primeiro caso, houve a presença marcante do cinegrafista Flávio Vanderlei (inclusive valorizada através dos caracteres na televisão) nas duas edições. A impressão que passa é que o programa tenta difundir que, se as imagens mostradas são de cinegrafistas amadores, essa seria uma das garantias de um tratamento especializado às notícias: “O fato realmente aconteceu. A maneira como a TV o está mostrando é da maior veracidade possível!” Isso remete a uma cotidianidade, a um registro aparentemente “natural”, não passível de ser manipulado pelas emissoras de televisão. Como foi grande o destaque dado a este cinegrafista, pode ser que esta seja apenas mais uma estratégia de espetacularização da “realidade”: ou seja, pode ser que ele seja profissional contratado pela emissora, mas, a maneira como ele é apresentado reforça que esse

tipo de atividade estaria inserida em uma possível garantia de fidedignidade dos fatos mostrados.

O *Aqui Agora* é analisado na mesma ótica somente em função de ter veiculado, na segunda edição, assuntos ligados aos “escândalos” envolvendo policiais: o caso da favela Naval, em Diadema (Grande São Paulo), que abordava o abuso de poder de alguns policiais contra pessoas supostamente inocentes. As cenas mostradas foram de tiros, agressões físicas, danos contra patrimônios individuais, assassinato. As imagens, também registradas por cinegrafistas amadores, foram amplamente veiculadas na ocasião de sua ocorrência em todas as emissoras de televisão do País.

Apenas para frisar que o *fait divers* constitui a tendência das emissoras comerciais nacionais, as atividades desenvolvidas por cinegrafistas amadores acabam por ser estabelecidas não somente como trabalhos eventuais e informais, mas, sim, em um novo campo profissional que se sedimenta em função de sua grande procura. Uma imagem considerada “indispensável” para determinada cobertura jornalística vem se valorizando comercialmente, chegando a valer muito, o que também atesta que se trata de uma área de atuação rentável.

Outro aspecto concernente ao potencial comunicativo da televisão, embora nem sempre baseado em questões éticas, é o que liga a imagem de apresentadores e repórteres ao sistema eleitoral político do País.

Um dos apresentadores da primeira versão do *Aqui Agora*, Ivo Morganti, após longo tempo de exposição no telejornal - quando este tinha maior audiência do que na época da coleta do material amostral - chegou a disputar o cargo de vereador da cidade de São Paulo, obtendo sucesso nessa empreitada.

O repórter Celso Russomano, na ocasião, conhecido como “justiceiro” nas questões envolvendo consumidores insatisfeitos, acabou seguindo a mesma conduta: elegeu-se deputado federal e encontra-se atualmente em seu segundo mandato. Ele passou a ser conhecido no primeiro *Aqui Agora*, mudou de emissora, já ocupando cadeira política na Câmara e passou a apresentar suas matérias

especializadas nos direitos do consumidor no *Cidade Alerta*, inclusive, divulgando seu número de telefone para atender aos espectadores. Após a Record, o repórter-político acabou indo para a Manchete, no programa “Mulheres”, onde comandava um quadro ainda mais especializado: ele se aproveitava nitidamente de sua condição de deputado para “defender” os consumidores presentes no estúdio dessa emissora, divulgando seus supostos projetos nessa linha que teriam sido enviados ao Congresso para apreciação: uma clara postura de manter o círculo vicioso que o sustenta - imagem na TV e cargos políticos.

O apresentador do *Cidade Alerta*, João Leite Neto, também procurou seguir os mesmos rumos de seus colegas: tentou eleger-se senador do Estado de São Paulo nas últimas eleições, contando com o apoio do atual presidente da República, Fernando Henrique Cardoso e do apresentador polêmico Carlos Massa, conhecido como “Ratinho” (hoje ele apresenta o “Programa do Ratinho” no SBT, mas, antes, assumia o comando do “Ratinho Livre”, exibido pela Record).

É curioso lembrar que, na época, “Ratinho” abusava de seus discursos contra o sistema governamental vigente, inclusive, incitando a população a votar em branco. Dias após essas eloqüentes manifestações de opiniões pessoais, ele estava ao lado do próprio presidente da República e do candidato a senador, colega de profissão, João Leite Neto, apoiando-o claramente: mais um dos usos que se faz do poder da televisão diante da opinião pública.

João Leite Neto, entretanto, não conseguiu se eleger, apesar do tipo de campanha realizada e de sua audiência no *Cidade Alerta*. Recebendo pedidos de telespectadores em troca de apoio eleitoral, Leite Neto chegou a afirmar com naturalidade: “Ligam e escrevem pedindo de cadeiras de roda a Viagra. Normalmente dizem quantos votos têm em casa. Fazemos uma triagem e pedimos ajuda no ar. Acho que atendemos no máximo uns 20% (dos pedidos).”¹ Ele também disse, na ocasião, que o assistencialismo devia render votos...

¹ ZORZAN, Patrícia. “Petebista aposta em exposição na mídia”. In *Folha de S. Paulo*, 13 de julho de 1998.

Boa parte do que foi abordado até aqui remete às estratégias de espetacularização implementadas pelos telejornais estudados. O que fica latente é que essa abordagem da “realidade” é uma forma de violência - sutil, não tão simples de ser identificável. Isso se justifica em razão de a população não ser valorizada nos seus direitos à informação de qualidade e opinião. A banalização freqüente dos acontecimentos, a falta de investigação e imparcialidade e a exploração de pessoas geralmente humildes nos telejornais como elementos de dramatização e fontes de informação caracterizam esse fenômeno peculiar da espetacularização que, como a própria violência e as pesquisas sobre violência na televisão, também carece de estudos ainda mais conclusivos.

Após essas considerações, é fundamental apresentar as reflexões pertinentes à própria metodologia para estudo de telejornalismo sensacionalista. O que se depreendeu de sua adequação, desenvolvimento e aplicabilidade é que, por um lado, sua experimentação mostrou pontos muito positivos por garantir a premissa básica do que seja uma análise morfológica e de conteúdo - acessar dados objetivos para a realização de possíveis inferências e interpretações mais seguras -, incluindo nessa tarefa o estudo do material amostral e decorrente codificação dos dados. Essa etapa do trabalho demonstrou ser fundamental para o conhecimento mais adequado dos objetos tomados como exemplo. Alie-se a isso o fato de a transcrição das primeiras edições dos telejornais também representar um contato diferenciado com o material já que, para efetuar tal atividade, foi necessário ter a atenção totalmente voltada a todos os conteúdos vinculados aos telejornais.

Por outro lado, a tabulação dos dados, por ter sido realizada de maneira manual, exigiu longo tempo para sua conclusão, ainda mais se for considerado que a mensuração de tempo foi um elemento que gerou uma série de dificuldades, visto que a metodologia primava pela correção dos resultados alcançados. Inúmeras vezes foram necessárias para reavaliar todos os números registrados. Daí a importância de ter acessíveis as *Grades de Codificação*. Elas serviram como

instrumento permanente para a aplicabilidade da metodologia proposta, assim como para a realização das análises propriamente ditas.

Destaque-se também que o reagrupamento dos dados aqui apresentados derivou de experimentações anteriores. Para se ter uma noção, o primeiro reagrupamento gerou 82 gráficos demonstrativos dos resultados alcançados. O segundo, 64. Finalmente, foi possível formatar tal reagrupamento em 46 gráficos e 13 tabelas, que demonstraram possuir um potencial de análise muito mais significativo e adequado do que os anteriores.

A metodologia mostrou-se pertinente para a sua aplicação, tendo em vista os objetivos gerais e específicos desta pesquisa. A aprendizagem resultante de todo o processo, desde a estruturação do referencial teórico, que delineou as definições de violência, um panorama das pesquisas sobre violência na televisão e os indicadores relevantes sobre a espetacularização da “realidade”, foi a de que, sem uma metodologia específica, seria impossível abordar objetos tão complexos com alguma confiabilidade e direcionamento. Tratou-se de um desafio, pois, o referido instrumento foi concebido com a finalidade de preencher, pelo menos em parte, lacunas importantes na pesquisa do audiovisual, carentes de estudos nesse sentido. Embora de modesta contribuição, a metodologia apresentada pode servir para a condução de outros trabalhos no campo do audiovisual, inclusive podendo ser adaptada a outras finalidades.

Finalmente, é fundamental esclarecer que a elaboração das análises morfológica e de conteúdo, a partir dos resultados alcançados, não termina com este trabalho. O potencial que ainda habita em suas nuances interpretativas e inferenciais pode render outras significativas reflexões. Em suma, um único trabalho nesse sentido não é capaz de dar conta de toda a complexidade inerente à sua realização.

Bibliografia



AGUIRRE, Jesús Maria. "A violência na televisão e sua influência sobre a criança - uma perspectiva venezuelana". In *Comunicação e Educação*. São Paulo, Moderna, USP, 1997.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Rio de Janeiro, Edições Graal, 1983.

AMARAL, Luís Henrique. *Folha de S. Paulo*. In "Caderno Brasil". São Paulo, 18 de outubro de 1997.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. "Violência e cidadania". In KUPSTAS, Marcia (org.). *Violência em debate*. São Paulo, Moderna, 1997.

ARBEX, José & TOGNOLI, Cláudio Júlio. *Mundo pós-moderno*. São Paulo, Scipione, 1996.

ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.

ARISTÓTELES. Poética. In Victor Civita (ed.). *Os pensadores: Aristóteles*. São Paulo, Abril Cultural, 1973.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 1977.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo, Perspectiva, Fundo de Cultura, 1970.

BARTON, Richard L. & GREGG, Richard B. "Middle East conflict as a TV news scenario: a formal analysis". In *Journal of Communication*, v. 32, n. 2, Spring, 1982.

BEE, Helen. *A criança em desenvolvimento*. Porto Alegre (RS), Artes Médicas, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa, Difel, 1989.

BUCKINGHAM, David. *Imagens emocionantes*; compreendendo as reações emocionais das crianças à televisão. Londres, Manchester, 1996.

BURGELIN, Olivier. *A comunicação social*. São Paulo, Martins Fontes, 1970.

CARAM, Dalto. *Violência na sociedade contemporânea; pesquisas científicas, posições cristãs por uma visão integral*. Petrópolis (RJ), Vozes, 1978.

COMPARATO, Doc. *Da criação ao roteiro*. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.

CRIGLER, Ann N. "Interpreting visual versus audio messages in television news". In *Journal of Communication*. vol. 25, n. 4.

DAVIE, William R. & LEE, Jung Sook. "Sex, violence, and consonance/differentiation: an analysis of local TV news values". In *Journalism-and-Mass-Communication-Quarterly*, v. 72, n. 1, Spring, 1995.

DORFMAN, Ariel. *Imaginacion y violencia en America*. Chile, Editorial Universitária, 1970.

DURKIN, Kevin & LOW, Jason. "Children media and aggression; current research in Australia and New Zealand". In CARLSSON, Ulla e FEILITZEN, Cecilia von (eds.). *Children and media violence*. Sweden, Nordicom, The UNESCO International Clearinghouse on Children and Violence on the Screen, Göteborg University, 1998.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo, Perspectiva, 1990.

ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

EIDE, M. *News interest: news journalism between text and context*. Universitetsforlaget, Scandinavian University Press, 1992.

ENGELS, Friedrich. *Anti-Duhring*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.

FEILITZEN, Cecilia von. "Introduction; Children and violence on the screen". In CARLSSON, Ulla & FEILITZEN, Cecilia von (ed.). In *Children and media violence*. Sweden, Nordicom, The UNESCO International Clearinghouse on Children and Violence on the Screen, Göteborg University, 1998.

FERREIRA, Argemiro. "Violência na TV: EUA, 1993". In *Mídia e violência urbana*. Rio de Janeiro, Faperj, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.

FOLHA DE S. PAULO. *Violência nos telejornais assusta mais*. São Paulo, "TV Folha", 11 de fevereiro de 1996.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis (RJ), Vozes, 1987.

FREEDMAN, Jonathan L. et alii. *Psicologia social*. São Paulo, Cultrix, 1970.

GERBNER, George. *Violence and terror in the mass media*. Paris, Unesco, 1987.

GIOVANNINI, Giovanni. *Evolução na comunicação: do sílex ao silício*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.

GLUKSMANN, A. "Efeitos das cenas de violência no cinema e na televisão." In MOLES, Abraham A. et alii. *Linguagem da cultura de massas: televisão e canção*. Petrópolis (RJ), Vozes, 1973.

GRABER, Doris A. "Is crime news coverage excessive?" In *Journal of Communication*, v. 29, n. 3, Summer, 1979.

JEUDY, Henri Pierre. "Pesquisador dos processos mediáticos". In *Seminário: mídia e violência urbana*. Rio de Janeiro, Faperj, 1994.

KODAIRA, Sachiko Imaizumi. "A review of research on media violence in Japan". In CARLSSON, Ulla e FEILITZEN, Cecilia von (eds.). *Children and media violence*. Sweden, Nordicom, The UNESCO International Clearinghouse on Children and Violence on the Screen, Göteborg University, 1998.

KRISHNAMURTI. *Violência*. Rio de Janeiro, Vozes, 1970.

KUPSTAS, Marcia (org.). "Por dentro do debate". In *Violência em debate*. São Paulo, Moderna, 1997.

LESKY, Albin. *A tragédia grega*. São Paulo, Perspectiva, 1990.

- M**ACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. Campinas (SP), Papirus, 1997.
- MACLUHAN, Herbert Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 1964.
- MAFFESOLI, Michel. *A violência totalitária: ensaios de antropologia política*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- MAFFESOLI, Michel. *Dinâmica da violência*. São Paulo, Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Cenários do novo mundo*. São Paulo, Edições NTC, 1998.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O que todo cidadão precisa saber sobre violência das massas no Brasil*. São Paulo, Global, 1986.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Sociedade tecnológica*. São Paulo, Scipione, 1994.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão*. São Paulo, Scipione, 1994.
- MEDIAWATCH. "Global Media Monitoring Project"; women's participation in the news". Toronto, Ontario, Canada, National Watch on Images of Women in the Media (MediaWatch) Inc, 1995. (ISBN: I-896022-08-I)
- MEDINA, Cremilda Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo, Ática, 1986.
- MEGARGEE, Edwin I. & HOKANSON, Jack E. *A dinâmica da agressão: análise de indivíduos, grupos e nações*. São Paulo, EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo, Melhoramentos, 1998.
- MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo, Ática, 1989.
- MOLES, Abraham A. et alii. *Linguagem da cultura de massas: televisão e canção*. Petrópolis (RJ), Vozes, 1973.
- MORAIS, Regis de. *Violência e educação*. Campinas (SP), Papirus, 1995.
- MORAN, José Manuel. A pesquisa sobre televisão. In MARQUES DE MELLO, José (org.). *Pesquisa em comunicação no Brasil*. São Paulo, Cortez/Intercom. Brasília, CNPq, 1983.

MORIN, Edgard. "A entrevista nas ciências sociais, na rádio e na televisão". In MOLES, Abraham A. et alii. *Linguagem da cultura de massa*. Petrópolis, Vozes, 1973.

MURARO, Heriberto J. "Ideologia en el periodismo de TV en Argentina". In SCHENKEL & ORDÓÑEZ (orgs.). *Comunicación y cambio social*. Quito, Ciespal, 1975.

NEWCOMBE, Nora. *Desenvolvimento infantil: abordagem de Mussen*. Porto Alegre (RS), Artes Médicas Sul, 1999.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis (RJ), Vozes, 1987.

PADILHA, Tarcisio M. *Filosofia, ideologia e realidade brasileira*. Rio de Janeiro, Companhia Editora Americana, 1971.

PANDJIARJIAN, Valéria. "Sociedade, direito e Estado em tempos de violência". In KUPSTAS, Marcia (org.). *Violência em debate*. São Paulo, Moderna, 1997.

PARKE Ross & SAWIN, Douglas B. *Agressão: causa e controles*. São Paulo, Brasiliense, 1977.

PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV; manual de telejornalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

PEREIRA, José. *Violência: uma análise do "homo brutalis"*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1975.

PHILIPS, David P. & HENSLEY, John E. "When violence is rewarded or punished: the impacto of massa media stories on homicide". In *Journal of Communication*, v. 34, n. 3, Summer, 1984.

PRADO, Ricardo Chaves. "Tempo de violência". In *Super Interessante*, Abril, 11 de novembro de 1996.

QUARFOTH, Joanne M. "Children's understanding of the nature of television characteres". In *Journal of Communication*, v. 29, n.3, Summer, 1979.

RABAÇA, Carlos Alberto & BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. São Paulo, Ática, 1998.

REDONTAR, J. J. Moebus. *Risco e aventura no jogo*. São Paulo, Edusp, 1996.

REZENDE, Guilherme Jorge de. "O tele-espetáculo da notícia". Análise morfológica e de conteúdo de uma semana - 7 a 13 de janeiro de 1982 - do "Jornal Nacional", da Rede Globo de Televisão. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1985.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Comunicação e cultura; a experiência cultural na era da informação*. Lisboa, Editorial Presença, 1993.

RODRIGUES, Aroldo. *Psicologia social*. Rio de Janeiro, Vozes, 1973.

ROSSI, Clóvis. *Vale a pena ser jornalista?* São Paulo, Moderna, 1986.

SILVA, Magno Luís Medeiros da. *Vidrados em violência*. Os processos de recepção de imagens violentas na televisão entre os adolescentes. Tese de Doutorado. São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1997.

SILVA, Sérgio P. da. *Efeitos do sensacionalismo nos meios de comunicação de massa sobre o stress e o coping*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1996.

SOBRINHO, Danilo Angrimani. "Espreme que sai sangue"; *Imprensa sensacionalista - uma colaboração para o estudo do jornalismo, tendo como objeto de pesquisa o jornal "Notícias Populares"*. Tese de Doutorado. São Paulo, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1993.

SOREL, Georges. *Reflexões sobre a violência*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

STRAUS, Martha B. *Violência na vida dos adolescentes*. São Paulo, Círculo do Livro/Best Seller, 1994.

TERRERO, José Martínez de Toda. "A violência nos meios de comunicação". In *Comunicação e Educação*. São Paulo, Moderna, USP, 1997.

VEJA. *Sexo, socos e babás*. São Paulo, Abril, n. 26, 4 de julho de 1990.

WARTELLA, Ellen & REEVES, Byron. "Historical trends in research on children and the media: 1900-1960". In *Journal of Communication*, Spring, vol. 35, n. 2, 1985.

WARTELLA, Ellen et alii. "Children and television violence in the United States". In CARLSSON, Ulla e FEILITZEN, Cecilia von (eds.). *Children and media violence*. Sweden, Nordicom, The UNESCO International Clearinghouse on Children and Violence on the Screen, Göteborg University, 1998.

ZORZAN, Patricia. "Petebista aposta em exposição na mídia". In *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 13 de julho de 1998.

Anexos

Anexos

I. Transcrição Integral do Aqui Agora / 1º Dia	353
II. Transcrição Integral do Cidade Alerta / 1º Dia	374
III. Roteiro do Vídeo que Integra a Pesquisa	455
IV. Global Media Monitoring Project	464

I. Transcrição Integral do Aqui Agora / 1º Dia



BLOCO 1

CHAMADA: “BOA NOITE BRASIL! O AQUI AGORA ESTÁ DE VOLTA. A ARMA DO POVO. OS DESTAQUES DESTA SEGUNDA-FEIRA. SEGUNDA-FEIRA QUENTE EM SÃO PAULO E SEGUNDA-FEIRA QUENTE EM TODO O BRASIL. TAXISTA É ASSASSINADO NUMA AVENIDA DA ZONA NORTE DE SÃO PAULO. DOIS SEGURANÇAS DE UMA EMPRESA SÃO TIDOS COMO SUSPEITOS. VOCÊ VAI VER NO AQUI AGORA DESTA SEGUNDA-FEIRA. UM MISTÉRIO EM RIO CLARO, UMA CIDADE PRÓXIMA À CAPITAL DE SÃO PAULO, QUE FICA A 140 QUILOMETROS DE SÃO PAULO. QUATRO CRIANÇAS DESAPARECIDAS LÁ EM RIO CLARO. ISTO É UM CASO PARA... PRA VOCÊ. GIL GOMES. UM OUTRO DESTAQUE DESTA SEGUNDA-FEIRA. ESTE PAPAGAIO, ESTA PIPA QUE AS CRIANÇAS USAM, PRINCIPALMENTE NAS FÉRIAS, AQUELE CEROL, AQUELA LINHA, CONSTITUI UM PERIGO QUE FAZ COM QUE UMA SIMPLES INOCENTE BRINCADEIRA SE TRANSFORME NUMA TRAGÉDIA. ESTES SÃO ALGUNS DOS DESTAQUES DESTA SEGUNDA-FEIRA. MAS VOU MOSTRAR PARA VOCÊS HOJE A PRIMEIRA MATÉRIA. NÓS VAMOS À ZONA NORTE DE SÃO PAULO. VOCÊ VAI AGORA COM A EQUIPE DO “AQUI AGORA”. HOJE, UM MOTORISTA DE TÁXI, UM TAXISTA, TRABALHADOR, CHEFE DE FAMÍLIA, FOI ASSASSINADO. OS MORADORES DE RUA ACUSARAM, É... OS MORADORES DE RUA DISSERAM QUE TERIAM SIDO DOIS GUARDAS DE UMA EMPRESA DE SEGURANÇA. VAMO VERIFICAR O QUE ACONTECEU HOJE, SEGUNDA-FEIRA, NA ZONA NORTE DE SÃO PAULO. VEM COMIGO. O EDIE POLO ESTÁ LÁ. QUER VER? EDIE POLO. AGORA. AQUI. DIRETO.”

1) SEM-TETO ACUSA SEGURANÇAS POR MORTE TAXISTA
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 1/A - HOMICÍDIO]

REPÓRTER (EDIE POLO): “MAIS UM HOMICÍDIO NA CIDADE DE SÃO PAULO. NA MADRUGADA DE HOJE, O DONO DESTA CARRO AQUI, Ó, UM VOYAGE BRANCO, DE PLACA BGV, 4485, DE SÃO PAULO, FOI BALEADO NA RUA CANTAREIRA, NA ALTURA DO NÚMERO 800, NO CENTRO DE SÃO PAULO. AQUI ESTÁ O CARRO. A POLÍCIA JÁ

CERCOU A ÁREA AQUI, O CARRO JÁ FOI ISOLADO. COMO É QUE ACONTECEU O CASO AQUI?”

1ª (ENVOLVIDO) [SEXO MASCULINO, 56 ANOS, BRANCO, TAXISTA - VÍTIMA/ASSASSINADO-REVÓLVER]

2ª (ENVOLVIDOS/2) [SEXO MASCULINO, DOIS SEGURANÇAS DE UMA EMPRESA - SUSPEITOS-HOMICÍDIO]

1ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 30 ANOS, BRANCO, POLICIAL MILITAR]: “SEGUNDO INFORMAÇÕES QUE PASSARAM PARA A GENTE AÍ, É... OS INDIGENTES INFORMARAM QUE ELES VIERAM DAQUELA DIREÇÃO COM O CARRO JÁ DESLIGADO, ELE JÁ ESTAVA FALECIDO. ENTÃO ELES PARARAM ALI. ALI TINHA UMA CASA DE UNS INDIGENTES QUE ESTAVAM NUMA CASINHA FEITA DE PAPELÃO”.

R: “A POLÍCIA JÁ SABE O NOME DA VÍTIMA. WALDOMIRO RIBEIRO NEVES, TÁ AQUI Ó, 56 ANOS. A IDENTIDADE QUE (A) OS PERITO ACABARAM DE ACHAR NO BOLSO (DO) DA CALÇA VÍTIMA E NUM PRIMEIRO TRABALHO OS POLICIAIS JÁ DESCOBRIRAM QUE O TIRO , VEJA BEM, FOI DADO DO LADO DO PASSAGEIRO, UM TIRO TRANSVERSAL QUE ATINGIU AQUI Ó, O BANCO, PASSOU, ATINGIU A AXILA DO TAXISTA E TAMBÉM ATINGIU O BANCO AQUI Ó. A MARCA. E A BALA FICOU ALOJADA NO BANCO DO MOTORISTA. QUANDO A POLÍCIA CHEGOU O QUE QUE VOCÊ DISSE?”

2ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 25 ANOS, MULATO, INDIGENTE - TESTEMUNHA]: “AÍ EU FALEI SOBRE SEGURANÇA AÍ, QUE TINHA ATIRADO NELE.”

R: “VOCÊ MOSTROU O SEGURANÇA?”

2ª: “HÃ HÃ, AÍ ELE PEGOU OS DOIS SEGURANÇAS.”

R: “A POLÍCIA FEZ O QUE?, PEGOU...?”

2ª: “PEGOU E LEVOU. AGORA NÃO SEI ONDE QUE LEVOU. SE FOI PARA A DELEGACIA...”

R: “COLOCORAM DENTRO DO CARRO DA POLÍCIA?”

2ª: “ISSO, COLOCOU.”

R: “O QUE QUE A POLÍCIA FALOU PARA VOCÊ?”

2ª: “FALOU PARA MIM ABAIXAR A CABEÇA. DAÍ ELE DEU A RÉ. ELE DEU A RÉ E FALOU ASSIM: VOCÊ SAI PARA LÁ PRA ELES NÃO RECONHECER VOCÊ. AÍ EU FUI EMBORA E DEIXEI A POLÍCIA LÁ COM ELES.”

R: “QUER DIZER QUE OS DOIS SEGURANÇAS SAÍRAM DE LÁ COM A POLÍCIA?”

2ª: “ISSO, SAÍRAM.”

R: “DOUTOR, O FATO DE OS POLICIAIS (SIC?) NÃO TEREM SIDO TRAZIDOS PARA CÁ, É, É ESTRANHO?”

3ª ENTREVISTADO [SEXO MASCULINO, 45 ANOS, BRANCO, DELEGADO]: “É, EM TESE, ELES DEVERIAM TER SIDO TRAZIDOS, NÉ?. EU JÁ MANDEI CHAMAR O (O) SUPERIOR DELES, LÁ, O TENENTE, PARA SABER O QUE ACONTECEU. PORQUE, PARA A GENTE NÃO CHEGOU NADA, AQUI.”

R: “NÃO CHEGOU NENHUMA OCORRÊNCIA DESSE TIPO?”

3ª: “NÃO, CHEGOU SÓ HOMICÍDIO, MAS SEM ESSES DOIS AVERIGUADOS AÍ.

R: TEORICAMENTE DEVERIAM... ESTAR...”

3ª: “EM TESE, TUDO O QUE É RELACIONADO COM DELITO TEM QUE VIR PARA O DISTRITO PARA APURAÇÃO TOTAL DOS FATOS.”

R: “TÁ CERTO. O QUE VAI SER FEITO AGORA, DOUTOR?”

3ª: "É, O DHTP VAI PROSSEGUIR. MANDEI APREENDER O CARRO E DILINGENCIAR NOS ENDEREÇOS CONSTANTES NO TERMINAL DO CARRO."

R: "COM IMAGENS DE EDSON LUÍS SALLES E APOIO TÉCNICO DE JOSÉ MARIA DE Mouro, EDIE POLO, AQUI AGORA."

IMAGENS: APARECE O CORPO DO TAXISTA ASSASSINADO COBERTO. SÓ OS PÉS ESTÃO DESCOBERTOS.

CHAMADA: "É, MAS ATÉ AGORA, OS DOIS, OS DOIS SUSPEITOS APONTADOS PELOS MORADORES DE RUA NÃO COMPARECERAM AO PRIMEIRO DISTRITO POLICIAL. E TAMBÉM OS DOIS POLICIAIS QUE ATENDERAM A OCORRÊNCIA MISTERIOSAMENTE DESAPARECERAM. TEM GENTE QUE TEM SORTE. ESSE CAMARADA DEVE SER AMIGO DO JOSÉ PEREIRA. ESSE CAMARADA QUE EU VOU DIZER AQUI. É UM CARA DE SORTE. ELE COMPROU UM CARRO, COMPROU UM CARRO COM DIFICULDADE. TEM TRÊS FILHOS. TAVA PAGANDO A TERCEIRA PRESTAÇÃO DO CARRO. QUE QUE ACONTECEU COM ELE? ROUBARAM O CARRO DELE. PASSARAM A MÃO NO CARRO DELE. MAS ELE..., NA VIDA TEM QUE TER SORTE. EU TÔ DIZENDO, TEM QUE TER SORTE. TAMBÉM TEM QUE TER SORTE NA VIDA. SABE O QUE ACONTECEU COM ELE, OU NÃO? ROUBARAM O CARRO DELE. ACONTECE, QUE COMO ELE ERA MISERÁVEL, COMO ALGUNS AMIGOS QUE EU TENHO, MÃO-CHEIA, O CARRO TAVA COM POUCA GASOLINA. RESULTADO. ACABOU A GASOLINA, ELE ENCONTROU O CARRO POUCAS QUADRAS PRA FRENTE (ENGASGO...NÃO TINHA - INAUDÍVEL). PORQUE O LADRÃO TAMBÉM NÃO TINHA COMBUSTÍVEL. SE TIVESSE COMBUSTÍVEL ELE SERIA DONO DE POSTO, NÃO SERIA..., NÃO É? VOCÊ VAI VER COMIGO AGORA. É O FLAGRANTE DO AQUI AGORA. DIRETO."

2) CARRO SEM COMBUSTÍVEL DEIXA LADRÃO A PÉ
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 1/B - ROUBO]

REPÓRTER: “NÓS VAMOS ACOMPANHANDO AQUI OS POLICIAIS AQUI DO 15º BATALHÃO. MAS PARECE QUE HOVE UM ASSALTO AQUI NO LOCAL. ENTRA CARACTERES (IMAGENS: DOUGLAS AGUADO). QUAL A SITUAÇÃO AÍ TENENTE?”

1ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 30 ANOS, BRANCO, POLICIAL MILITAR]:
“É, VEÍCULO PRODUTO DE FURTO. É, TAVAM TENTANDO FURTAR, NÉ? O PROPRIETÁRIO TÁ AQUI, Ó, O PROPRIETÁRIO DO VEÍCULO.”

2ª (ENTREVISTADO) (SEXO MASCULINO, 25 ANOS, MULATO, FALA SEM SER ENTREVISTADO: “SÓ QUE ERA TARDE NÉ?”

3ª ENTREVISTADO [SEXO MASCULINO, 40 ANOS, BRANCO, PROPRIETÁRIO DO VEÍCULO - VÍTIMA-ROUBO]: “FOI. FOI 7 HORAS.”

R: “QUE CARRO QUE FOI...”

3ª: “FOI, FOI MEU.”

R: “QUE CARRO QUE FOI? “

3ª: “FOI SETE HORAS. EU FIZ O B.O., TAVA VINDO A PÉ, AÍ, NA HORA QUE EU CHEGUEI, EU VI OS CARAS, EU VI O CARRO, EU FALEI, VÔ NA MANHA, CORRENDO, PEGUEI, CHAMEI O POLICIAL, ELE VEIO. E PRENDEU OS DOIS CARA.”

R: “O CARRO TÁ INTACTO? VAMO DÁ UMA OLHADA NO CARRO?”

3ª: “VAMO DÁ UMA OLHADA. ELES ABRIRAM AQUI, Ó. ELES ARREBENTARAM AQUI PARA ABRIR.”

R: “CHEGARAM A QUEBRAR O QUE, AÍ?”

3ª: “NÃO, SÓ, SÓ ABRIRAM A PORTA, SÓ, SÓ ARROMBARAM SÓ.”

R: “TIRARAM O TOCA-FITA?”

3ª: “O TOCA-FITA, TAMBÉM. O TOCA-FITA ELE LEVARAM.”

R: “E AÍ, CÊ TAVA NO CARRO AÍ, QUE É PRODUTO DE FURTO?”

4ª ENTREVISTADO [SEXO MASCULINO, MENOR DE IDADE (17 ANOS), MULATO - ACUSADO]: “NÃO SENHOR, EU VIM COMPRAR CIGARRO, UM RAPAZ PEDIU PARA MIM IR BUSCAR ÁLCOOL PARA ELE. EU E EU NEM CONHEÇO, SÓ QUE AGORA É O SEGUINTE, AGORA EU VOU FICAR SEGURANDO AÍ... (PALAVRA INAUDÍVEL) O DINHEIRO DO MEU CIGARRO. TÁ ALI NO CHÃO O DINHEIRO DO MEU CIGARRO, ALI Ó.”

R: “TENENTE, O RAPAZ TÁ DIZENDO AÍ QUE ELE. ESSE RAPAZ TÁ DIZENDO QUE ELE NÃO TEM NADA A VER COM A SITUAÇÃO. QUE AQUELE OUTRO PEDIU PARA ELE COMPRAR ÁLCOOL.”

5ª (ENTREVISTADO)/1ª: “ELE FOI PEGO DENTRO DE UM VEÍCULO QUE É PRODUTO DE DELITO. AGORA ELE VAI TER QUE ESCLARECER ISSO AÍ JUNTO À JUSTIÇA, NÉ? NÃO CABE A NÓS AQUI TAMBÉM JULGÁ-LO, NÉ?”

R: “AQUELE OUTRO ALI, O RAPAZ, QUE TAVA DENTRO DO CARRO?”

5ª/1ª: “TAVA JUNTO COM ELE, ACOMPANHANDO O OUTRO CIDADÃO AÍ..”

R: “QUEM QUE TAVA DIRIGINDO AÍ? QUEM ERA?”

5ª/1ª: “O PRIMEIRO INDIVÍDUO ALI QUE...”

R: “O MENOR QUE TAVA DIRIGINDO?”

5ª/1ª: “TAVA DIRIGINDO.”

R: “AÍ, CÊ TAVA DENTRO DO CARRO AÍ COM O MENOR, AÍ? ELE TÁ DIZENDO QUE..”

6ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 40 ANOS, MULATO - TESTEMUNHA]:
“NÃO, EU NÃO TAVA. NÃO, NÃO TAVA COM O MENOR NÃO. EU VINHA DE LÁ DE
BAIXO. DA OUTRA CASA QUE EU TENHO OUTRA ESPOSA, OUTRA MULHER AQUI,
ENTENDEU? TAVA INDO PRA OUTRA CASA LÁ, ENTENDEU, ONDE EU MORO.
REALMENTE. PAREI AQUI, ELES ME PARARAM. AÍ, PEDIRAM PA LEVÁ ELES ATÉ NO
POSTO PRA COMPRAR ÁLCOOL QUE TINHA ACABADO O ÁLCOOL DO CARRO
DELES. SÓ ISSO.

7ª (ENTREVISTADO)/3ª: ACABOU O ÁLCOOL PORQUE NÃO TINHA ENCHIDO. EU
DIGO, VÔ DEIXÁ ASSIM.”

R: “COMO É QUE FICA A SITUAÇÃO? QUEM VAI SER QUALIFICADO, QUEM NÃO
VAI?”

8ª (ENTREVISTADO)/1ª: “O ADOLESCENTE SERÁ SINDICADO EM RAZÃO (DO)
DELE TER SIDO FLAGRADO AÍ NO INTERIOR DO VEÍCULO PRODUTO DE FURTO. E
O CIDADÃO AQUI ENTRARÁ COMO TESTEMUNHA, NÉ? ELE É TRABALHADOR, TAVA
PASSANDO NO LOCAL AQUI E PRESENCIOU A NOSSA AÇÃO, NÉ?. SERÁ UMA
TESTEMUNHA PRA GENTE. SÓ, SOMENTE ISSO.”

CHAMADA: “AQUELE CARRO SEU QUE FOI ROUBADO PODE ESTAR NESTE
DESMANCHE QUE FOI LOCALIZADO PELA POLÍCIA HOJE NA MINHA QUERIDA ZONA
LESTE DE SÃO PAULO. OCORREU UMA DENÚNCIA ANÔNIMA. VEM COMIGO. É A
MINHA QUERIDA ZONA LESTE. AGORA. DIRETO.”

3) DENÚNCIA ANÔNIMA PÔE DONO DE DESMANCHE NA CADEIA
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 1/B - DESMANCHE]

REPÓRTER (ROBERTO BULHÕES): “BOM, O DESMANCHE FUNCIONAVA AQUI NA
RUA OSVALDO DO VALE CORDEIRO, 440, EM ITAQUERA. É, FU... FUNILARIA,

PINTURA. É TUDO DESCRITO EM "ALT", NÉ... INAUDÍVEL. É, TUDO ELE TINHA AQUI. UMA OFICINA APARENTEMENTE FUNCIONAVA NO, NORMAL AQUI NO BAIRRO.. MAS, A POLÍCIA VEIO, DESCOBRIU, E ENCONTROU JÁ VÁRIAS PEÇAS DE DE VEÍCULOS DESMONTADAS AQUI. POR EXEMPLO, AQUI É O QUE SOBROU DE UM ESCORT. O PESSOAL TÁ LEVANTANDO PARA SABER AÍ, Ô, DE QUE, DE ONDE É, PLACA E TUDO O MAIS. AQUI É A PARTE DO ESCORT, MAS TEM MUITA PEÇA AQUI QUE A POLÍCIA ACREDITA SEJA...É.. DE VEÍCULO DESMANCHADO NA OFICINA DO MINEIRO, QUE JÁ ESTÁ PRESO NA TERCEIRA DIVECAP, ATRAVÉS DO PESSOAL DA EQUIPE LASER 32. OLHA, MAIS OUTROS VEÍCULOS AQUI QUE ESTAVAM SENDO CONSERTADOS. ALGUNS PRA CONserto REALMENTE. JÁ FOI COMPROVADO QUE FORAM PRA CONserto. MAS, ESTE ESCORT AQUI, QUE É DE SÃO PAULO, PLACAS BTL 0461, ESSE AQUI TAVA NA FILA, JÁ TAVA AGUARDANDO O DESMANCHE. ERA O PRÓXIMO A SER DESMANCHADO. E A POLÍCIA CONSEGUIU, É, ENCONTRÁ-LO A TEMPO. TINHA QUEIXA DE FURTO. E TAÍ, ESSES AÍ TÃO SENDO PINTADOS. ESSES AÍ SÃO VEÍCULOS QUENTES QUE NA VERDADE VIERAM PARA A OFICINA, E AQUI A OFICINA ERA NA VERDADE UMA FACHADA SEGUNDO OS POLICIAIS. OLHA AQUI, ESSES OUTROS VEÍCULOS CONSERTADOS. TEM MAIS ALGUMA COISA AQUI, VAMOS AQUI, Ô. ALGUMA COISA AQUI DO ESCORT Ó. . O QUE SOBROU DO ESCORT QUE TAVA PARADO LÁ NA FRENTE. AQUI ATRÁS O RESTANTE DO ESCORT. TO, TOTALMENTE CORTADA NA BASE DO MAÇARICO. Ó DESMANCHARAM O ESCORT TODO. E A POLÍCIA TÁ TENTANDO AGORA IDENTIFICAR DE QUEM É, QUEM É O PROPRIETÁRIO DESTE, DO QUE SOBROU DESTE ESCORT, ESCORT VERMELHO, VERMELHO (UM) VINHO QUE SE ENCONTRA AQUI NO DESMANCHE DESSA OFICINA DO MINEIRO QUE TAVA NA VERDADE DISFARÇADA. A EQUIPE LASER 32 DA TERCEIRA DIVECAP AQUI DE SÃO PAULO CONSEGUIU DESCOBRIR UM DESMANCHE LÁ NA ITAQUERA E JÁ PEGOU UM RAPAZ AQUI, O MINEIRO, O MINEIRO QUE TÁ AQUI, O EDUARDO, ELE QUE JÁ CONFESSOU, JÁ REALMENTE A ASSUMIU AÍ A CULPA, DISSE, RECONHECEU QUE FEZ BESTERIA TAL, TÁ SENDO AQUI OUVIDO PELO ESCRIVÃO DA DA EQUIPE, E JÁ FALOU, JÁ JÁ CONFESSOU

QUE REALMENTE É, TEM PROBLEMAS E RECONHECE QUE FEZ BESTERIA AO COMPRAR UM VEÍCULO AÍ ADULTERADO, UM VEÍCULO QUE TAVA NO DESMANCHE DA CASA DELE.”

1ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 40 ANOS, MULATO - ACUSADO]:
“CONHECI UM RAPAZ. ELE TINHA UM UNO. AÍ A PESSOA, O RAPAZ..., É O ALEMÃO. TUDO BEM. QUANTO CÊ QUER NO CARRO? A, PRI, PRIMEIRO ELE ME PEDIU MIL REAL NO CARRO. MAS UM CARRO NOVO? EU FALEI, MAS QUAL É O PROBLEMA NESSE CARRO? QUER MIL REAL ESSE CARRO. ELE FALOU, NÃO, ESSE CARRO É, ERA DE LEILÃO E EU NÃO CONSEGUI TIRAR OS DOCUMENTOS DESTES CARRO. ENTÃO EU, EU VOU RODAR DESSE JEITO? NÃO DÁ. VOCÊ PODE VER, TÁ COM PLACA, COM TUDO E ENTÃO NÃO ME PREOCUPEI.”

R: “COMO É QUE FOI (INAUDÍVEL), COMO É QUE, COMO É QUE VOCÊS CHEGARAM ATÉ ESSE RAPAZ, LÁ, ESSE DESMANHCE QUE ESTAVA COM ALGUNS VEÍCULOS JÁ, TOTALMENTE DEPENADOS?”

2ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 35 ANOS, BRANCO, POLICIAL]:
“ATRAVÉS DE DENÚNCIAS ANÔNIMAS. QUE A GENTE TEM UM DISQUE-DENÚNCIA. CHEGOU AO CONHECIMENTO DA GENTE ONTE À NOITE E DE MANHÃ POR VOLTA DAS OITO E MEIA, CHEGOU UM, O LAUDO NÉ NO LOCAL E NÓS ENTRAMOS JUNTO COM ELE NO LOCAL. TINHA VÁRIOS CARROS, NÉ, A GENTE CONSULTOU VIA CEPOL E SOMENTE UM FOI IDENTIFICADO COMO PRODUTO DE FURTO.”

R: “VOCÊ TAMBÉM PODE COLABORAR COM A POLÍCIA E COM A TERCEIRA DIVECAP ATRAVÉS DO DISQUE-DENÚNCIAS. SE VOCÊ SABE DE ALGUM DESMANHCE SUSPEITO, DE ALGUMA OFICINA QUE NA VERDADE É SÓ FACHADA E PEGA VEÍCULOS NOVOS E FAZ ISSO AQUI, DEIXA, É, NESSAS, NESSAS CONDIÇÕES, LIGUE PARA O TELEFONE 298-3350 (CARACTERES APARECEM NO VÍDEO). ROBERTO BULHÕES, AQUI, AGORA.”

CHAMADA: “É UM MISTÉRIO ESTARRECEDOR, CRIANÇAS DESAPARECIDAS,. UMA MATÉRIA FORTE COM GIL GOMES. EU VOLTO JÁ, JÁ.”

FIM DO PRIMEIRO BLOCO
INTERVALO

BLOCO 2

CHAMADA: “VOCÊ VAI VER AGORA UMA HISTÓRIA ESTARRECEDORA PORQUE ENVOLVE CRIANÇA. QUATRO CRIANÇAS JÁ DESAPARECERAM DA CIDADE DE RIO CLARO, NO INTERIOR DE SÃO PAULO, A 140 QUILOMETROS DA CAPITAL. AS FAMÍLIAS “TÃO” DESESPERADAS. IMAGINE CRIANÇA, QUATRO, CINCO, SEIS ANOS DE IDADE. JÁ DESAPARECERAM QUATRO. NINGUÉM SABE. E AGORA QUEM DESAPARECEU FOI A DANIELE. QUATRO ANINHOS. IMAGINE O SOFRIMENTO DO PAI E O GEMIDO DE DOR DA MÃE. É PRA VOCÊ. GIL GOMES. AQUI AGORA. DIRETO.”

1) SUMIÇO DE CRIANÇAS ASSUSTA CIDADE DO INTERIOR DE SP
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 1/C]

REPÓRTER (GIL GOMES): “ESTAMOS EM RIO CLARO E UM ESTRANHO FATO ESTÁ ACONTECENDO AQUI. O DESAPARECIMENTO DE CRIANÇAS. A QUARTA CRIANÇA QUE DESAPARECE NESTE ANO. QUATRO CRIANÇAS QUE SUMIRAM NESTE ANO DE 97. UMA MENINHA, UMA CRIANÇA, ESTA, DA FOTO. DANI SEU NOME. ELA BRINCAVA POR AQUI. A SUA FILHINHA?”

1ª (ENVOLVIDA) [DANI, SEXO FEMININO, CRIANÇA, BRANCA - VÍTIMA]

1ª (ENTREVISTADA): [SEXO FEMININO, 42 ANOS, BRANCA, MÃE DA 1ª (ENVOLVIDA)]: “É.”

R: “ELA BRINCAVA AQUI NA FRENTE DE CASA?”

1ª: “ELA FOI BRINCAR NUMA CASA DE UMA COLEGUINHA. ERA UMA MEIO-DIA, MEIO-DIA E MEIO. DEPOIS ELA VEIO EMBORA E A MENINA FALOU QUE NÃO IA BRINCAR COM ELA AQUELA HORA, NÉ. DEPOIS ELA FICOU AQUI EM FRENTE QUE ERA UMA, UMA E MEIA BRINCANDO. DALI A MULHER LÁ NÃO VIU DEPOIS NUNCA MAIS ATÉ AGORA.”

R: “O SENHOR É O PAI... DA MENINA?”

2ª (ENTREVISTADO): [SEXO MASCULINO, 45 ANOS, BRANCO, PAI DA 1ª (ENVOLVIDA)]: “SOU O PAI DA MENINA.”

R: “O SENHOR PROCUROU EM TODO O LUGAR?”

2ª: “TUDO QUANTO É CANTO, JÁ ANDEI A CIDADE INTEIRINHA, JÁ. MAS ATÉ AGORA NADA.”

R: “A POLÍCIA PROCURA...”

2ª: “A POLÍCIA PROCURA, TODO MUNDO PROCURA, MAS ATÉ AGORA NÃO ENCONTRARAM NADA, NEM...”

R: “É A QUARTA CRIANÇA?”

2ª: “É A QUARTA CRIANÇA, É A QUARTA CRIANÇA. ENTÃO, A MENINA TÁ COM 15 DIAS JÁ, HOJE, ENTENDEU? E ATÉ AGORA NADA, NADA AINDA.”

R: “ABSOLUTAMENTE...”

2ª: “ABSOLUTAMENTE NADA, NADA. NEM PISTA NADA, NADA. NINGUÉM FALA NADA, ENTENDEU? DESAPARECEU ASSIM DE REPENTE, SEI LÁ, NÉ? NÃO TEM PISTA NENHUMA. É UM MISTÉRIO, NÉ? ISSO AÍ É UM MISTÉRIO, ENTENDEU? EU SEI LÁ, VIU? É AGORA OU NADA.”

R: "TODO MUNDO ATRÁS?"

2ª: "TODO MUNDO ATRÁS. TODO MUNDO ATRÁS."

R: "A SENHORA TEVE UMA... CRIANÇA QUE SUMIU?"

2ª (ENVOLVIDO) [ALINSON, SEXO MASCULINO, CRIANÇA, BRANCO - VÍTIMA]

3ª (ENTREVISTADA) [SEXO FEMININO, 25 ANOS, BRANCA, MÃE DA 2ª (ENVOLVIDO)]: "SIM, O ALINSON, SOU MÃE DO ALINSON."

R: "QUANTOS ANOS O ALISON?"

3ª: "ELE TEM SEIS ANOS."

R: "SEIS ANOS. SÃO AS FOTOS DELE, É? AH, ESSE MENININHO AQUI, É?"

3ª: "É. ESSE AÍ."

R: "COMO É QUE ELE SUMIU?"

3ª: "NAS MESMAS CIRCUNSTÂNCIAS QUE ELA, NINGUÉM SABE, NINGUÉM VIU NADA."

R: "ELE BRINCAVA POR AQUI?"

3ª: "PERTO DE CASA, NA AVENIDA 50."

R: "AQUI É A 42, A 50, ELE BRINCAVA, QUANDO FOI?"

3ª: "FOI DIA 7 DE FEVEREIRO."

R: "7 DE FEVEREIRO. ESSE MENININHO, ESSE AQUI NÉ?"

3ª: "É."

R: "ELE BRINCAVA E DE REPENTE NINGUÉM VIU NADA, ELE SUMIU."

3ª: "SUMIU, ISSO, DESAPARECEU, NINGUÉM VIU, NÃO TEM PISTA DE NADA."

R: “A PRIMEIRA CRIANÇA QUE DESAPARECEU FOI ESTA, ALINE, QUE SUMIU EM AGOSTO DO ANO PASSADO. DEPOIS, A SEGUNDA CRIANÇA QUE SUMIU, COINCIDENTEMENTE LETRA A TAMBÉM NO INÍCIO DO NOME. O MENINO ANDERSON, QUE SUMIU NO FINAL DO ANO PASSADO. DEPOIS, COINCIDENTEMENTE, LETRA A TAMBÉM, ESSE MENINO, ALISON E AGORA, MAIS RECENTEMENTE, A MENINA DANIELA. QUATRO CRIANÇAS SUMIDAS, DESAPARECIDAS, AQUI EM RIO CLARO. AONDE ESTARIA, AONDE ESTÁ ESTA MENINA? COM QUEM? O QUE TERIA ACONTECIDO? AONDE ESTÁ ESTE MENININHO? COM QUEM? O QUE TERIA ACONTECIDO? OUTRAS DUAS CRIANÇAS SUMIRAM TAMBÉM. A SENHORA TEM A ESPERANÇA DE VOLTAR A VER O MENINO SUPER BEM?”

3ª (ENVOLVIDA) [ALINE, SEXO FEMININO, CRIANÇA, MULATA - VÍTIMA]

4ª (ENVOLVIDO) [ANDERSON, SEXO MASCULINO, CRIANÇA, BRANCO - VÍTIMA]

3ª: “TENHO MUITA FÉ EM DEUS.”

4ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 40 ANOS, BRANCO, DELEGADO]: “NÓS ACREDITAMOS QUE OS CASOS ESTÃO RELACIONADOS E PELAS INFORMAÇÕES QUE ESTAMOS OBTENDO, POSSIVELMENTE SEJA MAIS DE UMA PESSOA QUE ESTEJA COMETENDO ESTES DELITOS.”

5ª (ENVOLVIDOS) [SUSPEITOS]

R: “TARADOS?”

4ª: “POSSIVELMENTE.”

R: “ALGO ASSIM COMO PROTISTUIÇÃO INFANTIL. O QUE O SENHOR ACHA? PORQUE É UM PALPITE NÉ, DOUTOR? PORQUE NÃO SE TEM NADA DE MAIS POSITIVO.”

4ª: “NO ENTANTO, NÓS NÃO TEMOS NADA DE POSITIVO AINDA SOBRE OS FATOS. NÓS ESTAMOS TRABALHANDO COM TODAS AS POSSIBILIDADES, NÉ?”

R: “QUATRO CRIANÇAS. ALINE, ANDERSON, ALISON, DANIELA. QUATRO CRIANÇAS QUE SUMIRAM E É A PREOCUPAÇÃO DE TODA A CIDADE DE RIO CLARO E DE TODA A POLÍCIA DAQUI...”

4ª: “SIM, INCLUSIVE NÓS DESTACAMOS UMA EQUIPE ESPECIAL PARA INVESTIGAR EXCLUSIVAMENTE ESTE CASO. NÓS ESTAMOS COM MUITA FÉ QUE NÓS VAMOS CONSEGUIR ELUCIDAR ESTE CASO.”

R: “SE DEUS QUISER. NEY, QUATRO CRIANÇAS SUMIRAM, MAS, LOGO A POLÍCIA DE RIO CLARO, TENHO CERTEZA, CHEGA LÁ. DE RIO CLARO, GIL GOMES. AQUI, AGORA.”

IMAGENS: MÃE DE DANIELA ABRAÇA MULHER, CHORANDO.

CHAMADA: “PERFEITO GIL. EU QUERIA PEDIR PRA VOCÊ, PRA QUE A GENTE COLOQUE O TELEFONE, É UM TELEFONE DE DELEGACIA, UM TELEFONE DE DESAPARECIDOS. É 230-3454 (ENTRA CARACTERES: DELEGACIA DE DESAPARECIDOS E O TELEFONE). EU VOU REPETIR O TELEFONE, 230, TA AÍ, 230-3454. EU VOU FAZER UM APELO. NÃO TÔ PEDINDO DINHEIRO. NÃO TÔ PEDINDO DINHEIRO, NÃO. EU TÔ PEDINDO PRA VOCÊ SE VOCÊ TIVER ALGUMA INFORMAÇÃO, AJUDE. NÃO CUSTA. DÊ ESTE TELEFONEMA. É UMA AJUDA QUE VOCÊ DÁ. LEMBRE-SE DO SOFRIMENTO DAS MÃES, DO GEMIDO DE DESESPERO DOS PAIS. SÃO CRIANÇAS, DE TRÊS, QUATRO, CINCO ANOS DE IDADE. SE VOCÊ PUDE AJUDE. VAI SER BOM PRA VOCÊ. TEM MAIS UMA HISTÓRIA INCRÍVEL AQUI. Ó, ATÉ A PRÓXIMA. EU VOLTO JÁ, JÁ.”

FIM DO SEGUNDO BLOCO

INTERVALO

BLOCO 3

CHAMADA: “TEM DOIS LADRÕES DE CARRO EM SÃO PAULO HOJE. POLICIAIS TÃO PREND.... DOIS LADRÕES DE CARRO. UM ÔNIBUS SAIU DE SÃO PAULO, NA VIA DUTRA, NA SAÍDA DE SÃO PAULO, NA VIA DUTRA, QUE TODO MUNDO CONHECE, O BRASIL INTEIRO CONHECE, QUE LIGA SÃO PAULO AO RIO DE JANEIRO. OS ASSALTANTES ENTRARAM NO ÔNIBUS, FERIRAM UMA PESSOA, ASSALTARAM O ÔNIBUS, ROUBARAM UM CARRO NA FUGA, A POLÍCIA CHEGOU, TERIA HAVIDO FRAGRANTE (SIC). EU SÓ SEI DA HISTÓRIA SE VOCÊ FOR COMIGO LÁ. É O QUE NÓS VAMOS, AGORA. SAÍDA DE SÃO PAULO. VIA DUTRA. AQUI AGORA. DIRETO.”

1) FLAGRANTE NA DUTRA: DOIS LADRÕES PRESOS
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 1/A - ROUBO]

REPÓRTER: “OS LADRÕES, UM DELES MENOR, ENTRARAM NO ÔNIBUS DISPOSTOS A TUDO. O COBRADOR CONTA COMO FOI.”

1ª (ENVOLVIDO) [SEXO MASCULINO, MENOR DE IDADE - ACUSADO/LADRÃO]

1ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 32 ANOS, MULATO, COBRADOR - TESTEMUNHA]: “O QUE ACONTECEU É QUE OS DOIS ... BANDIDOS ENTRARAM NO VEÍCULO...”

2ª (ENVOLVIDO) [SEXO MASCULINO, MAIOR DE IDADE - ACUSADO/BANDIDO]

R: “ELES ENTRARAM AQUI NO ÔNIBUS?”

1ª: “ENTRARAM. UM PEDIU PRA PASSAR POR BAIXO E O OUTRO PAGOU A PASSAGEM E SENTARAM AQUI.”

R: "OS DOIS? NESSE LUGAR AQUI."

1ª: "OS DOIS SENTARAM AQUI. COMEÇARAM A OLHAR PRA MIM, COMO QUISESSEM ASSALTAREM. AÍ DEPOIS, LEVANTARAM, FORAM LÁ PRA TRÁS."

R: "PRA TRÁS..."

1ª: "SENTARAM AQUI NESSES DOIS BANCOS DE TRÁS."

R: "SENTARAM NESSE BANCO AQUI. AÍ, O QUE QUE ACONTECEU? ELES ... LEVARAM UM TIRO?"

1ª: "LEVARAM UM TIRO."

R: "O TIRO VAZOU E VEIO PEGAR AQUI?"

1ª: "CERTO."

R: "CERTO, AÍ O TIRO ELE VAZOU SÓ..."

1ª: "AÍ, TINHA UMA MOÇA QUE FOI ATINGIDA PELO RAPAZ, COM LICENÇA, A MOÇA ESTAVA SENTADA AQUI, COM O RAPAZ, CONVERSANDO, FOI ATINGIDA NO TORNOZELO."

3ª (ENVOLVIDA) [SEXO FEMININO, JOVEM - VÍTIMA - FERIDA/ARMA DE FOGO]

R: "ATINGIU A MOÇA? E FEZ TODO ESSE SANGUE AQUI. QUANDO DESCERAM DO ÔNIBUS, RENDERAM O MOTORISTA DESTE OPALA QUE FOI AMEAÇADO COM UM REVÓLVER."

2ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 30 ANOS, MULATO - VÍTIMA - ROUBO/AMEAÇA/REVÓLVER]: "ENCOSTARAM O REVÓLVER EM MIM. EU DEI GRAÇAS A DEUS QUE ELE NÃO... NÃO... EU PENSEI QUE ELES IAM MANDAR EU ENTRAR NO CARRO, ENTENDEU, PRA, PRA, LEVAR JUNTO. EU FALEI: NÃO, CÊ QUER O CARRO? QUERO. ENTÃO TOMA. ELE SÓ AINDA PEDIU O DOCUMENTO. NEM O

DOCUMENTO ELES DEIXARAM AÍ. E, BOM, AÍ, EU . A MINHA NAMORADA. EU TAVA, EU TAVA EM FRENTE À CASA DE MINHA NAMORADA, ENTENDEU? DO LADO DE FORA DO CARRO. AÍ UM MENOR CHEGOU PERGUNTANDO UM NEGÓCIO DE RUA E UM OUTRO VEIO POR TRÁS DA GENTE ASSIM, Ó.”

R: “NA FUGA, BATERAM NA TRASEIRA DESTA CARAVAN QUE ESTAVA PARADA NO ACOSTAMENTO. A POLÍCIA SEGUIU OS BANDIDOS PELA VIA DUTRA E CONSEGUIU PRENDÊ-LOS NA ALTURA DE GUARULHOS, NA SAÍDA DE SÃO PAULO.”

CHAMADA: “NÓS MOSTRAMOS UMA MATÉRIA HÁ POUCOS INSTANTES AQUI DA CIDADE DE RIO CRARO (SIC). QUATRO CRIANÇAS DESAPARECIDAS. AGORA É DANIELE, DE QUATRO, CINCO ANOS. A CIDADE INTEIRA ESTÁ LIGANDO PRA CÁ, AS AUTORIDADES, E O POVO, PRINCIPALMENTE O POVO, QUE NÓS VAMOS TENTAR ATENDER. ENTÃO EU VOU FAZER MAIS UM APELO. EU VOU DAR O TELEFONE MAIS UMA VEZ. (CARACTERES ENTRAM) O TELEFONE É 230, 230-3434. É FÁCIL DE GUARDAR. 230, 230-3434. SE VOCÊ PUDE, LIGA LÁ. AJUDA. SE VOCÊ VIU, TEM ALGUMA INFORMAÇÃO. AS FAMÍLIAS ESTÃO DESESPERADAS. AGORA, POR FALAR EM CRIANÇA, TEM UMA BRINCADEIRA DE CRIANÇA AQUI EM SÃO PAULO QUE TERMINA EM TRAGÉDIA. AS FESTAS DE JULHO TERMINARAM. VOCÊ VAI AONDE TEVE FOGUEIRA E FESTA DE JULHO QUE TEM UM MANETA LÁ. TEM ALGUÉM QUE PERDEU A MÃO NOS FOGOS DE ARTIFÍCIO, PORQUE SEMPRE ACONTECE ISSO. AGORA VEM A OUTRA BRINCADEIRA DE CRIANÇA QUE É O PAPAGAIO. NÃO É O PAPAGAIO, QUE O FRADE DÁ NO BANCO AÍ, OU COI..., NÃO. PAPAGAIO QUE EU FALO É O, A BRINCADEIRA. A PIPA, QUE CHAMA AQUI EM SÃO PAULO. VOCÊ VAI VER QUE O CEROL, AQUELA LINHA DO PAPAGAIO, ELA É MORTAL. A CRIANÇA QUE PASSA CORRENDO, O MOTOCICLISTA QUE PASSA NA MOTO, VOCÊ QUE PASSA. VEJA O QUE ACONTECE. VEJA O QUE ACONTECE. EDIE POLO, AGORA, AQUI, DIRETO.”

2) LINHA COM CEROL FAZ VÍTIMAS EM SÃO PAULO
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 3/10 - ACIDENTE/PREVENÇÃO]

REPÓRTER (EDIE POLO): “NESTA CASA, MORA MAIS UMA VÍTIMA DO CEROL. A GENTE VAI PEDIR LICENÇA AQUI. ÔPA, DÁ LICENÇA? ESSE AQUI É O FRANCISCO ELIAS DA SILVA SANTOS, 27 ANOS, ELE É MOTOQUEIRO E TEVE O PESCOÇO CORTADO POR UMA LINHA DE PIPA MISTURADA COM PÓ DE VIDRO E COLA. COMO É QUE FOI ESSA HISTÓRIA AÍ, FRANCISCO?”

1ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 27 ANOS, MULATO - VÍTIMA - FERIDO/CEROL]: “BOM, EU TAVA, TAVA FAZENDO UM SERVIÇO DA FIRMA NA, NA RADIAL LESTE, NÉ?, AÍ DE REPENTE EU VI AQUELE, UM, UM NEGÓCIO ME CORTANDO, ME SUFOCANDO AQUI NÉ? AÍ COLOQUEI A MÃO ASSIM, TAVA CHEIA DE SANGUE. EU CONSEGUI PARAR A MOTO DO LADO, ASSIM, QUANDO EU FUI OLHAR, TAVA CORTADO AQUI.”

R: “O QUE QUE ACONTECEU AÍ? CÊ CORTOU A VEIA?”

1ª: “CORTEI A VEIA JUGULAR QUE EU PERDI ELA. LEVEI MAIS DE 20 PONTOS POR FORA E NÃO SEI QUANTOS MAIS PONTOS POR DENTROS AINDA.”

R: “E NA SEMANA PASSADA, O CEROL PROVOCOU UMA TRAGÉDIA NA ZONA LESTE DE SÃO PAULO. DONA DÉBORA MALAQUIAS ATRAVESSAVA ESTA RUA COM A FILHA BRUNA, DE SEIS ANOS, COMO AQUELA SENHORA COM AS CRIANÇAS, QUANDO UMA LINHA COM CEROL CORTOU O PESCOÇO DA GAROTINHA CAUSANDO A MORTE DELA.”

1ª (ENVOLVIDA) [BRUNA, SEXO FEMININO, CRIANÇA, MULATA - VÍTIMA - MORTE/CEROL]

2ª (ENTREVISTADA) [SEXO FEMININO, 34 ANOS, MULATA, MÃE DA 1ª (ENVOLVIDA)]: “ATRAVESSAMOS A RUA, NISSO HAVIA UMA LINHA E EU LE..., AJUDEI A BRUNA, NÉ, A TIRAR A LINHA DO, DELA, QUE ESTAVA ENVOLVIDA SOBRE ELA. MAS, AO PERCEBER, A BRUNA AINDA FALOU PRA MIM: MÃE, EU TÔ CHEIA DE SANGUE. E NISSO QUE EU VI MINHA FILHA ENSANGÜENTADA, EU JÁ TINHA ARREBENTADO E SAÍ AOS GRITOS E OS PRANTO PARA PEDIR SOCORRO.”

R: “E NÃO É PRECISO ANONIMATO PARA SE CONSEGUIR O CEROL. NESSA LOJA, POR EXEMPLO, VENDE DOIS DE TIPOS DIFERENTES. VAMOS SABER COM A MULHER, COM A DONA AQUI DO LOCAL, PORQUE QUE ELA VENDE ESSE CEROL E SE A PROCURA É GRANDE. ESSE CEROL AQUI FOI COMPRADO AQUI TUDO BEM?”

3ª(ENTREVISTADA) [SEXO FEMININO, 40 ANOS, BRANCA, COMERCIANTE]: “FOI, FOI COMPRADO AQUI.”

R: “VOCÊ VENDE ESSE CEROL A QUANTO?”

3ª: “EU VENDO A TRINTA CENTAVOS O VIDRO E SESSENTA A COLA.”

R: “A PROCURA É GRANDE?”

3ª: “MUITO GRANDE.”

R: “DOUTOR, COMO PROIBIR O USO DO CEROL?”

4ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 40 ANOS, BRANCO, PROMOTOR DE JUSTIÇA] : “ARRRR.... A GENTE SABE QUE A PROIBIÇÃO DELE É PRATICAMENTE IMPOSSÍVEL SE NÓS NÃO CONTARMOS COM O APOIO E ORIENTAÇÃO DAS FAMÍLIAS. É INDISPENSÁVEL QUE OS PAIS DESSAS CRIANÇAS TODAS QUE EMPINAM PIPAS SEJAM CONSCIENTIZADOS DO PERIGO QUE CORREM SEUS FILHOS E QUE CORREM FILHOS DE OUTROS PAIS NESSA UTILIZAÇÃO.”

R: “COMO É QUE A PESSOA PODE, É, PROCURAR A PROMOTORIA PRA AUXILIAR EM CASO DE UMA DENÚNCIA?”

4ª: “NÓS TEMOS AQUI INSTALADO NA PROMOTORIA O DISQUE-CEROL, O TELEFONE (CARACTERES ENTRAM) É 257-2899 E O RAMAL 215, PARA RECEBERMOS TODA E QUALQUER DENÚNCIA SOBRE A VENDA DO CEROL.”

R: “ATENÇÃO, PARA AS NORMAS DE SEGURANÇA (CARACTERES VÃO ENTRANDO): NÃO SOLTAR PIPAS EM DIAS DE CHUVA OU RELÂMPAGOS. SE A PIPA ENROSCAR NOS FIOS, NÃO TENHA TENTE TIRÁ-LA. SEMPRE É MELHOR PERDER A PIPA DO QUE A VIDA. ATENÇÃO COM MOTOS E BICICLETAS. A LINHA PODE SER PERIGOSA PARA SEUS CONDUTORES. NÃO USE LINHA CORTANTE. É GRANDE O RISCO DE CORTAR AS PESSOAS COM ELA, INCLUSIVE VOCÊ MESMO.”

ESTÚDIO: “VOCÊ VIU UMA BRINCADEIRA ASSIM, A VIDA JÁ É PERIGOSA, NÃO É? ALIÁS, TEM UM, UM POETA PORTUGUÊS QUE DIZ QUE VIVER É MUITO PERIGOSO. NÃO VAMOS COMPLICAR, NÃO, NÃO É?. VAMOS, VAMOS PELO MENOS AJUDAR AS CRIANÇAS E EVITAR QUE ACIDENTES DESSE “ROTO” POR QUE NO BRASIL A GENTE VAI PERDENDO A REFERÊNCIA, A VIDA HUMANA VAI PERDENDO O SENTIDO. VAMOS CUIDAR DAS CRIANÇAS. EU SÓ QUERIA DIZER PRA VOCÊ UMA COISA. O HERMANO HENNING JÁ TÁ CHEGANDO AÍ COM AS NOTÍCIAS DO BRASIL E DO MUNDO NO TJ BRASIL DAQUI A UM MINUTO. MAS, ANTES EU QUERIA DIZER PRA VOCÊ. TOME CUIDADO, HOJE É SEGUNDA-FEIRA, UM DIA BONITO. AMANHÃ NÓS ESTAREMOS DE VOLTA AQUI ÀS 18 HORAS COM O AQUI AGORA. PRESTE ATENÇÃO NUMA COISA: BRIGA DE ELEFANTE QUEM PERDE É A GRAMA. BOA NOITE. EU VOLTO AMANHÃ.”

II. Transcrição Integral do Cidade Alerta / 1º Dia



BLOCO 1

LOCUTOR EM OFF: "NO AR, CIDADE ALERTA, COM JOÃO LEITE NETO."

CHAMADA: "EXATAMENTE ÀS 17 HORAS E 29 MINUTOS, NÓS ESTAMOS CHEGANDO EM SUA CASA COM MAIS UMA EDIÇÃO DO NOSSO CIDADE ALERTA. UM CIDADE ALERTA MUITO ESPECIAL NO DIA DE HOJE. REPORTAGENS SENSACIONAIS, EXCLUSIVAS PARA VOCÊS. NÓS TEMOS AQUI UMA SÉRIE DE REPORTAGENS SOBRE O CHUPA-CABRAS E ATÉ ME PARECE QUE ESTÃO ENCONTRANDO ALGUMA EXPLICAÇÃO QUE NÃO, É, MUITO EXTRA-TERRESTRE PARA ESSE FENÔMENO, CHUPA-CABRAS. NÃO PERCAM, NESSA EDIÇÃO. UMA SÉRIE DE REPORTAGENS. TÁ PARECENDO UM ANIMAL AÍ, MEIO DESCONHECIDO, NUMA REPORTAGEM DO LUÍS ESTOLINO, FALANDO SOBRE O CHUPA-CABRAS. MAS TEMOS AINDA UMA MATÉRIA LAMENTAVELMENTE, PROFUNDAMENTE TRISTE POR UM HOMEM COMPLETAMENTE TRANSTORNADO. MATOU A MULHER E MATOU O PRÓPRIO FILHO COM SETE ANOS DE IDADE. TUDO ISSO NESSA EDIÇÃO, É, RE, REPLETA DE ASSUNTOS DO SEU INTERESSE, AQUI, NO CIDADE ALERTA. GRAVIDEZ É O SONHO DA MAIORIA DAS MULHERES. SEM DÚVIDA ALGUMA, MAS É UM VERDADEIRO PESADELO PARA AS MULHERES QUE VIVEM ATRÁS DAS GRADES, AS PRESAS, AS SENTENCIÁVEIS. SILVANA SILVA, ESPAÇO ABERTO PARA VOCÊ."

1) GRAVIDEZ, SONHO E PESADELO PARA AS PRESAS DE SÃO PAULO
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 2 - DIREITOS HUMANOS]

REPÓRTER (SILVANA SILVA): "ESTA É A FASE DA CURTIÇÃO?"

1ª (ENTREVISTADA) [SEXO FEMININO, 23 ANOS, BRANCA, NÃO É PRESA]: "É."

R: "E COMO É QUE É ISSO? TODO MUNDO DÁ PALPITE NO NOME, A ROUPINHA QUE VAI ESCOLHER? VOCÊ TEM VONTADE DE LEVAR TUDO O QUE TEM NA LOJA..."

1ª: “É, TODO MUNDO QUER COMPRAR TUDO, OS PAIS, IRMÃOS, OS TIOS, TODO MUNDO CURTE BASTANTE A GRAVIDEZ.”

R: “MATERNIDADE E GRAVIDEZ SÃO DUAS PALAVRAS SEMPRE ASSOCIADAS A AMOR, FANTASIA, SONHO, SÃO PALAVRAS LIGADAS À ALEGRIA E À MUITA COR. NUM AMBIENTE COMO ESSE NÃO HÁ ESPAÇO PARA TRISTEZA. SERÁ? MAS NUM LUGAR ONDE NÃO HÁ ESPAÇO PARA SONHOS NEM FANTASIAS, NUMA CARCERAGEM. NO CASO DAS MULHERES, HOJE, NO ESTADO DE SÃO PAULO, ELAS SÃO DUAS MIL QUINHENTOS E QUATORZE. QUINHENTAS E QUATORZE. NA VERDADE, MENOS DE DEZ POR CENTO DO NÚMERO DE HOMENS PRESOS NOS DISTRITOS POLICIAIS DA CAPITAL E DO INTERIOR. HOJE, NÓS VAMOS SABER UM POUCO DE COMO É A ROTINA DAS GRÁVIDAS NAS PRISÕES. VOCÊ TÁ NO OITAVO MÊS, É ISSO?”

2ª (ENTREVISTADA) [SEXO FEMININO, 26 ANOS, MULATA, PRESA]: “É, JÁ TRABALHOU EM A...(INAUDÍVEL)”

R: “OLHA, COM QUANTOS MESES VOCÊ CHEGOU AQUI?”

2ª: “VAI , TEM, VAI FAZER TRÊS MESES QUE EU TÔ AQUI.”

R: “VOCÊ CHEGOU AQUI NO SEXTO MÊS, NO QUINTO, SEXTO?”

2ª: “É.”

R: “PASSOU POR ALGUM EXAME AQUI?”

2ª: “NÃO PASSEI POR NENHUM, PORQUE ELES NÃO LEVAM A GENTE NO MÉDICO, É DIFÍCIL.”

R: “NÃO TEM PRÉ-NATAL PRA GRÁVIDA?”

2ª: “NÃO TEM PRÉ-NATAL PRA GRÁVIDA.”

R: “SE VOCÊ PASSAR MAL, VOCÊ TEM ATENDIMENTO MÉDICO?”

2ª: "TENHO."

R: "SÓ SE PASSAR..."

2ª: "SÓ SE PASSAR MAL."

R: NORMALMENTE, UMA GRÁVIDA TÁ PENSANDO NO ENXOVAL. FICA PENSANDO NAS COISAS DO BEBÊ. DEU TEMPO PRA ISSO, (NOME DE PESSOA, INAUDÍVEL)?

2ª: "ISSO É PRA PENSAR NISSO, NÉ?"

R: "NÃO DEU NEM PRA FAZER UMA ROUPINHA, NADA."

2ª: "NÃO, PORQUE EU NÃO TENHO VISITA, NÃO TENHO QUEM TRAGA AS COISAS PARA MIM."

R: "POR QUE QUE VOCÊ NÃO TEM VISITA?"

2ª: "Ó, MINHA VISITA NÃO VEM, SÓ MANDOU UMA CARTA PARA BUSCAR O NENÉM, SÓ."

R: "O SEU BEBÊ, QUANDO NASCER, VAI PRA CÁ?"

2ª: VAI.

R: MAURA, HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ TÁ AQUI?

3ª (ENTREVISTADA) [SEXO FEMININO, 29 ANOS, MULATA, PRESA]: "DOIS ANOS E CINCO MESES."

R: "VOCÊ TEM UM BEBÊ DE QUANTO TEMPO?"

3ª: "DOIS ANINHOS."

R: "PA, PARECE QUE COMEÇOU A FALAR NO BEBÊ E O TEU OLHO JÁ COMEÇOU A ENCHER DE LÁGRIMA. HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ NÃO VÊ O BEBÊ?"

3ª: "TRÊS MESES."

R: "E O BEBÊ QUANDO NASCEU, VOCÊ CHEGOU A AMAMENTÁ-LO, ELE FICOU COM VOCÊ?"

3ª: "NÃO, SENHORA."

R: "QUANTOS FILHOS VOCÊ TEM?"

3ª: "EU TENHO DOIS, A CAMILA E O ÍGOR."

R: "ELES VÊM TE VISITAR?"

3ª: "MINHA MÃE NÃO TEM CONDIÇÕES FINANCEIRA DE FICAR VINDO DIRETO PRA PORTA DA CADEIA, NÉ? E EU NÃO VOU FICAR TIRANDO DA BOCA DOS MEUS FILHOS PÁ MINHA MÃE PODER VIR ME VISITAR."

R: "VOCÊ GOSTARIA DE PODER PELO MENOS AMAMENTAR O SEU FILHO?"

4ª (ENTREVISTADA) [SEXO FEMININO, 29 ANOS, MULATA, PRESA]: "GOSTARIA, MAS NE, AQUI, NE, NESSAS CONDIÇÕES NÃO TEM... CONDIÇÕES DE UM BEBÊ RECÉM-NASCIDO FICAR AQUI DENTRO. AQUI NÃO TEM LUZ, NÃO TEM SOL, MUITA UMIDADE, NÃO TEM CONDIÇÕES DE FICAR AQUI UMA CRIANÇA."

R: "NÓS VAMOS OUVINDO AS RECLAMAÇÕES AQUI DAS MÃES, MAS NÓS VAMOS MOSTRAR QUAL O PEDIDO DO DR. GOUVEIA. DR. GOUVEIA, VAMO PODER MOSTRAR PELO MENOS UM XADREZ AQUI? BOM, NÓS PEDIMOS AUTORIZAÇÃO, INCLUSIVE, É, É COMO SE DIRIA, QUE TODAS AS, AS NOSSAS ENTREVISTADAS DERAM AUTORIZAÇÃO PRA ISSO. VOCÊ DEU ENTREVISTA PRA GENTE PORQUE QUERIA, NÃO É ISSO VIVIANE? 'É'. VAMOS CONFIRMAR AQUI COM AS OUTRAS TAMBÉM. MARIA LUÍZA, VOCÊ CONCORDOU EM DAR ESTA ENTREVISTA POR TUA LIVRE E ESPONTÂNEA VONTADE? 'CONCORDEI'. VOCÊ TAMBÉM, NÉ MAURA?" [AS RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS SÃO DADAS EM "OFF", OU SEJA, NÃO HÁ REGISTRO DE IMAGENS]

5ª (ENTREVISTADA)/3ª: “COM CERTEZA, PORQUE O QUE EU PASSEI AQUI EU NÃO QUERO QUE GRÁVIDA NENHUMA PASSE, QUE MULHER NENHUMA PASSE. E FALO UMA COISA, TODAS GRÁVIDAS QUE TIVÉ NO CRIME LÁ FORA, QUE PENDURE SUAS CHUTEIRA PRA NÃO TER SEU FILHO NA CADEIA.” [RESPOSTAS EM “OFF”]

R: “AGORA VAI SER ABERTA AQUI, A, A CELA PRA GENTE PODER TER UMA IDÉIA DE ONDE FICARIA UMA CRIANÇA, AQUI, CASO A JUSTIÇA PERMITISSE QUE UMA GRÁVIDA TIVESSE O SEU FILHO E PUDESSE FICAR AQUI DENTRO DA, DA CADEIA. COMPLETAMENTE ESSE AQUI. É UM XADREZ MAIS LIMPO, MAIS ARRUMADO DO QUE UM XADREZ MASCULINO. MAS AINDA ASSIM, SUPER LOTADO. E UM OUTRO DETALHE: AQUI NÃO ENTRA SOL E A VENTILAÇÃO TAMBÉM É MUITO PRECÁRIA.”

5ª/3ª: “EU SÓ QUERIA QUE O JUI(Z) TIVESSE UM POUCO DE CONSIDERAÇÃO E NÃO FIZESSE A MALDADE QUE ELES FAZ DE QUERER TIRAR UM FILHO DA MÃE, COMO ELES FAZ DIRETO, A SENHORA TÁ ENTENDENDO?”

R: “MAS, DEIXAR UMA CRIANÇA POR, A, AQUI, SERIA JUSTO, NESSAS CONDIÇÕES SERIA JUSTO?”

5ª/3ª: “NÃO, NÃO É JUSTO, MAS QUAL É A MÃE QUE NÃO QUER FICAR COM O FILHO DELA?”

R: “ATÉ PARA EVITAR SITUAÇÕES COMO ESTA, SÃO RAROS OS DISTRITOS QUE AUTORIZAM A CHAMADA VISITA ÍNTIMA PARA AS MULHERES, PARA EVITAR JUSTAMENTE A GRAVIDEZ. FALEI COM O DR. GOUVEIA, QUE É UM DOS DELEGADOS AQUI, DO QUINTO DISTRITO, ELE NÃO VÊ DIFERENÇA ENTRE O FILHO DE UMA PRESA E O FILHO DE UMA OUTRA MULHER. AS CRIANÇAS SÃO IGUAIS, NÃO É, DOUTOR?”

6ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 63 ANOS, BRANCO, DELEGADO]: “SÃO IGUAIS. PERANTE A LEI SÃO IGUAIS, NÉ. PELA CONSTITUIÇÃO, TODAS AS CRIANÇAS SÃO IGUAIS PERANTE A LEI.”

R: “O SENHOR PESSOALMENTE, ACHA QUE AQUI SERIA UM LUGAR IDEAL PRA UM BEBÊ FICAR, AINDA QUE SEJA PRA SER AMAMENTADO?”

6ª: “É, O IDEAL É A CRIANÇA SER, SER AMAMENTADA PELA MÃE, NÉ, AGORA O LOCAL AQUI TORNA-SE ATÉ PREJUDICIAL NÃO SÓ PRA MÃE COMO PARA, PRA PRÓPRIA CRIANÇA PORQUE A, A CRIANÇA NO PRINCÍPIO DE UMA REBELIÃO PODE VIRAR ATÉ UMA REFÉM.”

R: “A PRÓPRIA SAÚDE DA CRIANÇA AQUI CORRERIA RISCO?”

6ª: “ESSE LUGAR AQUI É INCOMPATÍVEL PRA UMA CRIANÇA SER, SER , NASCER, CRESCER E CONVIVER COM A MÃE. EU ACHO QUE PARA ISSO TEM QUE TER UM LOCAL MAIS ADEQUADO, NÉ? AS DETENTAS AQUI, AS REEDUCANDAS, NÉ, ELAS TÊM REALMENTE TODA A NOSSA ASSESSORIA MÉDICA NECESSÁRIA DENTRO DAS NOSSAS CONDIÇÕES DE TRABALHO, NÉ?”

R: “DENTRO DO QUE É POSSÍVEL, MAS LONGE DO IDEAL?”

6ª: “LO, LONGE DO IDEAL, ISSO É UMA PURA REALIDADE.”

R: “SILVANA SILVA, PARA O CIDADE ALERTA.”

CHAMADA: “É IMPRESSIONANTE, O , O, O, O PAÍS TODO FAZ CAMPANHA, CAMPANHAS OFICIAIS PARA QUE A MÃE AMAMENTE O FILHO. OCORRE QUE NO CASO DA PRESIDÁRIA QUE ESTÁ SOB A RESPONSABILIDADE DO ESTADO, O ESTADO NÃO CONSEGUE TER UM LUGAR DECENTE , QUE NÃO VAI SER NA CELA, NATURALMENTE, PARA QUE A MÃE POSSA AMAMENTAR O FILHO. SÃO INCOERÊNCIAS DESTE PAÍS. UM GAROTO DE CINCO ANOS PRECISA DA NOSSA AJUDA PARA ANDAR. VAMOS NOS DAR AS MÃOS, UMA VEZ MAIS. E O CIDADE

ALERTA VAI AJUDAR. EU TENHO A ABSOLUTA CERTEZA, JUNTAMENTE COM A ABC, VAMOS NOS DAR AS MÃOS. VAMOS ARMAR AQUELA, AQUELA FRATERNIDADE MUITO COMUM AQUI DENTRO DO CIDADE ALERTA. SILVANA SILVA, VOCÊ DE NOVO, O ESPAÇO É SEU.

2) GAROTO DE CINCO ANOS PRECISA DE AJUDA PARA ANDAR
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 6/8 - SOLIDARIEDADE/CAMPANHA/PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS]

REPÓRTER (SILVANA SILVA): “CRIANÇAS AQUI NA VILA NAGIB É O QUE NÃO FALTA, JOÃO. E A ESPERANÇA DA DONA FRANCISCA, DONA FRANCISCA VEM CÁ, A ESPERANÇA DA DONA FRANCISCA É QUE UM DIA O GUILHERME EMÍDIO, QUE HOJE TEM CINCO ANOS, POSSA BRINCAR COM OS OUTROS GAROTOS DA RUA. O QUE QUE ACONTECEU COM O GUILHERME QUANDO ELE NASCEU? FALTOU OXIGENAÇÃO NA HORA DO PARTO?”

1ª (ENVOLVIDO) [GUILHERME, SEXO MASCULINO, CRIANÇA, BRANCO, COM DEFICIÊNCIA FÍSICA]

1ª (ENTREVISTADA) [SEXO FEMININO, 32 ANOS, BRANCA, MÃE DO 1ª (ENVOLVIDO)]: “FOI.”

R: “ISSO CRIOU UMA SÉRIE DE COMPROMETIMENTOS?”

1ª: “FOI. ATROFIOU OS NERVOS.”

R: “E O QUE MAIS , ELE NÃO FALA...”

1ª: “NÃO FALA E NÃO ANDA.”

R: “MAS ELE COMPREENDE TUDO O QUE ACONTECE À VOLTA DELE?”

1ª: "ELE COMPREENDE TUDO O QUE A GENTE FALA... ELE, ELE COMPREENDE."

R: "DESDE O NASCIMENTO, ELE PASSA POR ATENDIMENTO MÉDICO, ELE TEM ACOMPANHAMENTO (SIC) MÉDICO É, E FAZ ATÉ FISIOTERAPIA. E A GENTE PERCEBE QUE ESSA CADEIRINHA QUE ELE TÁ USANDO, É ATÉ UMA CADEIRA ESPECIAL..."

1ª: "É, CADEIRA DE RELAXAMENTO."

R: "CADEIRA DE RELAXAMENTO?"

1ª: "É."

R: "BOM, MAS, SÓ A FISIOTERAPIA, SÓ O ATENDIMENTO MÉDICO, ISSO NÃO TÁ ADIANTANDO NADA?"

1ª: "NÃO, NÃO, NÃO ESTÁ ADIANTANDO."

R: "O QUE QUE O, O GUILHERME EMÍDIO PRECISA?"

1ª: "ELE PRECISA FAZER UMA CIRURGIA, NA, NO, NA VIRILHA E NO JOELHO."

R: "MAS O QUE QUE ACONTECE? A GENTE PERCEBE AQUI QUE ELE TEM AS PERNINHAS, O PEZINHO MEIO, MEIO VOLTADOS PRA DENTRO. O PROBLEMA É ISSO? O QUE VAI ACONTECER? MOSTRA PRA GENTE O QUE QUE PODE MUDAR COM, COM ESSA CIRURGIA? VAI MUDAR A POSIÇÃO DOS PEZINHOS DELE?"

1ª: "VAI. VAI."

R: "ELE FICA COM UM CINTO NA, NA CADEIRA....Ó, OLHA SÓ. HOJE ELE SÓ FICA NO COLO, ELE NÃO CONSEGUE FICAR DE PÉ."

1ª: "NÃO, NÃO CONSEGUE, NÃO CONSEGUE FICAR EM PÉ. AÍ, COM O PEZINHO VAI ENDIREITAR UM POUCO O PÉ, A VIRILHA DE..., VÃO FAZER UMA CIRURGIA NA VIRILHA, A VIRILHA DELE, OS PEZINHOS DELE FICA CRUZADO, ASSIM, NÉ, COM A CIRURGIA VAI DESCRUZAR E O NERVINHO DELE, A PERNINHA DELE VAI ESTICAR."

R: “QUE ACONTECE NESSE CASO, JOÃO, VOCÊ ACOMPANHOU, TODO MUNDO ACOMPANHOU QUE O GOVERNO DO ESTADO PRETENDIA QUE OS PLANOS DE SAÚDE PAGASSEM TODO OS TIPO DE TRATAMENTO, MAS O QUE QUE ACONTECEU? COMO OS PLANOS DE SAÚDE, SEGUROS DE SAÚDE SÃO REGIDOS POR LEI FEDERAL, AQUELE PROJETO AQUI DO GOVERNO ESTADUAL DE SÃO PAULO ACABOU NÃO DANDO EM NADA. E FOI JUSTAMENTE ISSO QUE IMPE, IMPEDIU O TRATAMENTO DO GUILHERME, NÃO É VERDADE?”

1ª: “FOI.”

R: “VOCÊS PROCURARAM UM PLANO DE SAÚDE?”

1ª: “PROCUREI, A PRIMEIRA VEZ ELES FALÔ QUE ERA PROBLEMA CONGÊNITO, QUE NÃO COBRIA.”

R: “QUER DIZER, PLANO DE SAÚDE NENHUM PAGA PROBLEMAS CONGÊNTOS, PROBLEMAS DE NASCENÇA?”

1ª: “ISSO MESMO.”

R: “E DAÍ?”

1ª: “AÍ, EU FUI A SEGUNDA VEZ, POR CAUSA DA LEI ESTADUAL, ELES TAMBÉM FALÔ QUE NÃO IA COBRIR, QUE ERA, QUE, QUE O CONVÊNIO ERA REGIDO PELA LEI ESTADUAL E NÃO COBRIA. ENTÃO, EU DESISTI, NÉ? PORQUE, ELES FALARAM: NÃO TEM CONDIÇÕES DE COBRIR O GUILHERME. AÍ EU DESISTI.”

R: “QUAL QUE É O APELO QUE A SENHORA FAZ, ENTÃO, DONA FRANCISCA?”

1ª: “AH, EU QUERIA QUE A, O O HOSPITA, A A ACD, O, O HOSPITAL DE SÃO PAULO, QUE JÁ TEM OS PRONTUÁRIO, O HOSPITAL DAS CLÍNICAS ARRUMASSE

UMA VAGA PRA MIM, LÁ, OU ALGUÉM QUE QUISESSE PAGAR A CIRURGIA DELE, SABE?”

R: “UM MÉDICO QUE POSSA FAZER ISSO?”

1ª: “TAMBÉM.”

R: “A SENHORA NÃO TEM MEDO DO CUSTO DESSA CIRURGIA?”

1ª: “OLHA, A ÚLTIMA VEZ, HÁ UNS TRÊS MESES ATRÁS, QUINZE MIL REAIS, PARA FAZER A CIRURGIA.”

R: “E O RESULTADO SERIA IMEDIATO?”

1ª: “É, IA MELHORAR BASTANTE, NÉ. IA MELHORAR, IA MELHORAR BASTANTE PRA ELE.”

R: “FICA ENTÃO O APELO DA DONA FRANCISCA. O TELEFONE DA DONA FRANCISCA É O 5515-0783, FALAR COM A DONA JOSEFA [CARACTERES ENTRAM]. REPETINDO O TELEFONE: 5515-0783. PORQUE, SE NINGUÉM AJUDAR, JOÃO, O GUILHERME MINCHE (?), ELE VAI TER O PROBLEMA, ELE VAI TER O PROBLEMA DELE AGRAVADO. JÁ QUE ELA RECORREU AOS PLANOS DE SAÚDE, JÁ QUE ELA RECORREU A ALGUNS HOSPITAIS QUE TEM UMA ENORME FILA DE ESPERA, AGORA, PRO GUILHERME E PRA DONA, É, FRANCISCA, SÓ RESTA MESMO APELAR PRA A SOLIDARIEDADE DOS OUTROS PAIS.”

1ª: “É, FOI A ÚNICA COISA QUE EU CONSEGUI ACHAR FOI A... CIDADE ALERTA. PORQUE, PORQUE O QUE EU JÁ FIZ, NÃO ADIANTOU NADA.”

R: “SILVANA SILVA, PARA O CIDADE ALERTA.”

CHAMADA: “DONA FRANCISCA, EU TENHO A ABSOLUTA CERTEZA DE QUE ATÉ O FINAL DO PROGRAMA DE HOJE NÓS VAMOS TER UMA SOLUÇÃO PARA ESSE CASO. EU NÃO TENHO A MENOR DÚVIDA. NÓS , JÁ , JÁ ESTAMOS ARMANDO A NOSSA

REDE DE SOLIDARIEDADE AQUI DENTRO DO CIDADE ALERTA. QUEM DEVE FICAR COM A GUARDA DAS CRIANÇAS QUANDO UM CASAL SE SEPARA? DÊ A SUA OPINIÃO. NÓS ESTAMOS INICIANDO UMA NOVA CONSULTA POPULAR A PARTIR DE HOJE. NA, NO, NO CASO DA SEPARAÇÃO DO CASAL, NA SUA OPINIÃO, COM QUEM A CRIANÇA DEVE FICAR? COM O PAI OU COM A MÃE? DÊ A SUA OPINIÃO, CONCORRA AOS CARROS QUE O FELIZ VAI LHES MOSTRAR AGORA. FELIZ, VOCÊ.”

FELIZ: “RISADA. ÊTA. EU FICO LOUCO. RISADA. MAIS UMA SEMANA TRILEGAL, UMA SEMANA TRIMALUCA AQUI NO CIDADE ALERTA, MINHA GENTE. MAS OLHA SÓ VOCÊS, VÃO VENDO AÍ. DOIS, DOIS PALIOS, DOIS PALIOS POR DIA. É, HOJE É DOIS, AMANHÃ É DOIS, DEPOIS DE AMANHÃ, É DOIS, DEPOIS, DEPOIS DE AMANHÃ É DOIS E DEPOIS DISSO AÍ E SÁBADO DOIS TAMBÉM. É TUDO DOIS, DOIS, DOIS DOIS. VOCÊ, É SÓ LIGAR. MAS VOCÊ TEM QUE LIGAR. DESSA VEZ VOCÊ NÃO PODE PERDER. MEU AMIGO, VOCÊ AÍ QUE É TAXISTA. TÁ VENDO, VOCÊ TÁ COM UM CARRO SÓ? ISSO, FAZ UMA FROTA, MEU FILHO. LIGUE TODA A SEMANA. AÍ CHEGA NO FINAL DE SEMANA E CÊ JÁ TÁ COM A FROTA DE AUTOMÓVEL. É ISTO DAÍ MINHA GENTE. VAMOS LÁ. VAMOS LIGAR. MAS LIGUE AGORA. ISTO É UMA LOUCURA. EU FICO LOUCO. LIGUE JÁ. O TELEFONE TÁ AÍ. MAS É SÓ VOCÊ LIGAR. BASTA LIGAR E GANHAR E A RESPOSTA A COIS. A PERGUNTINHA É TÃO SIMPLEZINHA E QUALQUER QUE FOR A SUA, A SUA RESPOSTA, SIM OU NÃO, MÃE OU PAI, VOCÊ GANHA, VOCÊ JÁ GANHA E LEVA PRA CASA ESSAS DUAS MARAVILHAS. DOIS. PRA UMA PESSOA SÓ. DOIS DE UMA VEZ. E PIRIRI E PORORÓ.”

[CARACTERES: CUSTO DA LIGAÇÃO: R\$ 3,00; TELEFONES E RESPOSTAS]

CHAMADA: “UMA DAS COISAS QUE MELHOR FAZ A ALMA DAS PESSOAS, UMA DAS COISAS QUE, QUE MELHOR SATISFAZ UM SER HUMANO QUANDO ELE É DOTADO DE BOM SENTIMENTO É A SOLIDARIEDADE HUMANA. A ABC, ASSOCIAÇÃO BENEFICIENTE CRISTÃ DISTRIBUI ALIMENTOS, ROUPAS, SOLIDARIEDADE, CALOR

HUMANO, BEM NO CENTRO DE SÃO PAULO. CÉLIA BRAVIN ACOMPANHOU ESSE TRABALHO. ESPAÇO ABERTO PRA VOCÊ, CÉLIA.”

3) ABC DISTRIBUI ROUPAS E ALIMENTOS NO CENTRO DE SÃO PAULO
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 6/8 - SOLIDARIEDADE/CAMPANHA/ABC]

REPÓRTER (CÉLIA BRAVIN): “O AMOR VENCE O FRIO, JOÃO LEITE NETO. ESTA É A PROPOSTA DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE CRISTÃ. E OLHA SÓ, ESSA FILA AQUI É PORQUE NESSE CAMINHÃO TEM NADA MENOS QUE MIL PEÇAS DE ROUPAS. ROUPAS PRA HOMENS E PRA MULHERES. COBERTORES TAMBÉM. CHEGOU EM BOA HORA?”

1ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 20 ANOS, MULATO]: “CHEGOU.”
R: “TÁ CONTENTE?”

1ª: “TÔ CONTENTE.”

R: “CÊ JÁ VIU O QUE CÊ GANHOU? JÁ DEU PRA OLHAR?”

2ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 42 ANOS, MULATO]: “JÁ DEU. UMA CALÇA, CAMISA E UMA BLUSA.”

R: “TÁ BOM?”

2ª: “TÁ BOM, TÁ ÓTIMO.”

R: “ESSA SOPINHA AQUI, OLHA, EU VOU DEIXAR O RAPAZ QUE TÁ COMENDO AQUI, ESSA SOPINHA AQUI, NA VERDADE, SÃO QUATROCENTOS PRATOS HOJE QUE ELES TÃO DANDO. SÓ QUE O PESSOAL JÁ PEGOU A SOPA. AQUI É PIPOCA. O PESSOAL COME PIPOCA, TAMBÉM?”

3ª (ENTREVISTADA) [SEXO FEMININO, 26 ANOS, NEGRA, EXERCE FUNÇÃO EM ENTIDADE FILANTRÓPICA]: “COME.”

R: "AQUI SÃO CHURRASCOS, CARNE E LINGÜIÇA. AO TODO SÃO QUATROCENTOS. E ELES SÃO MUITO, Ã, CARINHOSOS. OLHA, MÁRIO, FEZ AÍ, TÁ MOSTRANDO, TÁ NA CHAPA. HUM, CHEIRINHO GOSTOSO. GOSTOSO MESMO. COMO A SENHORA SENTE EM PODER AJUDAR AS PESSOAS?"

4ª (ENTREVISTADA) [SEXO FEMININO, 60 ANOS, BRANCA, EXERCE FUNÇÃO EM ENTIDADE FILANTRÓPICA]: "FICO FELIZ, MUITO FELIZ AJUDANDO TODAS ESSAS PESSOAS."

R: "QUEM VIVE NA RUA NÃO É SEMPRE QUE TEM O QUE COMER NÃO, NÉ?"

5ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 26 ANOS, MULATO]: "NEM SEMPRE TEM. AGRADECEMO ELES, NÉ?"

R: "CADA DIA DA SEMANA ELES ESTÃO NUM LUGAR, SEMPRE À NOITE, AJUDANDO AS PESSOAS. ALI, OLHA, A MENINA DE DOZE ANOS QUE FOI AGREDIDA PORQUE QUERIAM ABUSAR SEXUALMENTE DELA, ELA DISSE NÃO, RECEBEU UMA PAULADA. VAI SER ATENDIDA AGORA. TÁ O OUTRO LÁ CURIOSO, QUER CHEGAR E OLHAR DE PERTO. VAI SER ATENDIDA POR UMA DAS VÁRIAS ENFERMEIRAS QUE PARTICIPAM AQUI DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE CRISTÃ. ALI É O PESSOAL DA BELEZA. NESSA MORA NA RUA, NÃO TEM COMO CORTAR O CABELO, FALTA DINHEIRO PRA CORTAR. ENTÃO, AÍ, Ó, VAI CORTAR DE GRAÇA. ELE TÁ CORTANDO AQUI. A MENINA JÁ TÁ FICANDO UMA GATINHA, TÁ CORTANDO ALI. PRA QUEM TÁ ASSISTINDO O CIDADE ALERTA. QUEM QUISER AJUDAR, QUE FORMA PODE FAZER?"

1ª (ENVOLVIDA) [SEXO FEMININO, 12 ANOS, MULATA - VÍTIMA]

6ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 46 ANOS, BRANCO, LIGADO A ALGUMA ENTIDADE RELIGIOSA - IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS: "É, TEM DIVERSOS, DIVERSAS FORMAS. VOCÊ QUE QUER AJUDAR COM ALIMENTO,

DOAÇÃO DE ROUPA, VOCÊ PODE PROCURAR UMA IGREJA UNIVERSAL MAIS PRÓXIMA DA TUA CASA. VOCÊ QUE QUER DOAR COM VERBAS, VOCÊ TEM DIVERSOS TELEFONE TAMBÉM DA NOSSA SEDE (CARACTERES ENTRAM), QUE É O 535-2955, 2861, 2788. VOCÊ PODE LIGAR AONDE VOCÊ ESTIVER. NÃO TIVENDO, NÃO TENDO CONDIÇÕES DE ENTREGAR, NÓS MANDAREMOS RETIRAR.”

R: “MANDA BUSCAR EM CASA?”

6ª: “COM CERTEZA.”

R: “ENTÃO, VAMOS AJUDAR. QUEM SABE A GENTE VAI TER ASSIM UM FUTURO MELHOR PRO NOSSO PAÍS. CÉLIA BRAVIN, PARA O CIDADE ALERTA.”

[CARACTERES: TELEFONES DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE CRISTÃ, LIGADA À IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS: O BISPO EDIR MACEDO, FUNDADOR DA IGREJA, É PROPRIETÁRIO DA REDE RECORD]

CHAMADA: “Ã. Ô FELIZ, POR FAVOR FELIZ, DÁ, DÁ UM JEITINHO, MOSTRA RAPIDAMENTE AÍ. MOSTRA. MOSTRA OS CARROS.”

FELIZ: “OLHA COMO COMBINA, ÓIA. TÁ VENDENDO COMO COMBINA? TÁ VENDENDO? TÁ COMBINANDO TUDO. ENTÃO, E ESTE CARRO PODE COMBINAR COM VOCÊ, TAMBÉM. COMIGO ELE TÁ COMBINANDO MAS EU NÃO POSSO LIGAR. É SÓ VOCÊ QUE PODE LIGAR. LIGUE AGORA. O TELEFONE TÁ AÍ, VOCÊ TÁ VENDENDO O TELEFONE, VOCÊ PRECISA LIGAR. EU QUERO QUE VOCÊ LIGUE. MAS EU QUERO QUE VOCÊ LIGA JÁ. PORQUE EU QUERO QUE VOCÊ SEJA UM VENCEDOR ESSA SEMANA. ESSA SEMANA VOCÊ VAI SER O DONO DE DOIS CARROS. DOIS CARROS. QUE ESTÁ QUATRO, QUE ESTÁ SEIS, QUE ESTÁ OITO, SEI LÁ, UM MONTÃO, MAS EU QUERO QUE VOCÊ SEJA O VENCEDOR. E PRA ISSO, BASTA VOCÊ LIGAR. LIGUE AGORA, MEU FILHO E PIRIRI, PORORÓ.”

CHAMADA: “NÓS TAMOS APRESENTANDO NESSA EDIÇÃO DO CIDADE ALERTA, NESSA EDIÇÃO MUITO ESPECIAL, UMA SÉRIE DE REPORTAGENS SOBRE O CHUPA-CABRAS. NÓS ES, ESTAMOS FALANDO JÁ HÁ DIAS COM RELAÇÃO AO CHUPA-CABRAS. ELE É UM E.T., ELE NÃO É UM E.T.? ELE É, ELE É, ELE É UM ANIMAL? É, O QUE QUE, O QUE QUE É UM CHUPA-CABRAS? ENTÃO, NÓS VAMOS APRESENTAR HOJE NESTA EDIÇÃO E DAQUI A POUQUINHO OUTRAS REPORTAGENS. NÓS VAMOS À PRIMEIRA REPORTAGEM SOBRE O CHUPA-CABRAS, QUE ARRANCA CORAÇÃO E OLHOS DE UM ANIMAL. ISTO SE DEU EM MINAS GERAIS. ESSA INFORMAÇÃO QUE ESTÁ CHEGANDO DE MINAS GERAIS. A GABRIELE SPETIALE, QUE É NOSSA REPÓRTER FOI COBRIR ESTA MATÉRIA EM BETIM. EU ESTOU ABRINDO ESPAÇO PARA MINAS GERAIS PARA VOCÊ, GABRIELE. ESPAÇO ABERTO.”

4) INSACIÁVEL CHUPA-CABRAS ATACA EM BETIM, MINAS GERAIS
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 5 - CHUPA-CABRAS]

REPÓRTER (GABRIELE SPETIALE): “ESTA É A SEGUNDA VEZ QUE O CHUPA-CABRAS ATACA AQUI NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE NOS ÚLTIMOS DIAS. NA SEMANA PASSADA, UM ANIMAL ARRANCOU A CABEÇA DE UMA CABRA E NA MADRUGADA DE SÁBADO PARA DOMINGO, DESTROÇOU MAIS UM ANIMAL. ARRANCOU OS OLHOS E O CORAÇÃO E NÃO DEIXOU QUALQUER SINAL DE SANGUE. AQUI AO MEU LADO, O CASEIRO DO SÍTIO, ATALIBA. O QUE VOCÊ PÔDE CONSTATAR?”

1ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 34 ANOS, MULATO, CASEIRO]: “ÓI, EU NÃ, SINCERAMENTE, EU NÃO TENHO QUE DIZÊ... SACANAGEM. PELO, PELO SEGUINTE. PORQUE A GENTE DEITADO, ALI, NÉ. COM MENOS DE TRINTA METROS DE DISTÂNCIA, A GENTE NÃO VÊ NADA. ESSA ... NÃO DEIXA NADA ENCOSTAR AQUI EM VOLTA..., NÃO É?”

R: "VOCÊ CHEGOU A OUVIR ALGUM BARULHO?"

1ª: "NADA, NADA, NADA, NADA, NADA."

R: "VOCÊ JÁ TINHA OUVIDO ALGUMA HISTÓRIA DESSE TIPO POR AQUI?"

1ª: "JÁ."

R: "E TINHA MEDO?"

1ª: "AH, EU TINHA MEDO."

R: "POR QUE?"

1ª: "AI, EU ATÉ CHEGUEI ATÉ A FALAR COM A DONA DO, DO, DO, DO SÍTIO AQUI PRA PODE PEGÁ ESSA CABRA E LEVÁ-SE EMBORA DE TANTO MEDO QUE EU TAVA."

R: "AGORA, A CABRA ESTAVA AMARRADA. VAMOS ALI, NO LUGAR ONDE ELA ESTAVA PRESA. ELA ESTAVA PRESA COM UMA CORDA, DENTRO DESTA CASA, INCLUSIVE AO LADO TINHA UMA GRADE POR ONDE ELA FICAVA ENCOSTADA E ELA FOI ARRASTADA. ESSA JANELA AÍ ESTÁ DESCORANDO E ELA FOI ARRASTADA POR TODA ESTA PARTE AQUI ATÉ CHEGAR AQUELE VERDE ONDE ELA ACABOU FICANDO E PROVAVELMENTE ONDE ELA FOI DESTRUÍDA, ONDE FORAM ARRANCADAS AS PARTES VITAIS DELA. E AQUI NO SÍTIO, ALGUMAS PEGADAS DIFERENTES QUE OS MORADORES NUNCA TINHAM PERCEBIDO ANTES. UMA TÁ AQUI E A OUTRA TÁ POR AQUI. VOCÊS PODEM VER QUE TUDO INDICA QUE O ANIMAL VEIO PULANDO. PARA O RAFAEL, ISSO AQUI É MAIS UMA CARACTERÍSTICA DE UM EXTRA-TERRESTRE, RAFAEL?"

2ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 20 ANOS, BRANCO]: "É, É, PORQUE É, O BICHO, ELE, ELE SALTITA, ELE, ELE ANDA DE DUAS EM DUAS PATAS E VAI

PULANDO, QUASE UM METRO E ELE É PESADO. E SE FOSSE UM CANGURU. NUM EXISTE CANGURU NO BRASIL E CANGURU TAMBÉM É HERBÍVORO, NÉ? NÃO TEM LÓGICA UM ANIMAL DESSAS CA, CARACTERÍSTICAS. SÓ SE FOR UM ANIMAL DESCONHECIDO.”

R: “O JOSÉ LINS É DE RONDÔNIA E ESTÁ HOSPEDADO AQUI NO HOTEL. E ESSA MANHÃ ACORDOU COM O BARULHO DOS CACHORROS E VIU UM ANIMAL CORRENDO. O QUE EXATAMENTE VOCÊ PÔDE VER, JOSÉ LINS?”

3ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 36 ANOS, MULATO]: “ESSA NOITE EU ACORDEI AGORA ESSA MADRUGADA PRA AMANHECER HOJE, AÍ OS CACHORROS, AU, AU, AU, AU, AÍ EU FUI NO CAMPO E OLHEI DE CIMA, DA ONDE, DA VARANDA ALI, E AQUELE BICHO PELUDO, ENTENDEU? COM PRESA GRANDE, ORELHA DE PÉ, EM CIMA ASSIM, ATÉ OLHOU PRA MIM, ASSIM, OS CACHORROS ATACANDO, É, ESPÉCIE, ASSIM DO, COMO SE POSSOS DIZER, AQUELE TAMANDUÁ.”

R: “CHEGOU A FAZER ALGUM BARULHO?”

3ª: “NÃO, NÃO FAZIA BARULHO NENHUM, ASSIM, SÓ ATACANDO OS CACHORROS, OS CACHO, OS CACHORROS QUERENDO ATACAR ELE E ELE QUERENDO ATACAR OS CACHORROS.”

R: “ENTÃO ELE FUGIU?”

3ª: “PRETO. AÍ DEPOIS ELE SAIU POR TRÁS DO CAMPO ASSIM, PASSOU POR DETRÁS DA TELA E SUMIU. AÍ, EH, NUN VI MAIS.”

R: “É ASSUSTADOR?”

3ª: “ASSUSTADOR DEMAIS.”

R: “E PARA OS MORADORES DE BETIM, O QUE ACONTECEU AQUI NA MADRUGADA DE SÁBADO PARA DOMINGO AINDA É UM GRANDE MISTÉRIO. GABRIELE STEZIALE, DE BETIM, REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE, PARA O CIDADE ALERTA.”

CHAMADA: “E NÓS ESTAMOS A CADA DIA PROCURANDO UMA, U, UMA, UMA RAZÃO PARA A EXISTÊNCIA DESSE CHUPA-CABRAS. VÁRIAS REPORTAGENS FORAM FEITAS. NÓS ESTAMOS EM BUSCA DE UMA RESPOSTA NATURALMENTE. É, OUTRAS REPORTAGENS NÓS VAMOS FAZER NA SEQUÊNCIA. VOCÊ, ACOMPANHE ESSE TRABALHO QUE TÁ SENDO REALIZADO PELA NOSSA EQUIPE. UM ANIMAL CONHECIDO COMO FURÃO, GUARDE BEM O NOME, PODE SER O TAL DO CHUPA-CABRAS, TÁ? É, É UMA HIPÓTESE. O ESPAÇO ABERTO PARA O REPÓRTER LUÍS ESTOLINO. VOCÊ, LUÍS.

5) PRESO O CHUPA-CABRAS NO INTERIOR DE SÃO PAULO
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 5 - CHUPA-CABRAS]

REPÓRTER (LUÍS ESTOLINO): “BEM, JOÃO LEITE NETO. DESDE QUE NÓS MOSTRAMOS AQUI NO CIDADE ALERTA O TRABALHO REALIZADO PELA UNESP DA CIDADE DE JABOTICABAL, MOSTRANDO QUE O CHUPA-CABRAS NA VERDADE PODE SER O BICHO FURÃO, AQUELE BICHO QUE PARECE MAIS UM RATO. E NÓS VIEMOS AQUI NESSE ZOOLÓGICO DE RIO PRETO, ONDE TODOS OS DIAS EXISTEM MUITAS PESSOAS AQUI CURIOSAS. E A PARTIR DO MOMENTO QUE MOSTRAMOS O, A RESPEITO DO FURÃO, QUE QUE ACONTECEU? O FURÃO QUE FICAVA ESCONDIDO, QUE NINGUÉM QUERIA SABER DELE, ELE AGORA ACABOU VIRANDO ATRAÇÃO AQUI DA CRIANÇA. ELE QUE PODE SER AÍ, NA OPINIÃO DOS CIENTISTAS, O CHUPA-CABRAS. AQUI EXISTEM MUITOS ANIMAIS, OLHA AQUI, Ó, TEM MACACOS, NÃO É VERDADE? ALI NA FRENTE, EXISTEM MAMÍFEROS, OUTROS MAMÍFEROS. E

NÓS VAMOS CHEGAR ATÉ O LOCAL ONDE NÓS DESCOBRIMOS O CASAL DESSE BICHO CHAMADO FURÃO. OLHA SÓ QUE, ESSE OUTRO BICHO AQUI. QUE QUE É ISSO AQUI. OLHA AQUI, Ó. A LÁ, JAGUATIRICA. CADÊ A JAGUATIRICA? ENTÃO, A HISTÓRIA QUE O, QUE O CIENTISTA DA UNESP CONTOU É QUE A JAGUATIRICA, O CACHORRO-DO-MATO, O CACHORRO DOMÉSTICO, O LOBO-GUARÁ, OUTROS ANIMAIS QUE ATACAM AÍ AS OVELHAS, OS CARNEIROS E EM SEGUIDA APARECE AÍ O FURÃO, QUE VAI CHUPAR O SANGUE DOS ANIMAIS. E NÓS VAMOS MOSTRAR AQUI NO CIDADE ALERTA ESSE ANIMAL. BEM, E VAMOS NOS APROXIMANDO AQUI DO LOCAL ONDE FICA O BICHO FURÃO QU, SEGUNDO OS CIENTISTAS, ESSES BICHOS SÃO O CHUPA-CABRA. AQUI ESTÁ O LOCAL ONDE NÓS ENCONTRAMOS AS ESPÉCIES, FICAM NESSA TOCA. A GENTE OBSERVA AÍ QUE SÃO ANIMAIS, ANIMAIS QUE CHEGAM A PESAR UM QUILO E MEIO, SÃO SEMELHANTES A UM RATO, PARECEM MAIS UM RATO, TÊM UM PÊLO ESCURO E PELA E PELAS INFORMAÇÕES ALI Ó, A GESTAÇÃO DE UM BICHO DESSES CHEGA A DURAR SESSENTA E CINCO DIAS E PODE GERAR DE SEIS A CINCO FILHOTES E ADORA GALINHAS, PATOS, E OUTROS BICHOS MENORES. MAS OS CIENTISTAS DA UNESP TAMBÉM CHEGARAM A DIZER QUE ESSE BICHO QUE É CONFUNDIDO COM O CHUPA-CABRAS ELE ACABA TAMBÉM ATACANDO, É, CARNEIROS, OVELHAS, QUE , A A PRINCÍPIO SÃO MORTOS POR ANIMAIS MAIORES. A PRINCÍPIO, ELE, PRA MEDICINA, ELES AGORA VIRÃO AQUI PARA ESTUDAR O FURÃO, OS ANIMAIS QUE EXISTEM NESSE LOCAL, PRA VER SE TEM ALGUMA RELAÇÃO OU NÃO COM O CHUPA-CABRAS. DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, LUÍS ESTOLINO, PARA O CIDADE ALERTA.”

CHAMADA: “ESSE TAL DE FURÃO AÍ, ME PARECE UM POUCO A, A. PRA QUEM NÃO CONHECE, É, A LONTRA. MUITO PARECIDO COM UMA LONTRA. ATÉ PODE SER QUE SEJA LO, LONTRA, E, E, NA REGIÃO SEJA CHAMADO DE FURÃO. MAS, O, O FATO É O SEGUINTE. SE VOCÊ NÃO ACREDITA QUE O FURÃO POSSA SER O CHUPA-CABRAS OU A LONTRA... O CHUPA-CABRAS NA SUA OPINIÃO É UM EXTRA-TERRESTRE OU É UM ANIMAL? O CIDADE ALERTA MOSTRA AGORA PRA VOCÊ OS LOCAIS TODOS

ONDE ELE ATACOU. OS ANIMAIS QUE MORRERAM E UM MISTÉRIO QUE CONTINUA E QUE CONTINUA A CERCAR PRINCIPALMENTE ESTE, ESTE CASO. VAMOS ÀS REPORTAGENS, VAMOS LÁ.

6) CHUPA-CABRAS: UM MISTÉRIO SEM SOLUÇÃO
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]
[TEMÁTICA 5 - CHUPA-CABRAS]

REPÓRTER: "O QUE ESTARÁ MATANDO OS ANIMAIS E TIRANDO TODO O SANGUE DE SEUS CORPOS? ESTA É UM PERGUNTA QUE MUITA GENTE GOSTARIA DE SABER A RESPOSTA.

1ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 17 ANOS, MULATO]: "ELE É BEM PEQUENININHO E VOA E TEM UNS DENTÃO DESTE TAMANHO."

2ª (ENTREVISTADA) [SEXO FEMININO, 29 ANOS, BRANCA]: "ALGUMA COISA, É SOBRE E.T."

3ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 35 ANOS, BRANCO]: "CACHORRO É, É DIFÍCIL, NÉ? EU DESCARTO, EU DECARTEO CACHORRO."

4ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 44 ANOS, MULATO]: "A ÚNICA COISA QUE TÁ IMPRESSIONANDO A GENTE É QUE PARECE QUE TEM MUITO POUCO SANGUE, NÉ?"

R: "NO DIA 30 DE JUNHO, 20 OVELHAS DESAPARECERAM E NOVE FORAM ENCONTRADAS MORTAS NO BAIRRO CAPINZAL, MUNICÍPIO DE GUABIARA, A 250 QUILOMETROS DE SÃO PAULO. AS OVELHAS APARECERAM COM AS PATAS QUEBRADAS E MARCAS DE PERFURAÇÕES NA ALTURA DO PESCOÇO." [REPÓRTER, SEXO FEMININO]

5ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 40 ANOS, MULATO] : “PRA DIZER A VERDADE, EU NEM ACREDITAVA, VIU?”

REPÓRTER [SEXO MASCULINO] : “DEPOIS QUE VOCÊ VIU ESSE ESTRAGO TODO?”

5ª: “AÍ A GENTE TEM QUE ACREDITAR, NÉ?”

R: “PELA DIMENSÃO DOS FERIMENTOS, PELO TIPO DE CORTE, E TAL, VOCÊ ACREDITA QUE POSSA SER UM OUTRO ANIMAL, UMA ONÇA POR EXEMPLO? VOCÊ ACREDITA QUE PODERIA SER UM ATAQUE DE UMA ONÇA SOLTA E NÃO DO CHUPA-CABRAS?”

5ª: “OLHA, A, A ONÇA EU NÃO ACREDITO QUE SEJA, PORQUE SE FOSSE ELA, ELA ATACAVA PRA COMER E ARRASTAVA O ANIMAL PRA ALGUM LUGAR. NÃO FOI ARRASTADA PRA LUGAR NENHUM. SEMPRE MORRERAM NO LOCAL.”

6ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 40 ANOS, BRANCO]: “É UM NEGÓCIO, QUE, COMO SE DIZ, É TUDO O QUE ACONTECE, NÉ?”

REPÓRTER [SEXO FEMININO]: “NO DIA 14 DE JULHO, O ANIMAL VOLTOU A ATACAR, SÓ QUE DESTA VEZ EM RIBEIRÃO PIRES, NA GRANDE SÃO PAULO.

7ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, BRANCO]: OLHA, ELE TEM MORDIDAS NA CABEÇA...”

R: “RÃ, RÃ.”

7ª: “E HOUVE UMA HEMORRAGIA, NÃO É, SANGRANDO BELA BOCA E PELA, PELA NA, NARINA, PELAS NARINAS, NÉ?”

R: “ELE TÁ BEM MAL, NÃO É , NÃO TÁ?”

7ª: “GE, GERALMENTE, PELA IDADE DELE, ELE NÃO DEVE RESISTIR A ESSE ATAQUE.”

R: “VOCÊS CHEGARAM TAVA TUDO FECHADINHO. QUANDO O SENHOR ENTROU QUE O SENHOR VIU OS ANIMAIS?”

8ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 40 ANOS, MULATO, TRABALHADOR RURAL]: “É, EU NEM ABRI, JÁ VI ESSA CENA AÍ, NÃO É?”

R: “NOSSA, QUE COISA HORRI... GENTE, OLHA, O QUE TEM DE VÃO É ISSO AQUI. MOSTRA AQUI EM CIMA, RENATO. O QUE TEM DE VÃO É AQUI, ALI, NÉ, BOM, ESQUISITO. E AQUI TUDO FECHADO, VAMO ENTRAR, DÁ LICENÇA. NO, NOSSA, HORRÍVEL. TEVE MORDIDAS AQUI, NO, NO PESCOÇO E PERFURA AQUI, E PERFUROU BEM AQUI, NÉ? A PERFURAÇÃO FOI... TIRA O DEDO UM POUQUINHO PRA GENTE MOSTRAR. OLHA SÓ. FOI DIRETO NO PESCOÇO?”

9ª (ENTREVISTADO)/7ª: “É, A JUGULAR, TÁ, NÃO FOI ATINGIDA, POR INCRÍVEL QUE PAREÇA.”

R: “NO DIA 15 DE JULHO FOI A VEZ DO MUNICÍPIO DE BADIBACI RECEBER A VISITA DO ESTRANHO ANIMAL. SÓ QUE DESTA VEZ ELE NÃO ATACOU CABRAS NEM OVELHAS.

REPÓRTER [SEXO MASCULINO]: AÍ ESTÃO OS PORCOS QUE FORAM, QUE APARECERAM MORTOS E DESTA VEZ O QUE DEIXA, DEIXA AS PESSOAS MAIS AINDA PREOCUPADAS E O MISTÉRIO É AINDA MAIOR É PORQUE NÃO EXISTEM AQUELAS MARCAS TRADICIONAIS QUE APARECERAM EM OUTROS ANIMAIS AÍ, DA REGIÃO, NO INTERIOR DE SÃO PAULO E, A PRINCÍPIO, A ÚNICA COISA QUE PODE TER DESAPARECIDO AQUI É O SANGUE.”

REPÓRTER [SEXO FEMININO, A ANTERIOR] : “NO DIA 16 DE JULHO, A POPULAÇÃO DE EMBUGUAÇU FICOU ASSUSTADA COM A MORTE DE VÁRIAS GALINHAS QUE TINHAM UMA PERFURAÇÃO NO PESCOÇO E NÃO TINHAM SANGUE NO RESTO DO CORPO. O DONO DO SÍTIO DESCREVE COMO ERA O ANIMAL QUE ATACOU SUAS GALINHAS.”

10ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 50 ANOS, BRANCO, DONO DO SÍTIO]: “AQUI, QUANDO EU, QUANDO EU ABRI A JANELA ASSIM, SAIU DE DENTRO, AQUI DE DENTRO, AQUELE BICHO PRETO, MAGRO, RAIZ SECA, ASSIM SECO, COM A CABEÇA ASSIM, PARECIA A CABEÇA DE, DE UM PORCO, CABEÇÃO ASSIM GRANDE E AQUELE ESPINHAÇO MAGRO COM AQUELA LISTRA AMARELA, ASSIM NO ESPINHAÇO, DE UM LADO DE OUTRO, AMARELA.”

R: NO DIA 23 DE JULHO, EM BEBEDOURO, INTERIOR DE SÃO PAULO, MORRERAM SEIS OVELHAS.

11ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 60 ANOS, BRANCO, DONO DE PROPRIEDADE RURAL]: “EU JÁ COM 31 ANOS AQUI, 32 ANOS, NUNCA, NUNCA ME ACONTECEU ESSAS COISAS QUE ACONTECEU HOJE.”

R: “EM JABOTICABAL, O PROFESSOR TENÓRIO VASCONCELOS, DA UNESP, TEM UMA EXPLICAÇÃO PARA O CASO.”

12ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 50 ANOS, BRANCO, PROFESSOR DA UNESP]: “NÃO É NADA DE CHUPA-CABRAS. NESSE CASO AQUI, É, TÁ, TÁ BEM DEMONSTRADO A INCISÃO DOS DENTES DO CACHORRO AQUI. E TAMBÉM AQUI NA NUCA, FORTE. ESSE ANIMAL DEVE TER ENFIADO A CABEÇA NUMA TELA OU NUM ARAME FARPADO, LÁ E CORTOU TAMBÉM A NUCA, TÁ VENDO, OLHA? O DIAGNÓSTICO DO PATOLOGISTA É QUE ISSO AQUI É CORTE POR ARAME. CARNEIRO É UM BICHO QUE SOFRE MUITO STRESS. ELE MACHUCADO ELE FICA

QUIETINHO, PRINCIPALMENTE ANIMAIS JOVENS. FICA QUIETINHO. ELE FICANDO QUIETINHO, VEM UM OUTRO BICHINHO DIFÍCIL DA GENTE VER NA NATUREZA, PORQUE ELE É MUITO ÁGIL, ELE É MUITO RÁPIDO, ELE FOGE RAPIDAMENTE, CHAMADO FURÃO.”

REPÓRTER [SEXO MASCULINO]: “FURÃO?”

12ª: “É, FURÃO. ESSE FURÃO EXISTE NO RIO GRANDE DO SUL, EXISTE NO PARANÁ, NÃO É, COM OUTRO NOME, MAS GERALMENTE...”

R: “EM SÃO PAULO, TAMBÉM, AQUI?”

12ª: “EM SÃO PAULO TAMBÉM. MAS ELE, ELE E ELE É CONHECIDO POR FURÃO. ENTÃO, O QUE QUE O FURÃO FAZ? ELE CHEGA NA GALINHA E QUANDO TEM PINTINHO ELE VAI NO PINTINHO E CHEGA A MASTIGAR UM POUCO A CABEÇA. QUANDO NÃO TEM O PINTINHO, ELE VAI NUMA GALINHA, UMA AVE ADULTA E SUGA O SANGUE PRÓXIMO À CABEÇA.”

REPÓRTER [SEXO FEMININO, A ANTERIOR]: “NO DIA 24 DE JULHO, O ANIMAL VOLTOU A ATACAR, SÓ QUE DESTA VEZ, NA ZONA SUL DE SÃO PAULO, PRÓXIMO À REPRESA BILLINGS.”

13ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, DE 50 A 64 ANOS, MULATO] : “Ó ,O CORTADO ONDE É QUE FOI.”

R: “OLHA, TEM CORTE...”

13ª: “NO SANGRADOR. ISSO AÍ É O SANGRADOR DO ANIMAL.”

R: “TEM CORTE AQUI. O SENHOR ACHA QUE FOI O CHUPA-CABRAS?”

13ª: “EU ACHO PORQUE NÃO TEM OUTRA COISA, NÃO SEI, PORQUE ELE NÃO MACHUCOU EM NENHUM OUTRO LUGAR. SÓ, SÓ, SÓ NESSE LOCAL AÍ.”

REPÓRTER (ROBERTO SOUZA): “OLHA SÓ, A MARCA ALI NO PESCOÇO É A MARCA QUE APARECE EM VÁRIOS ANIMAIS ABATIDOS DESSA FORMA, NÉ, TOTALMENTE SECOS E O CHUPA-CABRAS TERIA ATACADO ENTÃO NO PESCOÇO. O SENHOR ACHA QUE ESSE BICHO VEIO NADANDO, VEIO DA FLORESTA?”

14ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 38 ANOS, BRANCO]: “NÃO, EU NÃO SEI, NÉ, ISSO AÍ FICA MEIO ESTRANHO, ISSO AÍ, PORQUE NÃO ACONTECE NÃO, NÃO SÓ AQUI, NÉ, EM TODOS OS LUGAR, NÃO SEI, INCLUSIVE ACONTECEU EM BEBEDOUROS, NÉ, ESSA SEMANA TAMBÉM, NÉ? UMAS TRINTA...”

R: “QUE BICHO É ESSE?”

14ª: “NINGUÉM SABE O QUE É NÃO.”

R: “DE ONDE TERIA VINDO O BICHO, EXISTE OU NÃO O CHUPA-CABRAS, É UM PRODUTO DA IMAGINAÇÃO DAS PESSOAS, VEIO DO ESPAÇO, VEIO DA TERRA, VEIO DA ÁGUA?”

CHAMADA: “E ATENÇÃO. ESTAMOS RECEBENDO UM CHAMADO AGORA. ATENÇÃO PARA ESSA REPORTAGEM. EQUIPE DE RESGATE LEVAM HORAS PARA SALVAR VÍTIMAS DE UM ACIDENTE GRAVE, NA VIA ANCHIETA, AQUI EM SÃO PAULO. SILVANA SILVA. ESPAÇO ABERTO PRA VOCÊ.”

7) RESGATE DRAMÁTICO: 5 PESSOAS FICAM NAS FERRAGENS
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 3 - ACIDENTE]

REPÓRTER (SILVANA SILVA): “E AÍ, ATRAVÉS DAS IMAGENS DE UM CINEGRAFISTA AMADOR, FLÁVIO VANDERLEI, NÓS ACOMPANHAMOS MAIS UMA VEZ O TRABALHO DOS BOMBEIROS DE SÃO BERNARDO DO CAMPO, QUE SE DIRIGEM À VIA ANCHIETA, NO QUILÔMETRO 25, E OLHA A RAZÃO DA PRESENÇA DOS BOMBEIROS. O CARRO ENTROU ENTRE AS RODAS DE UMA CARRETA, QUE TERIA PERDIDO A DIREÇÃO E A CARRETA COM AS RODAS TRAVADAS TOMBOU, CAINDO SOBRE O PRÓPRIO CARRO. SEIS JOVENS OCUPAVAM UMA SANTANA QUANTUM E APENAS O MOTORISTA, O PETERSON SERRA LOPES, DE 18 ANOS, CONSEGUIU SAIR SOZINHO. AÍ, O PESSOAL TENTANDO LIMPAR A ÁREA.”

“FECHA A PORTA, FECHA A PORTA, AÍ, AÍ, VAI, VAI, VAI, ABRE...” (PESSOAS FALAM ENQUANTO TENTAM DESVIRAR O CARRO)

R: “QUEM PASSA POR AQUI E VÊ ESSAS CENAS CERTAMENTE IMAGINA UMA TRAGÉDIA MUITO MAIOR. SÓ QUE NA VERDADE OS OCUPANTES DA QUANTUM NASCERAM DE NOVO. É LUGAR COMUM DIZER ISSO, MAS FOI EXATAMENTE O QUE ACONTECEU. O MOTORISTA SAIU SOZINHO, MAS LÁ DENTRO CINCO JOVENS AINDA ESPERAM O RESGASTE, AÍ, POR PARTE DOS BOMBEIROS. UM TRABALHO METICULOSO, PORQUE ELES NÃO TEM NEM ESPAÇO AÍ PRA RETIRAR. OLHA SÓ, UMA DAS JOVENS AÍ QUE ESTAVAM DENTRO DO CARRO, NA PARTE DE TRÁS DO CARRO, AINDA PRESA ENTRE AS FERRAGENS. O PESSOAL PEDE CALMA AÍ PRA ELAS. A ILUMINAÇÃO TAMBÉM NÃO É MUITO BOA E TODO O CUIDADO É POUCO NA HORA DE MOVIMENTAR. OLHA SÓ MOTORISTA AÍ, O PETERSON, QUE SAIU SÓ COM FERIMENTOS NO SUPERCÍLIO. AQUI PARECE QUE ELES ESTÃO TIRANDO A PRIMEIRA, A PRIMEIRA GAROTA. É ISSO MESMO. NOTEM O CUIDADO, PELO JEITO ELA SENTE MUITAS DORES. ESTA É A KÁTIA CRISTINA, DE 17 ANOS, A PRIMEIRA GAROTA, TÁ CHORANDO AÍ, TRAUMATIZADA E REALMENTE O CHOQUE FOI MUITO GRANDE. O CARRO FICOU ENTRE AS RODAS DA CARRETA. SEGUNDO TESTEMUNHAS, O MOTORISTA, O PETERSON TERIA PERDIDO A DIREÇÃO E

ENTRADO ALI. TRAVOU AS RODAS E ELA TOMBOU. AGORA ELES SE PREPARAM AÍ PRA RETIRAR A SEGUNDA, A SEGUNDA GAROTA. VEJA AÍ O CUIDADO QUE ELES VÃO TENDO PRA RETIRAR A GAROTA QUE É A LÍGIA YURI TELLES DE LIMA, ELA TEM 17 ANOS. QUER DIZER, O PESSOAL SE, SE COLOCA AÍ ENTRE A, A LATA, ENTRE TODO O METAL RETORCIDO, AÍ, TANTO A CARRETA COMO DA PRÓPRIA QUANTUM. A PERDA AÍ FOI TOTAL, MAS PRA SORTE DESSES JOVENS, QUE ESTÃO AÍ. JÁ TÃO SAINDO, AÍ, A PRIMEIRA VIATURA, A PRIMEIRA UNIDADE DE RESGATE LEVANDO PARA O HOSPITAL A KÁTIA, A KÁTIA CRISTINA. E AÍ JÁ ESTÁ SENDO RETIRADA ENTÃO A LÍGIA, DE 17 ANOS. APARENTEMENTE, A GENTE NÃO, NÃO NOTA, PARECE QUE NÃO HÁ FRATURA NA, NAS PERNAS. ELA MO, MOVIMENTA AS PERNAS, AJUDA ATÉ A, A SE COLOCAR NA MACA. ESTÁ CONSCIENTE, O QUE É UM BOM SINAL, MAS CERTAMENTE O SUSTO QUE ESSES JOVENS TOMARAM, O TRAUMA PRA ELES SERÁ INESQUECÍVEL PROVAVELMENTE. ELES JÁ VÃO COLOCANDO OS CINTOS AÍ, PRA TAMBÉM ENCAMINHÁ-LA PARA UM HOSPITAL AQUI DA REGIÃO. ELA É CONFORTADA AÍ PELO JEITO POR UM, POR UM CONHECIDO. AÍ, UM OUTRO RAPAZ JÁ SENDO RETIRADO, AÍ TAMBÉM PARECE, PARECE EM BOM ESTADO, NÃO HÁ, NÃO HÁ, A GENTE NÃO VÊ FERIMENTOS VISÍVEIS NELE. NÃO SABE SE É O DANIEL OU SE É O WALTER, DOIS DOS OUTROS OCUPANTES LÁ DOS SEIS QUE ESTAVAM, NA, NA QUANTUM. QUANTUM LOTADA. REALMENTE FOI UMA SORTE MUITO GRANDE DESSES JOVENS NÃO TER AQUI ACONTECIDO UMA TRAGÉDIA. OLHA SÓ A POSIÇÃO EM QUE FICOU A CARRETA E O ESTADO DO CARRO, EMBAIXO DELA. UM CARRO AÍ DE GUARULHOS, UMA SANTANA QUANTUM, QUE FICOU PRATICAMENTE IRRECONHECÍVEL DEBAIXO AÍ DESTA, DESTA CARRETA. OLHA SÓ EM QUE SITUAÇÃO. OS BOMBEIROS AINDA TRABALHAM AGORA PARA A RETIRADA DO ÚLTIMO RAPAZ. O OLIVER SERRA LOPES, QUE É, PELO NOME, SERIA O IRMÃO DO PETERSON, DO MOTORISTA DESSA, DESSA QUANTUM. VEJA AÍ QUE O ESPAÇO PROS BOMBEIROS TRA, TRABALHAREM NÃO É MUITO GRANDE NÃO. É UMA GRANDE DIFICULDADE. E

MOVIMENTAR A CARRETA, AÍ, PODERIA SER MAIS ARRISCADO AINDA. OLHA ELE JÁ JÁ SENDO RETIRADO. UMA FRATURA APARENTEMENTE NO NO ROSTO, NÉ, NA FACE, MAS CONSCIENTE. AÍ ELE JÁ ESTA SENDO COLOCADO DENTRO DA UNIDADE DE RESGATE. TERMINA ASSIM UM TRABALHO DRAMÁTICO DO CORPO DE BOMBEIROS. UM TRABALHO QUE COMEÇOU DURANTE A MADRUGADA E TERMINA SÓ AGORA COM O DIA CLARO.”

1ª (ENVOLVIDO) [PETERSON SERRA LOPES, SEXO MASCULINO, 18 ANOS, BRANCO -VÍTIMA DE ACIDENTE DE TRÂNSITO, MOTORISTA DA QUANTUM, NÃO PRECISOU SER RETIRADO DO CARRO]

2ª (ENVOLVIDA) [KÁTIA CRISTINA, SEXO FEMININO, 17 ANOS, BRANCA, ACOMPANHANTE DA QUANTUM]

3ª (ENVOLVIDO) [LÍGIA YURI TELLES DE LIMA, 17 ANOS, BRANCA, ACOMPANHANTE DA QUANTUM]

4ª (ENVOLVIDO) [DANIEL, SEXO MASCULINO, BRANCO, ACOMPANHANTE DA QUANTUM]

5ª (ENVOLVIDO) [WALTER, SEXO MASCULINO, ACOMPANHANTE DA QUANTUM]

6ª (ENVOLVIDO) [OLIVER SERRA LOPES. SEXO MASCULINO, ACOMPANHANTE DA QUANTUM, IRMÃO DO MOTORISTA]

CHAMADA: “BEM, DAQUI A POUQUINHO, NÓS VAMOS APRESENTAR UMA MOVIMENTAÇÃO MUITO GRANDE DA POLÍCIA, NUM TIROTEIO LOGO APÓS O SHOW DO MILTON NASCIMENTO. AGUARDEM. QUEM DEVE FICAR COM A GUARDA DAS CRIANÇAS QUANDO UM CASAL SE SEPARA? DÊ A SUA OPINIÃO, E CONCORRA AOS CARROS QUE O FELIZ VAI LHE MOSTRAR AGORA. FELIZ, RÁPIDO, VAMO.”

FELIZ: “MAS OLHA SÓ MINHA GENTE, OLHA, NEM O PLÁSTICO, NEM O PLÁSTICO TIRARAM AINDA, É NOVINHO. É ESTALANDO DE NOVO. E É SEU. É PALIO ED, É DE VOCÊ. E BASTA VOCÊ LIGAR, MAS LIGUE AGORA. TEM MAIS ESSE. MAS, PENSA QUE É UM SÓ? NÃO, SÃO DOIS, DOIS E É PRA VOCÊ. MAS PRA VOCÊ LIGAR AGORA. VOCÊ TEM QUE LIGAR AGORA, IMEDIATAMENTE. LIGA. PEGA, VAI LÁ NO TELEFONE. LIGA. VAI. EU TE DOU MAIS UMA CHANCE, HEIN? EU VOU CONTAR, HEIN?: UM, DOIS, TRÊS, TRÊS REAIS PRA VOCÊ LIGAR E PIRIRI E PORORÓ.”

CHAMADA: “E O SHOW DE MILTON NASCIMENTO TEVE UMA MOVIMENTAÇÃO ADICIONAL. ASSALTANTES E POLÍCIA TROCAM TIROS LOGO NA SAÍDA DO SHOW, EM SÃO PAULO. O REPÓRTER É ROBERTO SOUZA, E O ESPAÇO É SEU, ROBERTO.”

8) QUADRILHA RODA FEIO NO ASSALTO A CASA DE SHOWS, EM SP
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 1/A - TENTATIVA DE ROUBO/TROCA DE TIROS]

REPÓRTER (ROBERTO SOUZA): “OK, JOÃO LEITE NETO, ESTAMOS CHEGANDO AQUI NO 15 DP, ONDE UMA OCORRÊNCIA ESTÁ SENDO REGISTRADA NESSE MOMENTO, UM TIROTEIO NA FRENTE DA CASA DE ESPETÁCULOS TOM BRASIL DURANTE OU DEPOIS, VAMOS SABER AGORA, DO SHOW DO MILTON NASCIMENTO, VOU CONVERSAR COM O POLICIAL, SOLDADO ALEXANDRE QUE PARTICIPOU DESSA CONFUSÃO TODA. OLHA SÓ AQUI, OLHA A SANDRA TÁ MOSTRANDO AÍ, TIRO AQUI NA PORTA DA VIATURA DA PM. COMO É QUE FOI A CONFUSÃO LÁ? TENTARAM ASSALTAR O TOM BRASIL, ASSALTARAM O TOM BRASIL?”

1ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 30 ANOS, BRANCO, POLICIAL MILITAR]: “É, FOI UMA TENTATIVA DE ROUBO, PELA CASA TOM BRASIL E AO CHEGAR AO LOCAL FOI CERCADA A CASA E OS INDIVÍDUOS TENTARAM EVADIR-SE E TROCARAM TIRO COM A VIATURA DA PM.”

R: “VAMOS VER ESSA OCORRÊNCIA AQUI. NO 15 DP. DEIXA EU VER TENENTE? QUER DIZER, FOI UMA NOITE AGITADA AÍ NO TOM BRASIL, NÉ?”

2ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 33 ANOS, BRANCO, POLICIAL MILITAR]: “ISSO, EXATAMENTE. FOMOS SOLICITADOS VIA COPOM, CHEGANDO AO LOCAL A VIATURA FOI RECEBIDA À BALA.”

R: “E AÍ, CHEGOU, JÁ CHOVEU BALA?”

2ª: “EXATAMENTE. E, OS, OS INDIVÍDUOS UTILIZARAM AS VÍTIMAS COMO ESCUDO PARA TENTAR SE EVADIR. SE EVADIRAM E ENTRARAM NOVAMENTE ATÉ A, A, O INTERIOR DA, DO ESTABELECIMENTO. TENTARAM NOVAMENTE SE EVADIR PELOS FUNDOS E NÓS NOS DEPARAMOS LÁ NA SAÍDA ONDE ELES TENTAVAM EFETUAR ROUBO A UM OUTRO AUTO PARA SE EVADIR.”

1ª (ENVOLVIDOS/2) [VÍTIMAS - REFÊNS]

3ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 27 ANOS, BRANCO - VÍTIMA DE TENTATIVA DE ROUBO]: “TAVA DENTRO DO CARRO, ESQUENTANDO O CARRO, AÍ ELES CHEGARAM E ME ABORDARAM. AÍ EU SAÍ DO CARRO E IA DEIXÁ ELES LEVAR O, O CARRO SÓ QUE LOGO NO, NO INSTANTE QUE EU SAÍ DO CARRO A POLÍCIA CHEGOU. AÍ EU TENTEI, VI QUE O BANDIDO ELE DISPERSOU, E EU FUGI PARA O CANTO, ME ESCONDI, FUI PRO LADO DA POLÍCIA. AÍ CHOVEU BALA EM CIMA DA GENTE, NÉ, MAS AÍ, A POLÍCIA, GRAÇAS A DEUS, CONSEGUIU CONTORNAR A SITUAÇÃO.”

4ª (ENTREVISTADO)/2ª: “FOI APREENDIDO JU, JUNTO AOS MESMOS, É, QUATRO PISTOLAS SEMI-AUTOMÁTICAS, UMA NOVE MILÍMETROS, UMA 45 E DUAS 765.”

R: “BOM, ESSAS SÃO AS TESTEMUNHAS, NÉ? VOCÊS SÃO LÁ DO TOM BRASIL, NÉ?”

5ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 35 ANOS, MULATO]: “É.”

R: "VOCÊS FORAM SURPREENDIDOS LÁ PELOS ASSALTANTES, COMO É QUE FOI"?

6ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 37 ANOS, MULATO]: NÃO, EU NÃO ESTAVA PRESENTE, SENHOR.

R: "NÃO?"

6ª: "NA HORA EU NÃO ESTAVA PRESENTE."

R: "CERTO. E ESSE SENHOR QUE TÁ ASSINANDO. O SENHOR TAVA PRESENTE, LÁ?"

7ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 36 ANOS, MULATO]]: "NÃO."

R: "NÃO? E VOCÊS VIERAM ASSINAR O QUE AQUI?"

8ª (ENTREVISTADO)/6ª: "UÉ, NÓS SOMO, VIEMO APENAS ASSINAR AQUI PORQUE NÓIS SOMO FUNCIONÁRIO DA CASA E O BOM RECONHECIMENTO QUE A DOUTORA PEDIU PARA QUE A GENTE VIESSE ATÉ AQUI."

R: "O SENHOR É CARCEREIRO?"

9ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 42 ANOS, BRANCO, INVESTIGADOR DE POLÍCIA]: "NÃO, NÃO SOU CARCEREIRO NÃO. SEM FILMAR."

R: "É NOSSO TRABALHO... NÓS FAZEMO ISSO TODO DIA [FRASES INAUDÍVEIS.]

9ª: "EU SEI, EU SEI, EU CONHEÇO VOCÊ. EU SEI MAS, É..."

R: "TEM MAIS TRÊS FUGIDOS OU NÃO?"

9ª: "NÃO SEI, QUATRO TÃO PRESOS."

R: “E INDICIADOS, OLHA AÍ.” VALDECI NASCIMENTO SILVA, SÉRGIO FRANCISCO DOS SANTOS, MARCELO CÉSAR DE CARVALHO ALFEU, JORGE PAULO RAIMUNDO. ENTÃO, UM, DOIS, TRÊS, QUATRO E SEGUNDO A PM HÁ OUTROS TRÊS ASSALTANTES QUE ESTAVAM DO LADO DE FORA E QUE DESAPARECERAM. DEIXA EU FALAR RAPIDINHO COM A DELEGADA. DOUTORA, É, ESSES TRÊS, A SENHORA TEM INFORMAÇÕES SOBRE ESSES OUTROS TRÊS HOMENS QUE FUGIRAM?

2ª (ENVOLVIDOS/7) [SEXO MASCULINO - 4 ACUSADOS; 3 PROCURADOS; UM DELES FOI FERIDO À BALA]

10ª (ENTREVISTADA) [SEXO FEMININO, 28 ANOS, BRANCA, DELEGADA]: “AINDA NÃO. TEMOS ALGUMAS INFORMAÇÕES QUE VÃO SER CHECADAS POSTERIORMENTE.”

R: “AH, TÁ CERTO. E Ó, UM MINUTINHO, OLHA, ELE TÁ PISANDO NO FIO, DELEGADA. ESSE, ELE, ELE É, É AQUI DA DELEGACIA, NÉ?”

10ª: “ELE É O INVESTIGADOR DE POLÍCIA.”

R: “E PORQUE ELE ATRAPALHA. OLHA, ELE FICA NA FRENTE DA CÂMARA, OLHA, SÓ.”

10ª: “NÃO, ELE NÃO ATRAPALHA NÃO, ELE É SÓ...”

R: “AH, ENTÃO, DÁ LICENÇA, AH, BOM, ENTÃO DÁ LICENÇA. AGORA ELE PAROU DE ATRAPALHAR. PORQUE A DELEGADA AQUI É A AUTORIDADE, NÉ? NÓS TAMO FALANDO COM A DELEGADA E ELE FICA NA FRENTE. DAÍ NÃO DÁ, NÉ, JOÃO LEITE? A SENHORA SABE QUANTO FOI LEVADO DA CASA TOM BRASIL, DELEGADA?”

10ª: “AINDA TÁ SE FAZENDO UM LEVANTAMENTO PRA PODER DAR A IMPORTÂNCIA PRECISA.”

R: “BEM, PORTANTO ESTA AÍ JOÃO LEITE NETO, UMA NOITE AGITADÍSSIMA, POR VOLTA DAS TRÊS HORAS DA MANHÃ, A OCORRÊNCIA FOI REGISTRADA AQUI NO 15 DP. MAS ISSO DEVE TER ACONTECIDO POR VOLTA DA UMA DA MANHÃ, LOGO DEPOIS DO ENCERRAMENTO DO SHOW DO MILTON NASCIMENTO. VAMOS DAR UM PASSADINHA LÁ NA TOM BRASIL? OS ASSALTANTES FUGIRAM PELOS FUNDOS DA CASA TOM BRASIL. OLHA SÓ O MURO ALTO QUE O PESSOAL PULOU. E NÃO CONSEGUIRAM LEVAR MUITA COISA. TUDO O QUE A POLÍCIA ENCONTROU COM ELES FOI DUZENTOS E SESENTA E NOVE REAIS E ATÉ AGORA NÃO SE SABE QUEM ERAM OS HOMENS QUE ESTAVAM DO LADO DE FORA DANDO SEGURANÇA, MAIS TRÊS ASSALTANTES. AS DUAS PESSOAS QUE FORAM MANTIDAS COMO REFÊNS JÁ ESTÃO EM CASA E FELIZMENTE NADA SOFRERAM. NINGUÉM SE MACHUCOU. SÓ UM DOS ASSALTANTES FICOU FERIDO NO BRAÇO, PASSOU PELO HOSPITAL, MAS JÁ VOLTOU PRA CADEIA, ONDE FOI PRESO EM FLAGRANTE JUNTO COM OS OUTROS TRÊS. ROBERTO SOUZA, PARA O CIDADE ALERTA.”

CHAMADA: E O INVESTIGADOR QUE NÃO QUER APARECER NÃO FICA NA FRENTE DA CÂMERA, NÉ? FICA EM OUTRO LUGAR. QUE NEGÓCIO É ESSE DE FICAR PUXANDO O FIO? BOM, UMA TRAGÉDIA EM FAMÍLIA, UMA VIOLÊNCIA ABSURDA. UM HOMEM MATA A MULHER E O FILHO DE SETE ANOS DE IDADE. ANTES DE EU CHAMAR O PIO REDONDO, EU VOU RAPIDAMENTE PRO FELIZ. FELIZ, VOCÊ, ESPAÇO PRA VOCÊ.

FELIZ: “É COMIGO, JOÃO. E A MIM NÃO ME INTERESSA SABER QUEM É VOCÊ, QUEM VOCÊ DEIXA DE SER, OU QUEM VOCÊ SERÁ. O QUE ME INTERESSA É QUE PRA MIM VOCÊ É O FELIZ. VOCÊ É O FELIZ. O FELIZ GANHADOR DE DOIS PALIOS ED, É DE VOCÊ, É ISSO MEU FILHO. MAS ISSO AÍ, OLHA, CADA PALIO CUSTA UM REAL E CINQUENTA CENTAVOS. ENTÃO, CÊ TÁ ESPERANDO O QUE? JÁ PENSOU, PAGAR UM REAL E CINQUENTA CENTAVOS POR UM PALIO, UM CARRO DESSES

AQUI, ZERINHO, ZERINHO, ZERINHO. É COM VOCÊ. ENTÃO, VOCÊ LIGUE AGORA. EU TÔ SÓ ESPERANDO A SUA LIGAÇÃO. E NA LIGAÇÃO EU VOU FALAR: VALEU MEU FILHO, VALEU E MUITO OBRIGADO. É ISTO DAÍ. MAS LIGUE AGORA. TÁ ESPERANDO O QUE, LIGA, MEU BEM, LIGA E PIRIRI E PORORÓ.”

CHAMADA: “UMA TRAGÉDIA. E COMO TODA A TRAGÉDIA, SEM A MENOR EXPLICAÇÃO. UM HOMEM, ABSOLUTAMENTE TRANSTORNADO, EXECUTOU A MULHER E O PRÓPRIO FILHO DE SETE ANOS DE IDADE. PIO REDONDO, ESPAÇO ABERTO PRA VOCÊ.”

9) DUPLO HOMICÍDIO E INVASÃO NA DELEGACIA DE FRANCISCO MORATO
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 1/A - HOMICÍDIO - TENTATIVA DE RESGATE]

REPÓRTER (PIO REDONDO): “O MUNICÍPIO DE FRANCISCO MORATO É UMA CIDADE-DORMITÓRIO E CONTINUA SENDO UMA DAS CIDADES MAIS VIOLENTAS DA GRANDE SÃO PAULO. PROVA DISSO FORAM DUAS OCORRÊNCIAS QUE DERAM ENTRADA NO PLANTÃO DE ONTEM À NOITE, E QUE SE REFERIRAM À MORTE DE QUATRO PESSOAS. A PRIMEIRA OCORRÊNCIA ESTAVA SENDO ATENDIDA PELO PLANTÃO NOTURNO. ERA UM CASO MUITO GRAVE. O PAI, O VALDIONOR ALVES DE LIMA, 29 ANOS, DEPOIS DE BEBER MUITO, UM TRABALHADOR, ACABOU NA CASA DELE EXECUTANDO O PRÓPRIO FILHO DE SETE ANOS DE IDADE E A MULHER DE 24 ANOS DE IDADE. JOÃO, PRA TER UMA IDÉIA MAIS PRECISA, MAIS EXATA DESTA OCORRÊNCIA, VAMOS ATÉ A CASA ONDE O VALDIONOR ACABOU MATANDO O FILHO DE SETE ANOS E A MULHER DELE TAMBÉM. A MULHER INCLUSIVE TENTOU RESISTIR. QUE QUE ACONTECEU? ESSA CAMISA RASGADA?”

1ª (ENVOLVIDO): [VALDIONOR ALVES DE LIMA, SEXO MASCULINO, 29 ANOS, SEGURANÇA - ACUSADO DE HOMICÍDIO]

2ª (ENVOLVIDO): [FILHO DE VALDIONOR, 7 ANOS, MULATO, ASSASSINADO]

3ª (ENVOLVIDA): [MULHER DE VALDIONOR, 24 ANOS, MULATA, ASSASSINADA]

1ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 36 ANOS, BRANCO - TESTEMUNHA]: “A CAMISA NÓIS ACHO AQUI NO CHÃO RASGADA, SÓ QUE ELE TAVA VESTIDO COM ESSA CAMISA EM CASA, NÉ? EU ACHO QUE ELE BRIGOU COM ELA AQUI. FOI TRABALHAR. NA HORA QUE ELE FOI TRABALHAR, PEGOU UM REVÓLVER LÁ NA, NO MERCADO - QUATRO CENTO E VINTE - VEIO PRA CÁ E SEM DÚVIDA NA HORA QUE ELE VEIO, VEIO ARMADO E JÁ PEGOU ELA JUNTO COM A CRIANÇA. TAVA AQUI ABRAÇADO OS DOIS, ENTENDEU? CERTO?”

R: “QUER DIZER QUE A CAMISA DELE TAVA RASGADA PORQUE ELA TENTOU SE DEFENDER...”

1ª: “TAVA RASGADA. SEM DÚVIDA FOI ELA QUE LUTOU MAIS ELE, NÉ? CLARO. FOI ELA QUE LUTOU MAIS ELE, PORQUE...”

R: “ELE ERA SEGURANÇA?”

1ª: “ELE ERA SEGURANÇA. SÓ QUE ELE FALOU PRA MIM QUE ELE NÃO USAVA O REVÓLVER NA CINTURA.”

R: “VOCÊ ERA MUITO AMIGA DA MOÇA QUE MORREU, NÉ, ?”

2ª (ENTREVISTADA) [SEXO FEMININO, 24 ANOS, BRANCA - TESTEMUNHA]: “É, DAÍ EU VINHA À TARDE AQUI, ELA TAVA CHORANDO, NÉ? DAÍ EU PERGUNTEI, ELA FALÔ QUE ELE CIUMOU POR CAUSA QUE PASSOU UM HOMEM AÍ, AÍ ELA, ELE FOI CIUMOU, AÍ FOI QUANDO TEVE A BRIGA SÓ POR CAUSA QUE UM HOMEM PASSOU E ELA PERGUNTOU QUEM ERA. AÍ ELA TORNOU A PERGUNTAR NA HORA QUE ELE IA PRO SERVIÇO, AÍ ELE JÁ RESPONDEU COM ESTUPIDEZ, AÍ ELE JÁ FOI LÁ E PEGOU A ARMA.”

R: “E EXATAMENTE NO MOMENTO QUE O VALDIONOR E AS TESTEMUNHAS DESSE CRIME TERRÍVEL CHEGAVAM NO PLANTÃO POR AQUELA PORTA, ENTRARAM CERCA DE SEIS HOMENS FORTEMENTE ARMADOS. PISTOLAS AUTOMÁTICAS, METRALHADORAS E VIERAM AQUI PRA RESGATAR ALGUNS DOS OITENTA PRESOS QUE ESTÃO LÁ NO FUNDO NA CARCERAGEM. OS LADRÕES QUE VIERAM RESGATAR ALGUNS DELES NÃO PERCEBERAM QUE NAQUELAS DUAS PORTAS ALI AO FUNDO ESTAVAM UM ASPIRANTE A OFICIAL DA PM E UM DELEGADO. OS DOIS POLICIAIS REAGIRAM AOS SEIS LADRÕES QUE VIERAM PRATICAR O RESGATE E NESTE MOMENTO QUASE HOVE UM TIROTEIO MUITO GRANDE AQUI DENTRO DA DELEGACIA DE FRANCISCO MORATO. ISSO NÃO ACONTECEU POR POUCO. O QUE É QUE FOI ESSA SITUAÇÃO, ESSE MOMENTO DE TENSÃO, AQUI, DR. PITA?

4ª (ENVOLVIDOS/6) [SEXO MASCULINO - ACUSADOS]

5ª (ENVOLVIDO) [SEXO MASCULINO, ESCRIVÃO DA PM - TROCOU TIROS]

6ª (ENVOLVIDO) [SEXO MASCULINO, DELEGADO - TROCOU TIROS]

3ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 42 ANOS, BRANCO, DELEGADO]: “É, A SITUAÇÃO FOI A SEGUINTE, É, UM INDIVÍDUO COM UMA METRALHADORA RENDIA, É, O, O DELEGADO QUE ESTAVA NAQUELA PORTA ENQUANTO O OUTRO JÁ HAVIA CONSEGUIDO RENDER E DOMINAR O ESCRIVÃO QUE ESTARIA NA OUTRA. ENQUANTO ISSO ELE, SE, É, O DELEGADO SE ARMOU COM UMA, É, METRALHADORA E FICOU FRENTE A FRENTE COM, COM, COM O INVASOR, QUE TAMBÉM ARMADO DE ME, METRALHADORA PREFERIU FUGIR, NÉ? E TODOS OUTROS FUGIRAM É, SEM, É, ANTES, FERINDO A, UMA DAS TESTEMUNHAS DO HO, HOMICÍDIO QUE AQUI AGUARDAVA PRA SER OUVIDA.”

7ª (ENVOLVIDOS/1ª OU 2ª (ENTREVISTADOS) [VÍTIMA DE FERIMENTO À BALA]

R: “AGORA VEJA BEM, JOÃO, NA HORA EM QUE OS SEIS LADRÕES QUE VIERAM FAZER O RESGATE AQUI SAÍRAM CORRENDO POR AQUELA PORTA, ELES DERAM DE CARA COM UMA VIATURA DA POLÍCIA MILITAR. HOUE UMA TROCA DE TIRO PESADA. A VIATURA DA PM INCLUSIVE FICOU TODA PERFURADA POR BALAS DE UM UMA PISTOLA AUTOMÁTICA DE UM CALIBRE MUITO FORTE. DOIS LADRÕES FORAM BALEADOS E VIERAM A MORRER. UM DELES É O LARSON NERY, DE 34 ANOS, PROCURADO POR HOMICÍDIO E O OUTRO É O DEOSDETE RAIMUNDO DE SOUZA. QUER DIZER, FORAM DUAS OCORRÊNCIAS QUE SE CRUZARAM AQUI O TEMPO TODO...”

8ª (ENVOLVIDOS) [SEXO MASCULINO, POLICIAIS MILITARES - TROCARAM TIROS]

9ª (ENVOLVIDO)/4ª [LARSON NERY, SEXO MASCULINO, 30 ANOS PELO DOCUMENTO DE IDENTIDADE, PROCURADO POR HOMICÍDIO - INVASOR MORTO NO TIROTEIO COM OS PMS]

10ª (ENVOLVIDO)/4º [DEOSDETE RAIMUNDO DE SOUZA - INVASOR MORTO NO TIROTEIO]

3ª: “INCLUSIVE OS MARGINAIS BEM ARMADOS PORQUE COM UM DELES, QUE É, JÁ É, ERA PROCURADO INCLUSIVE PELA JUSTIÇA, FOI APREENDIDA UMA PISTOLA, É, MARCA SMITHWESTON, CALIBRE 45, NÃO É? QUE NEM NÓS UTILIZAMOS E , E ELE ESTAVA UTILIZANDO.”

R: “BOM, JOÃO, UMA ÚLTIMA INFORMAÇÃO. SEU VALDIONOR ALVES DE LIMA, O PAI QUE MATOU O FILHO DE SETE ANOS E TAMBÉM MATOU A PRÓPRIA MULHER E IA SE MATAR QUANDO ACABOU SENDO PRESO ESTÁ LÁ NA CARCERAGEM. ELE DEPOIS QUE PASSOU A EMBRIAGUEZ FOI SEDADO PORQUE AO PERCEBER O QUE HAVIA SI, FEITO, ELE QUE É UM TRABALHADOR, ELE ENTROU EM ESTADO DE

CHOQUE. ELE ESTÁ SEDADO E VAI CONTINUAR DETIDO AQUI EM FLAGRANTE. PIO REDONDO, DE FRANCISCO MORATO, PARA O CIDADE ALERTA.”

CHAMADA: “A BEBIDA E O USO DA ARMA, DÁ NISSO. POR FALAR EM USO DE ARMA, TODO MUNDO ANDA ARMADO, COMPRA-SE ARMA EM QUALQUER LUGAR COMO SE COMPRA SORVETE. TIROTEIO E MORTE POR UMA DOSE DE CONHAQUE, EM DIADEMA, NA GRANDE SÃO PAULO. PATRÍCIA PIELTINI, ESTOU ABRINDO ESPAÇO PRA VOCÊ.”

10) TIROTEIO E MORTE POR UMA DOSE DE CONHAQUE EM SÃO PAULO
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 1/A - DISPAROS/ARMA DE FOGO/MORTES]

REPÓRTER (PATRÍCIA PIELTINI): “POR VOLTA DAS DUAS HORAS DA MADRUGADA DE HOJE, ESTE BAIRRO QUE FICA AQUI NA VILA AMÁLIA, EM DIADEMA, ESTAVA SUPER LOTADO, ESTAVA TENDO MÚSICA AO VIVO E VÁRIAS PESSOAS ESTAVAM AQUI DENTRO. QUANDO DE REPENTE POR CAUSA DE UMA DOSE DE CONHAQUE COMEÇOU UMA VERDADEIRA CONFUSÃO E LOGO EM SEGUIDA VÁRIOS DISPAROS ACONTECERAM AQUI ATINGINDO SETE PESSOAS. OLHA SÓ, VAMO MOSTRAR. AQUI ALGUNS DISPAROS QUE FICARAM NA PAREDE. ALI A MARCA DE UMA BALA, AQUI TAMBÉM A MARCA DE OUTRA BALA.”

1ª (ENVOLVIDOS/7) [FERIDOS EM TIROTEIO]

1ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 34 ANOS, MULATO, TESTEMUNHA]: “NÓS OUVIMOS OS DISPAROS AQUI, EU CORRI PRA COZINHA, ME ESCONDI E SIMPLEMENTE EU NÃO VI-LOS, OS, OS BANDIDOS. NÃO VI COMO FOI A CONFUSÃO, COMO COMEÇOU.”

R: "FORAM VÁRIOS TIROS?"

1ª: "FORAM VÁRIOS."

R: "VÁRIAS PESSOAS ESTAVAM ARMADAS?"

1ª: "VÁRIAS PESSOAS ESTAVAM ARMADAS."

R: "O CASO FOI REGISTRADO AQUI, NA DELEGACIA DE POLÍCIA SEDE DE DIADEMA. NÓS VAMOS CONVERSAR AGORA COM O DELEGADO TITULAR AQUI DO DISTRITO, DR. SÉRGIO NORSE."

2ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 43 ANOS, BRANCO, DELEGADO]: "É, FORAM SETE PESSOAS, É, QUE SOFRERAM LESÕES CORPORAIS. SEIS PESSOAS SOFRERAM LESÕES CORPORAIS E UMA DELAS VEIO A FALECER. INVESTIGAÇÕES ESTÃO SENDO ENCETADAS (SIC) PELO SETOR DE, O NOSSO SETOR DE INVESTIGAÇÕES AQUI DA DELEGACIA-SEDE, A CHEFIA. TODOS ESTÃO NA RUA TENTANDO ELUCIDAR. FOI, FOI SOLICITADO, INCLUSIVE, É, EXAME RESIDOGRÁFICO PRA TODAS PESSOAS ENVOLVIDAS NO CASO, PRA VER SE EXISTE ALGUM RESÍDUO DE, DE PÓLVORA NAS MÃOS, NÉ? E APREENDIDAS AS ARMAS QUE FORAM ENCONTRADAS NO LOCAL PRA UM POSTERIOR EXAME DE BALÍSTICA TAMBÉM."

2ª (ENVOLVIDO)/ 1ª [VÍTIMA DO TIROTEIO/MORTA]

R: "PATRÍCIA PIELTINI, PARA O CIDADE ALERTA."

CHAMADA: "UMA DAS NECESSIDADES ABSOLUTAS E URGENTES, É O DESARMAMENTO DA POPULAÇÃO. VOCÊS ACABARAM DE ACOMPANHAR DUAS MATÉRIAS, QUE SE AS PESSOAS NÃO ESTIVESSEM ARMADAS, AS TRAGÉDIAS NÃO TERIAM ACONTECIDO. UM SUJEITO MATA A MULHER PORQUE TAVA BÊBADO E

COM UM ARMA NA MÃO E MATA TAMBÉM O FILHO. O OUTRO MATA O AMIGO POR, POR UMA DOSE DE CONHAQUE. POR ISSO TUDO PORQUE ELES TAVAM ARMADOS, É CLARO. ENTÃO, COMPRA-SE ARMA EM SÃO PAULO EM QUALQUER BOTEQUIM. VOCÊ CHEGA NA PRAÇA DA SÉ, AGORA, QUALQUER TRAVESSINHA DAQUELA VOCÊ COMPRA. E O PIOR, SÃO ARMAS QUE ESTÃO NA MÃO DE MARGINAIS, NÃO É, QUE ELE ATRAVÉS DE ROUBO, ELES OBTÊM ESSAS ARMAS E VENDEM PARA AS PESSOAS. EM QUALQUER LUGAR DO CENTRO VELHO DE SÃO PAULO, VOCÊ COMPRA ARMA. É MAIS FÁCIL COMPRAR UM REVÓLVER HOJE EM SÃO PAULO DO QUE UM SORVETE DE ABACAXI, NÃO É? QUEM DEVE FICAR COM A GUARDA DAS CRIANÇAS, ISSO NO CASO DA SEPARAÇÃO DO CASAL? DÊ A SUA OPINIÃO, CONCORRA AOS CARROS QUE O FELIZ VAI MOSTRAR AGORA MESMO. Ô FELIZ, O ESPAÇO É SEU.”

FELIZ: “ALÔ, TORCIDA CORINTIANA. ATENÇÃO, TORCIDA CORINTIANA. VAMOS AGORA, TODO MUNDO, TODO MUNDO, A, A TURMA DA FIEL. TÁ TODO MUNDO LIGANDO. EU JÁ TÔ SABENDO. NÃO ADIANTA CÊS ME ENGANAREM, NÃO. GAVIÕES, AÍ, TODO MUNDO LIGANDO, VAMO NESSA. VAMO COMPRAR UM MONTE DE CARRO PARA AÍ A GENTE VER O , O JOGO DO CORINGÃO, AQUELE LINDÃO AÍ. DÁ-LHE CORINGÃO E VAMO VÊ O JOGO DO CORINGÃO, NESTA MARAVILHA, NESTE PALIO ED, MAS NÃO NUM SÓ. NÓIS VAMO VÊ EM DOIS. A GENTE FICA METADE NUM CARRO E METADE NOUTRO, Ô? RISADA. ÓIA AQUI, E PIRIRI E PORORÓ. RISADA.”

CHAMADA: “SEGUNDO OS VASCAÍNOS, O, O, O VASCO FOI ROUBADO OUTRA VEZ. SEGUNDO OS VAS, OS VASCAÍNOS, O, O VASCO FOI ROUBADO NO CAMPO PELO JUIZ E LADRÕES ROUBAM 75 MIL REAIS QUE ESTAVAM EM PODER DE EURICO MIRANDA, QUE É DIRETOR DE FUTEBOL DO VASCO DA GAMA. O DINHEIRO ERA PARTE DA RENDA DO TIME PELA VITÓRIA CONTRA O FLAMENGO. VAMOS LÁ. O ESPAÇO PARA ESSA MATÉRIA...”

11) EURICO MIRANDA É ASSALTADO E PERDE PARTE DA RENDA DO MARACA

[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 1/A]

REPÓRTER (CLÁUDIO CARNEIRO): “OK, JOÃO LEITE NETO, NÓS ESTAMOS NA RUA COELHO NETO, NO BAIRRO DE LARANJEIRAS, NA ZONA SUL DO RIO DE JANEIRO. AQUI, ONTEM À NOITE ACONTECEU UM ASSALTO. O DIRIGENTE DO CLUBE DE REGATAS VASCO DA GAMA, EURICO MIRANDA, VICE-PRESIDENTE DO CLUBE, DEIXOU O MARACANÃ COM PARTE DA RENDA OBTIDA PELO CLUBE, A CO, A COTA DO VASCO DE CERCA 75 MIL REAIS OBTIDA COM A VITÓRIA SOBRE O FLAMENGO, POR UM A ZERO. ELE QUE SAIU DO MARACANÃ, DEVE TER IDO A OUTROS LUGARES, PASSOU AQUI EM CASA PRA DEIXAR O DINHEIRO. ELE VINHA NO ÔMEGA BRANCO DELE, ACOMPANHADO POR UM OUTRO CARRO, UM TIPO, COM QUATRO SEGURANÇAS. CHEGANDO AQUI NO NÚMERO 60, ELE MORA LÁ NA COBERTURA, ELE CHEGANDO AQUI, ENCONTROU UMA AMBULÂNCIA, IMPEDINDO A ENTRADA DELE NESTA GARAGEM AQUI. ENTÃO, A AMBULÂNCIA IMPEDINDO A PASSAGEM DELE FACILITOU A CHEGADA DE UM OUTRO CARRO, QUE PAROU ALI AO LADO COM QUATRO HOMENS ARMADOS, FORTEMENTE ARMADOS COM FUZIS AR-15, PISTOLAS NOVE MILÍMETROS E ESSES HOMENS USAVAM COLETES DA POLÍCIA CIVIL E ISSO CRIOU UM CERTO TUMULTO AQUI. OS, OS SEGURANÇAS DO PRÓPRIO EURICO NÃO PERCEBERAM QUE ESTAVA ACONTECENDO UM ASSALTO E NEM O EURICO. SÓ QUANDO OS ASSALTANTES VESTIDOS DE POLICIAIS SALTARAM DO CARRO E EXIGIRAM QUE ELE ABRISSE A MALA ONDE ESTAVA, A MA, A MALA DE TRÁS DO VEÍCULO ONDE ESTAVA A MALA COM O DINHEIRO É QUE ELES PERCEBERAM QUE ESTAVA ACONTECENDO UM ASSALTO.”

1ª (ENTREVISTADO) [EURICO MIRANDA, SEXO MASCULINO, 55 ANOS, BRANCO - VÍTIMA DE ASSALTO]: “SÓ ME DEI CONTA QUE ERA UM ASSALTO QUANDO ELES ATIRARAM DUAS VEZES. ELES ATIRARAM...”

R: "FALARAM ALGUMA COISA?"

1ª: "ELES ATIRARAM DUAS VEZES, AÍ EU, A MINHA SOLUÇA, BOM, MAS ENTÃO ISSO AQUI É UM ASSALTO. E EU OUVI DELES, ELES DIZE, AH, ISSO AQUI É VAGABUNDO MESMO."

R: "E AÍ, O SENHOR LEVAVA COM O SENHOR O DINHEIRO DA COTA DO VASCO DA, DA PARTIDA CONTRA O FLAMENGO. ISSO É UMA, UMA ATITUDE NORMAL DE, DE DIRIGENTE DE CLUBE?"

1ª: "NÃO, É, NÓS NUM, NÃO COSTUMAMOS FAZER ISSO, QUER DIZER, ATÉ BEM POUCO TEMPO ATRÁS ISSO ERA FEITO PELO CARRO DE, DE, DE, ESSES CARROS DE, DE, DE TRANSPORTE DE VALORES, NÉ?"

R: "E PORQUE QUE NÃO FOI FEITO?"

1ª: "MAS DEIXOU DE SER FEITO PORQUE ELES AGORA NÃO TINHAM MAIS, DEPOIS DAS 19 HORAS DIZ QUE ELES NÃO TINHA MAIS SEGURO E QUE NÃO FAZIAM MAIS ISSO. ENTÃO, ONTEM, QUE, COINDIDENTEMENTE. ONTEM, QUE, QUE SOBROU UMA IMPORTÂNCIA RAZOÁVEL, NÉ, POR VOLTA DE 70 MIL REAIS. É, NÃO ERA PRA EU TER TRAZIDO. QUEM IA TRAZER, QUEM IA LEVAR PRA CASA ERA O TESOUREIRO. COMO EU, EU RETORNO PRA CASA COM OS SEGURANÇAS, EU ACABEI, ELE ME PASSOU NO VESTIÁRIO A SACOLA COM O DINHEIRO E ACABOU TENDO ESSE ASSALTO."

R: "DO RIO DE JANEIRO, CLÁUDIO CARNEIRO, PARA O CIDADE ALERTA."

CHAMADA: "OK, CLÁUDIO, OK, CLÁUDIO CARNEIRO. BOM, EURICO MIRANDA, SAIR NO RIO DE JANEIRO, ANDANDO COM 75 MIL REAIS NA PASTA, É, É PEDIR MUITO PRO AZAR. SUL-AFRICANO MORRE AO TENTAR VIAJAR COM CÁPSULA DE COCAÍNA NO ESTÔMAGO. É, ELES ENGOLEM AQUILO PRA TENTAR FUGIR DO FLAGRANTE OU

PARA TRANSPORTAR. O REPÓRTER PIO REDONDO TEM MAIS INFORMAÇÕES. ESPAÇO ABERTO PRA VOCÊ, PIO.”

12) CÁPSULA DE COCAÍNA ROMPE NO ESTÔMAGO DE SUL AFRICANO
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 2/3 - TRÁFICO DE DROGAS/MORTE/ACIDENTE]

REPÓRTER (PIO REDONDO): “CADA VEZ MAIS SÃO FREQUENTES AS OCORRÊNCIAS ENVOLVENDO TRÁFICO INTERNACIONAL DE DROGAS, AQUI NO TERCEIRO DISTRITO POLICIAL DE GUARULHOS, QUE FICA AO LADO DO AEROPORTO INTERNACIONAL DE CUMBICA. NA SEMANA PASSADA, NESSE AEROPORTO, FOI PRESO UM TRAFICANTE SUL-AFRICANO COM UM QUILO DE COCAÍNA NO ESTÔMAGO. NESTA MADRUGADA, A OCORRÊNCIA FOI MAIS GRAVE. ESTE OUTRO SUL-AFRICANO AQUI, QUE É O MOSES AUSTIN SALAYI , ELE VEIO A FALECER, ELE TINHA 33 ANOS DE IDADE. PORQUE É QUE ELE MORREU? ELE COMEÇOU PASSAR MAL DENTRO DO AEROPORTO. TENTOU SER SOCORRIDO, PROCUROU AJUDA, MAS NÃO TEVE JEITO E ELE TRANSPORTAVA NO ESTÔMAGO DELE ESTAS CÁPSULAS. NA VERDADE ISTO AQUI É FITA ISOLANTE COM UM CONTEÚDO AINDA DESCONHECIDO POR DENTRO, AS AUTORIDADES ACHAM QUE DEVA SER COCAÍNA. E TRANSPORTANDO ISSO DENTRO DO ORGANISMO, VÁRIAS CÁPSULAS, ESTAS FORAM AS EXPELIDAS, UM DELES SE ROMPEU. A COCAÍNA QUE POSSIVELMENTE ESTÁ AQUI DENTRO SE MISTUROU IMEDIATAMENTE À CORRENTE SANGÜÍNEA DELE, DELE, ELE ACABOU MORRENDO POR UMA OVERDOSE. O INVESTIGADOR TÁ ABRINDO AGORA O INVÓLUCRO, PARECE QUE ISSO É UMA ESPÉCIE DE FITA ISOLANTE. PARA VER EXATAMENTE O QUE É QUE TEM AÍ DENTRO. O QUE QUE PARECE QUE TEM AÍ DENTRO?

1ª (ENVOLVIDO): [SUL-AFRICANO, SEXO MASCULINO, 33 ANOS, NEGRO, TRAFICANTE MORTO POR ROMPIMENTO DE CÁPSULA DE COCAÍNA - OVERDOSE]

1ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 35 ANOS, BRANCO, INVESTIGADOR DE POLÍCIA]: “PASTA DE COCAÍNA.”

R: NÃO É COCAÍNA JÁ REFINADA?

1ª: “PASTA. COCAÍNA PURA.”

R: “QUER DIZER, QUE ATINGE UM VALOR MUITO GRANDE LÁ FORA?”

1ª: “BEM GRANDE, ELE PRATICAMENTE TRIPLICA O CONTEÚDO DA DROGA, NA MIS, NA MISTURA.”

R: “AGORA DÁ PRA VER PELO CADERNO DELE AQUI, QUE É UM CADERNO DE CUIDADOS MÉDICOS, QUE PRA EXATAMENTE NÃO MORRER, OLHA AQUI, ISSO AQUI É, EXATAMENTE NÃO MORRER, HAVIA VÁRIOS TIPOS DE EXAMES, ELE COLHIA A TEMPERATURA DO CORPO, DESDE 1996. TAXA DE AÇÚCAR NO SANGUE, VÁRIAS VEZES POR DIA, MANHÃ, TARDE E NOITE, A TEMPERATURA, TAXA DE AÇÚCAR, E ELE FAZIA ISSO DESDE 1996. ENTÃO, ERA EXATAMENTE UM TRAFICANTE ESPECIALIZADO (SIC) NESTE TIPO DE TRÁFICO AQUI. ELE TINHA QUE TER UM CONTROLE MUITO RÍGIDO, MUITO RÍGIDO, MUITO RÍGIDO, PORQUE NUMA EVENTUALIDADE DE ELE NÃO CONTROLAR A DIGESTÃO NO PRÓPRIO ORGANISMO SOBRE ESTAS CÁPSULAS AQUI, EMBALADAS PARECE COM FITA ISOLANTE, ELE MORRERIA. E FOI EXATAMENTE O QUE ACONTECEU NESTA MADRUGADA. O MOSES FEZ UM TRANSPLANTE DE RIM NO DIA 16 DE SETE DE 1996. EVIDENTEMENTE, POR CAUSA JÁ DE TODA ESSA MEDICAÇÃO QUE ELE USAVA E DA COCAÍNA QUE ELE TRANSPORTAVA NO PRÓPRIO ESTÔMAGO. E ELE ANDAVA COM ESTE VERDADEIRO DICIONÁRIO AQUI SOBRE TRANSPLANTES. ISSO AQUI FOI APREENDIDO TAMBÉM NA BAGAGEM DELE. SÃO VÁRIAS PÁGINAS TODAS EM INGLÊS, EXPLICANDO COMO É QUE O, UMA PESSOA QUE TEVE UM RIM TRANSPLANTADO DEVE SE COMPORTAR PRINCIPALMENTE NO CASO DE UMA

EMERGÊNCIA. BOM, OLHA, NESTA PÁGINA DA, DO CADERNO DE CONTROLE MÉDICO DO TRAFICANTE, EXISTEM AQUI LISTADOS TREZE TIPOS DE MEDICAMENTOS. REMÉDIOS PRA INIBIR A DIGESTÃO, REMÉDIOS CONTRA DOR, REMÉDIOS CONTRA FEBRE E SÃO TREZE TIPOS DE MEDICAMENTOS E INCLUSIVE EXISTEM OUTROS TIPOS DE PRODUTOS QUÍMICOS USADOS. POR EXEMPLO, AQUI TEM COLA, QUE É UM PRODUTO ALTAMENTE TÓXICO. A COLA É U, USADA NA FITA ISOLANTE PARA FAZER A EMBALAGEM E TUDO ISSO DENTRO DO ORGANISMO DO TRAFICANTE. ISTO AQUI É UMA ESPÉCIE DE GEL, É UM GEL QUE É USADO PARA FACILITAR A INGESTÃO DAS CÁPSULAS. SÃO OCORRÊNCIAS ASSIM ENVOLVENDO O TRÁFICO INTERNACIONAL DE DROGAS POR ESTA CONEXÃO COM SUL-AFRICANOS, ANGOLANOS, QUE VIRA E MEXE, VEM BATER AQUI, VEM PARAR AQUI NO TERCEIRO DISTRITO POLICIAL DE GUARULHOS, QUE FICA AO LADO DO AEROPORTO INTERNACIONAL DE CUMBICA. PIO REDONDO PARA O CIDADE ALERTA.”

CHAMADA: “E APENAS UMA, UMA, UMA EXPLICAÇÃO NESSA MATÉRIA AÍ. SABE PORQUE QUE EMBORA A, A, A CÁPSULA SEJA FORTE, ELA SE DESTRÓI NO ORGANISMO? PORQUE O SUCO GÁSTRICO NO ESTÔMAGO É CORROSIVO E ACABA DESTRUINDO AQUELA COISA E, E DÁ ISSO QUE DEU, É MUITO COMUM ISSO. FOGO, DESTRUIÇÃO, AGONIA NUMA FAVELA DA GRANDE SÃO PAULO. CÉLIA BRAVIN, VOCÊ, O ESPAÇO ESTÁ ABERTO.”

13) FOGO, DESTRUIÇÃO E MORTE NA FAVELA DA GRANDE SP
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 3 OU 1/A - FOGO/BARRACOS/SEM FERIDOS]

REPÓRTER (CÉLIA BRAVIN): “O CIDADE ALERTA ESTÁ EM SÃO BERNARDO DO CAMPO, REGIÃO DA GRANDE SÃO PAULO, JOÃO LEITE NETO. NÓS TEMOS A INFORMAÇÃO QUE, OLHA SÓ, ESSA FAVELA AQUI ESTÁ ACONTECENDO UM

INCÊNDIO, HEIN? SÓ QUE AS PESSOAS, DEIXA EU VER, A, LÁ, ESTÃO TRANQUÍLAS, MAS NÃO, TEM FOGO, TEM FOGO. LADO ESQUERDO, MÁRIO PEDRO, OLHA SÓ, PESSOAS CORRENDO, MEU DEUS DO CÉU, VAMOS PARAR, DISSERAM QUE SÃO QUATORZE VIATURAS QUE ESTARIAM AQUI NO LOCAL. VAMOS DESCER PRA SABER MAIS INFORMAÇÕES PRA VOCÊ QUE ESTÁ ASSISTINDO O CIDADE ALERTA. OLHA, MUITA GENTE, HEIN? MUITA GENTE. A GENTE ESPERA QUE NÃO TENHA NINGUÉM FERIDO, NÃO. AQUI SÃO QUANTOS BARRACOS QUE TINHAM AQUI?"

1ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, DO CORPO DE BOMBEIROS, NÃO APARECE]: "DOIS OU TRÊS BARRACOS."

R: "DOIS OU TRÊS. TEM, GE, OS HOMENS DO CORPO DE BOMBEIROS, AQUI TUDO DESTRUÍDO, ALI, MÁRIO PEDRO, O QUE SOBROU, OLHA, UM BANHEIRINHO."

2ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 36 ANOS, MULATO, BOMBEIRO]: "A INFORMAÇÃO QUE NÓS TEMOS, NÓS ESTAMOS RELACIONANDO AS FAMÍLIAS, MAS A RELAÇÃO QUE NÓS TEMOS É QUE SÃO, SÃO QUATRO BARRACOS A PRINCÍPIO, NÉ? MAS AINDA, NÓS NÃO RELACIONAMOS, ESTAMOS NA FASE, A SECRETARIA DA HABITAÇÃO DO, DO MUNICÍPIO TÁ RELACIONANDO OS DESABRIGADOS, JÁ... PRO..."

R: "QUATRO BARRACOS?"

2ª: "QUATRO BARRACOS A PRINCÍPIO."

R: "NENHUMA VÍTIMA?"

2ª: "NENHUMA VÍTIMA. E PARECE QUE ALGUNS BARRACOS, NA, NA PARTE DIREITA FORAM DESMONTADOS E OS PRÓPRIOS MORADORES FORAM COLOCANDO FOGO NOS BARRACOS QUE FORAM DESMONTADOS."

R: "POR QUE?"

2ª: “É, É O PROCEDIMENTO DELES AÍ. ENTÃO E DEPOIS ALGUNS MORADORES MESMOS COLOCARAM FOGO... EM...”

R: “COLOCARAM FOGO?”

2ª: “COLOCARAM FOGO AQUI. ENTÃO, ALGUNS MORAD...”

R: NOS PRÓPRIOS BARRACOS?

2ª: “NOS PRÓPRIOS BARRACOS.”

R: “ISSO AQUI ERA O QUE?”

3ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 40 ANOS, MULATO - VÍTIMA DE BARRACO ATINGIDO PELO FOGO]: “ISSO AQUI, ERA, COLOCAVA MÁQUINA DE LAVAR ROUPA, NÉ, PRA...”

R: “ISSO AQUI ERA ÁREA DE SERVIÇO, OLHA, A ÁREA DE SERVIÇO JÁ NÃO TEM MAIS A TELHA. SEU JOÃO, PODEMOS ENTRAR? SERÁ QUE TEM RISCO? OLHA, LÁ FORA, AQUI JÁ É MADEIRA. MADEIRA, OLHA A LIGAÇÃO AQUI, Ó, VAMOS MOSTRAR, OLHA. AQUI, CERTO? ALI, TAMBÉM, AQUILO LÁ É O QUE, PRA FUNCIONAR O...”

3ª (ENTREVISTADO): “É, PRA DESLIGAR...”

R: “O VENTILADOR?”

3ª: “É DESLIGAR, CONFORME ENTRÁ UM CURTO, AÍ DESLIGA A CHAVE, NÉ? ENTÃO...”

R: “MEU DEUS DO CÉU, OLHA SÓ GENTE, ISSO AQUI, PÔ, OLHA AQUI GENTE. ISSO AQUI É O QUE, DA ANTENA DA TV?”

3ª: ISSO AQUI É DA ANTENA. ISSO NÃO TEM NADA A VER.

R: "ALI TAMBÉM. O SENHOR NÃO TEM MEDO, NÃO?"

3ª: "NÃO, ISSO AÍ TÁ TUDO CERTO."

R: "BOM, NÓS VAMOS TER QUE PISAR NA ÁGUA AQUI VIU? MENINA, QUE SUSTO, HEIN?"

4ª (ENTREVISTADA) [SEXO FEMININO, 42 ANOS, BRANCA - VÍTIMA DE BARRACO ATINGIDO PELO FOGO]: "SUSTO MESMO, NÉ, FIA? EU TAVA NA CASA DA MINHA PRIMA, EU NÃO TAVA EM CASA, MEU MARIDO TÁ INTERNADO, NÉ, NO HOSPITAL, FEZ UMA CIRURGIA, QUANDO LIGARAM PRA LÁ, NO MAIOR DESESPERO QUE MINHA CASA TAVA PEGANDO FOGO."

R: "NÃO ACREDITOU?"

4ª: "NÃO ACREDITEI. SAÍ DE LÁ DESESPERADA."

R: "OLHA QUE JUDIAÇÃO, TODO MUNDO LEVANDO O POUCO QUE SOBROU. VAI DORMIR AONDE, HOJE, SENHOR?"

5ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 45 ANOS, MULATO - VÍTIMA DE BARRACO ATINGIDO PELO FOGO: "EU VOU LÁ PRA CASA DELE...INAUDÍVEL."

R: "ELE VEIO TE AJUDAR?"

6ª (ENTREVISTADA)/4ª: "ELE, ELES VIERAM ME AJUDAR."

R: "PRA ONDE CÊ VAI AGORA?"

6ª/4ª: "NÃO SEI, NÃO SEI PRA ONDE QUE EU VOU..."

R: "É MUITO TRISTE ISSO QUE A GENTE ESTÁ MOSTRANDO, SÃO MUITOS CURIOSOS. AQUI, MÁRIO PEDRO, À SUA DIREITA, A GENTE MOSTRA O QUE SOBROU DUMA CAMA OLHA, UMA CAMA DE FERRO, ALI, OLHA. UMA CAMA DE FERRO, CERTO? SERIA UMA PA, CAMA ANTIGA, HEIN, AINDA DA ÉPOCA QUE, AS CAMAS ERAM DE MOLAS, NÉ? A DESTRUIÇÃO AQUI NA FAVELA, É *DR*, É ISSO?"
[RESPOSTA EM OFF: "*DR*"]

R: "*DR*, D DE DADO, *DR*. JOÃO LEITE NETO, O QUE SERÁ QUE ACONTECEU AQUI? SERÁ QUE FOI EM FUNÇÃO DAS LIGAÇÕES CLANDESTINAS, ONDE A GENTE PASSA, A GENTE VÊ, OLHA. ISSO AQUI É INCORRETO. MAIS DO QUE INCORRETO, ISSO AQUI É PERIGOSO. SE VOCÊ AINDA TEM DÚVIDA, VOCÊ QUE ESTÁ ASSISTINDO O CIDADE ALERTA, É SÓ DAR UMA OLHADA. OLHA SÓ. BEM, NÓS VAMOS AQUI, OLHA, NESSE EQUIPAMENTO, OS BOMBEIROS, PRA PODER MOSTRAR PRA VOCÊ QUE ESTÁ ASSISTINDO O CIDADE ALERTA, UM ÂNGULO MELHOR DO QUE, PRA GENTE ENTENDER MELHOR O QUE QUE ACONTECEU AQUI NA FAVELA *DR*, EM SÃO BERNARDO DO CAMPO. VAMO SUBIR MÁRIO PEDRO, VAMO MOSTRAR PRO PESSOAL. SÃO TRÊS FOCOS DE FOGO, HEIN? OLHA QUE ABSURDO. QUER DIZER, SE O FOGO COMEÇOU LÁ, É O QUE O TENENTE LIMA FALOU, NÃO TERIA COMO SE ALASTRAR ATÉ AQUI EMBAIXO. ELE TRABALHA COM DUAS HIPÓTESES. OU ALGUÉM COLOCOU FOGO AQUI PROPOSITAMENTE, NOS BARRACOS, TROUXE UMA MADEIRA PEGANDO FOGO E COLOCOU OU ENTÃO SERIA POR CAUSA, É, DAS LIGAÇÕES CLANDESTINAS. NÃO É ISSO, OFICIAL?"

7ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 33 ANOS, ORIENTAL, TENENTE DO CORPO DE BOMBEIROS]: "PODE SER PELAS LIGAÇÕES CLANDESTINAS..."

R: "SÃO MUITAS AQUI, NÉ?"

7ª: "COM CERTEZA."

R: “NAQUELA ESCURIDÃO TODA ALI OLHA, AO LADO DIREITO, MÁRIO PEDRO, ONDE TEM AS PESSOAS, ERAM OS QUATRO BARRACOS QUE FORAM DESTRUÍDO, DESTRUÍDOS TOTALMENTE POR CAUSA DO FOGO. AQUI DA PLATAFORMA DOS BOMBEIROS, A GENTE TERMINA A NOSSA REPORTAGEM. CÉLIA BRAVIN, PARA O CIDADE ALERTA.”

CHAMADA: “E ATENÇÃO E ATENÇÃO, A, A, A, A MÁFIA CHINESA VOLTA A AGIR EM SÃO PAULO. HOMENS ENCAPUZADOS MATARAM UM CHINÊS, É, MAS ANTES DISSO, EU, EU GOSTARIA DE FAZER UMA PERGUNTA PRA VOCÊ, QUEM DEVE FICAR COM A GUARDA DAS CRIANÇAS QUANDO UM CASAL SE SEPARA? DÊ A SUA OPINIÃO, CONCORRA AOS CARROS QUE O FELIZ VAI LHE MOSTRAR AGORA. FELIZ, MOSTRA DE NOVO.”

FELIZ: BOM, EU QUERO SABER UMA COISA. COMO É QUE VOCÊ SABE SE VOCÊ TEM OU NÃO SORTE? É ARRISCANDO. MAS SE VOCÊ NÃO ARRISCA, COMO É QUE VOCÊ VAI SABER? VOCÊ TEM QUE ARRISCAR E A HORA É ESSA, O MOMENTO É ESTE, É A, O EXATO MOMENTO, É ESTE DAQUI, PRA VOCÊ ARRISCAR, MAS ARRISCAR NUMA COISA QUE VALE A PENA. E AQUI TEM, ISTO VALE A PENA. SÃO DOIS PALIOS, MEU FILHO. DOIS PALIOS ED, É DE VOCÊ. PORQUE VOCÊ VAI ARRISCAR. VOCÊ TEM QUE ARRISCAR. LIGA PRA CÁ. ARRISCA, MEU FILHO. O TELEFONE TÁ AÍ. É SÓ ANOTAR. VAI LÁ, MAS LIGA, LIGA AGORA, VAI. EU TÔ ESPERANDO A SUA LIGAÇÃO. VAMO LÁ, E PIRIRI E PORORÓ.”

CHAMADA: “LAMENTAVELMENTE, A CHAMADA MÁFIA CHINESA É UMA REALIDADE NO BRASIL. É, E ELES ANDAM É, SE DEGLADIANDO ENTRE ELES, NÃO É? HOMENS ENCAPUZADOS TENTAM MA, MATAR UM COMERCIANTE CHINÊS EM PLENA RUA, AQUI, EM SÃO PAULO. REPÓRTER SILVANA SILVA, O ESPAÇO ESTÁ ABERTO PRA VOCÊ SILVANA. VAI LÁ.”

14) MÁFIA PODE SER RESPONSÁVEL PELA MORTE DO COMERCIANTE CHINÊS
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 1/A - TENTATIVA DE HOMICÍDIO]

REPÓRTER (SILVANA SILVA): "O MOTIVO DESTES CRIME AINDA É UM MISTÉRIO. NINGUÉM, NEM A PRÓPRIA POLÍCIA, TEM UMA EXPLICAÇÃO PARA O QUE HOVE COM O COMERCIANTE CHINÊS LI CHEN CHING, DE 37 ANOS. O QUE SE SABE: NO SÁBADO À NOITE ELE PARTICIPAVA DE UMA FESTA DE CASAMENTO QUE SE REALIZAVA NO PISO SUPERIOR DESTES RESTAURANTE CHINÊS. ONZE HORAS DA NOITE, MUITA GENTE JÁ ESTAVA INCLUSIVE DEIXANDO A FESTA. MAS NÃO ERA O CASO DE LI, QUE TINHA VINDO À FESTA COM UMA, A ESPOSA LI YU ING. ELE RECEBEU UM TELEFONEMA POR VOLTA DAS ONZE HORAS E NÃO COMENTOU NADA COM NINGUÉM. RECEBEU A CHAMADA E DEIXOU O RESTAURANTE, VEIO AQUI PARA RUA. MAL CHEGOU DAQUELE OUTRO LADO E FOI ATINGIDO POR OITO DISPAROS QUE LHE ATINGIRAM A FACE, O ABDÔMEN E O TÓRAX. ELE FOI REMOVIDO EM ESTADO GRAVE PARA O HOSPITAL REGIONAL SUL. A POLÍCIA, A PARTIR DAÍ, COMEÇOU A TER MUITOS PROBLEMAS PARA DESVENDAR ESTE CASO. O PRIMEIRO DELES ERA O PRÓPRIO IDIOMA, JÁ QUE AS PESSOAS QUE ESTAVAM AQUI MAL SABIAM FALAR O PORTUGUÊS. A POLÍCIA AGORA INVESTIGA AS RELAÇÕES DE LI COM A PRÓPRIA COLÔNIA CHINESA E TAMBÉM A SUA SITUAÇÃO COMERCIAL, JÁ QUE LI TEM UMA LOJA NA GALERIA PAJÉ, ONDE ELE VENDE PRODUTOS ELETRÔNICOS. AQUI, NA GALERIA PAJÉ, A TENTATIVA DE HOMICÍDIO SOFRIDA PELOS COMERCIANTES (SIC) LI CHEN CHING ERA A CONVERSA DE TODAS AS RODAS, MAS COM ESTRANHOS NINGUÉM DIZIA NADA. UM ÚNICO COMERCIANTE QUE NÃO QUIS SE IDENTIFICAR DESCREVEU LI CHEN CHING COMO UM SUJEITO GROSSEIRÃO E SEGUNDO ELE, HÁ CERCA DE OITO MESES, LI CHEN CHING TROCOU A GALERIA PAJÉ PELO SHOPPING ORIENTAL. NO SEGUNDO ANDAR, ELE MANTÉM UMA LOJA. NÓS ESTIVEMOS LÁ NA LOJA. ESTAVAM LÁ DUAS PESSOAS, HOJE ELA FUNCIONAVA NORMALMENTE, SÓ QUE O CASAL QUE NOS

ATENDEU DISSE QUE NÃO ENTENDIA NOSSA LÍNGUA. NÃO SE SABE EXATAMENTE O QUE PODE TER PROVOCADO ESTA TENTATIVA DE HOMICÍDIO, MAS PODE SE TRABALHAR COM VÁRIAS HIPÓTESES. POR TRABALHAR COM PRODUTOS ELETRÔNICOS, É POSSÍVEL QUE LI CHEN CHING TENHA ALGUMA LIGAÇÃO COM O CONTRABANDO. E, NO CASO DE UMA DÍVIDA COM CONTRABANDISTAS, ISSO PODERIA TER PROVOCADO ESTA TENTATIVA DE HOMICÍDIO. JÁ QUE NINGUÉM ACREDITA QUE QUATRO HOMENS ENCAPUZADOS, ARMADOS DE METRALHADORAS E PISTOLAS TENHAM ARMADO ESSA EMBOSCADA SIMPLEMENTE PARA LEVAR A CARTEIRA DO CHINÊS. E UMA OUTRA POSSIBILIDADE É DE QUE ELE TENHA SIDO MAIS UMA VÍTIMA DA MÁFIA CHINESA, UMA DAS, É, ORGANIZAÇÕES MAIS VIOLENTAS DO MUNDO. ESSE É UM MISTÉRIO QUE A POLÍCIA TERÁ QUE DESVENDAR. SENÃO, SERÁ MAIS UM CASO QUE DARÁ FORÇA À COLÔNIA, PARA QUE ELA SE MANTENHA EM SILÊNCIO. JÁ QUE HOJE AQUI, COMERCIANTES E MESMO O, OS PATRÍCIOS DE LI CHEN CHING PREFEREM O SILÊNCIO. E ESSE SILÊNCIO SÓ PODE AJUDAR OS MAFIOSOS. SILVANA SILVA, PARA O CIDADE ALERTA.”

1ª (ENVOLVIDO) [SEXO MASCULINO, 37 ANOS, ORIENTAL, COMERCIANTE - VÍTIMA DE DISPAROS POR ARMAS DE FOGO; FERIDO EM ESTADO GRAVE, POSSÍVEL CONTRABANDISTA]

2ª (ENVOLVIDOS/4) [SEXO MASCULINO - POSSÍVEIS INTEGRANTES DA MÁFIA CHINESA - ACUSADOS - TENTATIVA DE HOMICÍDIO]

CHAMADA: “UM VERDADEIRO ESTRA.....É, É, É, É SEGREDO DE POLICHINELO, NÉ? É, TODO MUNDO SABE QUE EXISTE GALERIA PAJÉ, CIDADE DEL LESTE, É, NO PARAGUAI, UMA LIGAÇÃO DIRETA, NÉ? MAS, EM SALVADOR, MORADORES DE UM BAIRRO PROTESTAM CONTRA A VIOLÊNCIA. A VIOLÊNCIA JÁ CHEGOU NO

NORDESTE. TRÊS PESSOAS SÃO ASSASSINADAS EM MENOS DE UMA SEMANA, LÁ, GIL SANTOS, O ESPAÇO É SEU.”

15) ONDA DE ASSASSINATOS PROVOCA PROTESTOS EM CAJAZEIRA
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 1/A E 2 - HOMICÍDIOS - PROTESTOS]

REPÓRTER (GIL SANTOS): “A MORTE DO COMERCIANTE JOSÉ EDSON NO ÚLTIMO FINAL DE SEMANA NÃO FOI UM FATO ISOLADO NO BAIRRO DE CAJAZEIRAS, UM DOS MAIS POPULOSOS DE SALVADOR, COM QUASE MEIO MILHÃO DE HABITANTES. REVOLTADOS COM A ONDA DE VIOLÊNCIA, OS MORADORES FECHARAM O COMÉRCIO E O TRÂNSITO EM PROTESTO, PEDINDO JUSTIÇA. PELO MENOS OUTROS DOIS COMERCIANTES FORAM ASSASSINADOS NAS ÚLTIMAS 24 HORAS. É A REVOLTA DOS MORADORES AQUI DE CAJAZEIRAS.”

1ª (ENVOLVIDO) [JOSÉ EDSON, SEXO MASCULINO, COMERCIANTE - VÍTIMA DE HOMICÍDIO]

2º (ENVOLVIDOS/2): [SEXO MASCULINO, COMERCIANTES - VÍTIMAS DE HOMICÍDIO]

1ª (ENTREVISTADA) [SEXO FEMININO, 42 ANOS, BRANCA]: “EU PERDI UM FILHO DE 15 ANOS. NO DIA SETE DE, DE ABRIL, LÁ NA [COMEÇA A CHORAR - PALAVRA INAUDÍVEL] E VAI FAZER TRÊS MESES E NINGUÉM FIZERAM NADA. NINGUÉM FEZ NADA. SE EU TIVESSE MEUS FILHO E ATÉ AGORA NADA. FOI IMPUNE, FICOU POR ISSO MEMO, QUANDO É SÁBADO, TIROU UMA VIDA DE UM PAI DE FAMÍLIA NAS MESMO, NAS MESMAS CIRCUNSTÂNCIAS DO MEU FILHO.”

3ª (ENVOLVIDO) [SEXO MASCULINO, 15 ANOS, FILHO DA 1ª (ENTREVISTADA) - VÍTIMA DE HOMICÍDIO]

2ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 40 ANOS, MULATO, COMERCIANTE]:
“COMERCIANTES, MORADORES DE CAJAZEIRAS NÃO SÃO GADO, COMERCIANTE NÃO É BOI PRA TÁ SENDO ABATIDO E FICAR COM OUTRO PRESO PRA, PRA PRÓXIMA HORA. NÃO, ENTÃO NÃO É ASSIM QUE, O NOSSO, QUE DEVEMO SER RES, É, QUE DEVEMO É, SER ENTENDIDO, SER RESPEITADO. NOS NOSSOS IMPOSTOS, É DINHEIRO VIVO, ENTÃO, QUEREMOS, SOLICITAMOS AO GOVERNO DO ESTADO QUE TOME PROVIDÊNCIAS.”

R: “O TRÂNSITO FICOU PARADO, NÉ? A POLÍCIA ESTÁ AQUI ACOMPANHANDO A MOVIMENTAÇÃO, MAS AINDA SÓ ORGANIZANDO O TRÁFEGO GRADATIVAMENTE. O ENGARRAFAMENTO AQUI JÁ É EXTENSO EM CAJAZEIRAS. DEPOIS DA MANIFESTAÇÃO, NA PRAÇA PRINCIPAL DE CAJAZEIRAS, OS MORADORES E OS COMERCIANTES COMEÇAM A LEVAR O CAIXÃO E SAEM EM PASSEATA EM DIREÇÃO À DELEGACIA DO BAIRRO. DEPOIS DE ALGUNS MINUTOS DE CAMINHADA, QUASE QUINHENTOS METROS, OS MORADORES E COMERCIANTES CHEGAM AO DESTINO. CONCENTRAM A MANIFESTAÇÃO, O PROTESTO AQUI EM FRENTE À 13ª DELEGACIA DE POLÍCIA DO BAIRRO DE CAJAZEIRAS. ALÉM DE JOSÉ EDSON, HÁ REGISTRO DA MORTE DE OUTRAS DUAS PESSOAS, UMA AINDA NÃO IDENTIFICADA, E O DESAPARECIMENTO DO INDUSTRIÁRIO IVISON SANTANA RIBEIRO, DE 26 ANOS, NA ÚLTIMA SEMANA. O CASO DE UMA OUTRA PESSOA QUE ESTÁ DESAPARECIDA TAMBÉM AQUI NO BAIRRO DE CAJAZEIRAS É O DE RICARDO ROGÉRIO SENA SANTOS, DE 19 ANOS, QUE MORAVA NESTA CASA AQUI, A DE NÚMERO 23. QUATRO HOMENS, DISFARÇADOS DE POLICIAIS, ENTRARAM E TOMARAM O RICARDO, DERAM UM TIRO NELE E LEVARAM. A DONA CLEONICE É MÃE DO, DA...”

4ª (ENVOLVIDO) [IVISON SANTANA RIBEIRO, SEXO MASCULINO, 26 ANOS, INDUSTRIÁRIO - VÍTIMA, DESAPARECIDO]

5ª (ENVOLVIDO) [RICARDO ROGÉRIO SENA SANTOS, SEXO MASCULINO, 19 ANOS, MULATO - VÍTIMA, DESAPARECIDO, FERIDO À BALA]

6ª (ENVOLVIDOS/4) [SEXO MASCULINO - DISPARARAM UM TIRO NA 5ª (ENVOLVIDO)]

3ª (ENTREVISTADA) [SEXO FEMININO, 48 ANOS, MULATA, MÃE DA 5ª (ENVOLVIDO) - VÍTIMA DE AMEAÇA COM ARMA]: “DO RICARDO.”

R: COMO É QUE FOI A AÇÃO?

3ª: “EU FUI CHEGANDO DO TRABALHO E CHEGUEI E ENCONTREI OS HOMENS QUE INVADIRAM MINHA CASA, E EU EU SÓ, NÃO DEIXARAM ENTRAR, BOTARAM O REVÓLVER NA MINHA CABEÇA, E DE INCLUSIVE MEUS FILHO TOMO COM OUTRO REVÓLVER NA CABEÇA. E SÓ OUVI OS TIROS LÁ. QUANDO OUVI OS TIROS SAÍU O CORPO DELE ARRASTANDO POR AQUI.”

R: “DISSERAM QUE ERAM POLICIAIS?”

3ª: “DISSERAM QUE ERAM POLICIAL.”

R: “O DELEGADO DA 13ª DELEGACIA RECONHECE QUE FALTAM POLICIAIS E EQUIPAMENTOS PARA GARANTIR A SEGURANÇA DOS MORADORES DO BAIRRO.”

4ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 55 ANOS, BRANCO, DELEGADO]: “NA VERDADE, NÓS ESTAMOS COM POUCOS POLICIAIS. SÓ DISPOMOS DE UMA VIATURA E ESTAMO FAZENDO O QUE É NECESSÁRIO. ESTAMOS CORRENDO ATRÁS DESSES HOMICIDAS E ACREDITO QUE MAIS HORA MENOS HORA ELES SERÃO PRESOS COM TODOS PARCOS RECURSOS QUE DISPOMOS.”

CHAMADA: "E LOGO DEPOIS DOS COMERCIAIS, AS EMISSORAS FILIADAS À REDE RECORD DESLIGAM-SE DA REDE PARA A EXIBIÇÃO DOS JORNAIS LOCAIS. NÓS VOLTAREMOS JÁ, JÁ."

FIM DO PRIMEIRO BLOCO
INTERVALO

BLOCO 2

CHAMADA: "VINTE PARA AS SETE AGORA, CONFERINDO. POLICIAL MILITAR PERDE O CONTROLE E ACABA MATANDO UM RAPAZ QUE O CHAMOU APENAS PELO APELIDO. O ESPAÇO ESTÁ ABERTO PRA VOCÊ, JOSÉ DONIZETE."

1) PM PERDE O CONTROLE E MATA RAPAZ QUE O CHAMOU PELO APELIDO
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 1/A - HOMICÍDIO]

REPÓRTER (JOSÉ DONIZETE): "JOÃO LEITE, ESTA É UMA DAS REGIÕES MAIS VIOLENTAS DE SÃO PAULO, CAPÃO REDONDO, NA ZONA SUL. E FOI AQUI QUE ACONTECEU MAIS UM CRIME, E DESTA VEZ ENVOLVENDO UM PM. ÊNIO DA SILVA, DE 18 ANOS, ESTUDANTE E AJUDANTE DE PEDREIRO, FOI MORTO COM UM TIRO NA CABEÇA POR UM POLICIAL MILITAR CONHECIDO POR ANDRÉ. O ÊNIO ESTAVA NESTE BAR, JOÃO, COM AMIGOS, CONVERSANDO, QUANDO O SOLDADO PASSOU. O ÊNIO FEZ UMA BRINCADEIRA COM ELE. O PM, QUE ESTAVA À PAISANA, NÃO GOSTOU DA BRINCADEIRA. PUXOU A ARMA E ATIROU TRÊS VEZES EM DIREÇÃO AO RAPAZ. UMA DAS BALAS ACERTOU NA CABEÇA DELE. ELES TAVAM CONVERSANDO, COMO, QUE, QUE QUE ACONTECEU TUDO?"

1ª (ENVOLVIDO): [ÊNIO DA SILVA, SEXO MASCULINO, 18 ANOS, MULATO, ESTUDANTE E AJUDANTE DE PEDREIRO - VÍTIMA DE HOMICÍDIO]

2ª (ENVOLVIDO): [ANDRÉ, SEXO MASCULINO, POLICIAL MILITAR À PAISANA - ACUSADO DE TER COMETIDO ASSASSINATO]

1ª (ENTREVISTADA): [SEXO FEMININO, 50 ANOS, BRANCA, MÃE DA 1ª (ENVOLVIDO)] “ELE TINHA O APELIDO DE COXA. ENTÃO, O MENINO CHAMOU...”

R: “O PM?”

1ª: “O PM. AÍ MEU FILHO CHAMOU ELE: OI COXA. AÍ ELE ATIROU NO MEU FILHO.”

R: “ASSIM, À TOA, CÊ?”

1ª: “ASSIM À TOA. NÃO TEVE BRIGA, NÃO TEVE NADA. FOI SÓ A, A COVARDIA DELE MESMO.”

2ª (ENTREVISTADA) [SEXO FEMININO, 22 ANOS, BRANCA]: “O PIOR, O QUE MAIS DÁ REVOLTA É QUE... O PRÓPRIO DELEGADO DO, DA QUARENTA E SETE DP CHEGOU A DIZER QUE O CARA QUE MATOU, POR SER UM PM, NÃO IA SER IDENTIFICADO, NÃO IA DEIXÁ, É, A IMAGEM DELE SER DENEGRIDA PORQUE ELE ERA UM P, AFINAL ELE ERA UM PM.”

3ª (ENTREVISTADA)/1ª: “DENTRO DO CARRO DA POLÍCIA, ELE FALOU PRA MIM: MATEI. PORQUE EU VI, QUANDO EU VI ELE DENTRO DO CARRO DA POLÍCIA, E E, E ELE FICOU DESFILANDO COM ELE PRA CIMA E PRA BAIXO, NO CARRO, SEM, SEM PRES...SEM TAR PRESO, SEM NADA.”

R: “ALGEMAS...”

3ª/1ª: "SEM ALGEMADO. AÍ EU FALEI, TU NÃO É O AMIGO DA GENTE, RAPAZ? PORQUE QUE TU FEZ ISSO? ELE FALOU: MATEI, COM, COM AR DE SORRISO. ENTÃO EU ACHO QUE EU PER, PERDI UMA COISA, EU COM, EU TENHO DOIS FILHOS A MAIS, MAS ACHO QUE PRA MIM ACABOU A MINHA VIDA."

R: "DEPOIS DO CRIME, O PM ANDRÉ SE APRESENTOU AQUI NA TERCEIRA COMPANHIA DO PRIMEIRO BATALHÃO DA POLÍCIA MILITAR, NO JARDIM ALVORADA, ONDE PRESTAVA SERVIÇO HÁ UM MÊS. DAQUI, ELE FOI TRANSFERIDO PARA O PRESÍDIO MILITAR (PALAVRA INAUDÍVEL) GOMES. JOSÉ DONIZETE, CIDADE ALERTA."

CHAMADA: "É UM DESPREPARO, NÉ, UM DESPREPARO, A, APENAS POR TER CHAMADO PELO APELIDO. COM QUEM VOCÊ ACHA QUE DEVE FICAR A CRIANÇA EM CASO DE SEPARAÇÃO? COM O PAI OU COM A MÃE? ATÉ AGORA 28 POR CENTO ENTENDE QUE DEVE FICAR COM O PAI E 72 POR CENTO ENTENDE QUE DEVE FICAR COM A MÃE. VOCÊ DEVE LIGAR E CONCORRER AOS CARROS QUE O FELIZ TÁ MOSTRANDO A TODO INSTANTE AQUI. LIGUE, MAS LIGUE QUE AINDA DÁ TEMPO. AINDA DÁ TEMPO, LIGUE AGORA. VAMO. OS NÚMEROS DOS TELEFONES ESTÃO AÍ. LADRÃO DE CARGAS MAIS PROCURADO DO PAÍS É PRESO NO INTERIOR DE SÃO PAULO. SILVANA SILVA, O ESPAÇO É SEU.

2) PRESO O LADRÃO DE CARGAS MAIS PROCURADO DO PAÍS
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 1/B - ROUBO]

REPÓRTER (SILVANA SILVA): "ESTA SEMANA, A POLÍCIA CIVIL AQUI DE SÃO PAULO CONSEGUIU PRENDER UM LADRÃO MUITO ESPECIAL. UM LADRÃO DE CARGAS QUE NÃO USAVA REVÓLVER, QUE NÃO ATACAVA NAS ESTRADAS. O QUE ESSE HOMEM FAZIA, ELE JÁ ESTAVA SENDO PROCURADO HÁ ALGUM TEMPO PELA POLÍCIA, NÃO SÓ DE SÃO PAULO, COMO TAMBÉM DE OUTROS ESTADOS. ELE

ESCOLHIA UM CAMINHÃO. QUALQUER CAMINHÃO DESSES AQUI SERVIA PRA ELE. NA VERDADE, ELE TINHA UM CAMINHÃO QUENTE, OU SEJA, UM CAMINHÃO QUE NÃO FOI ROUBADO, UM CAMINHÃO LEGALIZADO. SÓ QUE DAÍ, AO CONTRÁRIO DO QUE MUITOS FAZEM, QUE, O, A POLÍCIA, CHAMA NA GÍRIA ESQUENTAR O CAMINHÃO, NA VERDADE ELE ESFRIAVA O CAMINHÃO, PORQUE ELE PEGAVA ESSE CAMINHÃO LEGAL QUE ELE TINHA, E COLOCAVA UM, A PLACA DE QUALQUER UM DESSES CAMINHÕES AQUI. ESCOLHIA UMA PLACA QUALQUER. COLOCAVA ESSA PLACA, CONSEGUIA UMA DOCUMENTAÇÃO COM ESSA PLACA. FAZIA O MESMO COM UM DOCUMENTO DE UM MOTORISTA. E AÍ ENTÃO ELE PROCURAVA UMA EMPRESA, ONDE ELE SE CADASTRAVA. CADASTRADO, ELE ERA CHAMADO E ENTÃO PODIA CARREGAR QUALQUER MERCADORIA. ELE ERA CONTRATADO, PEGAVA ESSA MERCADORIA, SÓ QUE ESSA MERCADORIA NUNCA CHEGARIA NO SEU DESTINO PORQUE ESTA CARGA TINHA DESTINO, UM OUTRO DESTINO CERTO, TINHA UM DEPÓSITO CLANDESTINO. ELE TINHA PREFERÊNCIA POR PRODUTOS NÃO PERECÍVEIS, CLARO, ELE PREFERIA CARREGAR CAFÉ, CARREGAR LEITE, AQUELE LEITE EM CAIXINHA, ELE PREFERIA CARREGAR SABONETE. ESSE ERA O TIPO DE CARGA QUE ELE PROCURAVA. E ESSA SEMANA EM BOTUCATU, A POLÍCIA CIVIL CONSEGUIU PRENDER O, O, ESSE HOMEM, CONHECIDO COMO NORONHA. E PRENDEU TAMBÉM UM OUTRO HOMEM, CONHECIDO COMO ODAIR. O ODAIR SERIA O DONO DE UM MERCADO DE BOTUCATU E DONO DE UM DEPÓSITO EM LENÇÓIS PAULISTA. FOI LÁ QUE A POLÍCIA CONSEGUIU APREENDER CAFÉ, LEITE E SABONETE EM GRANDE QUANTIDADE. O NORONHA É CONSIDERADO UM LADRÃO INTELIGENTE, É ISSO?”

1ª (ENVOLVIDO): [NORONHA, SEXO MASCULINO, 50 ANOS, BRANCO - ACUSADO DE SER LADRÃO DE CARGAS]

2ª (ENVOLVIDO): [ODAIR, SEXO MASCULINO, ACUSADO DE SER DONO DE DEPÓSITOS CLANDESTINOS]

1ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 43 ANOS, BRANCO, POLICIAL CIVIL]:
“ELE É ESPERTO. TANTO É QUE A GENTE JÁ TÁ HÁ MAIS DE TRÊS ANOS ATRÁS DELE. AGORA É QUE NÓS CONSEGUIMOS COLOCAR A MÃO NELE. PELA FORMA DELE AGIR, NÉ?”

R: “ELE NÃO TINHA UMA CARA CONHECIDA, ENTÃO?”

1ª: “NÃO, NÃO TINHA. MUDAVA. UM DIA TAVA CARECA, OUTRO DIA TAVA DE BIGODE, OUTRO DIA TAVA DE CABELO LOIRO, OUTRO DIA TAVA DE CABELO PRETO.”

R: “ERA UM MESTRE EM DISFARCES, TAMBÉM?”

1ª: “UM MESTRE.”

R: “ESSE TIPO DE FRAUDE PODE SER ATÉ BEM ELABORADO, MAS COMO O PRÓPRIO PESSOAL DO DEPATRI JÁ PROVOU, AQUI NÃO EXISTE CRIME PERFEITO E NINGUÉM ESTÁ LIVRE DA LEI. SILVANA SILVA PARA O CIDADE ALERTA.”

CHAMADA: “BEM, E, DOIS PALIOS ED SÃO OS PRÊMIOS DE HOJE PARA QUEM PARTICIPAR DO DISQUE 900. BASTA LIGAR DANDO A SUA OPINIÃO. NA SUA OPINIÃO, QUANDO UM CASAL SE SEPARA, COM QUEM DEVE FICAR OS FILHOS? OS NÚMEROS ESTÃO AÍ NO SEU VÍDEO. LIGUE. AINDA DÁ TEMPO, TÁ? ENQUANTO ISSO O FELIZ VAI MOSTRAR NOVAMENTE. FELIZ, VOCÊ.”

FELIZ: “EU TENHO QUE RIR (RISADA). EU TENHO QUE DAR RISADA, MEU FILHO. ENFIM, RIR DE VOCÊ QUE TÁ DEMORANDO PRÁ LIGAR. LIGUE AGORA. AGORA VEJA SÓ. VÊ, OLHA SÓ. SÃO DOIS CARROS POR TRÊS REAIS, TRÊS, TRÊS REAIS. TÁ? ENTÃO ISSO SIGNIFICA, QUE CADA UM VOCÊ VAI LEVAR POR UM REAL E CINQUENTA CENTAVOS. SABE O QUE CUSTA, UM REAL E CINQUENTA CENTAVOS

NESTE CARRO? ISSO AQUI Ó. A TAMPA DO RADIADOR (RISADA), É SÓ ISSO. UM REAL E CINQUENTA CENTAVOS. É O QUE CUSTA A TAMPA DO RADIADOR, E SÓ. AGORA, VOCÊ VAI LEVAR O CARRO POR UM REAL E CINQUENTA CENTAVOS. MAS VOCÊ VAI LIGAR. E A LIGAÇÃO CUSTA TRÊS, MAS AÍ CÊ FICA COM DOIS CARROS. AGORA VOCÊ TÁ ESPERANDO O QUE? VOCÊ TEM QUE ME LIGAR. VOCÊ LIGA AGORA. SENÃO EU VÔ É, FI, EU FICO LOUCO, EU FICO LOUCO, BABANDO. MAS OLHA AQUI, EU BABO, MAS OLHA SÓ, TUDO ESTALANDO. TÁ ESPERANDO O QUE? LIGUE AGORA, VAMO LÁ, VAMO LÁ, HEIN? EU TÔ ESPERANDO, HEIN? EU VOU DESLIGAR AGORA, HEIN? VOCÊ VAI LIGAR. EU DESLIGO E VOCÊ ME DESLIGA. VOCÊ LIGA, AH, TÁ? PIRIRI E PORORÓ.”

CHAMADA: “ALÔ, ALÔ. JÁ, JÁ JÁ LIGARAM AQUI, JÁ LIGARAM. O NOSSO COMPANHEIRO CELSO RUSSOMANO, TAMBÉM DEPUTADO FEDERAL, MAS FAZ AS SUAS MATÉRIAS GRAVADAS AQUI PARA O NOSSO CIDADE ALERTA, PORQUE ELE ESTÁ LÁ NA CÂMARA FEDERAL COMPARECENDO EM SESSÕES. MAS O CELSO RUSSOMANO RESOLVE O PROBLEMA DE UMA CONSUMIDORA QUE COMPROU UMA BANCA DE JORNAIS E ACABOU VIRANDO ELA, É, NOTÍCIA INCLUSIVE AQUI NO CIDADE ALERTA. O ESPAÇO ESTÁ ABERTO PRA VOCÊ, CELSO RUSSOMANO.”

3) FINAL FELIZ PARA PROPRIETÁRIA DE BANCA DE JORNAIS
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 7/8 - DEFESA DO CONSUMIDOR-PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS]

REPÓRTER (CELSO RUSSOMANO): “ALGUNS DIAS ATRÁS A VILMA NOS PROCUROU RECLAMANDO DA ENTREGA DE UMA BANCA DE JORNAIS. VAMOS REVER JUNTO COM VOCÊ QUE ESTÁ EM CASA ESTA REPORTAGEM. VLADIMIR, ESTAMOS AQUI COM UM PROBLEMA, NÃO É? A VILMA NOS PROCUROU. ELA COMPROU UMA BANCA DE VOCÊS NESSAS CORES AQUI, OLHA, GRAFITE E VINHO...”

1ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 55 ANOS, BRANCO, COMERCIANTE]:
“CERTO.”

R: “E ERA PARA SER ENTREGUE NO DIA 22 DO 6 DE 97. ELA SÓ FOI ENTREGUE NO DIA 27, NÃO FOI ISSO? SÓ QUE A BANCA CHEGOU INFELIZMENTE NAS CORES...”

2ª (ENTREVISTADA): [SEXO FEMININO, 50 ANOS, BRANCA, COMERCIANTE]:
“VERDE, ELES TINHAM COMBINADO VINHO E CINZA, DESSA COR AQUI, COM UM VERDE NA LATERAL, QUE SERIA O VINHO, NÉ? COMPLEMENTE DIFERENTE DAQUILO QUE EU COMPREI.”

R: “ELA SE RECUSOU A RECEBER A BANCA E DEPOIS QUANDO ELA CONVERSOU COM UM PESSOAL LÁ, EM, É, EM ME, NÃO, É, EM SAN, SANTA BÁRBARA D’OESTE, ELA TEVE ALGUNS PROBLEMAS E FOI MAL TRATADA.”

3ª (ENTREVISTADO)/1ª: “JUNTO COM A BANCA FOI ENVIADA UMA CARTA A ELA, DIZENDO QUE HÁ UMA SÉRIE NOVA, COM UMAS CORES NOVAS QUE A (LAMBRICITA? - NOME DA EMPRESA INAUDÍVEL) DESENVOLVEU UMA NOVA TINTA, DE MELHOR QUALIDADE, A SENHORA TEM ESTA CARTA? FOI ENTREGUE?”

4ª (ENTREVISTADA)/2ª: “ELES NÃO DEIXARAM COMIGO, ELES NÃO DEIXARAM.”

R: “MAS FOI... ELA ESTÁ DESESPERADA PORQUE ELA COMPROU UMA, UMA QUANTIDADE ENORME DE REVISTAS E JORNAIS. ALGUMAS COISAS ELA CONSEGUIU CANCELAR. OUTRAS TÃO ESTOCADAS NA CASA DELA. E ELA TEM MEDO DE NÃO VENDER E DEPOIS DE QUEM FICA O PREJUÍZO SE ELA NÃO TEM CONDIÇÃO DE PAGAR A BANCA.”

5ª/1ª: “A REVISTA TODA ELA É EM CONSIGNAÇÃO, TÁ. ENTÃO NÃO...”

R: “MAS, PERÁÍ, PARECE QUE TEM UM PRAZO, NÉ?”

6ª/2ª: “NÃO. EU TENHO QUATRO MESES. PRA FRENTE QUE EU VOU CONSEGUIR ISTO AÍ EM CONSIGNAÇÃO. AG...”

R: “NO COMEÇO VOCÊ TEM QUE PAGAR?”

6ª/2ª: “EU TENHO DE PAGAR.”

R: “VAMO AGUARDAR ENTÃO, VER O QUE, QUE VOCÊ CONSEGUE RESOLVER AÍ COM RELAÇÃO À BANCA PARA ELA PODER...”

7ª/1ª: “COM CERTEZA, ELA TEM A BANCA NA QUINTA-FEIRA, AH LÁ.”

R: “COMO SEMPRE DIGO AQUI, PARA O CIDADÃO ALERTA O IMPORTANTE É A SOLUÇÃO DE CADA PROBLEMA QUE NOS TRAZEM AQUI. RESOLVEU O PROBLEMA?”

8ª/2ª: “RESOLVEU.”

R: ENTREGARAM A BANCA DIREITINHO. O PESSOAL EM CASA TÁ VENDENDO IMAGENS DA BANCA, JÁ FUNCIONANDO, NA COR QUE VOCÊ QUERIA?

8ª/2ª: “NA COR QUE EU QUERIA. ENTREGARAM DIREITINHO.”

R: E O VLADIMIR TÁ TE AJUDANDO A RESOLVER O PROBLEMA DAS REVISTAS E DOS JORNAIS?

8ª/2ª: “TÁ. JÁ ENTROU EM CONTATO LÁ COM A, A LUSITANA, NA CONSTANZO, NÉ? E...”

R: “DISTRIBUIDORA DE REVISTAS?”

8ª/2ª: “DISTRIBUIDORA DE REVISTAS E SEGUNDA-FEIRA A GENTE JÁ VAI CONSEGUIR AS REVISTAS.”

R: "TUDO EM CONSIGNAÇÃO, BONITINHO, SEM PREJUÍZO?"

8ª/2ª: "SEM PREJUÍZO."

R: "TÁ FELIZ, TÁ SATISFEITA?"

8ª/2ª: "TÔ FELIZ, TÔ SATISFEITA, E QUERO AGRADECER A VOCÊS, SUA EQUIPE E O SENHOR VLADIMIR TAMBÉM, NÉ?"

R: "QUE CUMPRIU A, A, A PALAVRA, NÉ?"

8ª/2ª: "QUE CUMPRIU A PALAVRA. ISSO."

R: "PARABÉNS AO VLADIMIR, QUE CUMPRIU A PALAVRA. TÁ BOM PRA VOCÊ?"

9ª/1º: "TUDO BEM."

R: "ESTÁ BOM PARA O VLADIMIR TAMBÉM. ESTANDO BOM PARA AMBAS AS PARTES, CELSO RUSSOMANO, CIDADE ALERTA."

[CARACTERES: NÚMEROS DE TELEFONES PARA ENTRAR EM CONTATO COM CELSO RUSSOMANO, QUE TAMBÉM É DEPUTADO FEDERAL]

CHAMADA: "MEU DEUS DO CÉU, A CADA DIA SE MATA POR MENOS. POR NADA, POR NADA. UM MENINO EXECUTADO A GOLPES DE ENXADA POR CAUSA APENAS, ÚNICA E EXCLUSIVAMENTE DE UMA PIPA, PAPAGAIO, AQUELE NEGÓCIO QUE VOCÊ EMPINA, SABE? JOSÉ DONIZETE, O ESPAÇO É SEU."

4) MENINO É EXECUTADO A GOLPES DE ENXADA POR CAUSA DA PIPA
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 1/A - HOMICÍDIO-PROTESTO]

REPÓRTER (JOSÉ DONIZETE): “BEM, JOÃO, NÓS ESTAMOS AQUI NO CONDOMÍNIO MARACANÃ, PERTO DO JARDIM HUMAITÁ, AQUI NO CENTRO DE SANTO ANDRÉ, NO ABC PAULISTA. A GENTE VEIO ATÉ AQUI PRA REGISTRAR O PROTESTO DOS MORADORES AQUI DESTE CONDOMÍNIO. UM PROTESTO CONTRA O ASSASSINATO DE UMA CRIANÇA DE APENAS TREZE ANOS, DO DARIO FLORES. AQUI ESTÃO OS PAIS DELE, O SEU JAIRO, A DONA IZABEL, COM A FOTO DO DARIO. O DARIO É ESTE RAPAZ AQUI (EXIBE A FOTO), TREZE ANOS APENAS, ELE FOI ASSASSINADO A ENXADADAS POR UM OUTRO MORADOR AQUI DA, DO CONDOMÍNIO. AGORA, OLHA, VOU MOSTRAR PARA VOCÊ AQUI JOÃO. ELE MORA AQUI NESSA MESMA RUA ONDE O DARIO MORAVA E TEM UMA CASA ALI, QUE É, PARECE MAIS UM DEPÓSITO DE MATERIAL VELHO, BEM ALI EMBAIXO. ACONTECE QUE NO DIA 26 DO MÊS PASSADO, O DARIO ESTAVA AQUI COMO QUALQUER CRIANÇA BRINCANDO, É, EMPINANDO UMA PIPA. SÓ QUE A, A PIPA DELE CAIU NA CASA DESSA PESSOA, QUE SE CHAMA CARLOS GAMA, MAIS CONHECIDO AQUI COMO CARLITO. ELE SE IRRITOU COM O GAROTO E PARTIU PRA CIMA DO DARIO ENTÃO, COM UMA ENXADA, ATINGINDO VÁRIAS VEZES A CABEÇA DO GAROTO, QUE MORREU DEPOIS DELE FAZER ISSO, ELE AINDA PEGOU O CORPO DO GAROTO E JOGOU NUM CÓRREGO, QUE FI, QUE FICA AQUI POR PERTO. POR ISSO DEMOROU MUITO PRA QUE ELE FOSSE LOCALIZADO.”

1ª (ENVOLVIDO) [DARIO FLORES, SEXO MASCULINO, 13 ANOS, MULATO - VÍTIMA DE HOMICÍDIO]

2ª (ENVOLVIDO) [CARLOS GAMA, CARLITO, SEXO MASCULINO, 54-58 ANOS, BRANCO - ACUSADO DE TER COMETIDO ASSASSINATO]

1ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 46 ANOS, MULATO, PAI DA 1ª (ENVOLVIDO)]: “EU NÃO QUERO QUE OUTRO PAI NEM OUTRA MÃE PASSE O QUE EU TÔ PASSANDO E PELO UM INFELIZ DE JÁ, DE 58 ANOS, UM, UM CARA QUE

TODOS NÓS SABEMOS AQUI QUE A IDÉIA DELE É SÓ MATAR, INCLUSIVE ELE MATOU MEU FILHO PORQUE PENSOU QUE SERIA DO MORRO, ALI, DAQUELE LADO LÁ, UM PESSOAL HUMILDE E ELE ODEIA AS CRIANÇAS. ELE É UM CARA QUE, EU NÃO SEI, PORQUE QUE UM HOMEM DESSES TÁ NA RUA. INCLUSIVE O QUE EU QUERO É SÓ JUSTIÇA. QUE ELE NÃO FAÇA OUTRO PAI PASSAR O QUE EU TÔ PASSANDO. É ISSO QUE EU QUERO.”

R: “A INTENÇÃO DE VOCÊS TAMBÉM É DIVULGAR ESSE RETRATO FALADO, DÁ LICENÇA UM POUQUINHO AQUI, GAROTINHO. O RETRATO FALADO TÁ AQUI, JÁ FOI FEITO PELA POLÍCIA, OLHA. A GENTE PERCEBE ESSE, ESSE SENHOR AQUI TEM UM E SETENTA E OITO DE ALTURA, BRANCO, MAIS OU MENOS CINQUENTA E QUATRO ANOS, É, TEM UM CABELO CASTANHO GRISALHO, CARECA AQUI NA FRENTE, OLHA AÍ. OLHOS CASTANHOS, BIGODE GRISALHO, CAVANHAQUE GRISALHO E UMA COMPLEIÇÃO FÍSICA MAIS PRO MAGRO, TAÍ Ó, NATUREZA HOMICÍDIO DE MENOR.

2ª (ENTREVISTADA) [SEXO FEMININO, 38 ANOS, BRANCA, MÃE DA 1ª (ENVOLVIDO): “A GENTE SÓ QUER UM APELO DA POPULAÇÃO, SE VEREM ELE EM ALGUM LUGAR, NÃO PRECISA FA, FALAR QUEM É QUE TÁ FALANDO, É SÓ FALAR, EU VI O CARLITO, O CARLOS GAMA, EM TAL RUA ASSIM, ASSIM, E LIGAR PRA POLÍCIA ANÔNIMO PRA POLÍCIA PRENDER E PÔR ESSE ANIMAL NA CADEIA.”

R: “MAS, TEM GENTE QUE VIU ELE FAZER ISSO COM O SEU FILHO?”

2ª: “TEM, TEM MUITA GENTE QUE VIU. ELE PASSOU, TEM MULHERES QUE FALÔ QUE PASSOU, VIU A HORA QUE ELE TAVA BATENDO. TEM UMA SENHORA DALI DA, DA BOCA DOCE QUE OUVIU OS GRITO, ELE AINDA CORREU ATRÁS DE DUAS MULHERES QUE MORAM LÁ NO MORRO QUE VIU MEU FILHO JOGADO NO CHÃO COM O CORPO TODO ENSANGÜENTADO, NÉ? E ELE CORREU ATRÁS DESSAS

MULHER. E ESSAS MULHERES JÁ DERAM TESTEMUNHO MAS NÃO SE IDENTIFICARAM, NÉ? MAS...

3ª (ENVOLVIDAS/3) [SEXO FEMININO - TESTEMUNHAS]

R: TEM MEDO DELE?

2ª: “ISSO, TEM MEDO DELE, PORQUE A FAMA DELE AQUI É VIOLENTA, ELE BEBIA, ELE FALAVA PALAVRÃO NA RUA, É UM HOMEM TOTALMENTE VIOLENTO. A POLÍCIA, ELA DI, DISSERAM QUE TÃO PROCURANDO, NÉ? INCLUSIVE FALARAM QUE ELE TAVA NO ESTA... EM SÃO JOSÉ DO RIO PARDO. A POLÍCIA PASSOU FAX PRA LÁ, E A POLÍCIA DE LÁ INFORMOU QUE ELE NÃO TÁ LÁ, MUITA GENTE FALA QUE ELE TÁ POR AQUI MESMO DE BARBA RAPADA, CABELO RAPADO, NÉ, TODO DIFERENTE, QUE ELE ANDAVA TODO SUJO, QUE AGORA ELE TÁ ANDANDO LIMPO, NÉ? ENTÃO A POLÍCIA DISSE QUE TÁ ATRÁS.”

R: “QUEM TIVER ALGUMA INFORMAÇÃO ENTÃO QUE LIGUE PRA POLÍCIA E DENUNCIE ENTÃO ESSE ASSASSINO AÍ DE CRIANÇA. JOSÉ DONIZETE, CIDADE ALERTA.”

CHAMADA: “Ã, TAÍ, ATENÇÃO, DAQUI A POUQUINHO, CÁRCERE PRIVADO. MÃE MANDA ACORRENTAR O PRÓPRIO FILHO DE ONZE ANOS. EU VOLTO JÁ, JÁ COM ESSE ASSUNTO.”

FIM DO SEGUNDO BLOCO
INTERVALO

BLOCO 3

CHAMADA: “QUATRO MINUTOS PARA A SETE. DISPUTA DE UM PONTO DE DROGAS TERMINA COM A MORTE DE TRÊS PESSOAS. EU ESTOU ABRINDO ESPAÇO PARA A REPÓRTER SIMONE MÍTOLE. VOCÊ.”

1) DISPUTA POR UM PONTO DE DROGAS TERMINA COM TRÊS MORTOS
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 1/A - HOMICÍDIO]

REPÓRTER (SIMONE MÍTOLÉ): TRÊS PESSOAS FORAM MORTAS EM MAIS UMA CHACINA EM SÃO PAULO. DESTA VEZ FOI NO MORRO DOCE, PRÓXIMO AO QUILOMETRO 23 DA VIA ANHANGÜERA, ZONA OESTE DA CIDADE.

1ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 30 ANOS, BRANCO, POLICIAL MILITAR]:
“TEVE UM HOMICÍDIO AÍ, TRÊS VÍTIMAS, AÍ, BALEADA AÍ, E OS CORPO TÃO LÁ DENTRO...”

R: “FOI NO INTERIOR DO BAR AÍ?”

1ª: “INTERIOR DO BAR.”

R: “PODE MOSTRAR, POR FAVOR.”

1ª: “VAMO LÁ.”

R: “ESTE AÍ ERA O DONO DO BAR, PAULO BARBOSA. ATRÁS DO BALCÃO ESTÃO AS OUTRAS DUAS PESSOAS. UM RAPAZ, MÁRCIO ALVES ARAÚJO, QUE ERA ELETRICISTA E UMA GAROTA QUE NÃO FOI IDENTIFICADA.”

VOZ MASCULINA EM OFF, PROVAVELMENTE DO CINEGRAFISTA: “O SENHOR SUSPEITA O QUE QUE PODE TER ACONTECIDO AÍ?”

1ª (ENVOLVIDO): [PAULO BARBOSA, SEXO MASCULINO, DONO DO BAR, VÍTIMA DE HOMICÍDIO]

2ª (ENVOLVIDO): [MÁRCIO ALVES ARAÚJO, SEXO MASCULINO, 24 ANOS, MULATO, ELETRICISTA - VÍTIMA DE HOMICÍDIO]

3ª (ENVOLVIDO): [SEXO FEMININO, JOVEM, MULATA, NÃO IDENTIFICADA - VÍTIMA DE HOMICÍDIO]

1ª: "AH, NINGUÉM VIU, NINGUÉM SABE DE NADA, NÉ? MAS, O GOLPE DEVE TER SIDO GRANDE AÍ, NÉ? ALI TEM CÁPSULA JÁ DEFLAGRADA, TEM UMA INTACTA LÁ AINDA."

EM OFF: "UMA SENHORA AQUI QUE TEM, O FILHO DELA TAÍ, NÉ?"

1ª: "ISSO, TOMOU DOIS TIRO, TEM UM FILHO DELA, ESSE RAPAZ ENSANGÜENTADO ALI É O FILHO DELA.

R: TODOS FORAM MORTOS COM VÁRIOS TIROS NA CABEÇA."

OFF: "A SENHORA QUE É A MÃE DAQUELE GAROTO AÍ? QUANTOS ANOS ELE TINHA?"

2ª (ENTREVISTADA) [SEXO FEMININO, 46 ANOS, MULATA, MÃE DA 2ª (ENVOLVIDO)]: "24."

OFF: "24 ANOS?"

2ª: "É."

OFF: "COMO QUE ERA A VIDA DELE? ERA NORMAL?"

2ª: "TUDO NORMAL."

OFF: "TINHA RICHAS COM NINGUÉM, NADA? A SENHORA NÃO SUSPEITA DE NADA?"

2ª: "QUE EU SOUBESSE, NADA. TODO MUNDO CO, COMENTAVA QUE ELE ERA UM MENINO BOM."

OFF: "ACABOU MORRENDO DE UMA FORMA TÃO VIOLENTA ASSIM, NÉ?"

2ª: "É."

R: "A POLÍCIA SUSPEITA QUE TENHA SIDO UMA DISPUTA PELO PONTO DE TRÁFICO DE DROGAS, QUE É MUITO INTENSO NA REGIÃO."

OFF: "ESSE PONTO AQUI É BASTANTE VIOLENTO, NÉ?"

3ª (ENTREVISTADO)/1ª [OFF]: "BASTANTE VIOLENTO. TRÁFICO DE DROGA..."

CHAMADA: "QUEM NA SUA OPINIÃO DEVE FICAR COM A GUARDA DAS CRIANÇAS QUANDO UM CASAL SE SEPARA? DÊ A SUA OPINIÃO. CONCORRA AOS CARROS QUE O FELIZ VAI MOSTRAR AGORA MESMO PRA VOCÊS. AINDA DÁ TEMPO. FELIZ, MOSTRA OS CARROS."

FELIZ: "ÓI, VOCÊ LIGA PARA MIM E LEVA EU PRA SUA CASA, JUNTO COM O MEU AMIGUINHO AQUI DO LADO. CÊ TÁ ESPERANDO O QUE? É A ÚLTIMA CHANCE QUE VOCÊ TEM. VOCÊ LIGA AGORA OU ENTÃO, ÓI, NÓI VAMOS SORTEAR, HEIN? VOCÊ QUE SABE. NÓI VAMO SORTEAR. AGORA, DEPOIS DE ACABAR O JORNAL, CÊ PODE CONTINUAR LIGANDO, MAS É MELHOR AGORA, APROVEITA A CHANCE, A SORTE É ESSA, ENTÃO VAMO LÁ, TÁ NA SUA, E A SORTE É SUA, HEIN? EU QUERO VER. VAMO LÁ. VAMO LÁ. MAS LIGUE. MAS LIGUE AGORA. AGORA, UM, DOIS, TRÊS, VAMOS LIGAR OUTRA VEZ (RISADA). E PIRIRI E PORORÓ."

CHAMADA: "E ATENÇÃO , ATENÇÃO, EMERGÊNCIA. VIATURA DO RESGATE ABRE CAMINHO EM SÃO BERNARDO PARA SOCORRER VÍTIMAS DE ACIDENTE. O ESPAÇO ESTÁ ABERTO PARA VOCÊ, ROBERTO SOUZA."

2) FUSCA BATE FEIO E DÁ TRABALHO PARA O RESGATE
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 3 - ACIDENTE-COLISÃO-CARROS-FERIDOS]

REPÓRTER (ROBERTO SOUZA): "OK, JOÃO LEITE NETO, ESTAMOS ACOMPANHANDO AÍ COM IMAGENS DO CINEGRAFISTA FLÁVIO RODERLEI, A VIATURA DO RESGATE SEGUINDO PARA SÃO BERNARDO DO CAMPO, AQUI, NA GRANDE SÃO PAULO, HEIN? UM CHAMADO NA AVENIDA SÃO BERNARDO, NO BAIRRO SÍTIO DOS VIANAS, ACIDENTE DE TRÂNSITO COM VÍTIMA. A VIATURA VAI A TODA VELOCIDADE. E OLHA, HÁ INFORMAÇÕES DE QUE SÃO DUAS VÍTIMAS QUE RECEBERAM FERIMENTOS, HEIN? PELO RÁDIO, HÁ INFORMAÇÃO DE QUE HOVE UMA COLISÃO ENVOLVENDO UM FUSCA E UMA PARATI, HEIN? UM FUSCA E UMA PARATI. OLHA QUANTAS PESSOAS AÍ, OS CURIOSOS SEMPRE PRESENTES, HEIN? AINDA MAIS À NOITE, VIRA ATRAÇÃO TURÍSTICA, JOÃO LEITE NETO. OLHA SÓ QUANTA GENTE ATRAPALHANDO AÍ O TRABALHO DA POLÍCIA E DO RESGATE, HEIN? OLHA, JÁ TEMOS AÍ A VERIFICAÇÃO DOS BOMBEIROS, DA PRÓPRIA POLÍCIA MILITAR. O QUE ACONTECEU FOI O SEGUINTE: O MOTORISTA DO FUSCA BATEU EM OUTRO VEÍCULO, PERDEU O CONTROLE E FOI SE CHOCAR CONTRA A PARATI, DIRIGIDA PELO ANTÔNIO CARLOS NEM, DE 21 ANOS, QUE SOFREU ESCORIAÇÕES. AGORA, O MOTORISTA DO FUSCA, ESSE QUE TAÍ, SOFREU FRATURA NA COSTELA E ESCORIAÇÕES. É O LÚCIO TADEU CARDENAL, TEM 29 ANOS. ELE ESTÁ SENDO ATENDIDO COM TODO O CUIDADO PELOS HOMENS DO RESGATE, OLHA SÓ. A MACA VEM CHEGANDO AÍ, JÁ FOI IMOBILIZADO O PESCOÇO PORQUE EM CASO DESSA NATUREZA... OLHA AÍ, ELE ESTÁ TIRANDO A BATERIA, PARA EVITAR QUE O CARRO PEGUE FOGO. ESSA É A PARATI. ENQUANTO O ATENDIMENTO ESTÁ SENDO DADO AO MOTORISTA DO FUSCA, O ANTÔNIO CARLOS NEM, DE 21 ANOS, QUE FOI VÍTIMA AÍ DO FUSCA DESGOVERNADO, QUE BATEU EM OUTRO CARRO E ACABOU PEGANDO AÍ DE FRENTE O CARRO DO ANTÔNIO CARLOS, QUE JÁ ESTÁ SENDO ATENDIDO AÍ, NA MACA, OLHA AÍ, ESCORIAÇÕES TAMBÉM NA CABEÇA, JÁ ESTÁ IMOBILIZADO PARA EVITAR PROBLEMAS NA COLUNA PORQUE NESSES CASOS NINGUÉM, A NÃO SER AS PESSOAS ESPECIALIZADAS, DEVE MEXER NA PESSOA, PARA EVITAR COMPLICAÇÕES MAIORES AINDA. ELE ESTÁ SENDO COLOCADO NA

VIATURA E AGORA SEGUINDO PARA O HOSPITAL DE SÃO BERNARDO DO CAMPO, JOÃO LEITE. E OLHA AÍ, O PASSAGEIRO DO FUSCA ESTÁ SENDO ATENDIDO TAMBÉM PELOS HOMENS DO RESGATE, DO CORPO DE BOMBEIROS. A MESMA SEQUÊNCIA, NÉ? ELE É IMOBILIZADO, COLOCADO NA MACA E AGORA DENTRO DO CARRO TAMBÉM VAI PARA O ATENDIMENTO MÉDICO, AÍ, EM SÃO BERNARDO DO CAMPO. MAIS UM ACIDENTE QUE ACONTECEU À NOITE NA GRANDE SÃO PAULO, JOÃO LEITE NETO.”

1ª (ENVOLVIDO) [LÚCIO, SEXO MASCULINO, 29 ANOS, MULATO, MOTORISTA DO FUSCA - VÍTIMA DE ACIDENTE DE CARRO - FERIDO]

2ª (ENVOLVIDO) [ANTÔNIO CARLOS, SEXO MASCULINO, 21 ANOS, MULATO, MOTORISTA DA PARATI - VÍTIMA DE ACIDENTE DE CARRO - FERIDO]]

CHAMADA: “UMA CRIANÇA DE APENAS ONZE ANOS DE IDADE QUE PRATICAVA PEQUENOS FURTOS, É, É, FOI ACORRENTADA PELA PRÓPRIA MÃE. ESTA MATÉRIA DAQUI A POUQUINHO, COM O ULISSES ROCHA E PAULO GEMINIELE. ANTES DISSO, EU GOSTARIA DE CHAMAR UMA VEZ MAIS O FELIZ. FELIZ, VOCÊ.”

FELIZ: “Ê, JOÃO (RISADA), OLHA AQUI, CÊ SABE QUANTO CUSTA UMA RODA? EU NÃO SEI, MAS AQUI VOCÊ CONSEGUE CINCO, DEZ, DEZ RODAS, POR TRÊS REAIS. DEZ RODAS COM PNEU E TUDO. TUDO NOVINHO POR TRÊS REAIS. AGORA EM CIMA DAS RODAS SABE O QUE QUE VEM? (RISADA) VEM DOIS CARROS, ZERO QUILOMETRO (RISADA). É SÓ PRA VOCÊ, MEU FILHO. EU FICO LOUCO (RISADA). VAMO, AÍ, LIGA, É A ÚLTIMA CHANCE, HEIN? AGORA, AGORA EU VÔ FALAR SÉRIO, AGORA EU VÔ FALAR SÉRIO. EU NÃO VOU DAR MAIS CHANCE NÃO. ESTA É A ÚLTIMA. OU VOCÊ LIGA OU VOCÊ NÃO LIGA. MAS EU ACHO MELHOR VOCÊ LIGAR, VIU? PORQUE, OLHA, COM UMA CHANCE DESSA NINGUÉM PODE PERDER. E PIRIRI E PORORÓ.”

CHAMADA: “E NÓS TEMOS CERCA AÍ DE UNS DEZ, DOZE MINUTOS PRA VOCÊ LIGAR, AINDA, PRA PODER CONCORRER DAQUI A POUCO, AQUI, AINDA, NO CIDADE ALERTA DE HOJE, TÁ BEM? CRIANÇA DE ONZE ANOS, QUE PRATICAVA PEQUENOS FURTOS É ACORRENTADA PELA PRÓPRIA MÃE. O REPÓRTER ULISSES ROCHA E O CINEGRAFISTA PAULO GEMINIANI ESTIVERAM LÁ. O ESPAÇO ESTÁ ABERTO PRA VOCÊS. VAMO LÁ.

3) MÃE MANDA ACORRENTAR MENOR QUE PRATICAVA PEQUENOS FURTOS
[CARACTERES QUE APARECEM NA TELA DA TV]

[TEMÁTICA 1/A - MAUS-TRATOS]

REPÓRTER (ULISSES ROCHA): “É ISSO MESMO JOÃO LEITE NETO, NÓS ESTAMOS NA ZONA SUL DA CAPITAL PAULISTA, JARDIM SÃO LUIZ, QUE ALIÁS, DIGA-SE DE PASSAGEM, ESSE QUE É UM BAIRRO CONHECIDO PELO ALTO ÍNDICE DE VIOLÊNCIA, E AÍ NÓS VEMOS OS POLICIAIS SEGUINDO PARA ATENDER A MAIS UMA OCORRÊNCIA. E UMA OCORRÊNCIA TÃO VIOLENTA OU PIOR DO QUE NÓS JÁ TEMOS ACOSTUMADO A OBSERVAR AQUI, NA REGIÃO. OS POLICIAIS ESTÃO SEGUINDO PRA UMA DENÚNCIA, PRA AVERIGUAR UMA DENÚNCIA DE QUE UMA CRIANÇA DE ONZE ANOS DE IDADE ESTÁ ACORRENTADA NO INTERIOR DA SUA RESIDÊNCIA. A CRIANÇA SOZINHA, DE ONZE ANOS, DEIXADA PELA MÃE COM CORRENTE E CADEADO. E É ISSO QUE OS POLICIAIS VÃO VERIFICAR AGORA, SE ESSA DENÚNCIA REALMENTE PROCEDE. JÁ TEMOS CONHECIMENTO QUE OUTRA VIATURA ESTÁ SEGUINDO PRA LÁ TAMBÉM E AÍ NÓS VAMOS PODER CONSTATAR A VERACIDADE DOS FATOS, PORQUE, DIGA-SE DE PASSAGEM, É ALGO ABSOLUTAMENTE VIOLENTO E DE UMA BARBARIDADE A TODA PROVA. BOM, AÍ, NÓS JÁ ESTAMOS NOS APROXIMANDO, JÁ PODEMOS OBSERVAR UMA OUTRA VIATURA DA PM ALI NA FRENTE E, COM CERTEZA, DEVE SER AQUI O LOCAL. VAMOS LÁ, PAULO? SARGENTO, É UMA DENÚNCIA DE CRIANÇA ACORRENTADA, MESMO, É ISSO?”

1ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 38 ANOS, BRANCO, POLICIAL MILITAR]:
“EXATAMENTE. EXATAMENTE. UMA DENÚNCIA DE CRIANÇA ACORRENTADA.”

R: “A CASA É ESSA DAQUI?”

1ª: “ISSO, NESTA CASA AQUI.”

R: “OK, NÓS VAMOS ACOMPANHAR, PORTANTO, OS POLICIAIS... UMA CRIANÇA DE ONZE ANOS DE IDADE... OLHA, AQUI ESTÁ, MEU DEUS DO CÉU, ISSO É UMA CENA IMPRESSIONANTE. UM GAROTO DE ONZE ANOS, AQUI ESTÁ UMA CORRENTE COM CADEADO. DEIXA EU MOSTRAR AQUI. OLHA SÓ. OLHA QUE SITUAÇÃO QUE SE ENCONTRA UM MENINO. VEM CÁ, COMO É QUE VOCÊ CHAMA?”

2ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 11 ANOS, MULATO - VÍTIMA DE MAUS-TRATOS]: “FELIPE.”

R: “PORQUE VOCÊ TÁ ASSIM, FELIPE? [O MENINO NÃO RESPONDE] QUE QUE ACONTECEU COM VOCÊ? [NÃO FALA]. CÊ NÃO TÁ QUERENDO FALAR? [NÃO FALA] QUEM ACORRENTOU VOCÊ DESSE JEITO?”

2ª: “MEU PADASTRO (SIC).”

R: “QUEM?”

2ª: “MEU PADASTRO (SIC).”

R: “O SEU PADRASTO QUE TE ACORRENTOU? [NÃO FALA]. O QUE QUE VOCÊ FEZ?”

2ª: “OI?”

R: “CÊ TÁ AQUI ASSIM DESDE QUE HORAS? “

2ª: “DESDE DAS UMA.”

R: “DESDE QUE HORAS?”

2ª: “DA UMA.”

R: “DA UMA HORA DA TARDE. OLHA, JÁ SÃO QUATRO E QUINZE, PORTANTO, ELE ESTÁ HÁ TRÊS HORAS E QUINZE MINUTOS ACORRENTADO DESSA MANEIRA. O QUE QUE ELE DISSE PRA VOCÊ PRA TE ACORRENTAR ASSIM? [NÃO FALA] NÃO FALOU NADA? [NÃO RESPONDE].”

3ª (ENTREVISTADA): [MÃE DA 2ª (ENTREVISTADO) - NÃO APARECE]: “ELE NÃO FALA.”

R: “VEM CÁ, A SENHORA QUE É A MÃE DELE? PORQUE QUE ELE TÁ ACORRENTADO DESSE JEITO?”

2ª [SEXO FEMININO, 38 ANOS, MULATA, MÃE DA 2ª (ENTREVISTADO) - ACUSADA DE MANDAR ACORRENTAR O FILHO]: “EU QUE PEDI, DOUTOR. SABE POR QUE? ELE SAI DE CASA SEXTA-FEIRA, CHEGÔ NA CASA DE INAUDÍVEL... ROUBOU UMA MENINA LÁ, ROUPA DA MENINA, ELE TEM ONZE VIAGENS NO S.O.S. CRIANÇA PORQUE EU TENHO UNS PAPEL TUDO DE LÁ. E EU, EU COMO EU SAIO DE MANHÃ, ELE TRABALHA, PEDI PRA ELE IR ATRÁS DO FELIPE LÁ NA ESCOLINHA, ELE FOI, TÁ AQUI, Ó, SAPATO DA MENINA QUE ELE PEGOU, A CALÇA DA MENINA, A CORRENTE DA MENINA QUE ELE DEU FIM, TÁ? E EU QUE PEDI PRA QUANDO ELE CHEGASSE TOMASSE AS PROVIDÊNCIA. OLHA, SAÍ DE LÁ TRÊS HORA, CHEGUEI AQUI TAVA OS POLICIAL... INAUDÍVEL O POLICIAL, ELE SAIU SEXTA-FEIRA DE CASA, A MENINA VEIO TRAZER ELE AQUI EMBAIXO, ELE SAQUEOU A MENINA, BOTOU PA TRÁS, PEGOU A CHAVE DA MENINA, DA CASA DA MENINA, E INVADIU A CASA DA MENINA PA FAZER ISSO. E MINHA IRMÃ É ASSIM, Ó, É DIFÍCIL DE TRABALHAR, DÁ UM DURO

PRA CRIAR AQUELE, E ESSE, E ESSE E ESSE, E ESSE TAMBÉM AÍ PRA FAZER UMA CASA. TAMO CONSTRUINDO AQUI EMBAIXO E ELE SÓ FICA NESSA AÍ. ONZE VIAGENS QUE ELE FOGE... DA MINHA CASA.”

R: “MAS A SENHORA ACHA QUE A SOLUÇÃO NÃO TERIA SIDO ACORRENTAR A CRIANÇA?”

3ª: “EU PEDI PA ELE AMARRAR ELE. FOI A ÚLTIMA SOLUÇÃO, QUE ELE FOGE, ÓI, ELE JÁ FICÔ AQUI NESSE BANHEIRO, JÁ FUGIU POR CIMA DO TEIADO, ELE JÁ ESCAPOU DE MIM DENTRO DO ÔNIBU. EU IA COM ELE PA FAZE UMA ENTREVISTA NO S.OS, ELE ESCAPÔ DENTRO DO ÔNIBU PORQUE EU NÃO VI. NÃO TEM NEM UM MÊS ISSO. TÁ TUDO AQUI Ó. TUDO AS ENTRADA QUE EU DEI COM ELE LÁ. TENHO NA DELEGACIA UM MONTE DE COISA DESSE MENINO QUE EU JÁ FIZ. E EU NÃO TÔ FAZENDO MAIS NÃO. AMANHÃ EU IA LEVÁ ELE NO JUIZADO, MAI COMO OCÊS APARECERO...”

R: “MAS A SENHORA ACHA QUE JUSTIFICA TOMAR UMA ATITUDE DRÁSTICA COMO ESSA, UMA ATITUDE INCLUSIVE VIOLENTA, SEM QUERER JULGAR A SENHORA?”

3ª: “NÃO, MAS EU ACHEI MELHOR ELE FAZE ISSO PORQUE ELE NUNCA BATEU NELE. É A PRIMEIRA VEZ. PRIMEIRA VEZ QUE ELE FEZ FOI VERBO INAUDÍVEL...ADO.”

R: “ENTÃO ELE APANHOU E AINDA FOI ACORRENTADO?”

3ª: “NÃO, ELE NÃO BATEU, EU PEDI PA ELE NÃO BATÊ. NEM EU QUE SÔ A MÃE IA BATÊ. EU IA, IA SEGURÁ ELE E IA LEVÁ LÁ, LÁ MEMO, LÁ NO JUIZ EM SANTO AMARO. LÁ TEM FE, TEM PASTA DELE, TEM MEU NOME LÁ, TEM TUDO PRA LÁ.”

R: “OLHA, DEIXA EU CONVERSAR, FOI O SENHOR QUE ACORRENTOU O MENINO?”

4ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 44 ANOS, MULATO, PADRASTO DA 2ª (ENTREVISTADO), ACUSADO DE TER ACORRENTADO O MENINO]: “FOI SIM SENHOR.”

R: “AGORA, O SENHOR NÃO SENTIU NADA NA HORA QUE O SENHOR FEZ ISSO?”

4ª: “NÃO, PORQUE SE EU DEIXASSE ELE SORTO ELE IA FUGI.”

R: “BOM, A GENTE VAI MOSTRAR MAIS UMA VEZ ESSA CENA PORQUE HONESTAMENTE É UMA CENA ABSOLUTAMENTE CHOCANTE, UMA CRIANÇA DE ONZE ANOS DE IDADE, AÍ, ACORRENTADA AO BANCO DA CASA. VOCÊ, O QUE QUE VOCÊ ACHA DISSO? [NÃO RESPONDE]. CÊ ACHA QUE TÁ CERTO O QUE A SUA MÃE MANDOU FAZER COM VOCÊ?”

5ª (ENTREVISTADO)/2ª: “NÃO.”

R: “POR QUE QUE NÃO TÁ? [NÃO RESPONDE] CÊ ACHA QUE NÃO MERECEIA? [NÃO RESPONDE]. BOM, AÍ ESTÁ CHEGANDO O DELEGADO DO NONAGÉSIMO SEGUNDO DISTRITO POLICIAL, QUE VEIO VER DE PERTO ESSA SITUAÇÃO. VAMOS ACOMPANHAR AQUI O QUE QUE ELE ESTÁ PERGUNTANDO AQUI.”

6ª (ENTREVISTADO) [SEXO MASCULINO, 46 ANOS, BRANCO, DELEGADO]: “E ESSE MACHUCADO NA BOCA? [NÃO RESPONDE] QUER FALAR? VOCÊ TEM MAIS MACHUCADO NO CORPO?”

R: “PRONTO, AGORA SIM A CRIANÇA ESTÁ SENDO LIBERTADA.”

6ª: “O SENHOR TÁ, O SENHOR CONSIDERE-SE PRESO, VIU? O SENHOR, A MULHER AÍ, OS RESPONSÁVEIS PELA CRIANÇA, TÁ BOM? VOCÊS PODEM ME ACOMPANHAR NA DELEGACIA.”

R: "DOUTOR, O QUE VAI ACONTECER COM ESSE CASAL, AGORA? COMO É QUE O SENHOR ANALISA ESSE FATO, ANTES DE TUDO?"

6ª: "BOM, EM PRINCÍPIO EU VOU, VOU ESCUTÁ-LOS, NÉ, PRA VER QUAL QUE É, O QUE QUE PODE ALEGAR, NÉ? MAS MESMO ASSIM JÁ CONFIGURA MAUS-TRATOS, AGORA TEMO QUE VER O SOFRIMENTO FÍSICO, MORAL, É CRIME PRATICADO CONTRA CRIANÇA, ENTÃO É, É, NÓS VAMOS DAR UMA DEFINIÇÃO LEGAL, PRECISA, LÁ NO DISTRITO."

R: "AGORA, O CASAL ALEGA QUE O MENINO JÁ FUGIU ONZE VEZES, JÁ PASSOU PELA FEBEM DIVERSAS VEZES, TEM FURTADO OBJETOS DE AMIGOS, NÃO É? MAS MESMO ASSIM NÃO JUSTIFICA UMA ATITUDE COMO ESSA, NÉ?"

6ª: "O PAI, O RESPONSÁVEL, ELE TEM UM PODER DE CORREÇÃO, NÉ, Ô, MAS DENTRO DE UM LIMITE MODERADO, NÉ? ELE NÃO PODE EXTRAPOLAR ESSES LIMITE. ENTÃO, NÓS VAMO, É, COLOCAR TUDO, NÉ, FORMALMENTE, VAMOS ENCAMINHAR AO, AO PROMOTOR, NÉ, QUE AÍ VAI FAZER A CAPITULAÇÃO LEGAL E OFERECER A DENÚNCIA."

R: "UMA COISA QUE A GENTE NÃO PODE DEIXAR DE CONSTATAR, DOUTOR, É QUE PELO MENOS OS PAIS ALEGAM U, UMA BOA INTENÇÃO, NO SENTIDO DE CORRIGIR A CRIANÇA, MAS MESMO ASSIM ELES ESTÃO FERINDO, O, O ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, NÃO É? NESSE CASO, O QUE QUE ELES DEVERIAM FAZER, JÁ QUE A CRIANÇA ESTÁ APRESENTANDO UMA CONDUTA MEIO QUE REPROVÁVEL?"

6ª: "ELES DEVERIAM PROCURAR UMA AJUDA, ATÉ NA PRÓPRIA DELEGACIA, UMA ASSISTÊNCIA, E POSTERIORMENTE ATÉ ENCAMINHÁ-LA AO S.O.S CRIANÇA, FICANDO NA RESPONSABILIDADE DO PROMOTOR DA, DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE, QUE TOMARÁ A, A, A, UMA DECISÃO MAIS LÓGICA, MAIS, HUM, À

PRIMEIRA VISTA JÁ DÁ PRA PERCEBER QUE TÁ EXTRAPOLANDO OS LIMITES, NÉ, DO PODER DE CORREÇÃO DO PAI OU RESPONSÁVEL.”

R: “ESTÁ AÍ, PORTANTO, JOÃO LEITE NETO, O REGISTRO DESSA SITUAÇÃO AQUI NA ZONA SUL DA CIDADE, ONDE ESSE JOVEM DE ONZE ANOS DE IDADE FOI ENCONTRADO COM ESSAS CORRENTES, AQUI, ONDE FICOU ATADO POR VÁRIAS HORAS. ULISSES ROCHA, PARA O CIDADE ALERTA.”

ESTÚDIO: “ULISSES, EU GOSTARIA DE FAZER UMA RÁPIDA CONSIDERAÇÃO COM RELAÇÃO A ESSA MATÉRIA. NADA PODE. A GENTE ATÉ ENTENDE A SITUAÇÃO DOS PAIS EM ALGUNS CASOS. MAS NADA PODE JUSTIFICAR UMA ATITUDE COMO ESSA. ALIÁS, AQUI, ARTIGO 148 DO CÓDIGO PENAL. CÁRCERE PRIVADO, TÁ CARACTERIZADO. O DELEGADO PODE ATÉ LAVRAR FLAGRANTE CONTRA O PADRASTO E A MU, E A MÃE DESSA CRIANÇA. A, A PENA, DE UM A TRÊS ANOS SE FOR CONTRA UMA OUTRA PESSOA QUALQUER. AGORA, SE FOR CONTRA UM ASCENDENTE, OU SEJA, CONTRA A MÃE, PAI OU DESCENDENTE, FILHO, QUE É O CASO, OU NETO, A PENA SE AGRAVA E PASSA A SER DE DOIS A CINCO ANOS DE RECLUSÃO. AH, É CRIME, E OUTRA, ESSA SENHORA, POR MAIS BEM INTENCIONADA QUE ELA ESTEJA, ELA PODE SER DESTITUÍDA, DEPENDENDO DO CURADOR, DO PROMOTOR, DO MÁTRIO-PODER. O ESTADO PASSA A SER RESPONSÁVEL POR ESSA CRIANÇA. ENTÃO, CÁRCERE PRIVADO NÃO SE JUSTIFICA. VAMOS. LIGAÇÃO. AS LIGAÇÕES ESTÃO ENCERRADAS. POR ORA SÓ. NÓS VAMOS AO SORTEIO DOS DOIS PALIOS, DOIS CARROS QUE NÓS VAMOS SORTEAR AGORA, PALIO ED, EU VOU APERTAR, VAMO VER QUEM VAI GANHAR. AGORA, LOGO EM SEGUIDA CÊ PODE COMEÇAR A LIGAR NOVAMENTE, HEIN? EU VOU APERTAR. AGORA. VAMO LÁ. TÁ RODANDO. TAMO AÍ CIDADE ALERTA, 00010, Ô, PULOU PRO 041-3982, CURITIBA, PARANÁ. CURITIBA, PARANÁ, GANHOU. O PREFIXO 3982, O CÓDIGO 041, CURITIBA, PARANÁ, GANHOU DOIS, DOIS PALIOS, NÃO É, E A RESPOSTA FOI A CRIANÇA, NO, NA SEPARAÇÃO DO CASAL DEVE PERMANECER

COM A MÃE. NÓS ESTAMOS ENCERRANDO MAIS ESSA EDIÇÃO DO NOSSO CIDADE ALERTA DE HOJE. AGORA VOCÊ VAI FICAR COM BORIS CASOY E O JORNAL DA RECORD. NÓS ESTAREMOS DE VOLTA AMANHÃ, NOVAMENTE, ÀS CINCO E MEIA DA TARDE. MUITO OBRIGADO, BOA NOITE E ATÉ LÁ.”

FINAL DO TELEJORNAL

III. Roteiro do Vídeo que Integra a Pesquisa



ROTEIRO
Violência nos Telejornais:
a Realidade Espetacularizada

(A= *Aqui Agora*; C = *Cidade Alerta*)

Intertítulos com imagens relacionadas às notícias

Homicídio

Maus-Tratos

Acidente no Trânsito

Crianças Desaparecidas

Prisões

Protestos

Assistencialismo

Defesa do Consumidor

Sensacionalismo

Música “Construção” de Chico Buarque até a parte de *Assistencialismo*. Depois, trecho da música “A Televisão” do mesmo compositor. Tom Waits (2ª música) cobre o “Sensacionalismo” (música do próprio “Cidade Alerta” editada nos trechos finais).

DIVIDIR CADA SEQUÊNCIA DE IMAGENS E FALAS COM “FADES” RÁPIDOS

1C “O Chupa-Cabras, na sua opinião, é um extra-terrestre ou é um animal?

(Cidade - 28/07) - apresentador = 03”

24:00 - 24:03

imagem da sombra do cinegrafista - Cidade - 28/07

18:19 - 18:25

2A “Eu vou fazer um segundo de silêncio... este país não tem mais indignação”

(Aqui - 29/07) - apresentador = 35”

03:48 - 04:24

imagem do apresentador

3C “É mais fácil comprar um revólver hoje em São Paulo do que um sorvete de abacaxi, não é?” (Cidade- 28/07) - apresentador = 05”

50:01 - 50:06

imagem do apresentador

4C “Vamos armar aquela, aquela fraternidade muito comum aqui dentro do Cidade Alerta”. (Cidade - 28/07) - apresentador = 05”

07:33 - 07:38

imagem de homem jogando pedra - Aqui - 29/07 -

05:25 - 05:32

5A “Imagine o sofrimento do pai e o gemido de dor da mãe.” (Aqui - 28/07) - apresentador = 03”

14:05 - 14:08 -

imagens de móveis - Cidade - 28/07

0:01:40 - 01:01:42

0:02:19 - 0:02:23

6A “Às vezes, passa uma imagem muito profana. Nosso Senhor Jesus Cristo... não adianta só o conceito moral... no trabalho. (6ª Chamada) - (Aqui - 29/07) - apresentador = 30”

27:40 - 28:06 -

imagens da violência cometida pela polícia - Aqui - 29/07

06:18 - 07:12

07:34 - 07:47

7A “Tenho muita fé em Deus”. (Aqui - 28/07) - entrevistada = 2”

17:36 - 17:38 -

imagem de caixão sendo levado - Cidade - 28/07

1:09:29 - 01:09:31

8A “Estamos em Rio Claro e um estranho fato está acontecendo aqui”.(Idem) = 07”

14:15 - 14:22 - imagem de Gil Gomes

9A Por exemplo, pelo menos nós temos mil e quatrocentas causas da violência, começando pela miséria, por outros problemas”. (Aqui - 29/07) - apresentador (3ª Chamada). = 04”

07:57 - 08:01

imagem de identidade das vítimas sem caracteres - Cidade - 28/07

46:23 - 46:28

(?) imagem do Disque-Denúncia com repórter - Aqui - 28/07

11:15 - 11:29

10C “Policil militar perde o controle e acaba matando um rapaz que o chamou apenas pelo apelido”. (Cidade - 28/07) - apresentador = 5”

1:12:24 - 1:12:29

imagem de policial armado - Aqui - 29/07

09:15 - 09:17

imagem de policial revistando pessoas - Aqui - 29/07

11:24 - 11:29

11A “A Ana descobriu o amor, aí ela levantou o véu e atrás do amor estava o bandido. (Aqui - 29/07) - apresentador (4ª Chamada) = 5”

11:48 - 11:53

imagem de João Leite Neto lendo o Código Penal - Cidade - 28/07

* no início da fita

12C “A mim não interessa saber quem é você, quem você deixa de ser, ou quem você será”. (Cidade, 28/07) - 4”

41:56 - 42:01

imagem de filha da artista plástica - Aqui - 29/07

02:50 - 03:00 - com caracteres: filha da vítima

Tá esperando o quê? Liga, meu bem, liga e piriri e pororó”. (Cidade - 28/07) - Feliz - 6”

42:30 - 42:36

imagem do Feliz

13C “Exatamente às...nós estamos chegando em sua casa com mais uma edição do nosso Cidade Alerta. Um Cidade Alerta muito especial no dia de hoje. Reportagens sensacionais, exclusivas para vocês” (Cidade - 28/07 - 1ª Chamada) - editar aparecendo o apresentador = 12”

0:00:30 - 0:00:42 - imagem do apresentador

Não utilizar “fade”, mas aérea noturna de SP - Aqui - 29/07

imagem

28:38 - 29:12

14A “Boa noite, Brasil, o Aqui Agora está de volta. A arma do povo”. = 4”

início da fita do dia 29/07 - imagem do apresentador

“No telão da vida, aqui neste canto, agora” (6ª ou 7ª Chamada) - (Aqui - 29/07) - apresentador = 04”

28:08 - 28:12 - fala

imagem do apresentador voltando-se para a tela do estúdio, onde aparece arma

08:25 - 08:29

Seqüência das imagens com armas: utilizar fragmentos selecionados - Cidade - 28/07 - que vão de

46:15 - armas na mesa

46:46 - 46:57 - movimento para arma; desfoca no final

- última imagem: arma apontada para o telespectador

Obs.: A fala de Ney é coberta por essas imagens por 9". Editar no final, cobrindo a imagem da arma apontada para o telespectador, o som de dois tiros e um grito, que estão na fita "Sombras do Mal".

"Não precisa ser um grande analista, um sociólogo, um grande psicólogo, um grande observador, um cientista político para verificar que as coisas estão erradas e estão indo para um caminho perigoso" (Aqui - 29/07) - apresentador (2ª Chamada) = 09" - 05:34 - 05:43

Obs.: Há caracteres: estudar efeito "soft" para cobrir os caracteres.

Editar imagem e som de televisão fora do ar, chuviscada. Termina com som de chuva aumentado.

Entra imagem da propaganda “No ar”, inserindo a música “A Televisão” de Chico Buarque (escolher os fragmentos significativos).

Continuar com música “A Televisão” de Chico Buarque, entrando com os caracteres.

“Violência nos Telejornais:
A Realidade Espetacularizada”

(esses caracteres estarão em cima da imagem do filme “E la Nave Va” de Fellini:
dois policiais de costas, mais um indivíduo que entra

CRÉDITOS

[PÁGINA]
Roteiro, Produção e Direção de Edição

ADRIANA NOGUEIRA

[PÁGINA]
Edição de Som e Imagem

ROBERTO ROLDAN

[PÁGINA]
Imagens e Sons Extraídos:

AQUI AGORA (SBT)

CIDADE ALERTA (RECORD)

28 E 29/07

[PÁGINA]
Trilha Sonora

CONSTRUÇÃO
(Chico Buarque)

A TELEVISÃO
(Chico Buarque)

[CARACTERES EM MOVIMENTO]
Imagens e Sons Extraídos dos Filmes:

SOMBRAS DO MAL
(Tiros e Gritos)

E LA NAVE VA
(Policiais)

PROPAGANDA DO BANCO REAL
(No Ar)

Agradecimentos

CAPES

EDSON ZANINI

SUZELEIM RODRIGUES

SÉRGIO RIBEIRO

FREDERICK MONTERO

LUÍS ANTÔNIO MARTINS

ROBERTO ROLDAN

[PÁGINA]
Departamento de MULTIMEIOS

Instituto de Artes

UNICAMP

IV. Global Media Monitoring Project



GLOBAL MEDIA MONITORING PROJECT, 1995

SECTION 1

Purpose

It is apparent to any observer that the news media portray women and men differently. It is also apparent that the situation is changing. The *Global Media Monitoring Project* documents the situation at one point in time, January 18 1995. In so doing it provides quantitative definition to the role and image of women in the world's radio, television and newspapers. Its purpose is threefold:

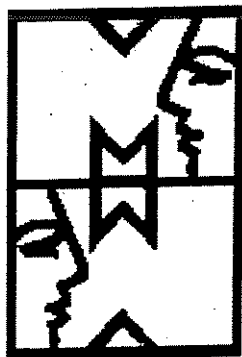
- Create a database on the participation and portrayal of women in the world's news media: newspapers, radio and television.

- Provide women and others around the world with a tested and refined research instrument which they can apply to their own context in the future.
- Establish a benchmark which different regions of the world can use to see themselves in a global context, and which will serve as a standard for measuring future change.

The *Global Media Monitoring Project* represents the most extensive survey of the portrayal of women in news that has been undertaken to date.

SECTION 2

History of the project



February 1994

The plan for an international study of women in the world's news media evolved at the *Women Empowering Communication* conference in Bangkok, Thailand, and became a resolution of that conference. Canadian representatives volunteered to take the lead role in implementing the resolution.

March – May 1994

MediaWatch approached Erin Research Inc. to design and direct an independent research study:

- MediaWatch would establish a network of volunteer participants in countries around the world;
- Erin Research would design a monitoring system that people who were not professional researchers could effectively implement, and then analyze the data and prepare a research report.

June – September 1994

A pilot version of the research instruments was tested by groups in Argentina, India, Japan and The Netherlands.

MediaWatch continued to engage participants around the world.

October 1994

Revisions to the draft research materials were made on the basis of the pilot test, and a 32-page *News Monitoring Guide* containing the complete instructions and research instruments was produced.

November 1994

The *Guide* was distributed by MediaWatch to participating countries approximately two months prior to the *Global Media Monitoring Day*, January 18 1995. This allowed participants time to acquaint themselves with the materials, resolve any difficulties, and undertake translation where necessary.

January 18 1995

Global Media Monitoring Day.

January – July 1995

Data, photographs, and other materials returned by 71 countries were analyzed, and the report was prepared.

September 1995

The final report of the *Global Media Monitoring Project* was released at the United Nations Fourth World Conference on Women, Beijing, People's Republic of China.

MediaWatch approached Erin Research Inc. to design a methodologically sound research project and to produce an independent, rigorous and objective report of the results.

Erin Research is an internationally recognized leader in the analysis of social issues in the media. The principals, Ms Kasia Seydegart and Dr. George Spears, have examined media portrayal of social roles and political events in more than 40 major analyses conducted for broadcasting networks, regulatory agencies, and private organizations.

SECTION 3

Method

News Monitoring Guide

The *News Monitoring Guide* that was provided to each country set out:

- Instructions for selecting a sample of news programs for coding;
- Procedures for taping radio and television programs;
- Procedures for coding;
- Examples of coded news stories.

An outline of these procedures follows.

Sample selection

The sample of news material was selected by the participants in each country. The *News Monitoring Guide* provided the following guidelines:

- Select news programs only (not documentaries, sports programs or entertainment);
- Try to code at least two radio programs, two television programs, and two newspapers per country. Code the entire radio and television newscasts, and the main news page of each newspaper (that is, the first page in most countries). News stories that begin on the main news page and continue on other pages are coded in their entirety.
- Choose major newscasts and newspapers – those with the largest audiences.
- Keep a balance that is appropriate for your country between daytime and evening programs, national and regional newscasts, and programs by private and public or government broadcasters.

Method of coding

All radio and television programs were taped and later coded. There is a considerable amount of information to be recorded about each person and each news story, and recording the information typically requires listening to or watching the story several times. Coders were advised to work in pairs or groups to ensure accuracy, and to re-check their work when finished.

Each news story is recorded as a separate unit. Each journalist and each interviewee who appears in the story is described on a separate line of the coding sheet. The numeric codes and their definitions are described in the *News Monitoring Guide*.

The example below shows a news story with one reporter and two interviewees. The story is about politics (subject = 11), and it is national in scope (scope = 2). The journalist is an anchor (role = 1) and is female (gender = 1). The first interviewee is a man (gender = 2) whose age appears to be between 35 and 49 years (age = 5). The second interviewee is a woman (gender = 1) of age 25 to 34 years (age = 4). The coding systems used in the project contained approximately 30 different variables, of which six are shown here.

Information about:

	the news story		journalists		interviewees	
	Subject	Scope	Role	Gender	Gender	Age
Journalist	11	2	1	1		
1st Interviewee					2	5
2nd Interviewee					1	4

Accuracy

With so many people involved in assembling the data, the translation into dozens of languages, etc., there is an opportunity for inconsistencies in the data to arise. As well, the volunteers in this project did not enjoy the opportunity that researchers in most media analyses have to communicate with others and resolve problems.

Because of the unusual challenges associated with a global research project, the coding sheets were carefully examined to identify possible errors or inconsistencies. In general, the great majority of material seems to be carefully and correctly coded.

It is apparent from examining a coding sheet whether the basic principles of coding have been followed. Each separate news story must be accompanied by subject and scope-of-story codes; a data record describing a journalist cannot include information designating an interviewee, and so on. "Structural" errors such as this type indicate that coding was not carried out in the intended manner; when apparent errors of this nature occurred, the data were excluded from the analysis.

Any lack of understanding of the coding system could also result in impossible or unlikely combinations of codes; for example, people in professional occupations under the age of 12 years. Data were checked for such unlikely combinations, and the incidence was well under one half of one percent of all codes.

A positive indication that work was done correctly is that out-of-range codes were minimal, i.e., participants used only the codes appropriate for the variable in question.

In sum, less than one-half of one percent of the data returned was considered questionable and omitted from the analysis.

Reporting of results

Results are described in three ways:

- For the global sample as a whole;
- By ten regions of the world (East Asia, South Asia, Africa, Middle East, Eastern Europe, Western Europe, North America, Central

America and the Caribbean, South America, South Pacific);

- By each of three news media: newspapers, radio, and television.

Results are not presented for individual countries. While national results would be interesting, the number of news stories, journalists, and interviewees from many countries is relatively small, and results based on these samples may not be truly representative of the country's media. Presenting results by region ensures more widely-based and therefore more representative results.

Weighting

Ideally, each country would provide data in proportion to its size – larger countries more data, smaller countries less. In fact, some large countries provided little data and some smaller countries a great deal.

The data are weighted in order to correct this. The purpose of weighting is simply to represent each country in proportion to the size of its population, rather than in proportion to the amount of data it contributed. This allows a more realistic assessment of the global situation.

Data from countries that provided little information in proportion to their size are given larger weights, greater than 1.0, and data from countries that contributed a great deal of information in proportion to their size are given weights less than 1.0. Extremely large or small weights can cause problems, large weights because they may multiply a small sample of data that is not truly representative of the country in question, small weights because they minimize the contribution of groups that have worked hard to make the project a success. Accordingly, the maximum weight assigned was 4 and the minimum 0.25. For the majority of countries participating, the calculated weights fell between 0.25 and 4.0, so that no arbitrary cap was required.

Weights were calculated separately for newspaper, radio, and television samples. Weights are calculated so that the total weighted number of cases is equal to the unweighted

The purpose of weighting is simply to represent each country in proportion to the size of its population, rather than in proportion to the amount of data it contributed.

number of cases. Countries that did not participate in the project were excluded from the calculation of weights.

Weighting has very little effect on the major results of the study. For example, the overall proportion of female interviewees is 17 percent in the weighted data, and 18 percent in the unweighted data. The difference reflects the fact that some countries in which there was a relatively large proportion of female interviewees contributed more data than other countries with fewer female interviewees.

Weights were calculated for each country participating in the study, rather than for regions. When results are presented by regions of the world, the weighting may not accurately reflect the population of that region. When a large proportion of the countries in a region participated in the survey (e.g., North America and Western Europe), there is a relatively large amount of material from that region. When a small proportion of the countries in a region participated (e.g., Eastern Europe and Africa), the amount of material from these regions is smaller.

Limitations of the sample

While the sample of news material represented in this survey is very large, representing more than 15,000 news stories from 71 countries, it has several limitations that should be kept in mind when considering the results.

Because the sample relied on volunteer efforts, various countries produced differing amounts of data. Weighting corrects this in part, but because of the constraints mentioned earlier, weighting does not fully compensate for the exceptionally large or exceptionally small amounts of data received from some

countries. The most obvious gap in the data is the People's Republic of China, which is only represented by a token amount of data despite having one-fifth of the world's population.

The sample does contain similar amounts of material from newspapers, radio and television, however the balance among these media is not identical in each region of the world. The North American sample, for example, contains a relatively high proportion of television data (47 percent of stories are from television) while the South Asian sample contains an equally high proportion of radio stories, 47 percent. Because women are represented differentially in various media (e.g., there are fewer women in newspapers than on television), certain results may differ from those obtained in an ideal sample.

Finally, an exact error of measurement cannot be readily established for the data. In content analysis, this is usually calculated by means of a reliability test, in which different people code the same material. By comparing the two codings, a margin of error can be calculated. Logistical constraints of time, money, language and distance prevented formal reliability testing in this project. While the data appear to be "clean" – indeed the data appear of comparable accuracy to data produced by trained and experienced researchers – there is necessarily some small error of measurement associated with the results.

Despite these limitations, this survey remains the most extensive global research of gender in news media available today. While an ideally constructed sample might produce results that depart in fine detail from the present study, it would not likely differ in its overall findings and conclusions.

Despite these limitations, this survey remains the most extensive global research of gender in news media available today.

If you would like to monitor the news media in your life, you may order a copy of the *News Monitoring Guide* and coding grids from MediaWatch at Suite 204 - 517 Wellington Street West, Toronto, Ontario, Canada, M5V 1G1, Tel: (416) 408-2065, Fax: (416) 408-2069. E-mail: Mediawatch@myna.com

GLOBAL MEDIA MONITORING PROJECT. 1995